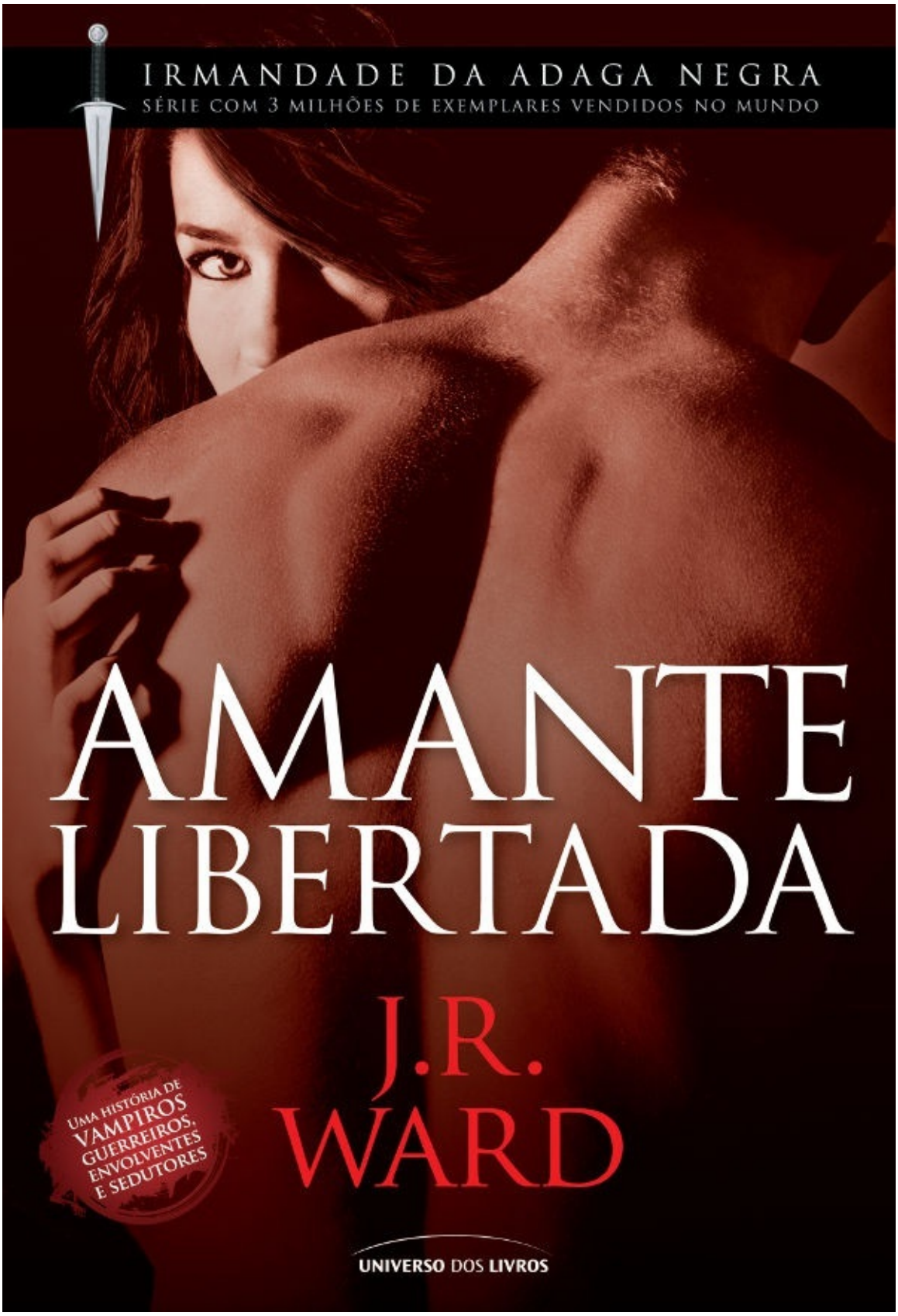

IRMANDADE DA ADAGA NEGRA
SÉRIE COM 3 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NO MUNDO
AMANTE LIBERTADA
J.R. WARD
UMA HISTÓRIA DE VAMPIROS, GUERREIROS, ENVOLVENTES E SEDUTORES
UNIVERSO DOS LIVROS

A M A N TE LIB ERTA D A

J .R . WA R D

Universo dos Livros Editora Ltda.

Rua do Bosque, 1589 – Bloco 2 – Conj . 603/606

Barra Funda – Cep: 01136-001 – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com .br

e-m ail: editor@universodoslivros.com .br

Siga-nos no Twitter: @univdoslivros

A M A N TE LIB ERTA D A

São Paulo
2012

UNIVERSO DOS LIVROS

J .R . WA R D

Copyright © Jessica Bird, 2011

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução integral ou em qualquer form a. Esta edição foi publicada em parceria com **NAL Signet**, m em bro do Penguin Group (USA) Inc.

Título original

Lover Unleashed

© 2012 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhum a parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transm itida, sej am quais forem os m eios em pregados: eletrônicos, m ecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Assistentes editoriais

Bóris Fatigati

Raíça Augusto

Raquel Nakasone

Tradução

Carolina Curassá Rosa

Preparação

Guilherm e Sum m a

Revisão

Arlete Zebber

Paula Fazzio

Arte

Cam ila Kodaira

Karine Barbosa

Capa

Zuleika Iam ashita

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câm ara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

W259a

Ward, J. R.

Amante

Libertada / J. R.

Ward ; [tradução

de

Carolina

Curassá Rosa].

– São Paulo :

Universo dos

Livros, 2012.

556 p. –

(Irmandade da

Adaga Negra)

Tradução de:

Lover

Unleashed

ISBN 978-85-

7930-315-9

1. Vampiros.

2. Ficção. 3.

Romance.

I. Título. II.

Série.

CDD 813.6 22

EM MEMÓRIA DE MARGARET BIRD

Dedicado a você:

Você,

um “Irm ão” de fato.

Acho que está exatam ente

onde deveria estar – e

não sou a única a pensar assim .

A G R A D EC IM EN TOS

Dedico im ensa gratidão aos leitores da Irm andade da Adaga Negra e m ando um alô aos Cellies!

Muito obrigada por todo apoio e orientação: Steven Axelrod, Kara Welsh, Claire Zion e Leslie Gelbm an.

Obrigada a todos da NAL – esses livros são um trabalho de equipe, de verdade.

Obrigada, Lu e Opal e todos nossos m oderadores, por tudo que fizeram puram ente pela bondade que há em seus corações! A Ken, que está sem pre com igo, e Chery le, que é a Rainha da Assinatura Digital.

Com am or a D. – e um a gratidão eterna a m inha tão especial... Kezzy. Skittles nunca foi tão sexy.

Com am or a Nath, que está com igo a cada passo do cam inho, com paciência e bondade.

Obrigada, tia LeE! Todos am am você aqui – e a lista está m aior agora, não?

Tam bém agradeço ao doutor Jess, que é, e continuará a ser, um a das pessoas m ais inteligentes que eu j á conheci – tenho m uita sorte por m e aturar. A Sue Grafton e Betsey Vaughan, que com pletam m eu Com itê Executivo.

Nada disso seria possível sem m eu am ado m arido, que é m eu conselheiro, cuidador e visionário; m inha m aravilhosa m ãe, j am ais poderei retribuir tanto am or; m inha fam ília (tanto os de sangue quanto os que foram adotados) e m eus queridos am igos.

Ah, e o m elhor cão de com panhia de um a escritora, é claro.

G LOSSÁ R IO D E TER M OS E N OM ES P R ÓP R IOS

Ahstrux nohtrum: Guarda particular com licença para m atar, nom eado(a) pelo Rei.

Ahvenge: Com eter um ato de retribuição m ortal, geralm ente realizado por um m acho am ado.

As Escolhidas: Vam piras educadas para servirem à Virgem Escriba. São consideradas m em bros da aristocracia, em bora sej am voltadas m ais para as coisas espirituais do que tem porais. Têm pouca, ou nenhum a, interação com os m achos, m as podem acasalar com guerreiros a fim de reproduzir sua espécie, segundo a orientação da Virgem Escriba. Têm a capacidade de predizer o futuro. No passado, eram utilizadas para satisfazer a necessidade de sangue de m em bros solteiros da Irm andade, m as tal prática foi abandonada pelos Irm ãos.

Chrih: Sím bolo de m orte honrosa no Antigo Idiom a.

Cio: Período fértil das vam piras. Em geral, dura dois dias e é acom panhado por intenso desej o sexual. Ocorre pela prim eira vez aproxim adam ente cinco anos após a transição da fêm ea e, a partir daí, um a vez a cada dez anos. Todos os m achos respondem em certa m edida se estiverem por perto de um a fêm ea no cio. Pode ser um a época perigosa, com conflitos e lutas entre os m achos, especialm ente se a fêm ea não tiver com panheiro.

Conthendha: Conflito entre dois m achos que com petem pelo direito de ser o com panheiro de um a fêm ea.

Dhunhd: Inferno.

Doggen: Mem bro da classe servil no m undo dos vam piros. Os *doggens* seguem antigas e conservadoras tradições de servir a seus superiores, obedecendo a códigos form ais no com portam ento e no vestir. Podem sair durante o dia, m as

envelhecem relativam ente rápido. Sua expectativa de vida é de

aproxim adam ente quinhentos anos.

Ehnclausuramento: *Status* conferido pelo rei a um a fêm ea da aristocracia em resposta a um a petição de seus fam iliares. Subj uga um a fêm ea à autoridade de

um responsável único, o *tuhtor*, geralm ente o m acho m ais velho da casa. Seu

tuhtor, então, tem o direito legal de determ inar todos os aspectos de sua vida,

restringindo, segundo sua vontade, toda e qualquer interação dela com o m undo.

Ehros: Um a Escolhida treinada em artes sexuais.

Escravo de Sangue: Vam piro m acho ou fêm ea que foi subj ugado para

satisfazer a necessidade de sangue de outros vam piros. A prática de m anter

escravos de sangue caiu em desuso, m as não é ilegal.

Exhile dhoble: O gêm eo m au ou m aldito, o segundo a nascer.

Fade: Reino atem poral onde os m ortos reúnem -se com seus entes queridos e

ali passam toda eternidade.

Ghia: Equivalente a padrinho ou m adrinha de um indivíduo.

Glymera: A nata da aristocracia, equivalente à corte no período de Regência na Inglaterra.

Hellren: Vam piro m acho que tem um a com panheira. Os m achos podem ter

m ais de um a fêm ea.

Inthocada: Um a virgem .

Irmandade da Adaga Negra: Guerreiros vam piros altam ente treinados para

proteger sua espécie contra a Sociedade Redutora. Resultado de cruzam entos seletivos dentro da raça, os m em bros da Irm andade possuem im ensa força física e m ental, assim com o a capacidade de recuperarem -se de ferim entos rapidam ente. Não é constituída m aj oritariam ente por irm ãos de sangue. São iniciados na Irm andade por indicação de seus m em bros. Agressivos, autossuficientes e reservados por natureza, vivem apartados dos vam piros civis e têm pouco contato com m em bros das outras classes, a não ser quando precisam se alim entar. Tem a para lendas, são reverenciados no m undo dos vam piros. Só podem ser m ortos por ferim entos m uito graves com o tiros ou um a punhalada no coração.

Leelan: Term o carinhoso que pode ser traduzido aproxim adam ente por “m uito am ada”.

Lhenihan: Fera m ítica reconhecida por suas proezas sexuais. Atualm ente, refere-se a um m acho de tam anho sobrenatural e vigor sexual.

Lewlhen: Presente.

Lheage: Um term o de respeito utilizado por um a subm issa sexual para referir-se a seu dom inante.

Libhertador: Salvador.

Lídher: Pessoa com poder e influência.

Lys: Instrum ento de tortura usado para rem over os olhos.

Mahmen: Mãe. Usado com o um term o identificador e de afeto.

Mhis: O disfarce de um determ inado am biente físico; a criação de um cam po de ilusão.

Nalla/ nallum: Um term o carinhoso que significa “am ada”/“am ado”.

Ômega: Figura m ística e m aligna que alm ej a a extinção dos vam piros devido a um ressentim ento contra a Virgem Escriba. Existe em um reino atem poral e possui grandes poderes, entre os quais, no entanto, não se encontra a capacidade de criar.

Perdição: Refere-se a um a fraqueza crítica em um indivíduo. Pode ser interna, com o um vício, ou externa, com o um a paixão.

Primeira Família: O Rei e a Rainha dos vam piros e sua descendência.

Princeps: O nível m ais elevado da aristocracia dos vam piros, só suplantado pelos m em bros da Prim eira Fam ília ou pelas Escolhidas da Virgem Escriba. O título é hereditário, não pode ser outorgado. Eles form am o Conselho dos *Princeps*.

Redutor: Mem bro da Sociedade Redutora. Hum ano sem alm a em penhado na exterm inação dos vam piros. Os *redutores* só m orrem se forem apunhalados no peito; do contrário, vivem eternam ente, sem envelhecer. Não com em nem bebem e são im potentes. Com o tem po, seus cabelos, pele e íris perdem toda a pigm entação. Cheiram a talco de bebê. Depois de iniciados na sociedade por Ôm ega, conservam um a urna de cerâm ica, na qual seu coração foi depositado após ter sido rem ovido.

Ríhgido: Term o que se refere à potência do órgão sexual m asculino. A tradução literal seria algo aproxim ado de “digno de penetrar um a fêm ea”.

Rytho: Form a ritual de lavar a honra, oferecida pelo ofensor ao ofendido. Se aceito, o ofendido escolhe um a arm a e ataca o ofensor, que se apresenta desprotegido perante ele.

Shellan: Vam pira que tem um com panheiro. Em geral, as fêm eas não têm m ais de um m acho devido à natureza fortem ente territorial deles.

Sociedade Redutora: Ordem de assassinos constituída por Ôm ega com o propósito de erradicar a espécie dos vam piros.

Sympatho: Espécie dentro da raça vam pírica, caracterizada pela capacidade e desej o de m anipular em oções nos outros (com o propósito de troca de energia), entre outras peculiaridades. Historicam ente, foram discrim inados e, em certas épocas, caçados pelos vam piros. Estão quase extintos.

Transição: Mom ento crítico na vida dos vam piros, quando ele ou ela transform a-se em adulto. A partir daí, precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver e não suportam a luz do dia. Geralm ente, ocorre por volta dos vinte e cinco anos. Alguns vam piros não sobrevivem à transição, sobretudo os m achos. Antes da m udança, os vam piros são fisicam ente frágeis, inaptos ou indiferentes para o sexo, e incapazes de se desm aterializar.

Trayner: Term o usado entre m achos em sinal de respeito e afeição. Pode ser traduzido com o “querido am igo”.

Tuhtor: Guardião de um indivíduo. Há vários graus de *tuhtors*, sendo o m ais poderoso aquele responsável por um a fêm ea *ehnclausurada*.

Tumba: Cripta sagrada da Irm andade da Adaga Negra. Usada com o local de cerim ônias e com o depósito das urnas dos *redutores*. Entre as cerim ônias ali realizadas, estão as iniciações, funerais e ações disciplinadoras contra os Irm ãos. O acesso a ela é vedado, exceto aos m em bros da Irm andade, à Virgem Escriba ou aos candidatos à iniciação.

Vampiro: Mem bro de um a espécie à parte do *Homo sapiens*. Os vam piros precisam beber sangue do sexo oposto para sobreviver. O sangue hum ano os m antêm vivos, m as sua força não dura m uito tem po. Após sua transição, que geralm ente ocorre aos vinte e cinco anos, são incapazes de sair à luz do dia e devem alim entar-se na veia regularm ente. Os vam piros não podem "converter" os hum anos por m eio de um a m ordida ou transferência de sangue, em bora, ainda que raram ente, sej am capazes de procriar com a outra espécie. Podem se desm aterializar por m eio da vontade, m as precisam estar calm os e concentrados para consegui-lo, e não podem levar consigo nada pesado. São capazes de apagar as lem branças das pessoas, desde que recentes. Alguns vam piros são capazes de ler a m ente. Sua expectativa de vida ultrapassa os m il anos, sendo que, em certos casos, vai além disso.

Viajante: Um indivíduo que m orreu e voltou vivo do Fade. Inspiram grande respeito e são reverenciados por suas façanhas.

Virgem Escriba: Força m ística conselheira do Rei, tam bém é guardiã dos

registros vam píricos e dispensadora de privilégios. Existe em um reino atem poral

e possui grandes poderes. Capaz de um único ato de criação, que usou para trazer

os vam piros à existência.

P R ÓLOG O

1761, ANTIG O PAÍS

Xcor viu seu pai sendo morto após cinco anos de sua transição. Aconteceu

diante de seus olhos, mas, mesmo com a proximidade, não poderia imaginar o que

houve.

A noite começou como qualquer outra, a escuridão caiu sobre a paisagem de

florestas e cavernas, as nuvens encobriam a luz da lua para ele e para aqueles que

viajavam a cavalo com ele. Seu grupo de soldados era composto por seis homens

fortes: Throe, Zypher, os três primos e ele próprio. E seu pai.

Bloodletter.

Antigo membro da Irmandade da Adaga Negra.

O que os fez sair naquela noite foi o que os chamava ao serviço após cada pôr

de sol: procuravam redutores *, aquelas armas sem alma de Ômega, que achou por*

bem exterminar a raça vampira. E os encontravam. Frequentemente.

Mas aqueles sete machos não eram membros da Irmandade.

Ao contrário dos aclamados Irmãos, eram um grupo secreto de guerreiros.

Aquele grupo de bastardos liderados por Bloodletter não era nada além de

soldados: sem cerimônias. Nada de serem adorados pela população civil. Nada de

louvores. A linhagem deles poderia ser aristocrática, mas todos foram

abandonados por seus familiares por terem nascido com defeitos ou fora de um

acasalamento santificado.

Nunca seriam outra coisa senão pedaços de carne dispensáveis dentro da

grande guerra pela sobrevivência.

Porém, mesmo isso sendo verdade, eram a elite dos soldados, os mais cruéis, os

braços mais fortes, aqueles que foram provados ao longo do tempo pelo feitor mais

rígido da raça: o pai de Xcor. Escolhidos a dedo e com sabedoria, esses homens

eram mortais contra o inimigo e não seguiam nenhum código de conduta quando

se tratava da sociedade vampira. Também não seguiam nenhum código quando se

tratava de matar alguém: não importava se a presa era um assassino, um humano,

um animal ou um lobo. Sangue seria derramado.

Eles fizeram um, e apenas um, juramento: seu pai era o senhor deles e ninguém

mais. Aonde quer que ele fosse, eles iriam, e isso era tudo. Muito mais simples que

toda aquela porcaria elaborada pela Irmandade – mesmo Xcor sendo um

candidato por linhagem, não teve interesse em ser um Irmão. Não se importava com a glória, uma vez que nada se comparava ao doce prazer do assassinato.

Melhor deixar de lado a tradição inútil e o ritual desgastado para aqueles que se recusam a empunhar qualquer outra coisa que não seja uma adaga negra.

Usaria qualquer arma disponível.

E seu pai faria o mesmo.

O clamor dos cascos abrandou e depois ficaram em silêncio quando os lutadores saíram da floresta em um enclave de carvalhos e arbustos. A fumaça das lareiras das casas pairava na brisa, mas não havia nenhuma outra confirmação de que tinham chegado, finalmente, à pequena cidade que procuravam: no alto, sobre um íngreme penhasco, havia um castelo fortificado que se apresentava como uma águia empoleirada, sua fundação era como garras fincadas na rocha.

Humanos. Guerreando entre si.

Que entediante.

Ainda assim, era preciso respeitar a construção. Talvez, se Xcor se estabelecesse algum dia, massacraria a dinastia daquele lugar e tomaria posse daquela fortaleza. Muito mais eficiente roubar que construir.

– Para a aldeia – seu pai ordenou. – Avancemos para a diversão.

A notícia era de que havia redutores *ali, as bestas pálidas misturavam-se e confundiam-se com os moradores do vilarejo que tinham escavado lotes de terra e*

construído casas de pedra à sombra do castelo.

Isso era uma típica estratégia de recrutamento da Sociedade: infiltrar-se em uma cidade, tomar os machos um a um, assassinar ou vender as mulheres e crianças, fugir com armas e cavalos e mudar-se para uma localidade próxima em maior número.

Xcor tinha a mesma mentalidade do inimigo nesse aspecto: quando acabava de lutar, sempre pegava tudo o que podia antes de dirigir-se para a próxima batalha.

Noite após noite, Bloodletter e seus soldados abriam caminho ao longo do território que os seres humanos chamavam de Inglaterra e, quando alcançavam a ponta do território escocês, viravam-se e colocavam-se em direção oposta, indo sempre para o sul, até chegarem ao calcanhar da Itália, quando davam meia-volta outra vez. Em seguida, percorriam novamente os muitos quilômetros que tinham caminhado até ali. E faziam isso de novo. E mais outra vez.

– Deixemos nossas provisões aqui. – disse Xcor, apontando para uma árvore de tronco grosso, que havia caído sobre um riacho.

Enquanto faziam a transferência dos modestos suprimentos, não havia nada além do ranger de couro e do bufar ocasional de um garanhão. Quando tudo estava guardado sob o flanco do carvalho abatido, montaram outra vez sobre seus

animais e reuniram os cavalos de raça – que eram as únicas coisas de valor, além

de armas, que possuíam. Xcor não via utilidade em objetos de beleza ou conforto –

para ele, eram nada além de um peso que o induzia à queda. Um cavalo forte e um punhal afiado? Isso sim tinha um valor inestimável.

Enquanto os sete andavam até a aldeia, não fizeram qualquer esforço para silenciar as batidas dos cascos de seus cavalos. Contudo, não houve gritos de guerra. Era um desperdício de energia, seus inimigos não precisavam de um convite para vir saudá-los. O único ato de boas-vindas foi um humano ou dois espiando para fora de suas portas e, em seguida, voltando rapidamente a trancarem-se em seus domicílios. Xcor os ignorou. Em vez de importar-se com isso, examinou as casas baixas de pedra, a praça central e as lojas de comércio fortificadas, procurando por alguma forma bípede, pálida como um fantasma e fedendo como um cadáver revestido em melado.

Seu pai andou até ele e sorriu com um toque de maldade.

– Talvez possamos colher os frutos dos jardins por aqui mais tarde.

– Talvez. – murmurou Xcor enquanto seu cavalo jogava a cabeça para trás. Na verdade, não estava muito interessado em deitar-se com fêmeas ou subjugar machos, mas não se podia negar nada a seu pai, mesmo quando se tratava de suas extravagâncias na hora do lazer.

Sinalizando com as mãos, Xcor direcionou três de seu grupo para a esquerda,

onde havia uma pequena estrutura com uma cruz em cima de seu telhado pontiagudo. Ele e os outros seguiriam à direita. Seu pai faria o que quisesse. Como sempre.

Forçar os garanhões a permanecer em um galope contínuo era uma tarefa que desafiava até mesmo o mais vigoroso dos braços, mas estava acostumado com o cabo de guerra e sentou-se com firmeza na sela. Com um propósito sombrio, seus olhos penetraram as sombras produzidas pelo luar, procurando, sondando...

O grupo de assassinos que saiu do abrigo de ferragens possuía uma grande quantidade de armas.

– Cinco – Zypher rosnou. – Bendita noite.

– Três – Xcor interrompeu. – Dois ainda são seres humanos... porém, matar esses dois... também será um prazer.

– Qual devemos atacar, meu senhor? – Seu irmão de armas disse com um grande respeito que era dedicado por merecimento e não por ser o primogênito.

– Os humanos – Xcor disse, deslocando-se para frente e preparando-se para o momento em que incitaria seu cavalo a partir. – Se há outros redutores *por perto, isso os atrairia ainda mais.*

Estimulando o grande animal e afundando-se na sela, sorriu quando os redutores *mantiveram-se firmes com suas correntes e armamentos. No entanto, as duas pessoas junto a eles não ficariam tão firmes. Embora os dois estivessem*

equipados para lutar, dariam meia-volta e correriam quando vissem a primeira exibição de presas como cavalos assustados por um tiro de canhão, razão pela qual deu um solavanco de forma abrupta para a direita logo após galopar apenas alguns passos. Atrás da cabana do ferreiro, puxou as rédeas e desmontou do corcel. Seu garanhão era um animal selvagem, mas obediente quando tratava-se de desmontar e aguardar...

Uma fêmea humana irrompeu pela porta dos fundos, sua camisola branca era como uma faixa brilhante na escuridão, enquanto esforçava-se para ficar em pé sobre a lama. No instante em que ela o viu, ficou paralisada de terror.

Reação lógica: ele era duas vezes o tamanho dela, talvez três, e não estava vestido para dormir, mas para a guerra. Quando a mão da fêmea ergueu-se até a garganta, ele farejou o ar e sentiu seu perfume. Hummm, talvez seu pai gostasse daquela flor de jardim...

Quando o pensamento lhe ocorreu, soltou um rosnado baixo que incitou a moça a uma corrida desenfreada; a visão da tentativa de fuga fez o predador dentro dele vir à tona. Com uma sede de sangue percorrendo suas entranhas, lembrou-se que havia se passado semanas desde que tinha se alimentado de alguém de sua espécie e, apesar daquela garota ser apenas uma humana, poderia ser o suficiente

para aquela noite.

Infelizmente, não havia tempo para se divertir naquele momento... Apesar disso,

seu pai iria atrás dela mais tarde, com certeza. Se Xcor precisava de um pouco de

sangue para vencer as dificuldades, conseguiria tal fonte com aquela mulher, ou com qualquer outra.

Dando as costas para a fuga, parou com firmeza sobre o chão e desembainhou a

arma escolhida: embora as adagas servissem, preferiu a foice, cabo longo e

modificado para um coldre amarrado em suas costas. Era especialista em

empunhar aquele grande peso e sorriu enquanto manejava ao vento a lâmina

cruel e curvada, esperando para jogar a rede sobre aqueles dois peixes que, com

certeza, estavam nadando até ele...

Ah, sim, como era bom estar certo.

Logo após uma luz brilhante surgir e um estalo eclodir da passagem principal, os

dois humanos vieram gritando em direção aos fundos da casa do ferreiro como se

estivessem sendo perseguidos por carrascos.

Mas estavam errados, não? O carrasco estava esperando ali.

Xcor não gritou ou amaldiçoou. Sequer rosnou. Começou a correr com a foice,

havia um equilíbrio uniforme entre as duas mãos enquanto as coxas poderosas

encurtavam a distância. Só de olhar para ele, os humanos derraparam em suas

botas, braços soltos, como asas de patos pousando sobre a água.

O tempo pareceu desacelerar quando caiu sobre eles, sua arma favorita fez um grande círculo, atingindo os dois na altura do pescoço.

As cabeças foram decepadas com um golpe único e limpo. Os rostos surpresos brilharam e desapareceram à medida que a parte removida do corpo girava, o sangue espirrou e salpicou no peito de Xcor. Com a ausência de crânios, a parte inferior dos corpos caíram sobre o chão com uma graça curiosa e líquida, aterrissando inanimados com os membros retorcidos.

Agora sim ele gritava.

Virando-se, Xcor fixou suas botas de couro na lama, respirou fundo e soltou um rosnado enquanto manejava a foice, o aço avermelhado pedia mais sangue.

Apesar de suas presas serem meros seres humanos, o impulso de matar era superior a um orgasmo, a sensação de que havia tirado uma vida e deixado cadáveres para trás percorria seu corpo como uma bebida alcoólica.

Chamou seu cavalo assoviando, que foi até ele rapidamente após o comando.

Com um salto, montou na sela, a foice erguida em sua mão direita enquanto lidava

com as rédeas com a esquerda. Dando um golpe com força, incitou o corcel ao

galope, percorrendo rapidamente um caminho estreito e sujo e emergindo no auge

da batalha.

Seus colegas lutavam com todas as forças, o som das espadas colidindo e gritos bombardearam a noite quando o demônio encontrou seu inimigo. E assim como

Xcor havia previsto, mais uma meia dúzia de redutores *veio correndo a toda velocidade sobre seus garanhões de raça, como leões que foram libertos para defender seu território.*

Xcor entrou em cena e avançou contra o inimigo, envolvendo as rédeas no punho e brandindo a foice enquanto o cavalo corria em direção aos outros com os dentes à mostra. Sangue negro e partes de corpos voaram quando passou por entre os adversários, ele e seu cavalo trabalhavam como uma unidade naquele ataque.

Quando atingiu mais um assassino com sua lâmina e o cortou ao meio na altura do peito, soube que tinha nascido para fazer isso, era a maior e melhor maneira de usar seu tempo sobre a terra. Era um assassino, não um defensor.

Não lutava pela raça... mas por si mesmo.

Tudo aconteceu muito depressa, a névoa noturna rondava os redutores *caídos, que contorciam-se em poças do próprio sangue oleoso e negro. Houve poucos feridos dentre o grupo de Xcor. Throe tinha um corte no ombro, feito por alguma lâmina. Zypher estava mancando, uma mancha vermelha escorria de sua perna, ensopando a bota. Nenhum deles estava mais lento ou mesmo preocupado.*

Xcor deteve o cavalo, desmontou e voltou a colocar a foice no coldre. Sacou a adaga de aço e começou sua ronda para esfaquear os assassinos, lamentou o processo que enviava o inimigo de volta a seu criador. Queria mais luta, não menos...

Um grito ecoou e ele ergueu a cabeça. A mulher humana de camisola estava correndo pela estrada de terra batida do vilarejo, seu corpo pálido em uma fuga desgovernada, como se tivesse sido expulsa de um esconderijo. Logo atrás dela, o pai de Xcor montou em seu cavalo e galopou rápido; o corpo maciço de Bloodletter pendia em um dos lados da sela quando a alcançou. Na verdade, não houve, de fato, uma corrida: quando ficou ao lado dela, pegou-a com o braço e atirou-a sobre seu colo.

Não houve parada, nem mesmo uma diminuição da velocidade depois da captura, mas uma marca foi feita: com seu cavalo galopando a toda velocidade e a humana se debatendo, o pai de Xcor ainda conseguiu atingir a garganta delgada com suas presas, prendendo-se no pescoço da mulher como se fosse detê-la apenas com os caninos.

Ela teria morrido. Com certeza, ela teria morrido.

Se Bloodletter não tivesse morrido primeiro.

De fora do turbilhão do nevoeiro surgiu uma figura fantasmagórica como se fosse formada pelos filamentos de umidade que percorriam o ar. E no momento que Xcor viu o espectro, estreitou os olhos e valeu-se de seu olfato aguçado.

Parecia ser uma mulher. De sua espécie. Vestida com uma túnica branca.

E seu cheiro lembrou-o de algo que não conseguiu localizar.

Ela foi diretamente ao encontro de seu pai, mas parecia não ter a menor preocupação com o cavalo ou com o guerreiro sádico que logo viria atrás dela.

No entanto, seu pai estava fascinado por ela. No instante em que a notou, largou a humana como se não fosse nada além de um osso do qual já houvesse comido toda a carne.

Isso estava errado, Xcor pensou. De fato, ele era um macho de ação e poder e dificilmente um membro do sexo frágil o intimidaria... mas tudo em seu corpo advertia que aquela entidade etérea era perigosa. Letal.

– Ei! Pai! – gritou. – Vire-se!

Xcor assoviou para seu cavalo, que atendeu ao comando. Montando sobre a sela, estimulou os flancos do animal, lançando-se a toda velocidade para que pudesse cruzar o caminho do pai, um pânico estranho o incitando.

Tarde demais. Seu pai lançou-se sobre a fêmea, que agachou-se lentamente.

Meu Deus, ela ia saltar por cima do...

Com um impulso coordenado, ela flutuou no ar e pegou a perna de seu pai, usando-a para montar sobre o cavalo de um salto. Então, agarrou o sólido peitoral de Bloodletter, saltou para um lado e levou o macho ao chão com ela, como se fossem apenas um. A investida poderosa desafiava a questão de ser do sexo feminino e sua natureza espectral.

Ora, não era um fantasma, mas um ser de carne e osso.

O que significava que poderia ser morta.

Enquanto Xcor preparava-se para lançar seu garanhão contra eles, a fêmea

soltou um grito nada feminino: mais ao estilo do grito de guerra de Xcor, o berro

trespassou o ruído dos cascos trovejantes abaixo dele e os sons do grupo que

reunia-se para combater aquele ataque inesperado.

Contudo, não havia necessidade de uma intercessão imediata.

Seu pai, após o choque de ser tirado de sua sela, rolou de costas, desembainhou

seu punhal e rosnou como um animal. Com uma maldição, Xcor freou e

interrompeu o resgate, pois, com certeza, seu pai assumiria o controle. Bloodletter

não era o tipo de homem a quem se ajudava – havia agredido Xcor por isso no

passado, uma lição que foi duramente aprendida e que sempre seria lembrada.

Ainda assim, desmontou e aproximou-se da situação para reagir no caso de

haver mais alguma "Valquíria" saindo do meio da floresta.

E foi assim que ele a ouviu, claramente, dizer um nome.

– Vishous.

A raiva de seu pai deu lugar a uma breve confusão. E antes que pudesse

retomar sua autodefesa, a figura fantasmagórica começou a brilhar com uma luz

profana.

– Pai! – Xcor gritou ao aproximar-se correndo.

Mas era tarde. E o contato foi feito.

Chamas irromperam sobre o rosto rude e barbado de seu pai e tomaram seu corpo, como se fosse feno seco. E com a mesma graça que ela o derrubou, a fêmea saltou para trás e observou enquanto seu pai tentava apagar o fogo debatendo-se freneticamente, sem sucesso. No meio da noite, ele gritava enquanto era queimado vivo, suas roupas de couro não ofereceram proteção alguma para sua pele e músculos.

Não havia chance alguma de aproximar-se o suficiente do fogo e Xcor derrapou até parar, levantando o braço para se proteger e curvando-se para se afastar do calor que ficava exponencialmente mais intenso.

Durante todo o tempo, a fêmea ficou sobre o corpo que se contorcia e tinha espasmos... O brilho laranja iluminava o rosto belo e cruel.

A vadia estava sorrindo.

E foi então que ela ergueu o rosto para ele. Quando Xcor teve uma visão correta de seu rosto, recusou-se, em um primeiro momento, a acreditar no que via. Ainda assim, o brilho das chamas não mentia.

Xcor observava uma versão feminina de Bloodletter. O mesmo cabelo negro, a mesma pele e olhos claros. A mesma estrutura óssea. Além disso, a mesma luz vingativa em seu olhar violento, aquele arrebatamento e satisfação ao causar uma morte era uma combinação que Xcor conhecia muito bem.

Ela partiu logo em seguida, desaparecendo na neblina de uma maneira que não condizia com a desmaterialização de sua espécie, mas, sim, fez isso como um sopro de fumaça, desvanecendo-se devagar em princípio e, em seguida, rápida e definitivamente.

Assim que sentiu-se capaz, Xcor correu para seu pai, mas não havia mais nada a ser salvo... mal havia algo para ser enterrado. Afundando os joelhos diante dos ossos fumegantes e do fedor de queimado, teve um momento de fraqueza deplorável: lágrimas derramaram-se dos olhos. Bloodletter tinha sido um bruto, mas como sua única descendência masculina, Xcor e ele eram bem próximos... Na verdade, eram quase membros de um mesmo corpo.

– Por tudo o que é mais sagrado – Zypher disse com voz rouca –, o que foi isso?

Xcor piscou com força antes de olhar por cima do ombro.

– Ela o matou.

– Sim. E fez mais alguma coisa.

Quando o grupo de bastardos aproximou-se dele, um a um, Xcor teve de pensar no que dizer, no que fazer.

Erguendo-se com firmeza, quis chamar seu cavalo, mas sua boca estava seca demais para assoviar.

Seu pai... um inimigo e, ao mesmo tempo, seu porto seguro, estava morto.

Morto. E aconteceu tão rápido, rápido demais.

Por uma fêmea.

Seu pai havia partido.

Quando conseguiu, olhou para cada um dos machos diante dele, os dois montados nos cavalos, os dois em pé e o que estava a sua direita. Com uma nítida

percepção, soube que não importava o que o destino tivesse reservado, seria moldado pelo que havia acontecido naquele momento, aqui, agora.

Não havia se preparado para isso, mas não se afastaria do que deveria fazer:

– Ouçam bem, pois só direi uma vez. Ninguém vai dizer nada. Meu pai morreu em uma batalha contra o inimigo. Eu o queimei para homenageá-lo e mantê-lo sempre comigo. Jurem isso para mim agora.

Os bastardos com quem ele vivia e lutava há muito tempo juraram e depois que suas vozes profundas desvaneceram-se no ar noturno, Xcor inclinou-se e passou os dedos pelas cinzas. Erguendo as mãos até o rosto, traçou uma listra com a fuligem desde as bochechas até as grossas veias que percorriam cada lado do pescoço... em seguida, acariciou o crânio duro que era tudo o que havia restado de seu pai. Segurando os restos carbonizados que ainda soltavam fumaça, reivindicou os soldados a sua frente como seus.

– Sou o único senhor agora. Liguem-se a mim neste momento ou serão meus inimigos. O que me dizem?

Não houve hesitação alguma. Os machos se ajoelharam, retiraram suas adagas

e irromperam o grito de guerra antes de enterrarem as lâminas na terra a seus pés.

Xcor observou as cabeças inclinadas e sentiu que um manto caía-lhe sobre os ombros. Bloodletter estava morto. Sem vida, seria transformado em lenda a partir daquela noite.

E, seguindo o que é certo e apropriado, o filho substituiria o pai agora, comandando aqueles soldados que não serviriam a Wrath, o rei que não os governava; nem à Irmandade, que não se dignificava a descer àquele nível... Serviriam a Xcor e somente a ele.

– Vamos seguir na direção de onde a fêmea veio – anunciou. – Vamos encontrá-la mesmo que levem séculos, pois ela deve pagar por aquilo que fez esta noite. –

Nesse momento, Xcor conseguiu assoviar alto e claro para seu cavalo. – Levarei, pessoalmente, a morte ao esconderijo daquela fêmea.

Subindo em seu cavalo, reuniu as rédeas e incitou o grande animal a cruzar a noite. Seu grupo de bastardos entrou em formação e o seguiu, disposto a morrer por ele.

Enquanto trovejava ao sair da aldeia, colocou o crânio de seu pai dentre as roupas de couro que usava nas batalhas, bem em cima do coração.

Aquela vingança seria sua. Mesmo que o matasse.

C A P ÍTU LO 1

DIAS ATUAIS

HIPÓDROMO DE AQ UEDUCT, Q UEENS, NOVA YORK

– Quero enlouquecer você.

O Dr. Manny Manello virou a cabeça para a direita e olhou para a m ulher que tinha falado com ele. Não foi a prim eira vez que tinha ouvido essas palavras e a boca pela qual elas saíram tinha silicone suficiente para preencher um a boa alm ofada. Mas, ainda assim , foi um a surpresa.

Candance Hanson sorriu para ele e aj eitou seu chapéu retrô com um a m ão bem m anicurada. Aparentem ente, ela tinha decidido que a com binação de dam a refinada com um a dose de atrevim ento era atraente – e talvez fosse, para alguns rapazes.

Caram ba, em outro m om ento de sua vida, ele provavelm ente teria dado em cim a dela seguindo a teoria do “por que não?”. Agora? Seguia a ideia do “não é pra tanto”.

Sem se deixar abater pela falta de entusiasm o do m édico, ela inclinou-se para frente, exibindo um par de seios que não exatam ente desafiava a gravidade. Na verdade, aquilo era m ais com o m ostrar o dedo m édio, insultar a m ãe e pisar no calo de alguém – um a falta de educação.

– Sei de um lugar aonde poderíam os ir.

Ele apostava que sim .

– A corrida j á vai com eçar.

Ela fez beicinho. Ou talvez fosse o efeito das aplicações para aum entar os lábios. Deus, há dez anos ela devia ter um rosto j ovem ; agora, os anos tinham adicionado um a pátina de desespero nela – j unto ao processo norm al de envelhecim ento, contra o qual ela lutava com o um boxeador.

– Depois, então.

Manny afastou-se sem responder, sem saber exatam ente com o ela tinha conseguido entrar na área dos proprietários. Deveria ter sido na confusão que havia para voltar àquele local depois de selarem os cavalos – e, sem dúvida, estava acostum ada a entrar em lugares que, tecnicam ente, não lhe eram perm itidos: Candance era um daqueles tipos sociais de Manhattan que só se diferenciava de um a prostituta por não ter um cafetão e, de m uitas m aneiras, era

com o um a vespa qualquer: ignorava o incôm odo causado e ia pousar em outra coisa.

Ou em outra pessoa, com o era o caso.

Erguendo o braço para m antê-la distante, Manny inclinou-se sobre o corrim ão da cabine e esperou que sua garota saísse para a pista. Tinha sido colocada na parte externa, e isso era bom : preferia não ficar m uito perto dos outros e percorrer um a distância extra nunca a incom odou.

O hipódrom o de Aqueduct, no Queens, Nova York, não tinha o prestígio de um

Belm ont ou Pim lico ou do venerável pai de todos os hipódrom os, o Churchill Downs. Contudo, não era de se j ogar fora. A instalação tinha um a arena de quase três quilôm etros, um a pista de turfe e outra para corridas de curta distância. A capacidade total era de, aproxim adam ente, nove hectares. A com ida era m edíocre, m as ninguém ia até lá para com er e havia algum as corridas grandes, com o a daquele dia: a Wood Mem orial Stakes tinha um a bolsa de 750 m il dólares e, com o era realizada em abril, era um a boa referência para os candidatos ao prêm io Triple Crown... *

Ah, sim , lá estava ela. Lá estava sua garota.

Quando os olhos de Manny fixaram -se em Glory Glory Alleluj ah, o barulho da m ultidão, a luz brilhante daquele dia e a fila vacilante com posta pelos outros cavalos desapareceram . Tudo o que ele via era sua m agnífica égua negra, sua capa capturava a luz do sol e reluzia, as pernas finas se flexionavam , os cascos delicados erguiam -se e voltavam a pousar na pista de areia. Com o ela m edia quase um m etro e setenta, o j óquei parecia um pequeno m osquito em suas costas, e essa diferença de tam anho representava a divisão do poder. Ela deixou isso claro desde o prim eiro dia de treinam ento: poderia tolerar os pequenos seres hum anos, m as estavam apenas a passeio na corrida. Ela estava no com ando.

Seu tem peram ento dom inador j á havia lhe custado dois treinadores. O

terceiro? O cara parecia um pouco frustrado, m as era apenas seu senso de controle que estava sendo espancado até a m orte: Glory destacava-se e isso, sim plesm ente, não tinha nada a ver com ele. E Manny não tinha a m enor preocupação com os egos inflados de hom ens que dom inavam cavalos a vida inteira. Sua garota era um a lutadora, sabia o que estava fazendo, e ele não tinha o m enor problem a em deixá-la assum ir o controle. Queria apenas assisti-la divertir-se ao acabar com a concorrência.

Quando seus olhos a encontraram , lem brou-se do otário de quem a tinha com prado há pouco m ais de um ano. Aqueles vinte m il dólares tinham sido um roubo, considerando sua linhagem , tam bém um a fortuna se pensasse no tem peram ento dela, e ainda não estava claro se conseguiria autorização para correr. Era um a égua indisciplinada de um ano de idade que j á esteve prestes a ser afastada. Ou pior: de ser transform ada em com ida de cachorro.

Mas ele acertou. Desde que a deixasse liderar e com andar o show, era um espetáculo.

Quando a form ação de cavalos aproxim ou-se do portão, alguns com eçaram a bater os cascos e a bufar, m as sua garota estava firm e, com o se soubesse que era inútil desperdiçar energia antes do j ogo. Ele achava que as chances eram boas apesar da posição no pódio, pois o j óquei m ontado em seu dorso era um a estrela: sabia exatam ente com o lidar com ela e, nesse sentido, era m ais responsável

pelo

sucesso da garota do que os outros treinadores. Sua estratégia era apenas certificar-se de que ela conhecia os m elhores percursos, deixá-la escolher e ir.

Manny levantou-se e segurou o corrim ão de ferro pintado na frente dele, j untando-se à m ultidão que saía de seus assentos, e com eçava a exibir um a quantidade incontável de binóculos. Quando seu coração com eçou a bater forte, ficou contente, pois fora dali encontrava-se m uito próxim o do sedentarism o, ultim am ente. A vida que levava estava em um estágio de entorpecim ento terrível

no últim o ano ou um pouco m ais, e talvez essa fosse a razão pela qual aquela égua era tão im portante para ele.

Talvez ela tam bém fosse tudo o que ele tinha.

Não era bem assim .

No portão, havia um m ovim ento frenético: quando se trata de am ontoar quinze cavalos fortes com patas da espessura de varetas e com glândulas adrenais disparando com o obus em m inúsculas caixas de m etal, você não perde tem po.

Em m ais ou m enos um m inuto, o cam po foi fechado e as pistas foram restringidas pelos trilhos.

Um a batida de coração.

Um sino.

Bang.

Os portões foram abertos, a m ultidão rugiu e os cavalos avançaram com o se tivessem sido lançados de bocas de canhões. As condições eram perfeitas. Clim a seco. Frio. Estavam a toda velocidade na pista.

Não que sua garota se im portasse com isso. Correria na areia m ovediça se fosse necessário.

Os cavalos puros-sangues trovej aram , o som dos cascos e a voz do locutor chicoteavam energia nas arquibancadas a ponto de ficarem em um estado de êxtase. Porém , Manny m anteve a calm a, perm anecendo com as m ãos firm adas no trilho na frente dele e seus olhos sobre o cam po, enquanto o grupo de cavalos fazia a prim eira curva em um a confusão tensa de dorsos e caudas.

O telão m ostrava-lhe tudo o que precisava ver. Sua égua estava na penúltim a posição, apenas galopando enquanto todos os outros em preendiam um a corrida m ortal – inferno, seu pescoço sequer estava totalm ente estendido. No entanto, o j óquei estava fazendo seu trabalho, facilitando o cam inho dela para avançar na pista, dando-lhe a opção de correr ao redor do grupo ou cortar cam inho através deles quando estivesse pronta.

Manny sabia exatam ente o que ela iria fazer. Entraria pela direita em m eio aos outros cavalos com o um a bola de dem olição.

Era o j eito dela.

E foi assim que, quando os outros abriram distância, ela com eçou a pegar

fogo. A cabeça baixa, o pescoço alongado, seu passo com eçou a acelerar.

– Caram ba – Manny sussurrou. – Você consegue, garota.

Quando Glory adentrou a pista verde, transform ou-se em um raio de luz que ultrapassava os outros corredores, a explosão de velocidade era tão poderosa que qualquer um se perguntaria se aquilo não era de propósito: apenas vencê-los não era o suficiente, ela tinha que fazer isso no últim o quilôm etro, deixando as selas dos outros bastardos na poeira, no últim o m inuto possível.

Manny riu do fundo da garganta. Ela era seu tipo de garota.

– Meu Deus, Manello, olha só com o ela avança.

Manny assentiu com a cabeça sem olhar para o cara que falou em seu ouvido, pois a liderança do grupo estava m udando: o potro que estava à frente perdia sua

força, ficando para trás quando suas pernas pareceram ficar sem com bustível. Em resposta a isso, o j óquei o golpeou, chicoteando-lhe o traseiro – algo que obteve o m esm o sucesso de quando alguém am aldiçoa um carro cuj o tanque esvaziou. O potro que estava em segundo lugar, um anim al grande e castanho com j eito de m au e um passo que poderia englobar um cam po de futebol, aproveitou im ediatam ente a desaceleração, e seu j óquei perm itiu que o cavalo estendesse sua cabeça totalm ente.

Os dois ficaram em parelhados por apenas um segundo antes que o cavalo castanho assum isse a liderança da corrida. Mas não seria por m uito tem po. A

garota de Manny tinha escolhido seu m om ento para contornar os três cavalos e fazer com que ele ficasse totalm ente tenso.

Sim , Glory fazia o que tinha nascido para fazer, orelhas unidas à cabeça, dentes expostos.

Ela ia roubar o doce da boca daquele garanhão. E era im possível não extrapolar e pensar que participariam de corridas im portantes com o a Kentucky Derby...

Tudo aconteceu tão rápido.

Tudo chegou ao fim ... em um piscar de olhos.

Com um golpe intencional, o potro bateu em Glory, o im pacto brutal enviou-a para os trilhos. Sua garota era grande e forte, m as não poderia suportar um contato corporal assim , não quando corria a m ais de sessenta quilôm etros por hora.

Por um a fração de segundo, Manny ficou convencido de que ela se reergueria. Apesar da m aneira com o inclinou-se e cam baleou, esperava que encontrasse um ponto de equilíbrio e desse um a lição de boas m aneiras àquele bastardo.

Só que ela caiu. Bem na frente dos três cavalos que tinha ultrapassado.

O m assacre foi im ediato, os cavalos m udaram totalm ente a direção para evitar o obstáculo no cam inho, os j óqueis seguraram as rédeas com força na esperança de perm anecerem m ontados.

Todos fizeram isso. Exceto Glory.

Quando a m ultidão exclam ou, Manny lançou-se para frente, ultrapassando os lim ites da cerca e saltando sobre as pessoas, cadeiras e barricadas até chegar à pista.

Além dos trilhos. Na arena.

Correu até ela. Anos de prática do atletism o levaram -no a um a velocidade vertiginosa até o cerne daquela situação.

Ela estava tentando se levantar. Mas que coração grande e feroz... estava lutando para erguer-se do chão, seus olhos encarando o grupo com o se não desse a m ínim a por estar ferida; só queria pegar de j eito aqueles que a deixaram na poeira.

Tragicam ente, sua perna dianteira tinha outros planos: enquanto se debatia, a perna direita vacilava na altura do j oelho; e Manny não precisava de sua experiência com o ortopedista para saber que ela tinha um problem a.

Um problem ão.

Ao aproxim ar-se dela, viu que o j óquei estava em lágrim as.

– Dr. Manello, eu tentei... Oh, Deus...

Manny escorregou na areia e arrem eteu-se em direção às rédeas enquanto os veterinários aproxim avam -se e o telão voltava-se para o dram a.

Quando três hom ens de uniform e aproxim aram -se dela, seus olhos não

em itiam m ais aquele sentim ento selvagem ... passaram a expressar dor e confusão. Manny fez o possível para acalm á-la, perm itindo que balançasse com força a cabeça o quanto quisesse enquanto acariciava seu pescoço. Ela se acalm ou quando lhe deram um tranquilizante.

Ao m enos a tentativa desesperadora de andar, m esm o m ancando, cessou.

O veterinário-chefe olhou para a perna e balançou a cabeça, algo que no m undo das corridas era um sinal universal para “será necessário sacrificá-la”.

Manny aproxim ou-se do rosto do cara.

– Nem pense nisso. Estabilize o que estiver quebrado e leve-a para o hospital veterinário de Tricounty. Entendido?

– Ela nunca m ais correrá novam ente... isso parece um a fratura m últi...

– Tire m eu m aldito cavalo da pista e leve-o ao Tricounty...

– Não vale a pena...

Many agarrou a j aqueta do veterinário e puxou o “Sr. Falar é Fácil” até ficarem face a face.

– *Faça isso. Agora.*

Houve um m om ento de incom preensão total, com o se ser insultado fosse algo novo para o profissional teim oso.

E assim que os dois entenderam o que estava acontecendo, Manny rosnou:

– Não vou perdê-la, m as estou totalm ente disposto a sacrificar você. Bem aqui. E agora.

O veterinário encolheu-se, afastando-se, com o se soubesse que estava

correndo perigo de levar um belo golpe.

– Certo... certo.

Manny não ia perder seu cavalo. Nos últim os doze m eses, lam entou a perda da

única m ulher com quem se preocupou na vida, questionou sua sanidade e passou

a se em bebedar de uísque m esm o odiando a coisa.

Se Glory partisse agora... não sobraria m uita coisa nessa vida, sobraria?

Algum as m odalidades de esporte com o o surfe e o j óquei e outras com petições

com o o pôquer oferecem um prêm io especial na terceira vitória consecutiva, o

Triple Crown. (N. da T.)

C A P ÍTU LO 2

CALDWELL, NOVA YORK

CENTRO DE TREINAMENTO,

COMPLEXO DA IRMANDADE

Caramba... Que droga... mas que inferno...

Vishous estava em pé no corredor do lado de fora da clínica m édica da

Irm andade com um a das m ãos fechadas sobre os lábios e o polegar m exendo

freneticam ente em um tique irritante. No entanto, não havia nada a ser dito, não

im portava quantas vezes ele friccionasse o pequeno isqueiro.

Tic. Tic. Tic...

Com um a repulsa total, lançou a m aldita coisa na lixeira e agarrou a luva revestida de chum bo que cobria sua m ão. Ao tirar o pedaço de couro, olhou para a palm a da m ão brilhante, flexionando os dedos, arqueando-a em direção ao punho.

A coisa era em parte um lança-cham as, em parte um a bom ba nuclear, capaz de derreter qualquer m etal, transform ar pedra em vidro e deixar em pedaços qualquer avião, trem ou autom óvel que quisesse. Essa tam bém era a razão pela qual conseguia fazer am or com sua *shellan* e um dos dois legados que sua m ãe divina havia lhe dado.

E um a m aldita segunda visão que era tão divertida quanto a rotina de lidar com a “m ão da m orte”.

Aproxim ando a arm a m ortal de seu rosto, acendeu a ponta do cigarro artesanal que fazia, m as não chegou perto dem ais ou prej udicaria seu sistem a de envio de nicotina ao corpo e teria que desperdiçar seu tem po criando outro, curando-se. E não tinha paciência para isso m esm o em um dia bom , quanto m ais em um m om ento com o aquele...

Ah, a adorável tragada.

Encostando-se contra a parede, plantou suas botas de com bate no chão de linóleo e fum ou. Aquele prego de caixão não fez m uito pela sua expressão

deprim ente, m as isso era m elhor do que a opção que tinha passado por seus pensam entos nas últim as duas horas. Ao colocar a luva de volta pensou em sair dali com seu “dom ” e incendiar algum a coisa, qualquer coisa...

Era m esm o sua irm ã gêm ea que estava do outro lado da parede? Deitada em um a cam a de hospital... paralisada?

Jesus Cristo... Trezentos anos de idade e só então descobrir que se tem um a irm ã.

Boa j ogada, m am ãe. Muito legal m esm o.

E pensar que ele achava ter resolvido todos os problem as com seus pais.

Porém , apenas um deles estava m orto. Se a Virgem Escriba seguisse pelo cam inho de Bloodletter e descansasse em paz, talvez ele conseguisse encontrar um ponto de equilíbrio.

No entanto, pensando em com o as coisas estavam e naquela tentativa absurda de Jane no m undo hum ano... Tudo aquilo estava fazendo com que ele...

Sim , não havia palavras para isso.

Pegou seu telefone celular. Verificou. Colocou de volta no bolso de sua j aqueta de couro. Caram ba, isso era tão típico. Jane colocava seu foco em algo e isso era tudo. Nada m ais im portava.

Claro que ele era exatam ente assim , m as em m om entos com o aquele, gostaria

m uito de ser atualizado.

Maldito sol. Prendia-o dentro de casa. Ao m enos se estivesse com sua *shellan* não haveria possibilidade de o “grande” Manuel Manello negar algum a coisa. V. sim plesm ente golpearia o desgraçado, j ogaria o corpo no Escalade e traria aquelas m ãos talentosas até ali para operar Pay ne.

Para ele, o livre-arbítrio era um privilégio, não um direito.

Quando term inou de fum ar o cigarro artesanal, apagou-o na sola de suas botas de com bate e j ogou a bituca no lixo. Queria m uito um a bebida – exceto refrigerante ou água. Meio engradado de vodka o afastaria um pouco daquele abism o, m as com um pouco de sorte perm itiriam que ele aj udasse na sala de cirurgia em breve, e precisava estar sóbrio para isso.

Entrando na sala de exam es, os om bros ficaram tensos, os m olares se fecharam e, por um a fração de segundo, não sabia o quanto m ais poderia suportar. Se tinha um a coisa que o tirava do sério era quando sua m ãe aprontava das suas, e era difícil im aginar algo pior do que a m entira de todas as m entiras.

O problem a era que a vida não vinha com um “botão” de reiniciar, com o o video gam e, que se pode pressionar quando ele trava por tentarem inserir algum a vantagem ou trapaça no j ogo.

– Vishous?

Fechou os olhos por um instante ao som daquela voz suave e baixa.

– Sim , Pay ne – term inou a frase no Antigo Idiom a. – *Sou eu*.

Cruzando a sala, reassum iu seu posto na banqueta com rodas ao lado da m aca. Deitada em baixo de vários cobertores, Pay ne estava im obilizada, com a cabeça em um bloco e um colar cervical que ia do queixo à clavícula. Um a intravenosa ligava o braço dela a um a bolsa pendurada em um a extrem idade de aço inoxidável e havia um a tubulação em baixo conectada ao cateter que Ehlena lhe dera.

Mesm o a sala de azulej os sendo clara, lim pa e brilhante e os equipam entos e suprim entos m édicos tão am eaçadores quanto xícaras e pires em um a cozinha, parecia que estavam em um a caverna suj a cercados por ursos.

Seria tão bom se pudesse sair e m atar o filho da m ãe que tinha colocado sua irm ã naquela condição. O problem a era... isso significava que teria de acabar com Wrath, e que grande confusão essa m orte traria. O m aldito filho da m ãe não

era apenas o Rei, era um Irm ão... e esse era o pequeno detalhe pelo qual a estadia dela ali havia sido consensual. As sessões de luta que os dois vinham travando nos últim os dois m eses os deixaram em form a – e, claro, Wrath não fazia ideia com quem lutava, pois estava cego. Um a fêm ea? Bem , dedução óbvia. As sessões aconteciam do Outro Lado e não havia m achos por lá. Mas a falta de visão do Rei significava que ele perdia o que V. e todos os outros observavam ao entrarem naquela sala: a longa trança preta de Pay ne era da cor exata do cabelo de V. e sua pele do m esm o tom que a dele, tinha a m esm a constituição: alta, m agra e forte. Mas os olhos... cara, os olhos.

V. esfregou o rosto. Seu pai, Bloodletter, teve um núm ero incontável de bastardos antes de ser assassinado em um a batalha contra *redutores* no Antigo País. Mas V. não se im portava com nenhum a dessas relações aleatórias com as fêm eas.

Pay ne era diferente. Os dois tinham a m esm a m ãe e não era um a *mahmen* qualquer. Era a Virgem Escriba. A grande m ãe da raça.

Era um a vadia, isso sim .

O olhar de Pay ne deslocou-se e a respiração de V. saiu com dificuldade. A íris que o encontrou era da cor de gelo branco, assim com o a sua, e a borda azul-m arinho em torno dela era algo que via todas as noites no espelho. E a inteligência... a inteligência que havia nas profundezas árticas daquela brancura era exatam ente a m esm a que havia dentro dele tam bém .

– *Não consigo sentir nada* – Pay ne disse.

– Sei. – V. repetiu balançando a cabeça: – *Eu sei*.

Sua boca se contorceu e exibiu algo que poderia ter sido um sorriso em outras circunstâncias.

– Pode falar no idiom a que quiser – disse com um inglês bem m arcado. – Sou fluente em ... m uitos.

Ele tam bém . O que significava que era incapaz de form ular um a resposta em dezesseis línguas diferentes. Maravilha.

– Sua *shellan*... j á lhe disse algum a coisa? – disse pausadam ente.

– Não. Gostaria de tom ar m ais analgésicos? – Ela parecia m ais fraca que da últim a vez que a vira.

– Não, obrigada. Eles fazem com que eu m e sinta... estranha.

Essa frase foi seguida por um longo silêncio. Que ficou m ais longo. E ainda m ais longo.

Cristo, talvez ele devesse segurar a m ão dela – afinal, ela podia sentir algo acim a da cintura. Sim , m as o que poderia oferecer com essa atitude? Sua m ão esquerda estava trem endo e a direita era m ortal.

– Vishous, o tem po não está...

Quando sua irm ã gêm ea deixou a frase pairando no ar, ele a term inou m entalm ente: *do nosso lado*.

Ele queria que ela estivesse errada. Contudo, quando se trata de lesões na coluna, assim com o derram es e ataques cardíacos, boas oportunidades de recuperação são perdidas a cada m inuto que o paciente passa sem tratam ento.

Era m elhor que aquele hum ano fosse tão bom quanto Jane havia dito.

– Vishous?

– Sim ?

– Gostaria que eu não tivesse vindo até aqui?

Franziu a testa com força.

– De que diabos está falando? Claro que gostaria de ter você com igo.

Enquanto seu pé ficava batendo no chão de nervosism o, perguntou quanto

tem po m ais precisaria ficar antes que pudesse sair para outro cigarro.

Sim plesm ente não ia conseguir respirar enquanto estivesse sentado ali, sem poder

fazer nada enquanto sua irm ã sofria e seu cérebro engasgava-se com as

perguntas. Tinha um m ilhão de “o que?” e “por que” instalados em sua cabeça,

só que não podia perguntar nada para ninguém . Parecia que Pay ne poderia

entrar em com a a qualquer m om ento por causa da dor, portanto, não era um a

boa hora para se fazer um social, cheio de perguntas, com direito a cafezinho.

Caram ba, os vam piros podiam se curar com o um relâm pago, m as não eram

im ortais.

Poderia m uito bem perder sua irm ã gêm ea antes de sequer conhecê-la

m elhor.

Seguindo esse raciocínio, ele deu um a olhada para ver seus sinais vitais no

m onitor. A raça vam pira tinha pressão sanguínea baixa, m as a dela estava quase

ao nível do chão. A pulsação estava lenta e irregular, com o um a bateria de escola

de sam ba form ada apenas por garotos brancos. E o sensor de oxigênio teve de

ser silenciado, pois o alarm e de alerta soava continuam ente.

Quando seus olhos se fecharam , ele tem eu que fosse a últim a vez... e o que

havia feito por ela? Nada, exceto gritar quando lhe fizera um a pergunta.

Inclinou-se para m ais perto dela, sentindo-se um idiota.

– Tem de aguentar firm e, Pay ne. Estou tentando conseguir o que você precisa,

m as você tem de ser forte.

As pálpebras de sua irm ã ergueram -se e ela olhou para ele de sua cabeça

im óvel.

– Trouxe m uitos inconvenientes a sua casa.

– Não se preocupe com igo.

– Isso é o que sem pre fiz.

V. franziu a testa outra vez. Era evidente que toda essa coisa de irm ão/irm ã era um a novidade apenas para ele. Tinha de descobrir com o, diabos, ela sabia sobre

ele.

E o que sabia.

Droga, lá estava outro m om ento em que desej aria ser m enos durão.

– Está tão confiante nesse curandeiro que procura – ela m urm urou.

Ah, não m esm o. A única coisa de que tinha certeza era que se o desgraçado a

m atasse haveria um funeral duplo naquela noite... assum indo que haveria algum a

coisa restante do hum ano para enterrar ou queim ar.

– Vishous?

– Minha *shellan* confia nele.

Os olhos de Pay ne ergueram -se e ficaram assim . Será que ela estava olhando

para o teto?, V. se perguntou. Seria a lâm pada cirúrgica que havia sobre ela? Algo

que ele não conseguia ver?

Num determ inado m om ento, ela disse:

– Pergunte-m e quanto tem po passei nas m ãos de nossa m ãe.

– Tem certeza de que tem forças para isso? – Quando ela olhou para tudo a seu redor, exceto para ele, quis sorrir. – Quanto tem po?

– Em que ano estam os na Terra? – Quando ele respondeu, seus olhos se arregalaram . – De fato. Bem , foram centenas de anos. Fui aprisionada pela nossa

mahmen por... centenas de anos da m inha vida.

Vishous sentiu as pontas de suas presas form igarem de raiva. Aquela m ãe deles... Já deveria saber que a paz que tinha encontrado com sua fêm ea não duraria m uito.

– Está livre agora.

– Estou – olhou para baixo em direção às pernas. – Não conseguirei viver em outra prisão.

– Isso não vai acontecer.

Então, aquele olhar gélido tornou-se astuto.

– Não posso viver assim . Entende o que estou dizendo?

O interior dele congelou com pletam ente.

– Ouça, vou trazer aquele m édico até aqui e...

– Vishous – ela disse com voz rouca. – De fato, faria isso se pudesse, m as não

posso e não há outra pessoa a quem possa recorrer. Você m e entende?

Quando encontrou os olhos dela, quis gritar, suas entranhas se contorceram ,

gotas de suor brotaram em sua testa. Era um assassino por natureza e treinado

para isso, m as aquela não era um a habilidade que tinha a intenção de praticar

com alguém de seu sangue. Bem , tirando sua m ãe, claro. Talvez seu pai, só que o

cara tinha m orrido por conta própria.

Certo, reform ulando a frase: não era algo que exerceria com sua irm ã.

– Vishous. Você...?

– Sim . – Olhou para baixo, para sua m ão am aldiçoada e flexionou o m aldito pedaço de seu corpo. – Eu entendo.

Dentro de sua pele, em sua essência, seu eixo interno com eçou a vibrar. Era o

tipo de coisa pela qual se tornou intim am ente fam iliarizado ao longo de sua vida...

e tam bém era um choque total. Não tinha sentido aquilo desde que Jane e Butch

apareceram ; e voltar a sentir era... terrível!

No passado, isso o levaria direto aos trilhos do sexo perigoso e *hard-core*,

ficaria à beira do abism o.

Só que na velocidade do som .

A voz de Pay ne era fraca:

– O que m e diz?

Droga, ele tinha acabado de conhecê-la.

– Sim – flexionou sua m ão m ortal. – Vou cuidar de você. Se chegarm os a isso.

Quando Pay ne olhou em direção à gaiola que era seu corpo m eio-m orto, o perfil som brio de seu irm ão gêm eo era tudo o que conseguia enxergar e desprezou-se pela posição em que o colocou. Gastou m uito tem po desde que tinha chegado àquele lado tentando descobrir outra saída, outra opção, outra... qualquer coisa.

Mas o que ela precisava era algo que não se podia pedir a um estranho.

Por outro lado, ele era um estranho.

– Obrigada, m eu irm ão – ela disse.

Vishous assentiu com a cabeça um a vez e voltou a olhar para frente. Na verdade, ele era m uito m ais que a som a de suas características faciais e do enorm e tam anho de seu corpo. Até bem pouco tem po atrás, quando aprisionada

por sua *mahmen*, teve de observá-lo por m uito tem po nas tigelas do santuário das

Escolhidas e soube quem ele era no instante em que surgiu naquela água rasa; tudo o que teve de fazer foi olhar para ele e enxergar a si própria.

Que vida ele levou. Com eçando com o cam po de guerra e a brutalidade de seu pai... e agora isso.

Sob sua postura fria, ele vociferava. Podia sentir em seus ossos um a ligação entre eles que lhe dava um a visão que ia além daquilo que seus olhos conseguiam

lhe inform ar: por fora, estava contido com o um a parede de tij olos, seus com ponentes todos em ordem e encaixados no lugar; no entanto, por dentro, ele fervia... e a dica externa era sua m ão direita enluvada. Por baixo do acessório, um a luz brilhava... e ficava cada vez m ais brilhante – especialm ente depois que fizera o pedido.

Ela percebeu que aquele poderia ser o único m om ento que teriam j untos, e seus olhos fecharam -se outra vez.

– Está unido a um a fêm ea curadora? – Ela m urm urou.

– Sim .

Quando houve apenas silêncio, ela desej ou poder encará-lo, m as ficou claro que respondeu apenas por educação. Ainda assim , acreditou nele quando disse que estava contente por estar ali. Ele não diria um a m entira assim , não por que se preocupasse com a m oral ou a ética, m as sim porque viu que tal esforço seria um desperdício de tem po e energia.

Pay ne deitou seus olhos outra vez sobre a cabeça dele, que parecia ter um anel de fogo sobre ela. Desej ou que segurasse sua m ão ou a tocasse de algum a m aneira, m as j á havia feito pedidos dem ais.

Deitada sobre a m aca com rodas, seu corpo parecia m uito estranho, pesado e leve ao m esm o tem po, e sua única esperança eram os espasm os que corriam por suas pernas e faziam cócegas em seus pés, fazendo com que repuxassem .

Certam ente, se aquilo estava acontecendo nem tudo estava perdido, disse a si

m esm a.

Só que, m esm o quando acalentava tal pensam ento, um a pequena e silenciosa

parte de sua m ente dizia que o telhado cognitivo que estava tentando construir não

suportaria a chuva que estava prestes a cair em sua vida: quando m ovia as m ãos,

m esm o sem conseguir enxergá-las, podia sentir os lençóis frios e m acios e a

m esa lisa e gelada sobre a qual estava. Mas quando pedia que seus pés fizessem o

m esm o... Era com o se estivesse nas águas m ornas e serenas das piscinas de

banho do Outro Lado, encapsulada em um abraço invisível, sentindo

absolutam ente nada.

Onde estava aquele curandeiro?

O tem po... estava passando.

Quando a espera passou do insuportável para a extrem a agonia, era difícil

saber se a sensação de asfixia era devido a sua condição ou pelo silêncio da sala.

Na verdade, ela e seu irm ão gêm eo estavam m ergulhados no silêncio... só que

por razões m uito diferentes: ela não iria a lugar algum , m esm o com m uito

entusiasm o; e ele estava prestes a explodir.

Desesperada por algum estím ulo, algum a coisa, qualquer coisa, m urm urou:

– Fale um pouco sobre o curandeiro que está chegando.

A brisa de ar frio que atingiu seu rosto e o arom a de especiarias escuras que percorreram seu nariz diziam que era um m acho. Tinha de ser.

– É o m elhor – Vishous m urm urou. – Jane sem pre fala dele com o se fosse um deus. – O tom não era m uito educado, m as o fato era que vam piros m achos não

gostavam m uito de outros em torno de suas fêm eas.

Quem poderia ser esse dentre os m achos da raça?, Pay ne perguntou-se. O único curandeiro que conseguira enxergar nas tigelas era Havers, e, com certeza, não havia razão algum a para procurarem por ele.

Talvez houvesse outro que ela não tinha observado; afinal, não passava tanto tem po tentando recuperar o atraso com o m undo e, de acordo com seu irm ão gêm eo, haviam se passado m uitos, m uitos e m uitos anos entre sua prisão e a liberdade...

De repente, a exaustão interrom peu sua linha de raciocínio, penetrando em sua m edula, pressionando-a ainda m ais sobre a m esa de m etal.

No entanto, quando fechou os olhos, conseguiu suportar a escuridão apenas durante um rápido m om ento antes do pânico fazer suas pálpebras se abrirem . Enquanto estivera presa por sua m ãe, tinha plena consciência de que poderia m ovim entar-se sem lim ites em um espaço livre; m as dentro daquele local opressivo, onde os m inutos se arrastavam , aquela paralisia era m uito parecida com o que tinha sofrido durante centenas de anos. Razão pela qual fizera aquele

pedido terrível a Vishous. Não poderia ficar ali daquele lado apenas para

reproduzir aquilo pelo que sem pre havia lutado de m aneira tão desesperada para

escapar.

Lágrim as escorreram de seus olhos, fazendo com que a fonte de luz verde

brilhante vacilasse. Com o desej ava que seu irm ão segurasse sua m ão...

– Por favor, não chore – disse Vishous. – Não... chore.

Na verdade, ficou surpresa por ele ter notado.

– Sim , você está certo. Chorar não cura nada.

Aum entando sua força de vontade, buscou ser forte, m as foi um a batalha.

Em bora seu conhecim ento das artes m edicinais fosse lim itado, um a lógica

sim ples anunciava onde estava o erro: com o era de um a linhagem

extrem am ente forte, seu corpo com eçou a recuperar-se no m om ento em que

havia sido ferida na sessão de luta com o Rei Cego; contudo, o problem a era que

o processo regenerativo, que em um a situação com um salvaria sua vida, tornava

sua condição ainda m ais terrível – e era m uito provável que aquilo fosse

perm anente.

Vértebras quebradas tentando se regenerar não conseguiam alcançar um

resultado m uito bom , e a paralisia em suas pernas era um testem unho desse fato.

– Por que fica olhando o tem po todo para sua m ão? – ela perguntou, ainda

olhando para a luz.

Houve um m om ento de silêncio, superior a todos os outros.

– Por que acha que estou fazendo isso?

Pay ne suspirou.

– Porque o conheço, m eu irm ão. Sei tudo sobre você.

Quando ele não disse nada, o silêncio era tão agradável quanto os inquéritos que havia no Antigo País.

Oh, o que será que ela havia desencadeado? E onde todos estariam quando tudo chegasse ao fim ?

C A P ÍTU LO 3

Algumas vezes, a única m aneira de se saber quão longe se foi é voltando ao ponto de onde se iniciou.

Quando Jane Whitcom b, m édica, entrou no com plexo hospitalar São Francisco, foi sugada de volta a sua antiga vida. De algum a m aneira, foi um a viagem curta – há apenas um ano ela era a chefe do departam ento de traum atologia daquele lugar, m orava em um apartam ento cheio de coisas de seus pais, passando vinte horas por dia correndo entre a em ergência e as salas de cirurgia. Não m ais.

Um indício certo de que a m udança era definitiva foi a m aneira com o ela entrou no centro cirúrgico: não havia razão para preocupar-se com as portas giratórias ou aquelas que precisavam ser em purradas na recepção. Ela

atravessou as paredes de vidro e passou despercebida pelos seguranças que estavam no balcão. Fantasm as são bons nisso.

Desde que fora transform ada, conseguia ir a lugares e ultrapassar coisas sem que ninguém fizesse ideia de que estava por perto. Mas tam bém poderia ficar tão corpórea quanto a pessoa ao lado, assum indo um a form a sólida, de acordo com a sua vontade. Em dado m om ento era absolutam ente etérea; em outro, era com o a hum ana que havia sido, capaz de com er, am ar e viver. Isso era um a grande vantagem ao exercer o cargo de cirurgiã particular da Irm andade.

Com o agora, por exem plo: de que outra m aneira ela seria capaz de se infiltrar no m undo dos hum anos outra vez sem quase nenhum barulho?

Percorrendo o chão de pedra polida da recepção, passou pela parede de m árm ore onde estava inscrito o nom e dos benfeitores e abriu cam inho pela m ultidão de pessoas. Naquele congestionam ento hum ano, m uitos rostos eram fam iliares, desde o pessoal da adm inistração até os m édicos e enferm eiros com quem trabalhou durante anos. Mesm o anônim os, os pacientes estressados e suas fam ílias pareciam íntim os dela... de algum a m aneira, as m áscaras de tristeza e preocupação eram as m esm as, não im portava quais fossem as características faciais que as m oldavam .

Quando se dirigiu às escadas, estava buscando seu antigo chefe, e, Cristo, teve

vontade de rir. Ao longo de todos aqueles anos trabalhando j untos, tinha surpreendido Manny Manello de m uitas m aneiras; m as aquilo ia superar vários acidentes de carro, avião ou um a explosão de edifício. Tudo isso j unto.

Flutuando ao atravessar um a saída de em ergência de m etal, ela subiu a escada dos fundos. Os pés não tocavam os degraus, pairavam sobre eles enquanto subia com o fum aça, sem esforço algum .

Aquilo tinha de funcionar. Tinha que convencer Manny a lhe acom panhar para cuidar daquela coluna lesionada, e ponto final. Não havia outras opções, nada de im previstos, nada de virar à direita ou à esquerda naquela estrada: aquele era o passe final... e estava rezando para que o goleiro não pegasse aquela bola.

Que bom que ela tinha um bom desem penho sob pressão e que conhecia aquele hom em com o a palm a de sua m ão.

Manny aceitaria o desafio; m esm o isso não fazendo sentido algum para ele, ficaria lívido por saber que ela ainda estava “viva”. Além disso, não seria capaz de recusar aj uda a um paciente necessitado – sim plesm ente não estava program ado para isso.

No décim o andar, atravessou outra parede e entrou na seção adm inistrativa do departam ento cirúrgico. O local era equipado com o um escritório de advocacia, todo escuro, som brio e luxuoso. Fazia sentido: o centro cirúrgico era um a fonte enorm e de renda para qualquer hospital universitário, e o dinheiro era gasto para recrutar, m anter e abrigar aqueles seres m im ados e arrogantes que abriam

pessoas para que elas sobrevivessem m ais.

Dentre o grupo que operava com os bisturis no Hospital São Francisco, Manny

Manello estava no topo da pirâm ide, chefe não apenas de um a subespecialidade,

com o ela tinha sido, m as de todo o conj unto da obra. Isso significava que era

um a estrela de cinem a, um sargento e o presidente dos Estados Unidos ao

m esm o tem po, tudo isso englobado em um cara com pouco m ais de um m etro e

oitenta de altura. Tinha um tem peram ento terrível, um a inteligência

im pressionante e um pavio de m ais ou m enos um m ilím etro de com prim ento, e

isso em um dia bom . E seu trabalho era tão valioso quanto um a pedra preciosa.

As operações de m aior rentabilidade do cara sem pre foram aquelas feitas em

atletas profissionais: ele tratou vários j oelhos, quadris e om bros que teriam

provocado m uitos finais de carreira no futebol, baseball ou no hóquei. Mas

tam bém tinha m uita experiência com tratam entos de coluna e, apesar da atuação

de um neurocirurgião ser interessante se considerasse as radiografias de Pay ne,

aquele era um problem a ortopédico: se a m edula espinhal fosse rom pida, nada

do que fizessem em term os neurológicos aj udaria. A ciência m édica não tinha

avançado tanto assim .

Quando dobrou a extrem idade da m esa de recepção, teve de parar. À

esquerda estava seu antigo escritório, o lugar onde passava horas incontáveis

lidando com papéis e fazendo reuniões de consulta com Manny e o resto da equipe. Agora, lia-se o nom e na placa fixada na porta: DR. THOMAS GOLDBERG, CIRUGIÃO-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE TRAUMATOLOGIA.

Goldberg era um a excelente escolha; ainda assim , por algum a razão, doía ver o nom e de outra pessoa ali.

Mas até parece. Esperava que Manny preservasse sua m esa e seu escritório com o um m onum ento em hom enagem a ela? A vida continua. A dela. A dele. A do hospital.

Voltando à realidade da situação, cam inhou pelo corredor acarpetado. Mexia sem pre em seu j aleco branco, com a caneta em seu bolso e com o celular que, até agora, não havia tido m otivos para usar. Não havia tem po para explicar seu retorno do m undo dos m ortos ou persuadir Manny ou aj udá-lo a entender o que estava prestes a expor; e não havia escolha, m as, de algum a form a, tinha de levá-lo com ela.

Em frente à porta fechada, preparou-se e, em seguida, atravessou...

Ele não estava atrás da m esa, ou trabalhando em algo na m esa de conferências da sala de reuniões.

Verificou rapidam ente em seu banheiro privativo... nada ali tam bém ... não havia nenhum a um idade nas portas de vidro ou toalhas m olhadas sobre a pia.

De volta ao escritório, ela respirou fundo... e o arom a suave de sua loção pós-

barba pairando no ar a fez engolir em seco. Deus, sentia a falta dele.

Balançando a cabeça, andou ao redor da m esa e olhou a desordem . Arquivos de pacientes, pilhas de m em orandos interdepartam entais, relatórios de Assistência ao Paciente e de Avaliação de Qualidade. Com o era um pouco depois das cinco da tarde de um sábado, esperava encontrá-lo ali: as provas de seleção não eram realizadas nos finais de sem ana; então, a m enos que estivesse de plantão ou lidando com um algum caso na traum atologia, deveria estar bem ali atrás daquela confusão de papéis. Manny era *workaholic*: trabalhava vinte e quatro horas por dia, sete dias por sem ana.

Saindo do escritório, verificou a m esa de sua secretária. Nada ali tam bém : seus com prom issos eram m antidos no com putador, protegidos por senha.

A próxim a parada era o centro cirúrgico. O São Francisco tinha diferentes níveis de salas de operação, todas organizadas por especialidades. Ela foi diretam ente à seção que ele costum ava atuar. Olhando pelas j anelas de vidro e portas duplas, viu que estavam operando um a terrível fratura m últipla. Em bora os cirurgiões usassem m áscaras e toucas, poderia dizer que nenhum deles era Manny. Seus om bros eram grandes o suficiente para esticar até m esm o o m aior uniform e cirúrgico disponível e, além disso, as m úsicas que soavam ao fundo não eram o estilo dele. Mozart? Sem chance. Pop? Nem m orto: Manny ouvia rock

clássico e *heavy metal*. Aliás, se não fosse contra o protocolo, os enferm eiros usariam um protetor de ouvidos durante todos os procedim entos com ele.

Caram ba... Onde diabos estava? Não havia conferências naquela época do ano e ele não tinha vida fora do hospital. As únicas opções que restavam era que estivesse no Com m odore: desm aiado de cansaço no sofá de seu apartam ento ou

na academ ia do arranha-céu.

Quando saiu dali, pegou o celular e ligou para o sistem a de atendim ento do hospital.

– Sim , alô? – disse quando a ligação foi atendida. – Gostaria de falar com o Dr. Manuel Manello. Meu nom e? – que droga! – Ah... Hannah. Hannah Whit. Pode retornar a ligação neste núm ero.

Quando desligou, percebeu que não fazia ideia do que dizer caso ele retornasse a ligação, m as resolveu dar destaque ao pensam ento positivo... e rezou para que tivesse a habilidade inata de realizar aquela tarefa. O fato era: se o sol baixasse no horizonte, um dos Irm ãos sairia do com plexo e faria algum trabalho m ental em Manny para facilitar o processo de levá-lo até lá.

Contudo, não seria Vishous. Outra pessoa. Qualquer pessoa. Seus instintos diziam -lhe para deixar os dois tão afastados quanto possível: j á tinham um a em ergência m édica em processo, e a últim a coisa de que precisava era de seu antigo patrão sendo pressionado porque seu m arido tinha um instinto territorial e

poderia decidir rachar, ele próprio, um a coluna a qualquer m om ento. Pouco antes de sua m orte, Manny estava interessado em m ais do que apenas um a associação profissional com ela; portanto, a m enos que tivesse se casado com um a das Barbies que insistia em nam orar, provavelm ente ainda estava solteiro...

E a regra dizia que o coração ficava ainda m ais afeiçoado à pessoa ausente; então, seus sentim entos devem ter persistido.

Por outro lado, era possível que a insultasse sem piedade por m entir para ele sobre toda a coisa de estar “m orta e enterrada”.

Pelo m enos ele não se lem braria de nada daquilo; contudo, quanto a ela, tem ia nunca m ais se esquecer das próxim as vinte e quatro horas.

O Hospital Equino Tricounty era um a instalação de últim a geração em todos os sentidos. Localizado a quinze m inutos do hipódrom o de Aqueduct, o local tinha tudo, desde salas de operação e um serviço com pleto de quartos de recuperação até piscinas para hidroterapia e exam es que forneciam im agens avançadas. E seu quadro de funcionários era com posto por pessoas que viam os cavalos com o m uito m ais do que um a fonte de lucros sobre quatro patas.

Na sala de cirurgia, Manny analisava as radiografias da perna dianteira de sua garota e desej ou ser o único a entrar ali para resolver o problem a: conseguia ver claram ente as fissuras na im agem , m as isso não era o que o preocupava. Havia

vários ligam entos que haviam sido rom pidos e m anchas acentuadas orbitando ao

redor dos centros nervosos do osso alongado que m ais pareciam luas ao redor de um planeta.

Só porque ela era de outra espécie não significava que não poderia fazer a operação. Assim que o anestesista fizesse seu trabalho em segurança, ele poderia cuidar do resto. Osso era sem pre osso; m as não bancaria o idiota.

– O que acha? – perguntou.

– Minha opinião profissional – respondeu o veterinário-chefe – é de que está m uito ruim . É um a fratura m últipla deslocada. O tem po de recuperação será extenso e não é possível garantir que ela sequer possa reproduzir.

O que era um a zica total: cavalos foram feitos para ficar em pé com seu peso distribuído sobre quatro pontos de m aneira uniform e. Quando um a perna era quebrada, não se tratava tanto da lesão em si, m as o fato de que era preciso redistribuir o peso e contar, desproporcionalm ente, com as partes que ainda estavam boas no corpo para ficar em pé. E esse era o grande problem a.

Ao considerar aquilo que exam inava, a m aioria dos proprietários escolheria a eutanásia; m as sua garota tinha nascido para correr, e aquela lesão catastrófica faria disso im possível, m esm o se fosse apenas para o lazer... isso se ela sobrevivesse. Com o m édico, estava m uito fam iliarizado com a crueldade do trabalho “salvador” de seus colegas que acabavam levando o paciente a viver em condições piores do que a m orte – ou não faziam nada além de prolongar, de

m aneira dolorosa, o inevitável.

– Dr. Manello? O senhor ouviu o que eu disse?

– Sim . Ouvi. – Pelo m enos aquele cara, ao contrário do idiota na pista, parecia tão arrasado quanto Manny.

Afastando-se, foi até onde a deitaram e colocou um a das m ãos sobre sua bochecha arredondada. Sua pelagem negra brilhava sob a ilum inação e, em m eio ao cenário de ladrilho claro e aço inoxidável, parecia um a som bra proj etada ao acaso e esquecida no centro da sala.

Por um longo m om ento, observou com o sua grande caixa torácica expandia-se e contraía-se com a respiração. Só de vê-la na m aca com as belas pernas esticadas com o bastões e sua cauda pendendo sobre o ladrilho fê-lo perceber que

anim ais com o ela deveriam ficar em pé: aquilo que via era com pletam ente contrário à natureza, e inj usto.

Mantê-la viva apenas para que não tivesse de enfrentar sua m orte não era a resposta certa.

Preparando-se para a situação, Manny abriu a boca...

A vibração dentro do bolso de seu terno o interrom peu. Com um palavrão, tirou o celular e verificou. Era do hospital. Hannah Whit? Com um núm ero desconhecido?

Não era ninguém que conhecesse e ele não estava de plantão.

Provavelm ente um erro do atendim ento.

– Quero que opere – ouviu-se dizendo enquanto guardava o telefone de volta.

O curto silêncio que se seguiu deu-lhe tem po de sobra para perceber que im pedi-la de partir cheirava a covardia. Mas não poderia insistir naquele m elodram a psíquico ou perderia a sanidade.

– Não posso garantir nada. – O veterinário voltou a olhar as radiografias. – Não sei dizer o que vai acontecer, m as posso j urar que... farei m eu m elhor.

Deus, agora sabia com o as fam ílias se sentiam quando dizia isso a elas.

– Obrigado. Posso assistir?

– Com certeza. Vou pegar algo para o senhor vestir e sabe com o fazer a higienização antisséptica, certo, doutor?

Vinte m inutos depois, a operação com eçou e Manny assistiu próxim o à cabeça de Glory, acariciando sua crina com as m ãos envolvidas com as luvas de látex, m esm o sedada. Enquanto o veterinário-chefe trabalhava, Manny teve de tirar o chapéu para a m etodologia e habilidade daquele hom em ... as únicas coisas corretas desde que Glory havia caído. O procedim ento term inou em m enos de um a hora, com os fragm entos ósseos ou rem ovidos ou encaixados no devido lugar. Então, im obilizaram a perna, retiraram a égua da sala de cirurgia e a colocaram em um a piscina para que não quebrasse outra perna quando o efeito da anestesia passasse.

Manny ficou com ela até que acordasse e, em seguida, acom panhou o

veterinário até o corredor.

– Os sinais vitais são bons e correu tudo bem na operação – o veterinário disse

–, m as essa vitalidade pode m udar rapidam ente. E vai levar tem po até saberm os

o que conseguim os alcançar.

Nossa. Aquele pequeno discurso era exatam ente o que dizia aos fam iliares

m ais próxim os e outros parentes quando achava que era hora de irem para casa

descansar e esperar com o o paciente reagiria ao pós-operatório.

– Ligarem os para o senhor – falou o veterinário. – Vam os m antê-lo inform ado.

Manny tirou as luvas e pegou seu cartão de visitas.

– No caso de ainda não terem todos os m eus dados nos registros.

– Tem os sim – de qualquer form a, pegou o papel. – Se algum a coisa m udar,

será o prim eiro a saber, e lhe darei as inform ações pessoalm ente, a cada doze

horas, que é o intervalo entre as m inhas rondas, quando passo visitando todos os

leitos.

Manny assentiu e estendeu a m ão.

– Obrigado. Por cuidar dela.

– Por nada.

Depois de apertarem as m ãos, Manny assentiu outra vez j unto às portas duplas.

– Im porta-se se eu m e despedir dela?

– Não. Pode ir.

Dentro do quarto outra vez, passou um m om ento com sua égua. Deus... aquilo doía.

– Segure firm e, garota – teve de sussurrar, pois não conseguia respirar direito.

Quando se ergueu, a equipe o observava com um a tristeza que sabia que ia perm anecer.

– Vam os cuidar dela. – o veterinário disse gravem ente.

Acreditava m esm o que cuidariam e foi a única coisa que o levou de volta ao corredor.

As instalações do Tricounty eram extensas e precisou de um tem po considerável para trocar de roupa e seguir seu cam inho até a saída onde tinha estacionado, próxim o à porta da frente. À frente, o sol se punha, um brilho de um tom pêssego se espalhava, ilum inando o céu com o se Manhattan estivesse em cham as. O ar estava frio, m as perfum ado, pois o início da prim avera esforçava-se para trazer vida à paisagem árida do inverno, e ele respirou tão fundo que ficou tonto. Deus, o tem po tinha passado com o um a neblina, m as agora, com os m inutos se arrastando, percebeu que aquele ritm o frenético tinha esgotado sua fonte de energia. Era isso ou tinha batido contra um m uro de tij olos e desm aiado.

Enquanto procurava a chave do carro, sentiu-se m ais velho do que Deus. Sua cabeça estava dando fortes pontadas e sua artrite no quadril o estava m atando.

Aquela corrida que havia em preendido para chegar à pista e ficar ao lado de Glory ia além de seus lim ites.

Não foi assim que im aginou o final do dia. Achou que estaria com prando bebidas para os proprietários que tinha derrotado... E talvez, no resplendor da vitória, seguisse a generosa sugestão oral da Sra. Hanson.

Ao entrar no carro, ligou o m otor. Caldwell estava a m ais ou m enos quarenta e cinco m inutos ao norte de Queens, e seu carro conseguia fazer a viagem de volta ao Com m odore praticam ente sozinho. Isso era m uito bom , pois era quase um zum bi naquele m om ento. Nada de rádio. Nenhum a m úsica no iPod. Ninguém telefonando tam bém .

Ao pegar a estrada, observou o cam inho à frente e lutou contra o im pulso de dar m eia-volta e... sim , e fazer o quê? Descansar em paz ao lado de seu cavalo?

A questão era: se conseguisse chegar em casa logo, poderia conseguir aj uda. Tinha um a garrafa de uísque esperando por ele e poderia ou não ir com calm a ao usá-la. Até onde dizia respeito ao hospital, estava de folga até segunda pela m anhã, às seis horas, e tinha planos de ficar bêbado e perm anecer assim .

Guiando o volante revestido de couro com um a das m ãos, procurou, com a outra, em m eio a sua cam isa de seda, sua representação do Cristo crucificado. Segurando a cruz de ouro, fez um a oração.

Deus... por favor, permita que ela fique bem.

Não poderia suportar perder outra de suas garotas. Não tão cedo. Jane

Whitcom b tinha m orrido há um ano, m as isso era o que o calendário dizia. O tem po do luto era diferente – nele havia transcorrido apenas um m inuto e m eio.

Não queria passar por isso outra vez.

C A P ÍTU LO 4

No centro de Caldwell havia vários prédios altos, cheios de j anelas espelhadas, m as nenhum era com o o Com m odore. Com trinta andares, estava entre os m ais altos daquela floresta de concreto e os sessenta apartam entos que abrigava eram totalm ente fantásticos, ao estilo de grandes em presários com o Donald Trum p, revestido de m árm ore e detalhes crom ados; tudo era m uito bem proj etado.

No vigésim o sétim o andar, Jane entrou no apartam ento de Manny, procurando por sinais de vida, e o que encontrou foi... nada. Literalm ente. A casa do cara aproxim ava-se m ais de um a pista de dança do que um a pista de obstáculos: a m obília era com posta de três obj etos na sala e um a cam a enorm e na suíte principal. Ponto. Bem , e algum as banquetas de couro ao redor do balcão da cozinha. Quanto às paredes? A única coisa que havia pendurado ali era um a TV de plasm a do tam anho de um outdoor. Não havia tapetes sobre os pisos de m adeira, apenas m ochilas de academ ia... m ais m ochilas de academ ia... e calçados esportivos.

Nada disso indicava que era desorganizado; não tinha coisas suficientes para

ser considerado assim .

Com um pânico crescente, entrou no quarto dele e viu m ais ou m enos m eia dúzia de uniform es cirúrgicos deixados em pilhas no chão, com o poças d’água após um a tem pestade e... nada m ais.

Mas a porta do arm ário estava aberta e ela entrou...

– Meu Deus... m as que droga.

Havia um conj unto de três m alas alinhado no chão, onde deveria estar um a pequena, um a m édia e outra grande... m as a do m eio não estava lá. Então, concluiu o que estava acontecendo ao considerar os espaços vazios que havia entre os cabides de calças e cam isas: estava fora, em um a viagem . Talvez durante todo o fim de sem ana.

Sem m uita esperança, discou para o sistem a de atendim ento do hospital e cham ou-o outra vez...

Notou que estava recebendo outra cham ada e am aldiçoou quando observou o núm ero.

Respirando fundo, respondeu:

– Oi, V.

– Nada?

– Nada no hospital ou no apartam ento. – Um rosnado sutil chegou até ela pelo telefone e am pliou a angústia da busca que ainda não tinha dado em nada. – Tam bém procurei na academ ia, vindo para cá.

– Invadi o sistem a do Hospital São Francisco e consegui os horários dele.

– Onde ele está?

– Tudo o que diz lá é que Goldberg está de plantão, certo? Olha, o sol se pôs. Vou sair daqui em , m ais ou m enos...

– Não, não... fique com Pay ne. Ehlena é ótim a, m as acho que deveria ficar com ela.

Houve um a grande pausa, com o se ele soubesse que estava sendo despistado.

– O que vai fazer agora?

Apertou o telefone e perguntou-se a quem deveria recorrer. Deus? À m ãe dele?

– Não tenho certeza. Mas liguei para ele. Duas vezes.

– Ligue quando encontrá-lo. Vou pegar vocês.

– Posso levá-lo até em casa...

– Não vou m achucá-lo, Jane. Não tenho a m enor intenção de deixá-lo em pedaços.

Sim , m as considerando o tom de voz frio, teve de se perguntar sobre aqueles planos bem intencionados de vam piros cheios de autocontrole e blá, blá, blá... Acreditava que Manny viveria para tratar da irm ã gêm ea de V. Mas, e depois? Tinha suas reservas... especialm ente se as coisas dessem errado na sala de cirurgia.

– Vou esperar aqui m ais um pouco; talvez ele apareça, ou ligue. Se isso não

acontecer, penso em outra coisa.

No longo silêncio, praticam ente conseguia sentir um a corrente de ar frio chegando através do celular. Seu com panheiro fazia m uitas coisas direito: lutar, fazer am or, lidar com qualquer coisa relacionada à inform ática. Ser forçado a ficar parado? Não era bem um a de suas com petências inatas. Na verdade, era garantia de deixá-lo enlouquecido.

Ainda assim , o fato de não confiar nela fez com que se sentisse distante dele.

– Fique com sua irm ã, Vishous – disse em um tom de voz equilibrado. – Manterei contato.

Silêncio.

– Vishous. Confie em m im e vá ficar ao lado dela.

Ele não disse coisa algum a depois disso. Apenas desligou.

Quando pressionou a tecla *end* do telefone, soltou um palavrão.

Um a fração de segundo depois estava discando outra vez e no instante em que ouviu um a voz profunda atender, teve de enxugar um a lágrim a que, se pensasse

em toda sua natureza translúcida, era m uito, m uito real.

– Butch – ela resm ungou –, preciso de sua aj uda.

Quando o pouco que restava do pôr do sol desapareceu e a noite bateu seu cartão de ponto, assum indo o turno seguinte, o carro de Manny deveria ter ido para casa. Deveria ter sido levado por si só direto para Caldwell.

Ao invés disso, acabou chegando ao extrem o sul da cidade, onde as árvores eram grandes e as extensões de gram a superavam as de asfalto em até dez vezes m ais.

Fazia sentido. Os cem itérios deveriam ter longos trechos de terra, pois não se podia enterrar um caixão no concreto. Bem , até poderia... se se tratasse de um m ausoléu.

O cem itério Bosque dos Pinheiros ficava aberto até as dez da noite, seus grandes portões de ferro perm aneciam escancarados e seus inúm eros postes de ilum inação forj ados em ferro em itiam um a luz am arelo-m anteiga ao longo do

labirinto de ruas. Quando entrou, foi para a direita, os faróis do carro ilum inando

o local ao longo das lápides e do gram ado.

Em últim a análise, o local para onde se dirigia não significava nada: não havia um corpo em baixo da lápide de granito que ia visitar – não restara nada para ser enterrado. Nada de cinzas para colocar em um a vasilha, tam bém ... ou, pelo m enos, nada que se pudesse separar com certeza de dentro de um Audi que havia pegado fogo.

Depois de dar, m ais ou m enos, um quilôm etro de voltas, tirou o pé do acelerador e deixou o carro deslizar até estacionar. Até onde conseguia ver, era o único no cem itério, m as isso não era problem a para ele. Não havia razão para se

ter um a audiência.

Quando saiu do carro, o ar frio não aj udou a lim par sua m ente, m as deu algo para seus pulm ões fazerem quando inalou profundam ente e cam inhou sobre a gram a áspera da prim avera. Teve o cuidado de não pisar em nenhum a tum ba enquanto avançava... claro, os m ortos não saberiam que estava andando acim a deles, m as parecia um a coisa respeitosa a fazer.

O túm ulo de Jane estava à frente, e desacelerou o passo quando aproxim ou-se daquilo que não havia sido deixado por ela, por assim dizer.

Ao longe, o apito de um trem cortou o silêncio... e o som vazio e lúgubre era um clichê tão grande que se sentiu em um film e o qual nunca assistiria sentado em casa, m uito m enos pagaria para ver em um cinem a.

– Droga, Jane.

Inclinando-se, passou os dedos sobre as m arcas irregulares da lápide. Foi ele quem tinha escolhido a pedra escura de azeviche, pois ela não teria gostado nem um pouco de algo pastel ou desbotado. E a inscrição tam bém era sim ples e descom plicada, apenas seu nom e, datas e um a frase na parte inferior:

DESCANSE EM PAZ.

Sim . Deu a si m esm o nota dez em originalidade por isso.

Lem brava-se exatam ente onde estava quando soube que ela tinha m orrido: no hospital, claro. Era final de um longo plantão que tinha com eçado com o j oelho de um j ogador de hóquei e term inado com a reconstrução espetacular de um

om bro, isso porque o viciado decidiu tentar voar.

Saiu da sala de cirurgia e encontrou Goldberg esperando próxim o às pias de higienização. Manny parou no m eio do processo de retirar a m áscara cirúrgica ao dar apenas um a olhada no rosto pálido de seu colega. Com a coisa pendurada em seu queixo com o um babador, exigiu saber o que diabos havia acontecido de errado – contando o tem po todo que se tratava de um acidente com quarenta carros engavetados na estrada ou um acidente de avião ou um hotel incendiado... algo relacionado a um a tragédia que englobasse toda um a com unidade.

Só que quando olhou sobre o om bro do cara e viu cinco enferm eiras e três outros m édicos... Todos com a m esm a aparência de Goldberg... E nenhum deles correndo para cham ar outros funcionários para assum irem plantão ou preparando as salas de cirurgia.

Certo. Tinha acontecido algo que englobava toda um a com unidade. A com unidade *deles*.

– Quem ? – perguntou.

Goldberg olhou para trás, em direção a sua tropa de apoio e foi então que Manny entendeu. E m esm o com as entranhas congeladas dentro dele, agarrou-se a um a esperança irracional de que o nom e que estava prestes a sair da boca de seu colega cirurgião não fosse...

– Jane. Acidente de carro.

Manny não perdeu tem po.

– Quando ela deu entrada?

– Não chegou a dar entrada.

Com isso, Manny não disse nada. Term inou de tirar a m áscara de seu rosto, am assou-a e descartou-a na lata de lixo m ais próxim a.

Quando foi passando por eles, Goldberg abriu a boca outra vez.

– Nem um a palavra – Manny ladrou. – Nem . Um a. Palavra.

Os outros funcionários com eçaram a tropeçar entre eles m esm os para sair do cam inho, dividindo o grupo com a precisão de um pedaço de tecido cortado ao m eio.

Voltando ao presente, não conseguia se lem brar onde tinha ido ou o que tinha feito depois disso... não im portava quantas vezes voltasse sua m ente àquela noite obscura, esses m om entos eram com o um buraco negro. Contudo, em dado m om ento, percebeu que tinha chegado em seu apartam ento, pois acordou ali dois dias depois e viu que ainda estava com o uniform e cirúrgico respingado com o sangue do últim o paciente que havia operado.

O m ais irritante de tudo era o fato de que Jane tinha salvado tantas pessoas vítim as de acidentes de carro. A ideia de ter sido levada dessa m aneira levava-o a pensar que o Ceifeiro da Morte veio atrás dela para cobrar todas as alm as que tinha afastado do alcance de suas garras m ortais.

O som de outro apito de trem o fez querer gritar.

O trem e aquele *pager* apitando.

Hannah Whit. Outra vez?

Mas que diabos...

Manny franziu o cenho e olhou para a lápide. Salvo engano, a irm ã m ais nova de Jane cham ava-se Hannah. Whit. Whitcom b?

Só que ela tinha m orrido m uito cedo.

Não tinha?

Loucura. Total.

Deus, deveria ter trazido seus tênis para essa aventura, Jane pensou enquanto andava sem rum o pelo apartam ento de Manny. Outra vez. Teria deixado o apartam ento se tivesse um a ideia m elhor de onde ir, m as seu cérebro, m esm o sendo tão astuto, não conseguia enxergar outra opção...

Seu telefone tocando não era exatam ente algo bom . Não queria dizer a Vishous que quarenta e cinco m inutos depois não tinha nada de novo para relatar.

Pegou o celular.

– Oh... Deus.

Aquele núm ero. Aqueles dez dígitos que sem pre estiveram registrados na discagem rápida de todos os telefones que teve antes daquele. *Manny.*

Quando pressionou a tecla *send,* sua m ente estava em branco e seus olhos cheios de lágrim as. Seu velho e querido am igo e colega de profissão...

– Alô? – ele disse. – Senhorita Whit?

Ao fundo, ouviu o soar fraco de um apito de trem .

– Alô? Hannah? – Aquele tom ... era exatam ente o m esm o de anos atrás: baixo,

im positivo. – Tem alguém aí?

Aquele apito baixo soou outra vez.

Jesus Cristo... ela pensou. Sabia onde ele estava.

Jane desligou e saiu rápido do apartam ento, do centro da cidade, atravessando a toda velocidade pelos subúrbios.

Viaj ando em um borrão à velocidade da luz, suas m oléculas atravessaram a noite em um a corrida alucinante que percorreu quilôm etros com o se fossem centím etros.

O cem itério Bosque dos Pinheiros era o tipo de lugar que precisava de um m apa para se localizar nele, m as quando se é um a form a etérea no ar, pode-se percorrer um a centena de acres em apenas um piscar de olhos.

Quando tom ou form a na escuridão perto de sua sepultura, respirou fundo e quase chorou.

Lá estava ele, em carne e osso. Seu chefe. Seu colega. O único a quem deixou para trás. E ele estava em pé atrás de um a lápide negra na qual havia seu nom e esculpido.

Certo, agora sabia que tinha tom ado a decisão certa quando não havia ido ao

funeral. O m ais perto que chegou disso foi lendo a notícia no *Caldwell Courier Journal* – e a im agem de todos aqueles cirurgiões, funcionários do hospital e pacientes em ocionou-a dem ais. Mas aquilo era m uito pior.

Manny parecia exatam ente com o ela m esm a se sentia: arruinado por dentro. Jesus, aquela loção pós-barba ainda cheirava bem ... e apesar de ter perdido um pouco de peso, era um pedaço de m al cam inho, com aquele cabelo escuro e aquele rosto rígido. Seu terno era de risca de giz e feito sob m edida... m as havia suj eira em volta da bainha da calça m uito bem passada. E seus sapatos estavam suj os tam bém , fazendo com que ela se perguntasse onde diabos ele estivera. Com certeza não tinha ficado assim por causa da sepultura; depois de um ano, o solo ainda estava plano e coberto com gram a bem aparada...

Oh, espere. O túm ulo devia estar assim desde o prim eiro dia. Ela não tinha deixado nada para ser enterrado.

Quando os dedos dele descansaram sobre a pedra, soube que foi ele quem tinha escolhido a sepultura. Ninguém m ais teria tido o bom -senso de fazer exatam ente o que ela gostaria que fizesse. Nada de m uitos detalhes rococós ou dizeres com plicados; curto, doce, no ponto.

Jane lim pou a garganta.

– Manny...

Ele ergueu a cabeça, m as não olhou para ela... com o se tivesse ouvido a voz dela apenas em sua m ente.

Assum indo um a form a totalm ente corpórea, ela falou m ais alto.

– Manny.

Sob qualquer outra circunstância, a reação teria sido um a profusão de risos.

Mas ele se virou, em seguida, gritou, tropeçou na lápide e caiu sentado no chão.

– Mas que... diabos... você está fazendo aqui? – ele engasgou. A expressão em

seu rosto com eçou com um sentim ento de horror, m as rapidam ente m udou para

a descrença absoluta.

– Sinto m uito.

Era totalm ente ridículo, m as foi tudo o que saiu de sua boca.

E parecia m ais do que poderia suportar. Encontrar aqueles olhos castanhos fez

com que, de repente, ela não tivesse nada a dizer.

Manny ergueu-se com um salto, e seu olhar escuro subia e descia observando

o corpo dela.

E, por fim , subiu... fixando-se em seu rosto.

Foi quando a raiva veio. E tam bém um a dor de cabeça, evidentem ente,

considerando a m aneira com o ele estrem eceu e esfregou as têm poras.

– É algum tipo de piada?

– Não – ela desej ava que fosse. – Sinto m uito m esm o.

O olhar severo e cruel era dolorosam ente fam iliar, e que ironia sentir-se nostálgica com um olhar am eaçador com o aquele.

– Você *sente* m uito.

– Manny, eu...

– Eu a *enterrei*. E você *sente* m uito? Que *porcaria* é essa?

– Manny, não tenho tem po para explicar. Preciso de você.

Ele a encarou por um longo m om ento.

– Você aparece depois de um ano *morta* e diz que *precisa* de m im ?

A realidade de quanto tem po havia se passado pesou sobre ela. Acim a de tudo.

– Manny... não sabia o que lhe dizer.

– Oh, m esm o? Que tal: ah, puxa, por falar nisso, estou viva.

Ele a encarou. Apenas a encarou.

Então, com um a voz rouca, disse:

– Você faz algum a ideia do que foi perdê-la? – passou rapidam ente a m ão sobre os olhos. – Tem noção?

A dor no peito dela fez com que a respiração ficasse difícil.

– Sim . Porque perdi você... perdi m inha vida com você e no hospital.

Manny com eçou a andar, aproxim ando-se e afastando-se da lápide. E, em bora ela quisesse, sabia que não devia aproxim ar-se dem ais.

– Manny... se houvesse algum a m aneira de voltar para você, eu voltaria.

– Você voltou. Um a vez. Pensei que era um sonho, m as não. Não era.

– Não.

– Com o entrou no m eu apartam ento?

– Apenas entrei.

Ele se deteve e olhou para ela, a lápide ficou entre eles.

– Por que fez isso, Jane? Por que forj ou sua m orte?

Bem , na verdade, não havia forj ado.

– Não tenho tem po para explicar agora.

– Então, que diabos está fazendo aqui. Que tal explicar isso?

Ela clareou a garganta e disse:

– Estou com um a paciente cuj o tratam ento exige além da m inha capacidade e quero que dê um a olhada. Não posso dizer para onde vou levá-lo, não posso lhe dar m uitos detalhes e sei que isso não é j usto... m as eu *preciso* de você – Queria arrancar os cabelos. Cair aos prantos. Abraçá-lo. Mas continuou, por que era isso

o que tinha de fazer. – Estou procurando por você há m ais de um a hora, então, estou atrasada. Sei que está chateado e confuso e não o culpo. Mas fique com raiva de m im m ais tarde... Apenas venha com igo agora. *Por favor*.

Tudo o que pôde fazer foi esperar. Manny não se convencia por alguém falar dem ais, não conseguiria persuadi-lo assim . Escolheria ir... ou não.

E, infelizm ente, se fosse a segunda opção, ela teria de cham ar os Irm ãos. Por m ais que am asse e sentisse falta de seu antigo chefe, Vishous era seu hom em e se sentiria um a m aldita se deixasse algum a coisa acontecer com a irm ã dele.

De um a form a ou de outra, Manny operaria alguém naquela noite.

C A P ÍTU LO 5

Butch O’Neal não era o tipo de cara que deixava um a dam a em perigo.

Era alguém à m oda antiga... o policial... o devoto, o católico praticante que havia nele. Dito isso, ao receber a ligação da am ável e talentosa Dra. Jane Whitcom b, o cavalheirism o não seguiu o instinto im pulsivo. Nem um pouco.

Ao colocar o pé para fora do Buraco e correr ao longo do túnel em direção ao centro de treinam ento da Irm andade, seus interesses e os dela estavam totalm ente alinhados, m esm o sem se levar em conta toda a questão de “ser um cavalheiro”: os dois tem iam que V. perdesse o controle outra vez.

Já exibia todos os sinais: tudo o que tinha de fazer era olhar para ele e ver que a tam pa da panela de pressão estava trancada com força sobre todo aquele calor e confusão. O que aconteceria com toda aquela pressão? Teria de encontrar um a vazão de algum a m aneira e, no passado, isso aconteceu das piores m aneiras possíveis.

Saindo da porta oculta e em ergindo no escritório, Butch virou à direita e desceu ao longo do corredor que levava às instalações m édicas. O sopro sutil de tabaco turco no ar disse-lhe exatam ente onde encontrar seu alvo, não que houvesse algum a dúvida.

Próxim o à porta fechada da sala de exam es, aj eitou os punhos da cam isa e ergueu o cinto. A batida na porta foi suave. Já o batim ento cardíaco estava forte.

Vishous não respondeu com um “entre”. Ao invés disso, o Irm ão saiu e fechou a porta atrás de si.

Caram ba, ele parecia estar m al. E suas m ãos trem iam ligeiram ente quando

pegou um de seus cigarros para preparar. Enquanto lam bia a coisa para selá-la, Butch enfiou a m ão no bolso para oferecer o isqueiro, acendendo a cham a e erguendo-a à frente. Quando seu m elhor am igo inclinou-se para o brilho laranj a,

reconheceu cada detalhe daquele rosto cruel e im passível. Jane estava absolutam ente certa. O pobre coitado estava sobrecarregado e segurava tudo aquilo.

Vishous inalou profundam ente e, então, recostou-se contra a parede de concreto, os olhos perspicazes fixos à frente, as botas de com bate plantadas solidam ente no chão. Em determ inado m om ento, m urm urou:

– Não vai perguntar com o estou?

Butch inclinou-se da m esm a m aneira, aproxim ando-se bem de seu am igo.

– Não precisa.

– Anda lendo m entes?

– Sim . Esse sou eu.

V. inclinou-se para o lado e bateu as cinzas no lixo.

– Então, pode m e dizer no que estou pensando, certo?

– Tem certeza que quer que eu solte um m onte de palavrões tão perto de sua irm ã? – Quando isso produziu um a risada curta, Butch olhou para o perfil de V. As tatuagens ao redor do olho do cara estavam especialm ente sinistras, se considerasse as m arcas de preocupação que o cercavam , com o se fossem

nuvens em um inverno nuclear.

– Não quer que eu faça isso em voz alta, V. – disse suavem ente.

– Ah. Faça um a tentativa.

Isso significava que V. precisava conversar, m as, considerando a situação, não daria certo forçar coisa nenhum a ali: o m acho sem pre “finalizava” as conversas, m as, pelo m enos, estava indo m elhor do que tinha ido... antes? Sim , sequer quebrou um a porta nem nada.

– Ela pediu para que cuide dela se isso não der certo, não foi? – Butch disse, pronunciando o que m ais tem ia. – E não estam os falando de cuidados paliativos de enferm agem .

A resposta de V. foi soltar um a respiração que durou m ais ou m enos uns quinze m inutos depois do infinito.

– O que vai fazer? – perguntou Butch, m esm o sabendo a resposta.

– Não vou hesitar. – O com plem ento da resposta “*mesmo que isso me mate*” ficou subentendido.

Maldita vida. Às vezes, as situações pelas quais as pessoas passavam eram cruéis dem ais.

Butch fechou os olhos e deixou a cabeça cair para trás, contra a parede. A fam ília era tudo para os vam piros. Sua com panheira, os Irm ãos com quem lutava, seu sangue... era todo o seu m undo. E, segundo essa teoria, ele tam bém

sofria j unto com V. e Jane e o resto da Irm andade.

– Com sorte, não chegará a fazer isso – Butch olhou para a porta fechada. – A doutora Jane vai encontrar o cara. Ela é com o um cão farej ador...

– Sabe o que m e ocorreu há uns dez m inutos?

– O quê?

– Mesm o que não fosse m ais dia, ela gostaria de continuar sozinha para encontrá-lo.

Quando o arom a de vinculação do m acho exalou, Butch pensou: “Certo, cara. Jane e o cirurgião conviveram j untos durante anos, então, se há algum tipo de persuasão a ser feito, ela terá m ais oportunidades sozinha... isso concluindo que ela dará um j eito na coisa toda de voltar dos m ortos. Além disso, V. era um vam piro. Caram ba. Será que alguém precisava adicionar m ais algum a dificuldade nessa confusão toda?”.

Assim , considerando tudo, seria ótim o se o cirurgião tivesse m ais de dois m etros de altura, estrabism o e pelo de urso nas costas. Ser extrem am ente feio seria sua única vantagem se o m acho vinculado em V. fosse acionado.

– Sem ofensa – Butch m urm urou –, m as dá para culpá-la?

– É m inha *irmã gêmea* que está em j ogo – o cara passou com força um a das m ãos ao longo dos cabelos escuros. – Mas que droga, Butch... m inha *irmã*.

Butch sabia algum a coisa sobre com o era perder alguém , então, sim , podia entender o que o m acho na frente dele sentia. E, cara, não sairia do lado do

Irm ão: ele e Jane eram os únicos que conseguiam acalm ar Vishous quando ficava assim . Jane j á teria m uita coisa para fazer ao lidar com o cirurgião e sua paciente.

O som do celular de V. fez os dois saltarem , m as o Irm ão recuperou-se rápido e não deu tem po para que um segundo toque chegasse a seus ouvidos.

– Mesm o? Conseguiu? Obrigado... cara... sim . Sim . Encontro vocês na garagem . Certo. – Houve um a pequena pausa e V. olhou com o se quisesse ficar sozinho.

Louco para desaparecer dali, Butch olhou para seus sapatos. O Irm ão nunca fora m uito bom em dem onstrações públicas de afeto ou em conversar sobre coisas pessoais com Jane se houvesse alguém por perto. Mas com o Butch era um

m estiço, não conseguia se desm aterializar – e para onde, diabos, ele correria?

Após V. m urm urar um rápido “tchau”, tragou profundam ente um de seus cigarros e disse em voz baixa ao expirar:

– Pode parar de fingir que não está a m eu lado.

– Que alívio. Não sou m uito bom nisso.

– Não tem culpa de ocupar espaço.

– Então, ela o encontrou? – Quando Vishous assentiu, Butch assum iu um a expressão m ortalm ente séria. – Prom eta-m e um a coisa.

– O quê?

– Não vai m atar esse cirurgião. – Butch sabia m uito bem com o era dar um a volta lá fora e ter de retornar àquele m undo vam piro. No seu caso, deu tudo certo, m as e quanto a Manello? – Não é culpa do cara e nem problem a seu.

V. balançou o cigarro sobre o lixo e olhou para cim a, os olhos de diam ante estavam frios com o um a noite ártica.

– Vam os ver com o ele vai se sair, tira.

Com isso, virou-se e entrou onde sua irm ã estava.

Bem , pelo m enos, o filho da m ãe era honesto, Butch pensou j unto com um a m aldição.

Manny não gostava nem um pouco de outras pessoas dirigindo seu Porsche 911 Turbo. Na verdade, além de seu m ecânico, ninguém m ais o dirigia.

Contudo, naquela noite, perm itiu que Jane assum isse a direção, pois, em prim eiro lugar, era com petente e poderia m udar as m archas sem destruir a transm issão; em segundo lugar, ela afirm ava que a única m aneira possível de levá-lo até onde precisavam ir era chegando lá dirigindo o autom óvel ela m esm a; e, em terceiro lugar, ainda estava se recuperando de ter visto alguém que havia enterrado aparecer de repente e dizer “Oi, tudo bem ?”. Então, talvez não fosse um a boa ideia com andar um a m áquina pesada que estava correndo a cento e vinte quilôm etros por hora.

Não conseguia acreditar que estava sentado ao lado dela, indo para o norte, no carro dele.

Mas é claro que disse sim ao pedido dela. Sua atitude era patética com relação a m ulheres aflitas... e tam bém era um profissional viciado em um a sala de cirurgia. Que óbvio!

Porém , ainda havia m uitas perguntas e m uita fúria. Sim , com certeza, esperava chegar a um lugar cheio de paz, luz, sol e de toda aquela besteira piegas, m as não estava preocupado com toda essa história de lugar perfeito, o que era irônico. Quantas vezes olhou para o teto durante a noite, aninhado em sua

cam a com um a garrafa de uísque, rezando por algum m ilagre que trouxesse sua

antiga chefe do departam ento de traum atologia de volta para ele?

Manny olhou para o perfil de Jane. Ilum inada pela luz do painel do carro, ainda m ostrava ser inteligente. Ainda m ostrava ser forte. Ainda era seu tipo de m ulher.

Mas isso nunca aconteceria. Apesar de toda aquela m entira grosseira sobre sua m orte, havia um anel cinza escuro em sua m ão esquerda.

– Você se casou? – ele disse.

Ela não olhou para ele, apenas continuou dirigindo.

– Sim . Casei.

Aquela dor de cabeça que surgiu no instante da aparição passou

im ediatam ente de incôm oda para horrível. Enquanto isso, m em órias som brias

surgiam sob a superfície de sua consciência com o se fossem o Monstro do Lago Ness, torturando-o e tentando trazer tudo à tona.

Contudo, teve de interrom per aquele processo cognitivo de recuperar lem branças antes que tivesse um aneurism a por causa da tensão. Além disso, não chegaria a lugar algum com isso... Por m ais que tentasse não conseguiria entender o que sentia ali e tinha a sensação de que poderia causar danos perm anentes se continuasse assim .

Quando ele olhou pela j anela do carro, pinheiros e carvalhos m ostravam -se altos e firm es sob o luar, o bosque que percorria os subúrbios de Caldwell ficava cada vez m ais denso ao distanciarem -se da cidade e do nó asfixiante de pessoas e edifícios.

– Você m orreu aqui – ele disse severam ente. – Ou ao m enos fingiu ter m orrido.

Um ciclista encontrou o Audi de Jane entre as árvores, em um ponto da estrada não m uito longe dali; o carro havia deslizado para fora do acostam ento.

Entretanto, não havia corpo... e não era por causa do fogo, que havia surgido após a queda.

Jane lim pou a garganta.

– É triste, m as tudo o que tenho a dizer é “sinto m uito”. Sei que é um a droga.

– Não é exatam ente um a festa para m im tam bém .

Silêncio. Muito silêncio. Mas não queria ficar perguntando m uita coisa se tudo o que receberia com o resposta era um “sinto m uito”.

– Gostaria de poder ter lhe contado – ela disse de repente. – Você foi a pessoa m ais difícil de ser deixada.

– Mas não abandonou seu trabalho, não é m esm o? Porque ainda está trabalhando com o cirurgiã.

– Sim , estou.

– Com o é seu m arido?

Nesse m om ento, ela estrem eceu.

– Vai conhecê-lo.

Ótim o. Que alegria!

Dim inuindo a velocidade, ela virou à direita em direção a... um a estrada de terra? Mas que droga é essa?

– Para sua inform ação – ele m urm urou –, este carro foi feito para pistas de asfalto, não para percursos assim .

– É o único cam inho.

Para onde? Ele se perguntou.

– Você vai ficar m e devendo algo m uito grande por isso.

– Eu sei. Mas você é o único que pode salvá-la.

Manny piscou os olhos.

– Não disse nada sobre ser “ela”.

– Isso im porta?

– Se pensar que não estou entendendo nada do que está acontecendo, *tudo*

im porta.

Após percorrerem uns dez m etros, com eçaram a passar por vários atoleiros

que eram tão profundos quanto m alditos lagos e, enquanto seu Porsche trepidava,

sentiu algo arranhando seu estôm ago e apertou os dentes.

– Que se dane essa paciente, quero um reem bolso pelo que está fazendo ao

chassi do m eu carro.

Jane soltou um a risadinha e isso fez com que o centro de seu peito doesse...

m as tinha de cair na real. Os dois nunca estiveram , de fato, j untos. Claro, houve

um a atração de sua parte, um a grande atração. E, talvez, um beij o. Mas isso foi

tudo.

E agora ela era a Sra. de Outra Pessoa, e tam bém tinha acabado de voltar do

m aldito m undo dos m ortos.

Cristo, que tipo de vida ele tinha? Por outro lado, talvez aquilo fosse um sonho...

Isso o anim ou, pois talvez Glory não tivesse se acidentado tam bém .

– Não m e disse o tipo de lesão – disse ele.

– Quebra na coluna vertebral. Entre C6 e C7. Nenhum a sensação abaixo da

cintura.

– Droga, Jane... Isso é com plicado.

– Agora sabe por que preciso tanto de você.

Mais ou m enos cinco m inutos m ais tarde, aproxim aram -se de portões que pareciam ter sido construídos durante as Guerras Púnicas, pelo m enos dois séculos antes de Cristo... A coisa parecia estar fixada ali nos m oldes de *Alice no País das Maravilhas,* os elos da corrente estavam enferruj ados e quebrados em alguns lugares. E a barra que os atravessava? Aquela porcaria não valia nem o esforço de ser m anuseada, não era nada além de um pedaço de aram e usado para cerca de gado e que j á tinha vivido dias m elhores. No entando, a m aldita coisa abriu sem problem as, e enquanto entravam , viu a prim eira câm era de vídeo.

Ao avançarem a passos lentos, um a névoa estranha veio do nada, a paisagem ficou fora de foco até não conseguir enxergar nada que havia além de trinta centím etros à frente do carro. Cristo, era com o se estivessem em um episódio de

Scooby-Doo.

E, então, houve um progresso curioso: o próxim o portão estava em condições um pouco m elhores; o seguinte era ainda m ais novo e o quarto parecia ter apenas

um ano, no m áxim o. O últim o portão estava brilhando e parecia algo saído de Alcatraz: m ais de sete m etros de altura e avisos de alta voltagem espalhados por

toda sua extensão. E aquele m uro no qual o portão estava instalado? Não era bem

para conter gado... Talvez dinossauros. E podia apostar que os tij olos deviam ter

pelo m enos m eio m etro de espessura.

Manny girava a cabeça de um lado a outro à m edida que avançavam e

com eçavam a descer por um túnel tão profundo e com um a estrutura tão forte

que poderia atravessar por baixo do rio Hudson. Quanto m ais desciam , m ais a

grande questão que o assolava desde a aparição intensificava-se em sua m ente:

por que forj ar a m orte? Por que provocar o caos que tinha causado na vida dele e

na dos outros que trabalhavam com ela no Hospital São Francisco? Nunca tinha

sido um a m ulher cruel, m entirosa, não tinha problem as financeiros, nem nada do

que fugir.

Agora sabia, m esm o que não tivesse dito um a palavra: Governo dos Estados

Unidos.

Aquele cenário, aquela estrutura no sistem a de segurança... Um local oculto

nos subúrbios de um a cidade suficientem ente grande, m as não tão grande quanto

Nova York, Los Angeles ou Chicago? Tinha de ser o Governo. Quem m ais

poderia pagar por isso?

E quem era a m ulher a quem trataria?

O túnel term inou em um a típica garagem subterrânea, com pilares e vagas

lim itadas por faixas am arelas... e, m esm o sendo tão grande, o local estava vazio.

Havia apenas duas vans, que não conseguia distinguir m uito bem a m arca, com vidros escurecidos e um m icro-ônibus que tam bém tinha vidros film ados.

Antes m esm o de ela estacionar o Porsche na garagem , um a porta de aço abriu-se e...

Bastou um olhar no cara enorm e que saiu dali e a cabeça de Manny explodiu, a dor atrás dos olhos ficou tão intensa que escorregou no banco do carro, os braços caíram e seu rosto contorceu-se de agonia. Jane lhe disse algum a coisa.

Um a porta do carro foi aberta. Em seguida, a dele.

A brisa que o atingiu era seca e cheirava vagam ente a terra... m as havia algo m ais. Colônia. Um a fragrância am adeirada de especiarias que era, ao m esm o tem po, cara e agradável, m as tam bém algo que despertava nele um desej o curioso de sair correndo.

Manny forçou as pálpebras a se abrirem . Sua visão estava m uito turva, m as era incrível o que a necessidade obrigava alguém a fazer... E quando o hom em a sua frente entrou em foco, viu-se encarando o filho da m ãe de cavanhaque que tinha...

Com um a onda de dor, seus olhos reviraram e quase vom itou.

– Precisa liberar as m em órias – ouviu Jane dizer.

Houve algum a conversa nesse ponto, a voz de sua antiga colega m isturava-se

com os tons profundos daquele hom em com tatuagens nas têm poras.

– Isso o está m atando...

– É arriscado dem ais...

– Com o ele vai operar desse j eito?

Houve um longo silêncio. E, então, de repente, a dor foi retirada com o se fosse um véu sendo levantado – toda aquela pressão saiu de dentro dele em um piscar de olhos. Em seu lugar, as lem branças inundaram sua m ente.

A paciente de Jane. O Hospital São Francisco. O hom em com o cavanhaque e... um coração de seis válvulas.

Manny abriu bem os olhos e encarou aquele rosto cruel.

– Conheço você.

– Tire-o do carro – foi a única resposta do cara de cavanhaque. – Não confio nos m eus atos se tocar nele.

Que m aravilha de boas-vindas. E havia alguém atrás do desgraçado. Um hom em que Manny tinha cem por cento de certeza de que j á havia visto antes... Contudo, deve ter sido algo m uito rápido, pois não conseguia lem brar-se de seu nom e ou de onde se conheceram .

– Vam os – Jane disse.

Sim . Grande ideia. Naquele m om ento, precisava de algum a coisa para se concentrar que não tivesse nada relacionado com aquela situação de não saber o que dizer.

Enquanto o cérebro de Manny lutava para processar o que estava acontecendo, percebeu que ao m enos seus pés e pernas seguiam o program a. Depois que Jane o aj udou a sair do carro e a ficar em pé, com eçou a segui-la e ao cara de cavanhaque pela instalação que era tão insípida e lim pa quanto um hospital: corredores sóbrios, lâm padas fluorescentes no teto, tudo cheirava a produtos de lim peza.

Havia tam bém câm eras de segurança que m oviam -se em intervalos regulares, com o se o edifício fosse um m onstro com m uitos olhos.

Enquanto cam inhavam , sabia que não devia fazer qualquer pergunta. Bem , sabia disso e de que sua cabeça estava tão confusa que tinha a certeza de que se m over era o m áxim o de suas habilidades naquele m om ento. Em seguida, percebeu o cara do cavanhaque e seu olhar m ortal... não era exatam ente um a abertura para iniciar um bate-papo.

Portas. Passaram por m uitas portas, todas as quais foram fechadas em seguida e, sem dúvida, trancadas.

Palavrinhas interessantes com o *local secreto* e *segurança nacional* brincaram em seu crânio, e isso aj udou m uito, fazendo-o acreditar que talvez pudesse perdoar Jane por desaparecer da vida dele... um dia.

Quando Jane parou diante de um a porta dupla, suas m ãos brincaram com as lapelas do j aleco branco e, em seguida, com o estetoscópio no bolso. E essa reação só fez com que tivesse a sensação de que tinha um a arm a na cabeça: na

sala de cirurgia, nos incontáveis problem as graves que se passaram no departam ento de traum atologia, ela sem pre m antivera a calm a. Era sua m arca registrada.

Mas aquilo era pessoal, ele pensou. De algum a m aneira, sej a lá o que estivesse do outro lado daquelas portas, estava relacionado a alguém próxim o a ela.

– Tenho bons equipam entos aqui – ela disse. – Mas não tudo. Não tenho ressonância m agnética. Apenas tom ografias e raios-X. Contudo, a sala de cirurgia é adequada e não só posso aj udar com o tam bém tenho um a excelente enferm eira.

Manny respirou fundo, m uito fundo, recom pondo-se. Com toda força de vontade, calou todas as perguntas, a persistente indignação em sua cabeça e a estranheza daquela viagem ao m undo da espionagem ao estilo 007.

Prim eiro item em sua lista de coisas a fazer? Despistar o público revoltado dali.

Olhou por cim a do om bro, em direção ao cara de cavanhaque.

– Vai precisar sair daqui, am igo. Quero você fora, no corredor.

A reação que teve depois disso foi... sim plesm ente fantástica, principalm ente se fosse um dentista: o desgraçado exibiu um par de caninos tão longos quanto seu braço e rosnou, em alto e bom som , com o um cachorro.

– Certo – disse Jane, posicionando-se entre eles. – Tudo bem . Vishous vai esperar lá fora.

Vishous? Será que tinha ouvido direito?

Por outro lado, a m ãe do m enino devia ser louca de pedra, considerando o

pequeno espetáculo odontológico. Não im porta. Tinha trabalho a fazer e, talvez, o

filho da m ãe m astigasse couro duro ou algo assim .

Entrando na sala de exam es ele...

Oh... santo Deus.

Ah... m eu Deus do céu.

A paciente sobre a m esa estava deitada com o águas tranquilas... era

provavelm ente a coisa m ais linda que ele j á tinha visto: o cabelo era m uito preto

e trançado em um a corda grossa que pendia livre ao lado de sua cabeça. A pele

era de um m arrom dourado, com o se ela fosse descendente de italianos e tivesse

sido exposta ao sol recentem ente. Olhos... seus olhos eram com o diam antes,

m uito claros e brilhantes ao m esm o tem po, com apenas um a borda escura ao

redor da íris.

– Manny ?

A voz de Jane estava bem atrás dele, m as sentiu com o se estivesse a

quilôm etros de distância. Na verdade, o m undo inteiro estava em outro lugar,

nada existia além do olhar de sua paciente que o encontrou do alto daquela m esa

com a cabeça im obilizada.

Finalm ente havia acontecido, pensou. Durante a vida inteira perguntara-se por

que nunca havia se apaixonado e agora sabia a resposta. Estava esperando aquele m om ento, aquela m ulher, aquela hora.

Esta mulher é minha, pensou.

E m esm o sabendo que aquilo não fazia sentido algum , a convicção era tão forte que não conseguia questionar.

– Você é o curandeiro? – ela disse em um a voz baixa que parou seu coração. – Você está aqui... por m im ?

Suas palavras tinham um sotaque forte – m aravilhoso por sinal –, e havia tam bém um tom um pouco surpreso.

– Sim . Sou eu. – Arrancou o casaco do terno e j ogou-o em um canto, sem dar a m ínim a im portância para onde havia caído. – Estou aqui por você.

Quando se aproxim ou, lágrim as deslizaram de seus olhos cobertos de gelo.

– Minhas pernas... sinto com o se estivesse as m ovim entando, m as acho que não consigo.

– Doem ?

– Sim .

Dor fantasm a. Não era um a surpresa.

Manny deteve-se ao lado dela e olhou para seu corpo, que estava coberto com um lençol. Era alta. Pelo m enos um m etro e oitenta. E era constituída com um a força elegante. Era um a guerreira, pensou, observando a força de seus braços. Um a lutadora.

Deus, a perda da m obilidade em alguém com o ela tirava-lhe o fôlego. Por outro lado, m esm o que se tratasse de alguém viciado em televisão, a vida em um a cadeira de rodas seria terrível; m as, para alguém com o ela, seria um a sentença de m orte.

Manny aproxim ou-se e pegou a m ão dela... No instante em que fez contato, o corpo dele com o um todo estrem eceu, com o se ela fosse a tom ada do seu plugue interior.

– Vou cuidar de você – disse enquanto olhava diretam ente em seus olhos. – Quero que confie em m im .

Ela engoliu a saliva quando um a lágrim a cristalina deslizou de seus olhos. Por instinto, ele estendeu a m ão e a deteve com a ponta do dedo...

O rosnado que infiltrou-se pela porta era um a am eaça, um a contagem regressiva para se afastar, m as não deu im portância àquilo. Quando olhou para o cara de barbicha, sentiu com o se estivesse rosnando de volta para o filho da m ãe.

O que, m ais um a vez, não fazia sentido algum .

Ainda segurando a m ão de sua paciente, exclam ou para Jane:

– Tire esse bastardo m iserável da m inha sala de cirurgia. E quero ver os

m alditos exam es e radiografias. *Agora*.

Ele ia salvar aquela m ulher, m esm o se aquilo o m atasse.

Quando os olhos do Sr. Cavanhaque brilharam em direção a ele com puro ódio,

Manny pensou: “Bem , esse é o m áxim o que o cara pode fazer...”.

C A P ÍTU LO 6

Q huinn saiu sozinho em Caldwell, pela prim eira vez na vida.

Quando pensou m elhor sobre isso, concluiu que era quase um a im possibilidade

estatística. Passou tantas noites lutando, bebendo e fazendo sexo dentro e ao redor

dos clubes noturnos do centro da cidade que pelo m enos um ou dois voos tinham

de ter sido feitos sozinho. Mas não. Quando entrou no Iron Mask, estava sem a

com panhia de seus dois am igos pela prim eira vez.

De qualquer form a, as coisas eram diferentes agora. Os tem pos tinham

m udado. As pessoas tam bém .

John Matthew estava agora m uito feliz casado; então, quando tinha um a folga,

com o naquela noite, ficava em casa com sua *shellan*, Xhex, fazendo a cam a

praticar um a série de exercícios de resistência. Sim , claro, Qhuinn era um

ahstrux nohtrum e tudo m ais, m as Xhex era um a *symphato* assassina totalm ente capaz de cuidar de seu m acho, e da Adaga Negra.

O com plexo da Irm andade era um a fortaleza que nem m esm o um a equipe da SWAT poderia invadir. Assim , ele e John chegaram a um acordo... e deixaram isso em segredo.

Quanto a Blay... Qhuinn não ia pensar sobre seu m elhor am igo. Não. De j eito nenhum .

Observando o interior do clube, iniciou sua m áquina de seleção interna e com eçou a abrir cam inho por m eio das m ulheres, hom ens e casais. Havia um a e apenas um a razão para ter ido até ali, e era a m esm a que havia levado os outros góticos àquele local.

Não era um lugar para se procurar um relacionam ento, sequer um a com panhia. Tratava-se apenas de m ovim entar-se entrando e saindo e, quando tudo estivesse acabado, era o caso de dizer “Obrigado, m oça” – ou “cara”, dependendo de seu hum or –, “Estou dando o fora”. Porque ele ia precisar de outra pessoa. Ou outras pessoas.

Não investiria apenas um a vez naquela noite; sentia com o se estivesse arrancando a própria pele, seu corpo latej ava com força, necessitando de alívio.

Cara, sem pre gostou de transar, m as nos últim os dias sua libido tinha aum entado até crescer com o um m onstro.

Será que Blay não era m ais seu m elhor am igo?

Qhuinn fez um a pausa e olhou rapidam ente um a vitrine antes de inclinar a cabeça sobre ela: caram ba, não tinha m ais cinco anos. Machos adultos não têm m elhores am igos. Não precisam deles, especialm ente se o m acho em questão estivesse transando com outra pessoa. O dia inteiro. Todos os dias.

Qhuinn andou até o bar.

– Tequila. Dose dupla. E traga a m elhor que tiver.

Os olhos da m ulher aqueceram -se por trás do pesado delineador e dos cílios postiços.

– Já vai pagar a com anda?

– Sim – e considerando a m aneira com o ela escorregou a m ão sobre o estôm ago achatado e desceu ainda m ais pelo quadril, ele poderia ter pedido, com certeza, um pedaço dela tam bém .

Quando ele estendeu o cartão de crédito, ela fez um m ovim ento am plo com os seios para pegar a m aldita coisa, inclinando-se de tal form a que poderia m uito bem pegar algo no chão com os m am ilos.

– Volto j á, j á com sua bebida.

Que surpresa.

– Ótim o.

Estava perdendo tem po ao sair rebolando com o fez: não era nada disso que

procurava naquela noite... não chegava nem perto. Sexo errado, para com eçar. E não ia investir em nada que tivesse cabelos escuros. Para dizer a verdade, não conseguia acreditar no que queria.

Tinha algum as lim itações por ser daltônico, m as quando vestia apenas preto e trabalhava à noite, na m aioria das vezes, isso não era grande coisa. Além disso, seus olhos desiguais eram tão perspicazes e sensíveis às variações de cinza que realm ente percebias as “cores” – era tudo um a questão de gradação. Por exem plo, sabia quem eram as pessoas loiras no clube. Sabia a diferença entre as m orenas e as de cabelos negros. E, sim , poderia enganar-se e interpretar m al se algum idiota tivesse feito um a tintura estranha, m as, m esm o assim , poderia dizer

que havia algo estranho, porque o tom de pele nunca com binava direito com a cor artificial do cabelo.

– Aqui está – disse a *bartender*.

Qhuinn estendeu a m ão, pegou o copo, bebeu a tequila e voltou a colocá-lo vazio sobre o balcão do bar.

– Vam os tentar isso m ais algum as vezes.

– É pra j á. – Exibiu seu par de seios novam ente, sem dúvida com a esperança de que ele os agarrasse a qualquer m om ento. – Você é o tipo de cliente que gosto.

Porque é óbvio que consegue lidar com um a boa bebida.

Uh-hum . Claro. Com o se a habilidade de ingerir o equivalente a quatro doses

de álcool de um a vez só fosse grande coisa. Deus, a ideia de que alguém , com esse sistem a de valores, tivesse perm issão para votar fazia com que ele desej asse encarar a vitrine outra vez.

Hum anos eram patéticos.

Contudo, quando olhou para trás para observar a m ultidão, pensou que baixar a bola seria um a boa. Sentia-se patético sozinho naquela noite, especialm ente quando viu dois hom ens em um canto, os dois separados apenas pelas roupas de couro que vestiam . Naturalm ente, um deles era loiro. Assim com o seu prim o.

Então, era claro que im agens hipotéticas de Blay e Saxton com eçaram a brincar em seu cam po de polo interior, m arcando seu gram ado com pegadas e bosta de cavalo.

Só que não eram hipotéticos, m as reais: no final de todas as noites, quando as pessoas à m esa da m ansão da Irm andade com eçavam a se dispersar depois da Últim a Refeição e a sair para resolver seus assuntos particulares, Blay e Saxton dirigiam -se discretam ente para a grande escadaria e desapareciam no corredor do andar de cim a, onde seus quartos ficavam .

Nunca tinham se dado as m ãos, nunca tinham se beij ado na frente de ninguém , e tam bém não havia olhares de reprovação. Por outro lado, Blay era um cavalheiro, e Saxton era um a vagabunda elegante inserida de algum a m aneira em um grande espetáculo.

Seu prim o era um a verdadeira prostituta...

Não, não é, um a pequena voz soou. *Só o odeia porque está de caso com seu garoto*.

– Ele *não* é m eu garoto.

– O que disse?

Qhuinn lançou um olhar ao espectador... e, em seguida, reassum iu seu ar durão. Bingo, ele pensou.

Ao lado dele estava um m acho hum ano, m ais ou m enos um m etro e oitenta com um cabelo fabuloso, rosto bonito e lábios m uito agradáveis. As roupas não eram totalm ente góticas, m as tinha algum as correntes na cintura e duas argolas em um a das orelhas. Mas foi a cor do cabelo que realm ente fez a diferença.

– Estava falando sozinho – Qhuinn m urm urou.

– Ah. Faço m uito isso. – O sorriso foi breve e, em seguida, o cara voltou a cuidar de sua...

– O que está bebendo? – Qhuinn perguntou.

Um copo j á na m etade foi erguido.

– Vodka e tônica. Não suporto essa coisa de adocicar a bebida.

– Nem eu. Vou de tequila. Pura.

– Patrón?

– Nunca. Gosto da Herradura.

– Ah – o cara virou-se e olhou para frente em direção à m ultidão. – Gosta das coisas com o são.

– Sim .

Qhuinn queria perguntar se o Sr. Vodka e Tônica estava observando os caras ou as garotas, m as perm aneceu em silêncio. Cara, aquele cabelo era incrível. Grosso. Enrolado nas pontas.

– Está procurando por alguém em particular? – Qhuinn disse em voz baixa.

– Talvez. E você?

– Com certeza.

O cara riu.

– Tem m uita m ulher bonita aqui. Pode escolher.

Mas. Que. Droga. Que sorte a dele: um hétero. Por outro lado, talvez pudessem dividir algum a coisa e com eçar por aí.

O cara inclinou-se e ofereceu a palm a da m ão.

– Eu sou...

Quando os dois entreolharam -se com pletam ente, o cara deixou a sentença à deriva, m as não tinha im portância. Qhuinn não dava a m ínim a para o nom e dele.

– Seus olhos têm cores diferentes? – o cara perguntou suavem ente.

– Sim .

– Isso é m uito... legal.

Bem , sim . Quando não se é um vam piro nascido na *glymera*. Se esse fosse o caso, seria considerado um defeito físico que significava ser geneticam ente ruim

e, portanto, um a vergonha para sua linhagem e absolutam ente inabilitado para o acasalam ento.

– Obrigado – Qhuinn disse. – Qual é a cor dos seus?

– Não pode dizer?

Qhuinn deu um tapinha sobre a lágrim a tatuada perto do olho.

– Daltônico.

– Ah. Os m eus são azuis.

– E você é ruivo, certo?

– Com o sabe disso?

– Pelo seu tom de pele. Além disso, você é m eio pálido e tem sardas.

– Isso é incrível – o cara olhou ao redor. – Está escuro aqui... não im aginava que conseguiria enxergar.

– Acho que posso – e acrescentou m entalm ente: *e que tal se eu lhe mostrar alguns dos meus outros truques.*

O novo am igo de Qhuinn sorriu um pouco e voltou a observar a m ultidão.

Depois de um m inuto, disse:

– Por que está olhando para m im assim ?

Porque quero transar com você.

– Você m e lem bra alguém .

– Quem ?

– Alguém que perdi.

– Oh, droga, sinto m uito.

– Tudo bem . A culpa é m inha.

Pequena pausa.

– Então, você é gay, certo?

– Não.

O cara deu risada.

– Desculpe. Apenas im aginei que... Bom , acho que era um bom am igo.

Nenhum com entário.

– Vou encher o copo outra vez. Posso fazer isso para você tam bém ?

– Obrigado, cara.

Qhuinn virou-se e sinalizou para a atendente. Enquanto esperava ela se aproxim ar rebolando, planej ou sua abordagem . Prim eiro, um pouco m ais de álcool. Em seguida, adicionaria algum as fêm eas à m istura. O terceiro passo seria

entrar em um dos banheiros e transar com a(s) garota(s).

Então... Mais alguns olhares. De preferência quando um deles ou os dois estivessem dentro de um a m ulher. Pois por m ais que o ruivo de cabelo espetacular parecesse estar a fim das garotas, o filho da m ãe tinha sentido algum a coisa quando os dois se entreolharam – e *hétero* é um term o relativo.

Assim com o *virgem*.

Isso fazia com que os dois se enquadrassem nesses term os, não? Afinal,

Qhuinn nunca, j am ais, havia ficado com alguém de cabelo verm elho.

Mas aquela noite seria um a exceção.

C A P ÍTU LO 7

Enquanto Payne permanecia deitada sobre a m esa de m etal e sob a estranha lâm pada que a ilum inava, não conseguia acreditar que seu curandeiro era um hum ano.

– Entende o que estou dizendo? – Sua voz era m uito profunda e seu sotaque estranho, m as j á tinha ouvido antes: a com panheira de seu irm ão gêm eo tinha a

m esm a entonação e inflexão. – Vou com eçar a...

Enquanto falava com ela, inclinou-se para alcançar seu cam po de visão, e ela gostou quando fez isso. Seus olhos eram castanhos, m as não o castanho de um a casca de carvalho ou de um couro velho ou da pele de um veado. Tinham um a bela som bra averm elhada, com o o m ogno polido... e era tão brilhante quanto, arriscaria dizer.

Houve um a enxurrada tam anha de acontecim entos desde sua chegada. Um a coisa ficou clara: sabia m uito bem dar ordens e era bastante confiante no trabalho que fazia. Na verdade, tam bém havia algum a coisa além disso... não se im portava por seu irm ão ter contraído um ódio instantâneo por ele.

Se o arom a de vinculação de Vishous ficasse ainda m ais forte, seria possível enxergá-lo no ar.

– Está entendendo?

– As orelhas dela são pequenas dem ais.

Pay ne olhou o m áxim o que pôde em direção à porta. Vishous tinha voltado e

suas presas estavam expostas com o se estivesse preste a atacar. Felizm ente, havia

um m acho ao lado dele que o detinha, com o se estivesse segurando um a coleira

forte: se o irm ão dela fosse atacá-lo, era evidente que aquele hom em de cabelos

escuros estava preparado para conter Vishous e arrastá-lo para fora da sala.

Isso era bom .

Pay ne voltou a olhar para seu curandeiro.

– Entendo.

Os olhos do hum ano se estreitaram .

– Então, repita o que eu disse.

– Para quê?

– É o seu corpo. Quero ter certeza que sabe o que vou fazer com ele e estou

preocupado que haj a um a barreira linguística entre nós.

– Ela entende m uito bem toda m aldita palavra que diz...

O curandeiro olhou sobre o om bro.

– Você *ainda* está aqui?

O m acho de cabelos escuros ao lado de seu irm ão gêm eo colocou um braço em torno do peito de Vishous e m urm urou algum a coisa com um sussurro. Então,

voltou-se para o curandeiro, falando com um sotaque ligeiram ente diferente.

– Precisa se acalm ar, cara. Ou vou deixar que ele o transform e em picadinhos se continuar com esse tom . *Capisce?*

Em seguida, Pay ne teve de aprovar a m aneira com o seu curandeiro encarou a agressão:

– Quer que eu opere, então, será sob m eus term os e do m eu j eito. Se ele não ficar fora da sala, pode m anusear você m esm o o bisturi. O que vai ser?

Houve um a grande com oção nesse m om ento, com Jane saindo rapidam ente de onde estava exam inando as radiografias de Pay ne e j untando-se ao grupo que discutia. Com eçou a falar baixo no início, até que, em dado m om ento, sua voz era tão alta quando o resto deles.

Pay ne lim pou a garganta:

– Vishous. *Vishous. Vishous!*

Já que não conseguiu resultado algum , apertou os lábios e assoviou alto o suficiente para quebrar um vidro.

Com o um a cham a extinta, assim os ânim os de todos eles se acalm aram ; contudo, a energia da raiva ainda pairava no ar com o a fum aça do pavio de um a vela apagada.

– Ele deve m e tratar agora – disse com fraqueza. – Ele deve... m e tratar. É o m eu desej o. – Seus olhos voltaram -se para o curandeiro. – Vai concentrar seus

esforços para restaurar m inha coluna vertebral, com o assim a cham a, e sua esperança é que a m edula espinhal não estej a fraturada, m as apenas lesionada. Disse ainda que não pode prever o resultado, m as que quando estiver operando, será capaz de avaliar os danos de form a m ais clara, certo?

Seu curandeiro lançou-lhe um olhar forte e poderoso. Profundo. Grave. Com um a característica própria que a deixava confusa... m as, ainda assim , não se sentia am eaçada. Destino, talvez fosse isso – na verdade, algum a coisa nos olhos

dele fez com que... se desm anchasse por dentro.

– Lem brei-m e de tudo corretam ente? – ela questionou.

O curandeiro clareou a garganta.

– Sim . Lem brou-se.

– Então, opere... com o você diz.

Perto da porta, ouviu-se o hom em de cabelos escuros dizer algo para seu irm ão gêm eo e, em seguida, Vishous levantou o braço e apontou seu dedo coberto por um a luva para o hum ano.

– Você não vive se ela não viver.

Am aldiçoando, Pay ne fechou os olhos e pensou outra vez que aquilo que havia desej ado durante tanto tem po não havia sido conquistado. Melhor ter ido diretam ente ao Fade que causar a m orte de algum hum ano inocente...

– Feito.

Os olhos de Pay ne abriram -se rapidam ente. Seu curandeiro estava firm e e inflexível diante de todo o tam anho e força de seu irm ão gêm eo, aceitando o fardo colocado sobre seus om bros.

– Mas você tem que sair – o hum ano disse. – Tire seu m aldito traseiro daqui e fique lá fora. Não quero m e distrair com sua im pertinência.

O grande corpo de seu irm ão contraiu-se nos om bros e no peito, m as, então, inclinou a cabeça apenas um a vez.

– Feito.

Em seguida, estava sozinha com seu curandeiro, com exceção de Jane e da outra enferm eira.

– Um últim o teste. – O curandeiro inclinou-se para o lado o pegou um a vareta fina de um dos balcões. – Vou deslizar essa caneta em cim a do seu pé. Quero que

m e diga se sentir algum a coisa.

Quando assentiu com a cabeça, ele m oveu-se para fora de seu cam po de visão e ela fechou os olhos para se concentrar, esforçando-se para registrar algum tipo de sensibilidade. Qualquer coisa.

Se houvesse algum a reação, m esm o que fraca, seria um bom sinal, com certeza...

– Estou sentindo algum a coisa – ela disse com um a onda de energia. – No m eu lado esquerdo.

Houve um a pausa.

– E agora?

Ela im plorou para que suas pernas assim ilassem algum a coisa e teve de respirar fundo antes de conseguir responder:

– Não. Nada.

O som dos lençóis m acios sendo reposicionados foi a única confirm ação de que estava coberta outra vez. Mas, pelo m enos, tinha sentido algum a coisa.

Só que ao invés de dirigir-se a ela, seu curandeiro e a com panheira de seu irm ão gêm eo conversaram em voz baixa, fora do alcance de sua audição.

– Na verdade – Pay ne disse –, talvez devessem m e incluir na conversa. – Os dois aproxim aram -se e foi curioso ver que não pareciam satisfeitos. – É um bom

sinal eu ter sentido algum a coisa, não?

Seu curandeiro chegou m ais perto de sua cabeça e ela sentiu a força quente da palm a de sua m ão envolvendo a dela. Quando olhou para ela, foi cativada outra vez: os cílios eram m uito longos, e um a som bra de barba por fazer surgia ao longo de seu rosto e de sua m andíbula forte. Seu cabelo espesso e escuro era brilhante.

E ela realm ente gostava do perfum e dele.

Mas ele não tinha respondido, tinha?

– Não é, curandeiro?

– Não estava tocando seu pé esquerdo naquela hora.

Pay ne piscou com aquela decepção inesperada. Porém , depois de todo aquele tem po im óvel, deveria estar preparada para um a inform ação com o essa, não?

– Então, vai com eçar agora? – perguntou ela.

– Ainda não. – O curandeiro olhou para Jane e, em seguida, olhou para trás. – Vam os precisar transferi-la para um centro cirúrgico.

– Esse corredor não é longe o suficiente, am igo.

Quando a voz equilibrada de Butch foi registrada, V. quis arrancar a cabeça do cara. E o desej o ficou ainda m ais forte quando o bastardo continuou:

– Que tal darm os um tem po fora daqui?

Um conselho lógico, é verdade. Mas, m esm o assim ...

– Está com eçando a m e irritar, tira.

– Que novidade. Ah, só um a observação: não estou nem aí.

A porta da sala de exam es foi aberta e sua Jane saiu. Quando olhou para ele, seus olhos verdes de floresta não estavam felizes.

– E agora? – ele ladrou, sem saber se poderia lidar com m ais notícias ruins.

– Ele quer transferi-la.

Depois de um tem po piscando com o um tolo, V. balançou a cabeça, convencido de que tinha entendido errado.

– Com o?

– Para o Hospital São Francisco.

– De j eito nenhum !

– Vishous...

– É um hospital hum ano!

– V...

– Você enlouqueceu...?

Naquele m om ento, o m aldito cirurgião saiu e para seu crédito ou sua insanidade, aproxim ou-se de V.

– Não posso trabalhar nela aqui. Quer que eu tente e a paralise de vez? Use a cabeça... Preciso de um a ressonância m agnética, m icroscópios, equipam ento e um a equipe que não possuo aqui. Não tem os tem po e ela não pode ser transportada para m uito longe, além disso, se fazem parte do Governo dos Estados Unidos, podem enterrar os registros e garantir que não vaze nada para a im prensa, aliás, com a m inha aj uda, a exposição será m ínim a.

Governo dos Estados Unidos? Mas que... Sim , que sej a!

– Ela não vai ser transferida para um hospital hum ano. Ponto final.

O cara franziu a testa com a coisa de “hum ano”, m as pareceu ignorar a inform ação.

– Então, não vou operar...

V. arrem eteu contra o hom em .

Aconteceu num piscar de olhos. Em um m om ento, estava estável com as botas de com bate plantadas no chão, no outro, tinha partido para um voo livre... pelo

m enos, até chocar-se contra o m édico e estam par a silhueta do bastardo sobre a parede de concreto do corredor.

– Entre e com ece a cortar – V. rosnou.

O cara m al conseguia respirar, m as a falta de oxigênio não o im pediu de bancar o durão. Encontrou o olhar de V.. Sem conseguir falar, gesticulou com os lábios: *Não. Vou. Fazer. Isso.*

– Deixe-o ir, V. Deixe que a leve para onde achar m elhor.

Quando a voz de Wrath interrom peu o dram a, o desej o de soltar fogos de artifício tornou-se quase irresistível. Com o se precisassem de m ais um espectador. E, aliás, dane-se o com ando.

V. apertou ainda m ais o pescoço do cirurgião.

– Não vai levá-la a lugar algum .

A m ão sobre o om bro de V. foi pesada e a voz de Wrath lançou-se com o um punhal.

– Não está no com ando aqui. Ela é m inha responsabilidade, não sua.

Coisa errada para se dizer. De m uitas m aneiras.

– Ela é m eu sangue – ele rosnou.

– E eu sou o único responsável por colocá-la nessa cam a. Oh, e ainda sou seu m aldito Rei, então, fará com o eu ordenar, Vishous.

Já estava prestes a dizer e fazer algo de que se arrependeria depois. Foi quando a sanidade de Jane o alcançou.

– V., neste m om ento, você é o problem a. Não é a condição de sua irm ã, nem a decisão de Manny. Precisa se afastar um pouco, esclarecer as coisas e pensar, não reagir. Estarei com ela o tem po todo e Butch virá com igo, não é m esm o?

– Com certeza – o tira respondeu. – E vou levar Rhage tam bém . Ela não ficará sozinha nem por um m inuto.

Silêncio m ortal, durante o qual o lado racional de V. lutou para assum ir o controle... e aquele hum ano recusava-se a ceder. Apesar do fato de estar a apenas um palm o de distância de um caixão, aquele filho da m ãe continuava encarando Vishous.

Meu Deus, quase poderia respeitá-lo por isso.

A m ão de Jane sobre o bíceps de V. não parecia nada com a de Wrath. Seu toque era leve, suave e cuidadoso.

– Passei anos naquele hospital. Tenho fam iliaridade com todas as salas, todas as pessoas, todo o equipam ento. Não há um centím etro quadrado daquela instalação que eu não conheça com o a palm a da m inha m ão. Manny e eu vam os

trabalhar j untos e garantir que ela entre e saia de lá o m ais rápido possível... e que estará protegida. Ele tem plenos poderes naquele lugar por ser o chefe do centro cirúrgico e estarei com ela a cada passo...

Jane continuou falando, m as ele não ouviu m ais nada. Um a súbita visão chegou até ele, com o um sinal recebido de algum transm issor externo: com total

clareza, viu sua irm ã m ontada a cavalo, galopando à beira de um a floresta. Não havia sela, nem rédeas e seus cabelos estavam soltos, flutuando atrás dela sob a luz do luar.

Estava rindo, com um a alegria com pleta e absoluta.

Estava livre.

Ao longo de sua vida, sem pre tinha visto im agens do futuro... então, sabia que aquela não era um a delas. Suas visões eram exclusivam ente de m ortes – de seus

Irm ãos, de Wrath, de suas *shellans* e de seus filhos. Saber com o aqueles a seu redor m orreriam fazia parte de sua reserva e de sua loucura: tinha conhecim ento

apenas do m odo, nunca do m om ento que aconteceria e, portanto, não podia salvá-los.

Então, o que via agora não era o futuro; era o que desej ava para a irm ã que havia encontrado tarde dem ais e que corria o risco de perder cedo dem ais.

V., nesse momento, você é o problema.

Sem conseguir confiar em si m esm o para responder a qualquer um deles, largou o doutor com o se fosse algo sem qualquer valor e se afastou. Quando o hum ano recuperou o fôlego, V. não olhava para ninguém a não ser Jane.

– Não posso perdê-la – disse com um a voz fraca, em bora houvesse testem unhas.

– Eu sei. Vou estar com ela a cada passo. *Confie em mim*.

V. fechou os olhos brevem ente. Um as das coisas que ele e sua *shellan* tinham em com um era que os dois eram m uito, m uito bons no que faziam . Quando dedicados ao trabalho, existiam em um universo paralelo que eles m esm os criavam para si: a luta para ele, a cura para ela.

Portanto, aquele era o equivalente dele j urando m atar alguém por ela.

– Certo – ele resm ungou. – Tudo bem . Mas preciso de um m inuto com ela.

Em purrando as portas duplas, aproxim ou-se da cam a de sua irm ã gêm ea e tinha plena consciência de que poderia ser a últim a vez que falaria com ela: vam piros, assim com o seres hum anos, poderiam m orrer durante um a cirurgia. E m orriam , não é m esm o?

Ela parecia pior que antes, deitada sem qualquer m obilidade, os olhos não estavam apenas fechados, m as apertados, com o se estivesse com dor. Droga, sua *shellan* estava certa. Daria um tem po. Não acabaria com o m aldito cirurgião.

– Pay ne.

Suas pálpebras levantaram -se lentam ente, com o se pesassem tanto quanto vigas.

– Meu irm ão.

– Vai para um hospital hum ano, certo? – Quando ela assentiu, odiou que sua pele estivesse da cor do lençol branco. – Ele vai operar você lá.

Quando ela assentiu outra vez, seus lábios entreabriram -se e a respiração ficou

curta com o se estivesse tendo dificuldades para fazer isso.

– É o m elhor.

Deus... e agora? Deveria dizer que a am ava? Achava que sim , do seu j eito

confuso m esm o.

– Ouça... tom e cuidado – ele m urm urou.

Que coisa idiota. Era um m aldito frouxo idiota, m as era tudo o que conseguia

fazer.

– Você... tam bém – ela gem eu.

Agindo com o se tivesse vida própria, sua m ão boa estendeu-se e lentam ente

deslizou sobre a dela. Quando apertou ligeiram ente, ela não se m oveu ou reagiu e

V. sentiu um pânico repentino de ter perdido a oportunidade, de que ela j á tivesse

partido.

– *Payne.*

Suas pálpebras vibraram .

– Sim ?

A porta se abriu e Jane colocou a cabeça para dentro.

– Tem os que ir.

– Sim . Tudo bem . – V. deu um aperto final sobre a m ão de sua irm ã, em

seguida saiu da sala com pressa.

Quando foi para o corredor, Rhage j á havia chegado, assim com o Phury e Z.

Isso era bom .

Phury era especialista em hipnotizar seres hum anos – e j á tinha feito isso antes no Hospital São Francisco.

V. aproxim ou-se de Wrath.

– Vai alim entá-la, certo? Quando ela sair da operação, vai precisar se alim entar e seu sangue é o m ais forte que tem os.

Quando expôs a exigência, teria sido ótim o se tivesse considerado antes que Beth, a rainha, poderia ter problem as em dividir seu com panheiro assim . Mas, egoísta com o era, não se im portou.

Só que Wrath apenas assentiu.

– Minha *shellan* foi a prim eira a sugerir isso.

Os olhos de V. fecharam -se com força. Aquela era um a fêm ea de valor. Sem dúvida.

Antes de sair, lançou um olhar para sua *shellan*. Jane estava parada, firm e com o um a casa construída sobre um a rocha, seu rosto e seus olhos passavam força e certeza.

– Não tenho palavras – disse ele com voz rouca.

– Sei exatam ente o que quer dizer.

V. parou a m enos de um m etro dela; estava preso ao chão, desej ando ser um m acho diferente. Desej ando... que tudo fosse diferente.

– Vá – ela sussurrou. – Eu tom o conta disso.

V. deu um a últim a olhada para Butch e quando o tira consentiu um a vez, a decisão foi final. Vishous assentiu para seu garoto e saiu em seguida. Fora do centro de treinam ento, entrou no túnel subterrâneo, subiu até o Buraco e percebeu prontam ente que a distância física não aj udaria em nada. Ainda sentia que estava no m eio de todo aquele dram a... e não confiava nem um pouco em si m esm o... achava que acabaria voltando até lá “para aj udar”.

Sair. Precisava sair e ficar longe de todos eles.

Rom pendo a pesada porta da frente, andou em direção ao pátio e acabou parando em um lugar qualquer. Não conseguia m ais avançar, assim com o os carros alinhados lado a lado em frente ao chafariz.

Ao ficar ali parado com o um a porta, um barulho estranho e contínuo cham ou sua atenção. No com eço, não conseguiu entender, m as, então, olhou para baixo. Sua m ão enluvada estava trem endo e batendo em sua coxa.

Por baixo do couro revestido de chum bo, a m ão brilhava o suficiente para ofuscar seus olhos.

Caram ba. Estava bem perto de perder a cabeça, na verdade estava quase no seu lim ite.

Com um a m aldição, desm aterializou-se e seguiu em direção ao lugar que sem pre ia quando se sentia assim . Não desej ava o destino ou a situação que tinha

chegado naquela noite... m as, assim com o Pay ne, o destino estava fora de seu

controle.

C A P ÍTU LO 8

ANTIG O PAÍS

DIAS ATUAIS

O sonho era o m esm o de sem pre. Já tinha séculos de idade e, ainda assim , as im agens eram lím pidas e claras com o na noite em que tudo havia m udado, há tanto tem po...

Mergulhado em seu sono profundo, Xcor via diante de si a aparição de um a m ulher cheia de fúria, as brum as rodopiavam ao redor de suas vestes brancas e faziam -nas esvoaçar com o ar frio. Pela sua aparência, soube im ediatam ente o m otivo pelo qual tinha saído da densa floresta... m as seu alvo ainda não tinha consciência de sua presença ou seu propósito.

Seu pai estava m uito ocupado galopando seu corcel e investindo sobre a m ulher hum ana.

Só que, nesse m om ento, Bloodletter viu o fantasm a.

A partir daí, a sequência de acontecim entos definiu-se com o m esm o vigor que im pulsionou Xcor naquele m om ento: ele deu um grito de alarm e e incitou seu cavalo enquanto seu pai abandonava a fêm ea hum ana que tinha apanhado e proj etava-se em direção ao espírito. Nos sonhos, Xcor nunca chegava a tem po, sem pre assistia com horror com o a fêm ea surgia da terra e derrubava seu pai. Em seguida, o fogo... o fogo com o qual ela incendiou o corpo de Bloodletter

era brilhante, branco e instantâneo, e consum ia o corpo do pai de Xcor em questão de segundos... o cheiro de carne queim ada...

Xcor endireitou-se rapidam ente, a adaga j unto ao peito, os pulm ões bom beando, m as, ainda assim , não conseguia respirar direito.

Colocando as m ãos sobre a cam a e os cobertores, levantou-se e ficou m uito contente por estar sozinho em seus aposentos. Ninguém precisava vê-lo daquele j eito.

Enquanto buscava voltar à realidade, sua respiração ecoava, atingindo-o várias vezes, pois os sons batiam nas paredes estéreis e m ultiplicavam -se até parecerem gritos. Apressadam ente, foi até a vela que estava a seu lado no chão para acendê-la. Isso aj udou, e, em seguida, levantou-se para esticar o corpo. O processo de reativar os ossos e m úsculos e alinhá-los outra vez tam bém aj udou seu cérebro.

Ele precisava de com ida, de sangue e de um a luta; com isso, voltaria a ser quem era.

Depois de vestir-se com roupas de um couro bem curtido e colocar o punhal no cinto, saiu do quarto para o corredor. Ao longe, vozes distantes e o tilintar de pratos de estanho disseram -lhe que a Prim eira Refeição era servida no andar de baixo, no grande salão.

O castelo onde ele e seu bando de bastardos m oravam foi a única coisa que conseguiram tom ar naquela noite quando seu pai tinha sido m orto. Ele podia

ser

visto da pacata aldeia m edieval que tinha am adurecido e tornado-se um a aldeia pré-industrial e, em seguida, aum entando ainda m ais nos tem pos m odernos, transform ando-se em um a cidadela com um a população aproxim ada de cinquenta m il hum anos.

Com isso, poderia concluir que, considerando a prevalência do *Homo sapiens*, não passava de um a sam am baia em um a floresta de carvalhos.

A fortaleza servia-lhe perfeitam ente... e pelas razões que prim eiro o atraíram para aquele lugar. As robustas paredes de pedra e o fosso com a ponte ainda perm aneciam em seus lugares e funcionavam m uito bem m antendo as pessoas afastadas. Além disso, havia m uitas lendas sangrentas e várias histórias verdadeiras tam bém que lançavam um a m ortalha de m urm úrios sobre suas terras, sua casa e seus m achos. De fato, nos últim os cem anos, ele e seus soldados cum priram bem o dever de propagar toda aquela besteira de m itos sobre vam piros ao “assom brarem ” as estradas da região de tem pos em tem pos;

algo fácil de fazer quando se é um assassino capaz de desm aterializar-se quando quisesse.

O “Bu!” nunca tinha sido tão eficaz.

Ainda assim , havia problem as: por terem dizim ado, sozinhos, a população de *redutores* no Velho Mundo, tinham de encontrar m aneiras de m anter suas

habilidades assassinas afiadas. Felizm ente, os hum anos m antinham -se afastados...

no entanto, é claro, ele e seus irm ãos tinham de perm anecer em segredo, com

suas verdadeiras identidades protegidas.

Aproxim ar-se dos hum anos gerava retaliações.

Havia apenas um a única característica louvável neles: sua ira para com

aqueles que com etiam atrocidades. Se os vam piros abatessem apenas

estupradores, pedófilos e assassinos, tais “crim es” seriam tolerados. O fato era

que, se fossem atrás de tipos m orais, os hum anos viriam com o abelhas saindo de

um a colm eia para proteger seu território; m as, e os infratores?

Olho por olho, com o dizia a Bíblia.

E, com isso, seu bando de bastardos tinha alguns alvos para treinar.

Havia sido assim por duas décadas, sem pre com a esperança de que o

verdadeiro inim igo, a Sociedade Redutora, enviasse adversários m ais apropriados

para eles. Entretanto, não havia chegado ninguém e a conclusão de Xcor era que

não havia m ais *redutores* na Europa e que nenhum viria. Afinal de contas, ele e

seus hom ens haviam viaj ado centenas de quilôm etros em todas as direções, todas

as noites, caçando infratores hum anos; logo, deveriam ter se deparado com

algum assassino em algum lugar, de algum a form a.

Ah, não encontraram nenhum .

Entretanto, a ausência era lógica. A guerra tinha m udado de continente há m uito tem po: quando a Irm andade da Adaga Negra partiu para o Novo Mundo, a Sociedade Redutora foi atrás deles com o cães, deixando apenas a escória para trás, para Xcor e seus bastardos elim inar. Durante m uito tem po, o desafio foi suficiente: havia assassinos disponíveis, batalhas em ritm o acelerado e bons com bates, m as esse tem po passou e os hum anos não estavam à altura.

Pelo m enos, os *redutores* poderiam ser considerados um desafio divertido.

Enquanto descia a tosca escada de pedra, um sentim ento de densa insatisfação o tom ou; suas botas esm agavam o chão antigo e gasto do corredor que deveria ter sido reform ado há m uito tem po. Lá em baixo, o am plo espaço que se desdobrava era um a caverna de pedra, com apenas um a enorm e m esa de carvalho colocada diante de um a lareira, tão grande quanto um a m ontanha. Os hum anos que haviam construído a fortaleza guarneceram suas paredes rústicas com tapeçarias, m as as cenas de guerreiros m ontados em corcéis de grande valor não tinham envelhecido m elhor que qualquer um dos outros tapetes: os trapos e as fibras desbotadas pendiam caídos em seus alfinetes, a base de suas bainhas crescia m ais e m ais, certam ente, serviriam para cobrir o chão em breve.

Em frente ao fogo ardente, seu bando de bastardos sentou-se nas cadeiras esculpidas para com er veado, perdizes e pom bos que haviam sido caçados nos arredores da propriedade, lim pos ainda no cam po e cozidos na lareira, bebiam

cervej a que preparavam e ferm entavam nas profundas adegas de pedra debaixo da terra, e com iam naqueles pratos de estanho com facas de caça e garfos que tam bém usavam para esfaquear algo.

Havia um pouco de eletricidade na m ansão – na cabeça de Xcor, defitivam ente não havia necessidade disso, m as Throe pensava diferente: o m acho insistia que deveria haver um espaço para seus com putadores, e isso requeria um a fiação irritante, m uito discreta, nada interessante, nem perceptível.

Mas havia um ponto positivo na m odernização: em bora Xcor não soubesse ler, Throe sabia e os hum anos não eram os únicos que propagavam violência e depravação; eles ficaram fascinados por isso tam bém ... Com isso, as vítim as eram localizadas em toda a Europa.

O assento na cabeceira da m esa estava reservado para ele e, no segundo em que se sentou, os outros pararam de com er, abaixando as m ãos.

Throe estava a sua direita, na posição de honra, e os olhos pálidos do vam piro estavam ilum inados.

– Com o estás?

Aquele sonho, aquele m aldito sonho. Na verdade, estava estraçalhado por dentro, m as os outros não precisavam saber disso.

– Bem o bastante. – Xcor avançou com seu garfo e espetou um a coxa. – Pela sua expressão, arriscaria dizer que você está com algum propósito.

– Pois é – Throe ofereceu um a grande quantidade de folhas im pressas, que pareciam ser um a com pilação de artigos de j ornais. No topo, havia um a fotografia em destaque, em preto e branco, e apontou para ela. – Quero esse cara.

O m acho hum ano retratado tinha cabelos escuros, um ar de durão, com nariz adunco e sobrancelhas tão densas e espessas quando as de um m acaco. As inscrições sob a foto e nas colunas da im pressão não eram nada além de desenhos para os olhos de Xcor. Contudo, entendeu claram ente a m aldade que havia naquele sem blante.

– Por que este hom em em particular, *trayner*? – perguntou, m esm o sabendo a resposta.

– Ele m atou m ulheres em Londres.

– Quantas?

– Onze.

– Não chegou a um a dúzia, então.

Throe franziu a testa com um ar de desaprovação, o que era m esm o ótim o.

– Ele cortou pedaços delas ainda vivas e esperou que m orressem para... possuí-las.

– Para transar com elas, você quer dizer? – Xcor rasgou a carne da coxa com as presas e quando não houve resposta, ergueu um a sobrancelha. – Quer dizer que ele transou com elas, Throe?

– Sim .

– Ah! – Xcor sorriu com m alícia. – Que idiotinha im undo.

– Foram onze. Mulheres.

– Sim , você m encionou. Então, na verdade, ele é apenas um idiotinha tarado e pervertido.

Throe pegou os papéis de volta e os folheou, observando os rostos das inúteis m ulheres hum anas. Sem dúvida, estava rezando à Virgem Escriba naquele exato m om ento, na esperança de ser concedida a oportunidade de realizar um serviço público para um a raça que não passava de um a cerim ônia de iniciação, que nada tinha a ver com o inim igo deles.

Patético.

E ele não poderia viaj ar sozinho... m otivo pelo qual parecia tão deslocado: infelizm ente, o j uram ento que aqueles cinco m achos fizeram na noite em que Bloodletter tinha sido incinerado, ligou-os a Xcor com cabos de aço: não poderiam ir a lugar algum sem a aprovação e o consentim ento dele.

Em bora quando se tratava de Throe, podia dizer que aquele m acho tinha se ligado a ele m uito antes disso, não tinha?

No silêncio, os tentáculos do sonho de Xcor ressurgiram em sua m ente... assim com o a agonia em saber que ainda não tinha conseguido encontrar o espectro daquela fêm ea. Isso não estava certo. Em bora gostasse m uito de ser o centro de

todos os m itos que havia nas m entes hum anas, não acreditava em fantasm as ou

assom brações, feitiços e m aldições. Seu pai havia sido atacado por alguém de carne e osso, e o caçador dentro dele desej ava encontrar essa pessoa e m atá-la.

– O que m e diz? – Throe perguntou.

Era com o ele: um herói.

– Nada. Ou eu disse algum a coisa?

Os dedos de Throe com eçaram a tam borilar sobre a velha m adeira m anchada da m esa e Xcor ficou contente em deixá-lo ali sentado bancando o baterista. Os outros sim plesm ente com iam , satisfeitos em esperar que a batalha fosse resolvida de um a m aneira ou de outra. Ao contrário de Throe, os outros não davam a m ínim a com os alvos escolhidos... se tivessem com ido, bebido e feito sexo não se im portavam em lutar em qualquer m om ento ou lugar que fossem designados.

Xcor rasgou outro pedaço de carne e encostou as costas na cadeira de carvalho m aciço, as tapeçarias gastas atraíram seus olhos. Sobre o tecido desbotado, as im agens de hum anos saindo para guerra em garanhões que ele tanto apreciava e com arm as até interessantes irritaram -no dem ais.

A sensação de que estava no lugar errado vibrou ao longo de seus om bros, deixando-o tão inquieto quanto Throe, seu segundo em com ando.

Vinte anos sem nenhum *redutor*, erradicando m eros hum anos para m anter

suas habilidades bem treinadas... não era o tipo de existência adequada para seu bando ou para ele. E, ainda assim , havia alguns vam piros que perm aneceram no

Antigo País. Foi por isso que Xcor ficara no continente; esperava encontrar, dentre eles, aquilo que via apenas em seus sonhos: aquela fêm ea, que tinha levado seu pai.

No entanto, onde toda aquela espera o havia levado?

A decisão com a qual ele tanto brincava m entalm ente cristalizou-se m ais um a vez, assum indo form a e estrutura, ângulos e arcos. Já havia pensado nisso antes e

o ím peto sem pre enfraquecia; m as agora o pesadelo deu-lhe a energia que transform aria a ideia em ação.

– Irem os até Londres – ele pronunciou.

Os dedos de Throe silenciaram im ediatam ente.

– Obrigado, m eu soberano.

Xcor inclinou a cabeça e sorriu para si m esm o, pensando que Throe poderia ter um a chance de acabar com aquele hum ano. Ou... talvez não.

Os planos de viagem , contudo, foram às vias de fato.

C A P ÍTU LO 9

HOSPITAL SÃO FRANCISCO

CALDWELL, NOVA YORK

Centros m édicos eram com o quebra-cabeças, exceto pelo fato de que suas

peças não se encaixavam tão bem .

Mas isso não parecia tão ruim em um a noite com o aquela, Manny pensou quando se preparava para a cirurgia.

De certa form a, ficou surpreso de tudo ter acontecido com tanta facilidade. Os capangas que haviam conduzido ele e sua paciente até ali haviam estacionado em um dos m ilhares de cantos escuros nos arredores do São Francisco; em seguida, Manny havia telefonado para o chefe de segurança e explicado que havia um a paciente VIP chegando pelos fundos, que exigia total discrição. O contato seguinte foi com a equipe de enferm agem , e a conversa foi a m esm a: um a paciente especial estava chegando. Depois, ligou para o andar da cirurgia e deixou os técnicos da ressonância m agnética a postos. O telefonem a final foi para o pessoal da rem oção e, com o esperado, eles apareceram com a m aca em um piscar de olhos.

Quinze m inutos depois de term inar a ressonância, a paciente estava na sala de cirurgia VII, sendo preparada.

– Então, quem é ela?

A pergunta veio da enferm eira-chefe, m as ele j á esperava por isso.

– Um a am azona olím pica. Da Europa.

– Bem , isso explica tudo. Ela estava m urm urando algum a coisa e nenhum de nós conseguiu entender o idiom a. – A m ulher folheou alguns papéis... que com certeza ele rasgaria depois que tudo term inasse. – Por que o segredo?

– Ela é da realeza – e isso até que era verdade. Enquanto eram levados até ali, passou a viagem inteira observando seus traços m aj estosos.

Que patético. Muito estúpido e patético.

Sua enferm eira-chefe observou o corredor, seus olhos tinham um ar desconfiado.

– Isso explica tam bém o detalhe da segurança... m eu Deus, devem achar que som os ladrões de bancos?

Manny inclinou-se para dar um a olhada no corredor enquanto higienizava em baixo das unhas com um a esponj a dura. Os três que tinham vindo com eles estavam no corredor a uns três m etros de distância, seus corpos enorm es; vestidos de preto, deixavam transparecer várias protuberâncias.

Arm as, sem dúvida; talvez facas. Possivelm ente, um lança-cham as ou dois, quem diabos saberia?

Isso tiraria da cabeça de alguém que o Governo Am ericano era só burocracia.

– Onde estão os form ulários de consentim ento? – a enferm eira perguntou. – Não há nada no sistem a.

– Estou com todos eles – m entiu. – Trouxe a ressonância para m im ?

– Está na tela... m as o técnico disse que deve ter algum erro. Ele gostaria de refazê-la.

– Deixe-m e dar um a olhada prim eiro.

– Tem certeza que quer se responsabilizar por tudo isso? Ela não tem dinheiro?

– Ela tem que perm anecer anônim a e eles vão m e reem bolsar. – Pelo m enos, achava que sim ... não que isso realm ente im portasse.

Manny enxaguou a coloração m arrom do antisséptico que havia nas m ãos e nos antebraços e os sacudiu. Mantendo os braços para cim a, abriu a porta de vaivém com as costas e entrou na sala de cirurgia.

Duas enferm eiras e um anestesista estavam lá: elas checavam outra vez a bandej a de instrum entos que estavam sobre um pano cirúrgico azul e o anestesista regulava os gases e o equipam ento que seria usado para m anter a paciente desacordada. O ar estava frio para desestim ular sangram entos e cheirava a adstringente. Os equipam entos eletrônicos zum biam baixinho j untam ente com as luzes do teto e da lâm pada cirúrgica acim a da m esa de operação.

Manny exam inou os m onitores... e, no instante em que viu a ressonância m agnética, seu coração com eçou a saltar dentro do peito. Com calm a, analisou outra vez as im agens digitais, até não aguentar m ais.

Olhando pelas j anelas das portas de vaivém , reavaliou os três hom ens que estavam em pé do lado de fora da sala, com feições rígidas e olhos frios fixos nele.

Não eram hum anos.

Seu olhar recaiu sobre a paciente. Ela tam bém não era.

Manny voltou-se para a ressonância e inclinou-se para m ais perto da tela,

com o se aquilo, de algum a m aneira, resolvesse m agicam ente todas as anom alias

que via.

Cara, e ele achava que o coração de seis válvulas do grandão de cavanhaque

era estranho?

Quando as portas duplas abriram -se e fecharam -se em seguida, Manny

apertou os olhos e respirou fundo. Então, virou-se e encarou a segunda m édica

que havia entrado na sala.

Jane estava tão envolvida com o uniform e cirúrgico que as únicas coisas

possíveis de serem enxergadas eram seus olhos verdes-floresta por trás de um a

m áscara cirúrgica. Ele encobriu sua presença dizendo à equipe que ela era um a

m édica particular da paciente... o que não era um a m entira. Manteve em

segredo o pequeno detalhe de que ela conhecia todos ali, assim com o ele. Ela

tam bém agiu assim .

Quando os olhos dela voltaram -se para ele e fixaram -se assim , sem dar a

im pressão de pedir quaisquer desculpas, Manny quis gritar, m as tinha trabalho a

fazer. Reorientando-se, afastou de sua m ente todas as coisas que não o aj udariam

de im ediato e reviu o dano naquelas vértebras para planej ar sua abordagem .

Conseguia enxergar que a área tinha fundido após um a fratura: a coluna tinha

um padrão de nós ósseos perfeitam ente alinhados e intercalados por pequenos

eixos m ais escuros... exceto a C6 e a C7, o que explicava a paralisia.

Não conseguia ver se a m edula espinhal fora com prim ida ou cortada com pletam ente, e não saberia dizer a verdadeira extensão do dano até que entrasse nele em cirurgia. Mas não parecia nada bom ; com pressões espinhais eram fatais naquele delicado túnel de nervos, e danos irreparáveis poderiam ser causados em questão de m inutos ou horas.

Motivo da pressa que tinham para encontrá-lo?, pensou Manny.

Olhou em direção a Jane.

– Quantas sem anas se passaram desde que foi ferida?

– Foi... há quatro horas – ela disse tão baixo que ninguém m ais pôde ouvir.

Manny recuou.

– O quê?

– Quatro. Horas.

– Houve um a lesão anterior?

– Não.

– Preciso falar com você, em particular. – Enquanto a puxava para o canto da sala, disse para o anestesista: – Espere aí, Max.

– Sem problem a, Dr. Manello.

Segurando Jane com força, sussurrou:

– Que diabos está acontecendo aqui?

– A ressonância é autoexplicativa.

– Não é hum ana. Certo?

Jane apenas o encarou, os olhos fixos nos seus, inabaláveis.

– Onde diabos você se m eteu, Jane? – perguntou em voz baixa. – Que diabos está fazendo com igo?

– Ouça-m e com atenção, Manny, e acredite em cada palavra que eu disser. Vai salvar a vida dela e, com o consequência, vai salvar a m inha tam bém . Ela é irm ã do m eu m arido e se ele... – sua voz ficou entrecortada – Se ele a perder antes m esm o de ter a oportunidade de conhecê-la m elhor, isso vai m atá-lo. Por favor... pare de fazer perguntas que eu não posso responder e faça o seu m elhor. Sei que não é j usto, e faria qualquer coisa para m udar isso... só não posso perdê-

la.

De repente, pensou nas dores de cabeça terríveis que teve durante o ano que se passou... todas as vezes que pensava nos dias que antecederam o acidente de carro. Aquela m aldita dor tinha voltado no instante em que a viu outra vez... apenas para se levantar e revelar as cam adas de lem branças que apenas percebia, pois era incapaz de retom á-las de verdade.

– Vai fazer isso para que eu não m e lem bre de nada – disse. – E tam bém com os outros da equipe, não é? – Ele balançou a cabeça, conscientizando-se de que aquilo era m uito, m uito pior do que alguns agentes especiais do Governo Am ericano. Outras espécies? Coexistindo com seres hum anos?

Mas ela não esclareceria isso de fato, não é m esm o?

– Maldita sej a, Jane. De verdade!

Quando se virou, ela pegou seu braço.

– Fico devendo essa. Faça isso por m im e fico lhe devendo algo.

– Tudo bem . Então, que tal *nunca* m ais aparecer na m inha frente?

Deixou-a no canto e seguiu em direção à paciente, que havia sido virada de barriga para baixo. Curvando-se ao lado dela, disse:

– É o... – por algum a razão, queria usar seu prim eiro nom e com ela, m as por causa dos outros m em bros da equipe m anteve o rigor profissional. – É o Dr. Manello. Vam os com eçar agora, certo? Não vai sentir nada, prom eto.

Depois de um m om ento, ela respondeu com voz fraca:

– Obrigada, curandeiro.

Ele fechou os olhos ao som daquela voz. Deus, o efeito que apenas duas palavras pronunciadas por aquela boca exerceu nele foi épico. Mas exatam ente pelo que ele sentia-se atraído? O que era aquele ser?

Um a im agem das presas do irm ão dela passou por sua m ente... e teve de arrancá-la dali. Haveria tem po para pensar naquele personagem de film e de terror.

Com um a m aldição em voz baixa, acariciou o om bro dela e assentiu para o anestesista.

Hora do show.

As costas dela tinham sido esterilizadas pelas enferm eiras, em seguida, ele

apalpou a coluna com os dedos, sentido o cam inho que deveria percorrer enquanto as drogas faziam efeito e a deixavam inconsciente.

– Nenhum a alergia? – perguntou a Jane, m esm o j á tendo perguntado antes.

– Não.

– Algum problem a especial para o qual devem os ficar atentos enquanto ela estiver assim ?

– Não.

– Tudo bem , então. – Alcançou o m icroscópio e aproxim ou o aparelho dele, m as não o colocou diretam ente sobre ela.

Prim eiro precisava fazer um a incisão.

– Quer m úsica? – a enferm eira perguntou.

– Não. Nada de distrações nesse caso. – Estava operando com o se sua vida dependesse disso, e não apenas porque o irm ão daquela m ulher o am eaçou. Mesm o sem fazer qualquer sentido, perdê-la... não im portava o que ela fosse... seria um a tragédia daquelas que não se conseguia descrever em palavras.

C A P ÍTU LO 10

A primeira coisa que Pay ne viu ao despertar foi um par de m ãos m asculinas. Era evidente que estava sentada e ligada a algum tipo de suporte que apoiava sua cabeça e seu pescoço, e as m ãos em questão estavam na beirada da cam a ao lado dela. Belas e hábeis, com as unhas bem aparadas, seguravam papéis e folheavam , com calm a, m uitas páginas.

O m acho hum ano a quem elas pertenciam franzia a testa enquanto lia e usava um utensílio de escrita para fazer anotações ocasionais. Sua barba estava ainda m ais crescida do que da últim a vez que a viu e, com isso, concluiu que j á haviam

se passado horas.

O curandeiro parecia tão exausto quanto ela.

Enquanto sua consciência voltava, percebeu um sinal sonoro sutil ao lado de sua cabeça... e um a dor incôm oda nas costas. Tinha a sensação de que havia lhe dado algum tipo de poção para adorm ecer as sensações, m as ela não queria isso – m elhor estar alerta. Sentia-se envolta em um a m anta de algodão, algo estranham ente aterrorizante.

Ainda incapaz de falar, olhou ao redor. Ela e o m acho hum ano estavam sozinhos e aquela não era a sala onde estiveram da últim a vez. Ouvia-se m uitas vozes falando com aquele estranho sotaque hum ano lá fora, elas disputavam contra um fluxo constante de passos.

Onde Jane estava? A Irm andade...

– Me... aj ude...

Isso cham ou a atenção de seu curandeiro, que j ogou as páginas sobre a m esa com rodinhas. Surgindo na frente dela, em pé, inclinou-se, seu perfum e provocava um form igam ento glorioso no nariz dela.

– Ei – ele disse.

– Não sinto... nada...

Pegou-lhe a m ão e quando ela não conseguiu sentir nem o calor nem o toque, ficou extrem am ente agitada. Mas ele estava lá por ela.

– Shh... não, não, você está bem . Isso é apenas o efeito dos analgésicos. Você está bem e eu estou aqui. Calm a...

A voz dele tranquilizou-a da m esm a form a que a palm a de sua m ão faria se a estivesse acariciando.

– Diga-m e – ela exigiu, com voz aguda –, o que... aconteceu?

– As coisas correram de form a satisfatória na sala de cirurgia – ele disse lentam ente. – Redefini as vértebras e a m edula espinhal não foi totalm ente com prom etida.

Pay ne esticou os om bros e tentou erguer a cabeça pesada e latej ante, m as o aparelho sobre ela m anteve-a bem onde estava.

– Seu tom ... diz m ais que as palavras.

Pay ne não teve um a resposta im ediata do com entário que fez. Ele apenas continuou acalm ando-a com as m ãos que não conseguia sentir. Contudo, os olhos

dele falavam por conta própria... e as notícias não eram boas.

– Diga-m e – ela exclam ou. – Eu m ereço m ais.

– Não foi um fracasso, m as não sei onde isso vai dar. O tem po nos dará inform ações m ais do que qualquer outra coisa.

Ela fechou os olhos por um m om ento, m as a escuridão a apavorava. Abrindo bem as pálpebras, agarrou-se à visão de seu curandeiro... e odiou a culpa que havia naquele rosto bonito e som brio.

– Não é culpa sua – disse ela asperam ente. – Tinha que ser assim .

Ao m enos disso ela tinha certeza. Ele tentou salvá-la e fez o seu m elhor... a frustração nele era m uito clara.

– Qual é o seu nom e? – ele disse. – Não sei o seu nom e.

– Pay ne. Meu nom e é Pay ne.

Quando ele franziu o cenho outra vez, teve certeza de que a nom enclatura não

*

o agradou , e ela desej ou ter nascido e sido cham ada por outro conj unto de sílabas. Mas havia outra razão para o descontentam ento, não? Ele a viu por dentro

e, com certeza, concluiu que eram diferentes.

Ele tinha de saber que era um “outro ser”.

– Aquilo que está pressupondo – ela m urm urou –, não está errado. – Seu curandeiro respirou e pareceu prender o ar por um dia inteiro. – O que está passando em sua m ente? Conte-m e.

Ele sorriu um pouco e, ah, que sorriso bonito tinha. Muito bonito. Porém , era um a pena que não fosse um sorriso de bom hum or.

– Agora...? – passou a m ão pelo cabelo espesso e escuro. – Estou pensando se

não deveria j ogar tudo para o alto e bancar o idiota ao dizer que não sei o que está acontecendo. Ou dizer a verdade de um a vez.

– A verdade – ela disse. – Não posso m e dar ao luxo de viver qualquer m om ento de falsidade.

– Muito bem . – Fixou os olhos nela. – Eu acho que você...

A porta da sala abriu-se um pouco e um a figura totalm ente coberta olhou para dentro. Exalando um arom a delicado e agradável... Era Jane, oculta atrás de um a vestim enta azul e um a m áscara.

– Está quase na hora – disse ela.

O rosto do curandeiro de Pay ne tornou-se vulcânico.

– Não concordo com isso.

Jane entrou e fechou-os ali.

– Pay ne, você está acordada?

– Sim – tentou sorrir e esperou que seus lábios estivessem se m ovendo. – Estou.

O curandeiro colocou-se entre elas, com o se quisesse protegê-la.

– Não pode rem ovê-la. Precisa esperar, pelo m enos, um a sem ana. É cedo dem ais.

Pay ne olhou as cortinas que pendiam do teto ao chão. Tinha quase certeza de que havia j anelas de vidro do outro lado da extensão de tecidos claros e plena certeza de que cada um dos raios de sol os trespassaria ao am anhecer.

Nesse m om ento, o coração dela batia com força e sentiu isso por trás de sua caixa torácica.

– Preciso ir. Quanto tem po falta?

Jane verificou um obj eto que indicava o tem po em seu pulso.

– Mais ou m enos um a hora. E Wrath está vindo para cá. Isso vai aj udar.

Talvez fosse por isso que se sentia tão fraca. Ela precisava se alim entar.

Quando seu curandeiro estava prestes a abrir a boca, ela o interrom peu para falar com a *shellan* de seu irm ão.

– Devo lidar com isso agora. Por favor, deixe-nos a sós.

Jane assentiu e afastou-se, saindo pela porta. Mas, sem dúvida, ficaria por perto.

O hum ano de Pay ne esfregou os olhos com o se esperasse que isso m udasse sua percepção... ou talvez a realidade na qual estavam presos.

– Que nom e gostaria que eu tivesse? – ela perguntou em voz baixa.

Ele deixou cair as m ãos e a observou por um m om ento.

– Esqueça a coisa do nom e. Poderia, sim plesm ente, ser honesta com igo?

Na verdade, tinha dúvidas se poderia fazer essa prom essa. Apesar da técnica de enterrar m em órias ser bem fácil, não estava m uito fam iliarizada com as repercussões que isso traria e preocupava-se com a questão de que quanto m ais se sabia, m ais havia o que esconder e m ais danos poderiam ser causados a ele.

– O que desej a saber?

– O que é você?

Seus olhos voltaram -se para as cortinas fechadas. Mesm o sendo protegida com o foi, sabia sobre os m itos que a raça hum ana tinha construído em torno de sua espécie: m ortos-vivos, assassinos de inocentes, sem alm a e sem m oral. Dificilm ente poderia orgulhar-se disso, ou perder seus últim os m om entos tentando explicar.

– Não posso ser exposta ao sol – seu olhar voltou para ele. – Posso m e curar m uito, m uito m ais rápido que você. E preciso m e alim entar antes de ser rem ovida. Depois que fizer isso, ficarei estável o suficiente para viaj ar.

Manny olhou para as próprias m ãos e ela im aginou que, provavelm ente, ele estava pensando que não deveria tê-la operado.

E o silêncio que se estendeu entre eles tornou-se tão traiçoeiro e perigoso de ser atravessado quanto um cam po de batalha. Ainda assim , ela ouviu-se dizendo:

– Há um nom e para aquilo que sou.

– Sim . E não quero pronunciá-lo em voz alta.

Pay ne com eçou a sentir um a dor curiosa em seu peito e, com um esforço suprem o, arrastou seu antebraço para cim a até que a palm a da m ão repousasse sobre a dor. Estranho que todo seu corpo estivesse adorm ecido, m as pudesse sentir aquela dor...

De repente, o foco fugiu de sua visão.

Im ediatam ente, a expressão dele suavizou-se e ele se inclinou para acariciar o rosto de Pay ne.

– Por que está chorando?

– Estou?

Ele assentiu e ergueu o dedo indicador para que ela pudesse ver. Na ponta do dedo, um a única gota cristalina brilhava.

– Está sentindo dor?

– Sim . – Piscando rapidam ente, tentou, m as não conseguiu focá-lo outra vez. – Essas lágrim as são m uito irritantes.

O som da risada e a visão daqueles dentes brancos e regulares a levantaram , ao ponto de parecer estar acim a da cam a.

– Não é m uito de chorar, não é m esm o? – ele m urm urou.

– Nunca.

Ele inclinou-se para o lado e pegou um pedaço de tecido quadrado que usou para conter o que corria pela face de Pay ne.

– Por que as lágrim as?

Levou um tem po para dizer, e então, teve de fazê-lo:

– Vam pira.

Recostou-se na cadeira ao lado dela e tom ou um grande cuidado ao dobrar o quadrado e, em seguida, j ogou a coisa em um pequeno contêiner de plástico.

– Acho que foi por isso que Jane desapareceu há um ano, não? – ele disse.

– Não parece chocado.

– Sabia que havia algum a coisa grande acontecendo – deu de om bros. – Vi as im agens da ressonância. Operei seu corpo.

Por algum a razão, aquela fraseologia a aqueceu.

– Sim . Você fez isso.

– No entanto, é parecida o suficiente. Sua coluna não é tão diferente ao ponto de eu não saber o que estava fazendo. Tivem os sorte.

Na verdade, ela não com partilhava da m esm a opinião: depois de anos sem dar qualquer im portância a m achos, sentia um a atração m ística em relação àquele diante dela, algo que gostaria de explorar se não estivessem naquela situação.

Mas com o j á havia aprendido há m uito tem po, o destino raram ente se preocupava com o que ela queria.

– Então – ele pronunciou –, vai dar um j eito em m im , certo? Vai fazer com que tudo isso desapareça. – Acenou com o braço de um a m aneira vaga. – Não vou m e lem brar de nada. Da m esm a m aneira que aconteceu quando seu irm ão passou por aqui há um ano.

– Talvez sonhe com isso. Nada m ais.

– É assim que sua espécie perm anece em segredo.

– Sim .

Ele assentiu e olhou em volta.

– Vai fazer isso agora?

Queria m ais tem po com ele, m as não havia razão algum a para que a visse

alim entando-se de Wrath.

– Logo.

Ele fitou a porta e, em seguida, encarou diretam ente o olhar dela.

– Vai m e fazer um favor.

– Mas é claro. Seria um prazer servi-lo.

Um a de suas sobrancelhas ergueu-se e ela podia j urar que seu corpo exalou

m ais um pouco daquele delicioso arom a. Em seguida, ele ficou totalm ente sério.

– Diga a Jane... que entendo. Entendo os m otivos de ter feito o que fez.

– Está apaixonada pelo m eu irm ão.

– Sim , eu vi. Lá... onde estávam os. Diga a ela que está tudo bem entre ela e eu.

Afinal, não se pode escolher por quem se apaixona.

Sim , Pay ne pensou. Sim , era um a grande verdade.

– Já se apaixonou? – ele perguntou.

Com o os hum anos não liam m entes, percebeu que tinha dito aquilo em voz

alta.

– Ah... não. Eu... não. Nunca m e apaixonei.

Mesm o aquele curto espaço de tem po com seu curandeiro foi um aprendizado.

Ele a fascinava, desde a m aneira com o se m ovia, passando pelo m odo com o seu

corpo preenchia o j aleco branco e as roupas azuis, até seu arom a e sua voz.

– É casado? – ela perguntou, tem endo a resposta.

Ele riu em um a forte explosão.

– Claro que não.

Sua respiração soltou um suspiro aliviado, m esm o sendo estranho pensar que seu estado civil im portava tanto. E, então, não houve nada além de silêncio.

Oh, a passagem do tem po. Era um a pena; e o que ela deveria dizer naqueles m inutos finais que ainda restavam ?

– Obrigada por cuidar de m im .

– O prazer foi m eu. Espero que se recupere bem . – Olhou para ela com o se estivesse tentando m em orizá-la e ela desej ou dizer para que parasse de tentar. – Estarei sem pre aqui por você, certo? Se precisar de m im para aj udá-la... venha e

m e procure. – O curandeiro pegou um cartão pequeno e rígido e escreveu algo sobre ele. – Esse é o m eu celular. Pode ligar.

Ele estendeu o braço e depositou o papel dentro da m ão fraca que descansava sobre seu coração. Quando ela segurou o que havia recebido, pensou em todas as repercussões. E im plicações.

E com plicações.

Com um grunhido, tentou se m over.

O curandeiro foi am pará-la im ediatam ente.

– Precisa m udar de posição?

– Meu cabelo.

– Está puxando?

– Não... por favor, desfaça as tranças dos m eus cabelos.

Manny congelou e apenas olhou para o rosto de sua paciente. Por algum a razão, a ideia de desfazer aquela trança grossa parecia m uito próxim o do ato de despi-la e, com o era de se im aginar, seu desej o sexual estava pronto para isso. Deus... estava com um a m aldita ereção. Bem em baixo de seu uniform e cirúrgico.

Olha só, ele pensou, aquela era a lei im previsível da atração no trabalho, acontecendo bem ali, naquele m om ento: Candance Hanson ofereceu-se para enlouquecê-lo, m as estava tão interessado nisso quanto em usar um vestido em um a festa. Mas aquela... fêm ea? Mulher...? Pediu para que soltasse seus cabelos e

j á estava todo ofegante.

Vam pira.

Em sua m ente, ouvia a palavra sendo pronunciada por aquela voz com aquele sotaque... e o que m ais o chocou foi sua falta de reação quando soube da novidade. Sim , se considerasse as im plicações, sua placa-m ãe com eçaria a chiar

e faiscar: presas não estavam restritas ao Halloween e a film es de terror?

E a coisa m ais estranha era que não parecia estranho.

Aquilo e a atração sexual que estava tendo.

– Meus cabelos...? – ela disse.

– Sim ... – ele sussurrou. – Vou cuidar disso.

Suas m ãos não estavam com um leve trem or. Não. Não trem eram assim .

Elas chacoalhavam feito loucas.

O final da trança estava preso com o tecido m ais m acio que j á havia sentido.

Não era de algodão, nem de seda... Era algo que nunca tinha visto antes, e seus

dedos de cirurgião pareciam desaj eitados e ásperos enquanto trabalhava para

desfazer o nó que prendia a trança. E os cabelos... bom Deus, seus cabelos negros

e ondulados faziam aquele pano parecer um pedaço de urtiga, se fosse com pará-

los.

Centím etro a centím etro, separou as três partes, as ondas eram lisas e

hom ogêneas. E, por ser um m aldito filho da m ãe, só conseguia pensar naquelas

m echas caindo sobre o próprio peito nu... sobre seu abdôm en... sobre seu pênis...

– É o suficiente – ela disse.

Com certeza é o suficiente. Obrigando seu devasso interior a voltar à terra da

conversação educada e contida, obrigou suas m ãos a pararem . Apesar da trança

ter sido desfeita apenas até a m etade, a revelação foi surpreendente. Se era linda

com o cabelo todo am arrado, ficou resplandecente com aquelas ondas ao redor

da cintura.

– Trance outra vez com isso dentro, por favor – ela disse, segurando o cartão

com a m ão vacilante. – Assim , ninguém vai encontrá-lo.

Ele piscou e pensou: cara, que óbvio. Inferno, não havia qualquer m aneira do cara de cavanhaque encarar bem o fato da irm ã ter estendido a m ão e tocado seu cirurgião...

Mas não chegou a tocar, ele se corrigiu.

Bem , talvez tenha tocado *um pouco*. Ele gostaria m esm o era de penetr... hã, tocá-la.

Cala a boca, Manello, mesmo que não esteja falando em voz alta.

– Você é brilhante – ele disse. – Muito inteligente.

Aquilo a fez sorrir e, com isso, expôs a grande diferença. As presas eram brancas, afiadas e longas... e a evolução proj etou-as para que cravassem em cheio em um a garganta.

Um orgasm o form igou no topo de sua ereção...

E, nesse m om ento, um a expressão severa passou sobre o rosto dela.

Oh, caaara.

– Hã... você pode ler m entes?

– Quando estou m ais forte, sim . Mas seu perfum e ficou m ais intenso.

Então, ela o fazia suar e, de algum a form a, sabia disso. Só que... teve a im pressão de que ela não tinha a m enor ideia do m otivo de tal reação, e isso era

tão tentador quanto tudo m ais que dizia respeito a ela: passava um a total

inocência quando o encarou novam ente.

Por outro lado, poderia não pensar nele sexualm ente por ser hum ano. Acorda Manny, ela tinha acabado de despertar de um a cirurgia, algo que dificilm ente reproduziria o clim a de um feriado na praia.

Manny cortou sua segunda conversação interior e dobrou seu cartão de visitas ao m eio. A m elhor notícia sobre seu cabelo foi que levou apenas um m inuto para cam uflar o cartão na trança. Quando term inou, recolocou o pano e fez um laço, em seguida, teve o cuidado de aj eitar o com prim ento ao lado dela na cam a.

– Espero que o use – ele disse. – Espero m esm o.

O sorriso dela foi m uito triste, dizendo-lhe que não havia m uitas chances disso acontecer, m as convenham os: era óbvio que o contato entre duas espécies diferentes não estava em suas listas de prioridades; caso contrário, o term o *banco de sangue* teria um a conotação totalm ente diferente. Mas, pelo m enos, tinha suas inform ações para contato.

– O que acha que vai acontecer? – ela perguntou, abaixando a cabeça em direção às pernas.

Seus olhos seguiram o exem plo dela.

– Não sei. É evidente que as regras são diferentes com você... então, tudo é possível.

– Olhe para m im – ela disse – Por favor.

Ele esboçou um sorriso.

– Nunca pensei que diria isso, m as... não quero – tentou, m as não conseguiu encará-la. – Só m e prom eta um a coisa.

– O que posso conceder-lhe?

– Ligue-m e, se puder.

– Ligarei.

No entanto, ela não quis dizer isso. Não estava certo de com o sabia disso, m as tinha plena certeza. Entretanto, por que ela ficou com o cartão? Não fazia ideia.

Olhou para a porta e pensou em Jane. Droga, deveria desculpar-se pessoalm ente por ser tão intransigente com relação a tudo aquilo.

– Antes que faça isso, preciso...

– Gostaria de deixar algo de m im para trás. Com você.

Manny deu um a olhada em volta e fixou-se nela.

– Qualquer coisa. Quero qualquer coisa que possa m e dar.

As palavras saíram em um rosnado m isterioso e ele sabia m uito bem que tinha um a entonação sexual... será que isso tornava-o um porco?

– Só que não poderia ser um a coisa tangível... – Ela balançou a cabeça. – Seria m uito prej udicial a você.

Encarou o rosto belo e forte de Pay ne... e fixou-se em seus lábios.

– Tenho um a ideia.

– O que quiser. – A inocência naquele olhar o deteve. E acendeu sua libido com o a um a fogueira.

Claro que não precisava de aj uda para sentir isso.

– Quantos anos você tem ? – ele perguntou de repente. Poderia ser prom íscuo, m as não faria nada com um a m enor. Toda sua constituição física dizia que era um a adulta, m as quem saberia seu nível de m aturidade...

– Tenho trezentos e cinco anos de idade.

Com o assim ? Claro, era um bom núm ero de anos. Ela tinha de ser m aior de idade no m undo deles, pensou.

– Então, pode se casar?

– Sim . Mas não estou com nenhum m acho.

Então, havia um Deus.

– Sei o que quero. – Ela. Nua. Sobre ele. Mas, caram ba, ele se contentaria com m uito m enos.

– O quê?

– Um beij o – ergueu as m ãos. – Não precisa ser nada quente ou intenso. Apenas... um beij o.

Quando ela não respondeu, ele quis se m atar. E pensou seriam ente em entregar-se àquele irm ão dela para receber a surra que m erecia.

– Pode m e m ostrar com o é? – ela sussurrou.

– Sua espécie não... beij a? – Só Deus sabia o que faziam . Mas se algum a coisa

da lenda era verdade, o sexo estava presente no repertório na m aior parte do tem po.

– Eles se beij am . É que nunca beij ei antes... Você está bem ? – estendeu a m ão.

– Curandeiro?

Ele abriu os olhos... que evidentem ente tinha fechado.

– Deixe-m e perguntar um a coisa. Já esteve com um hom em ?

– Nunca com um hom em hum ano. E... nem com um m acho vam piro, tam bém .

O pênis de Manny explodiu sob sua roupa. Que loucura. Nunca tinha se im portado se um a m ulher tinha estado com outro hom em antes... ou não. Na verdade, as garotas com quem costum ava sair perdiam a virgindade nos prim eiros anos da adolescência... e nunca olhavam para trás.

Os olhos claros e pálidos de Pay ne o encararam .

– Seu arom a está ainda m ais forte.

Provavelm ente porque tinha com eçado a suar tentando não gozar.

– Gosto disso – ela acrescentou com um a voz profunda.

Houve um m om ento elétrico entre eles, algo que ele não conseguia acreditar que poderia ser apagado por algum truque de m agia j ogado sobre sua m assa cinzenta. E, então, os lábios dela entreabriram -se e a língua rosa saiu para um edecer a boca... com o se estivesse im aginando algo que lhe deu sede.

– Acho que quero provar você – ela disse.

Certo. Dane-se o beij o. Se ela quisesse com ê-lo cru, estava pronto para isso. E isso foi antes de assistir as pontas de suas presas brancas estenderem -se ainda m ais em sua m andíbula superior.

Manny sentia que estava ofegando, m as não conseguia ouvir nada, pois o sangue do corpo rugia em seus ouvidos. Maldição, estava prestes a perder o controle... e não em um sentido m etafórico: estava, literalm ente, a alguns centím etros de distância de arrancar aqueles lençóis e m ontar em cim a dela, m esm o sabendo que estava im obilizada. E que nunca havia estado com alguém antes. E que não era da sua espécie.

Precisou utilizar-se de todas as forças que possuía para levantar-se e recuar.

Manny lim pou a garganta. Duas vezes.

– Acho m elhor adiar um pouco.

– Adiar?

– Para depois.

O rosto dela m udou instantaneam ente, os traços adoráveis ficaram tensos e esconderam a frágil paixão que havia sangrado em sua expressão.

– Mas... é claro. É m elhor.

Odiou m achucá-la, m as não havia com o explicar o quanto a desej ava sem assum ir um tom pornográfico. E ela era virgem , pelo am or de Deus. Merecia alguém m elhor do que ele.

Deu um a últim a olhada persistente nela e disse para seu cérebro recordar-se disso. De algum a m aneira, não queria perdê-la.

– Faça o que tem de fazer. Agora.

Os olhos dela desceram , percorrendo o corpo dele e detendo-se nos quadris. Quando percebeu que ela olhava para seu sexo – que estava cham ando m uita atenção –, escondeu discretam ente com as m ãos sua excitação por baixo do uniform e cirúrgico.

Sua voz era rouca:

– Está m e m atando. Não sou confiável com você assim . Então, tem de fazer isso, por favor. Deus, apenas faça...

No inglês, o nom e Pay ne rem ete a *pain* dor, sofrim ento. (N.T.)

C A P ÍTU LO 11

Ravasz. Sbarduno. Grilletto. Trekker.

A palavra *gatilho* debatia-se dentro do crânio de V. em todas as línguas que conhecia; seu cérebro trouxe à tona todo tipo de vocabulário para brincar um pouco – caso contrário, a coisa ia se canibalizar.

Enquanto ativava seu Google Tradutor, seus pés o levavam a cam inhar na cobertura do Com m odore sem parar; seu ritm o incansável transform ava o local

no equivalente a um a gaiola de *hamster* m ultim ilionária.

Paredes negras. Teto negro. Piso negro. A visão noturna de Caldwell... algo que

nunca o levou até ali.

Ao longo da cozinha, da sala de estar, do quarto e de volta à cozinha.

De novo. E de novo.

À luz das velas negras.

Havia com prado o apartam ento há m ais ou m enos cinco anos, quando o edifício ainda estava em construção. Assim que o esqueleto surgiu na paisagem do rio, decidiu possuir a m etade da cobertura do arranha-céu. Mas não era com o um a casa... ele sem pre tivera um lugar separado para dorm ir. Mesm o antes de Wrath estabelecer a Irm andade na antiga m ansão de Darius, V. tinha o hábito de separar o local onde descansava e guardava as arm as de suas... outras atividades.

Naquela noite, sentido-se daquela m aneira, o fato de ter ido até ali era lógico e ridículo.

Ao longo de décadas e séculos, desenvolveu não apenas um a reputação dentro da raça, m as um lugar para m achos e fêm eas que queriam o que ele tinha para oferecer. E assim que adquiriu aquela unidade, trouxe-os até seu buraco negro para um tipo m uito específico de sexo: ali, derram ava o sangue deles, fazia-os berrar e chorar, e, então, penetrava-os ou eles o penetravam .

Parou diante de sua m esa de trabalho; a velha m adeira estava surrada e m arcada não apenas por suas ferram entas, m as por sangue, orgasm os e cera de vela.

Deus, algum as vezes, a única m aneira de saber quão longe se tinha chegado era voltando ao local onde tinha com eçado.

Estendendo a m ão enluvada, pegou as tiras de couro grosso que usava para m anter onde queria aqueles a quem subm etia.

Costumava usar, corrigiu-se. Aquilo era passado; agora que tinha Jane, não fazia m ais aquelas coisas... não tinha m ais o im pulso para isso.

Olhando para a parede, avaliou sua coleção de brinquedos: chicotes, correntes e aram e farpado. Braçadeiras, m ordaças e lâm inas de barbear. Açoites. Quilôm etros de correntes.

Os j ogos que colocava em prática – *costumava* colocar – não eram para aqueles que tinham coração fraco, para iniciantes ou curiosos ocasionais. Para os verdadeiram ente subm issos, havia um a linha tênue entre a satisfação sexual e a m orte – os dois tiravam -lhe do controle, m as a últim a era seu disparo final – literalm ente. E ele era o m estre suprem o, capaz de levar os outros aonde precisavam chegar... E até m esm o um centím etro m ais longe. Era por isso que as pessoas vinham para ele.

Costumavam vir para ele...

Até ele, corrigiu-se.

Droga.

E foi por isso que o relacionam ento com Jane foi um a revelação. Com ela em

sua vida, não sentia a necessidade ardente por nada daquilo. Nem por aquele

relativo anonim ato, nem por aquele controle que exercia sobre seus subm issos,

nem pela satisfação que sentia ao infringir dor a si m esm o, nem pela sensação de

poder ou pelos intensos orgasm os.

Depois de todo aquele tem po, pensou que tinha sido transform ado.

Errado.

Ainda existia um interruptor interno nele e estava direcionado para a posição

em que se lia “ligado”. Por outro lado, o desej o de com eter m atricídio era m uito

estressante – principalm ente quando não se podia fazer nada em relação a isso.

V. inclinou-se e tocou um chicote de couro com bolas de aço inoxidável

am arradas em suas extrem idades. Quando o com prim ento passou entre os dedos

de sua m ão sem luvas, sentiu vontade de vom itar... parado ali, daquela m aneira,

desej ou oferecer qualquer coisa para obter um pouco daquilo que tinha antes...

Não, espere. Enquanto olhava sua m esa, revisou m entalm ente tudo aquilo.

Queria *ser* aquilo que teve. Antes de Jane, fazia sexo com o um dom inador, pois

era a única m aneira pela qual se sentia seguro o suficiente durante o ato – e parte

dele sem pre quis saber, especialm ente enquanto estalava o chicote, por assim

dizer, por que seus subm issos queriam aquilo que ele oferecia.

Agora tinha um a boa ideia do m otivo: o que m artelava dentro da pele deles era tão tóxico e violento que precisavam de um a válvula de escape que fosse aberta a partir de seu próprio corpo...

V. cam inhou até um a de suas velas pretas, sem se dar conta de que suas botas estavam atravessando o chão.

Então, a coisa colocou-se contra a palm a de sua m ão antes m esm o que percebesse que estava segurando. Sua vontade acendeu a cham a... e, em seguida, inclinou a ponta acesa em direção ao peito, a cera quente e negra atingiu a clavícula e escorreu para baixo de sua regata. Fechando os olhos, deixou a cabeça cair para trás enquanto soltava um silvo por entre suas presas.

Mais cera em sua pele nua, m ais fisgadas.

Quando com eçou a se sentir m uito excitado, m etade dele estava consciente e a outra sentia um barato total. Contudo, a m ão enluvada não teve problem as com essa dupla personalidade. Foi até o zíper da calça e liberou seu pênis.

À luz da vela, observou-se levando o obj eto para baixo e segurando-o sobre sua ereção... Em seguida, inclinou o pavio aceso para baixo.

Um a lágrim a negra deslizou livrem ente da fonte de calor e atingiu queda livre em direção a...

– *Droga...*

Quando suas pálpebras relaxaram o suficiente para que pudesse abri-las, olhou para ver a cera endurecida sobre a borda da cabeça de seu pênis, a pequena

linha abriu cam inho por onde a cera havia sido derram ada.

Dessa vez, gem eu profundam ente quando abaixou a ponta da vela, pois sabia o que estava por vir.

Mais gem ido. Mais cera. E um a m aldição dita em voz alta seguida por outro silvo.

Não havia necessidade de ficar sem ar. A dor era suficiente, o m ovim ento rítm ico ao longo do pênis disparava choques elétricos em seus testículos, nos m úsculos de suas coxas e nádegas. Periodicam ente, m ovia a cham a para cim a e para baixo para atingir as partes livres da carne, sua ereção pulava toda vez que era golpeada... até que sentiu que j á era o suficiente para as prelim inares.

Deslizando a m ão livre sobre o pênis, colocou-se em pé.

A cera atingiu exatam ente o lugar m ais sensível... e a forte agonia foi tão intensa que quase caiu no chão... m as o orgasm o salvou suas pernas de vacilarem e o poder do gozo o enrij eceu da cabeça aos pés.

A cera negra espalhou-se por toda parte.

Sobre sua m ão e suas roupas.

Assim com o nos velhos tem pos... exceto por um a coisa: havia um vazio.

Caram ba. Ah, espere... Isso tam bém fazia parte de representar o papel de Deus.

A diferença era que antes ele não sabia que havia outra coisa lá fora. Algo com o Jane...

O som do telefone tocando deu-lhe a sensação de um tiro na cabeça: m esm o

não sendo alto, o silêncio tinha sido quebrado com o um espelho e os cacos

m ostravam -lhe o reflexo daquilo que não queria ver – apesar do feliz

em parelham ento, estava li, em sua câm ara de perversão, m asturbando-se.

Recuou e arrem essou a vela para o outro lado da sala, a cham a extinguiu-se no

m eio do voo... única razão pela qual o m aldito lugar não foi incendiado.

E isso foi antes de ver quem estava ligando.

Sua Jane. Sem dúvida, com um relatório do hospital hum ano. Pelo am or de

Deus, um m acho de valor estaria do lado de fora da sala de cirurgia, esperando

sua irm ã acordar, apoiando sua com panheira. Ao invés disso, tinha sido excluído

daquilo por ter perdido o controle e foi até ali para passar um tem po de qualidade com sua cera negra e sua ereção.

Pressionou o botão *send* enquanto voltava a colocar seu pênis ainda ereto para

dentro da calça de couro.

– Sim .

Um a pausa. Durante a qual ele teve de se lem brar que ela não conseguia ler

m entes e agradeceu m uito por isso. Cristo, o que foi aquilo que tinha acabado de

fazer?

– Você está bem ? – ela disse.

Nem um pouco.

– Sim . Com o está Pay ne? – Por favor, que as notícias não sej am ruins.

– Ah... ela conseguiu passar por tudo. Estam os voltando ao com plexo. Ela reagiu bem e Wrath a alim entou. Os sinais vitais estão estáveis e parece estar relativam ente confortável, em bora não se possa dizer qual será o resultado a longo prazo.

Vishous fechou os olhos.

– Pelo m enos ela ainda está viva.

Houve um longo m om ento de silêncio, quebrado apenas pelo zum bido calm o do veículo no qual ela estava viaj ando.

Em determ inando m om ento, Jane disse:

– Pelo m enos passam os pelo prim eiro obstáculo e a operação correu tão bem quanto possível... Manny foi brilhante.

V. ignorou o com entário criteriosam ente.

– Algum problem a com a equipe do hospital?

– Não. Phury colocou sua m ágica em prática. Mas no caso de haver deixado alguém ou algum a coisa passar, acho que seria um a boa ideia m onitorar o sistem a de registros por um tem po.

– Vou cuidar disso.

– Quando vai voltar para casa?

V. teve de cerrar os dentes quando term inou de fechar a calça. Em m ais ou m enos m eia hora, suas bolas estariam tão azuis quanto o fundo das estrelas na

bandeira am ericana: apenas um a vez nunca era o suficiente para ele. Precisava de cinco ou seis vezes para conseguir aquilo que necessitava em um a noite com um ... e não havia nada de com um naquele m om ento.

– Você está na cobertura? – Jane disse em voz baixa.

– Sim .

Houve um a pausa tensa.

– Sozinho?

Bem , a vela era um obj eto inanim ado.

– Sim .

– Está tudo bem , V. – ela m urm urou. – Pode pensar com o está pensando agora.

– Com o sabe o que há em m inha m ente?

– Por que haveria outra coisa dentro dela?

Deus... que fêm ea de valor.

– Eu te am o.

– Eu sei. E posso dizer o m esm o. – Pausa. – Gostaria que... houvesse outra pessoa aí com você?

A dor na voz dela foi quase eclipsada pelo autocontrole, m as para ele a em oção soava tão alta e clara que parecia estar sendo em itida em um m egafone.

– Isso é passado, Jane. Confie em m im .

– Eu confio. Não há dúvida disso. Cortaria sua m ão boa para que eu acreditasse em você.

Então, por que perguntou?, pensou enquanto fechava os olhos e abaixava a cabeça. Bem , era óbvio. Ela o conhecia m uito bem .

– Deus... Eu não a m ereço.

– Sim , m erece. Volte para casa. Vej a sua irm ã...

– Tem razão em m e dizer o que fazer. Desculpe, fui um idiota.

– Tem o direito de ser. Tudo isso é m uito estressante...

– Jane?

– Sim ?

Tentou form ar palavras, m as falhou; o silêncio estendeu-se entre eles outra vez. Maldição, não im portava o quanto tentasse j untar frases, parecia que não existia um a com binação m ágica de sílabas para expressar corretam ente o que ele estava sentindo.

Por outro lado, talvez fosse m enos culpa do vocabulário e m ais do que tinha acabado de fazer consigo m esm o: sentia com o se tivesse de confessar algo, m as não conseguia.

– Venha para casa – Jane interrom peu. – Venha vê-la e se eu não estiver na clínica, procure-m e.

– Tudo bem . Eu vou.

– Vai ficar tudo bem , Vishous. E precisa se lem brar de um a coisa...

– Do quê?

– Sei com o que eu m e casei. Sem quem é você. Não há nada que vá m e chocar. Agora, desligue o telefone e vá para casa.

Depois que ele disse até logo e pressionou o botão *end*, não teve certeza sobre a coisa de “nada vai m e chocar”. Tinha surpreendido a si m esm o naquela noite e não foi no bom sentido.

Colocando o telefone de lado, enrolou um cigarro e tateou os bolsos para encontrar um isqueiro, antes que levasse aquele lixo que era de volta ao centro de treinam ento.

Olhou ao redor e observou um a daquelas m alditas velas negras. Sem qualquer outra opção, aproxim ou-se e inclinou-se para acender o cigarro.

Voltar ao com plexo da Irm andade era a coisa certa a se fazer, um plano bom e sólido.

Pena que aquilo lhe dava vontade de gritar até perder a voz.

Depois que term inou de fum ar, quis apagar as velas e ir para casa. Quis m esm o.

Mas não foi o que fez.

Manny estava sonhando. Só podia ter sido isso.

Tinha um a vaga ideia de que estava em seu escritório, deitado de bruços sobre

o sofá de couro onde cochilava regularm ente. Com o sem pre, havia um uniform e

cirúrgico enrolado sob a cabeça com o um travesseiro e tirara o tênis.

Tudo isso era norm al, com o de costum e.

Só que sua pequena soneca distorceu tudo... e, de repente, não estava sozinho.

Estava sobre um a m ulher...

Quando recuou surpreso, ela o encarou com olhos claros com o o gelo, m as

que estavam extrem am ente quentes.

– Com o chegou aqui? – perguntou com voz rouca.

– Estou em sua m ente – seu sotaque era estranho e m uito sensual. – Estou

dentro de você.

Então, percebeu que, sob seu corpo, ela estava nua e m uito quente... e santo

Deus, m esm o com toda aquela confusão, ele a desej ava.

Era a única coisa que fazia algum sentido ali.

– Ensine-m e – ela disse de m aneira som bria, com os lábios entreabrindo-se e

os quadris m ovim entando-se sob ele. – Possua-m e.

A m ão dela m oveu-se entre os dois e encontrou a ereção de Manny. Fez ele

gem er ao acariciá-la.

– Estou vazia sem você – ela disse. – Preencha-m e. *Agora*.

Com um convite assim , não pensou sequer um segundo. Tateando, puxou o

uniform e para baixo de suas coxas e, então...

– Oh, caram ba... – gem eu quando seu pênis deslizou em direção ao núcleo escorregadio da m ulher.

Um m ovim ento a m ais e estaria m ergulhado profundam ente dentro dela, m as forçou-se a não violar seu sexo naquele m om ento. Queria beij á-la prim eiro e, m ais precisam ente, faria isso direito, pois... ela nunca tinha sido beij ada antes...

Por que ele sabia disso?

Quem se im portava?

E a boca não seria a única coisa a tocar com seus lábios.

Afastando-se um pouco, correu os olhos pelo pescoço dela, até sua clavícula... e percorreu ainda m ais abaixo – ou ao m enos tentou.

Foi aí que viu o prim eiro sinal de que algo estava errado. Em bora pudesse enxergar cada detalhe de seu rosto forte e belo e de seu longo cabelo negro trançado, a visão de seus seios estava nublada e perm aneceu assim : não im portava o quanto ele forçasse os olhos, não havia nitidez. Mas, de qualquer m aneira, era perfeita para ele, não im portava a aparência.

Perfeita *para ele*.

– Beij e-m e – ela suspirou.

Os quadris dele sentiram um im pulso ao som de sua voz e quando sua ereção deslizou sobre o centro dela, o atrito o fez gem er. Deus, a sensação dela pressionando seu órgão, de seu pênis dividindo-a e enterrando-se nela, procurando por aquele doce local...

– Curandeiro – gem eu ao arquear-se para trás, sua língua saindo e deslizando-se sobre o lábio inferior... Presas.

As duas pontas brancas eram presas e ele congelou: aquele ser que estava em baixo dele, pronto para recebê-lo, não era hum ano.

– Ensine-m e... possua-m e...

Vampira.

Ele deveria ficar chocado e aterrorizado. Mas não ficou. De qualquer form a, aquilo que ela era incitava-lhe um desej o ainda m aior de penetrá-la, com um desespero que o fazia suar. E havia algo m ais... aquilo provocava nele um desej o de m arcá-la.

Não im portava o que aquilo quisesse dizer.

– Beij e-m e, curandeiro... e não pare.

– Não vou parar – ele gem eu. – Não vou parar nunca.

Quando ele inclinou a cabeça para levar seus lábios aos dela, seu pênis explodiu, o orgasm o que saiu dele espalhou-se sobre ela...

Manny acordou com um suspiro alto o suficiente para acordar os m ortos.

E ah, droga, estava ereto, seus quadris rangendo o sofá enquanto m em órias nebulosas e deliciosas de sua am ante virgem faziam com que ainda sentisse as m ãos dela sobre toda sua pele. Caram ba, em bora fosse claro que o sonho tivesse acabado, o orgasm o continuou vindo até que precisou cerrar os dentes e apertar

um dos j oelhos, o latej ar do pênis bom beou um a onda de energia aos pesados m úsculos de suas coxas e peito, até não conseguir respirar.

Quando tudo acabou, j ogou o rosto sobre as alm ofadas e fez o m elhor que pôde para conseguir respirar um pouco, porque tinha a sensação de que a segunda rodada aconteceria m uito em breve. Os tentáculos do sonho o atorm entavam e faziam com que desej asse voltar àqueles m om entos que não existiram , m as que, ainda assim , pareceram tão reais quanto a consciência do que sentia agora. Alcançando seus bancos de m em ória, puxou os arquivos de onde tinha estado, trazendo a fêm ea de volta ao...

A dor de cabeça que se chocou contra suas têm poras o nocauteou... com certeza, se não estivesse na horizontal, teria caído com tudo no chão.

– Droooooga...

A dor era im pressionante, com o se alguém tivesse m artelado o seu crânio com um tubo de chum bo, e isso foi um pouco antes de conseguir reunir forças para virar-se e tentar se sentar.

A prim eira tentativa em colocar-se na vertical não foi m uito boa. A segunda só foi bem -sucedida por que apoiou os braços ao lado do tronco para im pedi-lo de cair novam ente. Quando sua cabeça ficou pendurada em seus om bros com o um

balão sem ar, olhou o tapete oriental e esperou até sentir que conseguiria percorrer o traj eto até o banheiro para tom ar algum analgésico.

Tinha m uito aquelas dores de cabeça, pouco antes de Jane ter m orrido...

Pensar em sua antiga chefe do departam ento de traum atologia trouxe nova onda de dores que o faziam desej ar que alguém atirasse em sua cabeça.

Respirar superficialm ente e com o propósito de pensar em nada, absolutam ente coisa nenhum a, de algum a form a aj udou-o a enfrentar o ataque.

Quando a m aior parte da agonia passou, experim entou levantar a cabeça... Apenas para sentir se era o caso de um a pequena m udança de altitude provocar outro ataque.

O relógio antigo atrás de sua m esa m arcava quatro e dezesseis.

Quatro da manhã? Que diabos andou fazendo desde que saiu da clínica veterinária?

Ao fazer um a retrospectiva, lem brou-se de que tinha saído do Queens depois de deixar Glory para trás e sua intenção era ir para casa. Estava claro que não fora isso o que acontecera. E não fazia ideia de quanto tem po tinha perm anecido dorm indo em seu escritório. Olhando para o uniform e cirúrgico, viu que havia gotas de sangue aqui e ali... e seus tênis estavam dentro da bota azul, que sem pre colocava para operar. Parece que tinha trabalhado em algum paciente.

Um novo surto de dor eclodiu em sua m ente, fazendo com que tensionasse cada m úsculo de seu corpo e lutasse por controle. Percebendo que a resposta

física era sua única aliada, deixou de lado todos os processos cognitivos enquanto

respirava lenta e uniform em ente.

Concentrando-se no relógio, viu o ponteiro m arcar dezessete... depois dezoito...

depois dezenove...

Vinte m inutos depois, finalm ente, conseguiu levantar-se e dirigir-se com um

im pulso até o banheiro. O interior do côm odo era m uito luxuoso, ao estilo Ali

Babá, com um a quantidade de m árm ore, cristal e bronze suficiente para deixar o

local digno de um castelo – m as, naquela noite, todo aquele brilho fez com que

ele soltasse um palavrão.

Abrindo a porta de vidro do box, acionou as torneiras e, em seguida, voltou-se

para a pia, abriu a porta do arm ário onde havia o espelho e pegou o frasco do

rem édio. Cinco com prim idos de um a vez eram m ais do que a dose

recom endada, m as ele era um m édico, droga, e estava prescrevendo a si m esm o

a tom ar m ais de dois.

A água quente foi um a bênção, tirando não apenas os rem anescentes daquele

orgasm o incrível, m as tam bém a tensão das últim as doze horas. Deus... Glory.

Esperava do fundo do coração que estivesse bem . E aquela fêm ea que tinha

ope...

Quando sentiu um a nova pontada se aproxim ando, afastou qualquer

pensam ento que estava prestes a iniciar com o se fosse veneno e focou-se apenas

na m aneira com o a ducha atingia sua nuca e om bros, caindo pelas costas e peito.

Seu pênis estava ereto, bem duro m esm o.

A ironia de que a m aldita coisa continuava toda alegrinha, apesar do fato de

sua cabeça e outras partes do corpo estarem totalm ente vacilantes, não era

m otivo de riso. A últim a coisa que tinha vontade de fazer era praticar m ais alguns

exercícios com a palm a da m ão, m as tinha a sensação de que aquela ereção que

exibia perm aneceria ali com o um a escultura no gram ado: duraria por tem po

indeterm inado até que desse um j eito nisso.

Quando o sabonete escorregou do suporte de bronze e caiu em seu pé com o

um a bigorna, ele am aldiçoou e deu um pulo... então, abaixou-se e o apanhou.

Escorregadio. Oh, tão escorregadio.

Depois de colocar o sabonete em seu lugar, deslizou a m ão para o sul e

agarrou seu pênis. Quando com eçou a roçar sua m ão para cim a e para baixo,

aquela coisa toda envolvendo água quente e sabão foi m uito eficiente, m as, ainda

assim , um m au substituto para aquilo que tinha acontecido sobre aquela m ulher...

Um a dor aguda, precisa, diretam ente em seu lóbulo frontal.

Deus, era com o se tivesse soldados arm ados cercando qualquer pensam ento

sobre ela.

Com um a m aldição, calou seu cérebro, pois sabia que tinha de term inar aquilo que havia iniciado. Apoiando um braço contra a parede de m árm ore, deixou a cabeça cair enquanto bom beava a si m esm o. Sem pre teve um forte im pulso sexual, m as aquilo era totalm ente diferente: um desej o perfurando qualquer cam ada de civilidade e percorrendo o âm ago do seu ser era um a novidade total.

– Droga... – Quando o orgasm o o atingiu, rangeu os dentes e apoiou-se contra as paredes úm idas do banheiro. A liberação foi tão forte quanto aquela que teve no sofá, causando espasm os pelo corpo até que o pênis não era o único a m over-

se de m aneira incontrolável: cada m úsculo parecia estar envolvido no gozo e teve

de m order os lábios para não gritar.

Quando a sessão de m asturbação finalm ente term inou, seu rosto estava esm agado contra o m árm ore e respirava com o se tivesse atravessado Caldwell correndo.

Ou talvez tivesse corrido até o Canadá.

Voltando a colocar-se sob a ducha, lavou-se outra vez e saiu, pegando um a toalha e...

Manny olhou para os quadris.

– Ah! Está de brincadeira?

Seu pênis estava tão ereto quanto da prim eira vez: destem ido. Orgulhoso e forte com o apenas um idiota poderia ser.

Que sej a. Tinha term inado o serviço com ele.

Se acontecesse o pior, poderia sim plesm ente esconder a m aldita coisa em suas calças. Era óbvio que o m étodo de “aliviá-lo” não estava funcionando e estava esgotado. Que inferno, será que ia pegar um a gripe ou coisa assim ? Só Deus sabia, trabalhando em um hospital poderia contrair várias coisas.

Incluindo am nésia, evidentem ente.

Manny envolveu um a toalha em torno de si e saiu para o escritório... apenas para ficar congelado. Havia um arom a estranho im pregnado no ar... algum a coisa parecida com ... especiarias escuras?

Não era sua colônia, isso com certeza.

Atravessando o tapete oriental com seus pés nus, abriu a porta e se inclinou. Os escritórios adm inistrativos estavam escuros e vazios e o cheiro não vinha de nenhum lugar dali.

Franzindo a testa, olhou para o sofá. Mas sabia m uito bem que se apenas pensasse naquilo que tinha acabado de acontecer, ficaria excitado.

Dez m inutos depois, estava vestido em uniform es cirúrgicos lim pos e tinha se barbeado. O Sr. Feliz da Vida, que ainda estava ereto com o um m onum ento nacional, estava preso a sua cintura e am arrado no lugar com o o anim al que era.

Quando pegou sua bolsa e a m ala que havia usado na viagem , estava totalm ente

pronto a deixar o sonho, a dor de cabeça e toda aquela m aldita noite para trás.

Após passar em frente às portas dos escritórios de departam entos cirúrgicos,

desceu de elevador até o terceiro andar, onde localizavam -se as salas de cirurgia.

Os m em bros de sua equipe estavam ocupados com suas tarefas, operando em

casos de em ergência, lidando com a instalação ou o transporte de alguns

pacientes, lim pando, preparando. Acenou para as pessoas, m as não falou m uito...

Então, até onde sabiam , nada de diferente estava acontecendo. O que era um

alívio.

E ele quase conseguiu chegar ao estacionam ento sem perder essa sensação.

Contudo, não foi m ais possível seguir sua estratégia quando chegou aos quartos

de recuperação. Queria sair correndo por entre eles, m as seus pés o detiveram e

sua m ente se agitava... de repente, sentiu-se obrigado a seguir em direção a um

deles. Enquanto seguia o im pulso, sua dor de cabeça retornava à vida com todas

as forças, m as ele deixou que continuasse ao entrar em um a sessão isolada que

estava no cam inho da saída de incêndio.

A cam a contra a parede estava im pecável, os lençóis tão bem colocados que

pareciam ter sido passados a ferro contra o colchão. Não havia anotações da

equipe no quadro branco, nenhum alerta sonoro de algum a m áquina, nenhum

com putador conectado.

Mas o arom a de antisséptico exalava no ar. E tam bém um perfum e...?

Alguém havia estado ali. Alguém que ele tinha operado, naquela noite.

E ela tinha...

A agonia o esm agou, Manny m oveu-se e perdeu o equilíbrio, segurando no batente da porta e inclinando-se para m anter-se em pé. Quando sua enxaqueca, ou o que quer que fosse, piorou, teve de se curvar.

Foi quando ele viu.

Franzindo o cenho contra a dor, tropeçou na m esa de cabeceira e aj oelhou-se. No chão, tateou o espaço até encontrar o cartão dobrado.

Sabia o que era antes m esm o de olhar para a coisa, e, por algum a razão, quando o apanhou, seu coração partiu pela m etade. Segurando com força, olhou para seu nom e, título, endereço do hospital, telefone e fax im pressos ali. Com sua letra, no espaço em branco à direita do logotipo do Hospital São Francisco, havia escrito seu núm ero de celular.

Cabelos. Cabelos escuros trançados. Suas m ãos desfaziam a trança...

– Filho da m ãe... – Apoiou a palm a de um a das m ãos no chão, m as não teve j eito e acabou caindo, atingindo o chão de linóleo com força antes de rolar de costas. Quando balançou a cabeça e deixou-a tensa contra a agonia, sabia que suas pálpebras estavam arregaladas, m as não dava a m ínim a se não conseguia ver nada.

– Chefe?

Ao som da voz de Goldberg, o franco-atirador em suas têm poras deu um

tem po, com o se seu cérebro tivesse estendido a m ão para o auditório salva-vidas

e tivesse sido arrastado para longe dos tubarões, ao m enos, tem porariam ente.

– Ei – ele gem eu.

– Você está bem ?

– Sim .

– Dor de cabeça?

– Nem um pouco.

Goldberg riu brevem ente.

– Olha, tem algum a coisa acontecendo. Tive quatro enferm eiras e dois

adm inistradores que caíram ao chão assim com o você. Cham ei um a equipe

extra e m andei os outros para casa, para descansarem .

– Bem inteligente da sua parte.

– Adivinhe o que vou dizer agora.

– Não diga nada. Estou indo, estou indo. – Manny forçou-se a se sentar e,

então, quando se sentiu pronto, conseguiu levantar-se usando os trilhos da cam a

do hospital.

– Deveria estar de folga neste fim de sem ana, chefe.

– Eu voltei. – Felizm ente, Goldberg não perguntou sobre os resultados da

corrida de cavalos. Por outro lado, não sabia que participava de algo assim para perguntar. Ninguém fazia ideia de quais eram as atividades de Manny fora do

hospital, e isso se devia, em grande parte, a ele nunca achar que houvesse algo

m ais im portante com parado ao que faziam no hospital.

Por que a vida dele parecia tão vazia de repente?

– Precisa de um a carona? – o chefe da traum atologia perguntou.

Deus, sentia falta de Jane.

– Ah... – qual foi a pergunta? Oh, certo. – Tom ei alguns analgésicos... vou ficar

bem . Mande um a m ensagem se precisar de m im . – Na saída, bateu no om bro de

Goldberg. – Fica responsável por tudo até am anhã, às sete da m anhã.

A reação de Goldberg não foi registrada.

Aquela falta de m em ória j á parecia ser sua trilha sonora. Manny não

conseguia entender nada ao se dirigir à ala norte de elevadores e descer até o

estacionam ento... Era com o se a últim a rodada do ataque tivesse derrubado tudo,

m enos o tronco cerebral. Saindo, colocou um pé na frente do outro até que

conseguiu chegar à vaga que lhe era designada...

Onde diabos estava seu carro?

Olhou em volta. Todos os chefes em atividade tinham lugares m arcados no

estacionam ento e seu Porsche não estava na vaga que era dele. As chaves

tam bém não estavam no bolso do terno.

A única boa notícia era que enquanto ficava realm ente irritado, a dor de cabeça cessou com pletam ente... contudo, era óbvio que aquilo era resultado do analgésico.

Onde. Diabos. Foi. Parar. Meu carro?!

Cara, não se podia apenas abaixar a j anela, ligar o carro, engatar a em breagem e sair. Era necessário passar o cartão que guardava em sua... A carteira tinha ido em bora tam bém .

Ótim o. Era tudo o que precisava: um a carteira roubada, um Porsche a cam inho de um a loj a de desm anche ilegal e um passeio até a polícia.

Não havia um gabinete de segurança no estacionam ento, então, ele resolveu ir andando em vez de ligar, pois, caram ba, seu celular tinha sido levado tam bém , que droga...

Ele engoliu em seco, então parou. No m eio do cam inho para a saída, na fila onde pacientes e fam ílias estacionavam , havia um Porsche 911 Turbo. Do m esm o ano que o dele. Mesm os adesivos na j anela traseira.

Mesm o núm ero de placa.

Aproxim ou-se do autom óvel com o se houvesse um a bom ba instalada dentro dele. As portas estavam destrancadas e foi cauteloso ao acom odar-se no banco do m otorista.

Sua carteira, chaves e celular estavam sob o assento dianteiro.

– Doutor? O senhor está bem ?

Ceeerto. Parece que havia duas canções na trilha sonora daquela noite: nada de m em órias e pessoas fazendo a única pergunta que ele não conseguiria

responder com sinceridade.

Erguendo o olhar, perguntou-se o que exatam ente ele poderia dizer ao

segurança: ei, alguém deixou algum brinquedinho m eu nos Achados e Perdidos?

– O que está fazendo estacionado aqui? – o cara de uniform e azul perguntou.

Não faço ideia.

– Alguém estava na m inha vaga.

– Caram ba, deveria ter ligado, am igo. Daríam os um j eito nisso rapidinho.

– Você é o m elhor – ao m enos isso não era um a m entira.

– Bem , cuide-se... e descanse. Não parece m uito bem .

– Excelente conselho.

– Eu deveria ser m édico. – O guarda levantou a lanterna form ando um a onda

no ar. – Boa noite.

– Boa noite.

Manny entrou em seu Porsche fantasm a, ligou o m otor e engatou a ré. Ao

dirigir em direção à saída do estacionam ento, tirou seu cartão de acesso e usou-o

sem problem as para abrir o portão. Então, j á na Avenida São Francisco, virou à

direita e dirigiu-se ao centro, para o Com m odore.

Enquanto guiava, tinha certeza de um a coisa e de apenas um a coisa: estava

perdendo sua tão prezada sanidade.

C A P ÍTU LO 12

V. já deveria estar em casa, Butch pensou, enquanto observava o Buraco.

– Deveria estar aqui – Jane disse atrás dele. – Disse-lhe para fazer isso há quase um a hora.

– É verdade, é verdade – Butch m urm urou ao checar o relógio de pulso. Outra vez.

Levantou do sofá de couro e contornou a m esa de café, dirigindo-se à instalação de com putadores do seu m elhor am igo. Os Quatro Brinquedos, com o eram cham ados aqueles aparelhos de alta tecnologia, valiam pelo m enos uns cinquenta m il... e isso era tudo o que Butch sabia sobre eles.

Bem , isso e com o usar o *mouse* para localizar o chip de GPS instalado no telefone de V.

Não havia razão para com eçar do zero. O endereço lhe disse tudo o que precisava saber... e a inform ação tam bém provocou um a reviravolta em seu estôm ago.

– Ele ainda está no Com m odore.

Quando Jane não disse nada, Butch afastou o olhar dos m onitores. A *shellan* de Vishous estava parada próxim a à m esa de pebolim , com os braços cruzados sobre o peito, o corpo e perfil tão translúcidos que era possível ver a cozinha através dela. Depois de um ano, tinha se acostum ado bem com suas várias

form as e aquela indicava que estava pensando com afinco em algum a coisa: sua concentração consum ia outros obj etivos que não incluíam perm anecer corpórea.

Butch estava disposto a apostar que estavam pensando a m esm a coisa: o fato de V. ficar no Com m odore até m ais tarde, m esm o sabendo que sua irm ã tinha acabado de ser operada e que estava bem ali no com plexo, era estranho – especialm ente se considerassem o hum or do Irm ão, e seus extrem os.

Butch foi até o arm ário e pegou o casaco de cam urça.

– Existe algum a chance de você... – Jane parou e riu um pouco. – Leu m eus pensam entos.

– Vou trazê-lo de volta. Não se preocupe.

– Certo. Tudo... bem . Acho que vou ficar com Pay ne.

– Boa ideia – a resposta rápida ia além dos benefícios clínicos que a irm ã de V. teria com a presença da m édica a seu lado... e achava que Jane sabia disso.

Claro, ela não era estúpida.

E só Deus sabia o que iria encontrar no apartam ento de V. Odiaria pensar no cara traindo-a com algum a vadia, m as as pessoas com etiam erros, especialm ente quando estavam sob pressão. Era m elhor que alguém , que não fosse Jane, desse um a olhada no que poderia estar acontecendo.

Dirigindo-se à saída, deu a ela um abraço rápido... o qual ela retribuiu im ediatam ente, solidificando-se e apertando-o de volta.

– Espero que... – ela não term inou a sentença.

– Não se preocupe – disse a ela, m entindo sem receio.

Um m inuto e m eio depois, estava atrás do volante do Escalade e dirigia com o um m orcego saído do inferno. Em bora vam piros pudessem se desm aterializar, Butch era um m estiço e, com o tal, o truque m ágico não estava em seu repertório.

O bom era que não tinha problem as em quebrar o lim ite de velocidade, em pedaços.

O centro de Caldwell ainda estava adorm ecido quando chegou lá e, ao contrário do que se via em um dia útil, quando os cam inhões de entrega estavam operando e as pessoas com eçavam a se dirigir para o trabalho bem cedo, antes de o sol nascer, o lugar era um a cidade fantasm a. Dom ingo era um dia de descanso – ou para entrar em colapso, dependendo do quanto se trabalhava, ou se bebia.

Quando era detetive de hom icídios do Departam ento de Polícia de Caldwell, fam iliarizou-se com o ritm o diurno – e noturno – daquele labirinto de becos e edifícios. Conhecia os lugares onde os corpos geralm ente eram desovados ou ocultados e os m aus elem entos que faziam do assassinato um a profissão ou um entretenim ento.

Fez m uitas viagens com o aquela, em um a corrida m ortal, sem fazer ideia do que estava procurando. No entanto... quando com parava e pensava em seu novo trabalho inalando *redutores* com a Irm andade... Sentia a m esm a sensação da

onda de adrenalina que o percorria e do conhecim ento cruel que a m orte o aguardava.

E, assim , estava apenas a dois quarteirões do Com m odore quando seu sentido aguçado disse-lhe que havia algo específico prestes a acontecer... *redutores*.

O inim igo estava próxim o, e havia um bom núm ero deles.

Não era instinto; era conhecim ento. Desde que Ôm ega tinha feito aquilo com ele, tinha sido um a varinha de condão que indicava a localização do inim igo e, em bora odiasse aquele m al dentro dele e não conseguisse praticar sua habilidade

várias vezes seguidas, era um a arm a letal naquela guerra.

Era a profecia *Dhestroyer* m anifestada.

Com a nuca form igando freneticam ente, estava algem ado entre dois polos: a guerra e seu Irm ão. Após um período no qual a Sociedade Redutora tinha se acalm ado um pouco, havia assassinos surgindo em toda cidade; o inim igo deu um a de Lázaro, ressurgindo dos m ortos, e renovou-se com novos m em bros.

Logo, era m uito provável que um de seus Irm ãos estivesse tendo um fim de noite

especial com o inim igo... nesse caso, logo entrariam em contato com ele para que cum prisse seu dever.

Caram ba, será que era V.? Isso explicaria ficar fora até m ais tarde.

Droga, talvez não fosse tão terrível quanto estavam im aginando. Com certeza estava próxim o o suficiente do Com m odore para j ustificar a leitura do GPS e,

quando se está em um a luta m ano a m ano, não tem com o pressionar um botão de *pausa* e enviar um a m ensagem de texto dando um a previsão de quando chegaria em casa.

Quando Butch dobrou a esquina, os faróis do Escalade viraram -se para um a passagem longa e estreita, que era o equivalente urbano de um cólon: os edifícios de tij olos que form avam suas paredes estavam suj os e suados e a pista de asfalto pontuada por poças im undas.

– Mas que... porcaria é essa? – sussurrou. Tirando o pé do acelerador, inclinou-se sobre o volante... com o se aquilo m udasse o que estava vendo.

Na outra extrem idade, um a luta estava em andam ento, três *redutores* enchiam de pancadas um único oponente, que não estava revidando.

Butch estacionou o carro e saiu rapidam ente do banco do m otorista, percorrendo o asfalto em um a corrida m ortal. Os assassinos tinham form ado um triângulo ao redor de Vishous e o idiota, filho da m ãe, estava virando-se lentam ente em círculos, m as não para golpear ou tentar se proteger. Deixava cada um deles ter um a chance com ele... e tinham correntes.

Sob a luz am arelada da cidade, o sangue verm elho escorria no couro preto e o corpo m aciço de V. absorvia os golpes dos elos que voavam ao redor dele. Se quisesse, poderia agarrar as extrem idades daquelas correntes, puxar os assassinos

e dom inar o ataque... não eram nada além de novos recrutas que ainda tinham a cor dos olhos e cabelos inalterada, ratos de rua que haviam sido induzidos há pouco m ais de um a hora.

Meu Deus, considerando o autocontrole de V., poderia ter se concentrado e se desm aterializado para fora do ringue se quisesse.

Em vez disso, estava em pé com os braços erguidos colocados sobre os om bros, de m odo que não havia barreira entre os im pactos e seu tronco.

O idiota desgraçado ia acabar parecendo um a vítim a de acidente de carro se continuasse com aquilo – ou pior.

Aproxim ando-se da pancadaria, Butch correu, pulou e desabou sobre o assassino m ais próxim o. Quando um deles atingiu a calçada, agarrou um punhado de cabelos escuros, puxou-o para trás e cortou profundam ente a garganta. Sangue negro j orrou da j ugular e espirrou ao redor do local, m as não havia tem po para virar o assassino e inalar a essência de seus pulm ões – deixaria

a hora da lim peza para depois.

Butch ficou em pé com um salto e pegou a extrem idade de um a corrente que voava pelo ar. Dando um forte puxão, inclinou-se para trás e im pulsionou o corpo, alavancando o *redutor* para fora da sessão de flagelo e atirou-o num a lixeira girando com o o Diabo da Tasm ânia.

Enquanto o m orto-vivo via estrelas e transform ava-se em um tapete de boas-

vindas para os próxim os lixos arrem essados ali, Butch virou-se e estava pronto para acabar com aquela coisa... só que... Mas que surpresa! V. decidiu acordar e dar conta do negócio. Mesm o o Irm ão estando claram ente ferido, tinha um a força considerável quando chutou e atacou com suas presas expostas. Cortando a distância com aqueles dentes alongados, m ordeu o om bro do *redutor* e agarrou-se a ele com o um buldogue, em seguida, golpeou o intestino do filho da m ãe com

a adaga negra.

Enquanto toda aquela questão intestinal atingia o pavim ento em um a bagunça desleixada, V. soltou a m ordida e deixou o assassino cair esparram ado, e então, não sobrara nada além de respiração crua e superficial.

– Que diabos... você... estava... fazendo? – Butch exclam ou.

V. dobrou-se pela cintura e apoiou as m ãos sobre os j oelhos, m as era evidente que aquilo não tinha sido alívio suficiente para a agonia que havia dentro dele: a próxim a coisa que Butch viu foi o Irm ão caindo de j oelhos ao lado do assassino

que tinha estraçalhado e sim plesm ente... suspirar.

– Responda-m e, idiota – Butch estava tão irritado, que estava prestes a chutar a cabeça do filho da m ãe. – Que *porcaria* é essa que está fazendo?

Quando um a chuva fria com eçou a cair, sangue verm elho escorreu da boca de V. e ele tossiu algum as vezes. Isso foi tudo.

Butch passou um a das m ãos pelo cabelo m olhado e ergueu o rosto para o céu.

Quando gotas finas salpicaram sua testa e bochechas, a bênção do refrescam ento

de algum a form a acalm ou-o. Mas não fez nada para aliviar o vazio em seu

estôm ago.

– Até onde ia perm itir que aquilo chegasse, V.?

Não queria um a resposta; sequer estava falando com seu m elhor am igo.

Estava apenas olhando o céu noturno com suas estrelas desbotadas e a vasta

extensão m isteriosa, na esperança de obter algum a força. E, então, deu-se conta.

Alguns pontos de brilho fraco que havia acim a deles não vinham apenas das luzes

da cidade... o sol estava prestes a flexionar seus bíceps brilhantes e ilum inar toda

aquela parte do m undo.

Tinha de agir rápido.

Enquanto Vishous cuspia outro coágulo de sangue no asfalto, Butch concentrou-

se na adaga que estava em sua m ão. Não havia tem po para inalar os assassinos,

m as esse não era o ponto: depois de acabar sua tarefa com o *Dhestroyer*, tinha de

ser curado por V. ou se revolveria na terra enquanto Ôm ega continuava a

consum i-lo. Mas, agora? Mal conseguia confiar em si m esm o para se sentar ao

lado do Irm ão na volta para casa.

Pelo am or de Deus, V. queria um a boa surra?

Bem , sentia com o se o desgraçado fosse lhe dar um a.

Enquanto Butch esfaqueava o *redutor* com o vazam ento intestinal, enviando-o de volta a Ôm ega, Vishous sequer piscou com o estalo e o brilho que surgiram ao

lado dele. E não percebeu quando Butch aproxim ou-se do que estava com o

pescoço fatiado, fazendo-o desaparecer.

O últim o assassino foi o Garoto do Lixo, que tinha conseguido j untar forças

suficientes para erguer-se na lata, que era do tam anho de um carro, e pendurar-

se na borda com o um zum bi.

Correndo, Butch levantou a adaga acim a do om bro, pronto para...

Quando estava prestes a golpeá-lo, um arom a pairou em seu nariz, algo que

*

não era apenas a *eau1 d'* inim igo... m as outra coisa. Algo com o que estava m uito fam iliarizado.

Butch term inou de dar a facada e, quando a cham a desvaneceu, olhou para o

topo da caçam ba. Um a das m etades da tam pa estava fechada; a outra estava

pendurada, torta para o lado de fora, com o se tivesse sido descascada por um

cam inhão, e a tênue luz que o farol em itia não fosse suficiente para passar por

ela. Aparentem ente, o edifício cuj a caçam ba servia abrigava algum tipo de

m etalurgia, pois havia um em aranhado de m etal dentro dela, parecendo um a

peruca m uito louca de Halloween...

E, dentre esses m etais, havia algo pálido e suj o com dedos pequenos e finos...

– Droooga – ele sussurrou.

Anos de treinam ento e experiência fizeram -no voltar aos tem pos de detetive, m as teve de se lem brar que não havia m ais tem po para ele naquele beco. O am anhecer estava chegando e se não conseguisse term inar o que estava fazendo e voltar para o com plexo, seria transform ado em fum aça.

Além disso, seus dias com o policial tinham passado há m uito tem po.

Aquilo era assunto hum ano. Não dizia m ais respeito a ele.

Com um hum or horrível, correu para o carro, ligou o m otor e acelerou, apesar da distância a ser percorrida resum ir-se a apenas vinte m etros. Quando pisou no freio, o Escalade guinchou e derrapou no asfalto úm ido, parando apenas a um m etro do corpo dobrado de V.

Enquanto o lim pador do para-brisa do autom óvel m ovia-se para lá e para cá, Butch desceu a j anela do lado do passageiro.

– Entre no carro – ordenou, olhando para frente.

Nenhum a resposta.

– Entre nesse *maldito* carro.

De volta à clínica da Irm andade, Pay ne escontrava-se em outro quarto que não aquele onde estava antes e, m esm o assim , tudo parecia diferente: estava deitada im óvel em um a cam a que não era sua em um estado de agitação im potente.

A única diferença era que agora seu cabelo estava solto.

Quando pensam entos sobre seus últim os m om entos com seu curandeiro invadiram sua m ente, ela perm itiu que tom assem conta dela, cansada dem ais para lutar contra isso. Com o será que ela o deixou? Tirar suas m em órias parecia
um roubo e, em seguida, seu olhar a assustou. E se ela tivesse feito algum m al a ele...

Ele era inocente nisso... usaram -no e, depois, descartaram -no, sendo que m erecia algo m uito m elhor que essa atitude. Mesm o que ele não a tivesse curado, fez o m elhor que podia, disso tinha certeza.

Depois que o tinha enviado para o lugar m ais provável que poderia estar naquela hora da noite, foi torturada pelo arrependim ento... e tinha total consciência de que não era confiável se m antivesse qualquer inform ação sobre com o entrar em contato com ele. Aqueles m om entos elétricos entre eles foram tentadores dem ais para que conseguissem afastar-se deles com tanta facilidade, e a últim a coisa que ela queria era roubar m ais de suas m em órias.

Com um a força vinda do m edo, desfez sua trança para tirar aquilo que ele havia colocado ali para ela – até que o pequeno cartão caiu ao chão.

E agora ela estava ali.

Na verdade, a única solução para os dois era interrom per qualquer com unicação. Se ela sobrevivesse... poderia procurá-lo... e para quê?

Ah, quem estava enganando? O beij o que nunca aconteceu. Seria por isso que

iria procurá-lo. E não iam parar por aí.

Pensam entos sobre a Escolhida Lay la vieram a sua m ente, e ela desej ou voltar àquela conversa que tiveram no espelho d'água há apenas alguns dias. Lay la havia encontrado um hom em com quem queria se vincular, e Pay ne havia pensado que ela tinha ficado louca... tal atitude m ostrou-se ter sido tom ada pela ignorância. Em m enos tem po que se levava para fazer um a refeição, seu curandeiro hum ano tinha lhe ensinado o que podia sentir pelo sexo oposto. Com certeza, nunca esqueceria a aparência dele, parado ao pé da cam a com o corpo totalm ente excitado e pronto para possuí-la. Os m achos eram m agníficos daquela m aneira e que surpresa foi aprender isso.

Bem , seu curandeiro era m agnífico. Não acreditava que teria sentido o m esm o por qualquer outra pessoa, e ficou im aginando com o seria ter os lábios dele j unto aos dela. O corpo dele dentro dela...

Ah, quantas fantasias alguém poderia criar quando se sente sozinho e m elancólico.

Na verdade, que futuro poderiam ter j untos? Era um a fêm ea que não se encaixava em lugar nenhum , um a guerreira presa dentro da pele tépida do corpo de um a Escolhida... sem contar com o problem a da paralisia. Enquanto isso, ele era um hom em vibrante e sensual de um a espécie diferente da sua.

O destino nunca trabalharia para uni-los e, talvez, isso fosse bom . Seria cruel dem ais – para os dois, pois nunca poderiam ter um acasalam ento cerim onial ou físico: ela estava escondida no enclave secreto da Irm andade, e se o protocolo do Rei não os separasse, seu irm ão, com certeza, faria isso e de m aneira bastante violenta.

Não era para ser.

Quando a porta se abriu e Jane entrou, foi um alívio focar-se em outra pessoa.

Pay ne tentou esboçar um sorriso para a com panheira fantasm agórica do seu irm ão gêm eo.

– Está acordada? – Jane disse, aproxim ando-se.

Pay ne franziu a testa ao ver a expressão tensa da fêm ea.

– Está tudo bem ?

– Mais im portante: com o você está? – Jane encostou o quadril na cam a com os olhos observando os aparelhos que m onitoravam cada m ovim ento sanguíneo e pulm onar. – Consegue descansar m elhor?

Nem um pouco.

– Sim , de fato. E agradeço por tudo que tem feito por m im . No entanto, diga-m e, onde está m eu irm ão?

– Ele... não está em casa ainda. Mas chegará em breve. E vai querer vê-la.

– Eu tam bém .

A *shellan* de V. pareceu ficar sem palavras nesse m om ento; e o silêncio disse

m uito.

– Não sabe onde ele está, não é? – Pay ne m urm urou.

– Oh... conheço o lugar onde ele se encontra; conheço m uito bem .

– Então, está preocupada com suas predileções? – Pay ne encolheu-se um pouco. – Perdoe-m e. Fui brusca dem ais.

– Está tudo bem . Na verdade, eu prefiro o brusco ao educado. – Jane fechou os

olhos por alguns instantes. – Então, você sabe... sobre ele?

– Tudo. Tudo m esm o. E o am ava antes de sequer encontrá-lo.

– Com o você... conseguiu...

– Saber? Esta é um a das possíveis atividades de um a Escolhida. As tigelas de visões perm itiram -m e observá-lo por todas as fases de sua vida. E ouso dizer que esta, com você, está sendo a m elhor delas.

Jane fez um barulho evasivo.

– Sabe o que vai acontecer?

Ah, sem pre a m esm a questão... e quando Pay ne pensou sobre suas pernas, perguntou-se algo sem elhante.

– Infelizm ente, não posso dizer, só nos é m ostrado o passado ou m om entos do presente.

Houve um longo silêncio e Jane disse:

– Acho tão difícil acom panhar Vishous algum as vezes. Ele está bem diante de m im ... m as não consigo chegar até ele. – Os olhos verdes-escuros brilharam . – Ele odeia em oção e é m uito independente. Bem , eu sou assim tam bém .

Infelizm ente, em situações com o essa, sinto que não conseguim os ficar lado a lado, faz sentido? Deus, olha só o que estou dizendo. Estou divagando... parece que tenho problem as com ele.

– Pelo contrário, sei o quanto o adora. E tenho algum conhecim ento sobre a

natureza dele. – Pay ne pensou nos abusos com etidos contra seu irm ão gêm eo. –

Ele j á lhe contou sobre nosso pai?

– Não.

– Estou surpresa.

Os olhos de Jane detiveram -se nos dela.

– Com o era Bloodletter?

O que responder a isso?

– Digam os apenas que... eu o m atei por aquilo que fez a m eu irm ão... e vam os encerrar o assunto assim .

– Deus...

– Era com o o diabo, se aplicar às tradições hum anas.

Jane franziu a testa com força suficiente para enrugá-la.

– V. nunca fala sobre o passado. Nunca. E m encionou apenas um a vez o que aconteceu com seu... – parou nesse m om ento. Todavia, na verdade, não havia razão para continuar um a vez que Pay ne sabia m uito bem sobre o fato ao qual a

fêm ea se referia. – Talvez, eu devesse tê-lo pressionado, m as não fiz isso. Falar sobre coisas profundas o aborrece, então, deixo-o em paz.

– Conhece-o m uito bem .

– Sim ; e por conhecê-lo, estou preocupada com o que fez esta noite.

Ah, sim . Ele adorava aqueles am antes sangrando.

Pay ne estendeu a m ão e acariciou o braço translúcido da m édica... e ficou surpresa ao ver que o local onde tocou tornou-se corpóreo. Quando Jane com eçou a tom ar form a, desculpou-se, m as a com panheira de seu irm ão gêm eo balançou a cabeça.

– Por favor, não se desculpe. Engraçado... apenas V. pode fazer isso com igo. Todos os outros sim plesm ente atravessam m eu corpo.

E não havia m etáfora nisso.

Pay ne falou em alto e bom som :

– Você é a *shellan* certa para m eu irm ão. E ele am a apenas você.

– Mas e se eu não puder dar o que ele precisa – a voz de Jane saiu entrecortada.

Pay ne não tinha um a resposta fácil para aquela pergunta, e, antes que pudesse form ular algum a coisa, Jane disse:

– Não deveria estar conversando com você assim . Não quero que se preocupe conosco ou que fique em um a situação constrangedora.

– Nós duas o am am os e sabem os quem ele é; logo, não há nada pelo que se constranger. E antes que peça, não direi nada a ele. Tornam o-nos irm ãs de sangue quando vinculou-se a ele e m anterei sua confiança em m eu coração.

– Obrigada – Jane disse em voz baixa. – Um m ilhão de vezes, obrigada.

Naquele m om ento, um acordo foi firm ado entre elas, um vínculo sem

palavras que constituía a força e a estrutura de toda fam ília, fosse ela unida pelo nascim ento ou pelas circunstâncias.

Que fêm ea de valor, Pay ne pensou.

Isso a fez lem brar-se de outra coisa.

– Meu curandeiro. Com o você o cham a?

– Seu cirurgião? Está falando do Manny... do Dr. Manello?

– Ah, sim . Ele deixou um a m ensagem para você. – Jane pareceu enrij ecer. – Disse que a perdoa. Por tudo. Acho que deve saber a que ele se refere.

A com panheira de Vishous suspirou, os om bros relaxaram .

– Deus... Manny – balançou a cabeça. – Sim , sim , eu sei. Espero realm ente que ele saia bem dessa. Há m uitas m em órias apagadas naquela m ente.

Pay ne não pôde m ais ouvir.

– Posso perguntar... com o você o conheceu?

– Manny ? Foi m eu chefe durante anos. O m elhor cirurgião com quem eu j á trabalhei.

– Ele está vinculado a alguém ? – Pay ne perguntou com um a voz que esperava ter soado casual.

Jane riu.

– Não... em bora Deus sej a testem unha de que sem pre havia m ulheres ao redor dele.

Quando um rosnado sutil pairou no ar, a boa m édica piscou surpresa e Pay ne

silenciou rapidam ente a possessão que não tinha direito de sentir.

– Que... que tipo de fêm ea o agrada?

Jane revirou os olhos.

– Loira, com pernas longas e seios grandes. Não sei se conhece a boneca Barbie, m as este sem pre foi seu tipo.

Pay ne franziu a testa. Não era loira nem tinha m uito volum e nos seios... m as, pernas longas? Poderia agradar nesse quesito...

Por que estava pensando assim ?

Fechando os olhos, rezou para que aquele m acho nunca, j am ais encontrasse a Escolhida Lay la. Mas com o aquilo era ridículo...

A com panheira de seu irm ão acariciou seu braço gentilm ente.

– Sei que está exausta, então, vou deixá-la descansar. Se precisar de m im , apenas pressione o botão verm elho no apoio da cam a que virei atendê-la im ediatam ente.

Pay ne forçou-se a abrir os olhos.

– Obrigada, curandeira. E não se preocupe com m eu irm ão; ele vai voltar para você antes do am anhecer.

– Espero que sim – Jane disse. – Espero m esm o... Ouça, descanse e depois, no fim da tarde, iniciam os a fisioterapia.

Pay ne desej ou um bom -dia à fêm ea e cerrou os olhos outra vez.

Deixada ali sozinha, viu que conseguia com preender com o a fêm ea se sentia

com a ideia de Vishous estar com outra pessoa. Im agens do curandeiro ao lado da Escolhida Lay la deixaram -na enj oada... m esm o sem qualquer m otivo para a indigestão.

Em que confusão se encontrava. Presa naquela cam a de hospital, sua m ente estava cheia de pensam entos em aranhados sobre um m acho ao qual, de m uitas m aneiras, não tinha direito algum ...

Ainda assim , a ideia dele dividindo aquela energia sexual com outra pessoa que não fosse ela deixou-a totalm ente transtornada. Pensar que havia outras fêm eas ao redor de seu curandeiro, buscando o que ele parecia estar pronto para dar a ela, desej ando aquela extensão rígida em seus quadris e a pressão de seus lábios contra sua boca...

Quando rosnou outra vez, soube que ter deixado aquele cartão com os contatos dele para trás foi a m elhor coisa a fazer. Senão, teria feito um a carnificina com as am antes dele.

Afinal, não tinha problem as em m atar.

Sua história j á havia m ostrado isso com clareza.

Eau significa água em francês. A autora faz m enção às águas de cheiro francesas. (N.E.)

C A P ÍTU LO 13

Q huinn entrou na mansão pela sala principal, o que foi um erro.

Deveria ter entrado na m ansão pela garagem , m as a verdade é que aqueles caixões em pilhados o assustavam . Sem pre achava que as tam pas seriam abertas e algum a coisa ao estilo *Noite dos Mortos Vivos* sairia dali para m atá-lo.

Ainda assim , precisava m uito superar essa covardia.

Graças ao relacionam ento que tinha com os gay s da casa, assim que abriu cam inho pelo saguão de entrada, teve a visão clara de Blay lock e Saxton descendo a escadaria; os dois pareciam m odelos ao se dirigirem à Últim a Refeição. Usavam calças, m as não eram j eans; blusas, não blusões, e sapatos, não botas de com bate. Estavam lim pos, bem barbeados, perfum ados e penteados, m as não eram nem um pouco afem inados.

Na verdade, isso facilitaria m uito as coisas. Pelo am or de Deus, desej ava que um dos filhos da m ãe se tornasse *drag queen*, enchesse-se de plum as e fizesse as unhas, m as não: continuavam a parecer dois m achos m uito atraentes que sabiam com o gastar o dinheiro em loj as de grife... enquanto ele, por outro lado, serpenteava em seus couros e cam isetas regatas... e, naquela noite em particular, ostentava cabelos desgrenhados por causa do sexo violento e perfum e, se é que poderia cham ar assim , da m esm a linha de produtos de cuidados de um a vagabunda.

Por outro lado, poderia apostar que o que os separava do estado em que ele se encontrava era apenas um banho quente, cheio de sabão e um a visita ao arm ário:

lam beria dinheiro se eles não haviam estado se pegando a noite toda. Pareciam m uito satisfeitos e, ao m esm o tem po, fam intos ao cam inharem para o local onde faziam as refeições.

Quando atingiram o m osaico onde havia a representação de um a m acieira em plena floração, os olhos azuis de Blay m ovim entaram -se e encararam Qhuinn dos pés à cabeça. O rosto do rapaz não dem onstrou qualquer reação. Não m ais. A velha cham a de dor não estava m ais exposta... e isso não se devia ao fato de que o entretenim ento que Qhuinn tinha acabado de ter era totalm ente óbvio.

Saxton disse algum a coisa e Blay desviou o olhar... e lá estava. Um rubor naquele rosto adorável ao encontrar aqueles olhos cinza.

Não posso fazer isso, Qhuinn pensou. *Não esta noite.*

Evitando a cena na sala de j antar, encam inhou-se à porta abaixo das escadas e passou pela coisa. No instante em que se fechou, a conversa das pessoas foi interrom pida e a escuridão silenciosa correu para cum prim entá-lo. Estava m ais disposto a isso.

Desceu as escadas rasas, passou por outra porta codificada, entrou no túnel subterrâneo que ligava a casa principal ao centro de treinam ento. Quando ficou sozinho, correu a todo vapor. Faltando pouco para suas pernas pararem de funcionar, teve de se inclinar contra a parede lisa. Deixando a cabeça cair para trás, fechou os olhos... e desej ou colocar um a arm a no m eio dos olhos.

Ficou com o ruivo no Iron Mask.

Conseguiu deixar o hétero bem excitado.

E aconteceu exatam ente do j eito que tinha previsto, com eçando com os dois conversando no bar e paquerando as garotas. Pouco depois, um a m ulher de seios enorm es aproxim ou-se deles com botas de plataform a pretas. Conversaram com ela, beberam com ela... com a am iga dela. Um a hora depois? Os quatro estavam em um banheiro, bem esprem idos.

Essa tinha sido a parte dois do plano. As m ãos atuavam em espaços reduzidos e quando havia m uitas delas se m ovendo e arranhando, não se podia ter certeza daquilo que tocava. Ou que lhe acariciava. Ou sentia.

Em todo o tem po que esteve com as garotas, Qhuinn ficou pensando em um a estratégia para se livrar das fêm eas e isso levou m uuuito m ais tem po do que desej ava. Depois do sexo, as garotas queriam algo m ais... trocar telefones, dar um a volta, perguntaram se não queriam sair para com er algum a coisa.

Sim , claro. Não precisava de dígito algum , pois j am ais ligaria para elas, não ia bater perna m esm o com pessoas que gostava, e o tipo de com ida que poderia oferecer a elas não tinha nada a ver com um j antar gorduroso.

Após preencher os requisitos da vadia dentro dele, foi forçado a fazer um a lavagem cerebral nelas... o que o levou a um raro m om ento de com paixão pelos

m achos hum anos que não podiam se dar a esse luxo.

E, então, ele e sua presa estavam sozinhos, o m acho hum ano recostou-se contra a pia para se recuperar. Qhuinn fingiu estar fazendo isso ao encostar-se contra a porta. Eventualm ente, seus olhos se encontraram . De m aneira casual para o m acho hum ano, de um j eito m uito sério da parte de Qhuinn.

– O que foi? – o hom em perguntou. Mas j á sabia... pois as sobrancelhas franziram com força.

Qhuinn estendeu as m ãos para trás e girou a chave, assim , não seriam perturbados.

– Ainda estou com fom e.

De repente, o ruivo encarou a porta com o se quisesse sair... m as seu pênis contava um a história totalm ente diferente. Por trás do zíper daquele j eans... estava excitado.

– Ninguém nunca vai saber – Qhuinn disse de m aneira som bria. Inferno, poderia fazer aquilo sem que o ruivo se lem brasse... contudo, se o cara não soubesse de nada sobre a questão vam pira, não havia razão para rem exer seu crânio e lim par as coisas lá dentro.

– Pensei que tinha dito que não era gay... – o tom foi um tanto m elancólico, com o se o cara não estivesse totalm ente confortável com aquilo que seu corpo queria.

Qhuinn dim inuiu a distância entre eles, colocando seu peito contra o do ruivo.

Então, agarrou a nuca do cara e puxou-o contra sua boca. O beij o produziu o efeito planej ado: tirou todo raciocínio lógico do banheiro e não deixou nada além das sensações para trás.

A coisa toda aconteceu a partir daí. Duas vezes.

Quando acabou, o cara não ofereceu seu núm ero de telefone. Foi um espetáculo, m as era evidente que tinha sido algo experim ental, um a prim eira e única vez. Algo que não tinha problem a algum para Qhuinn. Partiram sem dizer um a palavra, cada um seguindo sua vida, com o ruivo voltando para o bar... e Qhuinn saindo para passear nas ruas de Caldwell sozinho.

Apenas a chegada im inente do am anhecer o fez retornar.

– Que inferno... – disse a si m esm o.

A noite toda foi um a lição que o incom odou com o um veneno de urtiga... Sim , havia m om entos na vida em que um substituto funcionava: em um a reunião de conselho, por exem plo, quando enviava alguém para representar seu voto. Ou quando precisava de algum a coisa do m ercado e dava sua lista a um *doggen*. Ou quando prom etia j ogar bilhar, m as ficava bêbado dem ais para segurar o taco e arrum ava alguém para acertar suas bolas.

Infelizm ente, a teoria do substituto não funcionava tão bem quando se queria ser o único a tirar a virgindade de alguém e a m elhor ideia que tinha era ir a um clube, encontrar alguém com traços físicos sem elhantes com o... oh, digam os...

m esm a cor de cabelo... e transar com ele ao invés da pessoa desej ada.

Em tal caso de substituição, você acabava se sentido vazio e não por que tinha gozado m uito e estivesse flutuando em um a nuvem de pós-transa dizendo *ahhh, sim*.

Parado naquele túnel, sozinho, Qhuinn estava totalm ente vazio. Um a cidade fantasm a por dentro.

Pena que sua libido estava cheia de ideias brilhantes. Na silenciosa solidão, com eçou a im aginar com o teria sido se fosse ele ao invés de seu prim o a descer

com Blay para o j antar. Se fosse ele quem estivesse dividindo não apenas um a cam a, m as o quarto com o cara. Se conseguisse se levantar diante de todos e dizer: “Ei, esse é m eu com panheiro...”.

O bloqueio m ental que se seguiu após essa breve canção foi tão com pleto que tem eu ter levado um soco na cabeça.

E esse era o problem a, não era?

Ao esfregar seus olhos díspares, pensou no quanto sua fam ília o odiava: foi criado para acreditar que o defeito genético de ter um a íris azul e outra verde significava que era um a m aldita aberração e o trataram com o um a vergonha para a linhagem .

Bem , na verdade, foi pior que isso: acabaram chutando Qhuinn para fora de casa e enviaram um guarda de honra para ensinar-lhe um a lição. E foi assim que acabou tornando-se um *viajante*.

Para pensar que nunca saberiam sobre as outras “anom alias” que nutria.

Com o desej ar estar com seu m elhor am igo.

Cristo, ele não precisava de um espelho para ver o covarde e a fraude que era... m as não havia nada que pudesse fazer quanto a isso. Estava trancado em um a j aula sem que pudesse encontrar a chave, os anos de escárnio de sua fam ília golpeavam -no e davam -lhe cólicas: a verdade por trás de seu lado selvagem é que era um m aricas total. Blay, por outro lado, declarou quem era e encontrou outra pessoa.

Maldição, aquilo doía...

Com um palavrão, interrom peu o m onólogo pré-m enstrual e obrigou-se a continuar andando. Recuperava-se a cada passo, dando um j eito em sua bagunça interna ao consertar e fortificar os canos que vazavam .

A vida era feita de m udanças. Blay tinha m udado. John tinha m udado.

E, aparentem ente, ele era o próxim o da lista, por que não poderia continuar assim .

Ao entrar no centro de treinam ento pelos fundos do escritório, decidiu que se Blay conseguiu virar a página, então, ele tam bém conseguiria. A vida era com o as pessoas determ inavam que fosse, independentem ente de onde o destino as colocava, a lógica e o livre-arbítrio significavam que poderiam definir seu cam inho da m aneira que achassem m elhor.

E não queria estar onde estava: nada de sexo anônim o. Nada de estupidez

desesperada. Nada de arder em ciúm es e daquelas lam entações irritantes que não o levavam a lugar algum .

O vestiário estava vazio, j á que não havia aulas de treinam ento acontecendo, e ele se trocou, ficando nu antes de colocar a berm uda preta esportiva e um par de tênis da m esm a cor. A sala de ginástica tam bém funcionava com o um a câm ara de eco, o que era bom tam bém .

Ligando o sistem a de som , passou as m úsicas com o controle rem oto. Quando a m úsica “Clint Eastwood”, dos Gorillaz, tocou, subiu em um a esteira e ligou o aparelho. Odiava fazer exercícios... sim plesm ente desprezava a natureza roedora daquilo tudo. Era m elhor transar e lutar, era o que sem pre dizia.

No entanto, quando se estava preso dentro de casa por causa da m adrugada e determ inado a tentar dar um a chance ao celibato, correr para chegar a lugar algum parecia bem interessante para consum ir as energias.

Calibrando a m áquina, posicionou-se sobre ela e cantou j unto com a m úsica.

Concentrando-se no concreto pintado de branco ao longo do local, deu um a passada após a outra, de novo e de novo, e m ais outra vez, até não haver nada em sua m ente nem em seu corpo além de passos repetitivos, a batida do coração e o suor que se form ava no peito nu, no estôm ago e nas costas.

Pela prim eira vez na vida, não acionou um ritm o alucinante: a velocidade foi calibrada para que o ritm o obedecesse a um a rotatividade constante, o tipo de

ritm o que poderia m anter durante horas.

Quando se está tentando fugir de si m esm o, gravita-se para situações fortes e desagradáveis, para os extrem os, para a im prudência, para que sej a forçado a lutar e agarrar com as unhas os terrenos acidentados de sua autoinvenção.

Assim com o Blay era quem m ostrava ser, Qhuinn fazia o m esm o: apesar de desej ar estar lá fora com o... m acho... que am ava, não poderia fazer isso.

Mas, por Deus, ia parar de fugir da covardia. Tinha de dom inar a si m esm o – m esm o se acabasse se odiando com todas as forças. Talvez, se fizesse isso, pararia de tentar distrair-se com sexo e bebida e descobriria o que *realmente* queria.

Além de Blay, é claro.

C A P ÍTU LO 14

Sentando-se ao lado de Butch no Escalade, Vishous tinha m achucados distribuídos por seus quase dois m etros de altura e seus m ais de cem quilos.

Enquanto corriam a toda velocidade de volta ao com plexo da Irm andade, cada centím etro latej ava, a dor form ava um a névoa que acalm ava o grito dentro dele.

Logo, tinha conseguido algum a coisa de que precisava.

O problem a era que o alívio j á estava com eçando a desaparecer e o deixava furioso com o Bom Sam aritano atrás do volante. Não que o tira parecesse se im portar; ele discava aquele celular dele e desligava, discava de novo e desligava

outra vez, com o se os dedos em sua m ão direita tivessem algum tique nervoso. Provavelm ente estava ligando para Jane e pensando m elhor sobre isso. Ainda bem que...

– Sim , gostaria de com unicar um corpo – ouviu o tira dizer. – Não, não vou dar m eu nom e. Está em um a caçam ba de lixo em um beco da Tenth Street, a dois quarteirões do Com m odore. Parece ser um a m ulher branca, final da adolescência, uns vinte anos... Não, não vou dar m eu nom e... Ei, que tal pegar o endereço e parar de se preocupar com igo...?

Enquanto Butch continuava a falar assim com a atendente, V. m ovim entou o traseiro no banco e sentiu as costelas quebradas em seu lado direito uivarem . Nada m al; se precisasse de outra surra para acalm á-lo, poderia fazer algum as flexões e a agonia voltaria com força total outra vez...

Butch j ogou o celular no painel. Praguej ou. Praguej ou novam ente.

Então, decidiu dividir os problem as:

– Até onde ia deixar aquilo chegar, V.? Até que o esfaqueassem ? Deixassem você caído para queim ar ao sol? O que seria ir longe o suficiente?

V. falou com os lábios inchados:

– Não m uito adiante, é verdade.

– Adiante? – Butch balançou a cabeça, seus olhos estavam m uito violentos. – Com o é que é?

– Não finj a... não sabe com o é isso. Já o vi em um a bebedeira... Já o vi... – ele

tossiu. – Já o vi com pletam ente bêbado com um copo nas duas m ãos. Então, não

m e venha com essa de que é “m ais inocente que eu” pra cim a de m im .

Butch voltou a se concentrar na estrada.

– Você é um filho da m ãe m iserável.

– Que sej a.

Sim , a conversa pararia por aí.

No m om ento em que Butch estacionou em frente à m ansão, os dois estavam retraindo-se e piscando com o se estivessem sendo golpeados por um bastão: o sol

ainda estava oculto no lado m ais distante do horizonte, m as era o suficiente para

espalhar um rubor no céu que estava apenas a alguns centím etros de distância de

dizim ar um vam piro.

Não cruzaram a entrada principal; sem chance. A Últim a Refeição estava

preste a com eçar e, considerando o hum or daqueles dois, não havia razão para

alim entar a fábrica de fofocas.

Sem dizer nada, V. entrou no Buraco e fez o cam inho m ais curto até seu

quarto. Não veria Jane ou sua irm ã daquele j eito, não m esm o. Inferno, se

considerasse as dores no rosto, não tinha com o vê-las sem antes tom ar um banho.

No banheiro, ligou a água e desarm ou-se no escuro – isso envolveu apenas

tirar sua adaga do coldre em volta da cintura e colocá-la sobre o balcão. Suas

roupas estavam im undas, cobertas de sangue, cera e outras porcarias, e deixou-as cair no chão, sem saber ao certo o que faria com elas.

Então, colocou-se debaixo da ducha antes de ficar quente. Quando a água quente atingiu seu rosto e peitoral, silvou; o im pacto desceu até seu pênis e o enrij eceu – não que ele tivesse qualquer interesse em fazer algum a coisa com a ereção. Apenas fechou os olhos enquanto seu sangue e o do inim igo escorriam de

seu corpo e eram escoados para o ralo.

Cara, quando conseguisse term inar de lavar tudo aquilo, estaria pronto para colocar um a blusa de gola alta. Seu rosto estava terrível, m as talvez pudesse explicar isso com o fato de que esteve na rua lutando com o inim igo. Mas era suficiente para transform á-lo em um quadro preto e azul da cabeça aos pés?

Nem tanto.

Abaixando a cabeça, deixou a água cair no nariz e no queixo; tentou

desesperadam ente voltar para os carros alegóricos do entorpecim ento que sentiu

no carro, m as com a dor desaparecendo, sua opção alucinógena estava perdendo o controle sobre ele, e o m undo estava ficando nítido dem ais outra vez.

Deus, a sensação de estar fora de controle e irritado o sufocava, com o se houvessem m ãos em volta de sua garganta.

Maldito Butch. Metido a benfeitor, barulhento, que interferia na vida dos outros com o um filho da m ãe.

Dez m inutos depois, ele saiu, pegou um a toalha preta, enrolou-se no tecido felpudo e entrou no quarto. Parando para abrir o arm ário, desej ou um a vela negra em ... deu um a olhada nas roupas de sua esposa. Além disso, só havia roupas de couro. Era o que acontecia com seu guarda-roupa quando se lutava para sobreviver e dorm ia nu.

Nenhum a blusa de gola alta à vista.

Bem , talvez não estivesse tão ruim assim ...

Um rápido giro em direção ao espelho atrás da porta, e teve de fazer um a pausa. Parecia que tinha sido agarrado pelo m onstro do Rhage, grandes faixas com vergões verm elhos envolviam seu tronco e estendiam -se sobre seus om bros e peitorais. Seu rosto era um a piada, um dos olhos estava tão inchado que a pálpebra estava quase inoperante... o lábio inferior profundam ente rachado... o queixo parecia um esquilo escondendo nozes.

*

Ótim o: parecia um dos garotos de Dana White.

Depois disso, pegou suas roupas suj as e enfiou-as no fundo do arm ário, em seguida, colocou a cabeça inchada com o um balão para fora do quarto, no corredor, e ouviu. O canal de esportes estava tagarelando lá em baixo à esquerda, e algum a coisa líquida estava sendo servida à direita.

Dirigiu-se para o quarto de Butch e Marissa nu. Não havia razão para esconder os m achucados de Butch... o filho da m ãe viu tudo acontecer.

Quando entrou pela porta, encontrou o tira sentado na ponta da cam a, cotovelos sobre os j oelhos, um copo de uísque nas m ãos e um a garrafa entre os sapatos.

– Sabe no que estou pensando agora? – o cara disse sem erguer os olhos.

V. poderia pensar em um a lista infernal de coisas.

– Diga-m e.

– Na noite em que o vi se j ogar da varanda do Com m odore. Na noite em que eu pensei que tinha m orrido – Butch tom ou um gole do que estava no copo. – Achei que tínham os superado aquilo.

– Se serve de consolo... eu tam bém .

– Por que não vai ver sua m ãe? Falar sobre essas porcarias com ela?

Com o se houvesse algum a coisa que a fêm ea pudesse dizer naquele m om ento...

– Eu a m ataria, tira. Não sei com o faria isso... m as eu a m ataria por isso. Ela m e deixou com aquele pai sociopata... sabendo exatam ente com o ele era, porque, afinal, ela vê tudo. Então, m anteve um segredo relacionado a m im por trezentos anos, antes disso aparece no m eu aniversário, tentando m e colocar com o um a referência para sua religião burra e estúpida. Mas eu poderia ter deixado tudo isso para lá, não é m esm o? Porém , m inha irm ã, m inha irm ã gêm ea? Ela afastou Pay ne de m im , tira; m anteve-a j unto dela contra sua vontade. Por séculos. E nunca sequer m e contou que eu tinha um a irm ã. Isso é

dem ais. Para m im chega. – V. encarou o uísque. – Tem um pouco disso aí sobrando?

Butch tirou a rolha da garrafa e estendeu a bebida. Quando V. a pegou, o tira disse:

– Mas acordar os m ortos não é a resposta, e nem tentar se destruir com o está fazendo.

– Você se habilita a fazer isso por m im ? Porque estou enlouquecendo e preciso sair, Butch. De verdade. Sou perigoso aqui... – V. deu um gole na bebida e am aldiçoou quando a coisa deslizou em seus lábios, dando a sensação de que estava fum ando um cigarro do lado errado. – E não consigo pensar em um a m aneira de tirar isso de m im ... Mas com certeza não vou voltar a praticar m eus velhos hábitos.

– Não se sente tentado?

V. preparou-se e deu outro gole. Com um a careta, disse:

– Quero o prazer, m as não vou fazer isso com ninguém além de Jane. De j eito nenhum vou voltar para nossa cam a com o fedor de algum a vadia em m eu pênis... isso estragaria tudo, não apenas para ela, m as para m im tam bém . Além disso, o que preciso agora é de um dom inante e não de um subm isso... e não há ninguém em quem eu possa confiar. – Exceto, talvez, por Butch, m as isso ultrapassaria m uitos lim ites. – Então, estou preso: tenho um m onstro gritando na

m inha cabeça e lugar algum para ir com essa besta... e isso está m e enlouquecendo.

Meu Deus... ele disse isso. Tudo isso.

É isso aí, cara.

E o prêm io foi outro gole da garrafa.

– Caram ba, m eus lábios estão doendo.

– Sem ofensas, m as é benfeito... Você m erece. – Os olhos castanhos de Butch se ergueram e, depois de um m om ento, sorriu um pouco, exibindo aquela coroa no dente da frente, bem com o suas presas. – Sabe? Eu estava quase odiando você um m inuto atrás, estava m esm o. E antes que m e peça, as blusas de gola alta estão dobradas no final daquela fileira de cabides. Pegue um a calça de m oletom tam bém . Parece que bateram um m artelo nas suas pernas e que suas bolas estão prestes a explodir.

– Obrigado, cara. – V. aproxim ou-se da fileira de roupas que estavam suspensas em cabides de cedro fino. Um a coisa que se podia dizer de Butch era que seu guarda-roupa era cheio de opções. – Nunca pensei que ficaria contente por seu arm ário parecer o de um a m aníaca por roupas.

– Acho que o term o é “especialista em vestir-se bem ”.

Com aquele sotaque de Boston as palavras soaram diferentes e V. se perguntou se algum a vez na vida chegou a não ouvir aquele sotaque de Boston em seu

ouvido.

– O que vai fazer em relação a Jane?

V. colocou a garrafa no chão, puxou um a gola alta de caxem ira sobre a cabeça e ficou decepcionado em ver que m al cobria seu um bigo.

– Ela j á tem problem as suficientes. Nenhum a *shellan* precisa ouvir que seu m acho saiu para levar um a boa surra... e não quero que diga a ela.

– Com o vai explicar esses m achucados, espertinho?

– O inchaço vai dim inuir.

– Mas não rápido o suficiente... vai visitar Pay ne assim ...

– Ela tam bém não precisa ter o prazer dessa visão. Só vou m e esquivar durante um dia. Pay ne está em recuperação e estável... pelo m enos, foi o que Jane m e disse... por isso, vou para m inha oficina de ferragens.

Butch estendeu o copo.

– Im porta-se?

– Entendido. – V. serviu seu am igo, tom ou outro gole e, em seguida, vestiu um a calça. Erguendo os braços para os lados, deu um a volta. – Melhor?

– Tudo o que vej o são tornozelos e pulsos... e, para sua inform ação, está parecendo um a Miley Cy rus m uito esquisita com essa barriga de fora. Nada atraente.

– Vá se ferrar! – Quando V. pegou a garrafa e deu outro gole, decidiu que ficar bêbado era seu novo plano. – Não posso fazer nada se você parece um

m aldito anão.

Butch riu com satisfação e, em seguida, voltou a ficar sério.

– Se fizer isso outra vez...

– Vai pedir para que eu tire suas roupas.

– Não é *disso* que estou falando.

V. puxou as m angas da blusa e não conseguiu nada com isso.

– Não precisa intervir, tira, não vou m e m atar. Não é esse o ponto. Sei onde está o lim ite.

Butch praguej ou, seu rosto assum iu um a expressão som bria.

– Você diz isso e acredita que sej a verdade. Mas as situações podem entrar em um turbilhão... especialm ente as que está vivendo. Pode entrar na onda de... sej a lá o que acha ser necessário... e a m aré pode acabar virando contra você.

V. flexionou sua m ão enluvada.

– Im possível. Não com isso... E não quero m esm o que fale com m inha garota sobre isso. Prom eta-m e. Precisa ficar fora disso.

– Então, vai precisar falar com ela.

– Com o posso dizer a ela... – sua voz ficou entrecortada e teve de lim par a garganta. – Com o diabos posso explicar isso a ela?

– Com o não explicar? Ela o am a.

V. apenas balançou a cabeça. Não conseguia im aginar-se dizendo a sua *shellan*

que queria ser m achucado fisicam ente. Isso a m ataria, e ele não tinha a m enor

intenção de que ela o visse daquela m aneira.

– Olha só, vou dar um j eito nisso sozinho. Em tudo isso.

– É disso que tenho m edo, V. – Butch consum iu o resto de sua bebida em um só

gole. – Esse... é nosso m aior problem a.

Jane estava observando sua paciente dorm ir quando o celular soou em seu

bolso. Não era um a ligação, m as um a m ensagem de texto de V.: *To em casa. Vou*

p ofic. trab. Como ta P.? E vc?

Seu suspiro não foi de alívio. Tinha chegado apenas dez m inutos antes do sol erguer-se totalm ente e não procurou vê-la ou visitar sua irm ã?

Dane-se, ela pensou, ao se levantar e sair do quarto de recuperação.

Depois de passar algum as orientações a Ehlena, que estava na sala de exam es

da clínica atualizando os arquivos dos Irm ãos, Jane andou decidida pelo corredor,

virou à esquerda perto do escritório e passou pelos fundos do arm ário da

despensa. Não havia razão para lidar com os códigos de bloqueio; sim plesm ente

atravessou...

E lá estava ele, a pouco m enos de vinte m etros de distância do túnel,

afastando-se dela... passou pelo centro de treinam ento e cam inhou, entrando

ainda m ais fundo na m ontanha.

As luzes fluorescentes no teto o ilum inavam , atingindo seus om bros enorm es

e

a parte inferior de seu corpo pesado. Passando pelo brilho daquelas luzes, seu cabelo parecia estar m olhado e o arom a persistente do sabonete que sem pre usava era a confirm ação de que havia acabado de tom ar banho.

– Vishous.

Disse o nom e dele apenas um a vez, m as o túnel era um a câm ara de ecos que fez com que as sílabas golpeassem as paredes e retornassem várias vezes, m ultiplicando-as.

Ele parou.

Foi a única resposta que ela recebeu.

Depois de esperar que ele dissesse algum a coisa, que se virasse... que a reconhecesse... descobriu algo novo sobre seu estado fantasm agórico: m esm o que, tecnicam ente, não estivesse m ais viva, seus pulm ões ainda queim avam com o se estivesse sufocando.

– Aonde foi esta noite? – ela disse, sem esperar um a resposta.

E, de fato, não a obteve. Mas ele parou bem debaixo de um a lum inária, então, m esm o à distância, pôde ver seus om bros ficando tensos.

– Por que não se vira, Vishous?

Bom Deus... o que ele fez no Com m odore? Oh, m eu Deus...

Engraçado, havia um a razão pela qual as pessoas “construíam ” suas vidas j untos. As escolhas que fazem com o m arido e m ulher não são tij olos e o tem

po

não é um a argam assa, m as, ainda assim , elas constroem algo tangível e real. E,

naquele m om ento, quando seu *hellren* recusava-se a se virar em direção a ela... inferno, apenas para m ostrar seu rosto... ocorria um estrondoso terrem oto, que abalava o que ela acreditava ser terra firm e.

– O que fez esta noite? – ela disse sufocada.

Nesse m om ento, ele virou-se e deu dois grandes passos em direção a ela. Mas não foi para se aproxim ar. Foi para sair da luz. Mesm o assim ...

– Seu *rosto* – ela engasgou.

– Lutei com alguns *redutores*. – Quando ela se aproxim ou, ele ergueu a palm a de um a de suas m ãos. – Estou bem . Só preciso de um pouco de espaço agora.

Tinha algum a coisa errada, ela pensou. E odiou o questionam ento que surgiu em sua m ente... a ponto de recusar-se a pronunciá-lo.

Só que tudo o que tinham ali era silêncio.

– Com o está m inha irm ã? – ele disse de repente.

Com um nó na garganta, respondeu:

– Está descansando ainda. Ehlena está com ela.

– Deveria tirar um a folga e descansar.

– Eu vou. – Uh-hum , certo. Com as coisas entre eles com o estavam , nunca m ais conseguiria dorm ir de novo.

V. passou sua m ão enluvada pelo cabelo.

– Não sei o que dizer agora.

– Esteve com outra pessoa?

Ele não hesitou nessa:

– Não.

Jane o encarou... e, então, suspirou lentam ente. Um a coisa era certa sobre seu *hellren*, algo com a qual poderia sem pre contar: Vishous não m entia. Tinha m uitos defeitos, m as esse não era um deles.

– Certo – ela disse. – Sabe onde m e encontrar. Estarei em nossa cam a.

Foi ela quem se virou e com eçou a andar na direção oposta. Mesm o a distância partindo seu coração, não iria atorm entá-lo com algo que não era capaz de fazer e se ele precisava de espaço... bem , daria isso a ele.

Mas não para sem pre, com certeza.

Mais cedo ou m ais tarde, o m acho viria conversar com ela. Tinha de fazer isso ou ela iria... Deus, não sabia o que seria capaz de fazer.

Contudo, seu am or não sobreviveria para sem pre nesse vácuo. Sim plesm ente não sobreviveria.

Presidente do UFC – Ultim ate Fighting Cham pionship. (N.P.)

C A P ÍTU LO 15

O fato de José de la Cruz parar em um *drive-thru* para com prar algum a

porcaria no centro de Caldwell era um clichê total. Todos sabiam que os detetives

de hom icídios bebiam café e com iam doces, m as isso nem sem pre era verdade .

Algum as vezes, não havia tem po para fazer um a parada.

E, cara, dane-se o que esses program as de televisão e rom ances policiais

dizem por aí... A realidade era que ele funcionava m elhor com cafeína e um

pouco de açúcar em sua corrente sanguínea. Além disso, vivia pelas rosquinhas;

portanto, que o processassem .

A ligação que acordou a ele e a sua esposa aconteceu perto das seis da m anhã,

um horário que, se considerasse o núm ero que observou ao atender a ligação, era

quase civilizado: cadáveres, assim com o aqueles que ficavam doentes, não

seguiam as regras do horário com ercial. Então, o horário quase tolerável era

um a bênção.

E não era a única coisa boa em seu cam inho: felizm ente, por ser dom ingo, as

estradas e rodovias estavam vazias, e seu carro sem identificação oficial fazia

um trabalho excelente para sair dos subúrbios em um a situação assim ... então,

seu café ainda estava bem quente enquanto ele se dirigia para o distrito

com ercial, passando com cuidado pelos sinais verm elhos.

A fila de viaturas anunciou a localização onde o corpo havia sido encontrado,

m ais do que a fita de aviso am arela que tinha sido estendida por toda parte, com o

se fosse um laço sobre um m aldito presente de Natal. Praguej ando, estacionou paralelam ente à parede de tij olos do beco e saiu, bebendo seu café e andando em direção ao am ontoado de uniform es azuis.

– Ei, Detetive.

– E aí, Detetive?

– Oi, Detetive.

Assentiu para os garotos.

– Bom dia a todos. O que tem os aqui?

– Não tocam os nela – Rodriguez fez um aceno com a cabeça em direção à caçam ba. – Está lá, e Jones está tirando as prim eiras fotos. O m édico legista e o pessoal da perícia crim inal estão a cam inho. O m isógino às avessas tam bém . Ah, sim , o fiel fotógrafo deles.

– Obrigado.

– Onde está seu novo parceiro?

– Chegando.

– Ele está pronto para isso?

– Vam os ver. – Sem dúvida, aquele beco suj o estava bem fam iliarizado com pessoas botando para fora aquilo que tinham com ido; então, se o novato perdesse o alm oço, não tinha problem a.

José abaixou-se sob a faixa am arela e andou em direção à caçam ba. Com o

sem pre, quando se aproxim ava de um corpo, percebia que sua audição estava tão aguda que chegava a ser insuportável: a conversa m ole dos hom ens atrás dele, o som das solas dos próprios sapatos no asfalto, a brisa fria vinda do rio que assoviava... tudo estava alto dem ais, com o se o volum e do m undo inteiro tivesse sido aum entado ao m áxim o.

E claro, a ironia era que o propósito dele estar ali, naquela m anhã, naquele beco... o propósito de todos aqueles carros, hom ens e fitas de advertência estarem ali... estava perfeitam ente em silêncio.

José segurou seu copo de isopor enquanto espiava por cim a da tam pa enferruj ada da caçam ba. A m ão da m oça foi a prim eira coisa que viu, um a linha pálida de dedos com unhas quebradas e havia algum a coisa m arrom em baixo delas.

Um a lutadora, não im portava quem fosse.

Ao se deparar com outra garota m orta, desej ou profundam ente que seu trabalho fosse tranquilo por um m ês ou um a sem ana... ou, pelo am or de Deus, ao m enos por um a noite. Caram ba, dar um a desacelerada na carreira era o que estava pensando em fazer: quando se atua em tal área profissional, é difícil ficar satisfeito com o que se faz. Mesm o quando um caso era resolvido, ainda assim alguém estaria enterrando um ente querido.

O policial perto dele parecia ter um m egafone quando falou.

– Quer que eu abra a outra m etade?

José quase disse para o cara dim inuir o volum e, m as havia um a grande possibilidade de que estivesse falando com o em um a biblioteca.

– Sim . Obrigado.

O policial usou um cassetete para levantar a tam pa o suficiente para que a luz pudesse entrar, m as o cara não olhou para o que havia dentro. Apenas perm aneceu ali, em pé, com o um daqueles soldados da realeza britânica, dirigindo o olhar para o outro lado do beco, sem focar em nada.

Quando José ergueu-se na ponta dos pés e deu um a espiada, não culpou o policial por sua reticência.

Deitada em um a cam a de m etais retorcidos, a m ulher estava nua, sua pele cinza e m anchada exibia um a lum inosidade estranha sob a luz do am anhecer. Considerando seu rosto e corpo, parecia estar no final da adolescência, uns vinte anos. Branca. O cabelo tinha sido cortado pela raiz, tão rente à pele que o couro cabeludo estava dilacerado em alguns lugares. Olhos...? Tinham sido rem ovidos de suas órbitas.

José tirou um a caneta do bolso, esticou o corpo ao aproxim ar-se e separou cuidadosam ente os lábios da garota. Sem dentes... não restou sequer algum nas gengivas irregulares.

Movendo-se para a direita, ergueu um a das m ãos para ver a parte inferior da

ponta dos dedos. Com pletam ente rem ovidas.

E a desfiguração não se lim itava à cabeça e às m ãos... Havia ranhuras profundas na pele, um a no alto de sua coxa, outra na parte inferior do braço e duas na parte de dentro de seus pulsos.

José am aldiçoou em voz baixa, pois tinha certeza de que ela havia sido desovada ali. Não havia privacidade suficiente no local para realizar esse tipo de trabalho... aquela porcaria exigia tem po e ferram entas... e equipam entos de contenção para m antê-la deitada.

– O que tem os aí, Detetive? – seu novo parceiro disse atrás dele.

José olhou para Thom as DelVecchio Jr. sobre o om bro.

– Já tom ou café da m anhã?

– Não.

– Que bom .

Recuou um pouco para que Veck pudesse dar um a olhada. Com o o cara era quinze centím etros m ais alto do que ele, não teve de se esticar para ver o que havia lá dentro. Tudo o que fez foi dobrar os quadris. E, então, apenas olhou. Nada de inclinar-se contra a parede para vom itar. Nada de engasgos. Tam bém não houve qualquer m udança drástica na expressão do rosto.

– O corpo foi desovado aqui – Veck disse. – Só pode ser.

– Ela.

Veck olhou para ele, seus olhos azuis-escuros eram inteligentes e

im perturbáveis.

– Com o?

– *Ela* foi desovada aqui: é um a pessoa, não um a coisa, DelVecchio.

– Certo. Desculpe. Ela. – O cara inclinou-se outra vez. – Acho que tem os um colecionador de troféus.

– Talvez.

As sobrancelhas escuras se ergueram .

– Há m uita coisa faltando... nela.

– Tem assistido aos noticiários ultim am ente? – José lim pou a caneta em um tecido.

– Não tenho tem po para TV.

– Onze m ulheres foram encontradas assim no ano passado. Nas cidades de Chicago, Cleveland e Philly.

– Caraaam ba – Veck colocou um pedaço de chiclete na boca e m astigou com força. – Então, deve estar se perguntando se este pode ser o início para nós.

Quando o cara rangeu os m olares, José esfregou os olhos para dissipar as m em órias que surgiram .

– Quando parou?

Veck lim pou a garganta.

– De fum ar? Mais ou m enos há um m ês.

– Com o está indo?

– É um saco.

– Aposto que sim .

José colocou as m ãos sobre os quadris e voltou a se concentrar. Com o iriam fazer para descobrir quem era aquela garota? Havia inúm eras m ulheres j ovens desaparecidas no estado de Nova York... e isso considerando que o assassino não tinha feito aquilo em Verm ont ou Massachusetts ou Connecticut e tenha dirigido até ali para depositá-la naquela caçam ba.

Um a coisa era certa: nem m orto perm itiria que aquele filho da m ãe com eçasse a atacar as garotas da cidade. Não ia acontecer enquanto estivesse no com ando.

Quando se virou, bateu no om bro de seu parceiro.

– Dez dias, am igo.

– Para quê?

– Para voltar a m ontar na sela de um Marlboro.

– Não subestim e m inha força de vontade, detetive.

– Não subestim e o que vai sentir quando for para casa e tentar dorm ir esta noite.

– Não durm o m uito, m esm o.

– Esse trabalho não vai aj udar.

Nesse m om ento, a fotógrafa chegou com seus cliques, flashes e m au hum or. José indicou a direção oposta com a cabeça.

– Vam os sair daqui e deixá-la fazer seu trabalho.

Veck deu um a olhada e ficou surpreso quando a encarou m elhor. A péssim a receptividade foi um a novidade para ele... As m ulheres gravitavam ao redor de hom ens com o Veck; as duas últim as sem anas provaram isso: elas ficavam sem pre por perto na delegacia.

– Vam os, DelVecchio, vam os com eçar a procurar as peças desse quebra-cabeça.

– Entendido, detetive.

Norm alm ente, José pediria para que o cara o cham asse de de la Cruz, m as nenhum de seus “novos” parceiros duravam m ais do que um m ês, então, de que adiantaria? “José” estava fora de cogitação, claro... apenas um a pessoa cham ou-o assim naquele trabalho e o desgraçado tinha desaparecido há três anos.

Levou m ais ou m enos um a hora para que ele e Veck investigassem o local e acabassem não conseguindo absolutam ente nenhum m aterial. Não havia nenhum a câm era de segurança no exterior dos prédios nem testem unhas tinham se apresentado, m as os caras da investigação crim inal iriam rastrear tudo com seus distintivos, bolsinhas plásticas e pinças. Talvez aparecesse algo.

O m édico legista chegou às nove, fez seu trabalho, e o corpo foi liberado para ser rem ovido m ais ou m enos um a hora depois disso. E quando o pessoal precisou de um a aj uda com o cadáver, José ficou surpreso em ver que Veck colocou um

par de luvas de látex e pulou naquela caçam ba.

Um pouco antes do m édico legista rem ovê-la do local, José perguntou sobre a hora da m orte e foi inform ado que tinha acontecido por volta do m eio-dia do dia anterior.

Ótim o, ele pensou enquanto os carros e as vans com eçavam a partir. Quase vinte e quatro horas m orta antes de encontrá-la. Poderia m uito bem ter sido conduzida para fora do estado.

– Hora de acionar o banco de dados – disse a Veck.

– Estou nessa.

Quando o cara se virou e seguiu em direção a um a m otocicleta, José gritou:

– Chiclete não é com ida.

Veck parou e olhou sobre o om bro.

– Está m e convidando para tom ar café da m anhã, detetive?

– Só não quero que desm aie no trabalho. Isso o deixaria constrangido e eu seria obrigado a exam inar outro corpo.

– Que am ável, detetive.

Talvez costum asse ser; m as agora só estava nervoso consigo m esm o e não sentia a m enor vontade de com er sozinho.

– Encontro você no Vinte e quatro em cinco m inutos.

– Vinte e quatro?

Certo, ele não era dali.

– Riverside Diner, na Eighth Street. Fica aberto vinte e quatro horas.

– Entendi. – O cara colocou um capacete preto e alavancou um a das pernas

sobre algum tipo de engenhoca que parecia fazer parte do m otor. – Eu pago.

– Faça com o quiser.

Veck pisou a alavanca com força e ligou o m otor.

– Sem pre faço, detetive. Sem pre.

Quando arrancou, deixou um rastro de testosterona no beco e, enquanto José

arrastava-se preguiçosam ente em direção a seu autom óvel bege sem

identificação, sentiu-se com o um tiozinho de m eia-idade em com paração a Veck.

Deslizando para trás do volante, colocou seu copo quase vazio e com pletam ente

frio no porta-copos, e seu olhar deslocou-se da faixa para aquela caçam ba.

Tirando o celular do paletó, ligou para a delegacia.

– Ei, é o de la Cruz. Pode passar a ligação para a Mary Ellen? – O tem po de

espera foi de m enos de um m inuto. – Mary Ellen? Com o vai? Bem ... bem . Ouça,

quero ouvir a ligação que denunciou o corpo que havia próxim o ao Com m odore.

Sim . Claro... só preciso que a reproduza. Obrigado... não precisa correr.

José colocou a chave na ignição.

– Ótim o. Obrigado, Mary Ellen.

Sim, gostaria de comunicar um corpo. Não, não vou dar meu nome. Está em uma caçamba de lixo em um beco da Tenth Street, a dois quarteirões do Commodore. Parece ser uma mulher branca, final da adolescência, uns vinte anos... Não, não vou dar meu nome... Ei, que tal pegar o endereço e parar de se preocupar comigo...?

José apertou o telefone e com eçou a trem er.

O sotaque de Boston era tão claro e fam iliar que foi com o se o tem po tivesse se envolvido em um acidente de carro e ricocheteado para trás.

– Detetive? Quer ouvir outra vez? – ouviu Mary Ellen dizer em seu ouvido.

Fechando os olhos, resm ungou.

– Sim , por favor...

Quando a gravação term inou, ouviu-se agradecendo a Mary Ellen e sentiu que pressionou o polegar sobre o botão *end* do celular para finalizar a ligação.

Tão claro com o água cristalina, estava sendo sugado para um pesadelo de dois anos atrás... quando entrou naquele apartam ento fedorento e decaído, cheio de garrafas de uísque vazias e caixas de pizza. Lem brou-se de sua m ão estendendo-

se em direção à porta fechada de um banheiro, aquela m aldita parte de seu corpo trem ia por inteiro.

Estava convencido de que iria encontrar um corpo do outro lado. Pendurado no chuveiro por um cinto... ou talvez m ergulhado em sangue ao invés de um banho

de espum a.

Butch O’Neal teve um a vida difícil ao buscar realizar-se profissionalm ente no departam ento de hom icídios. Bebia até altas horas e não só tinha fobia de relacionam entos com o tam bém era incapaz de estabelecer laços afetivos.

Só que ele e José eram próxim os. Tão próxim os quanto Butch foi capaz de ser com alguém um dia.

Contudo, nada de suicídio. Nada de corpo. Nada. Em um a noite, ele estava ali; na outra... havia sum ido.

No prim eiro m ês, e até no segundo, José esperou ter algum a notícia... do próprio cara ou sobre um cadáver de nariz quebrado e um dente da frente com um a coroa m al feita aparecendo em algum lugar.

No entanto, dias transform aram -se em sem anas que, por sua vez, tornaram -se estações do ano, e sentiu-se com o um m édico que descobriu ter um a doença term inal: finalm ente soube com o as fam ílias de pessoas desaparecidas se sentiam . E, Deus, nunca pensou que passaria por aquela longa, terrível e fria espera. Jam ais im aginou que percorreria aquele território do “Não Saber de Nada”... Mas com o desaparecim ento de seu parceiro, não só percorreu o m aldito território com o com prou um terreno, construiu um a casa e m udou-se para lá.

Agora, porém , depois de ter perdido todas as esperanças, depois de não acordar m ais no m eio da noite pensando onde o cara poderia estar... agora...

tinha

ouvido aquela gravação.

Claro, m ilhões de pessoas tinham aquele sotaque de Boston. Mas O'Neal

possuía um a rouquidão reveladora em sua voz que não poderia ser replicada.

De repente, José perdeu a vontade de ir ao Vinte e quatro, não queria com er

nada. Mas colocou seu carro sem identificação oficial em funcionam ento e pisou

no acelerador.

No m om ento em que olhou para a caçam ba e viu aqueles olhos arrancados e

aquele trabalho odontológico, soube que estava indo à procura de um *serial killer*.

Mas não poderia im aginar que iniciaria outra busca.

Hora de encontrar Butch O'Neal.

Se fosse capaz.

C A P ÍTU LO 16

Uma semana depois, Manny acordou em sua cam a com as dores latej antes de

um a ressaca. A boa notícia era que pelo m enos aquela dor poderia ser explicada:

quando chegou em casa, tom ou uísque até ficar chapado. E a bebida

desem penhou seu papel, derrubando-o com força total com o em um nocaute.

A prim eira coisa que fez foi estender a m ão e pegar o telefone. Com os olhos

em baçados, ligou para o celular do veterinário. Os dois tinham com binado um

ritual m atinal e Manny agradecia a Deus pelo fato do cara tam bém ser um insone.

O veterinário atendeu no segundo toque.

– Alô?

– Com o está m inha garota? – a pausa que se seguiu disse-lhe tudo o que tinha de saber. – Tão m al assim ?

– Bem , os sinais vitais perm anecem bons e ela continua tão estável quanto possível com a sedação, m as estou preocupado com um a possível inflam ação nos cascos.

– Mantenha-m e inform ado.

– Sem pre.

Nesse m om ento, desligar era a única coisa que poderia fazer. A conversa tinha acabado e não era um a pessoa que j ogava conversa fora... m esm o que fosse, um

bate-papo não o aj udaria a conseguir aquilo que desej ava: um cavalo saudável.

Antes do despertador disparar às seis e m eia para que ele com eçasse a dura rotina, deu um tapa no rádio-relógio para que continuasse em silêncio e pensou: exercícios. Café. Voltar ao hospital.

Espere. Café, exercícios, hospital.

Definitivam ente, precisava de cafeína prim eiro. Não conseguiria correr ou levantar pesos naquela condição... e tam bém não poderia operar m áquinas

pesadas – com o um elevador, por exem plo.

Ao levar os pés ao chão e ficar na posição vertical, sua cabeça tinha um ritm o próprio de batidas e revoltou-se com a ideia de que talvez, apenas talvez, a dor não tivesse relação com a bebida: não estava doente nem desenvolvendo um tum or cerebral... Contudo, m esm o se estivesse, iria do m esm o j eito para o hospital; estava em sua natureza. Caram ba, quando era j ovem , lutava para ir à escola m esm o doente... m esm o quando teve catapora e ficou parecendo um desenho de ligar pontos, insistiu em pegar o ônibus.

Sua m ãe ganhou aquela batalha em particular, e reclam ou por ele ser exatam ente com o o pai.

Não foi um elogio, e ouviu isso a vida inteira... m as tam bém não significava nada, pois nunca conheceu o cara. Tudo o que tinha era um a foto desbotada dele.

A única coisa que acabou colocando em um porta-retrato... Por que diabos estava pensando sobre isso naquela m anhã?

O café foi um a m istura instantânea suave. Vestiu as roupas esportivas enquanto a bebida ficava pronta e tom ou duas canecas sobre a pia ao observar a fila do tráfego m atutino sob a penum bra da m adrugada nas proxim idades da estrada que ia para o norte. A últim a coisa que fez foi pegar seu iPod e colocá-lo nos ouvidos.

Claro que não era um tipo de cara falante, m as que Deus o aj udasse a não

encontrar um a garota tagarela pela frente naquele dia.

Na sala de m usculação, o local estava bem vazio, o que foi um grande alívio,

m as isso não ia durar m uito. Saltando na esteira m ais próxim a da porta, desligou

o noticiário que estava passando na TV instalada no alto da parede e com eçou a

m alhar.

O som de Judas Priest em seu iPod em balou seus passos, sua m ente

desconectou-se e seu corpo rígido e dolorido teve o que precisava. Considerando

tudo, estava m elhor agora se com parado ao fim de sem ana anterior. As dores de

cabeça ainda estavam lá, m as continuava a m anter o ritm o de trabalho, a atender

seus pacientes em dia e a adm inistrar tudo.

No entanto, isso o fez pensar. Um pouco antes de Jane ter batido naquela

árvore, teve dores de cabeça tam bém . Então, se tivessem sido capazes de fazer

um a autópsia no corpo dela, será que teriam encontrado um aneurism a? Por

outro lado, qual seria a probabilidade dos dois sofrerem a m esm a...

Por que fez isso, Jane? Por que forjou sua morte?

Não tenho tempo para explicar agora. Por favor. Sei que é pedir muito. Mas há

uma paciente que precisa de você, desesperadamente... já estou procurando por

você há mais de uma hora, então, estou atrasada.

– Droga. – Manny colocou os pés rapidam ente na beirada da esteira e cerrou

os dentes contra a agonia. Dobrando a parte superior do corpo sobre o painel do aparelho, respirou lenta e equilibradam ente... ou pelo m enos tentou o m áxim o possível que um a pessoa correndo a dez quilôm etros por hora poderia conseguir.

Nos últim os sete dias, aprendeu por m eio do m étodo de tentativa e erro que, quando a dor o atingia, o m elhor a fazer era tentar deixar a m ente em branco e focar em nada. E o fato de que o sim ples truque cognitivo funcionava tranquilizava-o quanto à questão do aneurism a: se a parede de um a artéria cerebral estivesse prestes a explodir e form ar um buraco em sua cabeça, não era um a estratégia de respiração ao estilo da ioga que em pouco tem po faria diferença.

Mas havia um padrão. Surgia com pensam entos sobre Jane... ou sobre aquele sonho erótico que continuava a ter.

Minha nossa, durante o sono teve orgasm os suficientes para aliviar toda sua libido. E, sendo o filho da m ãe doente que era, a quase certeza de voltar a estar com aquela fêm ea em suas fantasias o fazia ansiar pelo m om ento de colocar a cabeça no travesseiro pela prim eira vez na vida.

Mesm o não podendo explicar o m otivo pelo qual algum as cognições traziam as

dores de cabeça, a boa notícia era que ele *estava* m elhorando. Cada dia após aquele fim de sem ana, que parecia ser um buraco negro bizarro, sentia que voltava um pouco a ser o que era.

Quando restou pouco m ais que um a dor incôm oda, Manny voltou para a esteira e term inou o treino. No cam inho para a saída, acenou para os retardatários do início da m anhã que chegavam e escapou antes que alguém viesse com um “Oh, m eu Deus, você está bem ?”, se visse que tentava controlar a respiração.

No apartam ento, tom ou um banho, colocou um uniform e lim po e um j aleco branco e, em seguida, agarrou sua m aleta e seguiu para o elevador. Para evitar o trânsito pegou as ruas adj acentes que cortavam a cidade. A estrada estava lotada àquela hora do dia e teve bons m om entos ouvindo a tradicional banda My Chem ical Rom ance.

“I’m not okay ” era um a m úsica que, por algum m otivo, não se cansava de ouvir.

Quando virou em direção ao com plexo do Hospital São Francisco, a luz do am anhecer ainda não tinha surgido com pletam ente, o que sugeria que o dia seria nublado. Não que isso im portasse para ele; quando entrava no local, a m enos que houvesse um tornado, o que nunca tinha acontecido em Caldwell, o tem po não o afetava nem um pouco. Inferno, j á tinha ido trabalhar várias vezes ainda no escuro, indo em bora quando escurecia novam ente, m as nunca se sentiu com o se estivesse perdendo seu tem po na vida, pois não era m uito de “curtir a

natureza”.

Engraçado. Agora, porém , sentia-se um tanto deslocado.

Trabalhava naquele hospital desde que term inara sua residência cirúrgica pela

Escola de Medicina de Yale e pretendia seguir para Boston, Manhattan ou

Chicago. Em vez disso, deixou sua m arca ali e, m ais de dez anos depois, ainda

estava onde tinha com eçado. Claro, ocupava o topo da pirâm ide adm inistrativa,

por assim dizer, tinha salvado e m elhorado vidas e j á tinha ensinado um a geração

de cirurgiões.

O problem a era que, ao descer a ram pa para a garagem , tudo aquilo, de

algum a form a, parecia sem sentido.

Tinha quarenta e cinco anos de idade, com pelo m enos m etade do seu tem po

útil dentro de um a caixa. O que tinha para m ostrar? Um apartam ento cheio de

tênis Nike e um trabalho que tinha tom ado conta das partes m ais rem otas de seu

ser. Nada de esposa. Nada de filhos. As festas de Natal, Ano Novo e feriados

nacionais eram passadas no hospital... Com sua m ãe dando um j eito de

com em orar essas datas sem ele e, sem dúvida, esperando por netos. Coisa que

era m elhor ela esperar sentada.

Cristo, com quantas m ulheres tinha transado aleatoriam ente ao longo dos anos?

Centenas. Devia ser.

A voz de sua m ãe veio com o um tiro em sua cabeça: *Você é igual ao seu pai*.

Verdade. Seu pai tam bém tinha sido um cirurgião. Com um traço errante.

Na verdade, foi por isso que Manny tinha escolhido Caldwell. Sua m ãe havia trabalhado no São Francisco com o enferm eira da UTI; batalhou para m antê-lo anos e anos estudando. E o que aconteceu quando se form ou em m edicina? Ao invés de orgulho, havia distância e reserva no rosto dela... Quanto m ais próxim o ficava do que havia sido seu pai, m ais ela expressava aquela distância no olhar. A ideia dele era de que se estivessem na m esm a cidade, estreitariam a relação ou algo assim . No entanto, não foi desse j eito.

Mas ela estava bem . Morava na Flórida naquele m om ento, em um a casa de repouso em um cam po de golfe que ele pagava, j ogando partidas de baralho com senhoras da m esm a idade, j antando com as am igas de carteado e discutindo sobre quem esnobou quem nas festinhas agitadas do local. Ele estava m uito feliz em poder am pará-la e essa era toda a extensão do relacionam ento que m antinham .

Seu pai estava em um túm ulo no cem itério Bosque dos Pinheiros. Morrera em 1983 em um acidente de carro.

Que coisa perigosa é um carro.

Estacionando o Porsche, desceu do veículo e foi pelas escadas ao invés do

elevador para se exercitar. Em seguida, usou a passagem de pedestres para entrar no hospital, no terceiro andar. Quando passou pelos m édicos e enferm eiras, apenas acenou e continuou andando. Geralm ente, dirigia-se a seu escritório prim eiro, m as não im portava o que dissesse para seus pés, aquele não foi o lugar para onde acabou indo naquele dia.

Estava indo para os quartos de recuperação.

Disse a si m esm o que era para ver com o os pacientes estavam , m as aquilo era besteira. Enquanto sua m ente ficava cada vez m ais difusa, ele ignorou o nevoeiro consciencios am ente. Inferno, aquilo era pior que a dor... e provavelm ente estava hipoglicêm ico por ter se exercitado e não se alim entado depois disso.

Paciente... estava procurando sua paciente... Sem nom e. Ele não tinha um nom e em m ente, m as sabia qual era a sala.

Quando chegou à suíte m ais próxim a da escada de incêndio no fim do corredor, um a onda de excitação percorreu seu corpo. Certificou-se de que o j aleco branco estava colocado sobre os om bros e passou a m ão pelos cabelos para aj eitá-los.

Lim pando a garganta, preparou-se, entrou e...

O senhor de oitenta anos de idade deitado sobre a cam a estava dorm indo, m as não estava descansando, tubos entravam e saíam dele com o se fosse um carro

recebendo um a chupeta para recarregar a bateria.

Um a dor pungente socou a cabeça de Manny enquanto encarava o hom em .

– Dr. Manello?

A voz de Goldberg atrás dele foi um alívio, pois deu-lhe algo concreto em que se agarrar... a borda de um a piscina, digam os assim .

Virou-se.

– Ei. Bom dia.

As sobrancelhas do cara se ergueram e, então, franziu a testa.

– Hã... o que está fazendo aqui?

– O que acha? Verificando um paciente. – Deus, talvez todos estivessem enlouquecendo.

– Pensei que ia tirar um a sem ana de folga.

– Com o?

– Isso... hã... foi isso que m e disse quando saiu esta m anhã. Depois que... encontram os você aqui no quarto.

– Do que está falando? – Então, Manny acenou com a m ão num gesto vago. – Ouça, deixe-m e tom ar café da m anhã prim eiro...

– É hora do j antar, Dr. Manello. São seis da tarde. Saiu daqui há doze horas.

A excitação que tinha aquecido seu corpo saiu correndo de dentro dele e foi substituída im ediatam ente por um banho frio de algo que nunca, j am ais, havia sentido antes.

Um m edo glacial percorreu-o e deu um a reviravolta em seus neurônios.

O silêncio constrangedor que se seguiu foi interrom pido por um a agitação no corredor: pessoas passavam com sapatos baixos e confortáveis, apressando-se para atender pacientes ou em purrando carrinhos de roupa suj a para a lavanderia ou levando refeições... j antar, naturalm ente... de quarto em quarto.

– Eu vou... voltar para casa agora – Manny disse.

Sua voz era ainda m ais forte do que nunca, m as a expressão no rosto de seu colega revelava a verdade sobre a situação: não im portava o que dizia a si m esm o sobre sentir-se m elhor, não era m ais o m esm o. Parecia o m esm o; a voz soava com o se fosse a m esm a pessoa; andava da m esm a m aneira. Tentou até convencer a si m esm o de que era o m esm o.

Mas algum a coisa tinha m udado naquele fim de sem ana e tem ia que não houvesse volta.

– Gostaria que alguém o levasse para casa? – Goldberg perguntou tim idam ente.

– Não. Estou bem .

Precisou de todo o orgulho que tinha para não com eçar a correr quando se virou para sair: com m uita força de vontade, ergueu a cabeça, endireitou a coluna e colocou um pé em frente ao outro calm am ente.

Foi estranho, m as, ao sair, pensou em seu professor de cirurgia... o que tinha

sido “aposentado” pela adm inistração da escola quando fez setenta anos. Na época, Manny estava no segundo ano.

Dr. Theodore Benedict Stanford III.

O cara era um filho da m ãe em sala de aula, o tipo de desgraçado que gostava m ais quando os alunos davam respostas erradas, pois lhe proporcionava a oportunidade de repreender as pessoas. Quando a escola anunciou sua saída, Manny e seus colegas de classe fizeram um a festa de despedida para o pobre coitado, todos eles em bebedaram -se celebrando o fato de serem a últim a geração a ser subm etida às babaquices dele.

Manny estava trabalhando com o zelador na escola naquele verão para conseguir algum dinheiro e estava esfregando o chão do corredor quando o carregador rem anescente saiu levando as caixas finais do escritório de Stanford...

e, em seguida, foi o velho quem saiu e desapareceu no final do corredor, passando por ali pela últim a vez.

Saiu com a cabeça erguida, descendo as escadas de m árm ore e partindo pela m aj estosa porta da frente com o queixo em pinado.

Manny tinha rido da arrogância do hom em , que não baixou a cabeça m esm o em face da idade e do fato de reduzirem seu valor a algo obsoleto.

Agora, cam inhando da m esm a m aneira, perguntou-se se poderia ser verdade. Era m uito provável que Stanford tenha tido a m esm a sensação que Manny experim entava naquele m om ento: a sensação de ser descartado.

C A P ÍTU LO 17

Jane ouviu uma agitação vindo do centro de treinam ento. O barulho a acordou.

Ergueu sua cabeça do travesseiro apoiando-se no antebraço e sua coluna estralou, pois estava curvada sobre a m esa.

Rom pendo... e batendo...

A princípio, achou que era um a raj ada de vento, m as houve um estalo em seu cérebro em seguida. Não havia j anelas ali no subsolo. E seria necessária um a tem pestade terrível para criar aquela quantidade de barulho.

Erguendo-se rapidam ente da cadeira, deu a volta na m esa e saiu correndo pelo corredor em direção ao quarto de Pay ne. Tinha um m otivo para que todas as portas estivessem abertas: havia apenas um a paciente e em bora Pay ne fosse m uito tranquila, se algum a coisa acontecesse...

Que *diabos* era aquele estardalhaço? Havia gem idos tam bém ...

Jane deslizou através do batente da porta da sala de recuperação e quase gritou. Ah, Deus... todo aquele *sangue*.

– Pay ne! – ela correu para a cam a.

A irm ã gêm ea de V. estava em um descontrole selvagem , balançando os braços para todos os lados, os dedos agarravam os lençóis e a si m esm a, as unhas afiadas arranhavam a pele dos braços, dos om bros e das clavículas.

– Não consigo sentir isso! – a fêm ea gritou, presas expostas, olhos tão abertos

que exibia claram ente um a borda branca ao redor deles. – Não consigo sentir nada!

Jane aproxim ou-se com rapidez e agarrou um dos braços, m as seu aperto deslizou no instante em que o contato foi feito, afastando-a de todos aqueles arranhões escorregadios.

– Pay ne! – Se ela continuasse, as feridas ficariam tão profundas que os ossos seriam expostos. – Pare...

– *Não consigo sentir nada!*

A caneta Bic apareceu na m ão de Pay ne do nada... só que, não, não foi m ágica... A caneta era de Jane, aquela que guardava no bolso lateral de seu j aleco branco. No instante em que viu o obj eto, todos aqueles golpes furiosos transform aram -se em um a sequência de im agens em câm era lenta enquanto a m ão de Pay ne se erguia.

A punhalada era tão forte e decidida que nada poderia detê-la.

A ponta afiada trespassou o coração da fêm ea, m atando-a, e seu corpo lançou-se para frente, o suspiro da m orte exalado por sua boca aberta.

Jane gritou:

– *Nãããão...*

– Jane... acorde!

O som da voz de Vishous não fazia sentido. Só que, então, ela abriu os olhos... para visualizar a com pleta escuridão. A clínica, o sangue e a respiração ofegante

de Pay ne foram substituídos por um a m ortalha visual negra que...

O brilho da cham a de velas surgiu em seu cam po de visão. A prim eira coisa que viu foi o rosto tenso de Vishous; ele estava ao seu lado, m as não tinham ido para a cam a j untos.

– Jane, foi só um sonho...

– Estou bem – ela deixou escapar, afastando o cabelo do rosto. – Estou...

Enquanto apoiava-se em seus braços e ofegava, não distinguia o que era sonho e realidade. Especialm ente se levasse em conta que Vishous estava ao lado dela; não era apenas um a questão de não irem para a cam a j untos ultim am ente. Não estavam acordando j untos tam bém . Achou que ele tinha dorm ido na oficina, m as talvez não tivesse sido o caso.

Esperava que não tivesse m esm o sido o caso.

– Jane...

No silêncio som brio, ouviu na palavra toda a tristeza que V. nunca deixou transparecer antes em nenhum a outra situação. E ela se sentia da m esm a m aneira. Aqueles dias em que não tinham se falado m uito, o estresse por causa da recuperação de Pay ne, a distância... a m aldita distância... tudo era triste dem ais.

Porém , ali, à luz das velas, na cam a deles, tudo aquilo enfraqueceu um pouco.

Com um suspiro, virou-se para o corpo quente e pesado de V. e o contato a

transform ou: sem intenção de assum ir sua form a sólida, tornou-se corpórea, o calor fluía entre eles, am pliava-se e a deixava tão real quanto ele. Levantando o olhar, observou aquele rosto belo e feroz com a tatuagem sobre a têm pora, o cabelo negro que sem pre penteava para trás, a sobrancelha com falhas e aqueles olhos pálidos e gélidos.

Durante a últim a sem ana, ela pensou e repensou sobre a noite em que as coisas tinham ficado tão difíceis. E apesar de boa parte daquilo ser decepção e ansiedade, havia um a coisa que não fazia sentido.

Quando se encontraram no túnel, Vishous estava usando um a blusa de gola alta. E ele nunca usava blusas assim . Odiava tais peças, pois achava que elas o sufocavam ... o que era irônico, considerando o que o aliviava algum as vezes. Norm alm ente, vestia regatas ou andava nu, e ela não era estúpida. Poderia ser um cara durão, m as os hem atom as surgiam em sua pele com a m esm a facilidade de qualquer outra pessoa.

Disse que tinha lutado, m as era um m estre no com bate m ano a m ano. Então, se estava todo roxo da cabeça aos pés, só havia um a razão para isso: havia perm itido.

E ela teve de se perguntar quem tinha feito aquilo com ele.

– Você está bem ? – V. perguntou.

Ela estendeu a m ão e a colocou sobre o rosto dele.

– E você? Está bem ?

Será que eles estavam bem ?

Ele não hesitou.

– Com o que sonhou?

– Vam os ter que conversar sobre algum as coisas, V.

Os lábios dele se contraíram . E ficaram ainda m ais tensos enquanto ela esperava. Finalm ente, ele disse:

– Pay ne está com o está. Faz apenas um a sem ana e...

– Não é sobre ela. É sobre o que aconteceu naquela noite quando saiu sozinho.

Nesse m om ento, ele se recostou, m ergulhando nos travesseiros e unindo as duas m ãos sobre o abdôm en definido. Na penum bra, os m úsculos contraíram -se e suas veias proj etaram som bras no pescoço.

– Está m e acusando de ter ficado com outra pessoa? Pensei que j á tínham os resolvido isso.

– Pare de m udar de assunto – ela olhou para ele com firm eza. – E se quiser com prar um a briga, procure alguns *redutores* para isso.

Qualquer outro m acho teria reagido com um rápido contra-argum ento, com direito a toda um a carga dram ática.

Em vez disso, Vishous virou-se para ela e sorriu.

– Quero ouvi-la.

– Prefiro que você fale com igo.

Aquela cham a sensual com a qual estava tão fam iliarizada, m as que não tinha visto na últim a sem ana, borbulhou nos olhos dele enquanto m ovim entou-se em direção a ela. Em seguida, baixou o olhar e observou o sutiã que havia sob a cam iseta sim ples com a qual havia adorm ecido.

Ela colocou o rosto no cam inho do olhar dele, m as estava sorrindo tam bém . As coisas tinham sido tão duras e tensas entre eles. Aquilo parecia norm al.

– Não vou m e distrair.

Quando um calor em anou do corpo dele em ondas, seu com panheiro estendeu a ponta do dedo e deslizou ao longo de seu om bro. Então, abriu a boca, as pontas brancas de suas presas foram expostas e ficaram ainda m ais longas quando lam beu os lábios.

De algum a m aneira, o lençol que o cobria foi sendo puxado de seu abdôm en. Escorregou m ais, e m ais. Era sua m ão enluvada cum prindo seu dever e a cada centím etro exposto, os olhos de Jane tinham m ais dificuldade em focar outra coisa. Ele parou um pouco antes da sua grande ereção ser exposta, m as deu a ela um a pequena am ostra do que havia ali: as tatuagens em torno de sua virilha esticaram -se e m ovim entaram -se enquanto os quadris contraíam -se e relaxavam , contraíam -se e relaxavam .

– Vishous...

– O quê?

Sua m ão enluvada m ergulhou sob o cetim preto e ela não precisou ver para onde se direcionava para saber que envolveria seu pênis: o fato de que arqueava as costas disse-lhe tudo o que precisava saber.

Isso e a m aneira com o m ordeu o lábio inferior.

– Jane...

– O quê?

– Vai ficar só olhando, não é m esm o?

Deus, Jane lem brava-se da prim eira vez que o viu assim , estirado em um a cam a, rij o, pronto. Estava lhe dando um banho de esponj a e conseguiu lê-la com o um livro: por m ais que ela não quisesse adm itir, estava desesperada para observar com o ele se tocava até gozar.

E ela se certificou de que ele o fizesse.

Sentindo-se aquecida, inclinou-se para ele e aproxim ou tanto sua boca que quase tocou a dele.

– Ainda está desviando do assunto...

Em um piscar de olhos, a m ão livre de Vishous agarrou-a pela nuca, prendendo-a. E toda aquela força passou pelo corpo dele, sendo direcionada entre as coxas dela.

– Sim . Estou. – Estendeu a língua e passou sobre os lábios dela. – Mas sem pre podem os conversar depois. Sabe que nunca m into.

– Achei que sua linha de discurso estava baseada m ais em ... nunca estar errado.

– Bem , isso tam bém é verdade. – Um rosnado escapou de dentro dele. – E, nesse m om ento... você e eu precisam os disso.

Aquela últim a parte foi dita com nada da paixão e toda a seriedade que ela precisava ouvir. E, quer saber, ele tinha razão. Os dois estavam andando em círculos nos últim os sete dias, pisando em ovos, evitando a m ina terrestre que havia no centro do relacionam ento. Conectar-se daquela m aneira, pele com pele, iria aj udá-los a superar as palavras que tinham de ser ditas.

– Então, o que m e diz? – ele m urm urou.

– O que está esperando?

A risada que soltou foi baixa e satisfeita e seu braço contraía-se e relaxava quando com eçou a se acariciar.

– Puxe o lençol, Jane.

O com ando saiu rouco, m as claro, e ela entendeu bem . Com o sem pre.

– Faça isso, Jane. Observe.

Colocou a m ão sobre os m úsculos do peitoral dele e desceu-a sentindo seu abdôm en definido, ouvindo o arfar de sua respiração entre os dentes. Ao puxar o lençol, engoliu em seco quando viu o pênis ultrapassando a altura do punho, oferecendo-se com um a lágrim a singela e cristalina.

Quando ela estendeu a m ão para tocá-lo, ele agarrou seu pulso, segurando-a.

– Olhe para m im , Jane... – ele gem eu. – Mas não m e toque.

Filho da m ãe. Odiava quando fazia aquilo. Adorava tam bém .

Vishous não a soltou enquanto trabalhava em sua ereção com a m ão enluvada,

seu corpo ficou tão lindo quando encontrou um ritm o para m ovim entar a palm a.

A luz das velas envolveu a cena em um tom de m istério, m as... era sem pre assim

com V. Nunca sabia o que esperar com ele e não só por ser o filho de um a

divindade. Estava pronto para o sexo o tem po todo; era durão, astuto, depravado e

exigente.

E sabia que conhecia apenas um a versão diluída dele.

Havia cavernas profundas em seu labirinto subterrâneo, as quais ela nunca

tinha visitado e nem poderia fazer isso um dia.

– Jane... – disse ele asperam ente. – Sej a lá o que estiver pensando, deixe para

lá... Fique com igo aqui e agora e não continue pensando assim .

Fechou os olhos. Sabia com quem tinha se casado e quem am ava. Quando se

com prom eteu com ele para a eternidade, tinha plena consciência de todos os

hom ens e m ulheres com quem esteve e da m aneira com o os possuiu. Só nunca

im aginou que aquele passado ficaria entre eles...

– Não estava com ninguém – sua voz era forte e decidida. – Naquela noite.

Juro.

Os olhos de Jane se abriram . Ele parou de tocar a si m esm o e perm aneceu deitado.

De repente, a visão dela ficou turva pelas lágrim as.

– Sinto m uito – ela resm ungou. – Só precisava ouvir isso. Confio em você, de verdade, m as eu...

– Shh... está tudo bem . Estendeu a m ão enluvada e lim pou a lágrim a de seu rosto. – Está tudo bem . Por que não pergunta o que está acontecendo com igo?

– É errado.

– Não, eu é que estou errado. – Respirou fundo. – Passei a últim a sem ana tentando forçar as coisas a saírem da m inha boca. Odeio essa droga, m as não sabia o que dizer para que as coisas não se tornassem piores.

De algum a m aneira, ela estava surpresa com a com paixão e com preensão. Os dois eram tão independentes, e era por isso que o relacionam ento funcionava: ele

era reservado e ela não precisava de m uito apoio em ocional e, norm alm ente, aquela m atem ática som ava m uito bem . Porém , não naquela sem ana.

– Tam bém sinto m uito – ele m urm urou. – E gostaria de ser um m acho diferente.

De algum a form a, ela sabia que estava falando sobre m uito m ais do que sua natureza reservada.

– Não há nada que não possa falar com igo, V. – Quando tudo o que obteve

com o resposta foi um “hm m m ”, ela disse: – Está m uito estressado agora. Sei disso, e faria qualquer coisa para aj udá-lo.

– Eu am o você.

– Então, precisa conversar com igo. A única coisa que, com certeza, não vai funcionar é o silêncio.

– Eu sei. Mas é com o observar um quarto escuro. Quero lhe dizer algum a coisa, m as não consigo... Não consigo entender nada do que sinto.

Ela acreditava nisso... e reconhecia que aquilo era algo com que as vítim as de abuso infantil tendem a lutar na idade adulta. O m ecanism o de sobrevivência inicial que os aj udava a passar por tudo era a com partim entalização: quando tinham de lidar com coisas dem ais, dividiam o seu interior e arm azenavam as em oções em um local m uito, m uito distante.

O perigo, claro, era a pressão invariavelm ente construída sobre isso.

No entanto, ao m enos o gelo entre eles fora quebrado, e encontravam -se naquele espaço calm o e sem ipacífico.

Com o se tivessem vontade própria, os olhos de Jane repousaram sobre a ereção de V., que estava deitada sobre sua barriga e ia além de seu um bigo. De repente, o desej ou tanto que m al conseguia falar.

– Possua-m e, Jane – ele sussurrou. – Faça o que quiser com igo.

O que ela desej ava fazer era chupá-lo e foi o que fez, curvando os quadris, tom ando-o com sua boca, e sugando-o até o fundo de sua garganta. O som que

reproduziu foi anim alesco e seus quadris se ergueram , em purrando aquela extensão excitada do corpo dele contra seu rosto. Então, um dos j oelhos dobrou-se de repente e j á não estava apenas deitado, m as esparram ado, quando se entregou a ela com pletam ente, acariciando a parte de trás da cabeça de Jane enquanto encontrava um ritm o que o levasse...

O m ovim ento do corpo dela era rápido e suave.

Com sua força trem enda, V. reposicionou-a em um piscar de olhos, girando-a e tirando os lençóis do cam inho para que pudesse erguer seus quadris e colocá-la sobre o tronco dele. As coxas dela abriram -se diante de seu rosto e...

– *Vishous* – ela disse com os lábios sobre sua ereção.

A boca dele estava escorregadia, quente e direcionada bem ao alvo. Fundindo-se com o sexo dela, agarrou-a e sugou antes que a língua serpenteasse para fora e lam besse dentro dela. O cérebro dela não desligou, explodiu, e, sem nada para pensar, perdeu-se alegrem ente no que estava acontecendo agora e não no que tinha acontecido antes. Tinha a sensação de que V. sentia o m esm o... Ele acariciava, lam bia e chupava, com as m ãos entre suas coxas, enquanto gem ia seu nom e contra seu núcleo. Era difícil se concentrar no que ele fazia, pois estava fazendo o m esm o com ele. Sua ereção estava dura e quente em sua boca e havia puro prazer entre as pernas – aquelas sensações eram prova de que m esm o sendo um fantasm a, suas reações físicas eram iguais às de quando estava “viva”.

– *Dane-se, preciso de você* – ele am aldiçoou.

Em outra rápida explosão de energia, Vishous ergueu-a com o se não pesasse m ais do que um lençol e a m udança de posição não foi um a surpresa. Ele sem pre preferiu gozar dentro dela, bem em seu interior, e abriu-lhe bem as pernas antes de colocá-la sobre seus quadris e m eter a cabeça arredondada... *e penetrou profundamente*.

A invasão não foi apenas sexo, ele a reivindicava e ela adorava isso. Era assim que tinha de ser.

Jogando-se para frente e apoiando-se sobre os om bros dele, olhou em seus olhos enquanto m oviam -se j untos, o ritm o aum entava até que gozaram j untos –

os dois ficaram rígidos quando ele ainda arrem etia contra a fenda de Jane, e o sexo dela o banhou com o orgasm o. Então, V. virou-a para que ficasse com as costas sobre a cam a e se abaixou, voltando para onde havia com eçado com a boca, fundindo-a sobre ela, segurando as coxas enquanto a chupava.

Quando ela gozou com força, não houve interrupção ou pausa. Ele continuou, estendendo as duas pernas de Jane, separando-as e penetrando-a com um golpe firm e de língua. O corpo dele era um a m áquina de m ovim entos intensos sobre o

dela, o forte arom a de vinculação espalhou-se pelo quarto durante o orgasm o dele, a sem ana de abstinência transform ou-se em pó durante aquela gloriosa transa.

Quando o orgasm o subiu-lhe com o a lava de um vulcão, ela o observou enquanto gozava, am ando todas as partes de seu corpo, m esm o aquelas que às vezes ela se esforçava para entender.

Então, ele continuou. Mais sexo. E ainda m ais.

Quase um a hora depois, estavam finalm ente saciados, deitados sem se m overem e respirando fundo à luz das velas.

Vishous rolou os dois pela cam a, m antendo-os unidos e seus olhos percorreram o rosto dela por um longo m om ento.

– Não tenho palavras. Dezesseis línguas, m as nenhum a palavra.

Havia am or e desespero na voz dele. Ficava m esm o um tanto deficiente quando se tratava de em oções e o fato de se apaixonar não tinha m udado isso... ao m enos, não quando as coisas m ostravam -se tão estressantes com o agora. Mas tudo bem ... depois desse tem po que passaram j untos, estava tudo bem .

– Está tudo bem . – Ela beij ou seu peito. – Eu com preendo você.

– Queria tanto que você não precisasse disso.

– Você m e entende.

– Sim , m as você é fácil.

Jane se apoiou.

– Sou a aberração de um fantasm a. No caso de ainda não ter notado. Não é algo com que os hom ens costum am se em polgar m uito.

V. puxou-a para lhe dar um beij o rápido e firm e.

– Mas eu a terei pelo resto da m inha vida.

– Terá m esm o. – Afinal, seres hum anos não duram um décim o do que vivem os vam piros.

Quando o alarm e disparou ao lado deles, V. encarou a coisa.

– Agora sei por que durm o com um a arm a debaixo do m eu travesseiro.

Quando ele estendeu a m ão para silenciar o relógio, ela teve de concordar.

– Sabe? Poderia sim plesm ente atirar nele.

– Não, Butch viria até aqui encher o saco, e não quero estar com um a arm a em m ãos se ele vir você nua.

Jane sorriu e deitou-se quando ele saiu da cam a e andou até o banheiro. Na porta, parou e olhou sobre o om bro.

– Eu vim ficar com você, Jane. Vim e fiquei com você todas as noites dessa sem ana. Não queria que ficasse sozinha, e não queria dorm ir sem você.

Com isso, entrou no banheiro e, m om entos depois, ela ouviu o chuveiro ser aberto.

Ele era m elhor com as palavras do que im aginava.

Espreguiçando-se satisfeita, sabia que tinha de levantar e se arrum ar tam bém ... estava na hora de liberar Ehlena de seu turno na clínica. Cara, gostaria de ficar ali a noite toda. Talvez apenas um pouco m ais...

Vishous saiu dez m inutos depois para encontrar-se com Wrath e a Irm andade, e beij ou-a quando estava saindo. Duas vezes.

Saindo da cam a, ela usou o banheiro e, depois, foi até o arm ário e abriu as portas duplas. Pendurado no guarda roupas havia peças de couro... dele; blusas brancas sim ples... dela; j alecos brancos... dela; e j aquetas de m otoqueiro... dele.

As arm as estavam trancadas num cofre à prova de fogo e os sapatos, no chão.

De m uitas m aneiras, sua vida era incom preensível. Um a fantasm a casada com um vam piro? Até parece.

Mas olhando para aquele arm ário tão agradável e organizado, com suas vidas loucas repousando ali dentre as roupas e sapatos tão bem posicionados, sentiu-se bem sobre onde estavam . Ser “norm al” não era tão ruim naquele m undo m aluco; não era m esm o. Não im portava com o tal conceito passara a ser definido.

C A P ÍTU LO 18

No centro de fisioterapia da clínica, Pay ne estava fazendo seus exercícios – era assim que gostava de pensar que eram .

Deitada na cam a do hospital com travesseiros apoiando a lateral de seu corpo, ela cruzou os braços sobre o peito e contraiu o estôm ago, puxando o tronco para cim a em um a subida lenta. Quando colocou-se perpendicular ao colchão, esticou os braços e os m anteve assim enquanto se deitava.

Depois de apenas um a sequência, seu coração estava batendo forte e sua respiração estava curta, m as perm itiu-se apenas um breve m om ento para se recuperar e repetiu. E repetiu. E repetiu.

O esforço ficava cada vez m ais exaustivo, até que o suor brotou em sua testa e os m úsculos de seu estôm ago com eçaram a doer. Jane havia lhe m ostrado com o

fazer aquilo e acreditava ser algo bom ... contudo, com parado com o que era capaz de fazer, isso era um a faísca em relação a um a fogueira.

De fato, Jane tentou que fizesse m uito m ais... trouxera até um a cadeira de rodas para ela se sentar e se locom over, m as Pay ne não conseguia suportar a visão da coisa ou a ideia de passar a vida “rolando” de um lugar a outro.

Na últim a sem ana, fechara sum ariam ente todas as avenidas da acom odação na esperança de um único m ilagre... que nunca se concretizou.

Parecia que séculos haviam se passado desde que havia lutado com Wrath... desde que havia conhecido a coordenação e força de seus m em bros. Havia tom ado tanta coisa por certa e agora sentia falta de quem tinha sido, com um a tristeza que achava só ser possível expressar pelos que falecem .

Então, achou que tinha m orrido. Seu corpo apenas não foi inteligente o suficiente para parar de funcionar.

Com um a m aldição no Antigo Idiom a, caiu para trás e perm aneceu ali deitada. Quando foi capaz, encontrou a tira de couro que havia am arrado

em baixo das coxas. A coisa estava m uito apertada, sabia que prendia sua

circulação, m as não sentia nem o aperto do laço, nem o doce alívio quando soltou

o fecho e o couro pulou solto.

Tinha sido assim desde a noite que havia retornado àquele local.

Nenhum a m udança.

Fechando os olhos, entrou outra vez em um a guerra interna, depois que seus

m edos lançaram as espadas contra sua m ente e os resultados foram ainda m ais

trágicos. Após sete ciclos de dias e noites, seu exército de racionalidade estava

sofrendo pela falta de m unição e por um a fadiga profunda. Assim , a m aré estava

virando. Prim eiro, tinha sido im pulsionada pelo otim ism o, m as ele havia desaparecido; depois, houve um período de resoluta paciência, que não durou

m uito. Desde então, perm anecia naquela estrada árida de esperanças infundadas.

Sozinha.

Na verdade, a solidão era a pior parte da provação: estava com pletam ente

separada de todas as pessoas que eram livres para ir e vir, dentro e fora do

quarto, m esm o quando elas se sentavam e conversavam com ela ou atendiam as

suas necessidades básicas. Confinada àquela cam a, estava em outro plano da

realidade deles, separados por um deserto vasto e invisível que conseguia

visualizar claram ente, m as era incapaz de atravessá-lo.

E era estranho. Tudo o que tinha perdido aguçava-se ainda m ais quando

pensava em seu curandeiro hum ano... algo tão frequente que não conseguia m ais

enum erar a quantidade de vezes que havia acontecido.

Oh, com o sentia falta daquele hom em . Muitas foram as horas que havia

passado lem brando-se da sua voz, de seu rosto e daquele últim o m om ento entre

eles... até as m em órias transform arem -se em um cobertor com o qual se

aquecia durante os longos e frios m om entos de tem ores e preocupações.

Infelizm ente, porém , m uito parecido com o que aconteceu com seu lado

racional, aquele cobertor foi se desgastando por excesso de uso e não havia com o

repará-lo.

Seu curandeiro não pertencia ao seu m undo e j am ais retornaria... não foi nada

além de um sonho breve e vívido, que se desintegrara em filam entos e

fragm entos agora que havia acordado.

– Chega – disse a si m esm a em voz alta.

Tentando m anter-se com a força da parte superior do corpo, virou-se para o

lado em direção aos dois travesseiros, lutando contra o peso m orto que era a

parte inferior do corpo enquanto se esforçava para...

O equilíbrio falhou por um m om ento e a fez cam balear m esm o estando de

bruços, seu braço derrubou o copo de água que havia na m esa próxim a a ela.

E, infelizm ente, aquele não era um obj eto adequado para im pacto.

Quando se quebrou, Pay ne fechou a boca, que era a única m aneira que

conhecia para m anter seus gritos dentro dos pulm ões. Caso contrário, violariam o

selo de seus lábios e não cessariam .

Quando achou que j á dispunha de autocontrole suficiente, olhou para a lateral

da cam a em direção à bagunça no chão. Norm alm ente, seria um a coisa

sim ples... algo foi derram ado, alguém lim paria.

Antes, tudo o que teria feito seria curvar-se e dar um j eito naquilo.

Agora? Tinha duas escolhas: ficar deitada ali e pedir aj uda com o um a inválida.

Ou pensar, elaborar um a estratégia e fazer um a tentativa de ser independente.

Levou um tem po para descobrir os pontos de apoio para suas m ãos e, então,

avaliar a distância até o chão. Felizm ente, havia sido desconectada de todos os

plugues que havia em seu braço, m as um cateter ainda perm anecia... então, talvez, fazer aquilo sozinha fosse um a m á ideia.

Ainda assim , não conseguia suportar a indignidade de ficar ali deitada. Tinha

sido um a guerreira; agora, era um a criança incapaz de cuidar de si m esm a.

Era insuportável.

Pegando alguns lenços de papel “Kleenex”, com o as pessoas os cham avam ,

baixou a grade da cam a, agarrou a parte de cim a e curvou-se sobre a lateral do

corpo. A torção fez com que suas pernas sacudissem com o as de um a m arionete,

um m ovim ento m uito sem graça, m as, ao m enos, conseguiu alcançar o chão liso

com a coisa branca e m acia na palm a da m ão.

Ao se estender, tentando m anter o precário equilíbrio na beirada da cam a, sentiu-se cansada de ter assistência para tudo, ser cuidada, lavada e enrolada com o um bebê recém -chegado ao m undo.

Seu corpo foi em direção ao vidro.

Sem perceber, escorregou a m ão da aderência lisa da grade e com os quadris tão longe do colchão caiu de cabeça no chão, a força da gravidade foi m uito forte para que pudesse vencê-la. Lançando as m ãos para se apoiar, foi surpreendida pelo chão m olhado, suas palm as escorregaram para baixo de seu corpo, que vacilou, e ela sentiu a força do im pacto na lateral do rosto, a respiração explodiu em seus pulm ões.

Então, não havia m ovim ento.

Estava presa, a cam a apoiando seus m em bros inúteis, colocando o tronco e a cabeça sobre os braços, esm agando-os contra o chão.

Puxando o ar em sua garganta, gritou:

– Socorro... *socooorro*...

Com o rosto esprem ido, os braços com eçando a ficar dorm entes e os pulm ões queim ando por asfixia, a raiva acendeu dentro de si até seu corpo estrem ecer...

Prim eiro veio um chiado. Em seguida, o barulho transform ou-se em

m ovim ento quando seu rosto com eçou a escorregar sobre o ladrilho, a pele ficou

tão tensa e fina que parecia estar sendo descascada. E, então, a pressão cresceu em sua nuca, a grossa trança puxava sua cabeça para trás ao m esm o tem po em que a estranha posição levava-a para frente.

Reunindo todas as forças, decidiu concentrar a raiva e m anobrou os braços para que as m ãos voltassem a espalm ar sobre o chão. Após inalar o ar com força, em purrou e conseguiu girar o corpo para ficar de costas para cim a...

A trança de cabelos caiu entre os suportes da grade da cam a e prendeu-se com força ali, a espessa extensão m anteve-a no lugar, enquanto repuxava dolorosam ente do pescoço ao om bro. Presa e sem poder ir a lugar algum , poderia ver apenas suas pernas de onde estava, suas longas e esbeltas pernas sobre as quais nunca havia dispensado qualquer atenção.

Quando o sangue foi se acum ulando gradualm ente em seu tronco, observou a pele de suas panturrilhas ficarem brancas com o papel.

Com os punhos fechados, enviou o com ando para que os dedos dos pés se m ovessem .

– Maldição... *mexa-se*... – teria fechado os olhos para se concentrar, m as não queria perder o m ilagre caso acontecesse.

Não aconteceu.

Não tinha acontecido antes.

E estava com eçando a perceber que... não aconteceria.

Quando as unhas dos pés foram do rosa ao cinza, soube que tinha de entrar em

um acordo com sua situação. E aquela parecia um a boa analogia para sua posição física atual.

Quebrada. Inútil. Um peso m orto.

O colapso que finalm ente se seguiu não trouxe consigo lágrim as ou soluços. Em vez disso, o estalo foi dem arcado por um a som bria decisão.

– Pay ne!

Ao som da voz de Jane, fechou os olhos. Não era o salvador que desej ava. Seu irm ão... precisava do seu irm ão gêm eo para fazer o que tinha de ser feito.

– Por favor, cham e Vishous – disse com voz rouca. – Por favor.

A voz de Jane chegou bem perto.

– Vam os erguê-la do chão.

– Vishous.

Houve um clique e soube que o alarm e que tinha sido incapaz de alcançar havia sido acionado.

– Por favor – ela gem eu. – Cham e o Vishous.

– Vam os...

– *Vishous*.

Silêncio. Até que a porta foi aberta.

– Aj ude-m e, Ehlena – ouviu Jane dizer.

Pay ne tinha consciência de que sua boca estava se m ovendo, m as ficou surda quando as duas fêm eas ergueram suas costas até a cam a e as pernas foram

reinstaladas, alinhando-as paralelam ente entre si, antes de cobri-las com lençóis brancos.

Enquanto diversos esforços de lim peza aconteciam tanto sobre a cam a quanto no chão, Pay ne concentrou-se do outro lado do quarto, na parede branca, que havia encarado durante um a eternidade desde que tinha sido transferida para aquele espaço.

– Pay ne?

Quando não respondeu, Jane repetiu:

– Pay ne. Olhe para m im .

Moveu os olhos e não sentiu nada ao observar o rosto preocupado da *shellan* de seu irm ão gêm eo.

– Preciso do m eu irm ão.

– Claro, vou buscá-lo. Está em um a reunião agora, m as vou fazer com que venha até aqui antes de sair. – Houve um a longa pausa. – Posso perguntar por que desej a vê-lo?

As palavras firm es e equilibradas diziam -lhe claram ente que a boa curandeira não era boba.

– Pay ne?

Pay ne fechou os olhos com força e ouviu-se dizer:

– Ele m e fez um a prom essa quando tudo isso com eçou, e preciso que ele a

cum pra.

Apesar de ser um fantasm a, o coração de Jane ainda era capaz de parar dentro do peito, e quando se inclinou sobre a beirada da cam a hospitalar, não havia nada se m ovendo por trás de sua caixa torácica.

– Que prom essa foi essa? – questionou sua paciente.

– É um problem a que diz respeito apenas a nós dois.

Até parece, Jane pensou, concluindo que estava entendendo direito.

– Pay ne, deve haver m ais algum a coisa que possam os fazer.

Porém não fazia ideia do que seria. As radiografias m ostravam que os ossos foram alinhados da m aneira adequada, as habilidades de Manny consertaram tudo perfeitam ente; no entanto, a espinha dorsal... essa era a parte im previsível, um coringa. Tinha esperança de que algum a regeneração dos nervos fosse possível... ainda estava aprendendo sobre as capacidades físicas dos vam piros, m uitas delas pareciam pura m ágica com paradas com o que os hum anos desem penhavam em term os de cura.

Mas estavam sem sorte; aquele não era o caso.

E não precisava ser um gênio para descobrir o que Pay ne estava buscando.

– Sej a honesta com igo, *shellan* do m eu irm ão gêm eo. – Os olhos de cristal de Pay ne fixaram -se nos de Jane. – Sej a honesta consigo m esm a.

Se havia um a coisa que Jane odiava por ser m édica era que lhe pedissem um a opinião subj etiva. Havia m uitos incidentes m esm o quando a situação estava

clara: um cara aparece na em ergência com a m ão arrancada dentro de um a bolsa de gelo e um torniquete ao redor do braço? Era preciso religar o m em bro e colocar os nervos de volta onde precisavam estar. Um a m ulher em trabalho de parto com um a ocorrência anterior por problem as com o cordão um bilical do bebê? Cesariana. Fratura exposta? Abrir o local e consertar o ligam ento.

Mas nem tudo era tão “sim ples”. Geralm ente, a névoa cinzenta do “talvez isso”, “talvez aquilo” aproxim ava-se, e Jane tinha de encarar a situação nublada e obscura...

Oh, a quem ela estava enganando?

O aspecto clínico daquela equação tinha chegado a um resultado correto. Só não queria acreditar na resposta.

– Pay ne, deixe-m e buscar Mary...

– Não queria falar com a fêm ea conselheira há duas noites e não desej o falar com ela agora. Está acabado para m im , curandeira. E por m ais que m e doa cham ar m eu irm ão gêm eo, por favor, vá e traga-o aqui. É um a boa fêm ea e não é você que deve enfrentar isso.

Jane olhou para suas m ãos. Nunca usou-as para m atar. Nunca. Era um ato antiético não apenas com relação a sua vocação e com prom isso profissional com o tam bém a seus valores pessoais.

E, ainda assim , enquanto pensava sobre seu *hellren* e o tem po que passaram

j untos após acordar com ele, sabia que não poderia perm itir que viesse até ali e fizesse o que Pay ne queria: Vishous havia dado um pequeno passo na direção oposta do precipício no qual estava prestes a se j ogar e não havia nada que Jane não faria para im pedi-lo de voltar àquele lim ite.

– Não posso buscá-lo – ela disse. – Desculpe. Mas sim plesm ente não vou colocá-lo nessa situação.

O gem ido que surgiu da garganta de Pay ne era o desespero em seu coração que criava asas e com eçava a ser libertado.

– Curandeira, essa é a m inha escolha. *Minha* vida. Não sua. Desej a ser um a verdadeira salvadora, então, faça parecer um acidente ou consiga-m e um a arm a

e eu m esm a faço isso. Mas não m e deixe neste estado. Não consigo suportar e não vai fazer bem algum a sua paciente se eu continuar assim .

De algum a m aneira, Jane sabia que isso aconteceria. Tinha visto claram ente nas som bras pálidas sobre as im agens escuras da radiografia, aquelas que lhe deveriam dizer que tudo estava dando certo... e que, se não estivesse, a coluna vertebral tinha sido lesionada de form a irreparável.

Observou aquelas pernas tão im óveis sob o lençol e pensou sobre o j uram ento de Hipócrates que havia feito anos atrás: “Nunca causar dano ou m al a alguém ” era o prim eiro m andam ento.

Era difícil achar que Pay ne não estava sendo prej udicada sendo m antida

daquela m aneira... especialm ente porque não quis seguir o procedim ento em um

prim eiro m om ento. Jane tinha sido a única a insistir por um a alternativa de

salvação, transferindo seus m otivos para a fêm ea... e com V. foi a m esm a coisa.

– Encontrarei um j eito – Pay ne disse. – De algum a form a, encontrarei um

j eito.

Difícil não acreditar.

E havia um a grande chance de sucesso se Jane a aj udasse... Pay ne estava

fraca e qualquer arm a em sua m ão seria um desastre esperando para acontecer.

– Não sei se consigo fazer isso – as palavras deixaram a boca de Jane

lentam ente. – Você é irm ã dele. Não sei se ele m e perdoaria.

– Ele não precisa saber.

Deus, que situação difícil. Se fosse ela presa naquela cam a, sentiria a m esm a

coisa que Pay ne e gostaria que alguém executasse sua últim a vontade. Mas e o fardo de m anter algo daquela m agnitude oculto de V.? Com o poderia fazer isso?

Só que... a única coisa pior do que isso seria se ele não voltasse daquele lado

obscuro que havia dentro dele. E m atar sua irm ã? Bem , era com o um trem

expresso com destino ao que ele costum ava fazer, não?

A m ão de sua paciente encontrou a dela.

– Aj ude-m e, Jane. Aj ude-m e...

Quando Vishous deixou a reunião noturna com a Irm andade e dirigiu-se para a

clínica no centro de treinam ento, sentia-se m ais com o ele m esm o... e não no m au sentido. O sexo com sua *shellan* era um a m issão im portante para os dois, um a m aneira de reiniciar tudo e não se lim itava à questão física.

Deus, era m uito bom ter voltado a se acertar com sua fêm ea. Sim , claro, ainda havia problem as esperando por ele... e, bem , droga... quanto m ais próxim o chegava da clínica, m ais o m anto de estresse retornava, atingindo seus om bros com o um par de carros: havia visitado sua irm ã no com eço de cada noite e, depois, novam ente, ao am anhecer. Nos prim eiros dias, houve m uita esperança, m as agora... a m aior parte daquele sentim ento havia passado.

Entretanto, não im portava. Ela precisava sair daquele quarto e era isso o que ele faria naquela noite. Estava fora da escala de trabalho e daria um passeio com ela pela m ansão para m ostrar que havia algo diferente além da gaiola branca de um a sala de recuperação para se viver.

Ela não estava m elhorando fisicam ente; então, a parte psicológica seria o que a levaria adiante. Tinha de levar.

Moral da história? Não estava preparado para perdê-la agora. Sim , esteve perto dela por um a sem ana, m as não significava que a conhecia m elhor do que quando tudo com eçou... e achava que precisavam um do outro. Ninguém m ais constituía a descendência direta daquela m aldita divindade que era a m ãe deles e, talvez, j untos pudessem resolver todas as porcarias que acom panhavam o nascim ento dos dois. Pelo am or de Deus, não era com o se houvesse um a

sequência de estágios que ensinasse a ser filho da Virgem Escriba:

Oi, meu nome é Vishous. Sou filho da Virgem Escriba há trezentos anos.

OI, VISHOUS.

Ela me ferrou outra vez e estou tentando não ir até o Outro Lado para gritar e cometer um assassinato sangrento contra ela.

NÓS ENTENDEMOS, VISHOUS.

E por falar em sangue, gostaria de desenterrar meu pai e matá-lo outra vez, mas não posso. Então, vou apenas tentar manter minha irmã viva, mesmo estando paralisada, e tentar lutar contra o impulso de buscar um pouco de dor para conseguir lidar melhor com a dor dela.

VOCÊ É UM COVARDE, VISHOUS, MAS APOIAMOS ESSE SEU JEITO PATÉTICO.

Saindo do túnel e entrando no escritório, cruzou a porta de vidro e, então, cam inhou a passos largos pelo corredor. Quando passou pela sala de exercícios,

ouviu que alguém estava correndo com o se os tênis estivessem pegando fogo,

m as, fora isso, não havia ninguém por ali... e tinha a im pressão de que Jane ainda

deveria estar na cam a, descansando, após ter cuidado m uito bem dela.

Algo que deu ao m acho vinculado nele um a boa dose de satisfação. De

verdade.

Quando chegou à sala de recuperação, não bateu, m as...

Quando entrou, a prim eira coisa que viu foi a agulha hipodérm ica. A segunda

visão foi de que o obj eto estava sendo trocado de m ãos, passando das de sua *shellan* e para as de sua irm ã gêm ea.

Não havia um m otivo terapêutico para isso.

– O que está fazendo? – ele suspirou, subitam ente aterrorizado.

A cabeça de Jane girou, m as Pay ne não olhou para ele. Seu olhar estava fixo na agulha, com o se fosse a chave para o cadeado de sua cela.

E com certeza aquilo lhe aj udaria a sair daquela cam a... direto para um caixão.

– Que *diabos* está fazendo? – Não era um a pergunta. Ele j á sabia.

– É m inha escolha – Pay ne disse severam ente.

Sua *shellan* o encarou.

– Sinto m uito, V.

Um a névoa branca nublou sua visão, m as não fez nada para reduzir a velocidade do seu corpo ao se lançar para frente. Quando alcançou a beirada do leito, seus olhos clarearam e viu que sua m ão enluvada agarrava com força o punho de sua *shellan*.

Seu toque da m orte era a única coisa que m antinha sua irm ã distante da m orte.

E dirigiu-se a ela, não a sua com panheira.

– Não ouse fazer isso!

Os olhos de Pay ne estavam furiosos ao encontrar os dele.

– Você que não ouse!

V. recuou por um m om ento. Havia olhado no rosto de m uitos inim igos,

descartado m uitos subm issos sexuais e esquecido m uitos am antes, tanto m achos

quanto fêm eas, m as nunca tinha visto um ódio tão profundo antes.

Nunca.

– Não é m eu deus! – ela gritou para ele. – Não é nada além de m eu irm ão! E

não vai m ais m e acorrentar neste corpo com o nossa *mahmen* faria!

A fúria dos dois era tanta que, pela prim eira vez na vida, havia perdido. Afinal,

não fazia sentido entrar em conflito se seu oponente tinha força equivalente à sua.

O problem a era que, se saísse de cam po agora, voltaria para um funeral.

V. queria andar ao redor da sala para dim inuir sua irritação, m as estaria

perdido se se afastasse por um décim o de segundo sequer.

– Quero duas horas – ele disse. – Não posso detê-la, m as posso pedir que m e dê cento e vinte m inutos.

Os olhos de Pay ne se estreitaram .

– Para quê?

Ia fazer algo que seria inconcebível quando toda aquela coisa com eçou. Mas

aquilo era um tipo de guerra e, consequentem ente, não tinha com o se dar ao luxo

de escolher as arm as... tinha de usar o que estava disponível em suas m ãos,

m esm o que odiasse a ideia.

– Vou lhe dizer *exatamente* o m otivo. – V. tirou a agulha das m ãos de Jane. –

Vai fazer isso para que a culpa não m e assom bre pelo resto da m inha m aldita vida. O que acha desse m otivo? Bom o suficiente?

As pálpebras de Pay ne cederam e houve um longo silêncio, interrom pido quando ela disse:

– Vou lhe dar o que m e pede, m as não vou m udar de ideia com relação a perm anecer nesta cam a. Certifique-se de suas expectativas antes de continuar... e

fique ciente de que não vai adiantar argum entar com nossa *mahmen*. Não vou trocar essa prisão por outra ao lado dela, no m undo dela.

Vishous enfiou a agulha no bolso e desem bainhou a faca de caça que ficava perm anentem ente presa ao cinto de sua calça de couro.

– Dê-m e sua m ão.

Quando ela a ofereceu, ele cortou a palm a da m ão com a lâm ina e fez o m esm o com a própria carne. Então, V. uniu as feridas.

– Jure. Pelo sangue que com partilham os, fará um j uram ento a m im .

A boca de Pay ne se contraiu com o se, m ais um a vez, ela tivesse sorrido se fosse um a circunstância diferente.

– Não confia em m im ?

– Não – disse ele com voz rouca. – Nem um pouco, querida.

Um pouco depois, a m ão dela agarrou a dele e um brilho de lágrim as form ou-se sobre seus olhos.

– Eu j uro.

Os pulm ões de Vishous relaxaram e ele respirou fundo.

– Muito bem .

Soltou a m ão, virou-se e cam inhou até a porta. Assim que chegou ao corredor, não perdeu tem po ao se dirigir para o túnel.

– Vishous.

Ao som da voz de Jane, volveu-se e quis soltar um palavrão. Balançando a cabeça, disse:

– Não m e siga, não ligue para m im . Nada de bom vai sair de m im se ouvir sua voz neste m om ento.

Jane cruzou os braços sobre o peito.

– Ela é m inha paciente, V.

– Ela é m eu sangue, Jane. – Frustrado, golpeou o ar com a m ão. – Não tenho tem po para isso. Estou saindo.

Com isso, com eçou a correr. Deixando-a para trás.

C A P ÍTU LO 19

Q uando Manny chegou em casa, fechou a porta, trancou... e ficou ali. Com o um a peça da m obília. Com sua m aleta na m ão.

É incrível com o, quando você enlouquece, sente que não consegue lidar com as opções do que fazer. Sua vontade não havia m udado; ainda queria assum ir o controle de si m esm o... não im portava o que estivesse acontecendo em sua vida.

Mas não havia nada em que se agarrar, nada de rédeas naquela fera.

Droga, deveria ser assim que os pacientes de Alzheim er sentiam -se: a personalidade e o intelecto estavam intactos... m as estavam cercados por um m undo que não fazia m ais sentido, pois não podiam se firm ar nas m em órias, associações e inferências.

Estava tudo ligado àquele final de sem ana... ou, ao m enos, havia com eçado ali.

Mas o que tinha m udado exatam ente? Perdeu, no m ínim o, a m em ória de um a daquelas noites, era só isso que podia dizer. Lem brou-se da pista de corrida, da queda de Glory e do veterinário. Em seguida, a viagem de volta a Caldwell, quando ele foi ao...

O prévio aviso de um a dor de cabeça surgindo fez com que xingasse e desistisse.

Andando até a cozinha, soltou a m aleta e com eçou a encarar a cafeteira.

Deixou-a ligada ao sair para o hospital. Ótim o. Seu café m atinal ficou fervendo a noite inteira e era um m ilagre não ter queim ado a droga do apartam ento inteiro.

Sentando-se em um a das banquetas ao redor do balcão de granito, encarou a parede de vidro a sua frente. A cidade do outro lado da varanda brilhava com o um a dam a indo ao teatro com todos os seus diam antes; as luzes nos arranha-céus cintilavam e faziam com que ele se sentisse real e verdadeiram ente sozinho.

Silêncio. Vazio.

O apartam ento parecia-se m ais com um caixão.

Deus, se não pudesse m ais operar, o que faria...

A som bra surgiu do nada em seu terraço. Só que não era um a som bra... não havia nada translúcido na coisa. Era com o se as luzes, as pontes e os arranha-céus fossem um a pintura em que alguém havia cortado um buraco no m eio. Um buraco que assum ia a form a de um hom em grande.

Manny levantou-se da banqueta, olhos fixos na figura. No fundo de sua m ente, na sede de seu tronco cerebral, sabia que aquela era a causa de tudo, seu "tum or" estava ali, em pé, e cam inhava... vindo até ele.

Com o se tivesse sido convidado, aproxim ou-se e abriu a porta corrediça de vidro; o vento atingiu seu rosto com força, seu cabelo foi j ogado para trás.

Estava frio. Oh, m uito frio... m as o choque álgido não se devia apenas à noite gelada de abril. A baixa tem peratura em anava da figura que perm anecia em pé, im óvel e letal, a alguns m etros de distância dele. Tinha a nítida im pressão de que

a explosão ártica era porque o filho da m ãe vestido com roupas de couro o odiava dem ais; m as Manny não tinha m edo. A resposta para o que estava acontecendo com ele estava ligada àquele hom em enorm e que havia aparecido do nada, a uns vinte andares acim a do chão...

Um a fêm ea... um a com cabelos escuros trançados... esse era o...

A dor de cabeça o im pactou com força, atingindo-o na nuca e penetrando em direção ao crânio para golpear com força seu m aldito lóbulo frontal.

Quando seu corpo cedeu, precisou apoiar-se na borda do balcão da cozinha e perdeu a paciência.

– Caram ba, pelo am or de Deus, não fique aí parado. Fale com igo ou m e m ate, m as *faça* algum a coisa.

Mais vento no rosto.

E, então, um a voz profunda:

– Não deveria ter vindo aqui.

– Sim , deveria – Manny gem eu de dor. – Por que estou enlouquecendo e você sabe disse, não é? Que diabos fez com igo?

Aquele sonho... com a m ulher que desej ava, m as não conseguia ter...

Os j oelhos de Manny com eçaram a falhar, m as para o inferno com isso.

– Leve-m e até ela... e não brinque com igo. Sei que ela existe... Consigo vê-la todas as noites em m eus sonhos.

– Não gosto nada disso.

– Sim , e eu estou curtindo um a festa aqui. – O *filho da mãe* ficou em silêncio.

Quando percebeu que havia a possibilidade do bastardo m isterioso agredi-lo, posicionou-se; Manny ia investir contra o cara e faria algum estrago nele. Ele certam ente seria estraçalhado, m as não deixaria que ele o derrubasse sem lutar.

– Vam os lá – Manny disparou. – Faça isso.

Houve um a risada contida.

– Você m e faz lem brar um am igo m eu.

– Quer dizer que há outro idiota perdido na vida por sua causa? Ótim o.

Podem os iniciar um grupo de apoio.

– Maldição...

O cara ergueu um a das m ãos e então... as m em órias explodiram na m ente de Manny e fluíram através de seu corpo, as im agens e sons de seu fim de sem ana perdido voltaram com um a vingança.

Tropeçando para trás, colocou as m ãos na cabeça.

Jane. Um local secreto. Cirurgia.

Vampira.

Um punho de ferro em seus bíceps foi tudo o que o im pediu de cair no chão, o irm ão de sua paciente o segurava.

– Precisa vir e cuidar da m inha irm ã. Ela vai m orrer se não fizer isso.

Manny respirou pela boca e engoliu em seco. A paciente... sua paciente...

– Ela ainda está paralisada? – ele gem eu.

– Sim .

– Leve-m e – exclam ou. – Agora.

Se fosse o caso da m edula espinhal ter sofrido um dano perm anente, não havia nada clinicam ente possível a fazer por ela, m as isso não im portava. Tinha de vê-la.

– Onde está seu carro? – o filho da m ãe de cavanhaque perguntou.

– Lá em baixo.

Manny desvencilhou-se e correu em direção à m aleta. Havia deixado as chaves sobre o balcão da cozinha. Quando tropeçou e caiu, seu cérebro ficou confuso de um a m aneira que o aterrorizou. Se houvesse m ais um pouco desse "liga e desliga" de sua placa-m ãe m ental ia acabar sofrendo prej uízos perm anentes. Mas essa era um a discussão para outro m om ento.

Tinha de ir até sua fêm ea.

Quando alcançou a porta da frente, o vam piro estava bem atrás dele e Manny trocou suas coisas para a m ão esquerda.

Com um giro rápido, lançou seu punho direito, que se encaixou em um arco perfeitam ente calculado para golpear o queixo do cara.

Crack. O im pacto foi sólido e a cabeça do desgraçado foi arrem essada para trás.

Quando o vam piro voltou a olhar para ele e levantou o canto da boca em um rosnado, Manny não se intim idou.

– Isso é por brincar com igo.

O m acho passou as costas da m ão pela boca sangrenta.

– Belo gancho.

– Está à disposição – Manny disse ao sair do apartam ento.

– Eu poderia tê-lo im pedido a qualquer m om ento. Só para deixar claro.

Verdade, sem dúvida.

– Sim , m as não foi o que fez, certo? – Manny cam inhou até o elevador,

pressionou o botão para descer e olhou sobre o om bro. – Assim , isso faz de você

um idiota ou um m asoquista. A escolha é sua.

O vam piro se aproxim ou.

– Cuidado, hum ano... só está vivo por ser útil para m im .

– Ela é sua irm ã?

– Não se esqueça disso.

Manny sorriu m ostrando todos os dentes.

– Então, tem um a coisa que precisa saber.

– O quê?

Manny ergueu-se sobre os dedos dos pés e encarou o filho da m ãe olho no

olho.

– Se pensa que quer m e m atar agora, não é nada com parado ao que vai sentir

quando eu a vir outra vez.

Estava praticam ente rij o só de pensar na fêm ea.

Com um sinal sonoro, as portas duplas do elevador se abriram e, então, ele

avançou, entrou e virou-se. Os olhos do vam piro eram com o lanças procurando

um alvo, m as Manny m inim izou a agressão.

– Só para que saiba a m inha situação. Agora, entre no elevador ou desapareça

com o um fantasm a até a rua. Pego você com o carro lá em baixo.

– Deve achar que sou um idiota, não é m esm o? – o vam piro rosnou.

– Na verdade, nem um pouco.

Pausa.

Depois de um m om ento, o vam piro resm ungou algum a coisa e deslizou para dentro do elevador quando as portas com eçaram a se fechar. Então, os dois sim plesm ente ficaram lado a lado, observando a contagem regressiva dos núm eros sobre as portas duplas...

Cinco... quatro... três... dois...

Com o a contagem regressiva para um a explosão.

– Cuidado, hum ano. Não sou alguém a quem você queira pressionar.

– Não tenho nada a perder – A não ser a irm ã daquele desgraçado enorm e. – Acho que vam os ter que esperar para ver onde isso vai acabar.

– É isso aí.

Pay ne parecia um bloco de gelo som brio enquanto encarava o relógio que havia próxim o à porta do quarto. A face circular do aparelho era tão plana quanto

a parede branca atrás dele, sem m arcar nada além de doze núm eros pretos separados por linhas pretas. As hastes do aparelho, um a negra e outra verm elha, percorriam seu cam inho com o se estivessem entediadas com aquele serviço, assim com o ela estava ao observá-los trabalhando.

Vishous deve ter ido ver sua m ãe. Onde m ais iria?

Portanto, era um a perda de tem po. Com certeza, ele voltaria sem nada. Era pura arrogância pensar que “Aquela que não Podia ser Influenciada” se abalaria m inim am ente com os apuros pelos quais seus filhos passavam .

Mãe da raça. Que asneira...

Pay ne franziu a testa. O som com eçou do nada, com um ritm o fraco, m as, rapidam ente, ficou m ais alto. Passos. Passos pesados percorrendo o chão duro em ritm o acelerado, e havia dois pares de pés se aproxim ando.

Talvez não fosse ninguém além dos Irm ãos de seu gêm eo vindo lhe fazer um a visita...

Quando a porta se abriu, tudo o que conseguiu ver foi Vishous em pé, m uito alto e intransigente.

– Trouxe um a coisa para você.

Ele não chegou a se afastar, foi em purrado...

– *Querida Virgem Escriba*... – a boca de Pay ne se abriu, enquanto as lágrim as transbordavam de seus olhos.

Seu curandeiro irrom peu no quarto e, oh, era exatam ente com o se lem brava... peitoral largo, m em bros alongados, abdôm en liso e um m axilar bem definido. Seu cabelos escuros estavam esticados, com o se tivesse passado os dedos entre eles várias vezes, e estava respirando com dificuldade, a boca um pouco entreaberta.

– Eu *sabia* que você era real – ele desabafou. – Caram ba, eu sabia!

A visão dele disparou algo nela, um a energia ilum inou-a de dentro para fora, lançando suas em oções em queda livre.

– Curandeiro... – disse ela com voz rouca. – Meu curandeiro...

– Que inferno... – ouviu seu irm ão dizer.

O hum ano de Pay ne virou-se para Vishous.

– Precisam os de um pouco de privacidade. Agora.

– Cuidado com essa m aldita boca...

– Sou o m édico dela. Você m e trouxe aqui para que eu a avalie clinicam ente...

– Não sej a ridículo.

Houve um a pausa.

– Então, por que diabos estou aqui?

– Pelo exato m otivo que eu lhe odeio, é por isso!

Aquilo provocou um grande silêncio... seguido por um soluço de Pay ne. Ela estava tão feliz em ver seu curandeiro em carne e osso. E aquele único suspiro fez a cabeça dos dois girarem em sua direção, o rosto do curandeiro m udou instantaneam ente, passando da fúria à preocupação.

– Feche a porta quando sair – vociferou por cim a do om bro enquanto se aproxim ava dela.

Passando as m ãos sobre os olhos, Pay ne lim pou suas lágrim as e observou seu curandeiro sentar-se ao lado da cam a. Vishous tinha se virado e ia em direção à

saída.

Ele sabia, ela pensou. Mais do que qualquer coisa que a m ãe deles pudesse fazer por ela, trouxe a única coisa que garantiria seu desej o de continuar viva.

– Obrigada, m eu irm ão – ela disse, o olhar fixo nele.

Vishous parou. A tensão nele era tão grande, os dois punhos estavam fechados, e quando sua cabeça virou-se lentam ente, seus olhos glaciais queim avam .

– Faria qualquer coisa por você. Qualquer coisa.

Com isso, continuou a sair... e quando a porta foi fechada com cuidado, percebeu que “Eu am o você” poderia ser dito sem que tal frase fosse pronunciada.

Ações significavam m ais do que palavras.

C A P ÍTU LO 20

Q uando os dois foram deixados sozinhos, Manny não conseguia tirar os olhos de sua paciente. Seu olhar percorria seu rosto, a garganta e aquelas m ãos longas e adoráveis. Deus, tinha o m esm o arom a, aquele perfum e dela infiltrava-se em seu nariz, percorria seu corpo e ia direto a seu pênis.

– Sabia que você era real – ele repetiu. Cristo, provavelm ente era m elhor ter dito outra coisa, qualquer outra coisa, m as era evidente que essas palavras eram tudo o que tinha: o alívio por não estar ficando louco era esm agador. Ao m enos até o brilho lum inoso das lágrim as de Pay ne ser registrado dentro dele...

j untam ente com a profunda falta de esperança em seu olhar. Tinha feito todo o

possível por ela e, ainda assim , tinha falhado. Totalm ente.

Contudo, sabia qual era sua condição antes daquele m om ento. Aquele irm ão dela não voltaria ao m undo hum ano se as coisas deste lado estivessem indo m uito bem .

– Com o você está? – ele perguntou.

Quando encarou os olhos dela, ela balançou a cabeça lentam ente.

– Oh... estou...

Quando não conseguiu term inar a frase, procurou a m ão dela e segurou-a com firm eza. Deus, a pele era tão m acia.

– Fale com igo.

– Minhas pernas... não estão m elhores.

Ele resm ungou em voz baixa. Queria fazer um exam e nela e observar o que diriam as novas radiografias... talvez tom ar algum as providências para que ela voltasse ao São Francisco e fizesse outra ressonância.

Mas, por m ais im portante que toda aquela avaliação fosse, poderia esperar. Agora, ela estava em ocionalm ente frágil e precisava, em prim eiro lugar, de aj uda para lidar com a situação.

– Nenhum a sensação ainda? – ele disse.

Quando balançou a cabeça, um a lágrim a escapou e deslizou por sua face. Ele odiava o fato de ela estar chorando, m as tão certo quanto o ar que respirava,

nunca tinha visto nada tão lindo quanto aqueles olhos.

– Estou... cansada de ficar assim – disse com um estrem ecim ento.

– E “assim ” significa exatam ente o quê?

– Aqui. Nesta cam a, presa. – Ela não apenas m anteve o olhar, m as foi além , penetrando nos olhos dele. – Não posso suportar essa tortura. Nem m ais um a noite.

Ela estava m ortalm ente séria e, por um a fração de segundo, Manny sentiu um terror que cortou sua alm a. Talvez para outra fêm ea... ou m acho, não im portava... um a frase com o aquela fosse um a liberação em ocional de desespero. Para ela? Era um plano.

– Tem internet por aqui? – perguntou.

– Internet?

– Um com putador com acesso à rede?

– Ah... acredito que exista um na sala m aior, m ais à frente, indo em direção àquela outra porta.

– Volto j á. Fique aqui.

Aquilo a fez sorrir um pouco.

– Para onde eu iria, curandeiro?

– É isso que vou lhe m ostrar.

Quando se levantou, teve de resistir à vontade de beij á-la e saiu apressado para ter certeza de que não faria isso. Não levou m uito tem po para encontrar o

com putador em questão e ter acesso à rede, com a aj uda de um a enferm eira bastante atraente que se apresentou com o Ehlena. Dez m inutos depois, voltou para o quarto de Pay ne e parou na porta.

Ela estava aj eitando o cabelo, as m ãos trem iam ao alisar a cabeça e deslizar ao longo da trança, com o se estivesse procurando defeitos.

– Não precisa fazer isso – ele m urm urou. – Está perfeita para m im .

Em vez de responder, ela corou e ficou um tanto agitada... foi a m elhor coisa que pôde fazer, j á que não conseguia dizer nada.

– Você m e deixa sem palavras, de verdade.

Bem , agora, sua m ente estava indo a lugares para os quais não deveria.

Observando-a por com pleto, esforçou-se para que sua m ente m udasse de m archa.

– Pay ne, sou seu m édico, certo?

– Sim , curandeiro.

– E isso significa que vou lhe dizer a verdade. Não vou disfarçar, nem esconder nada. Vou lhe dizer exatam ente o que acho e perm itir que tom e sua decisão... e preciso que m e ouça, tudo bem ? A verdade é tudo o que tenho, nada m ais nada m enos que a verdade.

– Então, não precisa dizer nada, pois sei m uito bem onde estou.

Ele olhou ao redor da sala.

– Já saiu daqui desde que voltou da cirurgia?

– Não.

– Então, está encarando essas quatro paredes vazias há um a sem ana, presa em um a cam a, precisando que outra pessoa lhe aj ude a alim entá-la, dar banho e lidar com suas necessidades físicas.

– Não preciso que m e lem bre – disse ela secam ente. – Agradeço m uito, m as...

– Então, com o sabe onde está?

O franzir de sua testa foi profundo e obscuro... e tam bém m uito sensual.

– Isso é ridículo. Estou aqui – apontou para o colchão em baixo dela. – Estive, todos esses dias, *aqui.*

– Exatam ente. – Quando o encarou, Manny dim inuiu a distância entre eles. – Vou pegá-la e carregá-la, im porta-se?

Nesse m om ento, as sobrancelhas dele se ergueram .

– Para onde?

– Para fora desta m aldita gaiola.

– Mas... eu não posso. Tenho um a...

– Eu sei. – Com certeza ela estava preocupara com o cateter e, para evitar qualquer constrangim ento, ele agarrou um a toalha branca lim pa da m esa de cabeceira. – Vou cuidar disso e de você.

Depois que se certificou de que o equipam ento estava seguro, tirou o lençol que a cobria e a pegou. Seu peso era sólido contra a parte superior do corpo de Manny e levou apenas um m om ento para abraçá-la, a cabeça repousou sobre o om bro dele e as longas, longas pernas penderam em seu braço. Seu perfum e, sabonete, ou sej a lá o que fosse, lem brava sândalo e algo m ais.

Ah, sim ... orgasm os.

Aqueles que sentiu quando sonhou com ela.

Ótim o, estava todo alegrinho e excitado.

Pay ne lim pou a garganta.

– Sou m uito pesada? Sou grande para um a fêm ea.

– Você é perfeita para um a fêm ea.

– Não de onde eu venho – ela m urm urou.

– Então, eles usam os padrões errados.

Manny carregou sua preciosa carga pela porta da sala de exam es. O lugar

estava vazio, com o ele havia solicitado – pedira à enferm eira... Elina? Elaina?... para que tivessem um pouco de privacidade. Não sabia onde isso acabaria.

Mantendo-a em seus braços, sentou em frente ao com putador e colocou o obj eto em um ângulo em que ela pudesse ver o m onitor. Quando ela pareceu m ais interessada em olhar para ele, não se im portou nem um pouco... Mas não era algo propício à concentração. Nem foi por isso que a tirou daquela cam a.

– Pay ne – disse.

– O quê?

Cristo, aquela voz rouca dela. Aquilo era capaz de rasgá-lo com o um a faca e fazer com que sentisse a picada de dor que vinha j unto com a ferida: desej á-la com o ele o fazia e conter-se era um prazer agonizante que, de algum a m aneira, era m elhor do que qualquer sexo que j á tivera antes.

Estava vivendo as m elhores prelim inares de sua vida.

– Deveria estar olhando para o m onitor – disse enquanto acariciava o rosto dela.

– Prefiro olhar para você.

– Oh, é...? – quando sua voz ficou tão rouca quanto a dela, sabia que era hora de travar alguns diálogos internos do tipo “não faça isso, garotão”.

Mas *dane-se*.

– Você faz com que eu sinta algo por todo m eu corpo. Até m esm o em m inhas pernas.

Bem , atração sexual faria isso com alguém . Os circuitos dele estavam tão ilum inados quanto um a grande m etrópole à m eia-noite.

Só que havia um propósito m aior para toda essa ilum inação natalina, algo m uito m ais im portante que um a rapidinha... ou m esm o um a sessão que durasse um a sem ana ou um m ês ou, Deus os protegesse, um ano! Tratava-se de um a vida, a vida dela.

– Que tal você olhar só um pouquinho para o com putador e, depois, pode olhar para m im o quanto quiser, pode ser?

– Tudo bem .

Quando ela sequer desviou o olhar de seu rosto, ele clareou a garganta.

– O com putador, *bambina*.

– Italiano?

– Por parte de m ãe.

– E por parte de pai?

Manny deu de om bros.

– Nunca o conheci, então, não posso lhe dizer.

– Seu pai é um desconhecido?

– Sim , isso m esm o. – Manny colocou o dedo indicador sob o queixo dela e inclinou a cabeça em direção ao com putador.

– Vej a.

Ele deu um tapinha no m onitor e percebeu que ela estava prestando a devida atenção, pois franziu a testa, as sobrancelhas escuras baixaram sobre os olhos de diam antes.

– Este é um am igo m eu... Paul – Manny não fez nada para esconder o orgulho em sua voz. – Tam bém foi um paciente m eu. Ele é dem ais... e está nesta cadeira de rodas há anos.

No início, Pay ne não teve certeza exata do que era a im agem ... Estava se m ovendo, isso era certeza. E parecia ser... espere. Aquilo era um hum ano e estava sentado sobre algum tipo de engenhoca que deslizava pelo chão. Para m over a coisa, im pulsionava seus grandes braços, o rosto fazia um a careta, a concentração era tão feroz quanto a de qualquer guerreiro no auge de um a batalha.

Atrás dele, havia um cam po com três outros hom ens sobre equipam entos sem elhantes e todos estavam fixos em Paul com o se tentassem fechar a distância entre eles e seu líder.

– Isso é... um a corrida? – ela perguntou.

– É a m aratona de Boston, grupo de cadeiras de rodas. Paul está chegando à colina m ais íngrem e, que é a parte m ais difícil.

– Está à frente dos outros.

– Espere um pouco... está só com eçando. Ele não apenas venceu essa

corrida... Ele m eteu fogo nas rodas e arrasou.

Assistiram o hom em ganhar por um a m argem de distância im ensa, seus braços enorm es eram com o o vento, o peito bom beava, a m ultidão dos dois lados da estrada rugia para apoiá-lo. Quando rom peu um a fita, um a m ulher deslum brante correu e os dois se abraçaram .

E nos braços da m ulher? Havia um bebê da m esm a cor de pele do hom em .

O curandeiro de Pay ne inclinou-se e m oveu um pequeno instrum ento negro sobre a m esa para m udar a im agem na tela. A im agem em m ovim ento desapareceu... em seu lugar, surgiu um retrato estático do hom em sorrindo. Ele era m uito bonito e brilhava de saúde; a seu lado, estava a m esm a m ulher ruiva e aquela criança de olhos azuis.

O hom em ainda estava sentado, e a cadeira m ostrava ser m ais substancial do que aquela com a qual com petia – na verdade, parecia-se m uito m ais com a cadeira que Jane trouxera para ela. Suas pernas pareciam desproporcionais em relação ao restante do corpo, eram pequenas e colocadas de m aneira que as ocultava um pouco sob o assento, m as não se podia perceber isso... nem m esm o seu aparato para deslizar pelo chão. Só era possível observar sua força feroz e inteligência.

Pay ne estendeu a m ão para a tela e tocou o rosto do hom em .

– Quanto tem po...? – perguntou com voz rouca.

– Que ele está paralisado? Dez anos ou m ais. Estava em sua bicicleta de

cicloturism o quando foi atingido por um m otorista bêbado. Fiz sete operações nas

costas dele.

– Ele ainda está na... cadeira.

– Está vendo a m ulher ao lado dele?

– Sim .

– Apaixonou-se por ele depois do acidente.

Pay ne virou a cabeça e encarou o rosto de seu curandeiro.

– Ele... pode ser pai?

– Sim . Pode dirigir um carro... pode fazer sexo, óbvio... e tem um a vida m ais

plena do que m uitas pessoas que possuem duas pernas perfeitas. Ele é

em presário, atleta, um grande hom em , e tenho orgulho em cham á-lo de am igo.

Enquanto falava, seu curandeiro m ovia aquela pequena coisa preta e as

im agens m udavam . Algum as eram do hom em em outras com petições atléticas,

outras sorrindo por algum tipo de construção de edifícios de grande porte e outras

com ele sentado diante de um a fita verm elha com um grande par de tesouras douradas na m ão.

– Paul é o prefeito de Caldwell. – Seu curandeiro gentilm ente direcionou o

rosto dela para que olhasse outra vez o dele. – Ouça... e quero que lem bre-se disso. Suas pernas são parte de você, m as não são seu corpo inteiro ou quem você é. Assim , onde quer que form os depois desta noite, preciso que saiba que não vale m enos por causa da sua lesão. Mesm o em um a cadeira, continua do m esm o tam anho de sem pre. A altura é apenas um núm ero m edido na vertical... e não significa nada quando se trata de caráter ou do tipo de vida que leva.

Ele estava falando m uito sério e, se ela fosse verdadeira consigo m esm a, poderia dizer que se apaixonou um pouco por ele naquele m om ento.

– Pode m over o... aquela coisa? – sussurrou. – Para que eu possa ver m ais?

– Aqui... m ova o m ouse. – Pegou a m ão dela e colocou sobre o obj eto quente e alongado. – Esquerda e direita... para cim a e para baixo... Entendeu? Ele m uda a seta na tela. Clique quando quiser ver algum a coisa.

Precisou de algum as tentativas, m as, então, pegou o j eito da coisa... e era um absurdo, m as apenas m over a seta ao longo das diferentes áreas da tela e escolher o que desej ava ver proporcionou-lhe um a anim adora sensação de energia.

– Posso fazer isso – disse. Só que, neste m om ento, ela ficou constrangida. Considerando com o a tarefa era sim ples, era algo pequeno dem ais para cantar vitória.

– Esse é o ponto – o curandeiro disse em seu ouvido. – Pode fazer qualquer

coisa.

Ela estrem eceu com isso. Provavelm ente por aquilo ter sido m ais do que

m eras palavras.

Voltou a se concentrar no com putador. Ela gostou m ais das im agens do hom em

nas corridas. Sua expressão de esforço agonizante e indom ável força de vontade

era algo que há m uito tem po sentia queim ar dentro do peito. Mas as fotos com a

fam ília reunida tam bém estavam dentre as suas favoritas. Eram hum anos, m as o

vínculo entre eles parecia tão forte. Havia am or, m uito am or, ali.

– O que m e diz? – o curandeiro m urm urou.

– Acho que veio em um m om ento perfeito. É isso o que digo.

Ela se m exeu um pouco em seus fortes braços e o encarou. Enquanto ficava

ali, sentada em seu colo, desej ou poder sentir m ais dele, senti-lo por inteiro; m as

da cintura para baixo só havia um calor não específico. Melhor que aquele frio

que persistia desde a cirurgia, claro... m as havia m uito m ais para se obter.

– Curandeiro... – ela sussurrou, direcionado os olhos para a boca dele.

Suas pálpebras abaixaram -se, e ele pareceu parar de respirar.

– Sim ...?

– Posso... – ela um edeceu os lábios. – Posso beij á-lo?

Ele pareceu estrem ecer, com o se estivesse com algum a dor, m as aquele arom a que carregava explodiu; então, ele soube que desej ava o m esm o que ela.

– Jesus... Cristo – exclam ou.

– Seu corpo quer isso – disse ela, levando a m ão até o m acio cabelo que havia em sua nuca.

– Esse é o problem a. – Diante do ar confuso que ela expressou, dirigiu um olhar quente aos seios dela. – Quero m uito m ais do que apenas um beij o.

De repente, houve um a m udança dentro de seu corpo, tão sutil que era difícil definir. Mas sentiu algo diferente ao longo de seu tronco e em todos os seus m em bros. Um form igam ento? Estava m uito envolvida com a energia sexual entre eles para se preocupar em definir tal sensação.

Serpenteando o outro braço ao redor do pescoço dele, disse:

– O que m ais ele quer?

Seu curandeiro soltou um gem ido profundo da garganta, e o som deu-lhe a m esm a dose de poder que sentiu quando tinha um a arm a em m ãos. Se queria sentir aquilo outra vez? Era com o um a droga.

– Diga-m e, curandeiro. – ela exigiu. – O que m ais ele quer?

Os olhos de m ogno estavam em cham as e fixaram -se nos dela.

– Tudo. Ele quer cada centím etro de você... por fora... e por dentro, a ponto de não ter certeza se está pronta para tudo o que desej o.

– Eu decido – ela rebateu. Um a necessidade estranha que latej ava enraizou-se

em suas entranhas. – Decido com o que posso e com o que não posso lidar, certo?

Seu m eio-sorriso foi m uito m alicioso, no bom sentido.

– Sim , senhora.

Quando um som baixo e rítm ico preencheu o ar, ficou surpresa ao ver que era ela. Ronronando.

– Vou precisar perguntar outra vez, curandeiro?

Houve um a pausa, e então ele balançou a cabeça lentam ente.

– Não. Darei a você... exatam ente o que desej a.

C A P ÍTU LO 21

Q uando Vishous abriu a porta da sala de exam es, deu um a espiada para checar a organização dos assentos e isso o fez pensar com carinho em castrar alguém . Algo que, considerando sua experiência com facas em atos sexuais, j á significava m uito.

Por outro lado, sua irm ã estava toda à vontade sentada em cim a do Sr. Engraçadinho hum ano, os braços do hom em ao redor dela, as cabeças aninhadas um a na outra. Só que não estavam olhando um para o outro... e essa foi a única razão pela qual V. não acabou com a festa: estavam observando a tela do com putador... um hom em em um a cadeira de rodas com um m onte de outros caras na m esm a situação que ele.

– A altura é apenas um núm ero m edido na vertical... e não significa nada

quando se trata de caráter ou do tipo de vida que leva.

– Pode m over o... aquela coisa?

Por algum a razão, o coração de V. bateu com força quando o hum ano m ostrou a sua irm ã com o usar um m ouse. E, então, ouviu algo que deu-lhe m otivos para ter esperança:

– Posso fazer isso – ela disse.

– Esse é o ponto – Manello disse suavem ente. – Pode fazer *qualquer coisa*.

Bem , cara... Parece que surgiram vários ases naquele j ogo, não? V. tinha se disposto a trazer o hum ano de volta àquela confusão apenas para que o im pulso suicida de Pay ne passasse. Só que nunca poderia im aginar que o cara daria a ela m ais do que um nam orico, e, ainda assim , ali estava o filho da m ãe... m ostrando-lhe m uito m ais do que com o beij ar.

V. queria ser o único a salvá-la – e achou que, trazendo Manello, devia ter feito isso, m as por que não fez m ais algum a coisa antes? Por que Jane não fizera? Deviam ter tirado Pay ne daquele lugar, levá-la para conhecer a m ansão... com er com ela, conversar com ela, m ostrar que seu futuro seria diferente, m as não desapareceria.

V. esfregou o rosto quando a raiva atingiu-o em cheio. Caram ba, Jane... com o poderia não saber que os pacientes precisavam m ais do que rem édios e banhos

com esponj a? Sua irm ã precisava de um horizonte... qualquer um ficaria louco preso naquele quarto.

Maldição.

Olhou outra vez para sua irm ã e para o hum ano. Os dois tinham o olhar fixo e parecia que só separariam suas cabeças com o auxílio de um pé de cabra, o tipo de coisa que incitava outra vez o desej o de V. de m atar o desgraçado.

Quando sua m ão enluvada foi até o bolso para pegar um cigarro, pensou em lim par a garganta ruidosam ente. Ou isso, ou pegar sua adaga e fincá-la na cabeça do hum ano de ponta a ponta. O problem a era: aquele cirurgião era um a ferram enta a ser utilizada até não ser m ais necessária... e ainda não tinham atingido esse ponto.

V. forçou-se a sair pela porta...

– Com o eles estão?

Quando virou-se, soltou o m aldito cigarro. Butch o apanhou.

– Precisa de fogo?

– Que tal um a faca? – pegou a coisa de volta e sacou seu novo isqueiro, que funcionou m uito bem . Depois de tragar e deixar a fum aça sair à deriva de sua boca, disse: – Vam os sair para tom ar algum a coisa?

– Ainda não. Acho que precisa conversar com sua fêm ea.

– Confie em m im . Não preciso. Não agora.

– Ela está arrum ando um a m ala, Vishous.

O m acho vinculado nele ficou louco, m as, m esm o assim , obrigou-se a ficar ali

na sala e continuar fum ando. Graças a Deus, por sua dependência em nicotina, tragar aquele cigarro artesanal foi a única razão pela qual ele não soltou um palavrão.

– V., m eu am igo, que diabos está acontecendo?

Ele m al conseguiu ouvir o cara por causa do grito que havia em sua cabeça, e não poderia chegar nem perto de um a explicação com pleta.

– Minha *shellan* e eu tem os um a divergência de opiniões.

– Então, conversem sobre isso.

– Não agora – apagou o que sobrou do cigarro na sola de sua bota de com bate e j ogou a bituca fora. – Vam os.

Só que... bem , quando chegou o m om ento, não conseguia andar até a garagem onde o Escalade estava estacionado para fazer um a troca de óleo. Ficou, literalm ente, incapaz de sair, os pés pareciam ter sido colados no chão.

Quando olhou para baixo em direção ao escritório, lam entou o fato de que apenas um a hora atrás parecia que as coisas tinham voltado a andar nos trilhos.

Mas não; era com o se a porcaria da situação anterior não fosse nada além de um aviso para o que estava acontecendo agora.

– Não tenho nada para dizer a ela, sério. – Com o sem pre.

– Talvez as palavras surj am na hora.

Duvido, pensou.

Butch bateu no om bro dele.

– Ouça. Você tem a noção de m oda de um banco de praça e as habilidades interpessoais de um cutelo.

– Isso deveria estar m e aj udando?

– Deixe-m e term inar...

– O que virá em seguida? O tam anho do m eu pênis?

– Ei, até lápis podem fazer um trabalho bem feito... Os gem idos que ouvi vindo do seu quarto provaram isso. – Butch o sacudiu. – Só estou dizendo... Que precisa daquela fêm ea em sua vida. Não estrague tudo. Não agora... nem nunca. Entendeu?

– Ela ia aj udar Pay ne a se m atar. – Quando o cara fez um a careta, V. assentiu.

– Pois é, então, não é um a questão dos argum entos que um deu ao outro na discussão sobre quem deixou a tam pa da pasta de dente aberta.

Depois de um m om ento, Butch m urm urou:

– Deve ter tido um a razão m uito boa para isso.

– Não há razão nenhum a. Pay ne é a única pessoa em quem corre o m esm o sangue que eu tenho nas veias, e ela ia tirar isso de m im .

Com a situação borbulhando ao redor de princípios com o esse, o zum bido na base do cérebro de V. ficou m uito m ais forte e m ais alto, tanto que se perguntou

se não estava sofrendo um derram e... e, naquele m om ento, pela prim eira vez na

vida, teve m edo de si m esm o e do que era capaz de fazer. Não m achucaria Jane,

claro... não im portava quão aflito estivesse, nunca tocaria nela com raiva...

Butch deu um passo para trás e ergueu as m ãos:

– Ei. Calm a aí, am igo.

V. olhou para baixo. As duas m ãos em punhavam suas adagas... e os punhos

estavam fechados com tanta força que os obj etos teriam de ser rem ovidos

cirurgicam ente de suas m ãos.

– Mantenha essas coisas... – disse ele, entorpecido – longe de m im .

Rapidam ente, deu todas as arm as ao seu m elhor am igo, desarm ando-se

com pletam ente. E Butch aceitou a carga com um a eficiência rápida e som bria.

– Sim ... talvez estej a certo – o cara m urm urou. – Conversarei com ela depois.

– Ela não é a única com quem precisa se preocupar, tira – Pois parecia que

toda fam ília estava tendo im pulsos suicidas naquela noite.

Butch pegou o braço do cara quando estava virando-se para ir em bora.

– O que posso fazer para aj udar?

V. filtrou um a im agem rápida e chocante em seu cérebro.

– Nada com que consiga lidar. Infelizm ente.

– Não pense por m im , filho da m ãe.

V. chegou m ais perto, deixando seus rostos a apenas um centím etro de

distância um do outro.

– Não tem estôm ago para isso. Confie em m im .

Aqueles olhos cor de avelã fixaram -se nos dele e sequer piscaram .

– Ficaria surpreso com o que seria capaz de fazer para m antê-lo vivo.

De repente, a boca de V. se abriu, a respiração ficou difícil. E quando os dois uniram os peitorais, encarando um ao outro, conheceu cada centím etro do corpo do cara, sentindo tudo de um a vez.

– O que está dizendo, tira?

– Acha m esm o que *redutores* são a m elhor opção? – Butch m urm urou com voz rouca. – Pelo m enos, posso garantir que não estará m orto no final.

Im agens piscaram na m ente de V., graficam ente detalhadas e espantosam ente pervertidas. E todas elas tinham Butch no papel principal.

Após um m om ento sem nenhum dos dois dizer um a única palavra, Butch recuou.

– Vá ver sua fêm ea. Estarei esperando por você no carro.

– Butch. Não está falando sério. Não pode estar falando sério.

Seu m elhor am igo encarou-o friam ente.

– Até parece que não posso. – Virando-se, seguiu decidido pelo corredor. – Venha m e encontrar depois, quando estiver pronto.

Quando V. observou o cara, ficou pensando se iriam sair para beber... ou se os dois passariam pela perigosa porta que o tira acabara de abrir.

No fundo, sabia que seriam as duas coisas.

Mas. Que. Droga.

Na sala de exam es, enquanto Manny fixava-se nos olhos de Pay ne, teve a vaga im pressão de que alguém estava fum ando em algum lugar por perto. Conhecendo a sorte que tinha, era o idiota do irm ão, e o grande bastardo estava se enchendo de nicotina antes de ir até lá para esfregar o chão com a boca de Manny.

Ainda assim , não im portava. A boca de Pay ne estava apenas a alguns centím etros de distância de seus lábios, o corpo dela aquecido contra ele e seu pênis estava a ponto de descosturar suas calças. Era um hom em com m uita força de vontade e autodeterm inação, m as parar o que estava prestes a acontecer estava m uuuuito além de suas habilidades.

Estendendo a m ão, acariciou a lateral de seu rosto. Quando o contato foi feito, os lábios dela se entreabriram e sabia que deveria dizer algum a coisa, m as sua voz tinha feito as m alas e tom ado um ônibus para fora da cidade, j unto com seu cérebro, claro.

Mais perto. Puxou-a para m ais perto e encontrou-a no m eio do cam inho, suas bocas se fundiram . E ainda que seu corpo tivesse toda a paciência de um tigre fam into, foi cuidadoso ao fazer contato. Deus, ela era m acia... ah, tão m acia... de

um a m aneira que estim ulava seu desej o de deitá-la e penetrá-la com tudo o que

tinha, seus dedos, sua língua, seu sexo.

Mas nada disso aconteceria naquele m om ento. Ou naquela noite. Ou sequer no

dia seguinte. Não tinha m uita experiência com virgens, m as tinha toda certeza de

que m esm o se estivesse tendo um a resposta sexual, com o lidar com as coisas se

assum issem um a proporção avassaladora...?

– Mais – exigiu com voz rouca. – *Mais...*

Por um a fração de segundo, seu coração parou e ele repensou a questão de “ir

com calm a”: aquele tom de voz não tinha relação algum a com um a garotinha

perdida. Era o tom de um a m ulher, pronta para o am or.

E, caram ba, seguindo a teoria “não precisa pedir duas vezes”, ele assum iu o

controle, acariciando a boca dela com a sua antes de sugar o lábio inferior.

Quando sua m ão envolveu o pescoço de Pay ne, quis desfazer a trança e entrar

nos cabelos dela... m as isso estaria m uito perto de despi-la, e o local estava longe

de ser privado.

E j á estava perto o suficiente de ter um orgasm o, obrigado.

Deslizou a língua dentro dela e gem eu, os braços envolveram -na com

firm eza... antes de dizer-lhes para que relaxassem ou ia quebrá-los do om bro

para baixo. Cara, tinha gasolina pura no sangue dela, seu corpo estava em pleno

funcionam ento e rugia. Achava m esm o que aqueles sonhos eram quentes? A realidade fez com que a fantasia parecesse estar em tem peratura am biente com parada com o clim a do planeta Mercúrio.

A língua trabalhou m ais, entrando e saindo, até que precisou obrigar-se a recuar. O corpo dela sobre seu colo proporcionava um a sensação esm agadora em seus quadris – e aquilo não parecia j usto, considerando que ela não conseguia

senti-lo.

Respirando fundo, não levou m uito tem po para descer a boca e acariciar com os lábios a extensão de seu pescoço...

As unhas dela apertaram seus om bros com tanta força que teria saído sangue de sua pele se estivesse nu... e aquilo excitou-o dem ais. Cara, a ideia de que poderia haver m ais do que sexo, de que ela poderia prender-se em seu pescoço e tom á-lo em m ais de um sentido...

Com um silvo agudo, Manny afastou-se de sua pele e deixou a cabeça cair para trás, com a respiração entrando e saindo rapidam ente de seus pulm ões.

– Acho que precisam os desacelerar.

– Por quê? – ela disse, observando-o sem perder qualquer detalhe. Inclinando-se, ela rosnou. – Você quer isso.

– Oh, droga... quero.

Pay ne colocou as m ãos na frente da cam isa dele.

– Então, vam os continuar...

Ele segurou nos pulsos dela quando um orgasm o latej ou na ponta de sua ereção.

– Precisa parar com isso. Agora.

Deus, ele m al conseguia respirar.

De repente, ela se afastou de seus braços e abaixou a cabeça. Lim pando a garganta, disse asperam ente:

– Acredite, sinto m uito.

A vergonha que transpareceu nela dilacerou o peito de Manny.

– Não, não... não é você.

Quando ela não respondeu, ele ergueu-lhe a cabeça e se perguntou se ela fazia algum a ideia do que o corpo de um hom em era capaz quando estava excitado. Cristo, será que sabia o que era um a ereção?

– Ouça-m e com atenção – ele quase rosnou. – Eu a desej o. Aqui. No seu quarto. No corredor. Contra a parede. De qualquer j eito, em qualquer lugar. Fui claro?

Os olhos dela cintilaram .

– Mas, então, por que não...

– Prim eiro, por que acho que seu irm ão está lá fora no corredor. Segundo, você m e disse que nunca esteve com ninguém antes. Eu, por outro lado, sei exatam ente onde isso nos levaria e a últim a coisa que quero fazer é assustá-la

indo rápido dem ais.

Os olhos dela continuaram fixos nele. E, depois de um m om ento, seus lábios

exibiram um sorriso tão largo que um a covinha surgiu em seu rosto e seus dentes

brancos e perfeitos brilharam ...

Deus... as presas eram longas. Muito longas. E, caram ba, tão afiadas.

Manny não estava aguentando: tudo o que conseguia fazer era im aginar com o

seria a sensação de ter um a delas roçando na parte inferior de seu pênis.

O orgasm o que havia nele tentou se liberar outra vez.

E isso foi antes da língua rosada de Pay ne surgir e contornar as pontas afiadas.

– Gosta?

O coração de Manny bateu com força.

– Sim . Caram ba, sim ...

De repente, as luzes se apagaram , a sala m ergulhou na escuridão. E, em

seguida, houve dois cliques... fechaduras? Será que eram as fechaduras das

portas?

Sob o brilho da tela do com putador, viu a m udança no rosto dela. Qualquer

resquício de vergonha e paixão inocente desapareceu... Em seu lugar, surgiu um a

ânsia forte e prim itiva que lhe lem brou o fato dela não ser hum ana. Era um a bela

predadora, um anim al lindo e poderoso que era hum ana o suficiente para fazer

com que ele se esquecesse de quem e do que ela realm ente era.

Movendo-se sem pensar, Manny trouxe um a de suas m ãos até o j aleco branco. No processo de se sentar com ela, as rígidas lapelas ergueram -se e agora ela as puxava para baixo, expondo seu pescoço.

Estava ofegante. Muito ofegante.

– Possua-m e... – gem eu com dificuldade. – Faça... Quero saber com o é.

Agora, era ela quem estava no controle, as m ãos fortes aproxim aram -se de seu rosto e arrastaram -se do pescoço até sua clavícula. Ela não teve que inclinar a cabeça dele, a garganta j á estava exposta e convidativa.

– Tem certeza? – disse, o sotaque acentuava os sons de “r”.

Ele respirava com tanta intensidade que não tinha certeza se poderia pronunciar algum a resposta, então, assentiu. E, preocupado de não ser o suficiente, colocou as m ãos sobre as dela, pressionando-as contra ele.

Ela assum iu a partir daí, focando a j ugular, seus olhos ilum inados com o estrelas. Quando avançou, foi devagar, elim inando os centím etros de distância entre suas presas e a carne dele com um a dem ora dolorosa.

O toque de seus lábios foi com o veludo, só que a antecipação do que estava por vir deixou-o superconcentrado; então, tudo foi am pliado. Sabia exatam ente quem

ela era...

O roçar foi de um a suavidade cruel quando se aninhou nele.

Em seguida, a m ão dela envolveu a nuca e segurou com um a força tão grande que poderia quebrar o pescoço de Manny se quisesse.

– Oh, Deus – ele gem eu, entregando-se com pletam ente. – Oh... *droga*!

O golpe foi forte e certeiro, dois pontos se aprofundaram , a doce dor assaltou sua visão e audição até que tudo o que sentia era a sucção de sua veia.

Isso e um grande orgasm o percorrendo seus testículos e sendo im pulsionado para fora de seu pênis. Seus quadris se contraíram contra ela quando sua ereção cresceu ainda m ais e pressionou... e continuou a em purrar.

Não pôde ter certeza de quanto a liberação durou. Dez segundos? Dez m inutos? Horas? Tudo o que sabia era que, a cada sucção que sentia, gozava um pouco m ais; o prazer era tão intenso que poderia ser arruinado por aquela sensação... Pois sabia que não encontraria isso em ninguém m ais além dela. Vam pira ou hum ana.

Segurando a cabeça dela com a palm a da m ão, em purrou-a para baixo, aum entando ainda m ais a pressão, não im portava se ela o consum isse até secar.

Que m aneira de m orrer!

Cedo dem ais, ela se afastou, m as estava desesperado para que continuasse e tentou forçá-la a perm anecer em sua garganta. No entanto, não era um a com petição. Ela era tão forte fisicam ente que ele acabou não protestando; e aquilo o fez gozar de novo.

Mesm o sobrecarregado com o seu sistem a nervoso estava, ainda conseguiu sentir o m ovim ento de retração das presas em seu pescoço e soube o m om ento exato em que ela se retirou dele. Então, a dor da m ordida foi substituída pelo golpe suave de um a lam bida, com o se ela estivesse selando a ferida.

Entrando em um sem itranse, as pálpebras de Manny fecharam -se e sua cabeça pendeu sobre a coluna, com o um balão vazio. Pelo canto do olho, observou o perfil perfeito de Pay ne; a ilum inação do m onitor foi suficiente para

assisti-la lam bendo o lábio inferior...

Só que não era o com putador.

O protetor de tela havia sido ativado, e tudo o que o m onitor exibia era um fundo negro com o logotipo do Windows.

Ela estava brilhando. Inteira. Da cabeça aos pés.

Supôs que tinham feito aquilo, e que coisa... extraordinária.

Só que a testa dela estava franzida.

– Você está bem ? Talvez eu tenha sugado dem ais...

– Estou... – ele engoliu com dificuldade. Duas vezes. A língua parecia adorm ecida dentro da boca. – Estou...

O pânico instalou-se em seu belo rosto.

– Oh, céus, o que eu fiz...?

Manny esforçou-se para erguer a cabeça.

– Pay ne... a única m aneira de ter sido m elhor é se eu tivesse gozado dentro de você.

Ela sentiu um alívio m om entâneo. E, então, perguntou:

– O que é gozar?

C A P ÍTU LO 22

No Buraco, Jane movia-se rápido pelo quarto. Abrindo o arm ário de portas duplas, com eçou a puxar as blusas brancas e j ogá-las na cam a por cim a do om bro. Na pressa, cabides saíram da vara em que estavam pendurados e caíram ao chão ou rolaram na parte de trás do arm ário – e ela não poderia ter se im portado m enos.

Não havia lágrim as, o que era m otivo de orgulho; por outro lado, todo seu corpo trem ia tanto que tudo o que conseguia fazer era m anter as m ãos corpóreas.

Quando o estetoscópio escorregou de seu pescoço e caiu sobre o carpete ela parou para não pisar nele.

– Deus... m as que droga...

Esticando-se para pegar a coisa, olhou para e cam a e pensou: “certo, talvez sej a hora de parar com as cam isas brancas”. Havia um a m ontanha delas sobre os lençóis pretos.

Voltando-se para o quarto, sentou-se ao lado da pilha de roupas e encarou o arm ário. As regatas e as roupas de couro de V. ainda estavam bem organizadas.

Já o seu lado... estava um desastre. Não era um a m etáfora perfeita?

Só que... havia um a confusão total dentro dele tam bém , não?

Deus... o que ela estava fazendo? Mudar-se para a clínica, m esm o que tem porariam ente, não era a resposta. Quando alguém se casava, perm anecia firm e e tentava consertar as coisas. Era assim que os relacionam entos sobreviviam .

Se partisse agora? Não saberia dizer com o a situação dos dois acabaria.

Deus, o que tiveram de fato? Duas horas de norm alidade? Ótim o. Maravilha.

Pegou o celular, criou um a nova m ensagem de texto e encarou a tela. Dois m inutos depois, fechou o celular. Era difícil colocar tudo o que tinha para dizer em 160 caracteres. Ou m esm o em seis páginas com 160 linhas cada.

Pay ne era sua paciente e tinha um dever para com ela. Vishous era seu com panheiro e não havia nada que não fizesse por ele. E a irm ã gêm ea de V. não estava preparada para esperar m ais tem po.

Em bora, aparentem ente, fosse algo que se dispusera a fazer pelo irm ão. E, obviam ente, Vishous tinha ido recorrer à m ãe deles.

Só Deus sabia qual seria o resultado disso.

Olhando para a bagunça que havia feito no arm ário, Jane pensou na situação várias vezes, e chegava sem pre à m esm a conclusão: o direito de Pay ne de escolher seu destino superava o direito de qualquer pessoa de prendê-la naquela

vida. Era cruel? Sim . Era j usto para quem a am ava? Com certeza não.

Será que a fêm ea teria provocado danos m aiores a si m esm a se não houvesse um a m aneira m ais hum ana de fazê-lo? Cem por cento, sim .

Jane não concordava com o pensam ento da fêm ea ou com sua escolha, m as a ética daquilo estava m uito clara, por m ais trágico que fosse, e estava determ inada a fazer com que Vishous ouvisse o lado dela da história.

Em vez de fugir, ficaria ali parada, de m odo que quando chegasse em casa, ela estaria esperando por ele e poderiam resolver se ainda havia m ais algum a coisa em com um j untos. Não estava se enganando. Poderia m uito bem ser algo com que não conseguiriam lidar, e não poderia culpá-lo se esse fosse o caso.

Fam ília era fam ília, afinal. Mas tinha feito o que a situação exigia de acordo com o dever que tinha perante sua paciente, que era o que os m édicos faziam , m esm o quando tal ato lhes custava... tudo o que tinham .

Levantando-se, pegou os cabides do chão até chegar ao arm ário. Havia m uitos ali dentro e ao redor das botas e sapatos, então, ela se abaixou, alcançando o fundo...

Sua m ão atingiu algo m acio. Couro... m as não era um a bota de com bate.

Sentada sobre os calcanhares, trouxe o obj eto para perto dela.

– Mas que droga é essa? – As roupas de couro com as quais V. lutava estavam em purradas atrás dos sapatos...

Havia algo sobre a pele de couro... Espere. Cera. Era cera de vela negra. E...

Jane colocou a m ão sobre a boca e deixou as calças caírem .

Já havia lhe dado orgasm os suficientes para saber o que era aquilo sobre o couro. E não era a única m ancha. Havia sangue. Sangue verm elho.

Com um a terrível sensação de algo inevitável, estendeu-se dentro do arm ário m ais um a vez e tateou até encontrar um a cam iseta. Puxando-a para fora, viu m ais sangue e cera.

A noite que havia passado no Com m odore. Era a única explicação: não eram m anchas antigas, relíquias esquecidas, a poeira rem anescente da vida que levava

anteriorm ente. Inferno, o arom a da cera ainda estava im pregnado nas fibras.

Soube o exato m om ento em que Vishous entrou pela porta atrás dela.

Sem olhar, ela disse:

– Pensei que não estava com ninguém .

Levou um longo tem po para responder.

– Não estava.

– Então, com o explica isso? – ela ergueu as roupas de couro, m as era desnecessário, afinal, havia outra pessoa no quarto?

– Isso não foi feito com outra pessoa.

Ela j ogou as roupas de volta no arm ário e lançou a regata ali dentro tam bém .

– Com o você m esm o diz: não tenho nada para dizer agora. Realm ente não

tenho.

– Acha m esm o que transei com alguém por acaso?

– Que diabos significam essas roupas, então?

Ele não respondeu. Apenas ficou ali, parado perto dela, tão alto e forte... e um com pleto estranho, m esm o conhecendo seu corpo e rosto tão bem quanto a si m esm a.

Esperou que ele falasse. Esperou m ais um pouco, e, para passar o tem po, lem brou-se que a educação dele tinha sido terrível e que aqueles rem anescentes estoicos e inflexíveis tinham sido a única m aneira de sobreviver.

Só que sim plesm ente não era razão suficiente. Em algum m om ento, o am or deles tinha que m erecer algo m elhor que o silêncio fundam entado no passado.

– Foi com Butch? – ela disse, esperando que fosse o caso. Ao m enos, se tivesse sido o m elhor am igo de V., sabia que qualquer liberação teria sido acidental.

Butch era um cara totalm ente fiel a sua com panheira e se subm eteria a qualquer

ato de dom inação obscuro e estranho se isso fosse o rem édio que V. precisasse tom ar para m anter-se equilibrado. Por m ais bizarro que parecesse, *poderia* entender e superar.

– Foi? – ela disse. – Porque eu posso lidar com isso.

Vishous pareceu m om entaneam ente surpreso, m as, então, balançou a cabeça.

– Nada aconteceu.

– Então, está dizendo que sou cega? – ela resm ungou. – Porque, a m enos que m e dê um a explicação m elhor, tudo o que tenho são estas roupas de couro... e as im agens na m inha m ente, que estão m e deixando doente.

Silêncio, apenas silêncio.

– Oh, Deus... com o você pôde? – ela sussurrou.

V. apenas balançou a cabeça e disse no m esm o tom de voz:

– Digo o m esm o a você.

Bem , ao m enos ela tinha um m otivo para o que tinha acontecido com Pay ne, e não m entiu sobre isso.

Depois de um m om ento, V. entrou no quarto e pegou um a m ochila que estava vazia.

– Aqui. Vai precisar disso.

Com isso, arrem essou a coisa... e partiu.

C A P ÍTU LO 23

Na sala de exames, o curandeiro de Pay ne parecia quase m orto, m as totalm ente feliz com seu falecim ento parcial.

Enquanto esperava que respondesse sua pergunta, estava m ais preocupada com as condições de Manny do que ele m esm o. Seu sangue foi de um a riqueza incrível em sua língua, o vinho escuro deslizou no fundo de sua garganta e desceu por ela, inundando não apenas suas entranhas, m as todo seu corpo.

Foi a prim eira vez que havia tom ado de um a veia do pescoço. As Escolhidas, quando estavam no Santuário, não necessitavam do sustento do sangue, nem obedeciam ao ciclo de necessidades básicas; e isso quando não se encontravam em um m odo de vida suspenso, com o ela tinha estado. Ela m al se lem brava do m om ento em que se alim entara do pulso de Wrath.

Estranho... os dois tipos de sangue tinham um sabor m uito parecido, contudo, o sabor do Rei era m ais ousado.

– O que é gozar? – ela repetiu.

Seu curandeiro lim pou a garganta.

– É... ah... é o que acontece quando se está com alguém e gosta m uito disso.

– Mostre-m e.

O riso que saiu foi aveludado e profundo.

– Adoraria. Confie em m im .

– É algo que eu... posso fazer por você?

Ele tossiu um pouco.

– Já fez.

– Mesm o?

Seu curandeiro assentiu lentam ente, as pálpebras caíram .

– Com certeza. Então, preciso de um banho.

– E em seguida vai m e m ostrar. – Não era um pedido; era um a exigência. E quando os braços dele a envolveram , teve a im pressão de que estava excitado. –

Sim – ela resm ungou. – Vai m e m ostrar tudo.

– Pode apostar que sim – disse ele som briam ente. – *Tudo*.

Quando a olhou com o se conhecesse segredos que não poderia sequer im aginar, ela percebeu, m esm o com a paralisia, que valia a pena viver por isso. Aquela conexão e entusiasm o valiam m ais que suas pernas e sentiu um terror repentino e gritante ao pensar que quase perdeu a possibilidade de vivenciar tais coisas.

Tinha de agradecer m elhor seu irm ão gêm eo; contudo, com o ela conseguiria equilibrar esse presente?

– Deixe-m e levá-la de volta para seu quarto. – Seu curandeiro levantou-se sem problem as, apesar do peso de Pay ne. – Depois de m e lim par, vam os com eçar com um banho de esponj a para você.

Seu nariz enrugou dem onstrando desaprovação.

– Tão clínico.

Houve m ais daquele sorriso m isterioso.

– Não da m aneira com o vou fazer isso. Acredite. – Fez um a pausa. – Ei, pode acender a luz para m im , assim , não esbarro em nada. Você está brilhando, m as não tenho certeza se é o suficiente.

Pay ne ficou um pouco confusa... até que ergueu o braço. Seu curandeiro estava certo. Ela brilhava suavem ente, sua pele lançava um a leve fosforescência... Seria aquela sua reação sexual?

Lógico, pensou. Pois a m aneira com o ele fez com que se sentisse por dentro era tão incontrolável, alegre e lum inosa quanto a esperança.

Quando acendeu as luzes com a força do pensam ento e destrancou as portas, ele balançou a cabeça e com eçou a andar.

– Caram ba. Você tem alguns truques sofisticados, m ulher.

Talvez, m as não aqueles que ela gostaria de ter. Gostaria de retribuir o que ele com partilhou com ela... m as não tinha segredos para ensinar a ele nem sangue para oferecer, j á que hum anos não apenas não precisavam disso com o era algo capaz de m atá-los.

– Gostaria de poder retribuir – m urm urou.

– Pelo quê?

– Por vir até aqui e m ostrar-m e...

– Meu am igo? Sim , ele é um a inspiração...

Na verdade, tratava-se m ais do hom em em carne e osso perto dela do que aquele m ostrado na tela.

– De fato – Pay ne hesitou.

Na sala de recuperação, ele a levou para a cam a e a deitou com m uito cuidado, aj eitando-lhe os lençóis e cobertores sobre o corpo para que nenhum a parte ficasse descoberta... reativando os equipam entos que tratavam de suas funções corporais... afofando os travesseiros atrás de sua cabeça.

Enquanto trabalhava, cobria seus quadris com algum a coisa em todo

m om ento. Um a parte da roupa de cam a. Seu casaco. E, em seguida, parou do outro lado da m aca.

– Confortável? – Quando assentiu, ele disse: – Volto logo. Grite se precisar de m im , certo?

Seu curandeiro desapareceu no banheiro e fechou a porta... m as não com pletam ente. Um facho de luz penetrou no box do chuveiro e ela viu claram ente o braço que ainda vestia o casaco branco ser estendido, girar a torneira e esperar a água quente.

As roupas foram rem ovidas. Todas elas.

E, então, houve um breve vislum bre da carne gloriosa quando se colocou sob a ducha e fechou a porta de vidro. Quando o ritm o da água m udou, soube que sua form a nua havia entrado em baixo da água.

O que ele parece, banhado pela água, liso, quente e tão m asculino?

Movendo-se contra os travesseiros, ela se curvou para o lado... e se inclinou um pouco m ais... e m ais um pouco ainda, até ficar praticam ente pendurada...

Ah, siiiim . O corpo dele estava de perfil, m as teve um a visão com pleta: com um a m usculatura esculpida, seu peito e braços eram firm es sobre os quadris rígidos e as longas e poderosas pernas. Um pouco de pelos escuros assentava-se sobre o peitoral e form ava um a linha que seguia em seu abdôm en e descia, descia... bem em baixo...

Droga, ela não conseguia ver o suficiente, sua curiosidade era desesperadora e

não havia com o ignorá-la.

Com o seria o sexo dele? Com o seria senti-lo...?

Com um esconj uro, m oveu-se desaj eitadam ente até ficar na beirada da cam a.

Dobrando a cabeça, fez o m elhor que pôde para conseguir visualizar a exposição

lim itada na abertura da porta, m as, assim com o ela havia m udado de posição, ele

tam bém tinha e estava de costas para ela agora... a parte inferior do corpo dele...

Engoliu em seco e esticou-se para cim a para ver ainda m ais. Enquanto

desem brulhava o sabonete, a água caía sobre as om oplatas e escorria sobre as costas, percorrendo suas nádegas e coxas. E, então, um a de suas m ãos apareceu sobre a nuca, a quantidade de sabão que havia acum ulado nas palm as seguiu o cam inho da água enquanto lavava o corpo.

– Vire-se... – ela sussurrou. – Deixe-m e vê-lo por com pleto...

O desej o em seus olhos de obter m aior acesso àquela visão só aum entou quando ele com eçou a passar o sabonete abaixo da cintura. Erguendo um a das pernas e depois a outra, as m ãos foram tragicam ente eficientes ao passarem pelas coxas e panturrilhas. Ela soube o m om ento quando pressionou seu sexo. Pois sua cabeça caiu para trás e os quadris ergueram -se tensos. Estava pensando nela. Tinha certeza disso.

E, então, ele se virou.

Aconteceu tão rápido que, quando seus olhos se encontraram , os dois

recuaram .

Ao ser pega, vacilou contra os travesseiros e retom ou a posição anterior,

recolocando os cobertores com os quais tinha sido tão cuidadoso. Com o rosto em

cham as, quis esconder-se...

Um guincho agudo ecoou pela sala e ela olhou para cim a. Ele havia irrom pido

do banheiro, deixando o chuveiro aberto, o sabão continuava sobre os m úsculos

abdom inais e pingava...

Seu sexo foi um choque m agnífico. Destacando-se de seu corpo, o órgão

estava duro, grosso e orgulhoso.

– Você...

Ele disse algo além disso, m as estava cativada dem ais para dar algum a

atenção, fascinada dem ais para notar. Dentro dela, um a fonte foi liberada, seu

sexo inchou, preparando-se para aceitá-lo.

– Pay ne – disse ele, cobrindo-se com as m ãos.

Instantaneam ente, ela teve vergonha e colocou as m ãos sobre o rosto quente.

– Na verdade, desculpe-m e por tê-lo visto.

Seu hum ano agarrou a borda da porta.

– Não é isso... – balançou a cabeça com o se quisesse organizá-la. – Tem

consciência do que está fazendo?

Ela teve de rir.

– Sim . Acredite nisso, m eu curandeiro... eu tenho plena consciência do que estava observando com tanto em penho.

– Você estava sentada, Pay ne. Estava de j oelhos na beirada da cam a.

Seu coração parou. Com certeza não o tinha entendido direito.

Com certeza.

Quando Pay ne franziu a testa, Manny lançou-se para frente... e, então, percebeu que estava nu. Condição que ocorria quando um indivíduo não apenas ficava com a bunda exposta ao vento, m as quando tam bém expunha total e com pletam ente sua ereção da m esm a m aneira que exibia um a roupa de festa.

Voltando ao banheiro, puxou um a toalha e envolveu-a sobre seus quadris e, *só então*, voltou para a cam a.

– Eu... não, deve estar enganado – Pay ne disse. – Eu não poderia...

– Estava...

– Apenas m e estendi sobre...

– Com o chegou na beirada da cam a, então? E com o voltou a ficar na posição anterior?

Seus olhos voltaram -se para o pé da cam a, a confusão perm eava as sobrancelhas apertadas.

– Não sei. Estava... observando você e era tudo o que sabia.

O hom em nele ficou espantado e... estranham ente transform ado. Ser desej ado daquela m aneira por alguém com o ela?

Mas, então, o m édico nele assum iu o controle.

– Bem , deixe-m e ver o que está acontecendo, certo?

Ergueu os lençóis e o cobertor que estavam no final da cam a e dobrou-os

sobre o topo de suas coxas. Usando os dedos, deslizou-os sobre a sola do seu belo

pé.

Esperava que se contorcesse, m as isso não aconteceu.

– Nada? – disse ele.

Quando ela balançou a cabeça, repetiu do outro lado. Em seguida, fez um

m ovim ento m aior, envolvendo a palm a das m ãos ao redor dos tornozelos

delgados.

– Nada?

Os olhos eram trágicos ao encontrar os dele.

– Não sinto nada e não entendo o que viu.

Fez um m ovim ento ainda m aior sobre as panturrilhas.

– Você estava de j oelhos. Juro.

Um m ovim ento m aior ainda, até as coxas firm es.

Nada.

Deus, ele pensou. Tinha de ter algum controle sobre as pernas. Não havia outra

explicação. A m enos que... ele estivesse vendo coisas.

– Não entendo – ela repetiu.

Nem ele, m as ia fazer de tudo para descobrir.

– Vou rever seus exam es. Volto j á.

Fora da sala de exam es, recebeu a aj uda da enferm eira e acessou o prontuário de Pay ne no com putador. Com eficiência prática, revisou tudo: sinais vitais, radiografias... encontrou até m esm o o m aterial dos exam es que havia produzido

no São Francisco, o que foi um a surpresa. Não fazia ideia de com o tiveram acesso àquelas ressonâncias originais... havia apagado o arquivo logo depois que os resultados foram registrados no sistem a. Mas ficou contente em vê-lo outra vez, com certeza.

Quando term inou, sentou-se na cadeira e o frio que atingiu seus om bros lem brou-lhe que não estava vestindo nada além de um a toalha.

Isso explicava o olhar arregalado da enferm eira quando falou com ela.

– Que diabos – m urm urou, olhando para as últim as radiografias. A coluna estava perfeitam ente em ordem , as vértebras bem alinhadas, o brilho fantasm agórico contra o fundo negro dava-lhe um quadro perfeito do que estava acontecendo com suas costas.

Tudo, desde o registro m édico até o exam e que havia acabado de fazer nela na cam a, sugeria que sua conclusão original ao vê-la novam ente estava correta: tinha feito o m elhor trabalho técnico de sua vida, m as a m edula espinhal havia sido danificada de m aneira irreparável – isso era tudo.

De repente, lem brou-se da expressão no rosto de Goldberg quando ficou óbvio que a diferença entre noite e dia havia lhe escapado.

Esfregando os olhos, perguntou se estava, m ais um a vez, ficando louco; contudo, sabia o que tinha visto... Não sabia?

E, então, deu-se conta.

Virando-se, olhou para o teto. Em todas as extrem idades havia um a tom ada ligada a um painel. O que significava que havia câm eras de segurança observando cada centím etro quadrado do local.

Tinha de haver um a na sala de recuperação. Tinha de haver.

Ficando em pé, foi até a porta e espiou o corredor, esperando que a boa enferm eira loira estivesse em algum lugar por perto.

– Olá?

Sua voz ecoou pelo corredor, m as não houve resposta, então, não tinha outra escolha a não ser andar descalço pelo local. Sem qualquer palpite sobre para onde deveria se dirigir, escolheu “direita” e andou rápido. Bateu em todas as portas, tentando abri-las em seguida. A m aioria estava trancada, m as as que estavam abertas revelaram ser... salas de aula. E m ais salas de aula. E um ginásio

enorm e, profissional.

Quando chegou em um a porta identificada com o Sala de Musculação, ouviu alguém tentando quebrar um a esteira com o tênis e decidido a continuar assim .

Era um hum ano sem inu em um m undo de vam piros e, de algum a form a, duvidava que aquela enferm eira iniciaria um a m aratona no horário de trabalho. Além disso, se considerasse com o os passos eram duros e pesados, quem quer que estivesse lá dentro era capaz de provocar um estrago, não apenas cam inhar em um a esteira... e m esm o sendo suficientem ente suicida para lutar com qualquer coisa que viesse para cim a dele, estava ali para cuidar de Pay ne, não para m assagear seu ego ou desenvolver suas habilidade no boxe.

Retornando, assum iu a direção oposta. Batia. Abria quando possível. Quanto m ais longe seguia, m enos am bientes de sala de aula encontrava e cada vez m ais os locais transform avam -se em salas no estilo interrogatório da polícia. Na outra extrem idade, havia um a porta m aciça, saída diretam ente de um film e, com painéis reforçados e aparafusados.

O m undo lá fora, pensou.

Cam inhando até ela, j ogou o peso contra a barra e... Surpresa! Saiu com tudo em um a garagem , onde seu Porsche estava estacionado no m eio-fio.

– Que diabos você está fazendo aqui?

Seus olhos voltaram -se para um Escalade lustrado: j anelas, rodas, grades, tudo era m uito escuro.

Parado ao lado do carro estava o cara que tinha visto naquela prim eira noite, o que pensava ter reconhecido...

– Já vi você em algum lugar – Manny disse quando a porta se fechou atrás dele.

O vam piro tirou um boné de beisebol do bolso e o colocou. *Red Sox*. Claro, o sotaque de Boston. Entretanto, a grande questão era: com o, pelo am or de Deus, um vam piro poderia ter um sotaque daquela região?

– Bela peça de Cristo – o cara resm ungou, olhando para a cruz no pescoço de Manny. – Está procurando suas roupas?

Manny revirou os olhos.

– Sim . Alguém as roubou.

– Então, eles poderiam se passar por m édico?

– Talvez sej a o Dia das Bruxas de vocês... com o vou saber?

Sob a aba do boné azul-escuro, ilum inou-se um sorriso, revelando um a coroa em um dos dentes da frente... bem com o um par de presas.

Quando o cérebro de Manny ficou ainda m ais tenso, a conclusão que chegou era inegável: aquele cara tinha sido hum ano antes. Mas com o isso aconteceu?

– Faça um favor a si m esm o – o m acho disse. – Pare de pensar, volte para a clínica e se vista antes que Vishous apareça.

– Sei que j á o vi antes e, em algum m om ento, vou unir todos os pontos. Mas, de

qualquer m aneira, nesse m om ento, preciso acessar os registros das câm eras de segurança.

Aquele m eio-sorriso sarcástico evaporou.

– Por quê?

– Porque m inha paciente sim plesm ente se sentou sozinha... e não estou falando de levantar o tronco dos travesseiros. Não estava lá quando fez isso e preciso ver com o aconteceu.

O *Red Sox* pareceu ter parado de respirar.

– O que... desculpe. Do que diabos está falando?

– Preciso transform ar isso em charada ou algum a porcaria assim para você processar a inform ação?

– Vou desconsiderar isso... porque não preciso de você aj oelhado na m inha frente só de toalha.

– Som os dois.

– Espere, está falando sério?

– Sim . Tam bém não estou nem um pouco interessando em socá-lo.

Houve um a pausa. E, então, o bastardo soltou um a gargalhada.

– Você tem respostas espertas na ponta da língua, tenho de adm itir... e, sim , posso aj udá-lo, m as precisa se vestir, cara. Se V. pegá-lo assim rodeando a irm ã dele, vai precisar operar as próprias pernas.

Quando o cara com eçou a andar em direção à porta, Manny tentou organizar as lem branças. Não era do hospital.

– Paróquia de São Patrício. É de onde o conheço. Você costum a se sentar sozinho nos bancos de trás durante as m issas da m eia-noite e sem pre usa esse boné.

O cara abriu a porta de entrada e colocou-se em pé ao lado dela. Não conseguia dizer onde seus olhos estavam focados por causa do boné, m as Manny estava disposto a apostar que não estavam sobre ele.

– Não sei do que está falando, am igo.

Até parece, Manny pensou.

C A P ÍTU LO 24

Bem-vindo ao Novo Mundo.

Quando Xcor saiu para a noite, tudo estava diferente: o cheiro não era dos bosques que havia ao redor do seu castelo; era um arom a alm iscarado de fum aça e esgoto da cidade, e os sons não eram dos passos distantes e suaves dos veados sobre a vegetação rasteira, m as de carros, sirenes e conversas em voz alta.

– De fato, Throe, você encontrou acom odações excelentes – falou lentam ente.

– O im óvel deve estar pronto am anhã.

– E devo pensar que haverá um a m elhora? – Olhou de volta para a casa em que havia passado o dia. – Ou irá nos surpreender com um esplendor ainda m enor?

– Vai achar m ais adequado. Garanto.

Na verdade, considerando todas as adversidades que tiveram para chegar até lá, o vam piro tinha feito um ótim o trabalho. Tiveram de viaj ar em dois voos noturnos para garantir que nenhum problem a com a luz do dia ocorresse e, quando finalm ente chegaram em Caldwell, Throe, de algum a m aneira, arranj ou tudo: apesar de tudo, aquela casa decrépita tinha um porão sólido e havia um *doggen* servindo as refeições. A decisão perm anente sobre a residência ainda tinha de ser tom ada, m as aquilo, provavelm ente, atenderia as suas necessidades.

– É m elhor que estej a fora dessa suj eira urbana.

– Não se preocupe. Conheço suas preferências.

Xcor não gostava de ficar em cidades. Hum anos eram com o um gado estúpido, m as um a debandada de seres sem cérebro era m ais perigoso do que apenas um ser com inteligência – era im possível prever a atitude dos ignorantes. Todavia, havia um benefício: queria conhecer m elhor a cidade antes de anunciar sua chegada à Irm andade e ao seu “Rei”, e não havia um a localização m elhor que aquela.

A casa estava bem no centro da cidade.

– Cam inharem os por aqui – disse, seguindo com seu bando de bastardos em form ação atrás dele.

Caldwell, Nova York, sem dúvida ofereceria poucas novidades. Com o tinha

aprendido há m uito tem po e com provado com aquele presente bem ilum inado, as cidades durante a noite eram todas iguais, independentem ente da geografia: as pessoas que andavam pelas ruas não eram os diligentes seguidores da lei, m as vadios, desaj ustados e descontentes. E, com certeza, ao avançar pelos quarteirões, veria hom ens sentados na calçada sobre o próprio excrem ento, um a escória de pessoas apelando para a agressividade, fêm eas decadentes procurando m achos ainda m ais m iseráveis que elas.

No entanto, não fazia ideia para onde levar seu grupo de hom ens... apesar de desej ar saber. A luta poderia consum ir sua energia, m as, com sorte, encontrariam o inim igo e enfrentariam um adversário digno pela prim eira vez em duas décadas.

Quando ele e seus hom ens viraram um a esquina, depararam -se com um a infestação hum ana: diversos estabelecim entos, dos dois lados da rua, dispunham de um a grande ilum inação e tinham filas de pessoas sem inuas esperando para entrar neles. Não conseguia ler os letreiros nas portas, m as pela form a com o hom ens e m ulheres batiam os pés, contorciam -se e falavam , era óbvio que havia um esquecim ento tem porário esperando por eles do outro lado daquela espera infeliz.

Xcor considerava abater a todos e tornou-se extrem am ente consciente de sua foice: a arm a repousava sobre suas costas, dobrava-se em duas partes, estava

aninhada em seu coldre e oculta sob seu casaco de couro, que se estendia até o chão.

Para m antê-la no lugar, controlou a lâm ina com a prom essa de usá-la apenas em assassinos.

– Estou com fom e – disse Zy pher. É claro que o m acho não falava sobre com ida e realm ente era hora: a sugestão para o sexo estava nos planos das fêm eas hum anas pelas quais passavam . De fato, as m ulheres apresentavam -se para ser usadas, os olhos pintados fixavam -se nos m achos que erroneam ente acreditavam ser da m esm a raça.

Bem , observavam os rostos dos m achos, m as não o de Xcor. Lançavam apenas um olhar sobre ele e desviavam rapidam ente.

– Mais tarde – disse. – Vou providenciar para que consiga o que está precisando.

No entanto, duvidava m uito que participaria do ato. Tinha plena consciência de que seus soldados necessitavam daquele tipo de sustento e estava disposto a conceder-lhes a possibilidade de saciar suas necessidades... Com batentes lutavam

m elhor quando seus desej os eram atendidos, havia aprendido isso há m uito tem po. E quem sabe providenciasse algo para si se cham asse a atenção de seus olhos... Assum indo que a fêm ea pudesse desconsiderar sua aparência. Por outro lado, era isso o que faziam por dinheiro. Muitas foram as vezes nas quais ele

pagou por fêm eas para que aturassem seu ser dentro do sexo delas. Era m uito m elhor do que forçá-las, não tinha estôm ago para isso... Em bora não adm itisse tal fraqueza a ninguém .

Contudo, tais flertes não aconteceriam tão cedo. Prim eiro, precisavam estudar o novo am biente.

Depois de passarem pelos arredores sufocantes dos clubes, saíram exatam ente onde pretendiam ... um total vazio urbano: quarteirões inteiros de edifícios estariam desocupados ao longo da noite, ou talvez por m ais tem po, estradas destituídas de tráfego, becos escuros e estreitos oferecendo um bom espaço para lutar.

O inim igo estaria ali. Sim plesm ente sabia que sim : a única afinidade entre as duas partes da guerra era a discrição e, ali, as lutas poderiam acontecer sem o m enor tem or de que houvesse um a interrupção.

Com seu corpo latej ando por um conflito e os sons das solas das botas de seu bando de bastardos atrás dele, Xcor sorriu para a noite. Iria acontecer...

Virando m ais outra esquina, deteve-se. Num beco acim a à esquerda, havia um bando de carros preto e branco estacionados em círculo em torno da abertura de um beco... com o um colar ao redor do pescoço de um a m ulher. Não conseguia ler os logotipos nas portas, m as as luzes azuis sobre os veículos lhe disseram que

aqueles eram policiais hum anos.

Respirando fundo, sentiu o cheiro da m orte.

Assassinato recente, concluiu, m as com um arom a não tão encorpado quanto se tivesse sido im ediato.

– Hum anos – zom bou. – Se fossem m ais eficientes, m atariam uns aos outros com pletam ente.

– Sim – alguém concordou.

– Avante – ele exigiu, prosseguindo.

Enquanto passavam pela cena do crim e, Xcor olhou para o beco. Hom ens hum anos com expressões nauseadas e m ãos inquietas estavam posicionados ao redor de um a grande caixa, com o se esperassem que algum a coisa saltasse dali a qualquer m om ento e segurassem seus pênis com garras afiadas.

Típico. Vam piros investigariam a fundo o caso e dom inariam a situação – ao m enos, qualquer vam piro que honrasse sua natureza. No entanto, hum anos pareciam encontrar sua coragem apenas quando Ôm ega intercedia.

Em pé em um a caixa de papelão m anchada em vários pontos e grande o suficiente para conter um a geladeira, José de la Cruz acendeu a lanterna e correu o facho de luz sobre outro corpo m utilado. Era difícil ter um a im pressão definida do cadáver, considerando a gravidade do que haviam feito com ele e a sensação de que a vítim a havia sido sugada em um em aranhado de m em bros; m as o cabelo raspado de m aneira selvagem e o ferim ento profundo no braço sugeriam

que aquele era um segundo caso para sua equipe.

Endireitando-se, olhou ao redor do beco vazio. Mesm o *modus operandi* que o prim eiro, poderia apostar que o crim inoso fazia seu trabalho em outro lugar, j ogava os restos no centro de Caldwell e seguia para capturar outra vítim a.

Tinham de pegar aquele filho da m ãe.

Desligando a lanterna, consultou o relógio digital. O pessoal do fórum havia term inado o trabalho m inucioso que faziam e o fotógrafo j á tinha clicado a porcaria toda, então, era hora de dar um a boa olhada no corpo.

– O legista está pronto para vê-la – disse Veck atrás dele. – E gostaria de um pouco de aj uda.

José girou sobre os calcanhares.

– Trouxe as luvas que...

Fez um a pausa e olhou acim a dos om bros largos de seu parceiro. Do outro lado da rua, um grupo de hom ens andava em form ação triangular: um à frente, dois atrás e outros três por últim o. A organização era tão precisa e os passos eram dados com tanto sincronism o que, em um prim eiro m om ento, tudo o que José notou foi um a m archa m ilitar e o fato de todos eles vestirem roupas de couro pretas.

Então, notou o tam anho deles. Eram enorm es e teve de se perguntar que tipos de arm as carregavam sob os longos casacos idênticos. Contudo, a lei proibia os oficiais da polícia de revistar civis apenas porque pareciam letais.

O que estava na liderança girou a cabeça e José deu um a olhada no rosto que só um a m ãe poderia am ar: com ângulos m uito agudos, a face era m agra, com bochechas cavadas, o lábio superior m alform ado por um a fenda palatina que não havia sido corrigida.

O hom em voltou a olhar para a frente e continuou sem hesitar.

– Detetive?

José sacudiu o corpo.

– Desculpe. Fiquei distraído. Trouxe as luvas?

– Estou segurando-as para você.

– Certo. Obrigado. – José pegou o par de luvas de látex e colocou-as. – Trouxe o...

– Saco? Sim .

Veck era som brio e m uito com penetrado; José aprendeu que eram as principais características do hom em – j ovem , quase trinta anos, m as lidava com aquilo com o um veterano.

Veredito até agora: não era tão ruim com o parceiro; m as havia se passado apenas um a sem ana e m eia desde que com eçaram a trabalhar j untos de verdade.

Em qualquer cena de crim e, quem lidava com os corpos dependia de um a série de variáveis. Às vezes, o pessoal da Busca e Salvam ento fazia isso. Outras,

com o era o caso, era um a com binação de quem tinha um estôm ago m ais forte.

– Vam os cortar a frente da caixa – disse Veck. – Tudo foi coletado e

fotografado e vai ser m elhor do que tentar incliná-la para frente e rasgar o fundo.

José olhou para o legista.

– Tem certeza que pegou tudo?

– Com certeza, detetive. Estava pensando nisso tam bém .

Os três trabalharam j untos, José e Veck segurando a parte da frente, enquanto

o outro usava um estilete... e, então, José e seu parceiro baixaram a frente da

caixa com cuidado.

Era outra j ovem .

– Maldição – resm ungou o legista. – De novo não.

Maldito seja, José pensou. Tinham feito a m esm a coisa com a pobre garota o

que fizeram com as outras, o que significava que tinha sido torturada antes.

– Que inferno – Veck m urm urou com a respiração baixa.

Os três caras foram cuidadosos com ela, com o se, m esm o m orta, o corpo

m achucado percebesse a m udança de posição dos m em bros. Carregando-a por

apenas dois m etros, colocaram -na no saco negro aberto para que o legista e o

fotógrafo pudessem finalizar o trabalho deles.

Veck ficou agachado com ela. Seu rosto estava totalm ente sério, m as, m esm o

assim , passou um a vibração de quem havia se irritado com o que tinha visto...

O brilho do flash de um a câm era irrom peu pelo beco escuro, preciso com o um grito dentro de um a igrej a. Antes que aquela porcaria se apagasse, José girou a cabeça para ver quem diabos estava tirando fotos, e não foi o único a procurar por isso. O fato tam bém cham ou a atenção dos outros oficiais que estavam ali. Mas Veck foi o único a erguer-se de repente e com eçar a correr.

O cara da câm era não teve chance. Em um m ovim ento m uito preciso, o desgraçado esquivou-se sob a fita da polícia e tirou vantagem de todos estarem concentrados na vítim a. Na fuga, atrapalhou-se com a fita que tinha transgredido, tropeçando e caindo antes de conseguir correr e enfiar-se dentro da porta de seu carro que havia deixado aberta.

Veck, por outro lado, tinha as pernas de um velocista e, consequentem ente, m ais rapidez que aquele garoto branco m edíocre: não arrem eteu contra a fita am arela, saltou por cim a dela e lançou-se sobre o sedã, colocando o peso em cim a do capô. E, então, tudo ficou em câm era lenta. Enquanto os outros oficiais corriam para aj udar, o fotógrafo acelerou e os pneus cantaram quando entrou em pânico e tentou arrancar...

Bem na direção da cena do crim e.

– Droga! – José gritou, pensando em com o protegeriam o corpo.

As pernas de Veck derrapavam enquanto o veículo ultrapassava os lim ites da fita am arela e ia direto na direção da caixa de papelão. Mas aquele filho da m ãe

do DelVecchio não ficou só ali com o se tivesse sido colado, conseguiu entrar pela

j anela aberta, agarrar o volante e lançar o sedã contra um contêiner a pouco

m ais de um m etro de distância da m aldita vítim a.

Quando os *airbags* se estufaram e o m otor soltou um rugido feroz, Veck foi

j ogado para cim a, sobre a lata de lixo... e José soube que se lem braria da visão

do hom em no ar pelo resto de sua vida: a j aqueta do terno do cara abriu-se com

força, a arm a foi para um lado e o distintivo para outro com o se pudesse voar sem asas.

Aterrissou sobre as costas. Com força.

– Oficial ferido – José gritou enquanto corria em direção a seu parceiro.

Mas não houve tem po para dizer ao filho da m ãe que ficasse parado ou

m esm o um a chance de aj udá-lo. Veck saltou com o o m aldito coelho da

Energizer e cam baleou até o grupo de oficiais que tinham cercado o m otorista

com arm as em punho. Em purrando os outros para fora do cam inho, abriu a porta

do m otorista e arrancou do carro um caçador de fotos parcialm ente consciente

que estava prestes a ter um ataque cardíaco: o desgraçado era tão gordo quanto o

Papai Noel e tinha a coloração averm elhada de um alcoólatra.

Tam bém tinha dificuldades para respirar – em bora não estivesse claro se era

por ter inalado o pó do *airbag* ou ter feito contato visual com Veck e saber que

estava prestes a levar um a porrada.

Só que Veck apenas m ergulhou dentro do carro e abriu cam inho pelo airbag desinflado.

Antes que pudesse se apossar da m áquina e reduzi-la a pó, José interveio:

– Precisam os disso com o prova – exclam ou quando Veck saiu do carro e ergueu o braço sobre a cabeça com o se fosse j ogar a m áquina com toda força na calçada.

– Ei! – José segurou com as duas m ãos o pulso do rapaz e j ogou todo seu peso no peito de seu parceiro. Deus, com o era grande o filho da m ãe... não era apenas

alto, parecia um guindaste... e por um a fração de segundo teve de se perguntar se

conseguiria algum a coisa ao tentar detê-lo.

No entanto, a m aré m udou de repente e Veck virou-se e bateu com força na lateral do carro.

José m anteve a voz calm a, apesar de estar usando toda sua força para m anter o cara no lugar.

– Pense nisso. Se destruir a câm era, não poderem os usar a foto que ele tirou contra ele. Está m e ouvindo? Pense, im becil... *pense.*

Os olhos de Veck deslocaram -se e fixaram -se no crim inoso e, francam ente, a falta de loucura neles era um pouco perturbadora. Mesm o em m eio àquilo tudo, depois de todo o esforço físico, DelVecchio estava relaxado de um a m aneira estranha, totalm ente focado... e era inegável seu ar am eaçador: José tinha a

im pressão de que se soltasse o detetive, a câm era não seria a única coisa danificada.

Veck parecia totalm ente capaz de m atar de um a m aneira m uito calm a e com petente.

– Veck, parceiro, sai dessa.

Houve alguns m om entos em que nada aconteceu e José sabia m uito bem que todos estavam tão inseguros quanto ele sobre a form a com o aquilo iria se resolver, incluindo o fotógrafo.

– Ei. Olhe para m im , cara.

Os olhos azuis-bebê de Veck m overam -se lentam ente e, então, piscaram . Aos poucos, a tensão naqueles braços foi dim inuindo e José acom panhou o m ovim ento até conseguir pegar a câm era do cara – não havia com o saber se a tem pestade havia realm ente acabado.

– Você está bem ? – José perguntou.

Veck assentiu e puxou sua j aqueta de volta no lugar. Quando acenou com a cabeça um a segunda vez, José deu um passo para trás.

Grande erro.

Seu parceiro m oveu-se tão rápido que não houve com o detê-lo. Socou o fotógrafo com tanta força que provavelm ente quebrou a m aldita m andíbula do cara.

O crim inoso caiu no m eio dos outros policiais, ninguém disse nada. Todos

queriam ter feito aquilo, m as por tudo o que Veck havia passado, o direito era dele.

Infelizm ente, haveria um a punição para aquilo e provavelm ente o detetive seria suspenso – e talvez o Departam ento de Polícia de Caldwell fosse processado.

Balançando a m ão que havia esm urrado o crim inoso, Veck m urm urou:

– Alguém pode m e dar um cigarro?

Droga, José pensou. Não havia razão para continuar tentando encontrar Butch O'Neal. Era com o se seu velho parceiro estivesse bem na frente dele.

Então, talvez ele devesse desistir de continuar rastreando aquela ligação para a em ergência da sem ana passada. Mesm o com todos os recursos disponíveis na delegacia, não tinha chegado a lugar algum e a falta de pistas talvez fosse algo bom .

Um coringa com um traço autodestrutivo era m ais do que poderia lidar na rotina do trabalho, m uito obrigado, não precisava de outro.

C A P ÍTU LO 25

No centro de treinamento do com plexo, Butch até queria odiar o cirurgião por lealdade a V, especialm ente se levasse em conta aquela história de aparecer sem inu enrolado em um a toalha, parecendo pronto para um a perform ance em um clube de m ulheres.

Deus, a ideia de que aquele pedaço de carne havia se aproxim ado de Pay ne

sem roupa nenhum a... Era péssim a, de m uitas m aneiras.

Teria sido diferente se sua estrutura física fosse a de um j ogador de xadrez, por exem plo; m as assim com o era, parecia que um lutador bonitão estava dando em cim a da irm ãzinha de V. Com o um cirurgião tinha um corpo daquele?

Ainda assim , havia duas coisas que salvavam o cara: o filho da m ãe tinha vestido o uniform e cirúrgico que Butch tinha lhe dado – então, nada m ais de gracinhas naquela noite. E, quando sentaram em frente ao com putador na sala de exam es, o cara parecia realm ente preocupado com Pay ne e seu bem -estar.

Não que a am izade entre eles estivesse chegando a lugar algum ; os dois olhavam para a tela do com putador com o dois cães assistindo *Animal Planet*: m uito concentrados, m as incapazes de aum entar o volum e ou m udar de canal.

Em um a situação norm al? Butch teria telefonado ou enviado um a m ensagem de texto a Vishous; m as isso não ia acontecer, considerando os confrontos que se passavam no Buraco.

Deus, esperava que V. e Jane se acertassem .

– E agora? – o cirurgião perguntou.

Butch sacudiu-se para retom ar o foco e colocou a palm a da m ão sobre o m ouse.

– Rezam os para que eu arranque os arquivos de segurança da m inha bunda. É

isso.

– E você reclam ava sobre a m inha toalha.

Butch esboçou um sorriso.

– Espertinho.

Com o se tivessem com binado, os dois se curvaram em direção à tela – com o se isso fosse aj udar de algum a m aneira m ágica o m ouse a encontrar o que estavam procurando.

– Odeio isso – o cirurgião m urm urou com aversão. – Sou m elhor com as m inhas m ãos.

– Eu tam bém .

– Vá para o m enu inicial.

– Estou indo, estou indo...

– Droga – disseram j untos quando todos os arquivos ou program as ou o que quer que fosse term inaram de ser carregados.

Naturalm ente, não havia nada nom eado com o “Segurança”, “Câm eras” ou “Clique aqui, idiota, para encontrar o que está procurando”.

– Espere, será que não está em “Vídeos”? – o cirurgião disse.

– Boa ideia.

Aproxim aram -se ainda m ais, até a ponta do nariz ficar prestes a esbarrar no m aldito m onitor.

– Posso aj udar, rapazes?

Butch girou a cabeça rapidam ente.

– Graças a Deus, Jane. Ouça, precisam os encontrar os arquivos digitais das câm eras de segurança... – deteve-se. – Você está bem ?

– Tudo bem , tudo bem .

Uh-hum , certo. Parada no batente da porta, ela não estava bem – não chegava nem perto disso. A ponto de Butch saber que não era prudente perguntar onde V. estava – nem esperar que o Irm ão aparecesse tão cedo.

– Ei, doutora – disse Butch, ao se levantar casualm ente. – Posso conversar com você um m inuto?

– Hã...

Ele interrom peu o protesto que ela estava prestes a iniciar.

– Obrigado. Vam os para o corredor. Manello, tente encontrar o que precisa no com putador.

– Farei isso – disse o cara com tom seco.

Quando ele e Jane saíram da sala, Butch baixou a voz.

– O que está acontecendo? E, sim , não é da m inha conta; m as quero saber de qualquer j eito.

Depois de um m om ento, Jane cruzou os braços sobre o j aleco branco e apenas ficou olhando para frente. Mas parecia que a intenção não era calá-lo. Era m ais com o se estivesse revendo algo em sua m ente.

– Fale com igo – ele m urm urou.

– Você sabe por que ele recorreu a Manny, certo?

– Não sei os detalhes. Mas... tenho um a ideia. – A fêm ea tinha um olhar bastante suicida, de verdade.

– Com o m édica, sou arrastada em diferentes direções. Se você puder continuar a desenvolver essa ideia...

– Posso sim . Droga.

– Isso não é tudo – ela continuou. – Quando fui arrum ar as m alas, encontrei um conj unto de roupas de couro no fundo do arm ário. Havia cera negra por toda parte. Junto com sangue e... – ela respirou estrem ecendo. – Algo m ais.

– Cristo – Butch gem eu.

Quando Jane ficou em silêncio, soube que não desej ava envolvê-lo e não ia perguntar em voz alta. Esse era o j eito dela.

Caram ba... esforçou-se tanto para honrar a exigência de V. de ficar distante de algum as coisas; só que sim plesm ente não podia assistir a relação daqueles dois desm oronar.

– Ele não a traiu – disse. – Naquela noite, um a sem ana atrás? Ele deixou que o espancassem , Jane. Por *redutores*. Encontrei V. cercado por três deles e o golpeavam com correntes.

Ela soltou um gem ido, que encobriu com as m ãos.

– Oh... Deus...

– Não sei o que encontrou dele, m as não estava com ninguém . Ele m esm o m e

disse.

– Mas e quanto à cera? E o...

– Já passou pela sua cabeça que ele pode ter feito isso sozinho?

Jane ficou m om entaneam ente sem palavras.

– Não. Mas, por que ele não disse nada?

Aquela parecia ser a trilha sonora da noite.

– Nenhum cara adm itiria a sua esposa que estava se m asturbando sozinho. É patético dem ais... e provavelm ente achou que estava lhe traindo de algum a m aneira com isso. Ele tem essa devoção a você.

Quando as lágrim as se lançaram dos olhos verde-floresta de Jane, Butch ficou perplexo por um instante. A boa m édica era tão fechada quanto seu *hellren*... e aquela força contida era a razão pela qual era tão útil com o m édica; contudo, não significava que não tinha sentim entos, lá estavam eles.

– Jane... não chore.

– É que eu sim plesm ente não sei com o vam os superar isso. Não sei m esm o. Ele está decepcionado. Eu estou decepcionada, e, além disso, tem a Pay ne. – De repente, colocou um a das m ãos sobre o braço de Butch o e apertou. – Pode, por favor... pode aj udá-lo? Com o que ele precisa? Talvez sej a essa fissura no gelo que vai nos aj udar.

Quando os dois se encararam , Butch perguntou-se se estavam de fato no

m esm o nível. Mas com o ele poderia lidar com isto de m aneira criteriosa: então,

você quer que eu, ao invés dos *redutores*, dê um j eito nele? E se não estivessem

na m esm a sintonia? Ela j á estava chorando.

– Não posso fazer isso – Jane disse rudem ente. – E não só por que tem os

problem as no m om ento. Eu só não tenho essa habilidade em m im . Ele confia em

você... Eu confio em você... E ele precisa disso. Tenho m edo de que se ele não

quebrar esse m uro que está construindo, não vam os conseguir m ais... ou pior.

Leve-o para o Com m odore, por favor.

Bem , aquilo criava um problem a.

Butch lim pou a garganta.

– Estive pensando a m esm a coisa, de verdade. E, de fato, eu... j á ofereci isso a ele.

– Obrigada. – Ela praguej ou e enxugou os olhos. – Você o conhece tão bem

quanto eu. Ele precisa quebrar aquele gelo... de algum a m aneira, de algum j eito.

– Sim . – Butch estendeu a m ão e acariciou o rosto dela. – Vou cuidar dele. Não

se preocupe.

Ela colocou um a das m ãos sobre a dele.

– Obrigada.

Abraçaram -se por um m om ento e, quando fizeram isso, Butch pensou que não

havia nada que não faria para m anter Jane e V. j untos.

– Onde ele está agora? – perguntou.

– Não faço ideia. Ele m e deu um a m ala e eu apenas a preparei e saí. Não o vi no Buraco, m as não estava procurando por ele.

– Já estou nessa. Vai aj udar Manello?

Quando ela assentiu, deu-lhe um pequeno apertão e saiu, alcançando o túnel subterrâneo e subindo rapidam ente até chegar à últim a parada do lugar: o Buraco.

Sem fazer ideia do que ia encontrar, colocou a senha e posicionou a cabeça na porta blindada. Nenhum a fum aça, então, nada estava em cham as. Nenhum grito.

Não sentia cheiro de nada, a não ser do pão fresco que Marissa havia feito há pouco tem po.

– V.? Você está aqui? – nenhum a resposta.

Deus, tudo estava tão silencioso.

No corredor, encontrou o quarto de V. e Jane vazio e todo bagunçado. A porta do arm ário estava aberta e roupas haviam sido retiradas dos cabides, m as não foi isso que realm ente cham ou sua atenção.

Foi até as roupas de couro e apanhou-as do chão. Um bom rapaz católico com o ele não sabia m uito sobre sadom asoquism o, m as parece que iria aprender em prim eira m ão.

Pegando o telefone celular, ligou para V., m as não esperava um a resposta.

Concluiu que o GPS viria a calhar outra vez.

– Parece com o os velhos tem pos.

Manny focou na tela do com putador enquanto falava. Difícil dizer qual era a parte m ais estranha de se sentar ao lado de sua antiga colega de trabalho. Com tanta coisa para se escolher, o silêncio entre eles foi o m elhor, tão bom quanto um a caça aos ovos de Páscoa para crianças de três anos, com obj etos m al escondidos, prontos para serem encontrados e capturados.

– Por que quer rever os arquivos digitais? – ela perguntou.

– Vai ver quando chegarm os lá.

Jane não teve problem as em localizar o program a certo e, um m om ento depois, a im agem vívida de Pay ne no quarto surgiu na tela. Espere, a cam a estava vazia... exceto por um a m ochila.

– Câm era errada. Aqui está – Jane m urm urou.

E lá estava ela. A Pay ne dele. Deitada sobre os travesseiros, a ponta de sua trança nas m ãos, olhos fixos no banheiro com o se ainda estivesse im aginando-o no banho.

Caram ba... com o estava linda.

– Você acha? – Jane disse suavem ente.

Certo, agora seria um ótim o m om ento para sua boca parar de funcionar com o se fosse um órgão independente.

Lim pou a garganta.

– Pode voltar m ais ou m enos m eia hora?

– Sem problem a.

Voltou a im agem , o pequeno relógio no canto inferior direito retrocedeu os m ilissegundos.

Quando observou a si m esm o exam inando-a com aquela toalha, ficou m uito óbvio que estavam atraídos um pelo outro. Oh, Deus... aquela ereção deu-lhe outro m otivo para não olhar para Jane.

– Espere... – Sentou-se m ais para frente. – Dim inua a velocidade. Aí está.

Viu-se voltando para o banho correndo...

– Mas que... caram ba – Jane suspirou.

E lá estava: Pay ne aj oelhada aos pés da cam a, seu corpo longo e esbelto equilibrava-se perfeitam ente enquanto seus olhos focavam a porta do banheiro.

– Ela está brilhando?

– Sim – m urm urou. – Está.

– Espere... – Jane pressionou o botão “avançar”, colocando as im agens na ordem certa. – Está testando as sensações dela aqui?

– Nada. Ela não sentiu nada. E, ainda assim ... volte outra vez... obrigado. – Apontou para as pernas de Pay ne. – Aqui, porém , fica claro que ela tem controle m uscular.

– Isso não tem lógica. – Jane viu e reviu o arquivo. – Mas ela fez isso... Oh,

m eu Deus... Ela fez isso. É um m ilagre.

Claro que parecia um . Só que...

– Qual teria sido o estím ulo? – Manny m urm urou.

– Talvez você.

– Sem chance. Com certeza m inha cirurgia não fez o que deveria ter feito ou

ela teria se aj oelhado antes de hoj e à noite. Os exam es m ostraram que ela ainda

perm anece paralisada.

– Não estou falando sobre seu bisturi.

Jane retrocedeu o arquivo até o m om ento em que Pay ne se levantou e, então,

congelou a cena.

– É você.

Manny encarou a im agem e tentou ver algum a coisa que não fosse óbvia: com

certeza parecia que Pay ne estava olhando para ele, o brilho nela ficou ainda

m ais forte e foi capaz de se m over.

Jane avançou o arquivo im agem por im agem . Assim que ele saiu do banheiro

e ela voltou a se deitar, o brilho se foi... e não tinha m ais sensações.

– Isso não faz sentido – m urm urou.

– Na verdade, acho que faz. Deve ser algo da m ãe dela.

– Quem ?

– A deusa que iniciou tudo isso. – Jane apontou seu próprio corpo. – Sou o que sou por causa da Virgem Escriba.

– Quem ? – Manny balançou a cabeça. – Não estou entendendo nada.

Jane sorriu um pouco.

– Não precisa. Está acontecendo. Só precisa ficar com Pay ne e... ver com o ela m uda.

Manny voltou a olhar para o m onitor. Bem , droga, parece que o cara da barbicha tinha feito a coisa certa. De algum a m aneira, o filho da m ãe sabia que aquilo aconteceria, ou talvez ele apenas esperasse que acontecesse. De qualquer m aneira, parecia que Manny era um tipo de rem édio para aquela criatura extraordinária deitada na cam a.

Então, com certeza, iria m ergulhar naquilo.

Mas não se enganava. Não se tratava de am or ou m esm o sexo, m as de erguê-la e fazer com que recuperasse seus m ovim entos para poder levar a vida de antes outra vez... não im portava o quanto custasse. E sabia que não poderia ficar com ela no final. Iriam descartá-lo com o um frasco de m edicam ento da farm ácia... e, sim , claro, ela poderia entrar em contato com ele, m as era um a virgem que não conhecia nada m elhor. E tinha um irm ão que a forçaria a fazer as escolhas certas. Quanto a ele? Não se lem braria de nada disso, não é m esm o?

Gradualm ente, tom ou consciência do olhar de Jane observando seu perfil.

– O que foi? – disse ele sem tirar os olhos da tela.

– Nunca o vi assim antes por causa de um a fêm ea.

– Nunca conheci ninguém com o ela antes. – Ergueu a m ão para deter

qualquer conversa. – E pode econom izar sua fala sobre “não faça isso”. Sei o que

vai acontecer no final.

Inferno, talvez aqueles bastardos o m atassem e o j ogassem no rio. Fazendo

com que parecesse um acidente.

– Na verdade, não ia dizer isso. – Jane m udou de posição na cadeira. – E

acredite em m im ... Sei com o se sente.

Ele a encarou.

– Mesm o?

– Foi assim que m e senti quando conheci Vishous. – Seus olhos se encheram de

lágrim as, m as ela lim pou a garganta. – Voltando a você e Pay ne...

– O que está acontecendo, Jane. Diga-m e.

– Não está acontecendo...

– Bobagem ! Posso dizer o m esm o que m e disse. Nunca a vi assim antes.

Parece arruinada.

Ela respirou fundo.

– Problem as conj ugais. Sim ples, m as nem tanto.

Era evidente que não queria dividir isso com ele.

– Tudo bem . Bom , estou aqui se precisar... pelo tem po que m e for autorizado ficar.

Ele esfregou o rosto. Era um a total perda de tem po se preocupar com quanto tem po aquilo ia durar, quanto tem po tinha. Mas não conseguia evitar; perder Pay ne o m ataria m esm o que m al a conhecesse.

Espere um m inuto. Jane tinha sido hum ana. E estava ali. Talvez houvesse...

Mas que droga!

– Jane...? – disse com voz fraca ao olhar para sua velha am iga. – O que...

As palavras o abandonaram nesse ponto. Estava sentada na m esm a cadeira, na m esm a posição, usando as m esm as roupas... só que conseguia enxergar a parede atrás dela... os arm ários de aço... as portas do outro lado. E o “enxergar” tudo isso não se tratava de ver sobre os om bros dela. Estava olhando *através* dela.

– Oh. Desculpe.

Bem diante de seus olhos, ela saiu de seu estado translúcido... voltando ao norm al.

Manny pulou da cadeira e foi andando para trás até que sua bunda bateu na m esa de exam e e o deteve.

– Precisa conversar com igo – disse com voz rouca. – Meu... Deus...

Quando agarrou a cruz que ficava pendurada em seu pescoço, Jane baixou a cabeça e um a de suas m ãos colocou alguns de seus cabelos curtos atrás da

orelha.

– Oh, Manny... há m uita coisa que você não sabe.

– Então... diga-m e. – Quando ela não respondeu, os gritos em sua cabeça ficaram altos dem ais. – É m elhor m e dizer, pois estou farto de m e sentir com o um lunático.

Houve um longo silêncio.

– Eu m orri, Manny, m as não no acidente de carro. Aquilo foi encenado.

Os pulm ões de Manny ficaram tensos.

– Com o?

– Um tiro. Fui baleada. Eu... m orri nos braços de Vishous.

Certo, não conseguia m ais respirar nesse ponto.

– Quem fez isso?

– Os inim igos dele.

Manny esfregou o crucifixo e o católico nele, de repente, acreditou nos santos com o m uito m ais do que exem plos de bom com portam ento.

– Não sou m ais quem você conheceu, Manny. De m uitas m aneiras – havia tanta tristeza em sua voz. – Não estou realm ente viva. Foi por isso que não voltei para vê-lo. Não se trata da coisa vam piro/hum ano... é por que não estou m ais aqui, de fato.

Manny piscou, com o um idiota. Várias vezes.

Bem ... será que a boa notícia nisso tudo foi descobrir que sua antiga cirurgiã do

departam ento de traum a era um a fantasm a? Quase transparente em sua percepção? Sua m ente explodiu tantas vezes que perdeu a conta, e com o um a j unta que havia sido deslocada, tinha total e com pleta liberdade de m ovim entos.

Sua funcionalidade estava perdida, claro.

Mas quem se im portava?

C A P ÍTU LO 26

Sozinho no centro de Caldwell, Vishous andava sorrateiram ente pela noite, percorrendo trechos obscuros sob as pontes da cidade. Com eçou indo a sua cobertura, m as não ficou lá m ais de dez m inutos, e foi irônico com o todas aquelas j anelas de vidro fizeram com que se sentisse confinado. Depois de se lançar no ar pela varanda, uniu-se às m argens do rio. Os outros Irm ãos estavam andando pelos becos procurando e encontrando *redutores*, m as não queria ter um a plateia por perto. Queria lutar. Sozinho.

Ao m enos, foi o que disse a si m esm o.

Contudo, deu-se conta, após m ais ou m enos um a hora peram bulando sem rum o, de que não estava procurando qualquer tipo de confronto m ano a m ano; na verdade, não estava à procura de nada. Estava com pletam ente vazio, a ponto de sentir curiosidade em saber de onde aquela rotina de ficar andando à toa tinha surgido, pois tinha certeza que não estava fazendo nada de form a consciente.

Parando e olhando do outro lado das águas lentas e fétidas do Hudson, soltou

um a risada fria e dura.

Durante toda sua vida, acum ulava um a quantidade de conhecim ento que poderia rivalizar com a m aldita Biblioteca do Congresso. Parte disso era útil: com o saber lutar, com o fazer arm as, com o conseguir inform ações e com o m antê-las em segredo. Havia algum as coisas relativam ente inúteis no dia a dia, com o o peso m olecular do carbono, a teoria da relatividade de Einstein, aquela porcaria de teoria política de Platão. Tam bém havia pensam entos sobre os quais ele refletia um a única vez para nunca m ais retornar a eles, j ogava com algum as

oposições e com ideias que tinha em intervalos regulares com o se fossem brinquedos quando estava entediado. Havia tam bém coisas nas quais ele nunca, j am ais se perm itia pensar.

E entre esses diversos postos cognitivos havia um trecho enorm e no cerebelo em que não havia nada além de um terreno baldio cheio de lixo no qual ele não acreditava. E isso fazia dele um cínico? Havia m ilhas e m ilhas de podridão m etafórica em sacos de lixo cheios de im undície que perfaziam frases com o... pais deveriam am ar seus filhos... e m ães estavam sem pre presentes... e blá,blá, blá.

Se houvesse um equivalente m ental à Agência de Proteção Am biental dos Estados Unidos, essa parte do cérebro dele teria sido intim ada, m ultada e trancafiada.

Mas era engraçado; o pequeno passeio daquela noite, naquela passagem subterrânea sinistra pelo rio, levou-o de volta àquele aterro sanitário e puxou algo do m eio daquela pilha: e m achos vinculados não eram nada sem suas fêm eas.

Muito bizarro. Sem pre soube que am ava Jane, m as sendo o im becil que era, tinha alinhavado seus sentim entos sem perceber que a agulha e a linha estavam em suas m ãos. Droga, m esm o quando ela voltou para ele depois de m orrer e soube naquele breve m om ento não só o que o term o “superfeliz” significava, m as, tam bém , com o era senti-lo... m esm o assim , não se deixou levar, de fato.

Claro, sua cam ada de terra perm anentem ente congelada havia cedido um pouco com o calor que ela havia lhe trazido, m as em seu interior, bem no fundo, tinha perm anecido o m esm o. Bom Deus, nunca havia se casado de m aneira adequada. Apenas levou-a para o quarto dele e am ava cada m inuto que a tinha por lá, pois passavam as noites separados.

Desperdiçou aquelas horas.

Era um crim e, m as havia desperdiçado todas elas.

E, agora, lá estavam , separados por fendas que, apesar de toda sua inteligência, não fazia ideia de com o atravessar.

Cristo, quando ela segurou aquelas roupas de couro nas m ãos e esperou que ele dissesse algum a coisa, foi com o se alguém tivesse gram peado seus lábios... provavelm ente por se sentir culpado pelo que havia feito naquele apartam ento e

com o havia feito. Usar as próprias m ãos não contava com o traição.

No entanto, o problem a era que m esm o sendo atraído por aquele tipo de prazer que havia sentido tantas vezes, ainda parecia m uito errado; m as isso acontecia por que o sexo era apenas parte da questão.

Naturalm ente, isso o fez pensar em Butch. A solução que o cara tinha sugerido era tão óbvia que V. ficou surpreso em não considerar isso antes de verdade...

Mas, por outro lado, pedir ao seu m elhor am igo para lhe dar um a surra não era exatam ente um a ideia casual para se ter.

Desej ou ter tido essa opção há um a sem ana. Talvez tivesse aj udado as coisas...

Só que a cena no quarto não era o único problem a deles; ela deveria ter conversado com ele prim eiro sobre a situação com sua irm ã. Deveria ter sido inform ado e decidido o que fazer.

Quando a raiva m anifestou-se com o um m au cheiro dentro dele, teve m edo do que poderia existir do outro lado daquele vazio. Não era com o os outros m achos,

nunca tinha sido e não apenas pelo fato de sua Mam ãezinha Querida ser um a divindade ridícula: conhecendo sua sorte, seria o único m acho vinculado na face da terra a passar por esse entorpecim ento sem propósito de perder sua *shellan*... e iria a um lugar... hã, um lugar m uito m ais obscuro.

Ao território da insanidade, por exem plo.

Espere, não seria o prim eiro, não é m esm o? Murhder havia enlouquecido.

Absoluta e irrevogavelm ente.

Talvez pudessem organizar um clube, e o aperto de m ãos poderia envolver

adagas.

Em os filhos da m ãe que eram ...

Rosnando, V. virou-se na direção do vento e teria oferecido um a oração de

agradecim ento se não odiasse tanto sua m ãe: dentre os espirais da neblina, vindo

sobre os vapores de um idade cinza e branca, o cheiro doce do inim igo deu-lhe

um propósito e definiu algo que não apenas faltava ao seu estado entorpecido,

algo que parecia até rej eitar.

Seus pés com eçaram a andar cada vez m ais rápido e depois a correr. E quanto

m ais rápido ele ia, m elhor se sentia: ser um assassino sem alm a era m uito, m uito

m elhor do que ficar respirando no vazio. Queria m utilar e m atar; queria rasgar

com suas presas e agarrar com suas m ãos; queria o sangue dos assassinos sobre

ele, dentro dele.

Queria que o grito das pessoas que m atasse ressoasse em seus ouvidos.

Seguindo o fedor doentio, atravessou ruas, passou por becos e vielas

perseguindo o arom a conform e ficava cada vez m ais forte. E quanto m ais perto

chegava, m ais aliviado se sentia. Devia haver vários deles. E m elhor que isso?

Nenhum sinal de Irm ãos por perto, o que significava que tinha sido o prim eiro a

chegar... e seria o prim eiro a ser servido.

Estava guardando isso para si m esm o.

Contornando a últim a curva da sua busca, chocou-se com um trecho urbano curto e fétido e derrapou até parar. O beco não tinha saída, m as com o um sistem a de ram pas para anim ais, os edifícios dos dois lados direcionavam o vento que vinha do rio, o rebanho de m oléculas se em baralhava e trazia os cheiros em seus cascos, e aquele galope atingia seu nariz em cheio.

Mas... que droga... era aquela?

O m au cheiro era tão forte que seu nariz teve de rever suas referências olfativas, m as não havia um bando de loucos e idiotas pálidos por perto afiando suas facas. O lugar estava vazio.

Só que, então, ele notou o som de gotas, com o se um a torneira não tivesse sido bem fechada.

Depois de lançar alguns efeitos de *mhis*, tirou sua luva e usou a palm a da m ão para ilum inar o cam inho. Ao cam inhar, a ilum inação form ava um a piscina rasa de clara visibilidade diante dele e a prim eira coisa que viu foi um a bota... que estava ligada a um a panturrilha revestida de um a calça cam uflada... em seguida um a coxa e um quadril...

Era isso.

O corpo do assassino tinha sido cortado pela m etade, com certeza, com o se

fosse um lanche de superm ercado; o corte transversal deixou porções do intestino

vazando, o início da coluna m ostrava um a ponta branca e brilhante em m eio ao

todo preto e gorduroso.

Um form igam ento lancinante o levou a virar para a direita.

Dessa vez a m ão da criatura foi vista prim eiro... era pálida e cravava suas unhas no asfalto úm ido, retraindo-se com o se estivesse tentando erguer-se do

chão.

Havia apenas o tronco do *redutor*, m as ainda estava vivo... apesar de não ser

um m ilagre; era assim que funcionavam : até que fossem golpeados no coração

com algum a coisa feita de aço, eles perduravam , não im portava em qual estado

seus corpos se encontrassem .

Quando V. m oveu lentam ente sua m ão ilum inada, deu um a olhada no rosto da

coisa. A boca estava m uito aberta, a língua se m ovim entava com o se estivesse

tentando falar. Isso era com um na atual safra de assassinos; aquele era um novo

recruta, sua pele e cabelos escuros ainda não tinham se transform ado naquela

coisa branca com o farinha.

V. passou por cim a do bastardo e continuou. Alguns m etros depois, encontrou

as duas m etades de um segundo *redutor*.

Quando sua nuca form igou ainda m ais forte dando-lhe um sinal de aviso,

passou sua m ão brilhante ao redor, m ovendo-se para fora do corpo em um

círculo concêntrico.

Ora, ora, ora... e não é que aquilo trazia recordações.

Não no bom sentido.

No com plexo da Irm andade, Pay ne perm anecia deitada em sua cam a, esperando. Não era m uito boa quando se tratava de paciência, na m elhor das hipóteses, sentia com o se tivessem passado dez anos antes de seu curandeiro, finalm ente, voltar para ela. Ao retornar, trouxe um painel fino parecido com um livro.

Quando ele se sentou na cam a, percebeu um a tensão no rosto forte e bonito.

– Desculpe ter dem orado tanto. Jane e eu estávam os carregando os arquivos neste laptop.

Ela não fazia ideia do que aquilo significava.

– Apenas diga o que tem a dizer.

Com m ãos ágeis, abriu a m etade superior daquela engenhoca.

– Na verdade, precisa ver por si m esm a.

Com vontade de am aldiçoar alto e m uitas vezes, arrastou os olhos para a tela. Reconheceu im ediatam ente a im agem do quarto em que estava. Contudo, não era de agora, pois estava olhando para o banheiro enquanto perm anecia deitada na cam a. O quadro foi congelado com o um a fotografia, m as um a pequena seta

branca m oveu-se quando ele tocou algo e a figura tornou-se anim ada.

Com um a careta, concentrou-se em si m esm a. Estava brilhando: cada pedaço

de carne em seu corpo estava ilum inado. Por que isso sem pre...

Prim eiro, ela ergueu-se sobre o travesseiro, esticando o pescoço para que pudesse espiar o curandeiro. Inclinou-se m ais ainda para o lado. E, então, m ovim entou-se em direção ao pé da cam a...

– Eu m e sentei – ela ofegou. – Sobre m eus j oelhos!

De fato, sua form a lum inosa tinha se erguido sozinha perfeitam ente e pairou com equilíbrio preciso ao conseguir observar Manny no banho.

– Com certeza, foi isso o que fez – disse ele.

– Tam bém estou ilum inada. Por que isso acontece?

– Esperávam os que pudesse nos dizer. Já fez isso antes?

– Não que eu soubesse. Mas estive aprisionada por tanto tem po que sinto com o se não m e conhecesse m uito bem . – O arquivo parou. – Pode fazer isso outra vez?

Quando seu curandeiro não respondeu e as im agens não voltaram a se m ovim entar, ela olhou para ele... e recuou. O rosto de Manny exibia um a fúria estrondosa, a raiva era tão profunda que seus olhos estavam quase negros.

– Presa com o? – ele exigiu. – E por quem ?

Estranho, ela pensou vagam ente. Sem pre lhe disseram que os seres hum anos eram um a form a m uito m ais suave de criatura que os vam piros, m as a reação protetora de seu curandeiro era tão am eaçadora quanto a de sua própria espécie. A m enos, claro, que não se tratasse de proteção; era m uito possível que o fato

de ter sido presa não fosse m uito atraente. E quem poderia culpá-lo?

– Pay ne?

– Ah... Perdoe-m e, curandeiro... talvez a palavra que escolhi tenha sido

incorreta, j á que essa é um a segunda língua para m im . Estive sob os cuidados de

m inha m ãe.

Era quase im possível disfarçar a m ágoa em sua voz, m as a cam uflagem deve

ter funcionado, pois a tensão deixou-o com pletam ente quando respirou fundo.

– Ah, certo. Sim , aquela palavra não significa o que você quis dizer.

De fato, seres hum anos tam bém tinham seus padrões de com portam ento, não

tinham ? Seu alívio foi tão grande quanto sua tensão. Mas, por outro lado, não era

errado procurar m oralidade e decência em fêm eas... ou m achos.

Quando reproduziu as im agens dela, m udou o foco para o m ilagre que tinha

acontecido... e viu-se balançando a cabeça para o que via.

– De fato, eu não sabia. Com o isso... é possível?

Seu curandeiro lim pou a garganta.

– Já conversei sobre isso com Jane e ela... bem , nós... tem os um a teoria.

Ele se levantou e foi inspecionar um dispositivo elétrico no teto.

– Parece loucura, m as... talvez Marvin Gay e soubesse do que estava falando.

– Marvin?

Com um m ovim ento rápido, pegou um a cadeira e a colocou sob a câm era.

– Era um cantor. Talvez eu possa colocar um a m úsica dele para você ouvir algum dia. – Seu curandeiro firm ou o pé sobre o assento e ergueu-se até o teto onde desconectou algum a coisa com um puxão e voltou a descer. – É bom para dançar.

– Não sei dançar.

Olhou sobre o om bro, as pálpebras se abaixaram .

– Mais um a coisa que eu posso lhe ensinar. – Quando o corpo dela se aqueceu, ele aproxim ou-se da cam a. – E vou gostar de lhe m ostrar com o dançar.

Quando ele se inclinou sobre ela, os olhos de Pay ne fixaram -se nos lábios de Manny e a respiração ficou m ais difícil. Ele ia beij á-la... que destino m aravilhoso, ele ia...

– Você queria saber o que era gozar? – praticam ente rosnou, suas bocas estavam apenas a centím etros de distância. – Por que não lhe m ostro o que é ao invés de lhe dizer?

Com isso, ele tocou o interruptor e apagou as luzes, m ergulhando o quarto em um a penum bra que dim inuiu apenas com a luz do banheiro e o facho de ilum inação que passava por debaixo da porta do corredor.

– Quer que eu lhe m ostre? – disse ele em voz baixa.

Naquele m om ento, havia apenas um a palavra em seu vocabulário:

– Sim ...

Só que, então, ele recuou.

Assim que um protesto estava prestes a sair da boca dela, percebeu que ele estava na linha de ilum inação que vinha do banheiro.

– Pay ne...

O som de seu nom e deixando aquela boca fez com que lutasse ainda m ais por um pouco de ar.

– Sim ...

– Eu desej o... – alcançando a parte inferior de sua cam isa folgada, puxou-a lentam ente, expondo os m úsculos esculpidos de seu estôm ago – que você m e desej e.

Oh, doce destino, ela tam bém o desej ava.

E ele falava sério ao dizer aquilo. Quanto m ais o olhava, m ais aquele abdôm en definido retesava-se e relaxava, pois ele tam bém respirava com dificuldade.

Suas m ãos caíram sobre a cintura.

– Vej a o que você faz com igo.

Acariciou o tecido folgado sobre seus quadris e...

– Você é *ríghido*. – ela ofegou. – Oh... de fato, você é.

– Diga-m e, isso é um a coisa boa?

– É...

Ela encarou a extensão rígida de seu corpo que estava confinada e lutava contra o volum e das calças. Tão denso e suave. Tão grande. A m ecânica do sexo

não era desconhecida para ela, m as, até agora, não tinha sido capaz de entender com o isso exercia tanta atração para um a fêm ea. Olhando para ele agora? Seus batim entos cardíacos parariam e seu sangue viraria pedra se não o tivesse dentro dela.

– Quer m e tocar? – ele rosnou.

– Por favor... – ela engoliu em seco com a garganta quase fechada. – Oh, sim ...

– Prim eiro, olhe para você, *bambina*. Erga seu braço e olhe para si m esm a.

Ela olhou para baixo só para agradá-lo, para que pudessem continuar...

A pele dela brilhava de dentro para fora, com o se o calor das sensações que ele lhe provocava se m anifestasse em fosforescência.

– Eu não sei... o que é isso...

– Na verdade, acho que essa é a solução. – Sentou-se perto dos pés dela. – Diga-m e se consegue sentir isso. – Tocou gentilm ente a parte inferior da perna, colocando a m ão sobre sua panturrilha.

– Quente – ela engasgou. – Seu toque é quente.

– E aqui?

– Sim ... Sim !

Quando ele se m oveu para cim a, em direção a sua coxa, ela afastou com veem ência os cobertores de si para não ter nenhum im pedim ento. Seu coração estava trovej ando e...

Ele colocou a m ão sobre a outra perna.

Dessa vez, ela não sentiu... nada.

– Não, não... toque-m e, toque-m e outra vez! – o pedido foi áspero, tinha um tom m aníaco. – Toque-m e...

– Espere...

– Para onde foi...? Faça outra vez! Por tudo o que há de m ais sagrado, faça outra vez...

– Pay ne. – Ele capturou as m ãos frenéticas. – Pay ne, olhe para você.

O brilho havia desaparecido. Sua pele, sua carne... estavam norm ais.

– Maldição...

– Ei. Linda. Ei... olhe para m im . – De algum a m aneira, seus olhos encontraram os dele. – Respire fundo e apenas relaxe... Vam os lá, respire com igo. Isso. Muito bem ... Vou trazer essa sensação de volta para você...

Quando se inclinou sobre ela, sentiu o toque suave de seus dedos sobre o pescoço.

– Sente isso?

– Sim ... – a im paciência guerreou com o efeito de sua voz profunda e a carícia lenta e sinuosa de Manny.

– Feche os olhos...

– Mas...

– Feche-os para m im .

Quando ela fez o que pediu, as pontas de seus dedos desapareceram ... e foram substituídas por sua boca. Os lábios acariciaram sua garganta e, em seguida, chupou sua pele, o puxão sutil desencadeou um calor que j orrou entre as pernas dela.

– Sente isso? – ele disse em um a voz grave.

– Céus... sim ...

– Então, deixe-m e continuar. – Com um a pressão sutil, colocou os braços dela contra os travesseiros. – Sua pele é tão m acia...

Quando ele aninhou-se com ela, o som de sua boca produziu estalos deliciosos sob sua orelha e aqueles dedos voltaram a viaj ar ao longo de sua clavícula... e, em seguida, m ergulharam ainda m ais para baixo. Em reação a isso, um calor lânguido e curioso ferveu seu tronco, enrij ecendo seus m am ilos, e ela tornou-se consciente de todo seu corpo... cada centím etro de si. Inclusive suas pernas.

– Vej a, *bambina*, está de volta... Vej a.

Suas pálpebras estavam pesadas com o pedras quando as abriu, m as ao olhar para baixo, o brilho proporcionou-lhe um grande alívio... e fez com que se fixasse nas sensações que ele lhe oferecia.

– Dê-m e sua boca – disse ele asperam ente. – Deixe-m e entrar.

Sua voz era gutural, m as seu beij o suave e provocante, puxando seus lábios e acariciando-os, antes de lam bê-la. E, então, sentiu um a de suas m ãos sobre a

parte externa da perna.

– Posso senti-lo – disse ela em m eio ao beij o, lágrim as surgiram em seus olhos. – Posso senti-lo.

– Estou m uito feliz. – Ele recuou um pouco, o rosto sério. – Não sei o que é isso... não vou m entir. Jane não tem certeza tam bém .

– Não m e im porto. Só quero m inhas pernas de volta.

Ele parou por um m om ento, m as, em seguida, assentiu, com o se fosse fazer um a prom essa a ela.

– E eu farei tudo o que puder para devolver isso a você.

Seus olhos vagaram até os seios de Pay ne e a reação foi im ediata... a cada respiração, o tecido que cobria seus m am ilos parecia golpeá-la e a deixava cada vez m ais excitada.

– Deixe-m e fazer com que se sinta bem , Pay ne. E vam os ver até onde isso pode levá-la.

– Sim – ela ergueu as m ãos em direção ao rosto de Manny e puxou-o até sua boca outra vez. – Por favor.

De fato, assim com o foi quando se alim entou de sua veia, agora ela sentia o calor de seus lábios, a entrada escorregadia de sua língua e a energia que lhe proporcionava.

Gem endo com ele, estava subm ersa em sensações, desde o peso de seu corpo sobre a cam a, ao sangue que corria ao longo do corpo, até a necessidade

pulsante

entre as pernas e a dor deliciosa em seus seios.

– Curandeiro – ela disse ofegante quando sentiu que a palm a da m ão dele

percorreu sua coxa.

Manny recuou um pouco e ela ficou feliz em ver que ele ofegava tam bém .

– Pay ne, quero fazer um a coisa.

– Qualquer coisa.

Ele sorriu.

– Posso desfazer a trança em seus cabelos?

Claro que suas tranças eram a últim a coisa que passaria em sua m ente, m as a

expressão dele estava tão extasiada e intensa que não poderia negar-lhe o

pedido... ou qualquer parte de si.

– Mas é claro.

Seus dedos trem eram ligeiram ente quando alcançou a ponta de sua trança.

– Queria fazer isso desde o m om ento em que a vi pela prim eira vez.

Aos poucos, centím etro por centím etro, ele liberou o peso das ondas negras

que ela m antinha por nenhum a outra razão senão do desinteresse em cuidar

delas. No entanto, quando ele revelou a profunda adm iração que tinha por aquilo,

com eçou a perguntar-se se, porventura, não havia subestim ado sua im portância.

Quando ele term inou, espalhou o com prim ento sobre a cam a e sentou-se.

– Você é... de um a beleza indescritível.

Sem nunca ter se visto nem m esm o com o fem inina, quanto m ais “bonita”, foi um espanto ouvir a reverência que havia não apenas nas palavras, m as em seu tom de voz.

– Na verdade... parece que m inha língua não consegue dizer nada – disse-lhe.

– Deixe-m e lhe m ostrar outra coisa para se fazer com ela.

Quando se uniu a ela sobre a cam a, deitando a seu lado, ela virou-se em direção a seu grande peitoral e a rígida extensão de seu abdôm en. Ela era grande se com parada a outras fêm eas, seu corpo possuía o poder que havia herdado de seu pai, a ponto de se sentir deselegante em relação a outras fêm eas: nada daquela graça esbelta da Escolhida Lay la havia nela... na verdade, fora proj etada para lutar, não para o serviço espiritual ou sensual.

Todavia, ali com seu curandeiro, sentiu que tinha as proporções perfeitas. Ele não pesava tanto quanto seu irm ão gêm eo, m as era m aior e m ais denso que ela, em todos os lugares que um m acho deve ser. Deitada com ela na sala escura, com seus corpos tão j untos e a tem peratura aum entando por toda parte, ela não se sentia com o alguém deslocada, com um corpo m al form ado em suas curvas e volum es, m as um obj eto de desej o e paixão.

– Está sorrindo – ele sussurrou próxim o a sua boca.

– Estou?

– Sim . E eu adoro isso.

As m ãos dele infiltraram -se em m eio a sua cam isola sobre seu quadril e ela sentiu tudo, desde o dedo m indinho de Manny até a pele suave de suas m ãos e o deslizar quente de seu toque ao percorrer lentam ente a parte superior de seu corpo. Fechando os olhos, ela arqueou-se para ele, m uito consciente de que estava pedindo algum a coisa, m esm o sem saber ao certo o que estava buscando... m as sabia que ele poderia lhe fornecer.

Sim , seu curandeiro sabia exatam ente do que ela precisava: aquela m ão subiu sobre sua caixa torácica e parou sobre seus seios m acios e consistentes.

– Tudo bem fazer assim ? – ela o ouviu perguntar m uito distante.

– Qualquer coisa – disse ofegante. – Qualquer coisa para sentir m inhas pernas.

Só que assim que as palavras saíram , sentiu que o que a m otivava era m enos a paralisia e m ais o desej o que havia por ele e seu sexo...

– *Curandeiro!*

A sensação de seu seio ser capturado em um a suave carícia foi um choque m aravilhoso e ela se arqueou, esparram ando as coxas, calcanhares pressionando o colchão. E, então, o polegar de Manny alisou seu m am ilo, a carícia disparou um a raj ada de fogo em seu núcleo.

Suas pernas dividiram -se sobre a cam a, a espiral de sensações intensa que sentia em seu sexo os conduzia.

– Estou m e m ovendo – ela disse rudem ente... expondo um a conclusão quase tardia. O que parecia im portante agora era unir-se a ele e fazer com que ele... gozasse... dentro dela.

– Eu sei, *bambina* – ele confessou. – E vou garantir que continue assim .

C A P ÍTU LO 27

No centro da cidade, Butch estacionou o Escalade na garagem subterrânea do Com m odore e subiu todo o edifício pelo elevador interno. Não fazia ideia do que ia encontrar quando chegasse ao apartam ento de V., m as o sinal de GPS estava vindo dali, então, era onde ele deveria estar.

No bolso do seu casaco de couro, tinha todas as chaves do espaço particular de Vishous: o cartão plástico que deslizava para entrar na garagem , o prateado que usava no elevador para liberar o botão da cobertura e o de cobre que liberava a passagem cheia de travas da porta.

Seu coração bateu forte quando um pequeno *ding* soou e o elevador abriu as portas silenciosam ente. *Acesso total* teria um novo significado naquela noite, e quando entrou no corredor, desej ou um a bebida. Desesperadam ente.

Em frente à porta, pegou a chave de cobre, m as usou os dedos prim eiro: bateu algum as vezes.

Passou-se um m inuto ou m ais até ele se dar conta de que não houve resposta.

Danem -se os punhos. Com eçou a bater.

– Vishous – ele gritou. – Atenda a m aldita porta ou eu vou entrar.

Um , dois, três, quatro...

– Dane-se. – Colocou a chave na fechadura e girou a m açaneta antes de j ogar seu om bro sobre a porta sólida de m etal e em purrá-la com força.

Irrom pendo no local, ouviu o sinal do alarm e soar baixinho. O que significava que V. não poderia estar ali.

– Que inferno...?

Inseriu o código no painel, desativou o alarm e e trancou a porta atrás de si.

Nenhum resíduo de velas acesas... nenhum cheiro de sangue... nada além do ar frio e lim po. Acendeu a luz e piscou com a claridade.

Sim , nossa... quantas m em órias... dele vindo e desabando depois que Ôm ega entrara nele e o deixara de quarentena... V. perdendo a cabeça e atirando-se da varanda...

Foi até a parede de “equipam entos”. Um m onte de outras coisas tinha acontecido ali tam bém , algum as das quais ele sequer poderia im aginar.

Quando se aproxim ou dos utensílios de m etal e couro, suas botas de com bate ecoaram até o teto e sua m ente ficou dando voltas dentro do crânio.

Especialm ente quando chegou ao final da exposição: no canto, havia um j ogo de

algem as de ferro penduradas no teto por correntes grossas.

Se alguém fosse acorrentado ali, poderia ser levantado e ficar dependurado com o um pedaço de carne.

Erguendo a m ão, tocou com o dedo um a delas; nada de acolchoado por dentro. Pontas de ferro. Enorm es pontas de ferro que poderiam prender-se à pele de alguém com o dentes.

Voltando ao que tinha vindo fazer, andou pelo local, checando todos os cantos... e achou o m inúsculo chip de com putador no balcão da cozinha. Era o tipo de coisa que apenas V. sabia rem over do celular.

– Filho da m ãe.

Então, não tinha com o saber onde...

Quando o telefone tocou, checou a tela. Graças a *Deus*.

– Onde diabos você está?

A voz de V. saiu apreensiva.

– Preciso de você aqui. Nona com a Broadway. Im ediatam ente.

– Dane-se... por que seu GPS está na sua cozinha?

– Porque era onde eu estava quando tirei-o do m eu telefone.

– Que diabos, V. – Butch apertou ainda m ais o celular e desej ou que houvesse um aplicativo que perm itisse viaj ar pelo telefone e dar um a bofetada em alguém . – Você não pode...

– Dá pra vir até a Nona com a Broadway...? Tem os problem as.

– Está brincando com igo, certo? Você se torna im possível de rastrear e...

– Alguém m ais está m atando *redutores*, tira. E se for quem estou pensando, tem os problem as.

Pausa. Um bom tem po de pausa.

– Com o assim ? – disse lentam ente.

– Nona com a Broadway. Agora. E estou ligando para os outros.

Butch desligou e correu para a porta. Deixando o carro na garagem , levou apenas cinco m inutos para percorrer as coordenadas corretas no m apa das ruas de Caldwell. E Butch sabia que estava chegando por causa do cheiro nauseante no ar e do form igam ento que latej ava dentro dele por causa do inim igo.

Quando virou a esquina de um edifício achatado, atingiu um a parede de *mhis* e penetrou no lugar; saindo do outro lado sentiu um a baforada de tabaco turco e vislum brou um a pequena cham a laranj a no final do beco.

Correu até V., dim inuindo a velocidade apenas quando se aproxim ou do prim eiro corpo. Ou... parte dele.

– Olá, m etades.

– Quando Vishous apareceu e cobriu sua luva, Butch teve a rápida im pressão de carne m orta e intestinos vazando.

– Hum m m .

– Corte lim po – V. m urm urou. – Cortou os corpos com o um a m anteiga.

O Irm ão estava certo: fora praticam ente cirúrgico.

Butch aj oelhou-se e sacudiu a cabeça.

– Não pode ser resultado de algum a política na Sociedade Redutora. Nunca deixariam os corpos a céu aberto assim .

Deus era testem unha de que os assassinos passavam por m udanças na liderança, ou por que Ôm ega tinha ficado entediado, ou por causa de lutas internas pelo poder. Mas o inim igo sem pre foi incentivado a m anter seus negócios longe do radar hum ano tanto quanto os vam piros... então, não havia possibilidade nenhum a de terem abandonado aquela bagunça para o Departam ento de Polícia de Caldwell encontrar.

Quando Butch sentiu a chegada dos outros Irm ãos, ergueu-se. Phury e Z. surgiram prim eiro, do nada. Em seguida, foi Rhage e Tohr. E Blay. Todos que estavam escalados naquela noite: Rehvenge sem pre lutava com a Irm andade, m as naquele dia estava na colônia *symphato* brincando de Rei da Maldição, e era folga de Qhuinn, Xhex e John Matthew.

– Diga-m e que não estou vendo isto – Rhage disse severam ente.

– Seus olhos estão funcionando bem , pode acreditar. – V. apagou seu cigarro artesanal na sola da bota. – Tam bém não conseguiria acreditar.

– Pensei que ele estava m orto.

– Ele? – Butch perguntou, encarando os dois. – Quem é “ele”?

– Por onde com eçar...? – Holly wood m urm urou enquanto observava outro pedaço de *redutor*. – Sabe? Se eu tivesse um a estaca, poderíam os fazer churrasquinho grego de *redutor*.

– Só você para pensar em com ida num a hora dessas – alguém falou lentam ente.

– É só um com entário.

Se houve m ais conversa depois disso, Butch não ouviu, pois seu alarm e interno, de repente, com eçou a disparar.

– Rapazes... tem os com panhia.

Girando, encarou o fim do beco. O inim igo estava se aproxim ando. Rápido.

– Quantos? – V. perguntou enquanto avançava.

– Pelo m enos quatro, talvez m ais – disse Butch enquanto pensava no fato de que não havia saída atrás deles. – Pode ser um a arm adilha.

No centro de treinam ento da Irm andade, Manny dedicava atenção especial a sua paciente.

Enquanto trabalhava sobre o seio de Pay ne com a m ão, ela se contorcia sob ele, agitando as pernas com im paciência sobre o colchão, a cabeça j ogada para trás e o corpo brilhando com o a lua em um a noite de inverno sem nuvens.

– Não pare, curandeiro – ela gem eu quando ele acariciou em círculos o m am ilo com o polegar. – Eu sinto... tudo...

– Não se preocupe. Não vou parar.

Sim , não ia frear tão cedo... não que fossem fazer sexo ali, m as, m esm o assim ...

– Curandeiro... – disse contra os lábios dele. – Mais, por favor.

Percorrendo a língua em sua boca, beliscou levem ente seu m am ilo.

– Vou cuidar de você aqui em baixo.

Ela o aj udou a despi-la e discretam ente retirou o equipam ento. Quando ficou total e com pletam ente nua, ele sentiu a boca seca por um m om ento e ficou im óvel ao vê-la.

Seus seios tinham um form ato perfeito, com pequenos m am ilos rosados e o abdôm en longo e plano direcionava-lhe a um a fenda nua de sua pele que deixou sua cabeça pulsando.

– Curandeiro...?

Quando tudo o que fez foi engolir em seco, ela alcançou o lençol para esticá-lo e esconder seu corpo.

– Não... – ele a deteve. – Desculpe. Só preciso de um m inuto.

– Para quê?

Em um a palavra: clím ax. Para atingir o clím ax. Ao contrário dela, sabia exatam ente onde toda aquela nudez os levaria... em m ais ou m enos um m inuto e m eio, sua boca percorreria todo o corpo dela.

– Você é incrível... e não tem nada do que se envergonhar.

O corpo dela estava enlouquecido, toda aquela m assa m uscular e aquela pele m acia e deliciosa... até onde sabia, era a fêm ea perfeita, a m elhor de todas.

Cristo, nunca sentiu m etade desse desespero por aquelas em ergentes que eram

apenas pele e ossos, com peitos falsos e braços pegaj osos.

Pay ne era poderosa e até onde conseguia enxergar nela, puro sexo. Mas com certeza viveria aquela experiência e sua virgindade continuaria intacta. Sim , ela desej ava o que estava lhe proporcionando, m as não era j usto, naquelas circunstâncias, tom ar algo que ela nunca teria de volta: na busca de reconquistar algum tipo de funcionalidade para suas pernas, poderia ir m ais longe do que deveria se fosse apenas sexo por prazer.

Tudo aquilo era um a questão de propósito, e o fato de que essa conclusão o deixou um pouco vazio não lhe despertava o interesse de exam inar a questão m ais de perto.

Manny inclinou-se sobre ela.

– Dê-m e sua boca, *bambina*. Deixe-m e entrar.

Quando ela fez o que ele pediu, voltou a colocar a m ão sobre aquele seio perfeito.

– Shh... calm a – ele disse quando ela quase levantou da cam a.

Cara, ela brilhava dem ais e, por um m om ento, im aginou com o seria cavalgar sobre seus quadris e possuí-la com força.

Corta essa agora mesmo, Manello, disse a si m esm o.

Desvencilhando-se da boca dela, aninhou-se sobre seu pescoço e pressionou rapidam ente seus dentes sobre a clavícula... foi o suficiente para que ela sentisse, não o suficiente para m achucá-la, e soube pela força que fez ao apertá-lo e por

sua respiração ofegante que desej ava que fosse exatam ente onde estava indo. Acariciando a parte externa de seu seio, estendeu a língua e fez um a trilha lenta ao deslizar até o tenso m am ilo rosa. Circulando o topo de seu seio com a boca, observou-a m ordendo o lábio inferior, as presas perfuravam a pele e deixavam o sangue verm elho e brilhante escorrer.

Sem um pensam ento consciente, lançou-se e capturou o que estava sendo derram ado, bebendo, engolindo...

Seus olhos se fecharam com o gosto: rico e obscuro, denso e m acio no fundo de sua garganta. Sua boca form igou... e seu intestino tam bém .

– Não – ela disse com um a voz gutural. – Não deve fazer isso.

Quando forçou-se a abrir os olhos, viu que ela lam bia o pouco de sangue que havia restado sobre os lábios.

– Sim . Eu devo – ouviu a si m esm o dizer. Precisava de m ais. Muito m ais...

Ela colocou a ponta do dedo nos lábios dele e balançou a cabeça.

– Não. Vai enlouquecer com isso.

Ia enlouquecer se não enchesse a boca toda com aquilo; era isso o que ia fazer. O sangue dela era com o cocaína e uísque j untos gotej ando em um a intravenosa: com aquele pequeno gole, seu corpo ficou com o o do Super-Hom em , seu peito inchou, todos os m úsculos encheram -se de poder.

Com o se estivesse lendo sua m ente, ela disse com firm eza:

– Não, não... não é seguro.

Provavelm ente ela estivesse certa... desconsidere o *provavelmente*. Mas não significava que ele não ia tentar outra vez.

Voltou para o m am ilo, sugando e fazendo m ovim entos rápidos. Quando ela arqueou outra vez, ele apoiou o braço em baixo dela e a ergueu. Tudo o que conseguia pensar era em se colocar entre as pernas dela com sua boca... Mas

não tinha certeza de com o isso iria acabar. Precisava m antê-la naquela doce zona

de excitação... sem assustá-la com qualquer coisa que os hom ens gostavam de fazer com as m ulheres.

Instalou-se para colocar a m ão onde desej ava que seus lábios estivessem , deslizando a palm a da m ão devagar ao longo de sua caixa torácica e estôm ago. Percorreu cada vez m ais, para seus quadris. Desceu m ais, até a parte superior das coxas.

– Abra para m im , Pay ne – ele disse, direcionando-se ao outro m am ilo, acariciando-o com um a sucção. – Abra para m im para que eu possa tocá-la.

Ela fez exatam ente o que pediu, suas pernas graciosas se abriram .

– Confie em m im – ele disse com voz rouca. E poderia m esm o: j á se sentia m al o suficiente por todas essas prelim inares j á estarem acontecendo; não ultrapassaria os lim ites que tinha estabelecido entre eles.

– Eu confio – ela gem eu.

Que Deus os protegesse, pensou quando a m ão dele escorregou até a j unção de suas...

– Droga... – ele gem eu. Um a m aciez quente, lisa e escorregadia. Inegável.

Estendeu o braço com força, os lençóis saíram voando e seus olhos m overam - se para baixo fixando-se na visão de sua m ão aninhada próxim a a seu sexo.

Quando o corpo dela arqueou, um a de suas pernas caiu para o lado.

– Curandeiro... – ela gem eu. – Por favor... não pare.

– Não sabe o que quero fazer com você – disse a si m esm o.

– Estou com dor.

Manny rangeu os dentes.

– Onde?

– Onde você m e tocou e não continuou. Não pare. Eu im ploro.

A boca de Manny se abriu e ele com eçou a respirar por ela.

– Faça o que quiser com igo, curandeiro – ela gem eu. – Sej a lá o que for. Sei que sente o m esm o.

Um rosnado saiu dele e ele se m oveu tão rápido que a única coisa que poderia detê-lo era se ela dissesse não – e era evidente que essa palavra não existia em seu vocabulário.

Com o um raio, estava entre as pernas dela, suas m ãos separaram -nas ainda m ais, seu sexo aberto im plorava face à urgência m asculina de dom inar e acasalar.

Ele cedeu. Estava ferrado, m as deixou-se levar e beij ou o centro de seu sexo; e não houve nada gradual ou gentil nisso; m ergulhou nela com sua boca, sugando-a e lam bendo-a enquanto ela gritava e arranhava seus antebraços.

Manny gozou. Forte. Apesar de todos os orgasm os que teve naquele escritório. O zum bido form igante em seu sangue, o doce gosto do sexo dela e a m aneira com o se m ovim entava contra seus lábios, excitando a si m esm a, buscando

m ais... era além da conta.

– Curandeiro... estou... prestes a... Não sei o que eu...

Lam beu sobre o topo de seu sexo e voltou a m ovim entar devagar, de m aneira m ais com pleta.

– Fique com igo – disse contra ela. – Vou fazer com que sinta prazer.

Movendo a língua delicadam ente, levou um a das m ãos para baixo e acariciou-lhe sem penetrá-la, dando-lhe exatam ente o que desej ava, a um a velocidade que a fez lutar com im paciência. Mas ela aprenderia que essa antecipação do gozo era tão boa quanto o orgasm o que estava prestes a ter.

Deus, ela era incrível, aquele corpo rígido dela flexionava, seus m úsculos ficavam cada vez m ais tensos, seu queixo ficava visível entre os seios perfeitos quando a cabeça caía para trás e atingia os travesseiros da cam a.

Ele soube quando a explosão em seu sexo aconteceu. Ela ofegou e agarrou os lençóis que cobriam o colchão, rasgando-os com suas unhas enquanto se enrij ecia da cabeça aos pés.

Sua língua entrou sorrateiram ente.

Ele sim plesm ente tinha de penetrá-la um pouco... e os im pulsos sutis que sentia o deixaram tonto.

Quando teve certeza de que ela havia gozado, m oveu-se para trás... e m ordeu o lábio quase partindo-o em dois. Ela estava tão, tão pronta para ele, m olhada e

resplandecendo.

De repente, saiu da cam a e teve de andar pelo quarto. Seu m em bro parecia ter inchado e assum ido as dim ensões do *Empire State*; suas bolas estavam azuis com o o fundo da bandeira am ericana... tão desesperadas para gozar que tinham sua própria banda e brigada de fogos de artifício. Mas isso não era tudo; algo nele

rugia pelo fato de não estar dentro dela... e o desej o ia além do sexo: queria *marcá-la* de algum a m aneira... algo que não fazia sentido nenhum .

Nervoso, ofegante, no lim ite, acabou plantando as m ãos sobre os batentes da porta que dava para o corredor e inclinando-se até sua testa ficar contra o aço. De algum a m aneira, quase tinha a esperança de que alguém invadisse e acabasse com aquilo.

– Curandeiro... ainda persiste...

Por um m om ento, fechou os olhos com força: não tinha certeza se conseguiria fazer aquilo outra vez com ela tão cedo. Estava quase m orrendo por não...

– Olhe para m im – disse ela.

Forçou a erguer a cabeça e olhou sobre o om bro... e percebeu que ela não estava falando de sexo: estava sentada na beira da cam a, pernas penduradas e j á estava avançando em direção ao chão, seu brilho a ilum inava de dentro para fora. No início, tudo o que conseguia enxergar de fato eram seus seios e a m aneira com o se sustentavam tão arredondados e cheios de graça, os m am ilos

tensos por causa do ar frio do quarto. Mas, então, deu-se conta de que ela estava

girando os tornozelos, um após o outro.

Certo, com o pode ver... não se tratava de sexo, m as de sua m obilidade.

Entendeu, imbecil? , disse a si m esm o. Ela queria que a visse cam inhando: sexo

com o rem édio... era m elhor não esquecer isso. Aquilo *não* se tratava dele ou de seu pênis.

Manny cam baleou, esperando que ela não notasse o que restou do orgasm o

que teve. Mas não precisava se preocupar. Os olhos dela estavam fixos em seus

pés, a concentração era feroz.

– Aqui... – teve de lim par a garganta. – Deixe-m e aj udá-la a se levantar.

C A P ÍTU LO 28

As presas de Vishous alongaram -se quando um círculo de assassinos foi

form ado na entrada do beco. A quantidade j á era conhecida, pensou. Pelo m enos

m eia dúzia... e com certeza receberam as coordenadas daquela localização por

m eio de seus am igos assassinos m utilados. Caso contrário, o *mhis* teria escondido a carnificina deles.

Considerando seu estado de espírito, um a conversinha prévia seria bem

interessante para eles.

O problem a era que a estrutura do beco sugeria que havia apenas um a saída...

e estava além das linhas inim igas... e aquilo significava que teriam de

desaparecer. Norm alm ente, isso não seria um problem a; com o lutadores

experientes, m esm o no auge de um a batalha, poderiam ficar calm os o suficiente

para se concentrarem e se desm aterializarem ... m as teriam de estar

relativam ente bem e não poderiam levar ninguém ao partir.

Então, Butch estaria ferrado se algo saísse do controle. Com o m estiço, o cara

estava de castigo, literalm ente incapaz de dispersar suas m oléculas com o m edida

de segurança.

V. m urm urou baixinho:

– Não sej a um herói, tira. Vam os lidar com isso.

– Está brincando com igo, certo? – O olhar foi im ediato e fixo. – Só se preocupa

consigo m esm o.

Im possível. Não estava perdendo os únicos dois pontos cardeais de sua vida na

m esm a noite.

– Ei, rapazes – Holly wood gritou para o inim igo. – Vão ficar aí parados ou

com eçar logo com isso?

E... isso fez com que o sino da luta soasse. Os *redutores* avançaram e

encararam a Irm andade face a face, m ano a m ano. Para se certificar de que

havia a privacidade necessária, V. dobrou a barreira visual, criando um a

m iragem de que nada estava acontecendo caso seres hum anos passassem por ali.

Quando com eçou a lutar com o inim igo, m anteve os olhos em Butch. É claro

que o filho da m ãe estava indo bem ali, alto e m agro, lançando-se contra o alvo com as m ãos desprotegidas... m as Vishous realm ente desej ava que o desgraçado saísse de lá pulando um m uro ou, m elhor ainda, se enfiasse num lança-foguetes, direto para o telhado. Dessa m aneira, perm aneceria longe da luta. Detestava o fato de que o tira ficasse tão perto daquilo, pois sabia o que poderia acontecer se precisasse usar sua m ão ou o dano que um a arm a de fogo poderia causar ao cara...

O golpe veio do nada, surpreendendo por trás com o um a bigorna, atingindo diretam ente a lateral do tronco de V. Quando ele voou para trás e bateu na parede de tij olos, lem brou-se do que havia aprendido nos treinos: regra núm ero um na luta? Preste atenção em seu inim igo.

Afinal, poderia ter o m elhor punhal do m undo, m as se não tivesse noção do que estava acontecendo... acabaria sendo lançado por todos os lados com o um a bola de pingue-pongue. Ou ainda pior.

V. encheu os pulm ões inalando profundam ente e usou o oxigênio para saltar para frente e pegar o segundo pontapé pelo tornozelo. Porém , o *redutor* tinha habilidades espetaculares e fez um m ovim ento ao estilo *Matrix*[*,] usando as m ãos de V. com o um a âncora para dar um giro no m eio do ar. A bota de com bate do inim igo atingiu V. em cheio na orelha, a cabeça foi atirada com força para o lado

assim com o todos os tendões e m úsculos. Ainda bem que a dor sem pre o concentrava.

A gravidade era um fato, o golpe do assassino atingiu seu tórax e, depois disso, caiu, apoiando os braços no asfalto para im pedir que o rosto acertasse o chão em cheio. E era evidente que o desgraçado esperava que o adversário soltasse seu pé, graças ao balão que o crânio de V. parecia agora de tão inchado.

Não. Desculpe, querido.

Mesm o com as consequências desagradáveis do golpe, V. firm ou suas m ãos no tornozelo e puxou-o na direção oposta do giro do inim igo.

Estalo.

Algum a coisa foi quebrada ou deslocada e considerando o fato de que V. estava segurando o pé e os ossos inferiores, sabia que provavelm ente tinha sido o j oelho, a fíbula ou a tíbia.

O Sr. Chute Alto soltou um grito, m as V. não term inou quando o bastardo caiu no chão.

Tirando um a de suas adagas, cortou o m úsculo na parte de trás da perna e, em seguida, pensou em Butch. Dirigiu-se para o corpo que se contorcia, pegou um pouco de cabelo, puxou para cim a e produziu no filho da m ãe um colar bem interessante com sua lâm ina.

Incapacitação parcial não era suficiente naquela noite.

Girando, com a faca pingando sangue nas m ãos, avaliou as lutas que

aconteciam no m om ento. Z. e Phury estavam lidando com dois *redutores*... Tohr lutava com outro... Rhage brincava com um dos inim igos... Onde estava Butch...?

Em um canto, o tira tinha levado um assassino ao chão e estava inclinado sobre

sua face. Os dois se encaravam e a boca aberta e ensanguentada do *redutor*

m ovia-se com o a de um peixe, abrindo e fechando lentam ente, com o se

soubesse que o próxim o m ovim ento não lhe traria boas notícias.

A bênção e m aldição de Butch foi ativada quando ele com eçou a respirar,

inspirando profundam ente. A transferência com eçou com um fio de fum aça que passava da boca do assassino para a de Butch, m as logo cresceu e fluía com o um

grande rio, a essência de Ôm ega era canalizada de um para outro em um

arrem esso doentio.

Quando term inou, o assassino estava prestes a se tornar nada além de resíduo

de cinzas. E Butch ficaria debilitado com o um cão e relativam ente inútil. V.

correu, esquivando-se de um a arm a em form a de estrela e em purrou um *redutor*

que saiu girando com um peão da zona de espancam ento de Holly wood.

– Que droga é essa que está fazendo? – reclam ou quando puxou Butch do

pavim ento e o arrastou da zona de sucção. – Precisa esperar até term inarem .

Butch curvou-se para o lado e teve alguns espasm os. Já estava sem ipoluído, o

fedor do inim igo exalando de seus poros, seu corpo lutando contra a carga de

veneno. Precisava ser curado naquele exato m om ento, m as não teria com o V. fazer isso agora...

Mais tarde, ficaria im pressionado por ter sido surpreendido duas vezes em um a luta. Mas tal introspecção aconteceria em um a hora vaga, depois que acabassem com aquilo.

O taco de beisebol pegou na lateral do j oelho e a queda que veio logo em seguida foi trem enda, no m au sentido. Caiu com força, as pernas entrelaçando-se sob seu peso considerável form ando um ângulo que fez seu quadril gritar de agonia... o que sugeria que aquele carm a não era tanto sobre vingança, m as sobre a luta contra devaneios: quando caiu por ter sido ferido da m esm a m aneira que tinha acabado de fazer com a outra criatura, am aldiçoou a si m esm o e ao filho da m ãe com o bastão.

Hora de pensar rápido. Estava deitado de costas com um a perna que zum bia com o um m otor superacelerado. E a intenção do bastão era fazer m uito dano...

Butch veio do nada, vacilando com toda a graça de um búfalo ferido, o corpo pesado do desgraçado lançou-se contra o *redutor* no m esm o m om ento que o bastão atingiu um dos om bros de V., sendo que o obj etivo era a cabeça dele. Os dois se chocaram contra os tij olos e depois de um m om ento sem se m overem , o m aldito *redutor* idiota deslizou o tronco e ofegou.

Era com o observar ovos quebrados escorrendo de um balcão de cozinha: os ossos do assassino liquefizeram -se e a coisa caiu no pavim ento, deixando Butch deitado de costas sozinho entrando em colapso com o punhal cheio de sangue negro nas m ãos.

Tinha destruído o filho da m ãe.

– Você... está bem ...? – o policial gem eu.

Tudo o que V. conseguia fazer era olhar seu m elhor am igo.

Enquanto os outros continuavam a lutar, os dois apenas se encaravam em m eio a um a trilha sonora de fundo cheia de ruídos de m etal, grunhidos e palavrões criativos. Deveria haver algo para ser dito um ao outro, V. pensou. Havia tanta coisa... para ser dita.

– Quero aquilo de você – V. exclam ou. – Preciso.

Butch assentiu.

– Eu sei.

– Quando?

O tira balançou a cabeça em direção à perna de V.

– Fique bom prim eiro. – Butch gem eu e se levantou. – Por falar nisso, vou para o carro.

– Cuidado. Leve um dos Irm ãos com ...

– Pare com essa baboseira, e fique parado.

– Não vou a lugar algum com esse j oelho, tira.

Butch saiu, seu andar era apenas um pouco m elhor que o de V. Esticando o pescoço, olhou para os outros. Estavam a todo vapor. Devagar, m as com toda certeza, a m aré estava virando a favor deles.

Até cinco m inutos depois.

Quando m ais sete assassinos apareceram no beco.

Estava claro que tinham atraído reforços e aqueles tam bém eram novos recrutas que não sabiam m uito bem com o lidar com o *mhis*: era evidente que tinham sido levados até o endereço por causa de seus com parsas, m as os olhos não conseguiam ver nada além de um beco vazio; contudo, aquela hesitação não duraria m uito e rom periam a barreira.

Movendo-se o m ais rápido possível, V. apoiou as m ãos no chão e arrastou-se até um a porta. A dor era tanta que sua visão lhe faltou m om entaneam ente, m as

isso não o im pediu de tirar sua luva e colocar a peça dentro de sua j aqueta. Esperava que Butch não tivesse voltado a lutar. Precisariam de transporte quando tudo acabasse.

Quando a leva seguinte de inim igos avançou, deixou a cabeça cair sobre o peito e respirou tão superficialm ente que sua caixa torácica m al se m ovia. Com o

cabelo caindo sobre o rosto, os olhos estavam protegidos, m as foi capaz de observar, através do véu negro, o ataque dos assassinos. Considerando o incrível núm ero de novos recrutas, percebeu que a Sociedade devia estar recrutando

psicopatas e outros m em bros de Manhattan... as possibilidades em Caldwell não

eram tão grandes para que surgissem tantos reforços.

O que seria favorável à Irm andade.

E estava certo.

Quatro dos *redutores* lançaram -se direto à luta, m as um deles, um buldogue

com om bros e braços enorm es que andava com o um gorila, veio até V.,

provavelm ente para checar suas arm as.

Vishous esperou com paciência, parado, preparando-se para o ataque.

Mesm o quando o filho da m ãe inclinou-se para baixo, V. ficou onde estava...

Um pouco m ais... Um ... Pouco... Mais...

– Surpresa, seu filho da m ãe – falou. Então, pegou o pulso do *redutor* que estava m ais próxim o dele e puxou com força.

Parecia que o assassino estava prestes a desabar, bem em cim a da perna ruim

de V. Mas não im portava... a adrenalina era um trem endo analgésico e não só lhe

deu forças para suportar a agonia, com o tam bém para m anter o filho da m ãe no

lugar.

Erguendo a m ão brilhante, Vishous colocou sua m aldição logo abaixo do rosto

do suj eito, não havia razão para golpeá-lo ou bater nele... um sim ples contato era

suficiente, e pouco antes de aterrissar com aquele toque, seus olhos abriram -se e

fixaram -se na ilum inação fluorescente.

– Sim , isso vai doer – V. rosnou.

O ruído da m ão de V. e o grito foram altos, m as só o prim eiro persistiu. No

lugar do últim o surgiu um cheiro desagradável, com o de queij o queim ado

em anando j unto à fum aça cheia de fuligem . Levou m enos de um segundo para

que o poder daquela m ão consum isse o idiota do assassino por com pleto, a carne

e os ossos foram corroídos enquanto as pernas do bastardo balançavam e os

braços se agitavam .

Quando tudo aquilo parecia m ais um film e de terror, V. soltou a m ão e cedeu.

Teria sido ótim o conseguir tirar o peso do j oelho m achucado, m as sim plesm ente

não tinha forças.

Seu últim o pensam ento, antes de desm aiar, foi rezar para que os garotos

dessem um a rápida lição em todos eles. O *mhis* não ia durar m uito se não

estivesse ali para sustentá-lo... e isso significava que estariam lutando frente a um

grande público.

Tudo. Apagou.

Matrix é um film e de ação e ficção científica, dirigido pelos irm ãos Wachowski.

(N.E.)

C A P ÍTU LO 29

Q uando Payne pendurou os pés para fora da cam a, flexionou um e depois o outro várias vezes, m aravilhada com o m ilagre de pensar algum a coisa e seus m em bros obedecerem ao com ando.

– Aqui, coloque isso.

Olhando para cim a, distraiu-se por um m om ento com a visão da boca de seu curandeiro. Não conseguia acreditar que eles tinham ... que ele tinha... até que ela...

Sim , vestir um robe seria bom , pensou.

– Não vou deixá-la cair – disse Manny enquanto a aj udava a vestir-se. – Pode apostar sua vida nisso.

Ela acreditava nele.

– Obrigada.

– Sem problem as – Ele m ovim entou o braço. – Vam os lá... vam os fazer isso.

Só que a gratidão que Pay ne sentia era tão com plexa que não pôde deixar de expressá-la.

– Por tudo, curandeiro. Tudo.

Ele sorriu brevem ente.

– Estou aqui para fazer com que se sinta m elhor.

– Sim , está.

Com isso, apoiou-se com cuidado sobre os pés.

A prim eira coisa que notou foi que o chão sob seus pés era frio... e, em seguida, seu peso foi transferido para as pernas e as coisas se descontrolaram com isso: seus m úsculos tiveram espasm os sob a carga, e as pernas foram flexionadas. No entanto, seu curandeiro estava lá quando precisou dele, colocando o braço em volta de sua cintura para apoiá-la.

– Estou... – ela respirou com força. – Estou em pé.

– Com certeza está.

A parte inferior de seu corpo j á não era m ais a m esm a, as coxas e panturrilhas trem iam tanto que seus j oelhos se chocavam . Mas estava *em pé.*

– Vam os andar agora – ela disse, rangendo os dentes quando as sensações de calor e frio dispararam por entre seus ossos.

– Talvez, se for devagar sej a...

– Vam os ao banheiro – ela exigiu. – Com isso, poderei aliviar m inhas necessidades sozinha.

A independência era absolutam ente vital. A perm issão de ter a dignidade sim ples e profunda de atender às necessidades de seu corpo parecia um a dádiva dos céus, prova de que as bênçãos, assim com o o tem po, eram relativas.

Só que quando tentou dar um passo adiante, não conseguiu erguer o pé.

– Transfira seu peso – o curandeiro disse quando ela girou e m ovim entou-se atrás dele. – Eu cuido do resto.

Quando apertou-lhe sobre a cintura, Pay ne fez com o ele havia dito e sentiu

um a de suas m ãos segurar a parte de trás de sua coxa e levantá-la. Sem precisar de qualquer dica, inclinou-se para frente e adm inistrou seu peso gentilm ente enquanto ele colocava o j oelho na posição correta, restringindo a curvatura da articulação enquanto alisava sua perna.

O m ilagre teve um a expressão m ecânica, m as dar esses pequenos passos não foi m enos em ocionante: cam inhou até o banheiro.

Quando o obj etivo foi alcançado, seu curandeiro deu-lhe a privacidade necessária e ela usou a barra parafusada na parede para auxiliar seus m ovim entos.

Ela sorria o tem po todo, o que era totalm ente ridículo.

Depois que term inou, ficou em pé sozinha usando a barra e abriu a porta. Seu curandeiro estava ali e ela o alcançou no m esm o m om ento que ele estendeu os braços para ela.

– Vam os voltar para a cam a – ele disse, e era um com ando. – Vou exam iná-la e dar-lhe m uletas.

Ela assentiu e percorreram o cam inho até o colchão lentam ente. Estava ofegante quando se deitou, m as m ais do que satisfeita. Poderia lidar com isso. Dorm ência, frio e ser im pedida de ir a qualquer lugar? Era um a sentença de m orte.

Fechando os olhos, engoliu em seco em m eio às profundas respirações enquanto Manny checava seus sinais vitais com eficiência.

– Sua pressão arterial está alta – disse enquanto colocava de lado o obj eto com feitio de algem a com o qual ela j á estava bem fam iliarizada. – Mas isso pode ser

devido ao que... hã, fizem os – lim pou a garganta, algo que parecia fazer com frequência. – Vam os checar suas pernas. Quero que relaxe e feche os olhos. Não olhe, por favor.

Depois que fez o que ele pediu, disse:

– Pode sentir isso?

Franzindo a testa, tentou ordenar as várias sensações em seu corpo, desde a suavidade do colchão, o ar fresco sobre o rosto, até os lençóis sobre os quais ela apoiava as m ãos.

Nada. Não sentia...

Sentando-se em pânico, olhou para suas pernas... apenas para verificar que ele não a estava tocando: as m ãos estavam estendidas nas laterais do corpo dele.

– Você m e enganou.

– Não. Não estou presum indo nada... é isso que estou fazendo.

Quando ela retom ou a posição e fechou os olhos outra vez, quis xingar, m as conseguia entender o argum ento dele.

– E agora?

Abaixo do j oelho, houve um peso sutil. Conseguia sentir isso claro com o o dia.

– Sua m ão... está sobre a m inha perna... – Abriu um pouco um a de suas

pálpebras e viu que estava certa. – Sim , você está m e tocando.

– Algum a diferença de antes?

Ela franziu a testa.

– Está um pouco... m ais fácil de sentir.

– Essa m elhora é m uito boa.

Ele apalpou o outro lado. Em seguida, subiu até chegar perto do quadril.

Depois, tocou a sola do pé e, então, na parte interna da coxa... e sobre o j oelho.

– E agora? – perguntou um a últim a vez.

Em m eio à escuridão, esforçou-se para perceber a sensação.

– Não sinto nada... agora.

– Certo. Term inam os.

Quando ela abriu os olhos, fitou-o e sentiu um calafrio estranho percorrê-la.

Qual seria o futuro deles?, pensou. Após aquele período isolado de convalescença? Sua incapacidade sim plificava m uito as coisas para eles; m as isso acabaria se ficasse bem . Será que poderia tê-la então?

Pay ne estendeu a m ão e apertou a dele.

– Você é um a bênção para m im .

– Por causa disso? – ele balançou a cabeça. – Foi você, *bambina*. Seu corpo está se recuperando sozinho. É a única explicação. – Curvando-se sobre ela, acariciou o cabelo solto e pressionou um beij o casto sobre sua testa. – Precisa dorm ir agora. Está exausta.

– Não vai em bora, vai?

– Não. – Olhou para a cadeira que usou para alcançar o equipam ento no teto. – Vou ficar bem aqui.

– Esta cam a... é grande o suficiente para nós dois.

Quando hesitou, Pay ne teve a im pressão de que algo havia m udado para ele. Mas tinha acabado de tratá-la com tam anha perfeição erótica... e seu arom a exalava, de m aneira que ela sabia que estava excitado.

Ainda assim ... havia um a distância sutil agora.

– Junte-se a m im – pediu. – Por favor.

Ele se sentou ao lado dela na cam a e acariciou-lhe o braço lentam ente, com um ritm o constante... e a bondade que m ostrou deixou-a nervosa.

– Não acho que sej a um a boa ideia – m urm urou.

– Por que não?

– Acho que será m ais fácil para todos se seu novo tratam ento ficar apenas entre nós.

– Ah.

– Seu irm ão m e trouxe aqui porque faria qualquer coisa para deixá-la m elhor. Mas há um a diferença entre teoria e prática. Se ele entrar aqui e nos encontrar na cam a j untos... Vam os apenas adicionar m ais um item na pilha de problem as que j á tem os.

– E se eu lhe disser para não se im portar com o que ele pensa?

– Pediria que facilitasse para o cara – seu curandeiro deu de om bros. – Vou ser honesto com você. Não sou fã dele... m as, por outro lado, seu irm ão teve que assistir todo seu sofrim ento.

Pay ne respirou fundo e pensou “Oh, se isso fosse ao m enos a m etade da história”.

– A culpa é m inha.

– Não pediu para sofrer um acidente.

– Não pela m inha lesão... Mas pela desolação do m eu irm ão. Antes de sua chegada, pedi-lhe algo que não deveria e, depois, isso foi agravado com ... – cortou o ar com a m ão. – Sou um a m aldição para ele e sua com panheira. De fato, sou um a m aldição.

Que tivesse perdido a fé na benevolência do destino era com preensível, m as o que fez ao pedir para Jane aj udá-la foi im perdoável. O interlúdio com seu curandeiro era um a revelação e um a bênção sem m edida; m as tudo o que conseguia pensar agora era em seu irm ão e sua *shellan*... e nas repercussões de sua covardia egoísta.

Praguej ando, estrem eceu.

– Preciso falar com m eu irm ão.

– Certo. Vou trazê-lo aqui para você.

– Por favor.

Seu curandeiro ergueu-se e cam inhou para a saída. Com a m ão na m açaneta, fez um a pausa.

– Preciso saber um a coisa.

– Pergunte e eu prom eto responder qualquer coisa.

– O que aconteceu um pouco antes de m e trazerem até você? Por que seu irm ão saiu para m e buscar?

A frase não foi form ulada exatam ente com o um a pergunta. O que a fez suspeitar que ele conseguiria adivinhar.

– Isso é entre ele e eu.

Os olhos do curandeiro estreitaram -se.

– O que você fez?

Ela suspirou e m exeu no cobertor.

– Diga-m e, curandeiro, se não tivesse esperança de se levantar da cam a outra vez e não tivesse um a arm a, o que faria?

As pálpebras de Manny fecharam -se com força por um breve m om ento. Então, abriu a porta.

– Vou encontrar seu irm ão agora m esm o.

Quando Pay ne foi deixada sozinha com seus lam entos, resistiu ao im pulso de am aldiçoar, j ogar coisas, gritar com as paredes. Naquela noite de sua ressurreição, deveria estar em êxtase, m as seu curandeiro estava distante, seu irm ão furioso, e ela sentia m uito m edo do futuro. No entanto, aquela sensação

não durou m uito.

Mesm o com sua m ente agitada, seu esgotam ento físico logo cancelou sua atividade cognitiva e foi sugada por um buraco negro sem sonhos que a consum iu, corpo e alm a.

Seu últim o pensam ento, antes de tudo escurecer e silenciar, foi a esperança de conseguir consertar as coisas.

E, de algum a form a, ficar com seu curandeiro para sem pre.

No corredor, Manny j ogou as costas contra a parede de concreto e esfregou o rosto.

Não era um idiota; então, no fundo, tinha um a ideia do que havia acontecido:

som ente sentindo um pouco do sabor do desespero na boca aquele vam piro idiota

seria capaz de se abalar até o m undo hum ano para buscá-lo.

Mas Cristo... e se não o tivesse encontrado a tem po? E se o irm ão dela tivesse esperado m ais ou...

– Droga.

Afastando-se da parede, entrou na sala de suprim entos e pegou uniform es novos, colocando suas roupas usadas no cesto de roupa suj a depois de trocá-las. A sala de exam es foi sua prim eira parada, m as Jane não estava lá, então, cam inhou m ais adiante, em direção àquele escritório com portas de vidro.

Não havia ninguém ali.

De volta ao corredor, ouviu o m esm o barulho de antes vindo da sala de

m usculação e olhou para dentro, recebendo o olhar de um cara de cabelos m uito

curtos que corria feito um louco na esteira. O suor literalm ente escorria do filho

da m ãe, seu corpo era tão m agro que era quase doloroso de se olhar.

Manny esquivou-se saindo da sala. Não havia razão algum a para perguntar

qualquer coisa ao filho da m ãe.

– Está procurando por m im ?

Manny virou-se.

– Chegou em boa hora... Pay ne precisa ver o irm ão. Sabe onde ele está?

– Está fora, lutando, m as volta antes do am anhecer. Tem algum a coisa errada?

Sentiu a tentação de dizer “Você é quem pode m e dizer”, m as resistiu.

– É entre eles. Não sei m uito bem por que ela quer vê-lo.

Os olhos de Jane se afastaram .

– Certo. Bem , darei o recado. Com o ela está?

– Ela andou.

Jane virou a cabeça com rapidez.

– Sozinha?

– Com apenas um pequeno auxílio. Você tem algum equipam ento? Muletas?

Esse tipo de coisa?

– Venha com igo.

Ela o levou a um ginásio profissional e o atravessaram até chegarem a um a sala de equipam entos; Entretanto, não havia nenhum a bola de basquete, vôlei ou

cordas ali. Centenas de arm as estavam colocadas sobre as prateleiras: facas, *shuriken*s*, espadas, m atracas**.

– Que tipo de aulas de ginástica vocês têm aqui?

– Isso é para o program a de treinam ento.

– Devem ter sido acum uladas ao longo de gerações, hein?

– Foram ... pelo m enos até com eçarem os ataques.

Passando por todo aquele cenário de film e de ação, ela em purrou um a porta identificada com o “FISIO” e m ostrou-lhe um a bela sala de reabilitação, m uito bem equipada com tudo o que um atleta profissional precisaria para se m anter flexível, seguro e m uito ágil.

– Ataques?

– A Sociedade Redutora abateu dezenas de fam ílias – disse. – E o que restava da população fugiu de Caldwell. Estão voltando lentam ente, m as os últim os tem pos têm sido m uito difíceis.

Manny franziu a testa.

– Que diabos é essa Sociedade Redutora?

– Os hum anos não são a verdadeira am eaça. – Abriu a porta de um arm ário e

passou a m ão sobre todo o tipo de apoios, m uletas, bengalas e suportes. – O que está procurando?

– É contra isso que seu m arido luta todas as noites?

– Sim , é. Agora, o que acha que precisa?

Manny olhou para o perfil de Jane e som ou dois m ais dois.

– Ela pediu para que lhe aj udasse a se m atar, não foi?

Os olhos de Jane fecharam -se.

– Manny... sem ofensas, m as não tenho forças para essa conversa.

– Foi o que aconteceu?

– Mais ou m enos. Grande parte.

– Ela está m elhor agora – disse ele asperam ente. – Vai ficar bem .

– Então, está funcionando – Jane sorriu um pouco. – Um toque m ágico e pronto.

Lim pou a garganta e resistiu à vontade de pisar duro com o um adolescente de catorze anos que tinha sido pego no m aior am asso.

– Sim . Acho que sim . Hã, acho que vou levar um par de suportes para pernas e m uletas de braços... acho que vai funcionar com ela.

Quando ele pegou os equipam entos, os olhos de Jane perm aneceram fixos nele, a ponto dele ter de m urm urar:

– Antes que pergunte, a resposta é não.

Ela riu baixinho.

– Não ia perguntar nada.

– Não vou ficar. Vou fazer com que fique em pé, ande e, então, vou voltar.

– Na verdade, não era isso que estava passando pela m inha cabeça. – Ela franziu a testa. – Mas você poderia dar um j eito, sabe? Já aconteceu antes. Com igo. Butch. Beth. E pensei que gostasse dela.

– Gostar é pouco – disse em voz baixa.

– Então, não faça planos até que tudo estej a acabado.

Ele balançou a cabeça.

– Tenho um a carreira que está indo pelo ralo... a causa disso, aliás, foi as lavagens que fizeram no m eu cérebro. Tenho um a m ãe que não é m uito afeiçoada a m im , m as com o ela não se afastaria ao se perguntar por que não teve notícias m inhas nem em feriados. E tenho um cavalo que está m uito m al. Está m e dizendo que seu garoto e a turm a dele são com o eu, com um pé em cada m undo? Não penso assim . Além disso, o que diabos eu faria? Cuidar dela é

um prazer, posso garantir... m as não gostaria de fazer disso um a profissão ou perceber, com o tem po, que ela não gosta de m im .

– O que há de errado com você? – Jane cruzou os braços sobre o peito. – Não é por nada, m as você é um grande hom em .

– Faz bem em fugir dos detalhes sobre isso.

– As coisas poderiam dar certo.

– Certo, digam os que isso aconteça. Agora, responda-m e... por quanto tem po eles vivem ?

– Com o?

– A expectativa de vida dos vam piros. Quanto tem po.

– Isso varia.

– Varia décadas ou séculos? – quando ela não respondeu, ele assentiu. – Foi exatam ente o que pensei... provavelm ente poderei viver m ais uns... quarenta anos? E as rugas com eçarão a aparecer em dez. Já tenho dores todas as m anhãs e um início de artrite nos m eus dois quadris. Ela precisa de alguém da m esm a espécie para se apaixonar, não um hum ano que vai se tornar um paciente geriátrico em um piscar de olhos. – Ele balançou a cabeça outra vez. – O am or pode conquistar tudo, m as sej am os realistas. E essa realidade vai prevalecer sem pre.

Agora, a risada dela foi alta.

– De algum a m aneira, não posso argum entar contra isso.

Ele olhou para os suportes.

– Obrigado por isso.

– Por nada – disse lentam ente. – E darei o recado a V.

– Ótim o.

De volta ao quarto de Pay ne, entrou silenciosam ente e parou assim que passou pela porta. Ela estava dorm indo profundam ente na penum bra, o brilho havia

desaparecido de sua pele. Será que acordaria paralisada outra vez? Ou o progresso que fez perm aneceria?

Concluiu que teriam de descobrir.

Apoiando as m uletas e os suportes contra a parede, foi até a cadeira dura perto da cam a e sentou-se, cruzando as pernas e tentando ficar em um a posição confortável. Não conseguiria dorm ir de j eito nenhum ; queria apenas observá-la...

– Junte-se a m im – disse ela no silêncio. – Por favor. Preciso do seu calor agora.

Ao perm anecer onde estava, percebeu que a rotina de ficar sentado não dependia de fato do irm ão dela. Era um m ecanism o de sobrevivência que tinha de m anter ativo para m antê-los separados o m áxim o possível. Com certeza teriam relações sexuais outra vez... provavelm ente em breve. E ficaria com ela por horas se fosse preciso. Mas não poderia se dar ao luxo de cultivar algum a fantasia sobre um a relação duradoura.

Eram dois m undos diferentes; sim plesm ente, não pertencia ao dela.

Manny inclinou-se para frente, colocou sua m ão na dela e apertou seu braço.

– Shhh... estou bem aqui.

Quando ela virou a cabeça em direção a ele, seus olhos estavam fechados e ele teve a im pressão de que estava falando enquanto dorm ia.

– Não m e deixe, curandeiro.

– Meu nom e é Manny – ele sussurrou. – Manuel Manello... Médico.

Estrela-ninj a. (N.P.)

Tam bém conhecidos com o “nunchaku” ou apenas “chaku”. (N.P.)

C A P ÍTU LO 30

O assovio foi forte e alto, e ao percorrer todo o saguão de entrada da m ansão,

Qhuinn soube que a dem anda estridente havia sido feita por John Matthew.

Só Deus sabia o quanto tinha ouvido aquilo nos últim os três anos.

Aparecendo no pé da grande escadaria, enxugou o rosto suado com a cam iseta

e apoiou-se no corrim ão esculpido em m adeira m aciça. A cabeça, após o treino,

estava leve e m acia com o um travesseiro... contrastando com pletam ente com o

resto do corpo: as pernas e nádegas pareciam pesar tanto quanto a m ansão.

Quando ouviu o assovio outra vez, pensou “Oh, certo, alguém está conversando

com ele”. Virando-se, deu um a olhada em John Matthew parado entre os

batentes ornam entados da porta da sala de j antar.

Que diabos fez a si mesmo? , o cara gesticulou antes de apontar para a própria

cabeça.

Bem , cuide da sua vida, Qhuinn pensou. No passado, um a pergunta com o

aquela englobaria m uito m ais do que um a m aldita m udança no estilo do cabelo.

– Cham a-se corte de cabelo.

Tem certeza? Acho que parece mais uma baita desordem.

Qhuinn esfregou o penteado que havia feito.

– Não é grande coisa.

Pelo menos sabe que perucas são uma opção, não é? Os olhos de John se estreitaram . *E onde está todo seu aparato de metal?*

– No m eu arm ário de arm as.

Não suas armas, a porcaria que coloca no rosto.

Qhuinn apenas balançou a cabeça e virou-se para sair, sem interesse em discutir sobre todos os *piercings* que havia tirado. Seu cérebro estava confuso e seu corpo estava exausto, m uito tenso e dolorido devido às corridas diárias...

Ouviu o assovio outra vez, e quase soltou um palavrão sobre o om bro. Contudo, resolveu dar um fim àquela babaquice, pois econom izaria tem po: John nunca o deixava em paz quando estava com aquele hum or.

Olhando para trás, rosnou:

– O quê?

Precisa comer mais; seja junto aos outros ou sozinho. Está se transformando em um esqueleto...

– Estou bem .

Bem, então, ou você começa a mastigar ou vou trancar aquele ginásio e não lhe darei a chave. A escolha é sua. E vou chamar Layla. Ela está no seu quarto lhe esperando.

Qhuinn virou-se rapidam ente. Foi um a m á ideia: o saguão transform ou-se em um carrossel. Agarrando o corrim ão de novo, exclam ou:

– Eu poderia ter feito isso.

Mas não fez, então, fiz por você... quase como abater uma dúzia de redutores *, será minha boa ação da semana.*

– Quer se candidatar a Madre Teresa? Vai ter m ais sorte se praticar isso com outra pessoa.

Desculpe. Escolhi você e é melhor agilizar... não vai querer deixar a moça esperando. Ah, e enquanto Xhex e eu estávamos na cozinha, pedi para Fritz preparar uma refeição para você e entregá-la no seu quarto. Mais tarde.

Quando o cara saiu na direção da despensa, Qhuinn gritou:

– Não estou interessado em ser salvo, idiota. Posso cuidar de m im m esm o.

A resposta de John foi um dedo do m eio erguido sobre sua cabeça.

– Oh, pelo am or de Deus – Qhuinn m urm urou.

Não estava nem um pouco afim de lidar com Lay la naquele m om ento. Nada contra a Escolhida, m as a ideia de estar em um espaço fechado com alguém interessado em sexo sim plesm ente o sufocava – o que era m uito irônico. Até bem pouco tem po, o sexo não apenas fazia parte de sua vida – definia-o. Na últim a sem ana? A ideia de estar com alguém lhe dava náuseas.

Cristo, tal pensam ento o deteve, e a últim a pessoa com quem gostaria de estar era com um a ruiva.

Muuuito engraçado: estava claro que a Virgem Escriba tinha um trem endo

senso de hum or.

Forçando seu peso m orto a subir as escadas, estava pronto para dizer a Lay la, da m aneira m ais educada possível, que deveria cuidar da vida dela...

A tontura que o atingiu no segundo patam ar da escada im pediu-o de continuar seu cam inho.

Nas últim as sete noites, acostum ou-se com a sensação de um flutuar constante que surgiu quando com eçou a correr o m áxim o e a com er o m ínim o possível, e ficava esperando pelo m om ento em que as coisas se dissociavam . Pelo am or de Deus, era m ais barato do que beber e não parava nunca... ao m enos, não até com er.

Mas aquilo era diferente. Sentia com o se alguém tivesse lhe dado um a rasteira por trás e levado suas pernas em bora... só que sua linha de visão lhe dizia que ainda estava em pé. Assim com o o fato de que os quadris estavam contra o corrim ão...

Sem aviso, um de seus j oelhos se dobrou e Qhuinn caiu com o um livro da prateleira.

Estendendo um a das m ãos, ergueu-se sobre o m aldito degrau, até ficar praticam ente pendurado no corrim ão. Olhando para a perna, golpeou-a algum as vezes e respirou fundo, desej ando que seu corpo obedecesse ao program a.

Não aconteceu.

Em vez disso, deslizou lentam ente na vertical e teve de se virar para fazer parecer que estava apenas agachando-se sobre o tapete verm elho-sangue. Não conseguia respirar... ou m elhor, estava respirando, m as era horrível. *Deus...*

Caramba... Vamos lá...

Que droga.

– Senhor? – um a voz veio do alto.

Fazendo daquilo um inferno duplo.

Quando fechou os olhos, pensou que o fato de Lay la ter aparecido naquele m om ento era a m aldita lei de Murphy ao vivo e em cores.

– Senhor, posso aj udá-lo?

Por sua vez, aquilo talvez pudesse ter seu lado bom : m elhor que um dos Irm ãos.

– Sim . Meu j oelho falhou. Machuquei correndo.

Olhou para cim a enquanto a Escolhida flutuava até ele, a túnica branca era um choque contra a cor intensa do carpete e o brilho dourado e ressonante dos trabalhos artísticos no saguão.

Sentindo-se um com pleto idiota quando ela se abaixou até ele, tentou erguer-se sozinho... apenas para chegar a lugar nenhum .

– Eu, hã... devo avisar que peso m uito.

Sua m ão adorável agarrou a dele e ficou im pressionado em ver que seus dedos

trem iam quando aceitou a aj uda. Ficou surpreso tam bém quando foi transportado

com um único puxão.

– Você é forte – disse ele quando o braço de Lay la envolveu sua cintura e o

ergueu.

– Vam os cam inhar j untos.

– Desculpe, estou suado.

– Não m e im porto.

Com isso, eles saíram . Movendo-se lentam ente, avançaram até as escadas e

dirigiram -se ao corredor do segundo andar, passando por várias portas fechadas:

pelo escritório de Wrath. Pelo quarto de Tohrm ent. Pelo de Blay... não olhou para

esse. Pelo quarto de Saxton... nem considerou o fato de j ogar o puxa-saco do seu

prim o pela j anela. Passaram tam bém pelo quarto de John Matthew e Xhex.

– Vou abrir a porta – a Escolhida disse quando pararam em frente a seu quarto.

Tiveram de virar de lado para passar os batentes por causa do seu tam anho, e

ele ficou m uito grato quando a Escolhida fechou a porta e o levou para a cam a.

Ninguém precisava saber o que estava acontecendo e havia um a grande

possibilidade da Escolhida aceitar suas desculpas.

Sentar-se era o plano. Só que no instante em que ela o soltou, caiu para trás

sobre o colchão feito um tapete de boas-vindas. Olhando para seu corpo em

direção aos tênis de corrida, perguntou-se por que não conseguia ver o carro que estava estacionado em cim a dele. Definitivam ente não era um carro pequeno. Parecia m ais um a cam inhonete.

Que sej a, algo grande.

– Hã... ouça, poderia ir até m eu casaco de couro? Tenho um a barra de cereais lá.

De repente, ouviu um ruído de m etal sobre porcelana perto da porta. E, então, o cheiro de algo que havia sido preparado no j antar.

– Talvez goste deste rosbife, senhor.

Seu estôm ago apertou com o um punho fechado.

– Deus... não...

– Tem arroz.

– Apenas... um a daquelas barras...

Um ruído sutil sugeriu que ela estava carregando um a bandej a e, um segundo depois, sentiu m uito m ais do que um sim ples arom a de qualquer coisa que Fritz havia planej ado.

– Pare... Pare com isso, droga... – inclinou-se e tentou vom itar dentro de um cesto de lixo. – Nada... de com ida...

– Precisa com er – veio um a resposta que soou forte, foi surpreendente. – E devo alim entá-lo.

– Não se atreva...

– Aqui – Em vez de carne ou arroz, apresentou-lhe um pequeno pedaço de pão. – Abra. Precisa de com ida, senhor. Seu am igo John Matthew foi quem disse.

Afundando-se contra os travesseiros, colocou o braço sobre o rosto. Seu coração pulava dentro do peito e, de algum a m aneira obscura, percebeu que poderia realm ente se m atar se continuasse agindo assim .

Engraçado, a ideia não lhe pareceu tão ruim , especialm ente quando o rosto de Blay surgiu em sua m ente.

Tão lindo. Muito, m uito lindo. Parecia bobo e desestim ulante cham ar o cara assim , m as ele era. Aqueles m alditos lábios eram o problem a... belos e m acios na parte inferior. Ou será que eram os olhos?

Tão azuis.

Tinha beij ado aquela boca e am ou isso. Encarado aqueles olhos e enlouquecido.

Poderia ter tido Blay prim eiro... e para sem pre. Mas em vez disso? Foi seu prim o quem conseguiu...

– Oh, Deus... – ele gem eu.

– Senhor. Com a.

Sem energia para lutar contra qualquer coisa, fez com o lhe pediu, m astigando m ecanicam ente, engolindo pela garganta seca. E fez outra vez. E outra vez.

Descobriu que os carboidratos apaziguavam o terrem oto em seu estôm ago e, m ais rápido do que poderia im aginar, viu que ansiava por algo um pouco m ais substancial. Em seguida, bebeu um pouco da água que Lay la lhe oferecia e tom ou goles breves.

– Talvez devêssem os fazer um a pausa – disse ele, segurando outro pão apenas no caso da m aré m udar.

Quando virou para o lado, sentiu os ossos de suas pernas se chocarem e percebeu que seu braço estava pendurado de form a diferente... havia m enos peitoral no cam inho. Sua berm uda esportiva tam bém estava diferente... m ais larga na cintura.

Tinha feito todo aquele estrago em sete dias.

Nesse ritm o, sua aparência não seria m ais a m esm a em pouco tem po. Já não tinha m ais *piercings*, com o John Matthew bem tinha notado; não só havia raspado

a cabeça com o tam bém retirado os acessórios m etálicos da sobrancelha, do lábio

inferior e um a dúzia ou m ais deles das orelhas. As argolas em seus m am ilos tam bém se foram . Ainda tinha um pino na língua e em seu órgão genital, m as tudo que era visível havia desaparecido.

Estava farto de si m esm o, de m uitas m aneiras. Enj oado e cansado de ser o hom em estranho fora de propósito, exausto da sua reputação de vadio, e sem interesse algum em se rebelar contra os m ortos. Pelo am or de Deus, não

precisava de um profissional para explicar a psicologia que lhe havia m oldado: sua fam ília era o retrato da fam ília perfeita, faziam parte da *glymera* conservadora... em contrapartida era um bissexual prostituto, cheio de *piercings* pelo corpo, vestindo um estilo gótico e com um fetiche por agulhas. Mas quanto disso realm ente partia dele e quanto fazia parte de um a vingança olho por olho? Quem era de fato?

– Quer m ais? – Lay la perguntou.

Quando a Escolhida posicionou-se na frente dele com a baguete, Qhuinn decidiu parar com sua atitude.

Abrindo a boca, deu um a de filhote de passarinho e com eu a m aldita coisa. E m ais um pouco. E, então, com o se ela tivesse lido sua m ente, levou um garfo de prata com um pedaço de carne assada até seus lábios.

– Vam os tentar, senhor... Mas, m astigue devagar.

Era a possibilidade de com er um pouco de gordura. “Fom e” tornou-se im ediatam ente o nom e do j ogo e ele parecia um tiranossauro com a carne, quase m ordendo o garfo com a pressa. Mas Lay la não parou, oferecendo um a rodada m ais rápido do que conseguiria processar.

– Espere... pare – ele m urm urou, com m edo de vom itar.

Deitou-se de costas outra vez e deixou um a das m ãos descansando sobre o peito. A respiração superficial foi sua salvação. Se fizesse um pouco m ais de

esforço, iria abrir a boca e esparram ar resíduos de todas as cores pelo corpo inteiro.

O rosto de Lay la apareceu sobre o dele.

– Senhor... talvez devêssem os parar.

Qhuinn estreitou o olhar nela e observou-a de m aneira m ais atenta pela prim eira vez desde que tinha aparecido.

Deus, era um a visão, com todo aquele cabelo loiro pálido caindo do alto de sua cabeça e seu rosto de um a perfeição im pressionante. Com lábios de m orango e olhos verdes que brilhavam à luz das lâm padas, era tudo o que a raça valorizava em term os de DNA... nenhum defeito visível.

Ele estendeu a m ão a acariciou o coque. Tão m acio. Não precisava de qualquer fixador de cabelo naqueles fios; era com o se as ondas soubessem que sua função era em oldurar seus traços e estavam ansiosas para fazer o m elhor que podiam nisso.

– Senhor? – ela disse ao ficar tensa.

Ele sabia o que estava sob o m anto: seus seios eram absolutam ente deslum brantes e seu abdôm en liso com o um a tábua... aqueles quadris e aquele sexo m acio com o seda entre suas coxas eram o tipo de coisa pelas quais um hom em nu se despedaçaria.

Sabia desses detalhes, pois j á tinha visto tudo, tocado em boa parte de seu corpo e colocado a boca em alguns lugares.

Contudo, ainda não a tinha possuído. Não tinha ido m uito longe tam bém . Por ser um a *ehros*, havia sido treinada para o sexo, m as com o não havia um Prim ale para auxiliar a Escolhida nesse sentido, era um a aprendiz acadêm ica, nada de aprender saindo “em cam po”, por assim dizer. E, por um tem po, Qhuinn ficou feliz em m ostrar-lhe algum as regras do j ogo.

Só que não parecia certo.

Bem , parecia que algo estava certo ali, m as havia coisas dem ais nos olhos dela e o coração de Qhuinn era pequeno dem ais para que as coisas continuassem .

– Vai tom ar da m inha veia, senhor? – ela sussurrou com voz rouca.

Ele apenas a olhou.

Os lábios verm elhos da Escolhida se separaram .

– Senhor, vai... tom ar de m im ?

Fechando os olhos, viu o rosto de Blay outra vez... m as não com o agora, não o desconhecido frio que Qhuinn havia criado. O velho Blay, com aqueles olhos azuis que, de algum a form a, estavam sem pre olhando em sua direção.

– Senhor... Sou sua para que m e tom e. Apesar de tudo. Eternam ente.

Quando finalm ente olhou para Lay la outra vez, os dedos dela tinham alcançado a gola do m anto e aberto bem as duas m etades, exibindo o pescoço longo e elegante, as asas de sua clavícula e aquele colo glorioso.

– Senhor... quero servi-lo. – Afastando o tecido de cetim m esm o j á bem disperso, oferecia não apenas sua veia, m as seu corpo. – Possua-m e...

Qhuinn deteve as m ãos dela quando se dirigiram para o laço em volta de sua cintura.

– Pare.

Seus olhos repousaram sobre o edredom e ela pareceu ter se transform ado em pedra. Ao m enos até se afastar dele e arrum ar o m anto grosseiram ente.

– Então, deve tom ar m eu pulso. – A m ão dela trem ia quando puxou um a das m angas e prendeu-a m ais acim a do braço.

– Tom e do m eu pulso aquilo que necessita de m aneira tão evidente.

Não olhava para ele. Provavelm ente não conseguia, e, ainda assim , lá estava ela... encerrada em um a desgraça que nunca m ereceu e a qual Qhuinn nunca teve a intenção de evocar para ela... ainda assim , oferecia-se para ele... só que não de um a m aneira patética, m as por que havia nascido e sido criada para servir a um propósito que não tinha qualquer relação com o que ela queria, e tudo a ver com um a expectativa social... e estava determ inada a viver de acordo com os padrões, m esm o se não fosse desej ada por quem ela queria.

Cristo, sabia com o era aquilo.

– Lay la...

– Não se desculpe, senhor. Isso m e hum ilha.

Ele pegou seu braço, pois teve a im pressão de que Lay la estava prestes a cair.

– Olhe, é culpa m inha. Nunca deveria ter com eçado com essas coisas de sexo com você...

– E digo outra vez: “pare”. – Suas costas estavam rígidas e sua voz, estridente.

– Deixe-m e ir, senhor.

Ele franziu a testa.

– Caram ba... você está fria.

– Estou?

– Sim . – Percorreu a m ão sobre seu braço. – Precisa se alim entar? Lay la? Ei?

– Sou alim entada do Outro Lado, no Santuário, então, não.

Certo, acreditava nisso. Se um a Escolhida estava lá, era por que existia sem existir, sua necessidade de sangue era suspensa... e parecia que estava sem pre bem : nos últim os anos, Lay la era a única que servia os Irm ãos que não podiam se alim entar de suas *shellans*. Era a Escolhida pela qual todos optavam .

E, então, deu-se conta.

– Espere, você não chegou a ir para o norte?

Agora que Phury havia libertado as Escolhidas de sua existência rígida e confinada, a m aioria delas deixou o Santuário onde ficavam presas por toda eternidade e dirigiram -se para os grandes cam pos de Adirondack para aprender sobre as liberdades que existiam na vida deste lado.

– Lay la?

– Não, não vou m ais para lá.

– Por quê?

– Não posso. – Ela interrom peu a conversa e puxou a m anga de seu m anto

outra vez. – Senhor? Vai tom ar da m inha veia?

– Por que não vai para lá?

Os olhos dela finalm ente encontraram os de Qhuinn e m ostravam -se m uito irritados. Algo que produziu um estranho alívio. A m ansa aceitação de tudo fazia

com que ele questionasse sua inteligência. Mas considerando sua expressão

agora? Havia m uita coisa sob o m anto que ela usava... e não estava falando

apenas de seu corpo perfeito.

– Lay la. Responda-m e. Por que não?

– Não posso.

– Quem disse? – Qhuinn não era m uito próxim o de Phury, m as o conhecia o

suficiente para causar um problem a ao Irm ão. – Quem ?

– Não se trata de um a pessoa e não se preocupe. – Apontou para o pulso. –

Alim ente-se para que fique tão forte quanto precisa estar e, então, eu lhe deixarei

em paz.

– Tudo bem , se quer as palavras certas... *O que* é, então?

A frustração queim ou em seu rosto.

– Não é problem a seu.

– Eu decido o que é problem a m eu. – Não costum ava am eaçar fêm eas, m as

parecia que seu cavalheiro dorm ente tinha saído da zona neutra de ação e

resolvido j ogar tudo para o ar. – Fale com igo.

Ele era a últim a pessoa que pedia para colocar as cartas na m esa; ainda assim , lá estava ele, com eçando o j ogo. Contudo, a questão era que não poderia deixar nada m achucar aquela fêm ea.

– *Tudo bem.* – Ela ergueu as m ãos. – Se eu for para o norte, não poderei lhes servir quando precisarem de sangue. Por isso, vou ao Santuário para m e recuperar e fico no aguardo de ser convocada novam ente. Venho a este lado, sirvo-lhes e tenho que voltar em seguida; então, não, não posso ir para as m ontanhas.

– Jesus... – eles eram m uitos. Deveriam ter previsto esse problem a... ou Phury deveria. A m enos que... – Já conversou com o Prim ale?

– Sobre o que, exatam ente? – ela retrucou. – Diga-m e, senhor, teria pressa de apresentar as falhas que com eteu no cam po de batalha diante de seu rei?

– Onde, diabos, está falhando? Está m antendo, m ais ou m enos, quatro de nós vivos.

– Exatam ente. E estou servindo todos vocês dentro de um a capacidade m uito lim itada.

Lay la levantou-se em um salto e cam inhou até a j anela. Quando olhou para fora, ele a desej ou: naquele m om ento, teria dado qualquer coisa para sentir por ela o m esm o que ela sentia por ele... afinal, ela era tudo que sua fam ília valorizava, ocupava o topo social para um a fêm ea. E ela o desej ava.

Mas quando Qhuinn olhava para dentro, havia um outro nom e em seu coração.

E nada m udaria isso. Nunca... tem ia.

– Não sei quem ou o que sou exatam ente – Lay la disse, com o se estivesse falando consigo m esm a.

Bem , parecia que os dois estavam no m esm o trem que levava a lugar algum quando o destino era essa questão.

– Não vai descobrir até que deixe aquele Santuário...

– Im possível se eu tiver que servir...

– Nós podem os cham ar outra pessoa. Sim ples assim .

Houve um a inspiração profunda e, então, ela disse:

– Mas é claro. Deve fazer com o desej a.

Qhuinn observou a linha bem definida de seu queixo.

– Isso deveria aj udá-la.

Ela olhou por cim a do om bro.

– Não aj uda... pois isso m e deixaria sem nada. Sua escolha, m eu destino.

– A vida é sua. Pode escolher.

– Não vam os m ais falar disso. – Ela ergueu as m ãos. – Pelo am or da Virgem Escriba, você *não* faz ideia do que é desej ar coisas que não está destinado a ter.

Qhuinn soltou um a risada dura.

– Até parece que eu não sei. – Quando as sobrancelhas dela se ergueram , ele revirou os olhos. – Você e eu tem os m ais em com um do que im agina.

– Você tem toda liberdade do m undo. O que poderia desej ar?

– Confie em m im .

– Bem , eu o quero e não posso tê-lo, isso não é m inha escolha. Ao m enos, servindo você e aos outros, tenho um propósito além de lam entar a perda de algo que sonhei.

Quando Qhuinn respirou fundo, teve de respeitar a fêm ea. Não havia qualquer sinal de piedade, parada diante daquela j anela. Estava expondo os fatos com o os conhecia.

Droga, era m esm o exatam ente o tipo de *shellan* que sem pre desej ou. Mesm o sendo um nada am bulante, no fundo sem pre visualizou a si m esm o com um a fêm ea, num relacionam ento a longo prazo. Alguém com um a linhagem im pecável e m uita classe... um a fêm ea a qual seus pais não só aprovariam , com o talvez o respeitassem um pouco por tê-la a seu lado.

Aquele tinha sido seu sonho; no entanto agora que parecia poder se tornar realidade... agora, que estava em seu quarto, olhando para seu rosto... Agora, queria outra pessoa totalm ente diferente.

– Gostaria de sentir algo profundo por você – disse de m aneira rude, oferecendo a verdade em troca da verdade. – Faria quase qualquer coisa para sentir o que deveria por você. Você é... a m inha fantasia em term os de fêm ea, tudo o que sem pre desej ei, m as que pensei que nunca poderia ter.

Seus olhos se abriram tanto que pareciam duas luas, belos e brilhantes.

– Então, por quê...?

Ele esfregou o rosto e perguntou-se o que diabos estava dizendo, o que diabos estava fazendo.

Quando abaixou as m ãos, sentiu que deixou algo úm ido e escorregadio para trás e recusava-se a pensar m uito sobre isso.

– Estou apaixonado – disse com voz rouca. – Por outra pessoa. É por isso.

C A P ÍTU LO 31

Comoção no corredor. Um a confusão de passos... palavrões ditos em voz baixa... um ruído inoportuno em dado m om ento.

Todo aquele barulho acordou Manny e ele passou de um estado m eio adorm ecido para a plena consciência em um piscar de olhos, com o se um desfile de sons estivesse passando pelo corredor. A barulheira continuou até ser interrom pida drasticam ente, com o se um a porta tivesse sido fechada naquele espetáculo, sej a lá o que tenha sido.

Arrum ando o local onde havia apoiado sua cabeça na cam a de Pay ne, olhou para a paciente. Linda, sim plesm ente linda. E dorm ia tranquila...

Um raio de luz atingiu o rosto de Manny.

A voz de Jane soou tensa; quando parou no batente da porta, via-se apenas o recorte escuro do perfil de seu corpo.

– Preciso de m ais um par de m ãos aqui. Agora.

Não precisou pedir duas vezes. Manny correu para a porta, o cirurgião dentro dele estava pronto para trabalhar, sem fazer perguntas.

– O que tem os?

Enquanto se apressavam pelo corredor, Jane passou a m ão sobre seu uniform e m anchado de verm elho.

– Traum as m últiplos. A m aioria de facas, um tiro. E estão trazendo outro. Invadiram a sala de exam es e, m eu Deus... caram ba... havia hom ens feridos por toda parte... nos cantos, apoiados sobre a m esa, inclinados no balcão, xingando enquanto andavam im pacientes pela sala. Elena ou Elaina, a enferm eira, estava ocupada pegando bisturis, linhas e outros acessórios, e tam bém havia um pequeno hom em idoso servindo água para todos em um a bandej a de prata.

– Ainda não avaliei todos – Jane disse. – São m uitos.

– Onde encontro um estetoscópio e um aparelho de pressão extras?

Jane foi até um arm ário, abriu um a gaveta e puxou os dois.

– A pressão é m uito m ais baixa do que está acostum ado a ouvir. O batim ento cardíaco tam bém .

O que significava que, m esm o sendo um profissional da m edicina, não tinha com o j ulgar de fato se aqueles pacientes estavam m al ou não.

Colocou o equipam ento de lado.

– É m elhor você e a enferm eira fazerem as avaliações. Vou fazer a

preparação.

– Deve ser m elhor m esm o – Jane concordou.

Manny aproxim ou-se da enferm eira loira que estava trabalhando de m aneira eficiente com os suprim entos.

– Vou assum ir a partir daqui. Aj ude Jane com as leituras.

Ela assentiu brevem ente e foi direto m edir os sinais vitais.

Manny abriu as gavetas com rapidez e tirou kits cirúrgicos, alinhando-os sobre os balcões. Os analgésicos estavam em um arm ário vertical; encontrou as seringas m ais em baixo. Quando term inou de vasculhar tudo, estava im pressionado com a qualidade profissional: não sabia com o Jane fizera aquilo, m as havia tudo o que um hospital precisava.

Dez m inutos depois, Jane, ele e a enferm eira encontraram -se no m eio da sala.

– Tem os dois m uito m al – disse Jane. – Rhage e Phury estão perdendo m uito sangue... tem o que as artérias tenham sido cortadas pois os cortes são m uito profundos. Z. e Tohr precisam tirar radiografias e acho que Blay lock está com um a concussão j untam ente com um a ferida terrível no estôm ago.

Manny foi até a pia e iniciou o procedim ento de higienização.

– Vam os fazer isso. – Olhou ao redor e apontou para o m am ute loiro com um a poça de sangue sob a bota esquerda. – Eu cuido dele.

– Certo, eu vou cuidar de Phury. Ehlena, com ece a tirar as radiografias dos ossos quebrados.

Considerando que aquela era um a situação urgente, Manny assum iu o com ando do seu paciente que estava estendido no chão, exatam ente onde ele havia caído m ais cedo. O grande bastardo vestia couro preto da cabeça aos pés e estava com m uita dor, sua cabeça caiu para trás e apertava os dentes.

– Vou com eçar a trabalhar em você – disse Manny. – Tem algum problem a com isso.

– Não se conseguir im pedir m eu sangram ento.

– Considere feito. – Manny pegou um a tesoura. – Vou cortar a perna da calça prim eiro e tirar a bota.

– Botas de com bate – o cara gem eu.

– Tudo bem . Sej a lá com o a cham a, está sendo retirada.

Nada de desam arrar... cortou o cordão entrelaçado na frente da m aldita coisa e tirou aquilo de um pé que tinha o tam anho de um a m ala. Em seguida, o couro deslizou facilm ente saindo do cam inho até o quadril, caindo para os lados com o um a segunda pele.

– O que tem os, doutor?

– Um peru de Natal, am igo.

– Tão fundo assim ?

– Sim . – Não havia necessidade de m encionar que o osso estava exposto e que o sangue estava escorrendo num fluxo constante. – Tenho que m e lim par outra

vez. Já volto.

Depois que saiu da pia, Manny colocou um par de luvas, sentou-se e pegou um frasco de lidocaína.

O cara grande, loiro e ensanguentado o deteve.

– Não se preocupe com a dor, doutor. Costure-m e e cuide dos m eus Irm ãos, eles precisam m ais do que eu. Eu cuidaria disso sozinho, m as Jane não vai perm itir.

Manny parou.

– Você costuraria a si m esm o?

– Faço isso há décadas, antes m esm o do senhor ter nascido, doutor.

Manny balançou a cabeça e m urm urou:

– Desculpe, fortão. Não vou correr o risco de você se repuxar enquanto eu estiver trabalhando no seu vazam ento.

– Doutor...

Manny apontou a seringa direto no belo rosto do seu paciente.

– Cale-se e deite-se. Deve apagar com isso, então, não se preocupe... haverá m uito para contar e bancar o herói.

Outra pausa.

– Tudo bem , doutor, tudo bem . Não fique chateado. Pode apenas m e pular... e aj udá-los.

Era difícil não respeitar a lealdade do cara.

Trabalhando rápido, Manny anestesiou a área da m elhor m aneira possível, em purrando a agulha contra a carne sobre um círculo definido. Cristo, aquilo o levava de volta à faculdade de m edicina e, de um a m aneira estranha, trouxe-lhe de volta à vida, produzindo um efeito que as operações que vinha realizando ultim am ente não produziam m ais.

Aquilo era... a realidade no volum e m áxim o, e seria um im becil se não gostasse do som .

Agarrando um a pilha de toalhas lim pas, em purrou-as sob a perna e enxaguou o ferim ento com um líquido antisséptico. Quando o paciente assoviou e enrij eceu, disse:

– Calm a, garotão. Estam os apenas lim pando o ferim ento.

– Sem ... problem a.

Até parece. Manny desej ava poder fazer m ais para controlar a dor, m as não havia tem po. Havia fraturas expostas para lidar. Estabilizar. Seguir em frente.

Quando alguém gem eu e houve outra série de xingam entos soando a sua esquerda, Manny cuidou m ais um pouco da artéria; em seguida, cobriu o m úsculo e dirigiu-se para o tecido da coxa.

– Está indo bem – m urm urou quando notou que os punhos do paciente estavam fechados com força.

– Não se preocupe com igo.

– Certo, certo... seus irm ãos – Manny parou por um segundo. – Você está bem , sabe disso.

– Caram ba... – o lutador sorriu, m ostrando as presas. – Estou... perfeito.

Então, o cara fechou os olhos e recostou-se, a m andíbula estava tão tensa que era um m ilagre conseguir engolir a saliva.

Manny trabalhou o m ais rápido que pôde sem sacrificar a qualidade. E quando com eçou a lim par a linha de sutura com o auxílio de um a gaze, ouviu Jane gritar.

Virando a cabeça, m urm urou:

– Droga.

Na porta de entrada da sala de exam es, o m arido de Jane estava envolvido nos braços pelo cara do boné do *Red Sox*, parecendo que tinha sido atropelado por um carro: a pele estava pálida, os olhos eram m inúsculos na cabeça e... santo Deus, sua bota – bota de com bate – estava apontando para o lado errado.

Manny gritou para a enferm eira.

– Pode fazer um curativo nisso? – olhando para seu atual paciente, disse: – Tenho que dar um a olhada no...

– Vá – o cara deu um tapa no om bro dele. – E obrigado, doutor. Não vou esquecer isso.

Enquanto se dirigia para o recém -chegado, Manny teve de se perguntar se o cara do cavanhaque de boca grande perm itiria que ele o operasse. Porque aquela

perna... Parecia com pletam ente destruída m esm o observando rapidam ente do outro lado da sala.

A consciência de Vishous oscilava no m om ento em que Butch entrou na sala de exam e, carregando-o.

Aquela com binação de ferim entos no j oelho e no quadril ia além da agonia, adentrava outro território, e as sensações esm agadoras m inavam suas forças e seu processo cognitivo. Entretanto, não era o único que estava m al. Quando Butch

entrou cam baleando fraco pela porta, bateu a cabeça de V. contra o batente.

– Que inferno!

– Droga... desculpe.

– Não... é nada dem ais – V. disse ofegante quando a dor de cabeça com eçou a gritar, o cara poderia até harm onizá-la com um rock pesado estilo *Welcome to the*

Jungle.

Para calar o concerto do inferno, abriu os olhos e esperou um a distração.

Jane estava bem na frente dele, havia um a agulha de sutura em sua m ão ensanguentada e envolta por um a luva, seus cabelos estavam puxados para trás por um a faixa.

– Ela não – gem eu. – Ela... não...

Médicos nunca deveriam tratar seus com panheiros; era a receita para o desastre. Se seu j oelho ou quadril tivesse sofrido um dano perm anente, não

queria que aquilo pesasse na consciência dela. Deus era testem unha de que j á tinham problem as suficientes.

Manny parou em frente a sua *shellan*.

– Então, sou sua única opção. Não precisa agradecer.

Vishous revirou os olhos. Ótim o; que bela escolha.

– Você consente? – o hum ano perguntou. – Talvez queira pensar sobre isso um pouco, assim , suas articulações podem se recuperar assum indo a form a da perna de um flam ingo. Ou talvez sua perna gangrene e caia.

– Bem , que sej a... não é... um a negociação.

– E a resposta é...?

– Tudo bem . Sim .

– Coloque-o sobre a m esa.

Butch foi cuidadoso ao deitá-lo, m as m esm o assim , V. quase vom itou sobre os dois quando seu peso foi redistribuído.

– Filho da m ãe... – Assim que o xingam ento saiu dos seus lábios, o rosto do cirurgião apareceu sobre o dele. – Desculpe, Manello... não acho que queira... ser tão próxim o a m im ...

– Quer m e dar um soco? Tudo bem , m as espere até eu dar um j eito na sua perna.

– Não, estou... enj oado.

Manello balançou a cabeça.

– Preciso de analgésico aqui. Tragam -m e um pouco de Dem er...

– Dem erol não – V. e Jane disseram j untos.

Os olhos de V. dispararam na direção dela. Estava do outro lado, no chão,

inclinada sobre o estôm ago de Blay lock, costurando um corte m édio. Suas m ãos

eram firm es e seu trabalho absolutam ente perfeito; tudo nela traduzia a im agem

da com petência profissional, m enos as lágrim as que escorriam em seu rosto.

Com um gem ido, olhou para o lustre acim a dele.

– Pode ser m orfina? – Manello perguntou enquanto cortava a m anga da

j aqueta de m otoqueiro. – E não se incom ode em ser durão. A últim a coisa que

preciso é de você bufando enquanto vasculho o que há aqui em baixo.

Jane não respondeu dessa vez, então, V. o fez.

– Sim . Não tem problem a.

Quando um a seringa foi preenchida, Butch aproxim ou-se do cirurgião. Mesm o

com a respiração debilitada, o tira foi totalm ente am eaçador quando falou:

– Não preciso dizer para não ferrar com o m eu am igo, certo?

O cirurgião voltou-se para sua rotina de frasco, agulha e seringa.

– Não estou interessado em sexo no m om ento, m uito obrigado. Mas se

estivesse, com certeza não seria com ele. Então, em vez de se preocupar com

quem estou pegando, por que não faz um favor a todos nós e vai tom ar um

banho? Está fedendo.

Butch piscou. Então, sorriu um pouco.

– Você honra as calças que veste.

– E elas cobrem duas bolas feitas de bronze, tão grandes quanto os sinos de um a igrej a.

A próxim a coisa que V. soube foi que algum a coisa fria estava sendo esfregada na j unção do seu braço, em seguida, houve um a picada e, depois, com eçou a fazer um pequeno passeio, seu corpo transform ou-se em um a bola de algodão, m uito leve e arej ada. De vez em quando, a dor irrom pia, balançando-se em seu intestino e cravando as garras em seu coração. Mas nada estava ligado àquilo que

Manny fazia em sua lesão: V. não conseguia tirar os olhos de sua com panheira enquanto tratava dos Irm ãos.

Através do painel ondulado de sua visão, observou quando ela lidou com Blay e depois com Tohrm ent. Não conseguia ouvir o que ela dizia, pois seus ouvidos não estavam funcionando m uito bem , m as era evidente que Blay estava grato e Tohr pareceu se acalm ar apenas por sua presença. De tem pos em tem pos, Manello perguntava-lhe algum a coisa, ou Ehlena a detinha com um a pergunta, ou Tohr estrem ecia e ela fazia um a pausa para acalm á-lo.

Aquela era sua vida, não? Aquele processo de cura, a busca por excelência, a devoção perm anente a seus pacientes.

Seu dever para com eles a definia, não era isso?

E enxergá-la assim fez com que repensasse o que tinha acontecido entre ela e Pay ne. Se Pay ne estava tão disposta a tirar a própria vida, com certeza Jane teria tentado im pedi-la. E, então, quando ficou evidente que não conseguiria...

De repente, com o se soubesse que estava olhando para ela, os olhos de Jane fixaram -se nos dele. Estavam tão obscurecidos que não conseguia dizer qual era a cor deles e, por um m om ento, ela perdeu sua form a corpórea, com o se ele tivesse sugado a vontade de viver de dentro dela.

O rosto daquele cirurgião entrou no cam inho.

– Precisa de m ais analgésico?

– O quê? – V. perguntou com a sensação de que a língua estava grossa e seca.

– Você gem eu.

– Não... é... o j oelho.

– Não é apenas o j oelho.

– O quê...?

– Acho que deslocou o quadril. Vou tirar totalm ente as calças do cam inho.

– Que sej a...

Quando V. voltou a olhar para Jane, tinha apenas a vaga im pressão de que um a tesoura cortava os dois lados da sua calça, m as soube exatam ente quando o cirurgião tirou o couro por com pleto. O cara soltou um silvo agudo... que foi

rapidam ente encoberto.

Com certeza aquela reação não estava relacionada aos avisos tatuados no Antigo Idiom a.

– Desculpe, doutor – V. resm ungou, sem ter certeza do porquê estava se desculpando pela confusão que havia abaixo da sua cintura.

– Eu vou, hã... Vou cobri-lo. – O hum ano saiu e voltou com um cobertor que colocou sobre a parte inferior do abdôm en de V. – Só preciso exam inar suas articulações.

– Bem ... faça isso.

Os olhos de Vishous voltaram para Jane e viu-se pensando... se ela não tivesse m orrido e sido trazida de volta com o foi, será que chegariam a tentar ter um filho? Duvidava que pudesse gerar algum a coisa além de um orgasm o se considerasse o dano que seu pai havia lhe feito. E ele nunca quis ter filhos... ainda

não queria.

No entanto, ela teria sido um a ótim a m ãe. Era boa em tudo que fazia.

Será que sentia falta de estar viva?

Por que nunca havia perguntado isso a ela?

A volta do rosto do cirurgião interrom peu seus pensam entos.

– Seu quadril está deslocado. Vou ter que cuidar disso antes de trabalhar no j oelho, pois estou preocupado com sua circulação. Certo?

– Apenas m e conserte – V. gem eu. – Não im porta o que for preciso.

– Bom . Vou colocar o j oelho em um suporte tem porário. – O hum ano olhou para Butch que, apesar do pedido do banho, tinha se apoiado contra a parede a pouco m ais de m eio m etro de distância. – Preciso da sua aj uda. Não há m ais ninguém por perto com as m ãos livres.

O tira m ostrou-se bem disposto, j untando suas forças e se aproxim ando.

– O que quer que eu faça?

– Segure a bacia dele no lugar. – O hom em pulou sobre a m esa de aço inoxidável colocando-se em cim a das pernas de V., agachando-se para evitar bater a cabeça no lustre. – Vai ser um trabalho braçal... não existe outra m aneira de fazer isso. Quero que olhe para m im , e vou lhe m ostrar onde deve colocar as

m ãos.

Butch seguiu as instruções, deslizando e descendo as m ãos.

– Onde?

– Aqui. – V. teve a vaga sensação de um peso quente dos dois lados do quadril.

– Um pouco m ais para fora... direita. Bom .

Butch olhou para V. sobre o om bro.

– Está pronto para isso?

Que pergunta tola. Era com o perguntar se alguém estava pronto para um a colisão frontal.

– Vai fundo – V. m urm urou.

– Apenas concentre-se em m im .

E V. concentrou-se... observando as nódoas esverdeadas nos olhos cor de avelã do tira, os contornos daquele nariz quebrado e a barba por fazer.

Quando o hum ano agarrou a parte inferior da coxa de V. e com eçou a levantar, V. ergueu-se contra a m esa, sua cabeça caiu para trás, esticando o queixo.

– Calm a – o tira disse. – Concentre-se em m im .

Uh-hum , certo. Sentiu dor e, em seguida, m ais DOR. Aquilo era **DOR**.

Vishous esforçou-se para respirar, seus cam inhos neurológicos estavam repletos de sinais, seu corpo explodia m esm o com a pele intacta.

– Diga a ele para respirar – alguém disse. Provavelm ente o hum ano.

Sim , aquilo ia acontecer m esm o. Ou não.

– Certo, no três, eu vou forçar a articulação de volta no lugar, pronto?

V. não fazia ideia com quem o cara estava falando, m as se fosse com ele, não tinha com o responder. Seu coração pulava, os pulm ões eram com o pedras e seu

cérebro parecia Las Vegas com suas luzes noturnas e...

– Três.

Vishous berrou.

A única coisa que soou m ais alto foi o estalo do quadril sendo recolocado, por

assim dizer. E a últim a coisa que viu antes de se hospedar no Hotel da Inconsciência foi Jane virando-se em pânico. Havia horror puro nos olhos dela, com o se a pior coisa que ela pudesse im aginar fosse vê-lo em agonia...

E foi então que V. soube que ainda a am ava.

C A P ÍTU LO 32

Na mansão, no quarto de Qhuinn, não havia nada além de um silêncio avassalador... o que era norm al quando se j ogava um a bom ba, fosse real ou m etafórica.

Deus do céu, não conseguia acreditar que havia dito aquelas palavras: m esm o sabendo que apenas ele e Lay la estavam ali, sentiu com o se tivesse subido no topo de um edifício no centro de Caldwell e anunciado aos gritos a novidade.

– Seu am igo – sussurrou Lay la. – Blay lock.

O coração de Qhuinn congelou, m as depois de um m om ento, forçou-se a concordar.

– Sim . É ele.

Esperou por algum tipo de noj o ou careta ou... m esm o um choque. Por vir de onde vinha, sabia m uito bem o que era hom ofobia... e Lay la era um a Escolhida,

pelo am or de Deus, aquilo faria todo aquele bando m ais tradicional da *glymera* ficar com pletam ente encantado.

Aquele belo olhar perm aneceu em seu rosto.

– Acho que j á sabia. Vi com o ele olhou para você.

Bem , aquilo não existia m ais. E...

– Não lhe incom oda? Que sej a outro m acho?

Houve um a pequena pausa, e, então, a resposta que lhe deu transform ou-o de m aneira curiosa:

– Nem um pouco. Por quê?

Qhuinn teve de desviar o olhar. Pois tem ia que seus olhos estivessem brilhando.

– Obrigado.

– Pelo quê?

Tudo o que ele conseguiu fazer foi encolher os om bros.

Quem diria que a aceitação seria curiosam ente tão dolorosa quanto toda a rej eição que sem pre sofreu?

– Acho m elhor ir – disse asperam ente.

– Por quê?

Porque estava considerando seriam ente a ideia de encharcar o quarto e não queria dar um a de salgueiro chorão na frente de ninguém , nem m esm o dela.

– Senhor, está tudo bem – soava um a seriedade trem enda em sua voz. – Não o j ulgo se a pessoa por quem está apaixonado é m acho ou fêm ea... m as pela form a com o a am a.

– Então, deve m e odiar – Deus, por que será que sua boca ainda estava se m exendo? –, pois parti seu coração.

– Então... ele não sabe o que o senhor sente por ele?

– Não – Qhuinn estreitou os olhos na direção dela. – E não vai saber, ficou claro? Ninguém sabe.

Ela inclinou a cabeça.

– Seu segredo está seguro com igo. Mas sei bem com o ele olhou para o senhor. Talvez devesse dizer a ele que...

– Deixe-m e poupá-la de um a lição que aprendi da m aneira m ais difícil: algum as vezes é tarde dem ais. Ele está feliz agora... e m erece isso. Dane-se, quero que ele tenha am or, m esm o que eu estej a apenas observando isso de longe.

– Mas e quanto a você?

– Quanto a m im ? – Passou os dedos ao longo do cabelo e percebeu que tinha raspado tudo. – Ouça, chega... Só lhe disse isso tudo para que saiba que essa coisa

entre você e eu não é por não ser boa ou atraente o suficiente. Sinceram ente? Estou farto de estar com outra pessoa para fins sexuais. Não vou fazer m ais isso. Não m e leva a lugar nenhum ... sim . Parei com isso.

Que irônico. Agora que não estava com Blay, estava sendo fiel ao filho da m ãe.

Lay la atravessou o quarto, aproxim ando-se dele, e sentou-se na cam a, posicionando as pernas e alisando o m anto com m ãos pálidas e elegantes.

– Fico feliz por ter m e contado.

– Sabe... eu tam bém . – Estendeu a m ão e segurou a dela. – E eu tenho um a ideia.

– Mesm o?

– Am igos. Você e eu. Você vem até aqui, eu a alim ento e ficam os j untos. Com o am igos.

O sorriso dela foi incrivelm ente triste.

– Devo dizer que... sem pre soube que não se interessava por m im de um a m aneira especial. Foi m uito contido ao m e tocar e m ostrou-m e coisas que m e deixaram extasiada... m as sob a onda de paixão que senti, eu sabia...

– Tam bém não está apaixonada por m im , Lay la; sim plesm ente não está. Sente m uita coisa física e isso faz com que pense que é em ocional. O problem a é que o corpo precisa de m uito m enos que a alm a para se conectar.

Ela colocou a m ão livre sobre o coração.

– A dor está aqui.

– Porque você tem um a queda por m im . Mas vai passar, especialm ente quando conhecer o cara certo.

Deus, dê só um a olhada nisso; de prostituto a conselheiro de acam pam ento religioso em apenas um a sem ana. Próxim o passo: ser convidado por algum program a de variedades dedicado ao público fem inino.

Ele estendeu o braço.

– Tom e da m inha veia, assim , poderá ficar m ais deste lado e descobrir o que desej a na vida... não o que deve ser ou fazer, m as o que realm ente quer. Posso até aj udá-la, se puder. Deus sabe que sei m uito bem com o é estar perdido.

Houve um longo m om ento, e, então, aqueles olhos verdes voltaram -se para os dele.

– Blay lock... não sabe o que está perdendo.

Qhuinn balançou a cabeça com tristeza.

– Oh, ele sabe m uito bem . Pode acreditar.

Não foi fácil lim par tudo.

Enquanto Jane tirava um balde e um esfregão do arm ário de lim peza, deu um a olhada no que precisavam obter para repor todo o m aterial necessário: utilizaram

centenas de pacotes de gaze, o núm ero de agulhas restantes era um a piada, e estavam quase sem curativos...

Abrindo a porta da sala de exam es com o quadril, virou o balde com o esfregão e fez um a pausa. Havia sangue por todo o chão e tam bém nas paredes. Chum aços de gaze branca m anchadas de verm elho eram com o cotões do Freddy Krueger. Três sacos de lixo de risco biológico estavam tão cheios ao ponto de parecer que precisavam de um antiácido para o inchaço.

Meeeeeu Deus...

Observando aquilo tudo, percebeu que se Manny não estivesse com ela, poderiam ter perdido um dos Irm ãos. Rhage, por exem plo, poderia ter sangrado dem ais. Ou Tohr... pois o que parecia apenas um a lesão no om bro acabou m ostrando ser m uito, m uito m ais.

Manny acabou tendo de operá-lo. Depois de term inar a cirurgia em Vishous.

Fechando os olhos, apoiou a cabeça contra o cabo do esfregão. Com o fantasm a, não ficava exausta da m aneira com o costum ava: nada m ais de dores nem da sensação de que alguém tinha am arrado pesos de m usculação em seus dois tornozelos. Agora era sua m ente que se cansava, a ponto de ter de fechar os olhos para não ter de ver, nem fazer absolutam ente nada... com o se a placa-m ãe de seu cérebro precisasse ser desligada para esfriar. E ela dorm ia em seguida. E sonhava.

Ou... com o provavelm ente seria o caso de hoj e... não. De tem pos em tem pos a insônia ainda era um problem a...

– Vai precisar varrer prim eiro.

Levantando a cabeça, tentou sorrir para Manny.

– Acho que você está certo.

– Que tal deixar que eu cuide disso?

Sem chance. Não estava com pressa de se fechar na sala de recuperação e

ficar olhando para o teto. Além disso, Manny devia estar tão cansado quanto ela.

– Quanto tem po se passou desde que se alim entou pela últim a vez? – ela perguntou.

– Que horas são?

Ela olhou para o relógio.

– Um a hora.

– Da tarde?

– Sim .

– Um as doze horas ou m ais – ele pareceu ficar surpreso com isso.

Pegou o telefone sobre a m esa.

– Vou ligar para Fritz.

– Ouça, não precisa...

– Deve estar quase desm aiando.

– Na verdade, estou ótim o.

O ser hum ano não era assim . A m enos que... Ora, droga, ele parecia

energizado em vez de esgotado. Que fosse; ainda assim iria alim entá-lo.

O pedido que fez não dem orou m ais que um m inuto e Fritz ficou em ocionado

com a ordem . Geralm ente, depois da Últim a Refeição, o m ordom o e sua equipe

retiravam -se para um breve descanso antes da lim peza diária com eçar, m as

preferiam continuar trabalhando.

– Onde fica o arm ário da lim peza? – Manny perguntou.

– No corredor. À sua esquerda.

Enquanto ela enchia o balde com água sanitária e água, ele encontrou um a vassoura, voltou à sala e com eçou a cuidar das coisas.

Enquanto trabalhavam j untos, ela só conseguia pensar em Vishous. Durante a correria em tratar os Irm ãos, havia tanto em que se concentrar; m as agora, passando as tiras do esfregão pelo chão, era com o se toda a angústia que havia tido nos bastidores de seu cérebro se libertasse e corresse contra as suas grades de proteção m ental.

Qualquer pessoa menos ela.

Ela o ouviu dizer isso várias vezes; viu seu rosto pálido, seus olhos gélidos e a m aneira com o a deixou de fora.

Engraçado... a eternidade que lhe tinha sido concedida parecia ser a m aior bênção de todas. Até pensar nas eras que viveria sem o hom em que am ava.

Agora, era um a m aldição.

Para onde iria? Não poderia continuar no com plexo. Não se continuassem com o estranhos. Seria m uito difícil para todos...

– Aqui.

Jane pulou quando um tecido flutuou na frente de seu rosto. O pequeno quadrado branco estava pendurado nas pontas dos dedos firm es de Manny e ele o

balançou outra vez quando percebeu que ela apenas olhava para a coisa.

– Está chorando – ouviu ele dizer.

Apoiando a alça do esfregão na curva do cotovelo, apanhou o que tinha lhe oferecido e ficou surpresa ao descobrir que ele estava certo: quando retirou de seus olhos o lenço de papel e o observou, estava úm ido.

– Sabe? – Manny falou lentam ente. – Vê-la assim m e dá vontade de am putar a m aldita perna dele.

– Isso é culpa dele apenas em parte.

– Isso é o que você diz. Posso olhar para a situação da m aneira que eu quiser.

Ela ergueu o olhar.

– Tem outro desses?

Ele estendeu um a caixa e tirou m ais alguns. Enxugou. Enxugou. Um delicado assoar de nariz. Enxugou. Ela term inou a rápida crise de choro com um ... dois... três... lenços j ogados no lixo.

– Obrigada por m e aj udar. – Quando ela olhou para cim a, havia um olhar furioso em seu rosto e teve de sorrir. – Senti falta disso.

– Falta do quê?

– Dessa expressão enfurecida que usa com tanta frequência. Lem bro-m e dos bons e velhos tem pos. – Ela o encarou com firm eza. – V. vai ficar bem ?

– Se eu não acabar com ele por sua causa... sim .

– Tão gentil – e ela estava sendo sincera. – Você foi incrível hoj e.

Estava sendo sincera tam bém .

Manny colocou os lenços de papel ao lado, sobre o balcão.

– Você tam bém . Isso acontece m uito?

– Na verdade, não. Mas tenho a im pressão de que as coisas podem m udar.

Voltando ao trabalho, deu algum as passadas superficiais com o esfregão, sem conseguir m elhorar de fato a situação do piso, m as apenas espalhando o sangue pelo local. Daquela form a, teria m ais sorte se esguichasse o local com um a m angueira.

Poucos m inutos depois, houve um a batida na porta e Fritz colocou a cabeça para dentro.

– Sua refeição está pronta. Onde gostaria de j antar?

– Ele vai com er no escritório – Jane respondeu. – Na m esa. – Olhou para o antigo colega. – Melhor ir antes que esfrie.

O olhar de Manny foi o equivalente a um dedo do m eio estendido, m as ela apenas acenou, dando um tchauzinho.

– Vá. E descanse um pouco depois.

Só que ninguém dizia a Manny Manello o que fazer.

– Vou para lá em um m inuto – disse para o m ordom o.

Quando Fritz saiu, o antigo chefe de Jane colocou as m ãos sobre os quadris. E apesar dela j á se preparar para um a discussão, tudo o que ele disse foi:

– Onde está m inha m aleta? – Quando Jane piscou, ele deu de om bros. – Não vou forçá-la a conversar com igo.

– Então, virou um a nova página.

– Ponto para m im – ele acenou com a cabeça em direção ao telefone instalado na parede. – Tenho que verificar m inhas m ensagens e quero m eu m aldito celular de volta.

– Ah... certo. Seu carro deve estar estacionado na garagem . Basta seguir pelo corredor. Talvez estej a no Porsche.

– Obrigado...

– Está pensando em ir em bora?

– O tem po todo. – Ele virou-se e foi para a porta. – Só consigo pensar nisso.

Bem ... eram dois. Mas Jane nunca im aginou não estar ali, prova inegável de que não era m uito útil form ular um m onte de ideias brilhantes sobre o futuro.

C A P ÍTU LO 33

Tradicionalmente, na e entre os m em bros da *glymera*, quando alguém entra na casa de outra pessoa, um cartão de visitas é colocado sobre um a bandej a de prata, que é levada por um *doggen* até o anfitrião. O cartão deveria ter um único nom e e a linhagem listada, e o propósito era anunciar o visitante, enquanto, ao m esm o tem po, prestava-se um a hom enagem aos costum es sociais que m oldavam e definiam as classes m ais altas.

Mas, e quando alguém não conseguia escrever ou ler... ou, m ais obj etivam ente, quando alguém preferia m étodos de com unicação m ais diretos e m enos form ais?

Bem , então, esse alguém deixava corpos m ortos que ele m esm o havia assassinado em um beco para seu “anfitrião” encontrar.

Xcor levantou-se da m esa em que estava sentado e levou sua caneca de café com ele. Os outros estavam dorm indo e sabia que deveria se j untar a eles, m as não haveria descanso. Não naquele dia. Talvez, nem no dia seguinte.

Deixar aqueles *redutores* cortados ao m eio e contorcendo-se para trás foi um risco calculado. Se os hum anos os encontrassem ? Problem as, e m esm o assim , tinha valido a pena. Wrath e a Irm andade governavam aquele continente há m uito tem po e para que fim ? A Sociedade Redutora ainda persistia. A população de vam piros tinha se dispersado, e aqueles seres arrogantes, flácidos e irresponsáveis estavam por toda parte.

Xcor parou nas escadas do corredor e olhou em torno de suas acom odações perm anentes. A casa que Throe havia providenciado era de fato apropriada. Feita de pedra, era velha e afastada, dois itens im portantes que eram m uito apropriados para seus propósitos. Em algum m om ento da história, aquela casa deve ter sido palco de m uitos eventos, m as esse tem po havia passado assim com o sua distinção. Agora, era a som bra do que havia sido e tudo de que ele precisava:

paredes fortes, telhado resistente e com espaço m ais do que suficiente para

abrigar seus hom ens.

Não que alguém fosse frequentar aquelas salas do andar de cim a ou os sete quartos do segundo andar; apesar das pesadas cortinas puxadas sobre as j anelas, os incontáveis painéis de vidro precisavam ser revestidos de tij olos para que as coisas ficassem realm ente seguras durante o dia.

Na verdade, todos ficaram no subsolo, na adega.

Era com o nos bons e velhos tem pos, ele pensou, pois só nos tem pos m odernos que a concepção de acom odações separadas tinha criado raiz. Antes, com iam j untos, transavam j untos e repousavam com o um grupo, com o soldados deveriam fazer.

Talvez os obrigasse a perm anecer debaixo da terra. Juntos.

Ainda assim , não estava lá com eles, nem tinha estado. Im paciente e agitado, pronto para prosseguir, m as sem vítim as no m om ento, passava de quarto em quarto, todos vazios, espalhando a poeira com seu desej o de conquistar aquele novo m undo.

– Eu os encontrei. Todos eles.

Xcor parou. Deu m ais um gole em sua caneca. Virou-se.

– Com o você é inteligente.

Throe entrou no que antes havia sido um grande salão, m as que agora não era nada além de um lugar frio e vazio. O lutador ainda estava vestido com roupas de couro, só que, de algum a m aneira, tinha um a aparência elegante. Não era

surpresa: ao contrário dos outros, seu *pedigree* era tão perfeito quanto seus cabelos dourados e seus olhos azul cor de céu. Assim tam bém era seu corpo e seu sem blante: sem defeitos visíveis por dentro ou por fora.

No entanto, era um dos bastardos.

Quando o m acho lim pou a garganta, Xcor sorriu. Mesm o após todos esses anos j untos, Throe ainda não se sentia à vontade em sua presença. Que curioso.

– E... – Xcor solicitou.

– Há rem anescentes de duas fam ílias em Caldwell no presente m om ento. O que resta das outras quatro principais linhagens está espalhado por onde cham am de Nova Inglaterra. Assim , talvez alguns estej am de oitocentos a m il quilôm etros de distância.

– De quantas você é parente?

Lim pou a garganta m ais um a vez.

– Cinco.

– Cinco? Isso preencheria sua agenda social rapidam ente... planej a fazer algum as visitas?

– Sabe que não posso.

– Oh... é verdade. – Xcor term inou seu café. – Esqueci-m e que foi denunciado. Acho que terá que perm anecer aqui conosco, m eros pagãos.

– Sim . Terei.

– Hum m m – Xcor levou um m om ento para desfrutar do silêncio constrangedor. Só que, em seguida, o outro m acho estragou tudo.

– Não tem os m otivos para continuar – Throe disse. – Não som os da *glymera*.

As presas de Xcor foram expostas quando deu um sorriso.

– Preocupa-se dem ais com as regras, m eu am igo.

– Não pode convocar um a reunião com o Conselho. Não tem apoio.

– É verdade; no entanto, outra história pode lhes ser apresentada com um m otivo para a convocação. Não foi você m esm o quem disse que alguns boatos sobre o Rei com eçaram a circular após as invasões?

– Sim . Mas tenho plena consciência do que procura e o obj etivo final, na m elhor das hipóteses, é um a traição... e suicídio, na pior.

– Que m entalidade estreita, Throe. Mesm o com toda sua educação, tem um a grande falta de visão.

– Não pode depor o Rei... e com certeza não está pensando em tentar m atá-lo.

– Matá-lo? – Xcor ergueu um a sobrancelha. – Não quero um caixão com o cam a para ele. Não m esm o. Desej o-lhe um a longa vida... assim , poderá se revirar na lam a de seu fracasso.

Throe balançou a cabeça.

– Não sei por que o odeia tanto.

– Por favor – Xcor revirou os olhos. – Não tenho nada pessoal contra ele. É seu *status* que cobiço, pura e sim plesm ente. Vê-lo vivo enquanto sento-m e no

trono é apenas um tem pero adicional a m inha refeição.

– Às vezes... tem o que estej a louco.

Xcor estreitou os olhos.

– Garanto-lhe... Não estou nem furioso, nem louco. E pense com cuidado quando for expor com entários com o esse.

Era plenam ente capaz de m atar seu velho am igo. Hoj e. Naquela noite.

Am anhã. Seu pai o ensinou que soldados não eram diferentes de nenhum a outra arm a... e quando havia um risco de falharem ? Tinham de desaparecer.

– Perdoe-m e – Throe fez um a pequena reverência. – Minha dívida com você ainda perm anece, assim com o m inha lealdade.

Que coisa triste e patética. Apesar de ser verdade o fato de Xcor ter assassinado o m acho que havia contam inado a irm ã de Throe, aquilo havia sido um investim ento m uito rentável em term os de tem po e força em cam po, pois isso am arrou aquele lutador com firm eza e fidelidade j unto a ele. Para sem pre.

Throe vendeu-se para Xcor para que o ato fosse realizado. Naquela época, o m acho era covarde dem ais para com eter o assassinato com as próprias m ãos e, assim , infiltrou-se nas som bras para procurar o que nunca teria convidado para entrar sequer pela porta de serviço de sua m ansão. Ficou chocado quando o dinheiro oferecido foi recusado e j á estava saindo quando Xcor fez sua exigência.

A rápida lem brança de com o a irm ã dele havia sido encontrada foi o suficiente para que ele se com prom etesse.

E o treinam ento subsequente tinha feito m aravilhas. Sob a tutela de Xcor, Throe fortaleceu-se ao longo do tem po, com o aço forj ado no fogo. Agora era um assassino, e útil para fazer algo diferente além de brincar de estátua social em j antares e bailes.

Era um a vergonha que sua linhagem não visse a transform ação com o um a m elhoria... apesar do fato de seu pai ter sido um Irm ão, pelo am or de Deus. A fam ília deveria ficar grata. Infelizm ente, negaram o pobre filho da m ãe.

Isso fez com que Xcor lam entasse m uito todas as vezes que pensava sobre a situação.

– Vai escrever para ele – Xcor sorriu outra vez, as presas form igando, sentia o m esm o no pênis. – Vai escrever para todos eles e vai anunciar nossa chegada. Vai apontar suas perdas, lem brando-lhes das crianças e m ulheres que foram m ortas naquela noite de verão. Vai lem brar-lhes todas as reuniões que não tiveram com seu Rei. Expressará a devida indignação por conta disso e fará isso de um a m aneira que irão entender... pois é um deles. E, então, vam os aguardar...

até serm os convocados.

Throe curvou-se.

– Sim , m eu *lídher*.

– Enquanto isso, vam os caçar *redutores* e m anter um registro de nossa m atança. De m odo que, quando perguntarem sobre nossa saúde e bem -estar, o que a aristocracia certam ente fará, poderem os inform ar que apesar de terem m uitos cavalos de raça nos estábulos... um bando de lobos é o que precisam para guardar suas portas.

A *glymera* era inútil de m uitas m aneiras, m as tão previsível quanto um relógio de bolso: a autopreservação era o que m ovia suas m ãos, grandes e pequenas, a fazer o que fosse preciso, sem pre... e várias vezes.

– Melhor descansar – Xcor disse lentam ente. – Ou j á vai iniciar a caça de um de seus desviados? – Quando não houve resposta, franziu a testa para a resposta im plícita no silêncio. – Você tem um propósito que vai além de passar horas lutando. Os m ortos hum anos são um a preocupação m uito m enos im portante do que a vida de nossos inim igos.

– Sim .

Leia-se: Não.

– Não tarde buscando outras coisas, prej udicando assim o alcance de nossos obj etivos.

– Já o deixei algum a vez?

– Ainda há tem po, velho am igo. – Xcor olhou para o m acho por baixo das pálpebras sem icerradas. – Há sem pre tem po para que a natureza de seu coração m ole o coloque em apuros, e antes que discorde, posso lem brá-lo das

circunstâncias em que se encontra nos últim os dois séculos.

Throe enrij eceu.

– Não. Não precisa. Tenho plena consciência de onde estou.

– Bom – Xcor assentiu. – Isso é m uito im portante nesta vida. Vá.

Throe inclinou-se em reverência.

– Desej o-lhe um bom descanso, m eu *lídher*.

Xcor assistiu à partida do m acho e, quando se viu sozinho outra vez, o calor

intenso em seu corpo o irritou. A necessidade sexual era um a perda de tem po tão

grande, pois nem assassinava nem alim entava, m as em intervalos regulares, seu pênis precisava de algum a coisa diferente de um a sessão de luta.

Quando a escuridão preenchesse a noite, Throe teria de providenciar outra

coisa para o grupo de bastardos e, dessa vez, Xcor tam bém seria forçado a

utilizar-se disso.

Além do m ais, iriam precisar de sangue. De preferência que não fosse

hum ano, m as se tivessem de se contentar com isso por enquanto...

Bem , teriam apenas que se livrar dos corpos, não é m esm o?

C A P ÍTU LO 34

No centro de treinamento, Manny acordou na cam a do hospital, não na

cadeira. Depois de um a confusão m om entânea, as lem branças nebulosas

voltaram todas de um a vez: depois que o m ordom o tinha aparecido com a

com ida, Manny com eu no escritório, com o Jane disse para que fizesse... e lá, e

não em seu carro, estavam seu celular, carteira, chaves e m aleta. A pequena coleção de acessórios do Dr. Mannelo estava bem diante dele, sobre um a cadeira, e a ausência de segurança o surpreendeu, considerando com o tudo estava trancado.

Só que quando tentou ligar o celular, percebeu que seu chip havia desaparecido.

Estava disposto a apostar que precisaria de um a bom ba atôm ica para entrar ou sair daquela garagem sem a perm issão deles. Então, suas chaves eram inúteis. Maleta? Não havia nada dentro dela além de um a barra de cereais e alguns papéis que não tinham nada a ver com as instalações subterrâneas, com os vam piros, ou com Pay ne.

Achava que toda essa ausência de inform ação explicava o fato de ter apagado. Estava prestes a desistir de encontrar algum a explicação para tudo aquilo quando pensou em checar as m ensagens de voz, m as decidiu usar o telefone do escritório que estava perto de seu cotovelo. Pegando o aparelho, discou 9... o ruído do tom de discagem foi um choque total. Porém , quais eram as chances de alguém ser deixado ali sozinho sem vigilância? Quase nenhum a.

Exceto em um dia, quando noventa por cento dos m oradores tinham sido feridos em um a luta e os outros dez por cento preocupados com seus irm ãos.

Em pouco tem po, Manny executou três sistem as de m ensagem de voz: casa, celular e escritório. A prim eira tinha duas m ensagens de sua m ãe. Nada

específico... estava precisando de reparos na casa e tinha acertado o tão

com plicado nono buraco no golfe. Havia um a m ensagem do veterinário no

celular, que ele ouviu duas vezes. E do escritório... as m ensagens foram tão

desanim adoras quanto as notícias de Glory : havia sete m ensagens de colegas de

todo o país com um tom devastadoram ente norm al. Queriam que tirasse um a

licença e fizesse consultas ou escrevesse artigos para conferências ou abrisse um

espaço no seu program a de residência para encaixar os filhos ou algum am igo da

fam ília.

A triste verdade era que aqueles pedidos ficaram para trás, onde sua vida

realm ente estava; com o bancaria o m aioral para os pobres bastardos que

ligavam para ele agora? E se aqueles vam piros dessem um j eito no cérebro dele outra vez, não fazia ideia se restaria algum a coisa para pensar além de contar até

dez, quanto m ais se conseguiria operar um paciente ou adm inistrar o

departam ento cirúrgico. Não tinha com o saber em quais condições ficaria

quando saísse daquela situação...

O som de um a descarga fez com que se levantasse rapidam ente.

Quando a porta do banheiro se abriu, viu a silhueta de Pay ne ser contornada

pela luz atrás dela, seu corpo m aravilhoso estava envolto para nada m ais do que

um lençol transparente.

Santo... Deus...

Sua ereção m atinal com eçou a pulsar e aquilo fez com que desej asse ter dorm ido na m aldita cadeira. O problem a era que quando finalm ente voltou para cuidar dela, não teve forças para dizer não quando pediu para se j untar a ela.

– Você acordou – disse ela com voz rouca.

– E você está em pé. – Ele sorriu um pouco. – Com o estão as pernas?

– Fracas. Mas funcionam . – Olhou por cim a do om bro. – Gostaria de tom ar um banho...

Droga, do j eito que a coisa soou, ela estava procurando aj uda... e a m ente dele pensou logo nos dois separados apenas por um a cam ada de sabão.

– Acho que tem um banco lá dentro para se sentar. – Ele saiu pelo outro lado da cam a para que pudesse conter sua ereção na cintura de seu uniform e.

Aproxim ando-se dela, tentou lhe dar o m áxim o de espaço possível ao olhar a banheira.

– Sim , bem aqui.

Estendeu a m ão e ligou a água, então, aj eitou o banco.

– Vou arrum ar isso...

Ao olhar por cim a do om bro, congelou. Pay ne tinha desfeito os laços de sua bata de hospital e lenta e inexoravelm ente... deixou cair... de seus om bros.

Quando a ducha atingiu seu braço e com eçou a ensopar seu uniform e, engoliu em seco... e teve vontade de gritar quando ela ergueu as m ãos e protegeu os

seios.

Ela ficou assim , com o se estivesse esperando para ver o que ele ia dizer, e quando seus olhos se encontraram , seu pênis ficou tão enrij ecido que foi um m ilagre não ter rasgado suas calças.

– Pode soltar, *bambina* – ouviu-se dizendo.

E ela soltou.

Maldição, nunca pensou antes em adorar a lei da gravidade, m as poderia fazer isso agora: gostaria de se prostrar diante do altar de Newton e chorar com gratidão pela bênção que fazia todas as coisas caírem no chão.

– Olhe para você – ele rosnou, observando os m am ilos rosados ficarem excitados.

Sem seguir qualquer estím ulo ou pensam ento consciente, estendeu o braço m olhado e a agarrou, puxando-a contra sua boca, segurando-a com força enquanto sugava seu m am ilo em sua boca. Mas não precisava se preocupar em tê-la ofendido. As m ãos de Pay ne m ergulharam nos cabelos dele e o aninhou contra ela, curvando as costas até que ele a envolveu por com pleto e ela m ostrou-se toda nua e pronta para ser devorada.

Girando-a, desviou-a do foco de luz em que se encontrava e levou os dois para debaixo da ducha quente do chuveiro. Com o corpo dela ilum inado, ele abaixou-se, capturando com a língua a água quente que j orrava entre os seios e escorria pelo abdôm en de Pay ne.

Quando ela estendeu a m ão para se equilibrar, Manny a segurou, guiando-a para que ficasse segura sentada no banco. Arqueando-se, envolveu a nuca dela com a palm a da m ão e beij ou-a profundam ente enquanto pegava o sabonete e preparava-se para assegurar que ela ficasse m uito, m uito lim pa. Quando a língua

dela encontrou a dele, estava tão perdido na sensação dos m am ilos roçando contra seu peito e seus lábios contra os dele que sequer notou ou se im portou que

o cabelo estivesse em boçado em seu crânio de tanta água ou que sua roupa cirúrgica estivesse enrolada nele com o um film e plástico, colado ao corpo.

– Curandeiro... – ela arfou quando ele com eçou a ensaboar sua pele.

A parte superior de seu corpo ficava cada vez m ais escorregadia e quente enquanto as m ãos dele deslizavam por toda parte, do pescoço à base da coluna. E, então, com eçou a percorrer as pernas; em seguida, lavou os delicados pés e tornozelos, voltando a subir, passando pelas panturrilhas e atrás dos j oelhos.

A água os envolvia por toda parte, caindo entre eles, enxaguando-a assim que ele a ensaboava, o som do j ato caindo sobre o ladrilho abafado apenas pelos gem idos de Pay ne.

Cara, aquilo só ia ficar m ais alto.

Chupando seu pescoço, ele separou os j oelhos dela cada vez m ais, para colocar-se entre eles.

– Eu disse – ele a m ordeu de leve – que ia gostar da hora do banho.

Com o resposta, as m ãos dela lançaram -se sobre os om bros dele e as unhas foram cravadas na pele fazendo com que im aginasse se não era hora de pensar em estatísticas de beisebol, códigos postais... preço de autom óveis.

Eleanor Roosevelt.

– Estava certo, curandeiro – disse ela, ofegante. – Adoro isso, m as você está vestido dem ais.

Manny fechou os olhos ao estrem ecer, e, então, conseguiu assum ir controle suficiente sobre si para dizer.

– Não... estou bem assim . Apenas incline-se para trás e deixe-m e cuidar disso.

Antes que ela pudesse responder, selou a boca sobre a dela e em purrou-a contra a parede com seu peito. Para distanciá-la do assunto sobre ele ficar nu, deslizou as duas m ãos por dentro de suas coxas e correu a ponta dos dedos sobre seu sexo.

Quando sentiu o quanto estava m olhada – e m olhada de um a m aneira que não tinha nada a ver com a água e tudo a ver com o que ele desej ava envolver com a língua – afastou-se um pouco e olhou para baixo.

Que... inferno... estava tão pronta para ele, e, cara, a aparência dela... estava toda curvada para trás, com a água fazendo seus seios brilharem , lábios entreabertos e um pouco verm elhos por tê-la beij ado e as pernas bem abertas.

– Vai m e possuir agora? – ela gem eu com os olhos cintilando e as presas se alongando.

– Sim ...

Manny agarrou os j oelhos dela e desceu, colocando a boca onde seus olhos j á estavam fixos. Quando ela gritou, com eçou a agir com m ais firm eza e m ais rápido, engolindo o sexo dela, conduzindo-a com força, sem pedir desculpas por desej á-la tanto. Quando ela explodiu, sua língua entrou e sentiu tudo, os im pulsos,

a m aneira com o ela se m ovim entava contra seu queixo e nariz, o aperto rígido das m ãos dela sobre sua cabeça.

Não havia razão para parar por aí.

Com ela, tinha um a energia sem fim e sabia que, desde que suas roupas perm anecessem sobre sua pele, poderia continuar assim com ela... para sem pre.

Vishous acordou em um a cam a que não era a sua, m as não precisou de m ais que um nanossegundo para saber onde estava: na clínica. Em um a das salas de recuperação.

Depois de esfregar bem os olhos, observou ao redor. A luz do banheiro estava acesa e a porta, aberta, então, havia espaço suficiente para ver... e a prim eira coisa que se destacava era a m ochila no chão do outro lado do local.

Um a das suas m ochilas. Especificam ente, a que havia dado para Jane; no entanto, ela não estava ali – pelo m enos não naquele quarto.

Quando se sentou, sentiu com o se tivesse sofrido um acidente de carro; as dores se espalhavam por todo o corpo com o se fosse um a antena e todos os sinais

de rádio do m undo estivessem sendo em itidos para seu sistem a nervoso. Com um

gem ido, m udou de posição de m aneira que suas pernas penderam para fora da

cam a... e, então, teve de respirar um pouco.

Alguns m inutos depois, foi o caso de im pulsionar e rezar: im pulsionou seu peso

para fora do colchão e esperou que...

Bingo. As pernas aguentaram .

O lado que Manello havia tratado não estava exatam ente pronto para correr

um a m aratona, m as quando V. arrancou os curativos e fez algum as flexões, teve

de ficar im pressionado. As cicatrizes da cirurgia no j oelho j á estavam quase

com pletam ente curadas, não havia nada exceto um a linha de um tom rosa-claro

deixada para trás. Mas, m ais im portante, o que havia sob isso era totalm ente

m ágico: a articulação estava fantástica. Mesm o com a rigidez que ainda persistia, poderia dizer que estava funcionando perfeitam ente bem .

O quadril tam bém parecia novo.

Aquele m aldito cirurgião hum ano era um profissional m ilagroso.

Seguindo o cam inho até o banheiro, seus olhos passaram pela m ochila. As

m em órias de sua viagem à base de m orfina voltaram e ficaram m uito m ais

claras do que a verdadeira experiência tinha sido. Deus, Jane era um a m édica

espetacular. Na confusão das lutas noite após noite, tinha esquecido de que não

observava isso há algum tem po. Ela sem pre ia m ais além por seus pacientes.

Sem pre. E não tratava os Irm ãos tão bem por serem ligados a ele; não tinha nada

a ver com ele... aquelas pessoas lhe pertenciam naqueles m om entos. Ela trataria

exatam ente da m esm a m aneira civis, m em bros da *glymera*... até m esm o

hum anos.

Dentro do banheiro, entrou no chuveiro e, cara, o *box* parecia pequeno dem ais.

Ao pensar sobre Jane e sua irm ã, teve a terrível sensação de ter sido sim plista

dem ais com o que havia acontecido há duas noites. Não tinha parado para

considerar que poderia haver outro tipo de relacionam ento entre as duas fêm eas.

Pensou apenas nele e em sua irm ã... e nada sobre o relacionam ento

m édico/paciente.

Risque essa parte: pensou apenas nele. Não considerou nem um pouco Pay ne

e o que ela desej ava para sua vida. Ou o que Jane havia feito ou não para sua

paciente.

Em pé com a cabeça baixa e a água batendo na nuca, olhou para o ralo entre

seus pés.

Não era bom em pedir desculpas, ou conversar; m as tam bém não era um

covarde.

Dez m inutos depois, vestiu um a bata hospitalar e saiu m ancando pelo corredor

em direção ao escritório. Se sua Jane estivesse ali, achava que estaria dorm indo

debruçada sobre a m esa, considerando a quantidade de cam as que estavam ocupadas pelos Irm ãos nas salas de recuperação.

Ainda não fazia ideia do que lhe dizer sobre as roupas de couro, m as poderia, ao m enos, tentar fazer algo sobre Pay ne.

Só que o escritório estava vazio.

Sentando-se em frente ao com putador, levou m enos de quinze segundos para encontrar sua *shellan*. Quando ele instalou o sistem a de segurança da m ansão, do Buraco e de suas instalações, colocou câm eras em cada quarto que havia ali... exceto a suíte da Prim eira Fam ília. Naturalm ente, o equipam ento poderia ser desconectado facilm ente retirando-o da tom ada e, com o era de se esperar, os quartos de seus Irm ãos exibiam um a tela preta no m onitor do com putador.

O que era bom . Não havia necessidade de assistir as relações sexuais deles.

Contudo, o quarto de hóspedes decorado de azul da m ansão ainda estava sendo m onitorado e, sob a luz do abaj ur dos criados-m udos, viu a figura encolhida de sua com panheira. Jane tinha m orrido para o m undo, m as estava m uito claro que não descansava em paz: suas sobrancelhas estavam cerradas com o se seu cérebro tentasse desesperadam ente m antê-la dorm indo com o estava. Ou talvez estivesse sonhando com coisas que a assustavam em vez de algo prazeroso.

Seu prim eiro instinto foi ir até lá, m as quanto m ais pensava sobre isso, m ais percebia que a coisa m ais gentil que poderia fazer era perm itir que ela

continuasse deitada onde estava e deixá-la descansar. Ela e Manello tinham trabalhado por m uitas horas seguidas, englobando toda a m anhã. Além disso, ficaria em casa naquela noite: Wrath havia dado folga a todos em função de todos aqueles ferim entos.

Cristo... aquela m aldita Sociedade Redutora. Não tinham visto tantos assassinos em anos... e não estava pensando naquela dúzia que tinha aparecido na noite passada. Ao longo das últim as duas sem anas, estava disposto a apostar que Ômega havia transform ado um a centena daquelas coisas m alditas... e tinha a im pressão de que eram com o baratas: para cada um que via, havia outros dez escondidos.

O bom era que os Irm ãos eram letais. E Butch curou-se com relativa facilidade após cum prir suas tarefas com o *Dhestroyer*... inferno, Vishous sequer tinha sido capaz de cuidar do tira depois da operação. Não que tivesse se lem brado de fazer isso, m as m esm o assim .

Sufocado por tudo aquilo, apalpou os bolsos procurando seus cigarros artesanais... e percebeu que estava usando um a bata hospitalar: nenhum a possibilidade de fum ar.

Levantou-se da cadeira. Voltou ao corredor. E seguiu para onde estava.

A porta do quarto de Pay ne estava fechada e não hesitou em abri-la. Havia grandes chances de que o cirurgião hum ano estivesse lá com ela, m as não tinha com o o cara ficar para fora. Tinha salvado a pele dele.

Quando Vishous entrou, deveria ter prestado m ais atenção no cheiro que havia no ar. E talvez devesse fazer o m esm o para perceber que o chuveiro estava ligado. Mas estava chocado dem ais ao ver que a cam a estava vazia... e que havia

suportes e m uletas em um canto do quarto.

Se algum paciente estivesse paralisado... Precisaria de cadeiras de rodas, não de um equipam ento que auxiliava a m obilidade. Então... será que ela estava *andando*?

– Pay ne?

Aum entou o tom de voz:

– *Payne?*

A resposta que teve de volta foi um gem ido. Um gem ido profundo e satisfeito... O que não era o tipo de coisa que se evocava nem m esm o no m elhor banho possível.

V. atravessou o quarto e quase quebrou a porta quando invadiu o banheiro quente e úm ido. Mas que inferno, a cena diante dele era m uito pior do que pensava.

Entretanto, a ironia era que o que estavam ... Oh, Deus, não conseguia sequer expressar em palavras o que estavam fazendo... Mas aquilo salvava a vida do cirurgião: V. ficou tão horrorizado que teve de desviar o olhar e a rotina de avestruz o im pediu de rasgar um buraco do tam anho de um cano de esgoto no

pescoço de Manello.

Quando Vishous tropeçou ao sair, ouviu um a variedade de ruídos confusos no banheiro. E, então, percebeu que era o caso de debandar o m ais rápido possível: bateu na cam a, levantou-se outra vez, derrubou um a cadeira, apoiou-a na parede.

Nesse ritm o, encontraria a saída em um a sem ana. Ou m ais.

– Vishous...

Quando Pay ne aproxim ou-se dele, V. m anteve os olhos no chão e acabou tendo um a visão dos pés descalços de sua irm ã gêm ea. Então, ela havia recuperado a sensação nas pernas.

Uhúúúú!

– Por favor, poupe-m e de um a explicação – exclam ou antes de olhar para Manello. O filho da m ãe estava ensopado, cabelos grudados na cabeça, uniform e

agarrado ao corpo. – E *não* se afeiçoe a ela. Está aqui apenas até o m om ento de não precisar m ais de você... e se considerarm os com o ela está bem ? Não ficará por m uito m ais tem po...

– Com o *ousa*... eu escolho com quem m e acasalar.

Ele balançou a cabeça para sua irm ã.

– Então, escolha outra pessoa que não sej a um hum ano que tem a m etade de seu tam anho e um quarto de sua força. A vida aqui não é com o nas nuvens,

querida... e a Sociedade Redutora m arcou um alvo em seu peito assim com o no resto de nós. Ele é fraco, arrisca nossa segurança e precisa voltar para onde pertence... e perm anecer lá.

Bem , parece que aquilo deixou sua irm ã furiosa: seus olhos ficaram m uito centrados, as sobrancelhas negras caíram sobre os olhos, estreitando-se.

– Saia. Daqui.

– Pergunte a ele o que fez durante toda a m anhã – V. exigiu. – Espere... eu lhe digo. Ele costurou a m im e à Irm andade, pois estávam os tentando defender nossas fêm eas e nossa raça. Esse hum ano? Na m inha opinião, ele é um *redutor* em potencial... nada m ais, nada m enos.

– Com o ousa! Não sabe nada sobre ele.

V. inclinou-se para ela.

– E nem você. Esse é o ponto.

Antes que a coisa saísse de controle, virou-se para sair, apenas para visualizar um a cena deles no espelho da parede. Que bela im agem form avam : sua irm ã, nua e sem qualquer tim idez; o hum ano, ensopado e som brio; e ele, com um olhar selvagem e pronto para m atar alguém .

A raiva cresceu tão rapidam ente e chegou a um ponto tão alto que se liberou antes m esm o que ele pudesse reconhecer a em oção.

Vishous deu dois passos a frente, colocou a cabeça para trás e bateu o rosto no vidro, quebrando o m aldito reflexo e indo em bora.

Quando sua irm ã berrou e o cirurgião gritou, deixou-os à própria sorte e saiu.

No corredor, sabia exatam ente para onde estava indo.

No túnel, bastante ciente do que estava prestes a fazer.

Enquanto cam inhava, o sangue escorria pelo rosto até o queixo, as lágrim as verm elhas caíam pelo peito e abdôm en.

Não sentia dor algum a.

Mas, com um pouco de sorte, sentiria. Muito em breve.

C A P ÍTU LO 35

Q uando Payne se vestiu e saiu para o corredor, seu irm ão gêm eo j á havia partido. No entanto o sangue no chão indicou-lhe a direção que ele seguiu e ela acom panhou a trilha ao longo do corredor e do espaço envidraçado em que se lia

“Escritório”. No interior, as pequenas partículas verm elhas faziam um cam inho ao redor da m esa e desapareciam por um a porta; então, ela se aproxim ou a abriu...

Apenas um arm ário, nada além de um estoque de papéis e m aterial de escritório. Porém , havia m ais do que isso; tinha de haver. A trilha de gotas term inava em um a parede de prateleiras.

Tateando, procurou um a alavanca ou algum a coisa que se m ovesse, enquanto pensava na cena do espelho estilhaçado.

Tinha m uito m edo, não por ela, m as por Vishous... e o que ela havia lhe

induzido a fazer, outra vez. Ela queria ter um relacionam ento com seu irm ão, m as não assim ; nunca havia desej ado aquela interação tóxica.

– Procurando algum a coisa?

Olhou por cim a do om bro em direção a seu curandeiro. Parado na entrada do escritório, ainda estava m olhado, m as não pingava m ais e tinha um a toalha branca ao redor de seu pescoço. O cabelo curto e escuro estava desgrenhado, com o se tivesse esfregado para secar e deixado com o estava.

– Não consigo encontrar o cam inho. – Não só relacionado àquilo, m as a m uitas outras coisas.

Pay ne levou um bom tem po apenas olhando fixam ente para as pilhas de blocos de notas am arelos, caixas de canetas e fileiras de obj etos bem ordenados e alinhados com cuidado cuj a função Pay ne poderia apenas im aginar. Quando finalm ente desistiu e saiu, seu curandeiro ainda estava na entrada do escritório, ainda a encarava. Seus olhos estavam negros com a em oção, os lábios finos... e, por algum a razão, sua expressão fez com que ela percebesse com o estava totalm ente vestido.

Com o ele perm anecia com pletam ente vestido sem pre que se deitava com ela. Nunca perm itiu que ela o tocasse, não foi?

– Você concorda com m eu irm ão – disse ela com um tom som brio. – Não concorda?

Não era um a pergunta, e ficou surpresa quando ele assentiu.

– Não é um a coisa a longo prazo – disse com um a gentileza horrível. – Não para você.

– Então foi por isso que não tive o prazer do seu sexo.

As sobrancelhas de Manny ergueram -se brevem ente, com o se a sinceridade dela o incom odasse.

– Pay ne... não pode dar certo entre nós.

– Quem disse? A escolha é nossa quanto a quem ...

– Tenho um a vida para a qual preciso voltar.

Quando sua respiração ficou m ais tensa, ela pensou: com o era incrivelm ente arrogante. Nunca lhe ocorreu que ele tinha outro lugar para ir; por outro lado, assim com o seu irm ão havia apontado, quanto ela sabia sobre ele?

– Eu tenho fam ília – ele continuou. – Um trabalho. Um cavalo que preciso ver com o está.

Pay ne cam inhou até ele, aproxim ando-se com sua cabeça erguida.

– Por que chegou à conclusão de que só pode ser isso ou aquilo? Antes que tente, não gaste palavras dizendo que não m e desej a. Sei que é verdade... seu perfum e não nega.

Ele lim pou a garganta.

– Sexo não é tudo, Pay ne. E m esm o sentindo todo o prazer, não passa disso.

Com isso, outro calafrio percorreu o corpo de Pay ne, com o se houvesse um a brisa passando pela sala. Mas, então, balançou a cabeça.

– Você m e desej ou, curandeiro. Quando voltou e m e viu naquela cam a... seu arom a não tinha nada a ver com a condição em que eu m e encontrava, e é um covarde se fingir o contrário. Esconda-se se quiser, curandeiro...

– Meu nom e é Manny – ele retrucou. – Manuel Manello. Trouxeram -m e aqui para aj udá-la... e, no caso de não ter notado, está em pé. Então, eu aj udei. Agora? Estou apenas esperando para que sua gente m exa com m eu cérebro outra vez e prendam -m e de algum a m aneira para que eu não consiga separar o dia da noite e os sonhos da realidade. Este é o seu m undo, não o m eu, e existe *apenas* um a coisa ou outra.

Os olhos deles se encontraram e, naquele m om ento, com o se as instalações estivessem em cham as, ela sentiu que não poderia desviar o olhar... e percebeu que ele tam bém não.

– Se pudesse dar certo – ela disse com tom severo –, se perm itissem que entrasse e saísse quando bem entendesse, ficaria com igo?

– Pay ne...

– Minha pergunta é clara. Responda. Agora. – Quando as sobrancelhas dele se ergueram , não conseguia dizer se estava anim ada ou assustada com seu ím peto,

m as não se im portava com isso naquele m om ento.

– A verdade é o que é – balançou a cabeça lentam ente. – Seu irm ão não acha que...

– Dane-se m eu irm ão – ela rebateu. – Diga-m e o que *você* acha.

No silêncio tenso que se seguiu, ela percebeu o que tinha acabado de dizer e teve vontade de am aldiçoar outra vez. Abaixando a cabeça, olhou para o chão, não com brandura, m as sentindo-se frustrada. Fêm eas de valor não usavam palavras com o aquela e não pressionavam as pessoas nem por guardanapos de pano, m uito m enos por algo assim .

Na verdade, um a fêm ea adequada perm aneceria sob os cuidados do m em bro

m asculino m ais velho da fam ília, que controlaria todas as grandes decisões em sua vida, m oldando todo seu cam inho, desde onde m oraria até com quem se casaria.

Explosões. Sexo. Palavrões. Um pouco m ais disso e realizaria o desej o de Vishous, pois seu curandeiro – Manuel, esse era o nom e dele – a consideraria tão pouco atraente que iria im plorar para se afastar dela, sem m em ória algum a de seu tem po j untos.

Será que ela nunca se encaixaria no padrão fem inino de perfeição que era Lay la?

Esfregando os olhos, ela m urm urou:

– Vocês dois têm razão... só que pelos m otivos errados. Nossa relação não poderia dar certo nunca, pois não sou um a boa com panheira para nenhum tipo de m acho.

– O quê?

Cansada de tudo... dele, de seu irm ão, de si m esm a, de m achos e fêm eas em geral... Fez um breve gesto com o se estivesse dissipando algum a coisa no ar com a m ão e virou-se.

– Você diz que esse é m eu m undo? Pois está m uito errado; não pertenço a esse lugar m ais do que você.

– Do que diabos está falando?

Na verdade, ele poderia m uito bem ter um a im agem real das coisas ao sair

dali. Inferno. Olhou por cim a do om bro.

– Sou filha de um a deusa, Manuel. Um a divindade. Aquele brilho que provoca

em m im ? É a essência dela com o um a entidade. Isso é o que ela é. Quanto a

m eu pai? Não era nada além de um bastardo sádico que m e transm itiu o desej o

de m atar... isso não é um “dom ”. E quer saber o que fiz com isso? Quer? – Tinha

consciência de que o volum e de sua voz estava aum entando, m as estava m uito

pouco inclinada a se acalm ar. – Eu o m atei, Manuel. E por com eter tal crim e

contra m inha linhagem , por essa ofensa contra os padrões de com portam ento das

fêm eas, fui aprisionada e m antida assim por séculos. Então, você tem toda razão.

Vá... Faça isso agora; é o m elhor. Mas não pense que m e encaixo m elhor do que

você neste lugar.

Com outro resm ungo passou por ele e saiu para o corredor, acreditando que

Manuel se veria livre m uito em breve...

– Foi seu irm ão. Não foi?

As palavras calm as e baixas ecoaram pelo árido corredor, detendo não apenas

os passos de Pay ne, m as seu coração.

– Eu vi o estado dele – Manuel disse com um a voz profunda. – Existe algum a possibilidade de seu pai ter feito aquilo com o cara?

Pay ne virou-se lentam ente. Em pé, no m eio do corredor, seu curandeiro não m ostrava nem choque nem horror, apenas um a inteligência que j á esperava dele.

– Por que acha isso? – ela disse em um tom letal.

– Quando o operei, vi cicatrizes e ficou m uito claro que alguém tentou castrá-lo. Será que estou extrapolando? Pela m inha lim itada interação com ele, diria que

é sensível e agressivo dem ais com qualquer um que queira o m elhor para ele; então, ou foi atacado por um bando de loucos ou alguém o pegou em um

m om ento em que era m uito vulnerável. Acho que a últim a opção é a m ais provável, pois... bom , digam os que eu ficaria surpreso se abusos sexuais por parte

dos pais não acontecesse tam bém em m eio a sua espécie.

Pay ne engoliu em seco e levou um longo, longo tem po antes que ela conseguisse encontrar sua voz.

– Nosso pai... Suj eitou V. Ordenou um ferreiro tatuá-lo... e a usar um alicate.

Manuel fechou os olhos por alguns instantes.

– Sinto m uito. Sinto m uito... m esm o.

– Nosso pai foi escolhido para ser um tipo de senhor e reprodutor por sua agressividade e crueldade, e m eu irm ão foi entregue a ele quando era m uito

j ovem ... enquanto eu ficava no Santuário com nossa *mahmen*. Com o não tinha nada para passar m eu tem po, via o que acontecia aqui na Terra nas bacias da visão e... m eu irm ão foi abusado ao longo dos anos no cam po de guerra. Dizia isso a m inha m ãe de tem pos em tem pos, m as ela insistia em cum prir o acordo com Bloodletter. – Fechou os punhos com força. – Aquele m acho, aquele m aldito e sádico m acho... não era capaz de cuidar de filho algum , m as ela lhe garantiu um de nós para que concordasse em se acasalar com ela. Três anos depois que nascem os, ela abandonou Vishous à crueldade de nosso pai enquanto fazia o m áxim o possível para m e forçar a seguir um m odelo que nunca se encaixaria com igo, e, então, aquele últim o episódio de quando Vishous foi... – Lágrim as brotaram de seus olhos. – Não poderia m ais aceitar... não poderia m ais deixar de fazer algum a coisa. Desci até aqui e.. e cacei Bloodletter. Eu o detive no chão enquanto o queim ava até virar cinzas. E não m e arrependo disso.

– Quem a aprisionou?

– Minha m ãe. Mas a prisão foi apenas parcial, pois ele estava m orto. Algum as vezes eu achava que era m ais por ela sentir um a decepção trem enda com relação a m im . – Enxugou o rosto rapidam ente e secou a um idade dos dedos. – Mas chega disso, chega de... tudo isso. Vá agora... Vou falar com o Rei e enviá-lo

de volta. Adeus, Manuel.

Em vez de esperar que respondesse, saiu com rapidez passando por ele m ais um a vez...

– Sim , eu a desej o.

Pay ne parou e olhou sobre o om bro outra vez. Depois de um m om ento, ela disse:

– É um ótim o curandeiro e precisa exercer seu trabalho, com o teve toda razão em m encionar. Não tem os m ais m otivos para conversar.

Quando voltou a andar, os passos dele se aproxim aram com rapidez e a alcançou, girando-a.

– Se tivesse tirado m inhas calças, não conseguiria m e afastar de você.

– Mesm o?

– Dê-m e sua m ão.

Sem olhar, ela lhe ofereceu um a das m ãos.

– Por que...

Ele agiu rápido, colocando a palm a da m ão dela entre suas pernas e pressionando-a contra e extensão quente e dura que havia entre seus quadris.

– Você está certa – m oveu-se contra ela, seu pênis latej ava, a ereção pressionava a m ão dela quando ele com eçou a ofegar. – Mesm o se eu tentasse m e convencer do contrário, sabia que se ficasse nua, você perm aneceria virgem até o m om ento que a estendesse sobre a cam a. Nada rom ântico, m as real e

totalm ente verdadeiro.

Quando os lábios dela se abriram , seus olhos estenderam -se para a boca e ele rosnou.

– Pode sentir a verdade, não pode? Está na sua m ão.

– Não se im porta com o que eu fiz...?

– Quer dizer, quanto ao seu pai? – ele deteve a carícia e franziu a testa. – Não.

Para ser sincero, sou o tipo de cara adepto à lei de taliã[o*.](#) Seu irm ão poderia m uito bem ter m orrido com aqueles m achucados... Não im porta quão rápido sua gente pode se curar. Mas, indo direto ao ponto, estou disposto a apostar que essa relação pai e filho deve ter detonado a cabeça dele para o resto da vida... então, não, não tenho problem as com o que fez.

Justiça retaliatória, pensou quando as palavras dele infiltraram -se dentro dela.

Voltando a pressionar onde ele a havia induzido, retom ou o que tinha parado, fazendo m ovim entos para cim a e para baixo sobre o sexo dele, acariciando-o.

– Fico feliz por se sentir assim .

E aquilo era verdade de m uitas m aneiras: a ereção dele era deliciosa, tão rígida e contundente na ponta. Desej ava explorá-lo assim com o ele fez com ela...

com os dedos... a boca... a língua...

Manuel revirou os olhos lentam ente enquanto rangia os dentes.

– Mas... seu irm ão ainda está certo.

– Está...? – Ela curvou-se e lam beu os lábios. – Tem certeza?

Quando ela recuou, houve um m om ento escaldante quando os olhos deles se encontraram ... e, então, com um rugido, ele a girou e a em purrou contra a parede.

– Tenha cuidado. – ele rosnou.

– Por quê? – Mergulhou os lábios sobre o pescoço dele e arrastou um a presa lenta e inexoravelm ente ao longo de sua j ugular.

– Oh, droga... – Xingando desesperado, fixou os olhos nos dela, m antendo a palm a de sua m ão naquele lugar entre seus quadris, obviam ente tentando m udar o foco. – Ouça-m e. Por m ais que sej a bom o que existe entre nós... – ele engoliu em seco. – Muito bom ... Droga, olha, seu irm ão sabe o que está acontecendo... não posso cuidar de você da m aneira adequada e...

– Posso cuidar de m im m esm a. – Pressionou a boca contra a dele e sabia que o possuía quando seus quadris com eçaram a se m ovim entar para frente e para trás: ele poderia ter detido sua m ão, m as seu corpo estava m uito à vontade ali.

– Droga – ele rugiu. – Você m e desej a agora?

– Sim . Quero saber com o é.

Mais beij os. E em bora fosse ele quem estivesse agarrando-a e pressionando-a contra a parede, era ela a agressora.

Manny recuou, m as foi apenas o que pareceu, com um grande esforço.

Depois de respirar fundo várias vezes, disse:

– Perguntou-m e se eu ficaria com você se pudesse. Não tem nem o que pensar. Você é linda, *sexy* e eu não sei o que sua m ãe ou qualquer outra pessoa têm na cabeça com parando você com algum a coisa ou alguém . Nada se com para a você... de m aneira algum a.

Enquanto falava, estava m ortalm ente sério e era m uito sincero... e aquela aceitação foi generosa e única: ela nunca teve aquilo de ninguém . Mesm o o próprio irm ão queria negar-lhe a escolha do parceiro.

– Obrigada – ela sussurrou.

– Não é um elogio. As coisas são assim . – Manuel beij ou sua boca suavem ente e m anteve o contato.

– Mas o cara do cavanhaque ainda está certo, Pay ne.

– Cavanhaque... Cara?

– Desculpe. É um pequeno apelido que atribui a seu irm ão – ele deu de om bros. – Mas, de qualquer form a, acho m esm o que ele tem os m elhores interesses dentro daquele coração e você realm ente vai precisar de alguém que não sej a eu em longo prazo... Se eu posso ficar aqui ou não é apenas parte do problem a.

– Não a m eu ver.

– Então, precisa enxergar com m ais clareza. Vou m orrer em m ais ou m enos quatro décadas. Se tiver sorte. Quer m esm o assistir m eu envelhecim ento? Minha

m orte?

Ela teve de fechar os olhos e virar a cabeça apenas por pensar nele m orrendo.

– Deus... não.

No silêncio que se seguiu, a energia entre eles m udou, passando de algo sexual... para um tipo diferente de desej o. E com o se ele estivesse sentindo o m esm o que ela, colocou-a contra seu corpo, segurando-a com força entre seus braços fortes.

– Se existe um a coisa que aprendi com o m édico – disse ele –, é que a biologia prevalece. Você e eu podem os decidir fazer qualquer coisa, m as não podem os fazer nada para m udar as diferenças biológicas. Minha expectativa de vida é apenas um a fração da sua... no m áxim o, teríam os um intervalo de dez anos antes

que eu tivesse que entrar na terra do Viagra.

– O que é isso?

– É um lugar m uito, m uito flácido – disse ele secam ente.

– Bem ... eu iria até lá com você, Manuel. – Ela recuou um pouco para que pudesse observar aqueles belos olhos castanhos. – Sej a lá onde for.

Houve um breve silêncio, e, então, ele sorriu triste.

– Adoro a m aneira com o pronuncia m eu nom e.

Suspirando, colocou a cabeça sobre o om bro dele.

– E eu adoro dizê-lo.

Enquanto perm aneciam ali parados, um contra o outro, ela se perguntou se seria a últim a vez, e aquilo fez com que pensasse em seu irm ão. Estava preocupada com Vishous e precisava conversar com ele, m as ele havia optado por deixá-la sem m ostrar qualquer m aneira de encontrá-lo.

Que assim sej a. Por m ais difícil que fosse, deixaria Vishous partir por enquanto... e se concentraria no m acho que estava com ela.

– Tenho algo para lhe pedir – ela disse para seu curandeiro... Manuel, corrigiu-se.

– Diga.

– Leve-m e a seu m undo. Mostre-m e... se não tudo, pelo m enos algum a coisa.

Manuel se enrij eceu.

– Não sei se é um a boa ideia. Consegue ficar em pé sozinha apenas há doze horas.

– Mas sinto-m e forte e tenho m aneiras para lidar com a viagem . – Na pior das hipóteses, poderia se desm aterializar de volta ao com plexo: sabia, por ter visto nas bacias de visões, que seu irm ão tinha cercado as instalações com o *mhis* e aquilo era um ponto de referência que poderia ser encontrado facilm ente. – Confie em m im , não estarei em perigo.

– Mas com o poderíam os sair j untos?

Pay ne afastou-se de seus braços.

– Pode vestir seu corpo enquanto eu tom o conta de tudo. – Quando parecia que

ia argum entar, ela balançou a cabeça. – Não disse que a biologia sem pre vence? Muito bem ; m as eu lhe digo que tem os esta noite... por que desperdiçar isso?

– Mais tem po j untos... só vai tornar a partida m ais difícil.

Oh, aquilo doeu.

– Disse que m e faria um favor, está em suas m ãos. Sua palavra não é um com prom isso?

Os lábios dele se estreitaram . Mas, então, inclinou a cabeça.

– Está certo. Vou m e vestir.

Quando ele se dirigiu para o quarto, ela voltou para o escritório e pegou o telefone, enquanto Jane e Ehlena m ostravam -lhe com o fazer. Deu tudo certo ao discar... e o *doggen* m ordom o atendeu com um a voz alegre.

Aquilo tinha de funcionar, disse a si m esm a. Tinha de funcionar.

No Antigo Idiom a, ela disse:

Aqui é Payne, irmã de sangue de Vishous, membro da Irmandade da Adaga Negra, filho de Bloodletter. Gostaria de falar com o Rei, se pudesse me agraciar com tamanha cortesia.

Cuj a m áxim a diz “Olho por olho, dente por dente”. (N.P.)

C A P ÍTU LO 36

Q uando Vishous irrompeu no Buraco pelo túnel subterrâneo, teve de enxugar o rosto ensanguentado com a palm a da m ão para que pudesse continuar até o quarto. Considerava ter sido um a coisa boa conseguir acertar o espelho em

cheio,

pois isso significava que havia alguns cacos nele... m as, na verdade, não dava a m ínim a.

Quando chegou à porta de Butch e Marissa, bateu. Com força.

– Só um m inuto.

Butch não levou m uito tem po para abrir e ainda estava vestindo um roupão.

– O que é... – então, tudo o que conseguiu dizer foi: – Jesus Cristo... *V.*

Atrás do om bro do cara, Marissa sentou-se na cam a, faces verm elhas, os cabelos loiros em aranhados, as cobertas puxadas até os seios, e m antendo-as assim . A satisfação sonolenta logo foi substituída pelo choque.

– Deveria ter só telefonado. – V. ficou im pressionado com o tom calm o de sua voz e sentiu um gosto m etálico na boca enquanto falava. – Mas não sei onde está

m eu telefone.

Quando seu olhar encontrou o de seu m elhor am igo, sentiu-se um diabético desesperado por insulina. Ou talvez fosse m ais parecido com o vício da heroína ansiando por um a agulha. Não im porta a m etáfora, tinha de fugir de si m esm o ou

perderia a cabeça e acabaria com etendo algum ato crim inoso estúpido, com o pegar suas lâm inas e transform ar aquele cirurgião em carne para ham búrguer.

– Eu os peguei j untos – ouviu-se dizendo. – Mas não se preocupe. O hum ano ainda está respirando.

E, então, sim plesm ente ficou ali, a pergunta que veio fazer estava tão evidente quanto o sangue em seu rosto.

Butch olhou para sua *shellan*. Sem hesitar, ela assentiu, os olhos tristes e gentis com preendiam bem que V. estava em ocionado... m esm o naquele estado entorpecido.

– Vá – disse ela. Cuide dele. Eu te am o.

Butch assentiu. Provavelm ente gesticulou com a boca um “eu te am o” de volta para ela. Em seguida, olhou para V. e m urm urou rispidam ente:

– Espere no pátio. Vou pegar o Escalade... e um a toalha do banheiro, tudo bem ? Está parecendo o m aldito Freddy Krueger.

Quando o tira foi até o arm ário para tirar o roupão e se vestir, V. olhou para a *shellan* do m acho.

– Está tudo bem , Vishous – ela disse. – Vai ficar tudo bem .

– Não ansiava por isso. – Mas precisava fazer antes que se tornasse um perigo letal para si m esm o e para os outros.

– Eu sei. E eu tam bém te am o.

– És *uma bênção sem medida* – pronunciou no Antigo Idiom a.

E, então, fez um a reverência para ela e se afastou.

Quando o m undo voltou a entrar em foco algum tem po depois, V. viu-se sentado no banco do passageiro do Escalade. Butch estava atrás do volante e considerando a m aneira com o o tira lidava com os pedais, j á tinham percorrido um a boa distância: as luzes de Caldwell não estavam m ais distantes, m as por

toda

parte, brilhando nas j anelas da frente e laterais do autom óvel.

O silêncio no carro era tenso com o um punhal e tão denso quanto um tij olo. E m esm o aproxim ando-se do destino, V. teve problem as em com preender a viagem que estavam fazendo. No entanto, não tinha volta. Para nenhum dos dois.

Estacionaram na garagem do Com m odore.

Motor desligado.

Duas portas se abrindo... duas portas se fechando.

E, em seguida, subiram pelo elevador, que pareceu com o a viagem do com plexo até o Com m odore: nada se encaixava na m ente de V.

A próxim a coisa que percebeu foi Butch usando a chave de cobre para abrir a cobertura.

V. entrou prim eiro e acendeu as velas com a força de sua vontade. No instante em que as paredes e teto negros foram ilum inados, passou do m odo zum bi para o totalm ente ligado, seus sentidos intensificaram -se a ponto de seus passos soarem com o bom bas caindo e o som da porta trancando-os ali dentro parecer o de um prédio caindo.

Cada respiração que dava era um a raj ada de vento. Cada batida de seu coração era com o o golpe de um boxeador. Cada porção de saliva que engolia era um porre que passava por sua garganta.

Era assim que seus subm issos se sentiam ? Com aquele form igam ento tão vívido?

Parou próxim o a sua m esa. Nenhum casaco para tirar; nada além da bata hospitalar cobria suas costas.

Atrás dele, a presença de Butch pairava tão grande com o um a m ontanha.

– Posso usar seu telefone? – V. perguntou asperam ente.

– Aqui.

V. virou-se e apanhou com a m ão enluvada o BlackBerry que lhe foi j ogado.

Selecionando a opção de criar um a nova m ensagem , escolheu o contato *Dra. Jane* na agenda.

Seus dedos se acalm aram nesse m om ento. Seu cérebro estava entupido de em oções, os gritos que precisava soltar ficavam no cam inho e transform avam sua circunspecção usual em um conj unto sólido de barras de aço que o prendiam dentro de si m esm o.

Por outro lado, era por isso que estavam ali.

Xingando em voz baixa, cancelou a tela de texto vazia.

Quando foi devolver o celular, Butch estava perto da cam a, tirando um de seus casacos de couro; nada de j aquetas de m otoqueiro na rotina do tira inativo... O casaco que costum ava vestir ia até o quadril e encaixava-se perfeitam ente em seu peitoral. O m aterial era com o m anteiga dentro de um a nuvem m acia. Algo que V. conhecia por j á ter segurado a coisa algum as vezes. O cara não relutava

ao fazer aquilo, e estava tirando pelas razões certas: não havia m otivo para m anchar de sangue um a roupa com o aquela.

Quando V. colocou o telefone na cam a e se afastou, Butch dobrou o casaco com m ãos cuidadosas e precisas e quando apoiou o couro, era com o se estivesse deitando um filho sobre o edredom negro. Em seguida, aqueles dedos fortes e firm es puxaram as calças pretas para cim a e aj eitaram a cam isa de seda preta.

Silêncio.

E não do tipo em que as pessoas sentiam -se confortáveis.

Vishous olhou para os painéis de vidro instalados ao redor da cobertura e observou o reflexo de seu m elhor am igo.

Depois de um m om ento, o tira virou a cabeça.

Os olhos deles encontraram -se no vidro.

– Vai continuar vestindo isso? – Butch perguntou com um tom obscuro.

Vishous alcançou o laço que havia em sua nuca e puxou os dois cordões que uniam a bata. Em seguida, fez o m esm o na cintura. Quando a roupa deslizou de seu corpo, o tira observou do outro lado da sala a coisa cair ao chão.

– Preciso de um a m aldita bebida – Butch disse.

No bar, o cara serviu-se de um a dose de uísque. E de outra. Então, deixou o copo de lado, pegou a garrafa e bebeu com vontade.

Vishous perm aneceu onde estava, a boca aberta, a respiração disparando para

dentro e para fora dele enquanto continuava concentrado na figura de seu m elhor

am igo.

Butch apoiou a garrafa, m as continuou segurando-a, a cabeça baixa com o se

tivesse fechado os olhos.

– Não tem que fazer isso – disse V. com voz rouca.

– Sim ... eu tenho.

A cabeça do policial ergueu-se e, então, ele se virou.

Quando finalm ente avançou, deixou a bebida no bar e parou ao se posicionar

atrás de Vishous. Estava perto... perto o suficiente para que o calor de seu corpo

fosse facilm ente percebido.

Ou talvez fosse o próprio sangue de V. com eçando a ferver.

– Quais são as regras? – disse o tira.

– Não existem . – Vishous endireitou sua postura e se preparou. – Faça o que quiser... m as tem que acabar com igo. Tem que m e despedaçar.

No com plexo, Manny trocou outro conj unto de uniform e cirúrgico. Se as

coisas continuassem assim , poderia com prar ações da m aldita loj a especializada

naquele tipo de roupa. Ou de um a indústria de m áquinas de lavar.

No corredor, apoiou-se contra o m uro de concreto e encarou seus tênis. Não

achava que as solas poderiam anim á-lo... tinha a im pressão de que ele e Pay ne

não iam a lugar algum . Ao m enos, não j untos.

Filha de um a divindade.

Eeeeeee... aquilo não im portava para ele. Poderia ser a filha de um avestruz que não dava a m ínim a im portância.

Esfregando o rosto, não conseguiu decidir se ficava im pressionado consigo m esm o ou com m edo de ter aceitado tão bem as novidades. Provavelm ente era m ais saudável ficar todo chocado, incrédulo e dizendo “oh, Deus, não!”; contudo, seu cérebro fluiu bem com tudo aquilo... o que significava que ou era realm ente flexível com aquilo que considerava realidade ou sua m assa cinzenta tinha caído em um estado de aprendizado im potente.

Provavelm ente era a prim eira opção, pois, apesar de tudo, sentia-se com o... droga, sentia-se m elhor do que nunca: apesar de ter operado por doze horas seguidas e dorm ido em um a cadeira durante parte da noite – ou dia, não im portava a hora –, o conj unto corpo e m ente estava forte, saudável e afiada com o um a tacha. Mesm o quando se esticou, não houve rigidez... ou estalos ou rangidos. Era com o se estivesse em férias há um m ês, fazendo m assagens e sessões de ioga de frente para o m ar. Não que j á tivesse feito sequer algum as daquelas posições m ais fáceis da ioga.

Eeeeeeeeeeee naquele m om ento, um a im agem realm ente fabulosa e m uito suj a de Pay ne surgiu em sua m ente. Quando seu pênis enrij eceu-se todo alegre para cham ar a atenção, pensou que não seria um a boa ideia levá-la para fazer

um *tour* em , digam os, seu quarto. Na verdade, pensando nos últim os acontecim entos, que envolviam ele de j oelhos... seu banheiro tam bém estaria fora dos lim ites. Será que deveria evitar côm odos cobertos por telhado? Então, sua cozinha não era um a boa. A entrada do apartam ento tam bém não...

Pay ne saltou para fora do escritório e trazia sua m aleta e outras coisas com ela.

– Estam os livres!

Com toda a graça de um a atleta, correu para ele, os cabelos se

m ovim entavam atrás dela, seu andar era tão natural quanto as ondas negras caindo de sua cabeça.

– Estam os livres! Estam os livres!

Quando ela pulou em seus braços, ele a pegou e a girou no ar.

– Eles nos deixaram ir? – disse ele.

– De fato! Tem os autorização para pegar seu autom óvel e sair daqui. Enquanto entregava as coisas dele, sorria tanto que suas presas ficaram expostas. – Pensei que precisaria disso. E o telefone funciona agora.

– Com o sabe que são m inhas coisas?

– Têm o seu perfum e. E Wrath m e contou sobre o cartãozinho que m eu irm ão rem oveu.

Coisas de telefone. Mas o fato dela ter reconhecido as coisas dele pelo cheiro o excitou, lem brando-lhe exatam ente o quanto estiveram próxim os...

Certo, hora de parar com aquele film e.

Ela colocou a m ão no rosto dele.

– Sabe de um a coisa?

– O quê?

– Gosto da m aneira com o olha para m im , Manuel.

– Mesm o?

– Faz com que eu pense nos m om entos em que sua boca estava sobre m im .

Manny gem eu e quase perdeu a firm eza. Então, para evitar que as coisas

saíssem do controle, colocou o braço em volta da cintura dela.

– Vam os lá. Vam os sair antes que percam os a oportunidade.

O sorriso de Pay ne era tão despreocupado que, por algum m otivo, aquilo

dividiu o peito dele com m uita força e expôs as batidas de seu coração. E isso foi

antes dela se inclinar e beij ar sua bochecha.

– Está excitado.

Manny olhou para ela.

– E você está brincando com fogo.

– Eu gosto de ficar quente.

Manny soltou um a risada alta.

– Bem , não se preocupe... você é quente.

Quando chegaram à saída de em ergência, ele colocou a m ão sobre a barra.

– Isto realm ente vai abrir?

– Tente e descubra.

Inclinou-se sobre a barra... e a trava foi liberada, os painéis de m etal pesado se abriram .

Quando não viu vam piros com arm as e facões correndo na direção deles e surgindo por todos os lados, ele balançou a cabeça.

– Com o conseguiu isso?

– O Rei não está feliz. Mas não sou um a prisioneira aqui, j á sou adulta e não há razão para que não m e perm itissem deixar o com plexo.

– E no final da noite... o que vai acontecer? – Quando a alegria dela dim inuiu, ele pensou “Uh-hum , foi assim que ela conseguiu”. Tecnicam ente, ela estava o escoltando para casa... Aquele era o adeus.

Ele acariciou o cabelo dela para trás.

– Está tudo bem . Está... tudo bem , *bambina*.

Ela pareceu engolir com dificuldade.

– Eu não deveria pensar no futuro, nem você. Tem os horas e horas pela frente.

Horas. Nada de dias, sem anas ou m eses... ou anos. Horas.

Deus, não se sentia livre.

– Vam os lá – disse ele, saindo e pegando a m ão dela. – Vam os fazer valer a pena.

Seu carro estava estacionado nas som bras à direita e quando chegou até lá,

encontrou a coisa aberta. Mas, vam os lá, até parece que ninguém ia sequer verificá-lo.

Abriu a porta do passageiro.

– Deixe-m e aj udá-la a entrar.

Pegando o braço dela com o um cavalheiro, acom odou-a e, em seguida, estendeu o cinto de segurança sobre ela, encaixando-o no lugar.

Quando os olhos dela percorreram o interior do carro e suas m ãos acariciaram as laterais do banco, ele percebeu que aquele poderia ser seu prim eiro passeio de carro. E com o aquilo era bom .

– Já esteve em um desses antes? – perguntou.

– De fato, não.

– Bem , irei devagar.

Ela pegou a m ão dele quando se endireitou no banco.

– Isso anda rápido?

Manny riu um pouco.

– É um Porsche. Ser rápido é a função dele.

– Então, você deve nos levar contra o vento! Será com o na época em que eu cavalgava!

Manny tirou um a foto m ental da felicidade selvagem que havia em seu rosto: ela resplandecia... e não no sentido etéreo, sim plesm ente por sentir a alegria de

viver.

Ele inclinou-se e beij ou-a.

– Você é tão linda.

Ela agarrou o rosto dele.

– E eu lhe agradeço por isso,

Oh, m as nada daquilo se devia a ele. O que a ilum inava era a liberdade, a saúde, o otim ism o... e ela não m erecia nada m enos na vida.

– Quero que conheça alguém – ele desabafou.

Pay ne sorriu para ele.

– Então, dirij a, Manuel. Leve-nos pela noite.

Depois de um m om ento olhando-a um pouco m ais... foi exatam ente isso o que fez.

C A P ÍTU LO 37

Parado nu na cobertura, Vishous esperou por algum a coisa... qualquer coisa. Em vez disso, Butch afastou-se e desapareceu na cozinha. Quando foi deixado ali com sua solidão, V. fechou os olhos e praguej ou. Foi um a m á ideia; não se pedia a um bom garoto católico para brincar com os tipos de brinquedos que V...

O ataque veio por trás, rápido e seguro.

Foi um golpe de luta livre m odificado e executado m uito bem : dois braços enorm es envolveram seu peito e quadris, detendo-o e j ogando-o contra a parede próxim a à m esa de trabalho, que foi quando o golpe de luta “livre” aconteceu:

cada centím etro dele sentiu o im pacto. No entanto, nada de voltar para trás, nada

de ricochetear.

Estava preso no lugar pela nuca e pelo traseiro.

– Braços sobre a cabeça.

Aquele rosnado foi com o um a arm a na nuca e V. esforçou-se para obedecer ao com ando, lutando contra a pressão que prendia seus dois braços na frente do peito. O lado direito foi liberado prim eiro... e no instante em que seu pulso foi exposto, foi agarrado e preso em um a algem a. Isso tam bém aconteceu com o lado esquerdo e m uito rápido.

Por outro lado, tiras eram bons com aquele acessório de aço.

Houve um a rápida trégua, quando foi capaz de respirar um pouco. Em seguida, o som das correntes de m etal sendo agitadas ao longo de um a engrenagem anunciou para onde as coisas estavam indo: para cim a.

Gradualm ente, seu peso foi retirado de seus pés e carregado para suas articulações e braços. A subida parou pouco antes da ponta dos dedos deixarem o chão com pletam ente... e, então, ficou ali pendurado, de frente para as j anelas, o ar entrava e saía com dificuldade de seus pulm ões enquanto ouvia Butch m ovendo-se atrás dele.

– Abra a boca.

Com o com ando, V. abriu largam ente seu m axilar, a articulação produziu um

estalo, os cantos dos olhos enrugaram , seus cortes faciais reviveram com um coro de uivos.

Um a m ordaça foi puxada para baixo ao longo de sua cabeça e encaixou-se onde deveria; a bola foi pressionada contra suas presas e forçou a boca a se abrir ainda m ais. Com um rápido puxão, as cintas de couro apertaram -se ao longo da nuca e a fivela foi presa com força até ficar cravada no couro cabeludo.

Foi um a com binação perfeita: a suspensão e o confinam ento asfixiante cum priram sua função, estim ulando sua adrenalina e fazendo seu corpo ficar tenso de m uitas m aneiras diferentes.

O colete de aram e farpado foi o próxim o, a peça encaixada no tronco, não colocada sobre os om bros, as pontas de m etal no interior do couro afundaram em sua pele. Butch com eçou com a alça que havia próxim a ao esterno e, em seguida, iniciou um a sequência de puxões, apertando m ais forte, m ais forte, m ais forte... Até que desde a caixa torácica de V. até seu abdôm en e o topo dos quadris sentia círculos concêntricos de pura dor que form igaram sua coluna, lançando-se direto aos receptores nervosos de seu cérebro e deixando seu pênis duro com o rocha.

O oxigênio silvou em suas narinas quando houve um a breve calm aria sem que tocasse em nada e, em seguida, Butch voltou com quatro cintas de borracha.

Para um am ador, tinha ótim os instintos: tanto a bola da m ordaça quanto o colete

tinham anéis de aço inoxidável pendurados em cada centím etro de sua extensão,

e era evidente que o tira ia dar um bom uso a todos eles.

Trabalhando com afinco, Butch fez ganchos com os acessórios da m ordaça e

esticou a borracha para baixo, fixando-o na frente e atrás do colete.

O que, na prática, prendeu a cabeça de Vishous para frente.

Então, Butch balançou-o no ar e fez um pequeno m ovim ento de carrossel com

ele. Naquele estado de im obilidade, foi difícil entender o que estava acontecendo,

e não levou m uito tem po para que não tivesse certeza se ainda estava em

m ovim ento ou se era a sala que girava: as coisas passavam um a após a outra, o

bar, a porta, a m esa de trabalho... Butch... a cam a, as j anelas de vidro... em

seguida, voltava para o bar, a porta, a m esa... e Butch...

Que tinha cam inhado até as correntes e cintas penduradas.

O tira perm anecia ali, olhos fixos em Vishous.

Com o um trem parando na estação, a rotação foi ficando cada vez m ais lenta

até que parou com pletam ente... com os dois encarando um ao outro.

– Você disse que não tinha regras – disse Butch com os dentes cerrados. –

Ainda é assim ?

Sem possibilidade de assentir ou balançar a cabeça, V. fez o possível com seus

pés, m ovendo-os para cim a e para baixo sobre o chão.

– Tem certeza?

Quando repetiu o m ovim ento, os olhos de Butch brilharam sob a luz das velas...

com o se houvesse lágrim as neles.

– Certo – disse com voz rouca. – Se é assim que tem que ser, assim será.

Butch lim pou o rosto, virou-se para a parede e foi em direção aos brinquedos.

Quando aproxim ou-se dos chicotes, V. im aginou a franj a com pontas afiadas

cravando em suas costas e coxas... m as o tira continuou a cam inhar. Em seguida,

estavam os chicotes de nove cordas e V. podia sentir as pontas açoitando sua

carne... m as Butch não parou. Depois, vinham os clipes de m am ilo e as algem as

de aço inoxidável com aram e farpado que poderiam ser colocadas nos

tornozelos, nos antebraços, na garganta...

Quando o cara foi passando por cada seção, Vishous franziu a testa,

perguntando-se se o tira estava apenas provocando e com o aquilo foi

inexpressivo...

Porém , Butch parou. E estendeu a m ão em direção ao...

V. gem eu e com eçou a se debater contra os elos que o prendiam no alto. Os

olhos se abriram , fez o possível para im plorar, m as não havia com o m ovim entar

a cabeça e possibilidade algum a de falar.

– Disse que não havia lim ites – Butch disse um tanto sufocado. – Então, é assim

que vam os fazer.

V. teve espasm os nas pernas e seu peito com eçou a gritar por falta de oxigênio.

Não havia orifícios na m áscara que o tira havia escolhido, nem para os olhos,

nem para os ouvidos ou para a boca. Feita de couro e costurada com fios de aço

inoxidável finos, a única form a de conseguir oxigênio era através de dois painéis

de m alha laterais posicionados na parte de trás da peça, então, não havia com o

entrar qualquer facho de luz... e o ar que circulava passava pela pele quente e

apavorada antes de entrar pela boca e descer pelos pulm ões. V. tinha com prado o

acessório, m as nunca o havia utilizado antes: só o m antinha por que o apavorava,

e só isso j á era razão suficiente para possuí-lo.

Ter sua visão e audição roubadas era a única coisa garantida que poderia fazer

Vishous perder a cabeça e foi exatam ente por isso que Butch pegou a m áscara.

Sabia m uito bem os botões que devia pressionar... sentir dor física era um a

coisa... m as tortura psicológica era bem pior, e, portanto, m ais eficaz.

Butch cam inhou lentam ente ao redor dele e saiu de vista. Com m ovim entos

furiosos V. tentou reposicionar-se para enfrentar o cara, m as os dedos dos pés

m al conseguiam tocar o chão... que foi outro ato bem -sucedido da estratégia do

tira. Lutar, contorcer-se e chegar a lugar algum apenas aum entava o terror.

De um a só vez, as luzes se apagaram .

Debatendo-se incontrolavelm ente, Vishous tentou lutar, m as era um a batalha perdida: com um rápido m ovim ento, a m áscara foi apertada ao redor de seu pescoço, de m aneira segura, e não ia a lugar algum .

A asfixia m ental instalou-se im ediatam ente. Não havia oxigênio, não passava nada, nada...

Sentiu algo em sua perna. Algo longo, fino e frio, com o um a lâm ina.

Ficou totalm ente im óvel, a ponto de seus esforços anteriores ainda o m anterem oscilando para frente e para trás com as correntes acim a dele, seu corpo era um a estátua suspensa por cadeias de m etal.

A respiração de V. dentro do capuz era com o um rugido em seus ouvidos enquanto se concentrava na sensação abaixo da cintura: a faca viaj ava lenta e inexoravelm ente para cim a e, enquanto subia, m ovia-se pela parte interna da coxa.

Atrás dela, um a trilha úm ida brotava e escorria sobre os j oelhos.

Sequer sentiu a dor do corte enquanto a lâm ina dirigia-se para seu sexo: as im plicações eram com o um m aldito golpe no seu botão de destruição.

Em um lam pej o, passado e presente m isturaram -se, a alquim ia inflam ada pela adrenalina pulsava em cada um a de suas veias. Num instante, foi arrastado de volta ao longo dos anos até a noite em que os m achos de seu pai o seguraram sob o com ando suj o de Bloodletter. As tatuagens não foram o pior de tudo. E lá estava, acontecendo outra vez; apenas sem os alicates.

Vishous gritou através da m ordaça... e continuou gritando. Gritou por tudo que havia perdido... gritou pelo m eio hom em que era... gritou por Jane... gritou por quem eram seus pais e pelo que desej ava para sua irm ã... gritou pelo que forçou seu m elhor am igo a fazer... gritou e gritou até não ter m ais fôlego para isso, nem consciência, nem nada.

Nenhum passado ou presente.

Nem ele m esm o existia m ais.

E, no m eio do caos, da m aneira m ais estranha, libertou-se.

Butch soube o m om ento exato que seu m elhor am igo desm aiou. Não apenas pelo fato de que seus pés suspensos ficaram im óveis. Foi o repentino relaxam ento da m usculatura. Não havia m ais qualquer esforço naqueles braços enorm es, nem naquelas coxas sólidas. O grande peito não ofegava m ais. Não havia m ais tendões tensos nos om bros ou nas costas.

Im ediatam ente, Butch afastou a colher que havia pegado na cozinha das pernas de V. e tam bém parou de escorrer água m orna do copo que havia pegado no bar.

As lágrim as em seus olhos não o aj udaram a soltar o capuz e libertá-lo. Nem aj udaram a rem over o sim ples esquem a de im obilização. E lutou especialm ente ao tirar a m ordaça.

O colete foi terrível para ser rem ovido, m as, apesar do desespero que sentia para libertar logo V., era m uito m ais fácil soltar as coisas quando se tinha um a carga em ocional para lidar com tudo aquilo. Logo, o Irm ão estava sangrando, m as livre.

Sobre a parede, Butch soltou o guincho e abaixou o trem endo corpo inanim ado de V. Não houve sinais de que a m udança de altitude tenha sido percebida e o chão sofreu um im pacto apenas quando as pernas soltas dele desm oronaram e seus j oelhos dobraram -se enquanto o m árm ore erguia-se para saudar suas nádegas e o tronco.

Houve m ais sangue quando Butch tirou as algem as.

Deus, seu am igo estava acabado: as tiras da m ordaça tinham deixado vergões verm elhos em seu rosto; o dano feito pelo colete m ostrou-se ainda m ais generalizado e, ainda por cim a, os pulsos estavam rasgados de form a irregular. Além de tudo isso, o rosto do cara estava em péssim o estado, por tê-lo colidido com o que quer que fosse..

Por um m om ento, tudo o que conseguiu fazer foi acariciar os cabelos escuros de V. com as m ãos que trem iam com o se tivesse algum a doença. Então, olhou para o corpo do am igo, a m ancha abaixo da cintura, o sexo flácido... as cicatrizes.

Bloodletter era um desgraçado sem m edida por torturar seu filho com o havia feito. E a Virgem Escriba era um a estúpida inútil por ter deixado isso acontecer.

E Butch quase tinha m orrido por ter usado esse passado horrível para atingir

seu am igo com toda força. Só que não queria atingir V. fisicam ente... não era um

covarde, m as não teria estôm ago para isso. Além disso, a m ente era a arm a m ais

poderosa que qualquer um possuía contra si m esm o.

Ainda assim , as lágrim as escorreram em seu rosto enquanto pegava a colher e

a passava pela parte interna da perna... pois sabia exatam ente o efeito instantâneo

que aquilo provocaria. E tinha plena consciência de que a água m orna

solidificaria de fato o deslocam ento do presente.

Os gritos foram abafados pela m ordaça e pelo capuz... ainda assim , aquele

som em udecido havia perfurado os ouvidos de Butch com o nada m ais poderia.

Levaria um longo, longo tem po até conseguir se recuperar daquilo: toda vez

que fechasse os olhos, tudo o que conseguiria ver seria o corpo de seu m elhor

am igo debatendo-se em espasm os.

Esfregando o rosto, Butch levantou-se e cam inhou até o banheiro. Foi até as

prateleiras do arm ário e pegou um a pilha de toalhas pretas. Deixou algum as

secas; outras, um edeceu com água quente na pia.

Voltando a se colocar ao lado de Vishous no chão, lim pou o sangue e o suor do

m edo que escorria do corpo de seu m elhor am igo, virando-o de um lado a outro

para que não deixasse nada para trás.

A lim peza levou um a boa m eia hora. E várias viagens de ida e volta até a pia.

A sessão durara apenas um a fração disso.

Quando term inou, reuniu todo aquele trem endo peso de V. em seus braços e levou o cara para a cam a, deitando sua cabeça contra os travesseiros de cetim preto. O banho de esponj a, tal com o havia sido, deixou a pele de V. arrepiada; assim , Butch cobriu o Irm ão, soltando os lençóis da cam a e esticando-os sobre ele.

A cura j á com eçava a acontecer, a carne arranhada ou cortada estava se regenerando e apagando as m arcas que haviam sido feitas.

Isso era bom .

Quando se afastou, parte de Butch queria deitar na cam a e abraçar seu am igo. Mas não faria isso consigo m esm o... e, além disso, se não saísse dali e se em bebedasse logo, iria enlouquecer.

Quando teve certeza de que V. estava bem , pegou seu casaco, o qual teve de j ogar no chão para instalar o am igo...

Espere, as toalhas sangrentas e a bagunça lá fora.

Movendo-se rapidam ente, lim pou o chão e, em seguida, pegou a carga úm ida e pesada e levou tudo para o cesto do banheiro, o que fez com que quisesse saber quem realizava as tarefas dom ésticas. Talvez fosse Fritz... ou talvez V. cum prisse sozinho a rotina de em pregada feliz.

De volta à sala principal, verificou outra vez que todas as evidências tinham

desaparecido, m enos o copo e a colher... e, então, saiu dali para ver se V. ainda estava dorm indo... ou naquele estado de sem icom a.

Duro. Frio. Apagado.

– Vou buscar o que realm ente precisa – Butch disse suavem ente, perguntando-se se conseguiria respirar direito outra vez... seu peito parecia tão apertado quanto

o de V. esteve há pouco tem po. – Aguente firm e, cara.

Em seu cam inho até a porta, tirou o celular para discar... e deixou cair a

m aldita coisa.

Hum . Parece que as m ãos dele ainda estavam trem endo. Vej a só.

Quando em determ inado m om ento pressionou a tecla para *send*, rezou para que a cham ada fosse...

– Está feito – disse em tom áspero. – Venha para cá. Não, acredite... ele vai precisar de você. Isso foi feito por vocês dois. Não... sim . Não, estou saindo agora. Bom . Certo.

Depois que desligou, trancou V. e cham ou o elevador. Enquanto esperava, tentou colocar seu casaco e atrapalhou-se tanto com a cam urça que desistiu e j ogou-a sobre o om bro. Quando as portas soaram e se abriram , entrou, apertou o

botão onde se lia S... e desceu, desceu, desceu de m aneira equilibrada e perfeita graças à caixinha de m etal que era o elevador.

Mandou um a m ensagem para sua *shellan* ao invés de telefonar por duas

razões: não confiava na própria voz e, para ser franco, não estava pronto para responder às perguntas que ela fatal e j ustificadam ente faria.

Td ok. Indo p casa descansar. Amo vc. Bj. B.

A resposta de Marissa foi tão rápida que ficou evidente que o telefone estava em suas m ãos enquanto ela esperava por notícias: *Tb te amo. Estou no Safe Place,*

mas posso ir para casa.

O elevador abriu as portas e o cheiro doce de gasolina disse-lhe que tinha chegado a seu destino. Enquanto se dirigia para o Escalade, enviou um a m ensagem de volta: *Não, sério, estou bem. Fique e trabalhe... estarei* lá quando term inar.

Estava pegando as chaves quando o telefone soou.

Certo, mas se precisar de mim, saiba que é a coisa mais importante.

Deus, tinha um a fêm ea de m uito valor.

O mesmo para você. Bj, ele digitou em resposta.

Desativando o alarm e do carro e destrancando a porta do m otorista, entrou, fechou a porta e voltou a trancá-la.

Deveria com eçar a dirigir. Em vez disso, apoiou a testa sobre o volante e respirou fundo.

Ter um a boa m em ória era um a habilidade superestim ada, e em bora não invej asse em nada Manello e todo aquele processo de apagar as coisas da m ente do cara, Butch daria qualquer coisa para se livrar daquelas im agens em sua

cabeça.

Contudo, não apagaria V. Não apagaria aquele... relacionam ento.

Nunca desistira do m acho. Jam ais.

C A P ÍTU LO 38

– Aqui, achei que ia gostar de um pouco de café.

Quando José de la Cruz colocou a bebida da Starbucks na m esa de seu parceiro, sentou-se na cadeira do outro lado da m esa.

Veck devia estar se sentindo com o um a vítim a de acidente de carro, considerando que estava com as m esm as roupas de quando deu um a de personagem do film e *Missão Impossível* no capô daquele carro na noite anterior. Em vez disso, o filho da m ãe conseguia, de algum a form a, parecer resistente e não surrado.

Assim , José estava disposto a apostar que as outras seis xícaras de café consum idas pela m etade em volta do com putador foram trazidas por várias m oças do departam ento.

– Obrigado, cara. – Quando Veck pegou a m ais recente oferta de bebida quente, seus olhos não saíram da tela do com putador... era bem provável que estivesse pesquisando os arquivos de pessoas desaparecidas e puxando casos com m ulheres entre dezessete e trinta anos.

– O que está fazendo? – José perguntou assim m esm o.

– Pessoas desaparecidas – Veck esticou-se na cadeira. – Notou quantas pessoas

entre dezoito e vinte e quatro anos foram listadas aqui ultim am ente? Hom ens, não

m ulheres.

– Sim . O prefeito está tentando organizar um a força-tarefa.

– Há m uitas garotas tam bém , m as, Cristo, o que está acontecendo é um a

epidem ia.

No corredor, dois policiais de uniform e passaram por eles, José e Veck

cum prim entaram os oficiais. Depois que os passos se distanciaram , Veck lim pou

a garganta.

– O que o pessoal da unidade de Assuntos Internos diz? – Não era um a

pergunta, e aqueles olhos azuis escuros estavam fixos no banco de dados. – É por

isso que veio, certo?

– Bom , tam bém para entregar o café; m as parece que j á cuidaram de você.

– Foi o pessoal da recepção no andar de baixo.

Ah, sim . As duas Kathy s, Brittany, que se escrevia “Britnae”, e Theresa. Todas

elas deviam achar que o cara era um herói.

José pigarreou.

– Acontece que o fotógrafo j á tem algum as acusações de assédio pendentes

contra ele, pois tem o hábito de aparecer em lugares onde não é bem -vindo. Ele

e o advogado dele querem que tudo isso desapareça, por que outra invasão de cena de crim e não vai ser m uito boa para ele. O pessoal dos Assuntos Internos

está tom ando depoim entos de todos e, m oral da história, foi apenas um a sim ples

tentativa de agressão de sua parte... nada grave. Além disso, o fotógrafo disse que

se recusa a cooperar com a prom otoria contra você se for o caso.

Provavelm ente porque acha que isso vai aj udá-lo.

Finalm ente, aqueles grandes olhos m udaram de foco.

– Graças a Deus.

– Não se anim e.

Os olhos de Veck se estreitaram ... m as não por estar confuso. Sabia

exatam ente qual era a situação.

Ainda assim , não perguntou, apenas esperou.

José olhou em volta. Às dez da noite, o Departam ento de Hom icídios estava

vazio, em bora os telefones ainda estivessem tocando e alguns ruídos surgissem

aqui e ali até o correio de voz atender. No corredor, a equipe de lim peza

ocupava-se com aspiradores, o zum bido das m áquinas vinha de longe, do

laboratório da perícia.

Portanto, não havia razão para não falar sem rodeios.

Mesm o assim , José fechou a porta. Voltando-se para Veck, sentou-se outra vez

e pegou um clipe de papel, traçando um a pequena im agem invisível sobre a

tam pa da m esa de m adeira falsa.

– Perguntaram -m e o que eu achava de você. – Deu um leve golpe sobre as têm poras com o clipe. – Psicologicam ente. Queriam saber o quanto você é estável.

– E você disse...?

José apenas deu de om bros e ficou quieto.

– Aquele filho da m ãe estava tirando fotos de um *cadáver*. Para *ganhar dinheiro*...

José ergueu a m ão para interrom per o protesto.

– Não terá argum ento. Dane-se, todos nós queríam os dar um soco nele. Porém , a questão é... se eu não o detivesse... até onde você iria, Veck?

Isso produziu outro franzir de testa no cara.

E então tudo caiu em um grande silêncio. Silêncio m ortal. Bem , exceto pelos telefones.

– Sei que leu m eus arquivos – Veck disse.

– Sim .

– Bem , certo, *não* sou m eu pai – as palavras foram pronunciadas de m aneira baixa e lenta. – Eu nem cresci com o cara. Mal o conhecia e não tenho nada a ver com ele.

Traduzindo: Às Vezes Você Tem Sorte.

Thom as DelVecchio tinha várias coisas a seu favor: tirou as notas m áxim as em

sua especialização em Direito Crim inal... o prim eiro da classe na academ ia de polícia... seus três anos na patrulha foram im pecáveis, e tinha tão boa aparência

que nunca havia com prado o próprio café.

Mas era filho de um m onstro.

E essa era a raiz do problem a que tinham . Considerando o lado bom e correto

das coisas, não era j usto lançar os pecados do pai em volta do pescoço do filho. E

Veck estava certo: em suas avaliações psicológicas, obteve resultados tão norm ais

quanto qualquer outra pessoa.

Então, José o aceitou com o parceiro sem pensar um segundo em quem era seu

pai.

Aquilo havia m udado desde a noite passada e o problem a foi a expressão no

rosto de Veck quando se atirou em direção ao fotógrafo.

Muito frio. Muito calm o. Com o se aquilo não o afetasse m ais do que se tivesse

puxado o anel de um a lata de refrigerante.

Tendo trabalhado no Departam ento de Hom icídios durante quase toda sua vida

adulta, José conheceu m uitos assassinos. Tinha os caras dos crim es passionais que

descontavam sua fúria em um hom em ou um a m ulher; havia os tipos estúpidos,

cuj as m entes estavam repletas de drogas, álcool e da violência das gangues; e,

por fim , os psicopatas sádicos que precisavam ser presos com o cães raivosos.

Todas essas variações do tem a causavam tragédias inim aginá veis para as fam ílias de suas vítim as e para a com unidade. Mas não eram os únicos que deixavam José acordado durante a noite.

O pai de Veck havia m atado vinte e oito pessoas em dezessete anos... e esses núm eros referiam -se apenas aos corpos encontrados. O desgraçado estava no corredor da m orte naquele m om ento, há m ais de duzentos quilôm etros dali, na cidade de Som ers, Connecticut, e prestes a tom ar a inj eção letal, apesar de toda a apelação de seu advogado. Mas qual era a im portância de tudo aquilo? Thom as DelVecchio, pai, tinha um fã-clube – internacional. Com cem m il am igos no Facebook, propagandas em cafeterias e bandas *death-metal* com pondo m úsicas sobre ele, o cara era um a celebridade infam e.

Caram ba, Deus era testem unha de que toda aquela droga fazia José enlouquecer. Aqueles idiotas que idolatravam o filho da m ãe deveriam fazer o trabalho dele por um a sem ana. Queria saber se ainda achariam os assassinos legais na vida real.

Se as coisas continuassem com o estavam , nunca chegaria a conhecer DelVecchio, o velho, pessoalm ente, m as j á havia assistido m uitos vídeos de vários prom otores e entrevistas de departam entos de polícia. Por fora, o cara parecia bem lúcido e tão calm o quanto um instrutor de ioga. Agradável tam bém .

Não im portava quem estivesse na frente dele ou o que fosse dito para deixá-lo furioso, ele nunca se inflam ava, nunca vacilava, nunca se abatia, nunca dava um a indicação de que algum a coisa im portava.

Só que José havia detectado algo em seu rosto... assim com o alguns outros profissionais: de vez em quando, exibia um brilho nos olhos que fazia José recorrer a sua cruz. Era o tipo de coisa que um garoto de dezesseis anos pode ter quando vê um carro sofisticado passando ou um a garota de corpo bonito e com um belo traseiro vestindo um a blusa que m ostra a barriga. Era com o a luz do sol brilhando em um a lâm ina afiada... um breve lam pej o de luz e prazer.

No entanto, isso era tudo o que tinha dem onstrado. Foi tal evidência que o convenceu; nunca seu testem unho.

E *aquele* era o tipo de assassino que deixava José olhando para o teto enquanto sua m ulher dorm ia ao lado dele. DelVecchio pai era esperto suficiente para perm anecer no controle e cobrir seus rastros. Era independente e engenhoso. E im placável com a m udança das estações... celebrava o Halloween m as com o se estivesse em um universo paralelo: ao invés de um a pessoa norm al com um a m áscara, era um dem ônio por trás de um rosto sim pático e bonito.

Veck parecia-se m uito com seu pai.

– Ouviu o que eu disse?

Ao som da voz do garoto, José voltou a se concentrar.

– Sim , ouvi.

– Então, é aqui que term ina nossa parceria... – Veck disse drasticam ente. – Está dizendo que não quer m ais trabalhar com igo? Supondo que eu ainda tenha um trabalho.

José voltou para seu desenho com o clipe de papel.

– A unidade de Assuntos Internos lhe dará um a advertência.

– Sério?

– Disse a eles que sua cabeça está no lugar que deveria estar – José disse depois de um m om ento.

Veck lim pou a garganta.

– Obrigado, cara.

José continuou a m over o clipe, o ruído do obj eto arranhando a m esa era bastante alto.

– A pressão neste trabalho é assassina – Nesse m om ento, encarou bem os olhos de Veck. – Não vai ficar m ais fácil.

Houve um a pausa. Então, seu parceiro m urm urou:

– Não acredita no que disse, não é m esm o?

José deu de om bros.

– O tem po dirá.

– Por que diabos salvou m eu trabalho, então?

– Acho que deve ter um a chance para corrigir seus erros... m esm o que não

sej am seus, de fato.

O que José guardou para si foi que não era a prim eira vez que tinha um parceiro com ... coisas para acertar fora do trabalho, digam os assim .

Sim , e vej a com o Butch O'Neal havia term inado: desaparecido.

Provavelm ente m orto, apesar daquilo que José tinha ouvido na gravação da em ergência.

– Não sou m eu pai, detetive. Juro. Só porque não fui m uito profissional quando atingi o cara...

José inclinou-se para frente, seus olhos fixos nos do garoto.

– Com o sabe o que m e incom odou no m om ento do ataque? Com o sabe que foi a questão de toda aquela sua calm a?

Quando Veck em palideceu, José recostou-se na cadeira outra vez. Após um m om ento, ele balançou a cabeça.

– Não significa que é um assassino, filho. E só porque tem e algum a coisa não significa que sej a verdade. Mas acho que você e eu precisam os ser bem claros um com o outro. Com o disse, não acho que sej a j usto ser tratado de form a diferente por causa do seu pai... m as se tiver outra explosão com o aquela outra vez... e refiro-m e a qualquer coisa, com o bilhetes de estacionam ento – apontou para a caneca da Starbucks –, café ruim , gom a dem ais na sua cam isa... a m aldita fotocopiadora... será fim de j ogo. Estam os entendidos? Não vou deixar alguém

perigoso usar um distintivo... ou um a arm a.

De repente, Veck voltou a olhar para o m onitor. Sobre ele, havia o rosto de um a bela m oça loira de dezenove anos que havia desaparecido há duas sem anas. O corpo ainda não havia sido encontrado, m as José poderia apostar que j á estava m orta.

Depois de assentir, Veck pegou o café e tom ou um gole da bebida.

– Com binado.

José expirou e colocou o clipe de papel de volta ao lugar que pertencia, na pequena caixa clara de borda m agnética.

– Bom . Porque tem os que encontrar esse cara antes que ele ataque outra pessoa.

C A P ÍTU LO 39

Rumando na direção sul da “estrada”, com o Manuel cham ava, os olhos de Pay ne estavam fam intos pelo m undo que havia a seu redor. Tudo era um a fonte de fascinação, desde o fluxo dos carros no tráfego dos dois lados da estrada, até o vasto céu negro acim a e o estim ulante frio noturno que percorria a cabine do autom óvel toda vez que ela abria a j anela – algo que acontecia a cada cinco m inutos. Ela sim plesm ente am ava a m udança de tem peratura... quente, frio, quente, frio... Era tão diferente do Santuário, onde tudo era m onoclim ático. Além

disso, havia a grande explosão de ar que soprava em seu rosto, em aranhava seus cabelos e a fazia sorrir.

– Você não perguntou para onde estam os indo – ele disse, depois do últim o fecham ento da j anela.

Na verdade, aquilo não im portava; estava com ele, estavam livres, sozinhos e aquilo era m ais do que suficiente...

Vai apagar a memória dele. No final da noite, vai apagar a memória dele e voltar. Sozinha.

Pay ne m anteve seu estrem ecim ento em segredo: Wrath, filho de Wrath, tinha o tipo de voz que com binava com coroas, tronos e adagas negras sobre o peito. Era um tom real, não um disfarce. Esperava ser obedecido e Pay ne tinha a ideia errada de que só porque era filha da Virgem Escriba, não estava suj eita às regras de algum a form a. Enquanto estivesse ali, aquele era o m undo dele e estava inserida nele agora.

Enquanto o Rei pronunciava aquelas palavras horríveis teve de fechar os olhos com força e, apesar do silêncio que reinou em seguida, percebeu prontam ente que ela e Manuel não iriam a lugar algum se ele não concordasse.

E então... ela concordou.

– Gostaria de saber? Olá? Pay ne?

Com um estalo, forçou um sorriso no rosto.

– Preferiria ser surpreendida.

Com isso, ele sorriu profundam ente.

– É ainda m ais divertido... bem , com o eu disse, quero apresentá-la a alguém .

O sorriso dela desapareceu um pouco.

– Acho que pode gostar dela.

Ela? Com o se fosse um a fêm ea?

Gostar?

Na verdade, aquilo só aconteceria se o “ela” em questão tivesse cara de cavalo e um corpo horrível, Pay ne pensou.

– Adorável – ela disse.

– Aqui é nossa saída. – Houve estalos suaves e, então, Manuel girou o volante e saiu da rodovia para um a rua em declive.

Quando pararam em um a fila de outros veículos, ela observou ao longe o horizonte da enorm e cidade, algo que seus olhos esforçavam -se para com preender: grandes edifícios m arcados com um núm ero incalculável de luzes levantavam -se em um a extensão coberta de estruturas m enores... e não era um lugar estático. Luzes verm elhas e brancas serpenteavam ao redor de suas extrem idades... sem dúvida, deveriam ser centenas de carros sem elhantes àqueles que tinham visto durante a viagem .

– Está olhando para a cidade de Nova York – Manny disse.

– É... linda.

Ele sorriu um pouco.

– Partes dela realm ente são, e a escuridão e a distância são grandes recursos para retocar a obra do artista.

Pay ne estendeu a m ão e tocou a j anela de vidro a sua frente.

– Durante m eu longo tem po lá em cim a, não havia grandes vistas, nenhum a grandeza; nada além de um céu leitoso opressivo e os lim ites asfixiantes da floresta. Isso é tudo tão m aravilhoso...

Um som estridente soou atrás deles e depois outro.

Manny olhou para o pequeno espelho acim a de sua cabeça.

– Relaxa, cara. Eu vou...

Quando Manny acelerou, elim inando rapidam ente a distância que havia com relação ao carro da frente, ela sentiu-se m al por distraí-lo.

– Sinto m uito – ela m urm urou. – Não queria atrapalhar.

– Pode falar para sem pre que vou ouvir bem feliz.

Bem , era bom saber disso.

– Tenho algum a fam iliaridade com algum as coisas que observam os aqui, m as a m aior parte é um a revelação. As bacias de visão que tem os do Outro Lado oferecem apenas algum as im agens rápidas do que acontece aqui na Terra, com foco nas pessoas, não nos obj etos... a m enos que algum a coisa inanim ada faça parte do destino de alguém . Na verdade, nos é m ostrado apenas o destino, não o progresso... da vida, não a paisagem . Isto aqui é... tudo o que eu queria quando

desej ava m e libertar.

– Com o saiu?

Em qual das vezes?, ela pensou.

– Bem , da prim eira vez... percebi que quando m inha m ãe concedia grandes

audiências ao público daqui de baixo, havia um a pequena j anela em que a

barreira entre os dois m undos transform ava-se... em um a espécie de m alha.

Descobri que conseguia m over m inhas m oléculas através daqueles finos espaços

que eram criados... e foi assim que consegui. – O passado a envolveu, as m em órias voltaram à vida e queim avam não só em sua m ente, m as em sua

alm a. – Minha m ãe ficou furiosa e foi atrás de m im , exigindo que eu voltasse ao

Santuário... e eu disse não. Estava em um a m issão e nem m esm o ela poderia m e

desviar disso. – Pay ne balançou a cabeça. – Depois que eu... fiz o que fiz... pensei

que iria sim plesm ente viver a m inha vida, m as houve coisas as quais eu não

antecipei. Aqui em baixo, preciso m e alim entar e... há outras preocupações.

Seu cio, especificam ente... m as não iria explicar com o o período fértil a havia

afetado e im pactado. Tinha sido um choque. Lá em cim a, as fêm eas da Virgem

Escriba estavam prontas para conceber quase o tem po todo e, assim , as grandes

oscilações de horm ônio não afetavam seu corpo. No entanto, quando desciam até

ali e passavam um dia ou m ais, o ciclo se apoderava delas. Ainda bem que isso

acontecia apenas um a vez a cada dez anos... Porém , Pay ne havia chegado à errônea conclusão de que teria dez anos pela frente para se preocupar com isso. Infelizm ente, acabou acontecendo dez anos depois que o prim eiro ciclo se iniciou: seu período de cio com eçou não m ais que um m ês depois de ter saído do Santuário.

Conform e se lem brava, as fortes dores para se acasalar deixaram -na indefesa e desesperada. Focou no rosto de Manuel. Será que serviria naquele período? Será que cuidaria de seus desej os violentos e am enizaria seu desej o por sexo? Será que um hum ano poderia fazer isso?

– Mas acabou voltando para lá? – ele disse.

Ela lim pou a voz.

– Sim , voltei. Tive algum as... dificuldades e m inha m ãe veio até m im outra vez. – Na verdade, a Virgem Escriba tem ia que os m achos no cio se aproveitassem de sua única filha que j á havia... arruinado... tanto a vida que lhe fora dada. – Ela disse que iria m e aj udar, m as apenas do Outro Lado. Concordei em ir com ela, pensando que seria com o antes, que poderia encontrar a saída outra vez. Mas isso não aconteceu.

Manny colocou sua m ão sobre a dela.

– Mas está longe de tudo isso agora.

Estava m esm o? O Rei Cego estava tentando adm inistrar seu destino assim

com o sua m ãe fazia. Porém , seus m otivos eram m enos egoístas... além disso,

tinha a Irm andade, as *shellans* de cada um deles e um a criança m orando sob seu teto e tudo isso m erecia ser protegido. Só que tem ia que a visão dos hum anos que

seu irm ão tinha fosse com partilhada por Wrath: ou sej a, que eram *redutores*

esperando para serem cham ados ao serviço.

– Sabe de um a coisa? – ela disse.

– O quê?

– Acho que poderia ficar neste autom óvel com você para sem pre.

– Engraçado... eu sinto a m esm a coisa.

Mais alguns estalos e viraram à direita.

Quando seguiram por ali, havia m enos carros e m ais edifícios, e ela entendeu

o que Manny quis dizer sobre a noite m elhorar o aspecto da cidade, não havia

grandeza naquele bairro. Janelas quebradas estavam obscurecidas por dentro

dando um a aparência de dentes faltando e a suj eira transbordava pelas laterais

dos arm azéns e das loj as, com o se fossem sinais da idade. Havia m anchas

produzidas pela podridão ou acidentes ou vandalism o prej udicando o que, sem

dúvida, haviam sido belas e ilum inadas fachadas; a pintura havia desaparecido, a

flor da j uventude havia perdido para as intem péries e para a passagem do tem po.

E, além disso, os hum anos que estavam apoiados nas som bras não estavam em

m elhores condições.

Vestindo roupas am assadas com as cores da calçada e do asfalto, pareciam curvados por estarem sobrecarregados de peso, com o se um a barra invisível forçasse todos os j oelhos... e tal obj eto os m anteria assim sem pre.

– Não se preocupe – Manuel disse. – As portas estão trancadas.

– Não estou com m edo. Estou... triste, por algum a razão.

– A pobreza urbana fará isso com você.

Passaram por outra caixa podre que cobria m uito m al dois seres hum anos que dividiam um único casaco. Nunca im aginou que encontraria algum valor na perfeição opressiva do Santuário. Mas talvez sua m ãe houvesse criado o paraíso para proteger as Escolhidas contra visões com o aquela. Vidas... com o aquelas.

No entanto, a aparência dos arredores logo m elhorou. E, pouco depois, Manuel saiu da via entrando em um a rua paralela a um a instalação, um a extensão nova que apareceu cobrindo um a grande parcela de terra. Havia postes de luz bem altos por toda parte, lançando um a ilum inação cor de pêssego sobre a construção

abaixo, sobre os m ateriais brilhantes que constituíam dois veículos estacionados e

sobre os arbustos que m argeavam as passagens.

– Aqui estam os – disse ele, parando o carro e voltando-se para ela. – Vou apresentá-la com o um a am iga, tudo bem ? Apenas tente agir assim .

Ela sorriu.

– Vou tentar fazer isso.

Saíram j untos e... oh, o ar. Um conj unto tão com plexo de odores bons e ruins, m etálicos e doces, de terra e de algo divino.

– Eu am o isso – disse. – Eu am o isso!

Estendeu os braços e girou sobre um dos pés, que havia sido calçado pouco antes de deixarem o com plexo. Quando parou seu giro e seus braços descansaram nas laterais do corpo, viu que Manny a observava e teve de rir constrangida.

– Desculpe. Eu...

– Venha aqui – ele rosnou, pálpebras sem icerradas, um olhar quente e possessivo.

Ela ficou excitada im ediatam ente; seu corpo sentiu um calor intenso, e, de algum a form a, sabia que deveria levar um tem po para se aproxim ar dele. Sabia com o provocá-lo, fazendo-o esperar, m esm o que não fosse por m uito tem po.

– Você m e desej a – ela falou lentam ente quando ficaram face a face.

– Sim . Com certeza. – As m ãos dele agarram sua cintura e a puxou com firm eza. – Dê-m e sua boca.

Quando ela fez isso, colocou os braços ao redor da nuca de Manny e fundiram -se com o um só corpo. O beij o apoderou-se dos dois, e quando term inaram , ela não conseguia parar de sorrir.

– Gosto quando exige algo de m im – disse. – Leva-m e de volta ao banho, quando você estava...

Ele soltou um gem ido e a interrom peu, colocando a m ão sobre a boca dela suavem ente.

– Sim , eu m e lem bro... *pode acreditar*... eu m e lem bro.

Pay ne deu um a lam bida sobre a palm a de sua m ão.

– Vai fazer isso com igo outra vez. Esta noite.

– Devo ter m uita sorte.

– Tem sim . E eu tam bém tenho.

Ele riu um pouco.

– Sabe de um a coisa? Vou ter que colocar um dos m eus casacos.

Manuel abriu outra vez a porta e inclinou-se dentro do carro. Quando reapareceu, vestiu um casaco branco que tinha seu nom e im presso em letra cursiva na lapela. E soube pela m aneira com o ele fechou as duas m etades que estava tentando esconder a reação do seu corpo perante ela.

Pena. Gostava de vê-lo naquela condição, todo orgulhoso e excitado.

– Vam os... vam os entrar – disse, pegando a m ão de Pay ne, e, em seguida, quase sussurrando, pareceu dizer: – Antes de entrar...

Quando não term inou a frase, Pay ne deixou seu sorriso onde estava, bem na frente e no centro de seu rosto.

Após um exam e m ais detalhado, percebeu que a instalação parecia ser fortificada para um a batalha, com barras discretas nas j anelas e um a cerca alta que se estendia a um a longa distância. As portas das quais se aproxim aram

tam bém tinham barras e Manuel não recorreu às m açanetas.

Era lógico assegurar o edifício daquela m aneira, pensou. Considerando com o aquela grande parte da cidade aparentava.

Manuel apertou um botão e im ediatam ente um a voz distante e distorcida disse:

– Hospital Equino Tricounty.

– Dr. Manuel Manello. – Virou a cabeça em direção a um a câm era. – Estou aqui para ver...

– Olá, doutor. Entre.

Houve um zum bido e, em seguida, Manuel segurou a porta aberta para Pay ne entrar.

– Depois de você, *bambina*.

O interior do local que entraram era sim ples e m uito lim po, com um chão de pedra lisa e filas de cadeiras, com o se as pessoas passassem m uito tem po esperando naquela sala da frente. Nas paredes, im agens de cavalos e bovinos estavam em olduradas; m uitos dos anim ais tinham fitas verm elhas e azuis penduradas em seus cabrestos. Do outro lado, havia um painel de vidro com a palavra RECEPÇÃO gravada m ais acim a em letras douradas form ais e havia portas... m uitas portas. Algum as com o sím bolo do sexo m asculino, outras com o

sím bolo do sexo fem inino... outras com inscrições que diziam VETERINÁRIO DIRETOR... e FINANCEIRO... e GERENTE PESSOAL.

– Que lugar é esse? – perguntou.

– Um lugar onde se salvam vidas. Venha... vam os por esse lado.

Ele a levou por um cam inho que atravessava um par de portas duplas e ia até um hom em hum ano uniform izado sentado atrás de um a m esa.

– Olá, Dr. Manello. – O hom em apoiou um j ornal com letras grandes no topo do papel onde se lia *New York Post*. – Não nos vem os há um tem po.

– Esta é um a am iga m inha, Pa... Pam ela. Vam os ver m inha garota.

O hum ano focou o rosto de Pay ne. E, então, pareceu estrem ecer.

– Ah... ela está onde a deixou. O doutor responsável pelo tratam ento passou bastante tem po com ela hoj e.

– Sim . Ele m e ligou. – Manuel bateu o tam po da m esa com os dedos. – Vej o você daqui a pouco.

– Claro, doutor. Prazer em conhecê-la... Pam ela.

Pay ne inclinou a cabeça.

– Foi adorável conhecê-lo tam bém .

Houve um silêncio constrangedor quando ela se endireitou. O hum ano estava com pletam ente atordoado por ela, sua boca ligeiram ente aberta, os olhos arregalados... e m uito agradecido.

– Calm inha aí, garotão – Manuel disse de m aneira som bria. – Pode voltar a piscar a qualquer m om ento... com o, por exem plo, agora. Mesm o. De verdade.

Manny colocou-se entre os dois e pegou a m ão dela ao m esm o tem po,

bloqueando a visão e estabelecendo um ponto de dom ínio sobre ela. E isso não foi

tudo: o arom a de especiarias escuras flutuou dele, um arom a que advertia o outro

hom em de que a fêm ea sendo adm irada estava disponível apenas sobre o

cadáver de Manuel.

E aquilo fez com que Pay ne sentisse um sol escaldante no centro do peito.

– Venha, Pay... Pam ela. – Quando Manuel voltou-se para ela e os dois

com eçaram a andar, Manny acrescentou com um sussurro: – Antes que a

m andíbula do garoto caia do rosto e aterrisse na seção de esportes.

Pay ne saltitou um a vez, e, em seguida, fez de novo. Manuel olhou.

– O pobre guarda lá atrás esteve prestes a ter um a experiência de quase-m orte com seu crachá sendo enfiado pela garganta e você está feliz?

Pay ne beij ou rapidam ente a bochecha de Manuel, enxergando por trás da

falsa carranca e observando seu lindo rosto.

– Você gosta de m im .

Manuel revirou os olhos e puxou-a pelo pescoço, retribuindo o beij o.

– Dã...

– Dã – ela im itou...

Alguém tropeçou no pé de alguém , difícil dizer quem foi, e Manuel foi o único

que evitou que caíssem .

– Melhor prestar atenção – o m acho dela disse. – Antes que sej am os nós

precisando ser ressuscitados.

Ela deu um a cotovelada nele.

– Sábia conclusão.

– Está m e baj ulando?

Pay ne olhou por cim a do om bro, e, então, deu um tapa no traseiro dele... forte.

Quando ele protestou, ela piscou para ele.

– Sim . De fato, estou m esm o. – Baixando m uito os olhos e a voz, disse: – Desej a que eu faça isso outra vez, Manuel? Talvez... do outro lado?

Quando ela arqueou as sobrancelhas para ele, o som do riso de Manny retum bou e preencheu todo o corredor vazio, soando alto e forte. E quando colidiram um com o outro m ais um a vez, ele a deteve.

– Espere, precisam os fazer isso m elhor. – Aninhou-a sob o braço dele, beij ou sua testa e alinhou-se com ela. – No três, use a direita. Pronta? Um ... dois... três.

No m om ento certo, os dois estenderam suas longas pernas direitas e, em seguida, as esquerdas... direita... esquerda.

Andavam perfeitam ente.

Lado a lado.

Percorreram o corredor. Juntos.

Nunca ocorreu a Manny que sua vam pira *sexy* pudesse ter senso de hum or, e aquilo com pletava a encom enda perfeitam ente.

Ah, inferno, não era só isso. Era toda aquela sensação dela de encantam ento,

sua alegria e a im pressão de que estava pronta para qualquer coisa. Não havia absolutam ente qualquer relação com aquelas *socialites* frágeis e quebradiças ou com aquelas m odelos m agras dem ais com quem tinha saído.

– Pay ne?

– Sim ?

– Se eu lhe dissesse para escalar um a m ontanha esta noite...

– Oh! Eu adoraria! Adoraria observar um a longa vista de...

Bingo. No entanto, Deus, tinha de pensar na crueldade de finalm ente encontrar seu par perfeito... alguém tão incom patível.

Quando chegaram ao segundo conj unto de portas duplas que dava para a parte clínica do hospital de cavalos, abriu bem um a delas e, sem perder o ritm o, voltaram a ficar um ao lado do outro e continuaram a passar... e foi então que aconteceu.

Sentiu-se com pletam ente apaixonado por ela.

Foi a conversa alegre dela, o saltitar em seus passos e os olhos de gelo que brilhavam com o cristal. Foi a história dela que com partilhou, a dignidade que m ostrou e o fato de que tinha sido j ulgada por um padrão que ele costum ava usar... e, agora, não seria capaz de suportar sentar-se do outro lado de um a m esa de j antar com alguém com quem costum ava sair. Era a força de seu corpo e a perspicácia de sua m ente e...

Cristo... nem pensou no sexo.

Irônico. Ela havia lhe concedido os m elhores orgasm os da vida e isso sequer chegou ao topo da lista “Motivos pelos quais am o você”.

Achava que isso se devia ao fato dela ser sim plesm ente espetacular.

– Não sei por que está sorrindo, Manuel – Pay ne disse. – Será que está antecipando o lugar que m inha m ão ocupará sobre seu traseiro?

– Sim . Exatam ente isso.

Ele a puxou para outro beij o... e tentou ignorar a dor em seu peito: não havia necessidade de estragar os m om entos que tinham com despedidas que j á estavam lhes esperando. Aquilo aconteceria m uito em breve. Além disso, tinham

encontrado seu destino.

– Ela está por aqui – disse, virando à esquerda e entrando em um a área de recuperação.

No instante em que a porta se abriu, Pay ne hesitou, sua testa franziu quando ouviu os sons ocasionais de relinchos e cascos batendo no chão e sentiu o cheiro de feno exalando no ar.

– Mais à frente – Manny puxou-a pela m ão. – Seu nom e é Glory.

Glory era a últim a do lado esquerdo, m as no instante em que Manny disse seu nom e, o pescoço longo e elegante estendeu-se e sua cabeça perfeitam ente proporcional em ergiu no topo da baia.

– Ei, garota – disse. Em resposta, ela soltou um a saudação apropriada, a ponta

das orelhas se esticaram e o focinho ricocheteou no ar.

– Céus... – Pay ne respirou, soltando a m ão de Manny e indo à frente dele. Quando ela se aproxim ou da baia, Glory sacudiu a cabeça, sua crina negra m oveu-se com graça e ele teve um a súbita visão de Pay ne sendo m ordida.

– Cuidado – disse quando iniciou um a pequena corrida. – Ela não gosta... – No instante em que Pay ne colocou a m ão no focinho de seda, Glory voltou-se para ter m ais, colidindo contra a palm a da m ão, procurando m ais carinho.

– De gente nova... – Manny term inou pouco convincente.

– Oi, querida – Pay ne m urm urou, com os olhos percorrendo o cavalo ao se inclinar sobre a baia. – Você é tão linda... tão grande e forte... – As m ãos pálidas encontraram o pescoço negro e acariciaram em um ritm o lento. – Por que suas pernas estão enfaixadas?

– Ela m achucou a direita. Feio. Há um a sem ana.

– Posso entrar?

– Hã... – Deus, ele não conseguia acreditar, m as Glory parecia estar apaixonada, seus olhos se fechavam enquanto recebia um a boa carícia atrás das orelhas. – Sim , acho que vai ficar tudo bem .

Ele soltou a trava da porta e os dois entraram . E quando Glory teve de se m over para trás, ela m ancou... com o que tinha sido seu lado bom .

Tinha perdido tanto peso que suas costelas estavam expostas com o estacas de um a cerca sob a pele. E poderia apostar que quando as visitas fossem em bora,

sua explosão de energia se esvairia rapidam ente.

A m ensagem no correio de voz deixada pelo m édico havia sido m uito clara: ela estava caindo. O osso quebrado estava se recuperando, m as não rápido o suficiente e a redistribuição do peso fez com que as cam adas do casco oposto enfraquecessem e se separassem .

Glory estendeu o focinho em seu peito e deu-lhe um rápido em purrão.

– Ei, m ocinha.

– Ela é extraordinária. – Pay ne afagou a égua. – Sim plesm ente extraordinária.

E agora havia outra coisa em sua consciência: talvez trazer Pay ne ali não tenha sido um presente, m as um a crueldade. Por que apresentá-la a um anim al que provavelm ente seria...

Deus, não conseguia sequer pensar nisso.

– Não é o único que m arca território – Pay ne disse suavem ente.

Manny olhou para Pay ne sobre a cabeça de Glory.

– Com o?

– Quando m e disse que ia conhecer um a fêm ea, eu... eu esperava que ela tivesse cara de cavalo.

Ele riu e acariciou a fronte de Glory.

– Bem , isso ela tem , com certeza.

– O que vai fazer com ela?

Enquanto tentava form ar as palavras, reuniu a crina que caía um pouco acim a

dos olhos quase negros do cavalo.

– Sua falta de resposta j á é suficiente – Pay ne disse com voz triste.

– Não sei por que a trouxe aqui. Quero dizer... – ele lim pou a garganta. – Na verdade, eu sei... e é m uito patético. Tudo o que tenho é m eu trabalho... Glory é a

única coisa que não está relacionada a m eu trabalho. É algo pessoal para m im .

– Deve estar de coração partido.

– Estou. – De repente, Manny olhou sobre o dorso de seu cavalo doente para observar a cabeça da vam pira de cabelos escuros que tinha apoiado a bochecha sobre o flanco de Glory. – Estou... totalm ente destruído com a perda.

C A P ÍTU LO 40

Alguns poucos momentos após a ligação de Butch, Jane ficou congelada no terraço da cobertura de V. Enquanto sua form a assum ia peso, o ar frio da noite m ovia seus cabelos e fazia seus olhos encherem -se de água.

Ou... talvez fossem apenas as lágrim as.

Olhando pelo vidro, viu tudo m uito claram ente: a m esa, os açoites, os chicotes, as... outras coisas.

Quando ia até ali antes com Vishous, aquelas arm adilhas de suas predileções *hardcore* pareciam nada m ais do que um pano de fundo assustador e tentador para o incrível sexo que tinham . Mas a versão dela para o “j ogo” era com o a de um poodle se com parada ao do lobisom em que ele adotava.

E com o ela via claram ente aquilo agora.

O que será que Butch havia usado? Que tipo de instrum ento encaixava-se com seu com panheiro? Será que haveria m uito sangue?

Espere um m inuto: onde V. estava?

Passando pela porta de vidro, ela...

Nada de sangue no chão, ou escorrendo dos instrum entos. Nada de ganchos suspensos pendurados no teto. Tudo estava exatam ente da m esm a m aneira que havia deixado da últim a vez que esteve ali, com o se nada tivesse acontecido...

Um gem ido veio de fora do círculo de velas e o som fez sua cabeça girar.

Claro: a cam a.

Ao lançar-se pelo véu da escuridão, seus olhos se aj ustaram e lá estava ele: envolto em lençóis de cetim , deitado, contorcendo-se de dor... ou estaria dorm indo?

– Vishous? – disse suavem ente.

Com um grito, ele acordou de im ediato, seu tronco ereto, olhos arregalados. Instantaneam ente, ela notou que o rosto dele estava m arcado com cicatrizes que j á desapareciam ... e havia outras ao longo de seu peitoral e abdôm en. Mas a expressão em seu rosto foi o que, de fato, cham ou sua atenção: ele estava horrorizado.

De repente, houve um a agitação furiosa quando ele tirou as cobertas de seu corpo. Ao olhar para baixo, para si m esm o, o suor brotou no peito e nos om bros,

sua pele assum iu um brilho repentino, nas som bras que o envolviam fez um gesto

para cobrir seu sexo... com o se estivesse protegendo o que restou.

Com a cabeça baixa, respirou fundo várias vezes. Inspira. Expira. Inspira.

Expira...

O padrão transform ou-se em soluços.

Encolhendo-se, as m ãos abrigaram o trabalho de açougueiro que foi feito há

m uito, m uito tem po, chorou em grandes ondas de em oção, sua reserva havia

desaparecido, seu controle sum ira, sua inteligência não era m ais um governante,

e sim , um súdito.

Ele não percebeu que ela estava em pé ao lado dele.

E ela deveria ir em bora, Jane pensou. Ele não gostaria que o visse assim ... nem

m esm o antes de tudo que havia desabado sobre eles. O m acho que ela conhecia,

am ava e tinha casado não gostaria de nenhum a testem unha...

Foi difícil dizer o que cham ou a atenção dele... e m ais tarde ela se perguntaria

com o ele escolheu o exato m om ento em que j á ia se desm aterializar para olhá-

la.

Por um instante, ficou incapacitada: se ficou m agoado pelo que havia feito

com Pay ne, iria odiá-la agora... não havia com o voltar atrás naquela invasão de

privacidade.

– Butch m e ligou – ela desabafou. – Ele disse que estaria...

– Ele m e m achucou... Meu pai m e m achucou.

As palavras soaram tão baixas e suaves que quase não foram registradas. Mas quando o fizeram , o coração dela parou.

– Por quê? – Vishous perguntou. – Por que ele fez isso com igo? Por que m inha m ãe fez isso? Nunca pedi a nenhum deles para nascer... e não escolheria nascer se alguém tivesse perguntado... Por quê?

Suas bochechas estavam escorregadias com as lágrim as que derram avam pelos olhos de diam ante, em um fluxo incessante que ele não notava nem parecia se im portar. E ela teve a sensação de que ia levar um bom tem po para que aquele vazam ento cessasse... algum a artéria havia se rom pido e aquele era o sangue de seu coração, derram ando-se, cobrindo-o.

– Sinto m uito – disse, desaj eitada. – Não sei quais foram os m otivos... m as sei que não m erecia nada disso. E... e não é culpa sua.

Suas m ãos deixaram a posição protetora e ele olhou para baixo. Passou-se um longo tem po antes que falasse e, quando o fez, suas palavras eram lentas e ponderadas... e saíram num ritm o tão incessante e calm o quanto suas lágrim as.

– Gostaria de ser inteiro. Gostaria de lhe dar filhos se os quisesse e pudesse concebê-los. Gostaria de ter lhe dito que quando pensou que estive com outra pessoa isso m e m atou. Gostaria de ter passado o últim o ano acordando todas as

noites ao seu lado e lhe dizendo que a am ava. Gostaria de ter m e acasalado com você da m aneira adequada na noite em que voltou para m im dos m ortos. Gostaria... – agora, seu olhar cintilante fixou-se no dela. – Gostaria de ter a m etade da sua força e gostaria de m erecê-la. E... é isso.

Certo. Muito bem . Agora os dois estavam chorando.

– Sinto tanto por Pay ne – ela disse com voz rouca. – Eu queria falar com você, m as ela estava decidida. Tentei convencê-la, tentei m esm o, m as, no final, eu apenas... apenas... não queria que fosse você que tivesse que fazer isso. Eu preferia viver com essa verdade horrível na m inha consciência por um a eternidade do que você ter que m atar sua irm ã, ou vê-la se m achucando m ais do que estava.

– Eu sei... Eu sei disso agora.

– E, para ser honesta, o fato de ela estar curada agora? Sinto calafrios ao pensar na quase perda que tivem os.

– Mas está tudo bem . Ela está bem .

Jane enxugou os olhos.

– E eu acho que quando se trata de... – ela olhou para a parede envolvida pela luz am anteigada das velas que não fazia nada para suavizar as pontas afiadas e todas as im plicações dos acessórios ali pendurados. – Quando se trata das... coisas... sobre você e seu sexo, sem pre m e preocupei de não ser o suficiente para

você.

– Nossa... não... você é *tudo* para m im .

Jane colocou a m ão sobre a boca para não perder o controle, pois era exatam ente o que precisava ouvir.

– Nunca nem sequer escrevi seu nom e nas m inhas costas – V. disse. – Pensei que era bobagem e um a perda de tem po... m as com o pode sentir que estam os vinculados sem isso... especialm ente quando cada m acho no com plexo foi m arcado por causa de sua *shellan*?

Deus, ela não tinha pensado nisso.

V. balançou a cabeça.

– Você m e deu espaço... para sair com Butch, lutar com m eus Irm ãos e fazer o que gosto na internet. O que lhe dei em troca?

– Minha clínica, em prim eiro lugar. Não poderia ter construído aquele lugar sem você.

– Não foi exatam ente um buquê de rosas.

– Não subestim e suas habilidades na carpintaria.

Ele sorriu um pouco com isso. E, então, ficou m uito sério outra vez.

– Posso lhe dizer um a coisa que sem pre penso todas as vezes que acordo a seu lado?

– Por favor.

Vishous, aquele que tinha resposta para tudo, parecia estar com a língua presa.

Mas, então, disse:

– Você é a razão pela qual eu m e levanto todas as noites da cam a. É a razão pela qual m al posso esperar para voltar para casa ao am anhecer. Não a guerra. Não os Irm ãos. Nem m esm o Butch. É... você.

Oh, palavras tão sim ples... m as com tanto significado. Bom Deus, quanto significado.

– Vai m e deixar abraçá-lo agora? – disse ela roucam ente.

Seu com panheiro estendeu os grandes braços.

– Que tal eu abraçá-la?

Quando Jane saltou para frente e m ergulhou sobre ele, respondeu:

– Não precisa ser um a coisa ou outra.

Instantaneam ente, ela assum iu sua form a corpórea com pleta sem esforço algum , aquela quím ica m ágica entre eles a cham ava e a prendia. E quando Vishous aninhou o rosto em seu cabelo e estrem eceu com o se tivesse corrido m uito e finalm ente tivesse voltado para casa... soube exatam ente com o ele se sentia.

Com sua *shellan* apertada contra ele, V. sentia com o se tivesse explodido em m il pedaços... e agora se reagrupasse.

Deus, o que Butch tinha feito por ele. Por todos eles.

O cam inho que o tira percorreu foi o m ais correto. Horrível, terrível... m as com certeza o correto. E enquanto V. segurava sua fêm ea, seus olhos

observavam o espaço onde tudo tinha acontecido. Tudo estava lim po... exceto algum as coisas que estavam fora do lugar no chão: um a colher e um copo quase vazio que tinha de ser água.

Tudo tinha sido um a ilusão: nada havia o cortado, de fato. E apostaria que Butch havia deixado os dois obj etos bem em frente e centralizados no local para que V. os observasse ao acordar, para que soubesse os m eios que levaram ao fim .

Em retrospecto, parecia tudo tão estúpido... não a sessão com o tira, m as o fato de que V. nunca pensou realm ente em Bloodletter naqueles anos no cam po de guerra. A últim a vez que aquele pedaço do seu passado havia sido trazido à tona,

foi quando Jane ficou com ele pela prim eira vez... e foi só por ela tê-lo visto nu, então, teve de explicar.

Meu pai não queria que eu reproduzisse.

Isso foi tudo o que disse. Em seguida, com o um cadáver que havia sido j ogado em águas calm as, aquela porcaria afundou, reassentando-se sobre o banco de areia bem dentro dele.

A.J., ou Antes de Jane, só tinha feito sexo vestido. Não por vergonha – ou ao m enos era isso o que dizia a si m esm o –, m as porque sim plesm ente não tinha interesse em ir até o fim com m achos e fêm eas anônim os que tinha subm etido. D.J.? Foi tudo diferente. Estar nu era m ais do que bom , provavelm ente porque

Jane ficou tranquila com a revelação, e, ainda assim , quando pensava naquilo agora, percebia que sem pre a distanciou, m esm o quando a apertava em seus braços. Na verdade, tinha sido m ais próxim o de Butch... m as aquilo era um a coisa entre m achos, ou sej a, algo que, de algum a form a, era m enos am eaçador do que a relação m acho-fêm ea.

Som bras de problem as com a Mam ãe, sem dúvida: depois de tudo que sua *mahmen* havia arrancado dele, sim plesm ente não conseguia confiar nas m ulheres da m esm a m aneira que confiava em seus Irm ãos, ou em seu m elhor am igo.

Só que Jane nunca o traiu. Na verdade, estava disposta a lutar contra a própria consciência apenas para salvá-lo do ato inqualificável que sua irm ã havia exigido dele.

– Você não é m inha m ãe – ele disse através dos cabelos de sua *shellan.*

– Tem toda razão. – Jane recuou e olhou bem nos olhos dele... com o era característica sua fazer. – Nunca teria abandonado m eu filho, ou tratado m inha filha desse j eito.

V. inspirou fundo e quando deixou o oxigênio sair de seus pulm ões, sentiu com o se estivesse expelindo os m itos com os quais definia a si m esm o... e Jane... e seu acasalam ento.

Precisava m udar o paradigm a.

Por eles. Por si m esm o. Por Butch.

Cristo, a expressão no rosto do tira quando as coisas foram acontecendo ali foi trágica.

Então, sim , era hora de parar de usar recursos superficiais para m edicar suas em oções. O sexo extrem o e a dor pareceram excelentes soluções por m uito tem po, m as na verdade tinham sido m aquiagem sobre um a espinha: a feiura continuava ali.

O que precisava fazer era lidar com o lixo interior; então, não precisava m ais de Butch ou de qualquer outra pessoa para espancá-lo para que conseguisse libertar-se das coisas. Assim , as excentricidades poderiam ser reservadas apenas para o prazer com Jane.

Colocar toda aquela porcaria para fora... era m esm o o certo a se fazer... percebeu que estava finalm ente preparado para tentar um a versão psiquiátrica de um tratam ento eficaz para a pele.

A próxim a coisa que faria seria ir até a TV, olhar para a câm era e dizer: “Só é preciso um a cam ada de autoconsciência... depois, enxáguo com o sabonete. Defina-se e m inha m ente e em oções ficam lim pas e brilhantes”.

Certo, agora estava m esm o perdendo o j uízo, tudo bem .

Acariciando os cabelos m acios de Jane, m urm urou:

– Quanto... às coisas que tenho aqui. Se você estiver no j ogo, ainda quero

brincar... se é que entende o que estou dizendo. Mas, de agora em diante, é apenas por diversão e apenas para você e para m im .

Caram ba, tiveram um a boa dose de sexo extravagante, naquele lugar, envolvendo m uito couro, e gostaria sem pre de ter aquilo com ela. Com sorte, ela gostaria de fazer o m esm o...

– Gosto do que fazem os aqui – ela sorriu. – Fico excitada.

Bem ... parece que aquilo fez seu pênis latej ar.

– Eu tam bém .

Quando ele sorriu de volta para ela, reconheceu a chave m estra daquela m istura: aquela decisão de virar a página era m uito boa... m as com o m antê-la?

Na noite seguinte sim plesm ente não conseguiria m ais suportar acordar e ser aquele cara que saía dos trilhos.

Droga, achava que teria de descobrir com o fazer isso, não é m esm o?

Com um toque gentil, acariciou a bochecha de sua *shellan*.

– Nunca estive em um relacionam ento antes de você. Deveria saber que teríam os algum im passe em algum m om ento.

– É assim que funciona.

Pensou em seus Irm ãos e na quantidade de precipitações, brigas e discussões que aquele bando de cabeças duras teve entre si. De algum a form a, sem pre lidavam com isso... geralm ente golpeando uns aos outros de vez em quando.

Coisa própria de garotos.

Estava claro que com ele e Jane seria a m esm a coisa. Tirando os golpes, claro, m as com as m esm as estradas esburacadas e as resoluções finais. Afinal, aquilo era a vida... não um conto de fadas.

– Mas sabe qual é a m elhor coisa? – sua Jane perguntou, quando colocou os braços em volta de seu pescoço.

– Não sentir m ais que estou m orto por não estar em m inha vida?

– Bem , sim , isso tam bém – ela estendeu-se e o beij ou. – Duas palavras: sexo reconciliatório.

Ohhhh, siiiiim . Só que...

– Espere, não se diz “sexo de reconciliação”?

– Tam bém é um a possibilidade. – Pausa. – Já m encionei que você é o nerd m ais gato que j á conheci?

– Eu m ereço essa observação. – Baixou a cabeça e roçou a boca contra a dela.

– Apenas m antenha isso em segredo. Tenho um a reputação de cara durão a zelar.

– Seu segredo está seguro com igo.

V. ficou sério.

– *Eu* estou seguro com você.

Jane tocou seu rosto.

– Não posso prom eter que não vam os passar por períodos difíceis outra vez e

sei que nem sem pre vam os concordar com tudo. Mas tenho certeza de um a coisa: você sem pre estará seguro com igo. Sem pre.

Vishous puxou-a para m ais perto de si e enfiou a cabeça em sua garganta.

Im aginou que, depois que ela voltou dos m ortos por ele em sua form a fantasm agórica adorável, nada superaria isso. Mas estava errado. Percebeu que o am or era com o as adagas que fazia em sua oficina: quando as contem plava pela prim eira vez, eram novas e brilhantes e as lâm inas cintilavam sob a luz.

Segurando-a contra a palm a da m ão, ficava cheio de entusiasm o pelo que ela poderia fazer no cam po de batalha e m al podia esperar para experim entá-la. Só que, geralm ente, as prim eiras noites são difíceis até se acostum ar com ela.

Ao longo do tem po, o aço perde seu brilho original e o punho fica m anchado, e talvez precise ser lixado algum as vezes. Contudo, o que ganha em troca pode salvar sua vida: um a vez que estiver bem fam iliarizado com o obj eto, torna-se parte de você de tal form a que parece um a extensão de seu braço. Ele o protege e lhe dá um m eio de proteger seus irm ãos; proporciona confiança e poder para enfrentar qualquer coisa que lhe sobrevenha na noite e, onde quer que vá, ele vai com você, j unto a seu coração, sem pre ali quando precisa dele.

Entretanto, precisa m anter a lâm ina afiada e reposicionar o cabo de tem pos em tem pos, verificar outra vez o peso.

Engraçado... tudo aquilo parecia *tão* óbvio quando se tratava de arm as. Por que não se deu conta de que com o casam ento era a m esm a coisa?

Revirando os olhos, pensou: Cristo, talvez algum a loj a de presentes ainda estivesse aberta à possibilidade de criar um a linha de cartões do dia dos nam orados inspirada na época m edieval, algum a coisa levem ente gótica. Isso seria perfeito para o que precisava.

Fechando os olhos e abraçando Jane, estava quase feliz por ter perdido a cabeça, só para que pudessem chegar até ali.

Bem , ele teria escolhido um a rota m ais fácil se existisse um a; m as tinha de m erecer onde estavam agora.

– Tenho um a pergunta para lhe fazer – disse ele suavem ente.

– Qualquer coisa.

Recuando um pouco, ele acariciou o cabelo de Jane com a m ão enluvada e precisou de um tem po para perguntar o que estava na ponta da língua.

– Você vai... perm itir que eu faça am or com você?

Quando Jane o encarou e Vishous sentiu seu corpo contra o dela, ela soube que nunca o deixaria. Nunca. E soube tam bém que se conseguiram passar pela últim a sem ana, conseguiriam perm anecer j untos conform e acontecia nos bons casam entos e acasalam entos.

– Sim – disse ela. – Por favor...

Seu *hellren* a possuiu tantas vezes desde que estavam j untos: durante a noite e durante o dia; no banho e na cam a; vestido, nu, sem inu; rápido e forte... forte e rápido. O fato de V. estar sem pre no lim ite fazia parte da em oção... isso e a

im previsibilidade. Ela nunca sabia o que esperar... se ia exigir coisas dela, ou assum ir o controle de seu corpo, ou conter-se para que ela fizesse qualquer coisa que desej asse com ele. Porém , um fato constante era que nunca foi seu estilo ir devagar.

Agora, ele apenas acariciava seu cabelo, correndo os dedos através das ondas e posicionando-as por trás de suas orelhas. E m anteve o olhar fixo no dela quando suas bocas uniram -se suavem ente.

Afagando e acariciando, ele lam beu os lábios dela... m as quando ela abriu a boca, não m ergulhou com o sem pre fazia. Apenas continuou beij ando... até ela ficar atordoada com as sucções e carícias da carne contra a carne.

O corpo dela geralm ente rugia pelo dele, m as, agora, sentia um desabrochar delicioso percorrê-la, relaxando e acalm ando, provocando um a tranquilizante excitação que, de algum a form a, era tão profunda e avassaladora quanto a paixão desesperada que norm alm ente sentia.

Quando o corpo dele m udou de posição, ela seguiu a liderança, apoiando totalm ente as costas quando ele se ergueu e cobriu o corpo dela por com pleto. O beij o continuava e estava tão envolvida que não percebeu que ele deslizou a m ão por baixo de sua cam isa. A palm a da m ão quente arrastava-se para cim a, buscando seus seios... encontrou-os e os capturou. Nada de provocações, nada de beliscões, nada de apertões. Apenas passava o dedão em volta e sobre o m am ilo,

até ela se arquear e gem er em sua boca.

As m ãos dela estenderam -se pelas laterais do corpo de Vishous e... oh, Deus, havia aquele padrão de m arcas que ela havia visto. E continuavam ao longo de todo seu tronco...

Vishous pegou seus pulsos e os levou de volta para a cam a.

– Não pense nisso.

– O que ele fez com você...?

– Shhh.

O beij o foi retom ado e ficou tentada a lutar, m as as carícias delicadas subm ergiram seu cérebro em sensações.

Estava feito, disse a si m esm a. Tudo o que tinha acontecido havia aj udado a chegarem até ali.

Isso era tudo o que precisava saber.

A voz de Vishous sussurrou em seu ouvido, profunda e baixa:

– Quero tirar sua roupa. Posso?

– Por favor... sim ... Deus, sim .

Despi-la foi parte do prazer, os m eios foram tão gloriosos quanto o fim , quando ficaram pele contra pele, e, de algum a m aneira, a revelação gradual do que havia observado tantas vezes fez com que parecesse novo e especial.

Seus seios ficavam cada vez m ais excitados conform e o ar frio os atingia, e ela observou o rosto de V. contem plá-la. A necessidade estava lá, só que havia m

uito

m ais... reverência, gratidão... um a vulnerabilidade que sem pre sentiu, m as nunca

enxergou com clareza antes.

– Você é tudo o que eu preciso – disse ele quando abaixou a cabeça. Suas m ãos estavam em toda parte, sobre o abdôm en, os quadris, entre as coxas.

Sobre seu sexo escorregadio.

O orgasm o que lhe deu foi um a onda quente que percorria seu corpo, irradiando-se de dentro para fora, possuindo-a em um a nuvem de êxtase e prazer. Em m eio a tudo isso, ele a m ontou e a penetrou. Nada de golpes fortes dentro dela, apenas m ais daquela onda, dentro e fora, enquanto o corpo dele se m ovia e sua ereção pulsava para frente e para trás.

Nenhum m ovim ento rápido, apenas m ais daquele am or lento.

Nada de urgência, apenas todo o tem po do m undo.

Quando ele finalm ente gozou, foi em m eio a um últim o m ovim ento de sua coluna e um pulsar dentro dela, e ela o acom panhou; os dois abraçaram -se com ternura, fundindo o corpo... e a alm a.

Virando-se na cam a, levou-a para cim a dele, envolvendo-a com seu peitoral m usculoso, firm e e tão suave e quase tão leve quanto um a brisa de verão. Ela estava flutuando e quente e...

– Você está bem ? – disse Vishous quando a olhou.

– Mais do que bem – Ela exam inou seu rosto. – Sinto com o se tivesse feito am or com você pela prim eira vez.

– Que bom – Ele a beij ou. – Esse era o plano.

Deitando a cabeça sobre o coração dele, olhou ao longo da parede atrás da m esa. Nunca pensou que seria grata por aquele bando de “brinquedos” aterrorizantes, m as estava. Em m eio à tem pestade... encontraram a calm aria. Separaram -se por um tem po... Mas, agora, eram um só novam ente.

C A P ÍTU LO 41

Na mansão, Q huinn andava pelo quarto com o um rato procurando um a saída em sua gaiola. De todas as noites, aquela era a pior para Wrath m antê-los confinados.

Dane-se.

Quando fez m ais outra viagem passando pela porta aberta do banheiro, pensou que o fato da quarentena fazer sentido o irritava ainda m ais: apenas John e Xhex não estavam feridos naquele m om ento; todos que estiveram naquela briga ficaram cortados, fatiados ou arranhados de algum a form a.

Aquilo parecia um m aldito Pronto Atendim ento, m as, por favor, os três poderiam estar lá fora dando o troco.

Parando em frente às portas da varanda, olhou os j ardins bem cuidados que estavam prestes a desabrochar com a prim avera. Com as luzes apagadas em seu quarto, pôde ver claram ente a piscina com seu toldo de inverno esticado sobre

toda a extensão de seu ventre... com o se fosse a m aior cinta m odeladora que o m undo j á tinha visto, e as árvores ainda estavam nuas em sua m aioria. Os canteiros de flores...

Blay tinha sido ferido.

Ainda não eram nada além de bancos de terra m arrom -escuros...

– Droga.

Esfregando os cabelos que agora estavam m uito curtos, tentou negociar com a pressão no centro do peito. De acordo com John, Blay tinha sido atingido na cabeça e sofreu um corte no abdôm en. O prim eiro m achucado estava sendo m onitorado; o últim o havia sido costurado pela Doutora Jane. Nenhum deles colocava sua vida em risco.

Tudo m uito bem .

Que pena que seu peito não estava assim ilando o fato m uito bem . Desde que John Matthew havia lhe dado a notícia, aquela m aldita dor havia se instalado, com o se um a toupeira entrasse e saísse de seus brônquios sem parar.

Literalm ente, não conseguia respirar fundo.

Maldição, se fosse um m acho m aduro – e considerando a m aneira com o lidava com as coisas algum as vezes, aquilo era bastante discutível, se não com pletam ente errado – sairia no corredor, andaria até o quarto de Blay e bateria na porta. Colocaria a cabeça para dentro, veria por si m esm o que o coração do ruivo ainda estava batendo e todos os sentidos estavam

funcionando...

e, então, continuaria a fazer suas coisas.

Em vez disso, lá estava ele, tentando fingir que não estava pensando no cara enquanto afundava um cam inho no carpete.

Assim , continuou com a cam inhada. Teria ido à sala de m usculação e corrido

um pouco, m as o fato de que Blay lock estava ali, próxim o dele, era com o um a

corda de m arionete que o m antinha preso no local, sem m uita vontade de puxá-

lo, direcionando-o para a luta ou... digam os... m esm o se a casa estivesse pegando

fogo, era evidente ser incapaz de se libertar.

E quando se viu em frente às portas francesas outra vez, teve um a vaga ideia

do m otivo que o fazia parar ali.

Tentou tirar a m ão da alça da m açaneta.

Não funcionou.

O trinco produziu um estalo e o ar gelado foi com o um tapa em seu rosto.

Saindo com os pés descalços e roupão, m al notou a ardósia congelada ou o frio

que percorreu suas pernas e agarrou-se em seu pênis.

À frente, um a luz irradiava das portas duplas do quarto de Blay. O que era

bom ... com certeza eles fechavam a cortina antes de terem relações sexuais.

Então, era seguro ficar observando. Certo...?

Além disso, Blay estava se recuperando de um ferim ento; então, não

poderiam sair rolando pelo quarto.

Dando um a de xereta, Qhuinn esquivou-se nas som bras e tentou não se sentir um intruso ao andar na ponta dos pés. Quando chegou ao lado da porta, preparou-

se, inclinou-se e... respirou fundo e aliviado.

Blay estava sozinho na cam a, deitado apoiado contra a cabeceira, seu roupão estava am arrado em m eio à cintura, os tornozelos cruzados, os pés cobertos por m eias pretas. Seus olhos estavam fechados e sua m ão repousava sobre o ventre, com o se estivesse cuidando do que, provavelm ente, ainda estava enfaixado.

Um m ovim ento do outro lado abriu as pálpebras de Blay e levou seus olhos a se fixarem na direção oposta às j anelas. Era Lay la que em ergia do banheiro e andava lentam ente. Os dois trocaram algum as palavras... sem dúvida, ele estava agradecendo pelo alim ento que tinha acabado de ingerir e ela estava dizendo que

era um prazer: não era surpresa ela estar ali. A Escolhida fazia rondas pela casa naquela noite e Qhuinn j á havia cruzado com ela pouco antes da Prim eira Refeição... ou o que teria sido a Prim eira Refeição se alguém tivesse aparecido.

E quando ela saiu do quarto de Blay, Qhuinn esperou que Saxton entrasse. Nu.

Com um a rosa verm elha entre seus dentes, e um a m aldita caixa de chocolates.

E um a ereção que faria um m onum ento nacional parecer pequeno.

Nada.

Blay deixou a cabeça cair para trás e suas pálpebras fecharam -se outra vez.

Parecia com pletam ente exausto e, pela prim eira vez, m ais velho. Não era um garoto em transição recente; era um m acho puro-sangue.

Um m acho... belíssim o... e puro-sangue.

Em sua m ente, Qhuinnn viu-se abrindo a porta e entrando. Blay olharia em volta e tentaria se sentar... m as Qhuinn acenaria para ele, para detê-lo, ao se aproxim ar.

Perguntaria sobre o ferim ento. E Blay abriria o roupão para m ostrar. Qhuinn estenderia a m ão e tocaria o curativo... e, então, deixaria os dedos vagarem pela gaze e pelo esparadrapo sobre a pele lisa e quente do abdôm en de Blay. Ele ficaria chocado, m as, naquela fantasia, Qhuinn deslizaria aquela m ão... Mais para baixo, afastando-se do ferim ento e descendo para os quadris e seu...

– Droga!

Qhuinn recuou com rapidez, m as j á era tarde dem ais: de algum a form a, Saxton havia entrado no quarto, andado até as j anelas e com eçou a fechar as cortinas. E, durante o processo, tinha visto o idiota do lado de fora da varanda dando um a de câm era de segurança.

Quando Qhuinn virou-se e pegou o cam inho de volta para seu quarto, pensou: "Não abra a porta... não abra a porta..."

– Qhuinn?

Pego em flagrante.

Congelando com o um assaltante com um a TV de plasm a nos braços,

certificou-se de que seu roupão estava fechado antes de se virar. Droga. Saxton estava saindo e o bastardo tam bém estava de roupão.

Bem , parece que todos ostentavam um . Mesm o Lay la estava vestida com um a peça de roupa assim .

Quando Qhuinn encarou seu prim o, percebeu que não tinha dirigido m ais que duas palavras ao cara desde que Saxton havia se m udado.

– Só estava pensando em com o ele estava. – Não havia razão algum a para usar um nom e... estava bem óbvio a quem estava observando.

– Blay lock está dorm indo no m om ento.

– Ele se alim entou? – Qhuinn perguntou m esm o j á sabendo a resposta.

– Sim – Saxton fechou a porta atrás dele, sem dúvida para não deixar o frio entrar e Qhuinn tentou ignorar o fato de que os tornozelos e os pés do cara estavam nus, pois havia grandes chances de que o resto dele estivesse assim tam bém .

– Ah, desculpe ter incom odado vocês – Qhuinn m urm urou. – Tenha um a boa no...

– Poderia ter sim plesm ente batido. No corredor – as palavras foram ditas com um a inflexão aristocrática que fez Qhuinn ficar com pletam ente tenso. Não porque odiava Saxton; aquilo apenas lem brava-lhe dem ais a fam ília que perdeu.

– Não queria lhe incom odar. Incom odá-lo. Nenhum dos dois.

Quando um a raj ada de vento percorreu a casa, os cabelos m uito grossos, loiros e ondulados de Saxton não se abalaram – com o se cada parte dele, cada fio, fosse encorpado e bem -educado dem ais para ser afetado por... qualquer coisa.

– Qhuinn, você não estaria interrom pendo nada.

Mentiroso, Qhuinn pensou.

– Estava aqui prim eiro, prim o – Saxton m urm urou. – Se queria vê-lo ou ficar com ele, eu os deixaria a sós.

Quinn piscou. Então... os dois tinham um relacionam ento aberto? Com o assim ?

Ou espere... talvez tivesse feito um ótim o trabalho ao convencer não apenas a Blay, m as a Saxton, de que não queria nada sexual com seu m elhor am igo.

– Prim o, posso falar sinceram ente?

Qhuinn lim pou a garganta.

– Depende do que tem a dizer.

– Sou o nam orado dele, prim o...

– Ei... – ergueu a m ão. – Isso não é da m inha conta...

– ... não o am or de sua vida.

Qhuinn piscou outra vez, e, em seguida, por um a fração de segundo, foi sugado para um lugar onde seu prim o saía de cena graciosam ente e Qhuinn substituía m uito bem o filho da m ãe. Só que... havia um a grande falha naquela fantasia: Blay tinha cortado relações com ele.

Havia proj etado aquele resultado ao longo de m uitos anos.

– Entende o que digo, prim o? – Saxton m anteve a voz baixa, m esm o com o vento soprando e a porta fechada. – Está m e ouvindo?

Certo, aquilo não fazia parte nem um pouco do que Qhuinn esperava para a noite... ou para qualquer outra noite. Maldição, seu corpo com eçou a form igar de repente e tinha m enos de um segundo para dizer a seu prim o que fosse em bora ou que se ferrasse ou m andá-lo para o inferno.

Só que, então, pensou em com o Blay parecia m ais envelhecido. O cara finalm ente havia dado um grande passo em sua vida e era um crim e negociar algo sobre isso ali fora, no escuro.

Qhuinn balançou a cabeça.

– Não é certo.

Não para Blay.

– Você é um tolo.

– Não. Eu costum ava ser.

– Eu discordo. – A m ão elegante de Saxton aproxim ou a gola de seu roupão. – Se m e der licença, é m elhor eu entrar. Está frio aqui fora.

Bem , aquilo soava com o um a ótim a m etáfora.

– Não conte a ele sobre isso – Qhuinn disse asperam ente. – Por favor.

Os olhos de Saxton se estreitaram .

– Seu segredo está m uito bem guardado. Pode acreditar.

Com isso, virou-se e voltou a entrar no quarto de Blay lock; a porta fechou-se com um clique e, em seguida, a luz foi apagada assim que as cortinas pesadas foram arrastadas de volta para o lugar.

Qhuinn esfregou os cabelos outra vez.

Parte dele queria entrar e dizer: *Eu mudei de ideia, porque... Agora, caia fora daqui para que eu possa...*

Dizer a Blay o que disse a Lay la.

Mas Blay deveria estar apaixonado por Saxton e Deus era testem unha de que Qhuinn havia ferrado com seu am igo m uitas vezes.

Ou, m elhor, ignorou-o, com o era o caso.

Quando finalm ente voltou para o quarto – apenas porque era patético dem ais ficar ali parado olhando para as cortinas fechadas –, percebeu que sua vida estava toda relacionada a ele. Era o que desej ava, o que precisava, o que tinha de

possuir.

O antigo Qhuinn teria pegado um ônibus e atravessado aquela porta com ele...

Com um a careta, tentou não pensar na frase de m aneira tãão literal; porém , a questão era que o hom ossexual patético e fraco estava certo: se você am a alguém , tem de libertá-lo.

Em seu quarto, virou-se e sentou-se na cam a. Olhando ao redor, viu a m obília

que não havia com prado... e a decoração era ótim a, m as anônim a, e não tinha nada a ver com seu estilo. As únicas coisas que lhe pertenciam eram suas roupas no arm ário, o barbeador no banheiro e os tênis de corrida que usava quando chegava m ais cedo.

Era com o na casa de seus pais.

Bem , ali, as pessoas de fato lhe davam valor, m as conform e o tem po passava, não tinha um a vida própria, realm ente. Era o protetor de John, um soldado da Irm andade. E...

Caram ba, agora que não se entregava m ais ao vício do sexo, esse era o fim da lista.

Recostando-se contra a cabeceira da cam a, cruzou os pés e arrum ou o roupão.

A noite estendia-se à frente dele em um a planície horrível... com o se estivesse dirigindo, dirigindo e dirigindo ao longo de um deserto... e tinha apenas m ais do m esm o pela frente.

Meses do m esm o.

Anos.

Pensou em Lay la e no conselho que tinha dado a ela. Cara, os dois estavam exatam ente no m esm o lugar, não?

Fechando os olhos, ficou aliviado quando com eçou a divagar. Mas tinha a sensação de que qualquer tranquilidade não ia durar m uito tem po.

E estava certo.

C A P ÍTU LO 42

No Hospital Equino Tricounty, Manny perm aneceu parado enquanto Glory fungava em seu uniform e hospitalar, provavelm ente sabendo que a deixaria. Mas constatou que era incapaz de separar-se ou separar Pay ne do cavalo.

O tem po estava se esgotando para sua Glory e isso o m atava. Mas não poderia deixá-la definhar, perm itir que ficasse cada vez m ais m agra e m ais m anca a cada dia que passava. Ela m erecia m uito m ais que isso.

– Você a am a – Pay ne disse suavem ente, sua m ão pálida deslizava em volta do puro-sangue, descendo para o flanco.

– Sim . Am o.

– Ela tem m uita sorte.

Não, ela estava m orrendo e isso era um a m aldição.

Ele lim pou a garganta.

– Acho que precisam os...

– Dr. Manello?

Manny inclinou-se e olhou para a porta da baia.

– Oh, ei, doutor. Tudo bem ?

Quando o veterinário-chefe cam inhou até eles, seu *smoking* estava destoando tanto do local quanto um pinguim em um a praia tropical.

– Estou bem ... e você parece m uito bem .

O cara aj eitou a gravata borboleta.

– O traj e de pinguim é porque vou a um a ópera. Mas tinha que passar por aqui e dar um a olhada na sua garota.

Manny aproxim ou-se e estendeu a m ão.

– Eu tam bém .

Quando apertaram as m ãos, o veterinário olhou ao redor da baia... e seus olhos se arregalaram quando viu Pay ne.

– Ah... oi.

Quando Pay ne ofereceu ao hom em um breve sorriso, o bom doutor piscou com o se o sol tivesse se desvencilhado de várias nuvens e brilhado sobre ele.

Ceeerto, Manny estava farto de idiotas olhando para ela daquele j eito.

Colocando-se no cam inho, disse:

– Existe algum tipo de suporte que poderia colocar nela? Para aliviar a pressão?

– Nós a im obilizam os durante algum as horas todos os dias. – Enquanto o veterinário respondia, avançava pouco a pouco para o lado de m aneira que Manny teve de inclinar o tronco para continuar a bloquear a visão.

– Não quero correr o risco de problem as respiratórios ou gastrointestinais.

Entediado com a coisa da inclinação e querendo afastar Pay ne da conversa, Manny pegou o braço do cara e m oveu os dois para um lado.

– Qual será nosso próxim o passo?

O veterinário esfregou os olhos com o se precisasse de um segundo para organizar sua m ente.

– Para ser franco, doutor Manello, não tenho um bom pressentim ento sobre nossa situação. O outro casco está afundando e apesar de estar fazendo tudo a m eu alcance para tratar isso, não está reagindo.

– Tem que haver m ais algum a coisa.

– Sinto m uito.

– Quanto tem po até term os certeza...

– Tenho certeza agora. – O olhar do hom em era m uito triste. – Foi por isso que passei por aqui esta noite... estava esperando um m ilagre.

Bem , os dois estavam fazendo isso.

– Vou lhe dar um pouco m ais de tem po com ela – o veterinário disse. – Fique o quanto precisar.

Na linguagem m édica isso queria dizer: *pode se despedir.*

O veterinário colocou a m ão no om bro de Manny brevem ente e, então, virou e foi em bora. Enquanto saía, verificou cada baia, checando seus pacientes, acariciando um focinho aqui e ali.

Um cara legal, bastante cuidadoso.

Alguém que esgota todas as possibilidades até determ inar um cenário de derrota.

Manny respirou fundo e tentou dizer a si m esm o que Glory não era um anim al

de estim ação. As pessoas não tinham cavalos de corrida com o anim ais de estim ação, e ela m erecia m ais do que sofrer em um a pequena baia enquanto ele

encontrava coragem para fazer o que era certo em relação a ela.

Colocando a m ão no peito, acariciou sua cruz atrás do j aleco e teve um a vontade súbita de ir à igrej a...

No início, tudo o que notou foram as som bras na parede do outro lado. Em seguida, pensou que talvez alguém tivesse acendido as luzes.

Finalm ente, percebeu que a ilum inação vinha da baia de Glory.

O... que...

Escorregando, recuou... e teve de se equilibrar.

Pay ne estava de j oelhos no feno m acio, as m ãos posicionadas sobre as pernas dianteiras de seu cavalo, os olhos fechados, sobrancelhas tensas.

E seu corpo brilhava com um a luz forte e bela.

Acim a dela, Glory estava im óvel, m as seu couro contraía-se e os olhos reviravam . Alguns relinchos satisfeitos percorriam seu longo pescoço e saíam por suas narinas... com o se tivesse um a sensação de alívio, alívio da dor.

As pernas dianteiras m achucadas ilum inaram -se levem ente.

Manny não se m oveu, não respirou, sequer piscou. Apenas segurou sua cruz ainda m ais forte... e rezou para que ninguém interrom pesse aquilo.

Não tinha certeza de quanto tem po os três perm aneceriam assim , m as, em

determ inado m om ento, ficou claro que Pay ne estava se sobrecarregando com o

esforço: seu corpo com eçou a vibrar e a respirar de m aneira forçada.

Manny entrou na baia e a afastou de Glory, segurando seu corpo vacilante contra o seu, e tirou-a do cam inho no caso do cavalo se assustar e fazer algo im previsível.

– Pay ne? – Oh, Deus...

Os olhos dela trem ularam .

– Eu... a aj udei?

Manny acariciava seus cabelos para trás enquanto olhava para a égua. Glory estava parada com firm eza, levantando um dos cascos da frente, depois outro e voltava a m ovim entar o prim eiro com o se estivesse tentando descobrir o que causou o repentino conforto. Então, estrem eceu... e beliscou o feno que não havia

tocado.

Quando aquele m aravilhoso som da ponta de um focinho tocando a gram a seca encheu o silêncio, olhou para baixo em direção a Pay ne.

– Você conseguiu – disse com voz rouca. – Acho que conseguiu.

Seus olhos pareceram se esforçar para voltar o foco.

– Não queria que a perdesse.

Transbordando de um a gratidão que não tinha palavras para expressar, Manny puxou-a para m ais perto de seu coração e segurou-a por um m om ento. Desej

ava

ficar daquela m aneira por m uito m ais tem po, m as ela parecia não estar bem e só

Deus sabia se alguém m ais havia notado o brilho daquela luz. Tinha de tirá-los dali.

– Vam os para m inha casa – disse. – Assim , poderá se deitar.

Quando ela assentiu, girou-a em seus braços e ela se encaixou perfeitam ente.

Quando fechou a baia, olhou para Glory. O cavalo estava fungando contra o feno com o se aquilo fosse tudo o que tinha.

Meu Deus... será que tinha funcionado m esm o?

– Volto am anhã – disse a ela, antes de com eçar a se afastar, im pulsionado por um a esperança incandescente.

No balcão da segurança, sorriu e deu de om bros para o cara.

– Alguém está fazendo plantão dobrado no hospital. Ela está exausta.

O hom em levantou-se com o se a m era presença de Pay ne, m esm o inconsciente, fosse suficiente para cham ar sua atenção.

– É m elhor levá-la para casa. É preciso cuidar bem de um a m ulher com o essa.

Com certeza.

– É exatam ente para onde estou indo.

Movendo-se com rapidez, passou pela recepção e aguardou o ruído para que

pudesse em purrar as últim as portas. Com algum a sorte, o veterinário-chefe não tinha visto nada...

– Obrigado, Jesus – Manny m urm urou quando ouviu o sinal e abriu a porta com o quadril.

Não perdeu tem po ao se dirigir para o carro, apesar de tirar as chaves e m anter Pay ne erguida ao m esm o tem po ter sido um a confusão. Abrir a porta tam bém foi difícil. Mas, em seguida, colocou-a no banco do passageiro, perguntando-se o tem po todo se estava doente. Droga, não tinha com o entrar em contato com ninguém do m undo dela.

Dando a volta e sentando-se atrás do volante, pensou: “Dane-se, vou levá-la direto para os vam piros...”

– Posso pedir-lhe um a coisa? – disse ela lentam ente.

– Qualquer coisa... O que você...

– Posso tom ar de sua veia um pouco? Encontro-m e... curiosam ente esgotada.

Certo, tudo bem . Estam os aqui para isso: trancou as portas, puxou as m angas da roupa e estendeu-lhe o braço.

Os lábios m acios encontraram seu pulso, m as sua m ordida não foi ágil, com o se estivesse tendo problem as para reunir forças. Ainda assim , com eçou o trabalho e ele pulou, a dor aguda cravou-se em seu coração e o deixou um pouco tonto. Ou... talvez aquilo estivesse acontecendo em função da excitação súbita e

avassaladora que percorreu não apenas seu pênis com o o corpo inteiro.

Com um gem ido, seus quadris m overam -se sobre o banco do Porsche e deixou sua cabeça cair para trás. Deus, aquilo era bom ... o ritm o da sucção que sentia seguia sua ereção... e, m esm o doendo, os puxões e os goles que recebia eram um

prazer, um doce e picante prazer pelo qual tinha certeza que poderia m orrer.

Caiu em um estado de total felicidade; parecia que havia se passado séculos desde a últim a vez que não estiveram ligados por aquelas presas em sua carne.

O tem po não tinha qualquer significado nem a realidade de que estavam em um estacionam ento dentro de um carro com j anelas de vidros claros.

Dane-se o m undo.

Eram apenas ele e ela, j untos.

E isso foi antes dos olhos de diam ante de Pay ne se abrirem e se fixarem nele, observando não seu rosto, m as seu pescoço.

Vam pira... ele pensou. Linda vam pira.

Minha.

Quando aquele pensam ento fundiu-se em sua m ente, com eçou a agir no piloto autom ático, deslocando a cabeça para o lado, oferecendo sua j ugular para ela...

Não precisou pedir duas vezes. Em um grande im pulso, Pay ne se ergueu, lançando-se sobre o corpo dele; sua m ão penetrou seus cabelos e apertou sua nuca. Enquanto o detinha sob seu controle, Manny ficou totalm ente im obilizado, e

ela tam bém , por capturá-lo... presa para sua predadora. E agora que o possuía, suas presas deslizaram sobre a pele e encaixaram -se na altura da garganta, fazendo-o enrij ecer ao antecipar a sensação da punção e da sucção...

– Droga! – ele vociferou quando ela o m ordeu. – Oh... *sim*...

As m ãos dele agarraram os om bros de Pay ne, puxando-a para ainda m ais perto.

– Tom e tudo... tom e... oh, Deus... oh, droga...

Algo acariciou seu pênis. E um a vez que sabia exatam ente onde estavam suas m ãos, tinha de ser ela. Ao m ovim entar-se, ergueu-se um pouco m ais e deu-lhe o m áxim o de espaço possível para se m over... e ela o fez, para cim a e para baixo contra sua ereção, os quadris de Manny aj udavam , intensificando as carícias.

A respiração dele era alta no interior do carro quando com eçou a ofegar e seus gem idos tam bém : não levou m uito tem po até que seu pênis ficasse dorm ente, a ponta tensa contra a pressão.

– Eu vou gozar – ele gem eu. – É m elhor parar se não quiser que...

Com isso, ela puxou o laço do uniform e hospitalar e colocou um a das m ãos ali dentro...

Manny viu estrelas. No instante que as peles se encontraram , ele gozou com o nunca antes, sua cabeça foi para trás com força, as m ãos cravaram sobre os om bros de Pay ne, os quadris se m ovim entavam com o loucos. E ela não parou

de

beber ou de acariciar... assim com o havia sido antes, ele continuou gozando, o prazer se intensificava a cada espasm o que tinha contra a ereção.

Acabou cedo dem ais.

Por outro lado, poderiam ficar ali por um a década e ele continuaria fam into.

Quando Pay ne desvencilhou-se dele, recuou e lam beu as feridas feitas por suas presas afiadas, sua língua era rosada contra as pontas brancas. Cara... aquela luz gloriosa brilhava sob sua pele, fazendo com que ela parecesse um sonho.

Oh, espere, ela era um sonho, não era?

– Seu sangue é forte – disse com voz rouca enquanto curvava-se sobre ele outra vez e lam bia sua garganta. – Muito forte.

– É? – ele m urm urou. Mas não teve certeza se pronunciou m esm o algum a coisa. Talvez tivesse apenas pensado as palavras.

– Posso sentir o poder percorrendo dentro de m im .

Cara, nunca esteve em um carro esportivo grande antes – aquelas m áquinas eram m uito desaj eitadas e a direção era instável, pareciam pedregulhos caindo de um a m ontanha –, m as o que não daria por um banco traseiro onde pudesse colocar algo m aior que um a bolsa de tacos de golfe. Queria deitá-la ali e...

– Quero m ais de você. – Pay ne m urm urou ao se aninhar sobre ele.

Bem , Manny ainda estava duro com o um a pedra, m esm o tendo acabado de...

– Quero você na m inha boca.

A cabeça de Manny foi im pulsionada para trás e gem eu quando seu pênis estrem eceu com o se um a corrida fosse com eçar lá em baixo. Mas, por m ais que a desej asse, não tinha certeza se ela sabia o que estava por vir. Apenas o pensam ento dos lábios dela sobre seu...

A cabeça de Pay ne desceu sobre o colo antes que ele pudesse encontrar fôlego para falar e não houve prelim inares: ela o chupou, m asturbando-o em sua boca quente e m olhada.

– Droga! Pay ne!

Suas m ãos apoiaram -se sobre os om bros dela, para puxá-la de m aneira ostensiva... m as ela não deu a m ínim a para isso.

Sem qualquer treino, sabia exatam ente com o fazer, puxando e sugando antes de lam ber o tronco. Em seguida, ela o explorou com tal profundidade que Manny só pôde concluir que estava gostando daquilo tanto quanto ele... e aquilo era

dem ais.

Só que sentiu presas no topo, provocando-lhe.

Ele a ergueu rapidam ente nesse m om ento, capturando sua boca em um beij o forte enquanto segurava seu rosto, m as logo perdeu aquilo que tinha entre as m ãos. Não durou m uito. Ela se desvencilhou dele e voltou para onde estava, capturando-o outra vez no m eio de um orgasm o, lam bendo o local de seu corpo

que parecia desej á-la com todas as forças.

Quando os espasm os pararam , ela se afastou, olhou para ele... e, lentam ente, lam beu os lábios.

Manny teve de fechar os olhos diante dessa visão, sua ereção pulsando a ponto de doer.

– Vai m e levar para sua casa agora – ela rosnou. Não era um a solicitação. E o tom sugeria que estavam pensando exatam ente o m esm o.

Assim , aquilo os levaria apenas a um a única coisa.

Manny reuniu forças e abriu os olhos. Endireitando-se, tocou o rosto dela e acariciou o lábio inferior com o polegar.

– Não tenho certeza se deveríam os, *bambina* – disse em um tom áspero.

A m ão dela apertou seu pênis e ele gem eu.

– Manuel... acho que é exatam ente o que precisam os fazer.

– Não é... um a boa ideia.

Pay ne afastou-se e recolheu a m ão, seu brilho desapareceu.

– Mas está excitado. Mesm o agora.

Acha mesmo?

– Esse é o ponto.

Seus olhos percorreram o rosto dela e foram para os seios. Estava tão desesperado por ela, que sentia a tentação de rasgar aquele uniform e hospitalar em dois e tirar a virgindade dela em seu carro.

– Não serei capaz de m e segurar, Pay ne. Mal consigo fazer isso agora...

Ela ronronou de satisfação e lam beu os lábios verm elhos outra vez.

– Eu gosto quando perde o controle.

Oh, Deus, aquilo não aj udava em naaada.

– Eu... – ele balançou a cabeça, pensando que aquilo era ridículo... negar-lhe tal coisa m achucava m uito. – Acho que deve fazer o que precisa e m e deixar agora. Enquanto ainda consigo deixá-la ir.

O som de batidas na j anela não fez sentido no com eço. Só havia eles dois ali naquele estacionam ento vazio. Mas, então, o m istério foi resolvido:

– Saia do carro. E passe a carteira.

Um a voz m asculina vinda da j anela atingiu a cabeça de Manny... de onde visualizou o tam bor de um a arm a.

– Você m e ouviu, cara. Saia do carro ou eu atiro.

Quando Manny colocou Pay ne de volta no assento do passageiro, disse

suavem ente:

– Quando eu sair, tranque as portas. Bem aqui.

Moveu um a das m ãos sobre um painel e pressionou um botão.

– Deixe-m e lidar com isso. – Tinha m ais ou m enos quatrocentos dólares em dinheiro na carteira e vários cartões de crédito. – Fique aqui dentro.

– Manuel...

Ele não deu tem po para responder... até onde sabia, aquela arm a tinha todas as respostas e im punha todas as regras.

Pegando a carteira, abriu a porta lentam ente, m as foi rápido ao sair e quando fechou Pay ne lá dentro, esperou ouvir as travas das portas.

E esperou.

Desesperado para ouvir o som de Pay ne acionando as travas de segurança, ouviu vagam ente quando o cara de m áscara de esqui vociferou:

– A carteira. E diga para a vadia sair do carro.

– Tem quatrocentos...

A carteira desapareceu.

– Diga para sair ou ela vem com igo. E o relógio. Quero o relógio.

Manny olhou para o edifício. Havia j anelas em toda parte e com certeza aquele guarda tinha que dar um a olhada para verificar com o estavam as coisas lá fora de vez em quando.

Talvez, se ele entregasse devagar...

O cano da arm a foi pressionado contra seu rosto.

– Relógio. Agora.

Não era um bom relógio... não operava com seu Piaget, pelo am or de Cristo.

Mas não tinha im portância... o idiota podia ficar com a m aldita coisa. Além disso,

quando fingiu que suas m ãos trem iam , percebeu que não havia o que questionar...

Difícil dizer o que aconteceu e em qual ordem .

Relem brando, sabia que Pay ne tinha de ter aberto a porta prim eiro. Mas parece que no instante em que ouviu o som horrível do lado do passageiro, ela j á

estava atrás do ladrão.

E outra coisa estranha foi que isso não aconteceu até que Manny am aldiçoou o

fato do bastardo ter percebido a presença de um terceiro elem ento no cenário. Só

que não poderia ser verdade... ele a teria visto andando ao redor do carro, certo?

Sej a com o for... foi assim que aconteceu e o m ascarado acabou saltando para

trás e oscilava entre Pay ne e Manny com a arm a.

Mas aquela partida de tênis não ia durar m uito. Com um a lógica terrível,

Manny sabia que o cara ia se voltar para Pay ne, pois era a parte m ais fraca do...

Quando, outra vez, o cano da arm a oscilou em direção a ela, Pay ne...

desapareceu. E não foi por ter se abaixado ou se esquivado ou corrido m uito

rápido. Ela estava lá num m om ento, ocupando espaço... e havia desaparecido em

seguida.

Reapareceu um a fração de segundo depois e pegou o pulso do cara no

m om ento em que ia colocar a arm a de volta no rosto de Manny. O ato de

desarm á-lo tam bém foi m uito rápido: prim eiro, ela pegou a arm a; depois, tirou-a

das m ãos do filho da m ãe; em seguida, j ogou-a para Manny, que pegou a coisa.

Então, era hora de finalizar.

Pay ne girou o cara, agarrou a parte de trás da cabeça e colou o rosto dele no

capô do Porsche. Depois de lustrar um pouco a pintura do carro com aquela

carranca, reposicionou-o e agarrou a calça j eans folgada do filho da m ãe.

Erguendo-o pelos cabelos e pelo que era ou o cós de sua calça ou seu ânus, ela o

dom inou e o j ogou... a uns dez m etros de distância.

O Super-Hom em não faria tão bem ... e o ladrão acabou acertando em cheio a

parede do hospital equino. O edifício não reagiu e, com o era de se esperar, nem

o ladrão. Ele aterrissou de bruços em um canteiro de flores e ficou lá, os

m em bros inertes com o carne m orta e daí para m ais.

Nenhum m ovim ento. Nenhum gem ido. Nenhum a tentativa de se levantar.

– Você está bem , Manuel?

Manny virou a cabeça lentam ente para Pay ne. Ela sequer estava ofegando.

– Jesus... Cristo... – ele sussurrou.

Quando as palavras de Manny foram levadas por um a brisa, Pay ne aj eitou

sua blusa folgada e as calças soltas. Então, alisou o cabelo. Parecia ser a única coisa possível de se fazer para ficar m ais apresentável após o ato de violência. Quanto esforço desperdiçado na tentativa de ficar m ais fem inina. Enquanto isso, Manuel continuava apenas olhando para ela.

– Não vai dizer m ais nada? – disse ela em voz baixa.

– Hã... – Manuel colocou a m ão livre sobre a cabeça. – Sim . Hã... deixe-m e ver se ele está vivo.

Pay ne cruzou os braços enquanto cam inhava até o hum ano. Na verdade, não se im portava m uito com as condições que tinha deixado o ladrão. Sua prioridade era tirar aquela arm a letal do rosto de Manuel e cum priu sua tarefa. Qualquer coisa que tivesse acontecido com o ladrão era irrelevante... m as era evidente que não conhecia as regras daquele m undo, ou as im plicações do que havia feito.

Manuel estava na m etade do cam inho do canteiro quando a “vítim a” rolou com um gem ido. As m ãos que seguravam a arm a de fogo foram até a m áscara que cobria seu rosto e ele puxou a m alha até a testa.

Manuel aj oelhou-se.

– Eu sou m édico. Quantos dedos têm aqui?

– O quê...?

– Quantos dedos?

– Três...

Manuel colocou a m ão sobre o om bro do rapaz.

– Não se levante. Foi um golpe forte na cabeça. Tem algum form igam ento ou dorm ência nas pernas?

– Não – o rapaz encarou Manuel. – Por que... está fazendo isso?

Manuel despistou a pergunta.

– Isso se cham a curso de m edicina... cria um a necessidade com pulsiva de tratar um a doença ou um ferim ento independentem ente da circunstância. Acho que vam os precisar cham ar um a am bulância...

– De j eito nenhum !

Pay ne desm aterializou-se para aproxim ar-se deles. Apreciava as boas intenções de Manuel, m as preocupava-se com a possibilidade de haver outra arm a com o ladrão...

No instante em que apareceu atrás de Manuel, o cara encolheu-se no chão de horror, ergueu os braços e recuou.

Manuel olhou sobre o om bro... e nesse m om ento Pay ne viu que ele não era ingênuo. Tinha a arm a apontada para o hom em .

– Tudo bem , *bambina*. Peguei o cara...

Atordoado e desaj eitado, o ladrão levantou-se e Manuel o acom panhou com a arm a apontada em sua direção enquanto o hum ano tropeçava e recuperava o equilíbrio apoiando-se no edifício.

Era evidente que estava pronto para fugir.

– Vam os ficar com a arm a – Manuel disse. – Entendeu? E não preciso dizer o

quanto você tem sorte em estar vivo... ninguém agride m inha nam orada.

Quando o cara sum iu nas som bras, Manny levantou-se.

– Preciso levar essa arm a à polícia.

Então, ele sim plesm ente a olhou.

– Tudo bem , Manuel. Posso cuidar da m inha presença diante do guarda, assim , ninguém ficará sabendo de nada. Faça o que deve ser feito.

Com um aceno de cabeça, ele tirou um pequeno dispositivo telefônico, abriu e pressionou alguns botões. Colocando-o sobre o ouvido, disse:

– Sim , m eu nom e é Manuel Manello e fui abordado com um a arm a de fogo em m eu veículo. Estou no Hospital Tricounty...

Enquanto falava, ela olhou em volta e pensou que não desej ava que aquilo tivesse acabado assim . Só que...

– Tenho que ir – ela disse quando Manuel desligou. – Não posso... continuar aqui se aparecer m ais hum anos. Só com plicaria as coisas.

Manny abaixou o telefone lentam ente.

– Certo... sim – franziu a testa. – Ah, ouça... se a polícia chegar, preciso m e lem brar do que aconteceu ou... droga, terei um a arm a nas m ãos sem poder lhes dar qualquer m otivo para isso.

De fato, parecia que estavam presos. E, pela prim eira vez, estava grata por um aprisionam ento.

– Quero que se lem bre de m im – ela disse em voz suave.

– Esse não era o plano.

– Eu sei.

Ele balançou a cabeça.

– Você é a coisa m ais im portante nisso tudo. Então, precisa cuidar-se e isso significa apagar m inha...

– Dr. Manello! Dr. Manello... o senhor está bem ?

Pay ne olhou sobre o om bro. O prim eiro m acho hum ano que viram no balcão dentro do hospital vinha correndo pelo gram ado em pânico.

– Faça isso – Manuel disse. – E vou descobrir um j eito depois...

Quando o guarda aproxim ou-se correndo deles, Pay ne encarou o recém - chegado.

– Estava fazendo m inha ronda – o hom em disse. – E quando estava checando os escritórios na outra extrem idade do prédio, vi o senhor pela j anela... e corri o m ais rápido que pude!

– Estam os bem – disse ela ao guarda. – Mas poderia observar um a coisa para m im ?

– Claro! A polícia j á foi cham ada?

– Sim – ela tocou sob o olho direito. – Olhe para m im , por favor.

Ele j á estava fixado no rosto dela e a concentração extra só facilitou seu trabalho; tudo o que ela teve de fazer foi abrir cam inho dentro de seu cérebro para colocar um rem endo m ental em tudo o que se relacionava a ela.

Até onde o hum ano sabia, o cirurgião tinha chegado e saído sozinho.

Manteve o hom em em transe e virou-se para Manuel.

– Não precisa se preocupar. As m em órias dele são de m uito curto prazo, vai ficar bem .

Ao longe, ouviram o som de sirenes, estridente e urgente.

– É a polícia – disse Manuel.

– Então, tenho que ir.

– Com o vai para casa?

– Da m esm a m aneira que saí do seu carro.

Ela esperou que se aproxim asse dela... ou dissesse algum a coisa... ou... m as apenas ficou ali parado com o ar noturno silencioso e frio pairando entre eles.

– Vai m entir para eles? – Manny perguntou. – Dizer que apagou m inhas lem branças?

– Não sei.

– Bem , no caso de precisar voltar para fazer isso, estarei no...

– Boa noite, Manuel. Por favor, perm aneça em segurança.

Com isso, ela ergueu um a das m ãos e, de m aneira silenciosa e inexorável, desapareceu.

C A P ÍTU LO 43

Se aquilo era um truque, era um m uito estranho.

– Então, onde está seu am igo?

Karrie Ravisc, m ais conhecida nas ruas com o Kandy, prostituía-se há m ais ou m enos nove m eses, então, j á tinha visto m uita porcaria. Mas aquilo...

O hom em enorm e na porta do quarto de m otel falou em voz baixa:

– Está chegando.

Karrie deu outra tragada e pensou: bem , ao m enos aquele cara na sua frente era bonitão. Já tinha pagado quinhentos dólares e a instalou naquele quarto. Ainda assim ... Havia algum a coisa errada ali.

Sotaque estranho. Olhos estranhos. Ideias estranhas.

Mas m uito bonitão.

Enquanto esperavam , deitou-se nua na cam a com todas as luzes apagadas.

Porém , não estavam totalm ente no escuro. O suj eito com a carteira cheia de dinheiro tinha colocado um a grande lanterna no quarto, sobre a côm oda barata. A luz estava direcionada para ilum inar seu corpo, com o se estivesse em um palco, ou talvez em um a obra de arte.

O que, na verdade, era m enos estranho do que algum as coisas que j á havia feito. Droga, se a prostituição não fizesse alguém pensar que os hom ens eram noj entos e uns bastardos doentes, nada m ais faria: além dos trapaceiros loucos e dos tipos que gostavam de ficar no com ando, havia os filhos da m ãe cheios de fetiches, aqueles que gostavam de ser espancados e outros que desej avam que urinassem sobre eles.

Finalizando o baseado, apagou a bituca e pensou que talvez aquela coisa de

holofotes não fosse tão ruim . Um idiota quis com er ham búrgueres em cim a dela

há duas sem anas e aquilo, sim , foi grosseiro...

O clique da fechadura virando fez ela pular e percebeu com um estalo que

alguém , de algum a form a, havia entrado sem ela notar; aquilo era a porta *sendo*

trancada. Por dentro.

E agora havia um segundo hom em perto do prim eiro.

Ainda bem que seu cafetão estava no quarto ao lado.

– Boa noite – ela disse, ao se estender m ecanicam ente para os dois. Seus seios

eram falsos, m as boas falsificações, seu estôm ago era plano m esm o j á tendo um

filho e não estava apenas depilada, m as havia passado por um processo de

eletrólise.

Isso perm itia cobrar o que cobrava.

Cara... outro grandão, pensou quando o segundo cara se aproxim ou e parou na beirada da cam a. Na verdade, aquele era enorm e. Um m am ute, m as não gordo

e desleixado... seus om bros eram tão quadrados que pareciam ter sido

desenhados com um a régua e seu peito form ava um triângulo perfeito sobre seus

quadris firm es. Não conseguia ver seu rosto, um a vez que a luz estava vindo por

trás dele, m as não se im portou quando o prim eiro cara deitou-se ao lado dela na

cam a.

Droga... ela viu-se excitada de repente. Era o tam anho deles e o perigo da

escuridão e arom a que exalavam . Deus... o cheiro era incrível.

– Vire de bruços – o segundo exigiu.

Deus, aquela voz. O m esm o sotaque estrangeiro do cara que a tinha instalado

ali, m as m uito m ais profundo... e havia um a vantagem nisso.

– Quer m esm o ver m eu traseiro? – disse lentam ente, enquanto se sentava.

Colocando as m ãos sobre os seios extragrandes, ela os ergueu e os uniu. – Porque

m inha frente é ainda m elhor.

Com isso, ela ergueu um dos seios e esticou a língua para lam ber o próprio

m am ilo enquanto os olhos iam e vinham entre os hom ens.

– De bruços.

Certo, era evidente que havia um a hierarquia ali: o cara deitado ao lado dela

ostentava um a trem enda ereção, m as não fazia nenhum m ovim ento em direção

a ela. E o Sr. Mandão era o único que falava.

– Se é assim que desej a.

Tirando os travesseiros da cam a, fez um show ao girar, torcendo o tronco de

m odo que um de seus seios ainda aparecesse. Com a unha pintada de esm alte

preto, fazia círculos ao redor dos bicos ao arquear as costas e m ostrar as nádegas.

Um rosnado sutil percorreu através do ar saturado e rarefeito do quarto e esse foi o sinal. Abrindo as pernas, arqueou a parte inferior do corpo para cim a, posicionando os dedos dos pés e curvando a coluna outra vez.

Sabia exatam ente o que m ostrava ao suj eito parado nos pés da cam a... e o rosnado sugeriu que gostou daquilo que tinha. Então, era hora de ir m ais além . Olhando para ele, colocou o dedo m édio na boca e o sugou; então, deslocou seu peso para cim a e levou o dedo até seu sexo para acariciar-se.

Se era a erva ou... droga, algum a coisa naqueles hom ens... ficou m uito excitada de repente. A ponto de querer o que estava prestes a acontecer.

Quando o cara com eçou a se aproxim ar dela, o que estava com andando a situação colocou a m ão na frente dos quadris.

– Beij e-a – ele ordenou.

Ela estava tão pronta para isso, m esm o sendo algo que não perm itisse norm alm ente. Virando o rosto para o outro, sentiu sua boca ser tom ada por um conj unto de lábios m acios e exigentes... e, em seguida, um a língua a penetrou...

Ao m esm o tem po, m ãos enorm es agarraram a parte superior das suas coxas e as afastaram ainda m ais.

E outro par de m ãos instalou-se sobre seus seios.

Mesm o sendo um a profissional, sua m ente fez um a pequena viagem , toda

aquela porcaria com a qual geralm ente se preocupava enquanto fazia o que precisava fazer fugiu... e levou consigo coisas com o: onde estavam as cam isinhas? Quais eram as regras do j ogo?

Fivela. Zíper. Em seguida, ouviu o som de calças caindo ao chão e sentiu o m ovim ento do colchão quando algo pesado deitou-se.

Perguntou-se vagam ente se o pênis que havia surgido ali era tão grande quanto o resto do hom em atrás dela... se fosse, cara, j á estava pensando em oferecer um a segunda rodada grátis. Isso se conseguissem m anter o ritm o por tanto tem po...

Um a cabeça cheirando a álcool e cigarro aproxim ou-se dela enquanto m ãos ergueram seus quadris do colchão e a colocaram de quatro.

Deus, o cara era *enorme*... e ela se preparou para um a série de m ovim entos quando a palm a daquela m ão percorreu sua coluna e os dedos enroscaram -se em seus cabelos curtos. Parecia que ia arrancar sua cabeça, m as não se im portava. Só queria m ais daquele hom em dentro dela...

Só que não entrou com força e não se m oveu im ediatam ente; em vez disso, acariciou-a com o se tivesse gostado da sensação da sua carne, passando a m ão em seus om bros e, m ais um a vez, ao redor de sua cintura... e m ais abaixo em seu sexo lubrificado. E quando a penetrou com pletam ente, era com o um a lâm ina lisa e deu-lhe um segundo para se acostum ar com a grossura e o com prim ento.

Então, travou em seus quadris com as palm as das m ãos e com eçou a arrem eter. Nesse m om ento, o am igo dele se colocou em baixo dela para chupar-lhe os seios.

Com a intensificação do ritm o, os m am ilos açoitavam a boca do que estava em baixo dela para frente e para trás ao ritm o dos quadris que pulsavam em seu traseiro várias vezes. Mais rápido. Mais forte. Mais rápido...

– Acabem com igo – ela vociferou. – Oh, droga, isso...

De repente, o que estava deitado no colchão virou-se, reposicionou-a e preencheu a boca dela com o m aior pênis que j á havia ingerido.

Ela realm ente teve um orgasm o.

Se *eles* continuassem assim , *ela* iria pagá-los.

Um a fração de segundo depois, o hom em atrás dela recuou e ela sentiu um j ato quente espalhar-se ao redor dela. Mas ele não tinha term inado. Recom eçou os m ovim entos um m om ento depois, tão grosso e rígido com o na prim eira investida.

O que estava chupando gem ia e foi separada dele, pois sua cabeça foi erguida.

Ele gozou em seus seios, j orrando violentam ente ao longo do seu peito com m ais daquele cheiro incrível quando o outro saiu e ej aculou outra vez em suas costas.

Em seguida, o m undo girou e ela viu-se de costas, o cara da carteira assum iu o lugar do que estava no com ando e a penetrou, preenchendo-a com algo tão

grosso quanto o do outro.

Foi ela quem estendeu a m ão para o am igo silencioso que com andava, trazendo seu pênis até a boca, conseguiu afastá-lo de seu papel de espectador e o introduziu dentro dela outra vez.

Era tão grande que teve de abrir bem a m andíbula para conseguir encaixá-lo na garganta e o sabor era delicioso... nada parecido com o que teve antes. Ao sugá-lo com seu am igo atrás dela golpeando m uito bem , estava envolta da sensação de ser preenchida, de ser invadida por algo rígido, por pênis poderosos que abalavam todo seu corpo.

Em seu delírio, tentou ver o hom em que estava sugando, m as, de algum a form a, ele m antinha a luz atrás de si... e tornava tudo ainda m ais erótico, com o se estivesse chupando um a som bra. Cara, ao contrário do outro, não em itia qualquer som e nem ofegava. Mas estava excitado, de verdade, em purrava seu sexo contra sua boca, tirava e em purrava de volta. Até que se retirou e apertou a ereção com um a das m ãos. Unindo os seios, ela proporcionou um ótim o terreno para gozar e, cara, m esm o sendo a terceira vez, ele a cobriu por inteiro.

Até seu peito ficar brilhante, escorregadio... e escorrendo.

A próxim a coisa que percebeu foi que seus j oelhos foram erguidos até as orelhas e o cara do dinheiro ia dar um j eito nela da m elhor m aneira possível. E,

então, o chefe beij ou-lhe os lábios outra vez, pressionando, querendo m ais. Algo

pelo qual ela estava m uito feliz em proporcionar.

Ao observá-los enquanto m oviam -se em sincronia, sentiu um a sensação de

m edo percorrê-la. Arqueada em baixo deles, teve a sensação de que poderiam

quebrá-la ao m eio se quisessem .

Mas não a m achucaram .

E continuaram , os dois trocavam de lugar várias vezes. Era óbvio para ela que

faziam aquilo sem pre e, Deus, estava com m uita vontade de lhes dar o núm ero

de seu telefone.

Finalm ente, acabaram .

Nenhum deles disse nada. Nem para ela, nem entre eles... o que era diferente,

pois a m aioria dos *ménages à trois* que fazia acabava com os caras conversando

alegrem ente entre si. Aqueles dois, não; fecharam seus zíperes e... bem , com o

era de se esperar, as carteiras apareceram outra vez.

Enquanto perm aneciam parados em cim a dela, levou as m ãos à boca, ao

pescoço e aos seios. Estava lam buzada em tantos lugares que m al conseguia

contar – e adorou. Acariciou o que os caras deixaram sobre sua pele, brincando

com aquilo, pois sim plesm ente desej ava... não era m ais para diverti-los.

– Querem os lhe dar outros quinhentos – o prim eiro disse em voz baixa.

– Para quê? – aquele tom satisfeito era m esm o dela?

– Vai ser bom . Prom eto.

– É algo depravado?

– Muito.

Ela riu e revirou os quadris.

– Então, eu digo sim .

Quando o cara tirou as verdinhas, parecia haver m uitas delas na carteira... e talvez se ele fosse outra pessoa, ela poderia ter ido até seu cafetão e sugerir a Mack para abordá-lo no estacionam ento. Mas não ia fazer isso; em parte porque o sexo tinha sido incrível; e além disso, os caras provavelm ente espancariam a droga do seu chefe.

– O que você quer que eu faça? – perguntou enquanto pegava o dinheiro e o fechava com força nas m ãos.

– Abra as pernas.

Ela não pensou duas vezes, seus j oelhos se afastaram .

E eles não hesitaram , os dois se inclinaram em direção a seu sexo escorregadio.

Caram ba, será que iam chupá-la? Apenas pensar sobre isso fez seus olhos revirarem e ela gem eu...

– Ai!

Tentou erguer-se, m as as m ãos forçaram -na a ficar no colchão.

A sucção sutil veio em seguida e deixou-a tonta. Porém , não era em seu sexo.

Estavam nas laterais, bem próxim os do centro, na j unção onde suas pernas encontravam o tronco.

A sucção era rítm ica... com o se estivessem se alim entando.

Karrie suspirou e entregou-se àquela sensação. Tinha a im pressão chocante de que estavam se alim entando dela de algum a form a, m as aquilo era incrível... especialm ente quando algum a coisa a penetrou. Talvez dedos... provavelm ente. Sim , definitivam ente.

Quatro dedos a penetraram e duas m ãos separadas iniciaram um a série de puxões alternativos enquanto as duas bocas sugavam sua pele.

Ela gozou de novo.

E de novo.

E de novo.

Depois de só Deus sabe quanto tem po, eles a lam beram algum as vezes... nos locais onde tinham sugado, não onde suas m ãos estavam .

E, então, tudo se desprendeu, bocas, dedos, corpos.

Os dois se endireitaram .

– Olhe para m im – o líder disse.

Suas pálpebras estavam tão pesadas que teve que se esforçar para obedecer. E no m om ento em que fez isso, sentiu um a dor lancinante em suas têm poras. Mas que não durou m uito e depois... ficou apenas flutuando.

Foi por isso que não prestou m uita atenção no grito abafado e distante que veio da porta ao lado... não do quarto onde Mack estava instalado, m as do outro.

Bum! Tum. Pum...

Karrie com eçou a adorm ecer nesse ponto, m orta para o m undo, o dinheiro

colado na palm a da m ão enquanto aquilo que estava m olhado com eçava a secar.

Não se preocupava com nada. Na verdade, sentia-se incrível.

Droga... com quem havia estado...?

Quando Xcor saiu do quarto de m otel da prostituta com Throe logo atrás dele,

fechou a porta e olhou para a esquerda e para a direita. A instalação que seu

soldado havia escolhido para aquela diversão carnal estava nos arredores da

cidade. Decaído e j á apodrecendo em alguns lugares, o edifício de apenas um

andar tinha sido dividido em m ais ou m enos cinquenta pequenas caixas do

tam anho de arm ários, com o escritório no final do cam inho à esquerda. Queria o

últim o quarto na outra extrem idade para ter m ais privacidade, m as o m elhor que

Throe pôde fazer foi conseguir algo perto da entrada.

Porém , quais eram as chances reais daquele local estar totalm ente ocupado?

Não havia quase ninguém ali.

Analisando as vagas de estacionam ento em frente ao quarto deles, viu um

Mercedes preto que tentava desesperadam ente parecer m ais novo do que era... e

um a cam inhonete com um a capa sobre a cabine. Os outros dois carros estavam

m ais distantes, perto do escritório.

Aquele lugar era perfeito para o propósito que tinham . Isolado, ocupado por pessoas que não queriam ninguém se m etendo em suas vidas e preparado para estender serviços sem elhantes a outros. E a ilum inação externa era precária: apenas um a a cada seis lâm padas funcionavam ... Inferno, o dispositivo elétrico ao lado de sua cabeça havia sido esm agado. Então, tudo estava escuro e som brio.

Ele e seu bando de bastardos teriam de encontrar fêm eas de sua raça para servir a suas necessidades de sangue a longo prazo e isso acabaria acontecendo. Até lá? Teriam de se valer daquilo que ele e Throe haviam acabado de saborear e fariam aquilo ali, naquele lugar deserto.

Throe falou calm am ente:

– Satisfeito?

– Sim . Ela era m uito boa.

– Fico feliz.

Um arom a no ar atraiu as duas cabeças em direção à porta do quarto m ais distante. Xcor inalou profundam ente para confirm ar o que tinha sentido com a leve brisa, o cheiro de sangue hum ano fresco foi um a surpresa desagradável. Ao contrário da expressão no rosto de Throe: desagradável, m as sem surpresa algum a.

– Sequer pense nisso – Xcor vociferou. – Throe... *Droga*!

O soldado virou-se para a porta com um a expressão estrondosa... seu instinto agressivo sem dúvida foi inflam ado porque era o sangue de um a fêm ea sendo derram ado: a fertilidade no ar era óbvia.

– Não tem os tem po para isso – Xcor disparou.

Com o resposta, Throe chutou a m aldita porta.

Quando Xcor xingou, considerou rapidam ente em se desm aterializar da cena; o que o distanciou do im pulso foi o ato de dar um a olhada dentro do local. A veia heroica ridícula de Throe abriu cam inho para um a grande confusão.

Literalm ente.

Um a fêm ea hum ana estava am arrada à cam a com algum a coisa am ontoada em sua boca. Estava quase m orta... e perto dem ais de colocar o pé na cova para ser salva. Seu sangue estava em toda parte, na parede atrás dela, pingando no chão, encharcando o colchão. As ferram entas que tinham auxiliado o ato estavam na m esa de cabeceira: duas facas, fita adesiva, tesouras... e m eia dúzia de pequenos frascos com fluidos transparentes dentro deles e com as tam pas retiradas.

Havia coisas flutuando na...

Um a batida ecoou do banheiro. Com o se um painel ou um a j anela tivessem sido abertos e fechados em seguida.

Quando Throe correu em direção ao som , Xcor avançou e pegou o m acho pelo braço. Com dois m ovim entos rápidos, Xcor tirou a braçadeira de m etal

que

m antinha j unto a seu cinto de arm as e apertou o obj eto no braço grosso do

soldado. Puxando de volta o m acho com todo seu peso, balançou-o com o um a

bola no final de um a corrente. Houve um baque na parede quando o gesso barato

recebeu o im pacto do pêndulo vam piro.

– *Deixe-me ir.*

Xcor puxou o cara para ainda m ais perto.

– Isso não é problem a seu.

Xcor puxou o braço e deu um soco na parede, quebrando o superfície plana.

– É sim ! Solte-m e!

Xcor bateu na nuca do m acho.

– Não. É. Seu. Mundo!

Nesse m om ento, com eçaram a se debater, os dois lutavam e batiam em

obj etos do quarto, produzindo m ais barulho do que deveriam . E estavam prestes a

cair no carpete ensanguentado quando um m acho hum ano atarracado e com

óculos escuros do tam anho de vidraças deslizou pela porta. Deu um a olhada na

cam a, outra para Xcor e Throe e, em seguida, m urm urou algum a coisa,

cobrindo os olhos com seus antebraços ao se abaixar e sair.

Um a fração de segundo depois, a porta do quarto onde tinham transado com

aquela fêm ea hum ana abriu e fechou... em seguida, abriu e fechou outra vez.

Saltos altos ressoaram em passos rápidos e descoordenados e houve um barulho de pessoas entrando em um carro.

Um m otor rugiu e o Mercedes saiu rápido do estacionam ento, sem dúvida, com a prostituta e o dinheiro dentro dele.

A rápida partida provou serem verdadeiras as hipóteses que Xcor tinha elaborado sobre a clientela do lugar.

– Ouça-m e – disse a Throe. – Ouça-m e bem , seu bastardo estúpido... não é problem a nosso. Mas se ficar aqui vai acabar sendo...

– O assassino foi em bora!

– E nós tam bém vam os.

Os olhos pálidos de Throe encararam a cam a e a m áscara de raiva escorregou por um breve m om ento. O que havia sob ela deteve até m esm o o im pulso agressivo de Xcor. Tanta dor. Deus, quanta dor.

– Ela não é sua irm ã – Xcor sussurrou. – Agora, venha com igo.

– Não posso... deixá-la... – Os grandes olhos vidrados atingiram os dele. – Não pode m e pedir isso.

Xcor virou-se, m antendo o pulso firm e sobre o soldado. Tinha de haver algo do assassino ali, algo que pudesse ter...

Xcor arrastou o lutador para o banheiro e houve um a satisfação cruel quando observaram a j anela acim a do vaso sanitário. O painel espesso de vidro fosco estava intacto, m as havia um a faixa verm elha brilhante na borda da caixa de

m etal.

Era exatam ente o rastro de que precisavam .

Xcor aproxim ou-se da j anela e passou dois dedos ao redor do que havia detido e rasgado a carne hum ana.

O sangue aderiu a sua carne, em poçando-a.

– Abra – ordenou.

Throe abriu a boca e sugou aqueles dois dedos, fechando os olhos para se concentrar enquanto sirenes com eçavam a soar pela noite.

– Tem os que partir – Xcor disse. – Venha com igo agora e perm itirei que saia para encontrar o m acho. Concorda? Pode assentir com a cabeça. – Quando Throe assentiu, decidiu que precisava de m ais. – Jure.

Throe inclinou-se em reverência.

– Juro.

A braçadeira foi liberada... então, os dois desapareceram no fino ar assim que luzes azuis anunciaram a chegada da polícia hum ana.

Xcor não era m isericordioso em situação algum a; m as se tinha de ser assim , não ofereceria piedade algum a àquele hum ano crim inoso... que agora era o alvo

de Throe... e, logo, seria sua presa.

C A P ÍTU LO 44

– Dr. Manello?

Ao som de seu nom e, Manny voltou-se para a realidade e descobriu que, sim , ainda estava no Tricounty, no gram ado. Era m uito irônico o fato do guarda de segurança ter sido o único a receber um tratam ento m ental e, ainda assim , ser o único focado na situação.

– Ah... sim . Desculpe. O que disse?

– O senhor está bem ?

– Não, não estou.

– Bem , o senhor foi dem ais... Não posso acreditar com o lidou com ele. Em um m inuto, ele o enfrentava... no outro, o senhor tinha a arm a e ele estava.... voando.

Claro que deve estar cansado.

– Sim . É isso. Exatam ente.

Os policiais apareceram dois segundos depois e foi um a enxurrada de perguntas e respostas. E foi ótim o; o guarda sequer m encionou Pay ne. Era com o se ela nunca tivesse estado lá.

Não deveria ser novidade, se considerasse tudo o que Manny havia passado não apenas com ela, m as com Jane. Mesm o assim , era estranho.

Sim plesm ente não tinha entendido m uito bem tudo aquilo: Pay ne havia desaparecido no ar na frente dele; não deixou nada de si para trás, ao m enos não até onde o guarda sabia, m as o cara se lem brava m uito bem de Manny ; não sabia com o ela havia conseguido ficar tão calm a e sob controle em um a

situação

tão am eaçadora.

Na verdade, aquela últim a parte tinha sido totalm ente erótica. Observá-la surrar aquele m aldito suj eito foi m uito excitante... Manny não tinha certeza do que aquilo poderia dizer sobre si m esm o, m as era isso.

E pensou que ela ia m entir. Diria às pessoas que tinha lim pado a m ente dele. Diria que havia cuidado das coisas.

De fato, Pay ne havia encontrado um a solução: Manny ainda tinha sua m ente, ela tinha suas pernas funcionando e ninguém saberia disso entre seu irm ão e sua classe.

Sim , tudo estava resolvido. Tudo o que tinha de fazer agora era passar o resto de sua vida indo atrás de um a m ulher que nunca encontraria. Super fácil.

Um a hora depois, entrou no Porsche e dirigiu-se para Caldwell. Guiando sozinho, o carro não parecia apenas vazio, m as um terreno baldio e viu-se abaixando e subindo as j anelas. Não era o m esm o.

Pay ne não sabia onde ele m orava, pensou. Mas isso não im portava, não é m esm o? Ela não voltaria.

Deus, era com plicado decidir o que era m ais difícil: um a longa despedida onde ela olharia em seus olhos e o im pediria de falar dem ais ou aquele esparadrapo retirado de um a só vez.

De qualquer m aneira era terrível.

No Com m odore, entrou no subsolo, estacionou em sua vaga e saiu. Cham ou o elevador. Subiu até seu apartam ento. Entrou. Fechou a porta.

Quando o celular tocou, atrapalhou-se para tirá-lo do bolso e quando viu o núm ero, am aldiçoou. Era Goldberg, ligando do centro m édico.

Atendeu sem entusiasm o algum .

– Oi.

– Você atendeu – disse o cara com alívio. – Tudo bem ?

Certo. Não queria m uito responder.

– Estou bem – Quando houve um a pausa, disse. – E você?

– Estou bem . As coisas têm sido... – *Hospital. Hospital. Hospital hospital, hospitalh ospit alhosp. Ital hospit alhospital...*

Entrava por um ouvido e saía pelo outro. Porém , Manny ocupou-se um pouco. Foi até o bar na cozinha, pegou um Lagavulin e sentiu-se com o tivesse recebido um soco na cabeça quando viu com o havia pouca bebida na garrafa. Inclinando-se no gabinete, pegou um Jack Daniels da parte de trás que estava ali há tanto tem po que j á havia poeira na tam pa.

Algum tem po depois, desligou o telefone e levou a sério a questão da bebida. A garrafa do uísque Lagavulin prim eiro. O Jack em seguida. Então, foi o caso de recorrer às garrafas de vinho na geladeira. E o que restou das cervej as... foram guardadas na despensa; portanto não estavam geladas.

Porém , seu cérebro não reconheceu qualquer diferença entre a bebida quente

e a porcaria gelada.

Dito isso, gastou um a hora no festival do consum o alcoólico. Talvez m ais. E foi

m uito eficaz. Quando pegou a últim a cervej a e com eçou a ir para o quarto,

sentiu com o se estivesse na ponte de com ando da *Enterprise**, cam baleando para a esquerda e para a direita... e voltando um pouco para trás. E m esm o

conseguindo enxergar bem o cam inho com a luz am biente da cidade, tropeçou

com várias coisas: por algum m ilagre inconveniente, sua m obília ganhara vida e

a porcaria estava determ inada a ficar em seu cam inho... tudo, das cadeiras de

couro acolchoadas até a...

– Droga!

... m esa de centro.

Eeeeeeeee o fato de que esfregar a canela enquanto avançava foi com o

adicionar um par de patins à festa. Quando chegou ao quarto, deu um gole na

cervej a para celebrar e tropeçou na banheira. Água ligada. Roupas tiradas.

Entrar. Não havia razão para esperar a coisa esquentar. Não conseguia sentir nada m esm o e esse era o ponto.

Não se preocupou em se secar; apenas cam inhou até a cam a com a água

pingando do corpo e acabou com a cervej a quando se sentou. Então... só havia

um m onte de nada. Seu teor de álcool estava bem alto, m as ainda tinha de

alcançar m ais fundo para derrubá-lo com tudo.

Mas *consciência* era um term o relativo. Em bora estivesse acordado, sem

dúvida estava totalm ente desconectado... e não só por causa de sua taxa de álcool

no sangue. Estava sem energia por dentro, de um a m aneira m uito curiosa.

Caindo sobre o colchão, pensou que se a situação Pay ne estava resolvida era

hora de com eçar a reorganizar sua vida... ou pelo m enos fazer um a tentativa

disso am anhã de m anhã, quando sua ressaca o acordasse. Sua m ente estava bem ,

então não havia razão para não voltar ao trabalho e tratar de distanciar aqueles

m alditos m om entos do resto de sua vida norm al.

Enquanto olhava para o teto, ficou aliviado quando sua visão ficou turva.

Até que ele percebeu que estava chorando.

– Maldito covarde.

Enxugando os olhos, decidiu que não ia continuar com aquilo de j eito nenhum .

Só que foi o que fez... e perm aneceu assim . Deus, a saudade que sentia dela j á

chegava ao ponto da agonia.

– Maldito... inferno...

Ergueu a cabeça de repente e seu pênis latej ou. Olhou para fora através da

porta de vidro deslizante em seu terraço e procurou pela noite com um desespero

que o fez se sentir com o se suas crises de loucura estivessem de volta.

Pay ne...

Payne...?

Lutou para se levantar da cam a, m as seu corpo recusou-se a obedecer... com o

se seu cérebro estivesse falando em um idiom a e seus braços e pernas não conseguissem traduzir. E então a em briaguez venceu, pressionando o Ctrl-Alt-Del

e fechando seus program as.

Porém , não reiniciou.

Depois que suas pálpebras se fecharam , as luzes se apagaram , por m ais que lutasse contra a m aré.

No terraço, Pay ne perm aneceu parada no vento frio, os cabelos eram açoitados, sua pele form igava devido à tem peratura.

Havia desaparecido da visão de Manuel. Mas não havia lhe deixado.

Mesm o depois de Manny provar ser capaz de cuidar de si m esm o, ela se cam uflou com o *mhis* e perm aneceu parada no gram ado do hospital equino, observando-o conversar com a polícia e o guarda de segurança. E quando entrou no carro, ela o seguiu desm aterializando-se pouco a pouco e conseguiu segui-lo graças à pequena quantidade de sangue que tom ou dela.

A viagem até sua casa culm inou nas profundezas de um a cidade m enor do que a que havia visto no carro, m as ainda era im pressionante, com seus prédios altos,

ruas belas e pavim entadas, pontes altas que atravessavam um rio m uito largo.

Caldwell era realm ente adorável à noite.

Será que tinha ido até ali para dizer um adeus invisível?

Quando Manuel entrou em algum tipo de instalação subterrânea para veículos,

ela o deixou continuar sozinho. O propósito de Pay ne foi alcançado quando ele chegou a seu destino com segurança; com isso, soube que precisava partir.

Mas perm aneceu ali na rua, m antendo-se no *mhis*, vendo os carros passarem e os pedestres atravessarem as ruas. Um a hora se passou. E m ais um pouco. E, ainda assim , não conseguia partir.

Cedeu a seu coração e com eçou a subir, subir, subir... dirigindo-se para onde Manuel estava. Tom ou form a do lado de fora do terraço do apartam ento... e o encontrou no m eio do cam inho entre a cozinha e a sala. Seu desequilíbrio era evidente, tropeçava em várias peças da m obília... porém , não pelo fato das luzes

estarem apagadas. Sem dúvida, era pela bebida em suas m ãos. Ou, m ais precisam ente, toda bebida que j á havia tom ado antes disso.

Em seu quarto, não se despiu, arrancou as roupas e entrou no chuveiro.

Quando saiu do banheiro todo m olhado, ela teve vontade de chorar. Parecia tão difícil com preender que apenas um dia os separava do m om ento em que ela testem unhou pela prim eira vez o corpo dele assim ... Contudo, na verdade, ela sentia com o se pudesse praticam ente estender a m ão no tem po e tocar aqueles m om entos elétricos quando estiveram prestes a... não era apenas um presente, era um futuro.

Não m ais.

Sentou-se sobre a cam a... depois, j ogou-se no colchão.

Quando com eçou a enxugar as lágrim as, ela ficou com pletam ente arrasada. E isso aum entou sua necessidade de aproxim ar-se dele...

– Pay ne.

Com um grito baixinho, ela virou-se. Do outro lado do terraço, em pé na brisa... estava seu irm ão gêm eo, e, no instante em que colocou os olhos sobre Vishous, soube que algum a coisa havia m udado nele. Sim , sua face j á estava curada do dano que infligiu a si m esm o no espelho... m as não era essa a alteração. O interior dele estava diferente: a tensão, a raiva e a frieza assustadora haviam desaparecido.

Quando o vento em aranhou os cabelos dela, tentou recom por-se rapidam ente, enxugando as lágrim as que brilhavam sobre seus olhos.

– Com o sabia... que eu estava...?

Com sua m ão enluvada, apontou para cim a.

– Tenho um apartam ento. No topo do edifício. Jane e eu estávam os saindo quando senti que estava aqui.

Ela deveria saber. Da m esm a m aneira que conseguia sentir o *mhis* dele... ele poderia sentir o dela.

E com o desej ava que ele não se detivesse ao ir em bora. A últim a coisa que precisava naquela noite era outra rodada de “autoridade” m asculina dizendo-lhe o que fazer. Além disso, o Rei j á havia decretado suas leis. O decreto de Wrath não precisava de um reforço vindo de seu irm ão.

Ergueu a m ão para detê-lo antes que dissesse qualquer palavra sobre Manuel.

– Não estou interessada em lhe ouvir dizendo tudo o que nosso Rei j á disse. E j á estava indo em bora.

– A m em ória dele j á foi apagada?

Ela ergueu o queixo.

– Não, não foi. Ele m e levou para sair e houve um ... incidente...

O rosnado que seu irm ão soltou foi m ais alto que o vento.

– O que ele fez...?

– Não foi ele. Por um acaso, poderia... deixar de odiá-lo? – Quando esfregou as têm poras, perguntou-se se a cabeça de alguém j á havia explodido... ou se todos na Terra sentiam -se assim de vez em quando. – Fom os atacados por um hum ano e no processo de desarm á-lo...

– O hum ano?

– Sim ... nesse processo, eu m achuquei o hom em e a polícia foi cham ada...

– Você *desarmou* um hum ano?

Pay ne encarou seu irm ão gêm eo.

– Quando rem ove a arm a de alguém , é assim que cham am , não?

Os olhos de Vishous se estreitaram .

– Sim . É.

– Não podia apagar as m em órias de Manuel, pois ele não seria capaz de responder as perguntas feitas pela polícia. E eu estou aqui... pois queria vê-lo em

casa em segurança.

No silêncio que se seguiu, ela percebeu que tinha se apoiado em algum lugar.

Para proteger Manuel, acabou com provando o argum ento de seu irm ão de que o

m acho que desej ava não era capaz de cuidar dela. Ah, m as isso não im porta. Se

levasse em conta que estava disposta a obedecer ao Rei, de qualquer m aneira

não havia futuro para ela e Manuel.

Quando Vishous ia abrir a boca, ela gem eu e levou as m ãos aos ouvidos.

– Se tem algum a com paixão, deixe-m e chorar sozinha. Não consigo ouvir

todas as razões pelas quais preciso m e separar dele... conheço todas. Por favor.

Apenas vá.

Fechou os olhos, virou-se e rezou para que sua m ãe perm itisse que ele fizesse o

que tinha pedido...

A m ão em seu om bro era pesada e quente.

– Pay ne. Pay ne, olhe para m im .

Sem energia para lutar, ela deixou cair os braços e encontrou aqueles olhos

som brios.

– Responda-m e um a coisa – seu irm ão gêm eo disse.

– O quê?

– Am a esse bast... esse hom em ? Você o am a?

Pay ne olhou através do vidro em direção ao hum ano sobre a cam a.

– Sim . Estou apaixonada por ele. E se tentar dissuadir-m e disso com o fato de que ainda não vivi o suficiente para j ulgar, eu lhe digo: dane-se. Não preciso conhecer o m undo para perceber o que m eu coração desej a.

Houve um longo silêncio.

– O que Wrath disse?

– A m esm a coisa que você diria. Que devo apagar as lem branças relacionadas a m im da m em ória dele e nunca, j am ais voltar a vê-lo.

Quando seu irm ão não disse nada, ela balançou a cabeça.

– Por que ainda está aqui, Vishous? Está tentando pensar em algum a coisa para dizer e, assim , m e convencer a ir para casa? Deixe-m e poupá-lo do esforço... quando a m adrugada se aproxim ar, eu partirei... e obedecerei às regras, m as não

porque é bom para você ou para o Rei ou para m im m esm a. É porque é a coisa m ais segura a se fazer por ele... ele não precisa de inim igos com o você e a Irm andade para torturá-lo só porque m e sinto assim . Então, estará acabado, assim com o desej a. Só que... – nesse m om ento, ela o encarou – não vou lim par

as m em órias dele. A m ente dele é valiosa dem ais para ser desperdiçada... e ele não vai suportar outro processo. Vou m antê-lo seguro não voltando m ais aqui, m as não vou condená-lo a um a vida de dem ência. Isso não vai acontecer... ele não fez nada além de m e aj udar. Merece m ais do que ser usado e descartado.

Pay ne voltou os olhos para o vidro.

Depois de um longo período de silêncio, concluiu que seu irm ão havia partido.

Então, quase gritou quando parou em frente a ela e bloqueou a visão de Manuel.

– *Ainda* está aqui – ela vociferou.

– Vou dar um j eito nisso para você.

Pay ne recuou e, em seguida, rosnou:

– Não se atreva a pensar em m atá-lo...

– Com Wrath. Vou dar um j eito nisso. Vou... – Vishous alisou os cabelos. – Vou fazer algum a coisa para que possa ficar com ele.

Pay ne piscou. Em seguida, sentiu a boca se abrir.

– O que... o que disse?

– Conheço Wrath há m uitos anos. E, tecnicam ente, de acordo com as Leis Antigas, sou o líder da nossa pequena fam ília feliz. Irei até ele e lhe direi que aprovo essa... união e que acho que pode ver o bast... o cara. Hom em . Manello –

lim pou a garganta. – Wrath é m uito preocupado com a segurança, m as com o *mhis* ao redor do com plexo... Manello não conseguiria nos encontrar se quisesse.

Além disso, é hipocrisia negar-lhe o que os outros Irm ãos fazem de vez em quando. Droga, Darius teve um a criança com um a m ulher hum ana... e Wrath está casado com a filha dele agora. De fato... se tentasse separar nosso Rei de sua Beth quando a conheceu... Ele teria m atado qualquer um que tivesse sequer m encionado tal sugestão. A Mary de Rhage? Mesm a coisa. E deve ser o

m esm o... para você. Falo até com nossa *mahmem,* se necessário.

Pay ne colocou um a das m ãos sobre o coração que pulsava forte.

– Não... não entendo porque faria... isso.

Olhou sobre o om bro e encarou o hum ano que ela am ava.

– É m inha irm ã. E ele é o que você quer – deu de om bros. – E... bem , eu m e apaixonei por um a hum ana. Apaixonei-m e por Jane em m enos de um a hora depois de conhecê-la. Se o que sente por Manello for ao m enos m etade do que sinto por m inha *shellan*, sua vida nunca será com pleta sem ele...

Pay ne lançou-se sobre seu irm ão e o abraçou. Quase o derrubando ao chão.

– Oh... m eu irm ão...!

Passou os braços ao redor dela e a envolveu.

– Desculpe-m e por ter sido tão idiota.

– Você foi... – procurou outra palavra. – Sim , você foi m uito idiota.

Ele riu, o som retum bou em seu peito.

– Viu? Conseguim os concordar em algum a coisa.

Enquanto ela o abraçava, disse:

– Obrigada... Obrigada...

Depois de um m om ento, afastou-se.

– Deixe-m e falar com Wrath prim eiro antes de falar com Manello, certo? Quero aj eitar tudo com antecedência... e, sim , vou para casa agora. Jane está de plantão e a Irm andade está de folga esta noite, então, j á posso acertar algum a

coisa com o Rei. – Houve um a pausa. – Só quero um a coisa em troca.

– O quê? Qualquer coisa. Pode dizer.

– Se for ficar aqui até o am anhecer, entre. Está congelando aqui fora. – Deu um passo para trás. – Vá em frente... vá e fique com seu... m acho... – Esfregou os olhos e Pay ne teve a sensação de que estava se lem brando do que viu quando

a encontrou no banho com seu curandeiro. – Vou voltar... ah, ligue... Tem um telefone? Aqui pegue o m eu... Droga, não estou com ele.

– Está tudo bem , m eu irm ão. Voltarei ao am anhecer.

– Bom , sim ... eu deveria saber.

Ela o encarou.

– Am o você.

Agora, ele sorria. Um sorriso largo e sem reservas. Erguendo a m ão, acariciou o rosto dela.

– Am o você tam bém , irm ãzinha. Agora, entre e se aqueça.

– Vou entrar. – Deu um pulo e beij ou a bochecha dele. – Vou entrar!

Com um aceno, ela se desm aterializou através do vidro.

Oh, com o o interior parecia quente em com paração ao terraço... ou talvez fosse apenas a onda de alegria que em anava dela. Sej a lá o que fosse, girou sobre um dos pés e, depois, seguiu até a cam a.

Manuel não estava apenas dorm indo, m as desm aiado... Mas ela não se

im portava. Subindo na cam a, colocou um braço ao redor dele e, instantaneam ente, ele gem eu e virou-se para ela, puxando-a para si e a abraçando.

Quando seus corpos fundiram -se e sua ereção tocou o quadril de Pay ne, os olhos dela voltaram -se para o terraço.

Não havia razão para forçar a sorte com Vishous... m as, felizm ente, ele tinha partido.

Sorrindo na escuridão, ela ficou à vontade e acariciou o om bro de seu m acho.

Tudo ia dar certo e a chave disso era a lógica avassaladora que Vishous havia detalhado. Na verdade, o argum ento era tão eficaz que não podia acreditar que não havia pensado nisso antes.

Porém , Wrath poderia não gostar disso; m as, concordaria, pois fatos eram fatos... e era um governante j usto que havia provado várias vezes não ser um escravo das antigas leis.

Quando aconchegou-se ao lado dele, sabia que não havia qualquer possibilidade de dorm ir e, assim , correr o risco de ser queim ada pelo sol: estava incandescente quando deitou-se na cam a ao lado de Manuel, brilhava tanto que lançava som bras sobre a sala.

Nada de cair no sono para ela.

Queria apenas desfrutar daquele sentim ento.

Para sem pre.

Nom e da nave espacial de *Jornada nas Estrelas*. (N.P.)

C A P ÍTU LO 45

Vishous chegou em casa em um piscar de olhos e depois de dar um a olhada em Jane na clínica dirigiu-se para a m ansão por m eio do túnel subterrâneo. Quando saiu no saguão de entrada, tudo o que ouviu foi um nada retum bante e ficou desconfortável com o silêncio.

Era um a tranquilidade estranha.

Claro, norm alm ente, aquilo acontecia quando se era duas horas da m adrugada e os Irm ãos estavam todos fora no cam po de batalha. Contudo, naquela noite, todos estavam recolhidos, provavelm ente fazendo sexo, recuperando-se disso, ou preparando-se para fazer outra vez.

Sinto como se tivesse feito amor com você pela primeira vez.

Quando a voz de Jane voltou em sua m ente, não sabia se sorria ou se chorava. Mas não im portava, havia um adm irável m undo novo para ele, com eçando a partir daquela noite... Não que tivesse plena certeza do que isso significasse, m as estava disposto a entrar nessa. Muito disposto.

Chegando à grande escadaria, alcançou rapidam ente o escritório de Wrath, enquanto tateava todos os bolsos que não tinha. Ainda estava vestido com a m aldita bata hospitalar. Com as m anchas de sangue. E sem cigarros.

– Filho da m ãe.

– Senhor? Precisa de algum a coisa?

Quando parou no topo da escada, olhou para Fritz, que estava lim pando o corrim ão, e quase beij ou o m ordom o na boca.

– Estou sem m eu tabaco. E tam bém sem m eus papéis para enrolar...

O velho *doggen* abriu um sorriso tão largo que as rugas em seu rosto fizeram com que parecesse um Shar-Pei.

– Tenho m ais disso na despensa. Volto j á... vai se encontrar com o Rei?

– Sim .

– Posso levar o m aterial para seus cigarros até lá... assim com o um roupão, talvez?

A segunda sugestão foi dita delicadam ente.

– Caram ba, obrigado, Fritz. Você salvou m inha vida.

– Não, o senhor salvou – fez um a reverência. – O senhor e a Irm andade nos salvam todas as noites.

Fritz iniciou seu cam inho rapidam ente, descendo a escadaria com um a alegria prim averil que ia além do esperado. Por outro lado, ele am ava estar a serviço, o que era m uito legal.

Certo. Hora de trabalhar.

Sentindo-se totalm ente deslocado com aquela bata, V. m archou em direção às portas fechadas do escritório de Wrath, cerrou as m ãos e bateu.

A voz do Rei chegou até ele através dos pesados painéis de m adeira.

– Entre.

V. em purrou a porta.

– Sou eu.

– E aí, Irm ão?

Do outro lado da sala de cores delicadas, Wrath estava posicionado atrás da

pesada m esa, sentado no trono de seu pai. No chão ao lado dele, deitado em um a

cam a de cachorro verm elho-real feita sob m edida da Orvis, George levantou sua

cabeça dourada e endireitou as orelhas em um triângulo perfeito. O *golden*

retriver abanou o rabo em saudação, m as não deixou de ficar ao lado de seu

m estre.

O Rei e seu cão-guia nunca se separavam . E não só porque Wrath precisava

de aj uda.

– Então, V. – Wrath recostou-se na cadeira esculpida e abaixou a m ão para

acariciar a cabeça do cão.

– Seu arom a está interessante.

– É? – V. sentou-se na frente do Rei, colocando as m ãos sobre as coxas e

apertando-as na tentativa de distrair o desej o pela nicotina.

– Deixou a porta aberta.

– Fritz vai m e trazer alguns cigarros.

– Não vai acender nada perto do m eu cachorro.

Droga.

– Ah... – Tinha se esquecido da nova regra... e pedir para George prender a respiração não ia dar certo... afinal, Wrath poderia ter perdido a visão, m as o m aldito ainda era letal e V. tinha passado por atos sadom asoquistas suficientes naquela noite, m uito obrigado.

Fritz entrou assim que as sobrancelhas negras do Rei ergueram -se atrás dos óculos escuros.

– Senhor, seu tabaco – o m ordom o disse feliz.

– Obrigado, cara. – V. aceitou os papéis e a em balagem ... e o isqueiro que o *doggen* pensou m uito bem em providenciar. Assim com o o roupão.

A porta se fechou.

V. olhou para o cão. A grande cabeça quadrada de George estava apoiada sobre as patas, seus olhos m arrons e gentis pareciam se desculpar pela rotina da proibição do cigarro. Tentou até m esm o balançar o rabo para isso.

Vishous acariciou a em balagem com o delicioso tabaco turco com o um perdedor patético.

– Im porta-se se eu apenas enrolasse um ?

– Um m ovim ento do isqueiro e vou socá-lo em cim a desse carpete.

– Entendido. – V. alinhou o m aterial sobre a m esa. – Vim falar sobre Pay ne.

– Com o está sua irm ã?

– Ela está... ótim a. – Abriu a bolsa, inalou e teve de engolir o seu *hummm*. – Funcionou... não sei bem com o, m as o fato é que ergueu-se e está andando por aí. Em pé, nova em folha.

O Rei inclinou-se para frente.

– Sério? De verdade?

– É isso aí.

– É um m ilagre.

Evidente que o m ilagre cham ava-se Manuel Manello.

– Pode cham ar assim .

– Bem , isso são ótim as notícias. Quer providenciar um quarto para ela aqui? Fritz pode...

– É um pouco m ais com plicado do que isso.

Quando as sobrancelhas desapareceram atrás dos óculos outra vez, V. pensou: cara, m esm o o Rei sendo totalm ente cego, ainda parecia focar as coisas com o sem pre fez, o que dava a sensação de ter um a arm a nas m ãos de alguém bem treinado apontada para sua cabeça.

V. com eçou a tirar pequenos quadrados brancos.

– É aquele cirurgião hum ano.

– Oh... pelo am or de Deus. – Wrath ergueu os óculos sobre a testa e esfregou os olhos. – Não brinque com igo dizendo que eles se vincularam .

V. perm aneceu em silêncio ao pegar a em balagem e ocupar-se com a fase de

aj eitar as coisas.

– Estou esperando que diga que estou errado. – Wrath deixou seus óculos caírem de volta ao lugar. – Ainda estou esperando.

– Ela está apaixonada por ele.

– E você está tranquilo quanto a isso?

– Claro que não. Mas ela poderia se vincular a um Irm ão que o filho da m ãe não seria bom o suficiente para ela. – Pegou um dos papéis j á preenchidos com tabaco e com eçou a enrolar. – Então... se ela o desej a, eu digo viva e deixe viver.

– V.... Sei o que está querendo dizer e não posso perm itir isso.

Vishous parou no m eio do processo de lam ber o cigarro e considerou a ideia de trazer Beth para aquela pequena conversa; m as parecia que o Rei j á estava com eçando a ter dor de cabeça.

– Até parece que não pode perm itir isso. Rhage e Mary...

– Rhage foi agredido, lem bra-se? Por um a razão. Além disso, os tem pos estão m udando, V. A guerra está ficando m ais intensa, a Sociedade Redutora está recrutando m ais m em bros do que nunca... e, acim a de tudo isso, existe aquele bando de esquartej adores que encontrou ontem no centro da cidade.

Maldição, V. pensou. Aqueles assassinos abatidos...

– Além do m ais, acabei de receber isso. – Sem olhar, Wrath tateou à esquerda e pegou um a página em braile.

– É um a cópia da carta enviada por e-m ail para o que resta das Fam ílias Fundadoras. Xcor realocou-se com seus garotos... razão pela qual encontrou aqueles *redutores* naquelas condições.

– Droga... Que inferno. Sabia que era ele.

– Ele está nos preparando.

V. enrij eceu.

– Para quê?

Wrath enviou um olhar de “cai na real” por trás da m esa.

– As pessoas perderam ram ificações inteiras de suas fam ílias. Fugiram de suas casas, m as querem voltar. Enquanto isso, as coisas estão ficando cada vez m ais perigosas, em vez de m ais seguras em Caldwell. Não se pode ter certeza de nada nesse m om ento.

Leia-se: acreditava que seu trono estava sendo am eaçado. Não im portava o que fizesse para continuar sentado sobre ele.

– Então, não é que eu não entenda a situação de Pay ne – Wrath disse. – Mas tem os que fechar o cerco e nos prepararm os. Não é hora de passar pelas com plicações de se ter um hum ano aqui.

O local ficou ainda m ais silencioso por um m om ento.

Enquanto V. pensava sobre seus argum entos, pegou outro quadrado, enrolou com firm eza, lam beu a aba e enrolou.

– Ele aj udou m inha Jane ontem à noite. Quando os Irm ãos e eu voltam os

depois do confronto naquele beco, Manello foi m uito eficiente e foi além do que precisava fazer. É um cirurgião espetacular... e eu deveria saber. Ele m e operou.

Está longe de ser inútil. – V. olhou do outro lado da m esa. – Se a guerra se intensificar futuram ente, poderíam os usar um par de m ãos extras aptas para um a

boa cirurgia na clínica.

Wrath praguej ou em sua língua. Em seguida, no Antigo Idiom a.

– Vishous...

– Jane é incrível, m as é um a só. E Manello tem habilidades técnicas que ela não tem .

Wrath ergueu os óculos escuros outra vez e esfregou os olhos. Com força.

– Está dizendo que o cara vai aceitar viver aqui nesta casa dia e noite pelo resto da vida? É pedir m uito.

– Então, eu m esm o pedirei.

– Não gosto disso.

Looongo silêncio. O que significava que V. estava fazendo progressos. Porém , o Rei sabia m ais coisas do que dem onstrava.

– Pensei que queria m atar o bastardo – Wrath reclam ou. Com o se fosse um obj etivo m elhor.

De repente, a im agem de Manello de j oelhos na frente de Pay ne clareou na m ente de V., ao ponto de desej ar pegar um a caneta e arrancar os próprios olhos.

– Ainda quero – disse de m odo som brio. – Mas... é ele a quem Pay ne desej a.

O que posso fazer?

Outro looongo silêncio, durante o qual confeccionou um belo conj unto de

cigarros.

Finalm ente, Wrath passou um a das m ãos pelos seus longos cabelos negros.

– Se ela desej a vê-lo fora daqui, não é problem a m eu.

Vishous abriu a boca para argum entar, m as calou-se em seguida. Era m elhor

que um não definitivo e quem sabia o que o destino reservava: se V. conseguiu

evoluir a um lugar onde, m esm o após o pesadelo do banho, Manello perm anecia

em pé e respirando, tudo poderia acontecer.

– Está certo – voltou a fechar a em balagem . – O que vam os fazer com relação

a Xcor?

– Esperar até que o Conselho convoque um a reunião para discutir sobre ele... o

que acontecerá em algum as noites, sem dúvida. A *glymera* vai engolir esse lixo e, em seguida, terem os problem as de verdade – o Rei concluiu, com um a voz seca.

– Ao contrário de todos esses problem as sim ples que tem os.

– Quer que a Irm andade reúna-se aqui?

– Não. Deixe-os descansar o resto da noite. Isso não vai acontecer agora.

V. levantou-se, puxou o roupão e j untou os cigarros.

– Obrigado. Sabe? Sobre Pay ne.

– Não é um favor.

– É a m elhor m ensagem que eu poderia dar a ela.

Vishous estava no m eio do cam inho quando Wrath disse:

– Ela vai querer lutar.

V. virou-se.

– Com o?

– Sua irm ã – Wrath colocou os cotovelos sobre a papelada e se inclinou, sua face cruel estava séria. – Precisa se preparar para quando ela pedir para sair e lutar.

Oh, inferno, não.

– Não estou ouvindo isso.

– Mas vai ouvir. Já lutei com ela. É tão letal quanto você e eu e se acha que ela vai ficar contente rondando a casa nos próxim o seiscentos anos, está com pletam ente louco. Mais cedo ou m ais tarde, é o que ela vai querer.

Vishous abriu a boca. Em seguida, fechou.

Bem , teve ótim os m om entos aproveitando a vida por... m ais ou m enos vinte e nove m inutos.

– Não m e diga que perm itiria isso.

– Xhex luta.

– Ela é problem a de Rehvenge. Não seu. – As sobrancelhas de Wrath

desapareceram um a terceira vez. – São coisas diferentes.

– Prim eiro, todos que estão sob m eu teto são problem as m eus. E, segundo, não

é diferente só porque ela é sua irm ã.

– É claro – *que sim!* – que não.

– Uh-hum . Certo.

Vishous lim pou a garganta.

– Está m esm o pensando em deixá-la...

– Você viu com o eu ficava depois de treinar com ela, certo? Não estava dando

nenhum a vantagem , Vishous. Aquela fêm ea sabe o que faz.

– Mas ela é... – m inha irm ã. – Não pode deixá-la sair daqui.

– Nesse m om ento, preciso do m aior núm ero de lutadores possíveis.

Vishous colocou um cigarro entre os lábios.

– Acho m elhor eu sair.

– Boa ideia.

No segundo que saiu e fechou a porta, acendeu o isqueiro dourado que Fritz

havia lhe dado e inalou com o um aspirador de pó.

Quando pensou em seu próxim o m ovim ento, achou que poderia voltar ao

Com m odore e dar as boas novas para sua irm ã... Mas estava um pouco m ais que

preocupado com a form a que conseguiria m aterializar. Além disso, tinha até o

am anhecer para convencer a si m esm o de que Pay ne no cam po de batalha não

era um a ideia tão absurda.

Lem brou que tam bém havia alguém que precisava ver.

Descendo as escadas, cruzou o saguão e alcançou a entrada. Lá fora, andou rápido sobre o pátio de pedregulhos e entrou no Buraco através da forte porta da frente.

A fam iliaridade dos sofás, da tela de plasm a e da m esa de pebolim o acalm ou. A visão de um a garrafa de uísque vazia sobre a m esa de centro? Não m uito.

– Butch?

Nenhum a resposta. Então, seguiu pelo corredor em direção ao quarto do tira. A porta estava aberta e dentro... não havia nada além do enorm e guarda-roupa de Butch e um a cam a bagunçada e vazia.

– Estou aqui.

Franzindo a testa, V. virou-se e entrou no próprio quarto. As luzes estavam apagadas, m as as arandelas no corredor deram -lhe ilum inação suficiente para se

m ovim entar.

Butch estava sentado do outro lado da cam a, de costas para a porta, a cabeça baixa, os pesados om bros encolhidos.

Vishous entrou e fechou-os ali. Nem Jane nem Marissa apareceriam ... as duas estavam ocupadas com seus trabalhos. Mas Fritz e sua equipe viriam lim par o local em algum m om ento... só que o m ordom o, abençoado sej a, nem m esm o batia nas portas fechadas. Já m orava ali há m uito tem po.

– Oi – V. disse na escuridão.

– Oi.

V. avançou seguindo o contorno do pé da cam a e usou a parede para se localizar. Sentando-se sobre o colchão, posicionou-se ao lado de seu m elhor am igo.

– Você e Jane estão bem ? – o tira perguntou.

– Sim . Está tudo bem – que eufem ism o. – Ela chegou bem na hora que eu acordei.

– Eu liguei para ela.

– Im aginei. – Vishous virou a cabeça e olhou na direção de Butch, m esm o sabendo que aquilo não faria diferença na escuridão. – Obrigado por...

– Desculpe – Butch resm ungou. – Oh, Deus, eu sinto m uito...

O exalar rouco que saiu foi um soluço m al disfarçado.

Apesar de estar cego naquele local, V. estendeu o braço e envolveu o tira. Ao puxar o m acho para m ais perto de si, apoiou a cabeça sobre o peito do am igo.

– Está tudo bem – disse com firm eza. – Está tudo certo. Tudo bem ... Fez a coisa certa...

De algum m odo, acabou m ovendo o cara até que deitaram j untos e seus braços estavam ao redor do tira.

Por algum a razão, pensou na prim eira noite que passaram j untos. Já havia se passado um m ilhão de anos, foi na m ansão de Darius na cidade. Duas cam as

de

solteiro lado a lado no andar de cim a. Butch perguntou sobre suas tatuagens. V. lhe disse para cuidar de sua vida.

E lá estavam eles no escuro outra vez. Considerando tudo o que tinha acontecido desde então, era difícil de acreditar que haviam sido aqueles dois m achos que selaram a am izade por causa dos *Sox*.

– Não m e peça para fazer isso outra vez tão cedo – o tira disse.

– Com binado.

– Mesm o assim . Se precisar... é só dizer.

Estava na ponta da língua de V. dizer algo com o *Nunca mais*, m as isso era bobagem . Ele e o tira j á haviam feito vários passeios no terreno psicológico de V.

e em bora estivesse virando um a nova página... nunca se sabe.

Então, apenas repetiu o j uram ento que tinha feito a si m esm o para Jane. De agora em diante, ia deixar aquela porcaria de lado. Mesm o se aquilo o incom odasse ao ponto de gritar, era m elhor que a estratégia de conter as em oções. Mais saudável tam bém .

– Espero que não sej a m ais necessário – m urm urou. – Mas, obrigado, cara.

– Mais um a coisa.

– O quê?

– Acho que estam os nam orando agora – Quando V. soltou um a risada, o tira deu de om bros. – Vam os lá... eu o vi nu. Você usou um m aldito colete. E nem

preciso falar do banho de esponj a depois de tudo.

– Babaca.

– Com certeza.

Quando o riso deles passou, V. fechou os olhos e desligou m om entaneam ente o cérebro. Com o grande peitoral de seu m elhor am igo contra o seu e sabendo que ele e Jane estavam bem outra vez, seu m undo estava com pleto.

Agora, se ao m enos pudesse m anter sua irm ã longe das ruas e dos becos... a vida seria perfeita.

C A P ÍTU LO 46

Q uando José estacionou em frente ao Motel Monroe, ficou claro que a única coisa nova no lugar era a fita am arela que tinha acabado de rodear a cena do crim e. Tudo m ais estava decaído e desgastado, inclusive os autom óveis estacionados perto do escritório.

Passando pelos carros de polícia alinhados, percorreu todo o cam inho até a últim a vaga e estacionou seu veículo sem identificação oficial na diagonal com relação aos outros do Departam ento de Polícia de Caldwell.

Quando puxou o freio do sedan, olhou para o banco do passageiro.

– Pronto para isso?

Veck j á estava agarrando a m açaneta da porta.

– Pode acreditar.

Quando os dois saíram , os outros oficiais aproxim aram -se e Veck foi envolvido

por vários tapinhas nas costas. No departam ento, o pessoal achava que o cara era

um herói pelo Incidente com o *Paparazzo*... e aquela onda de aprovação não

dim inuiu nem um pouco pelo fato do cara sem pre ignorar qualquer baj ulação.

Firm e e calm o, apenas puxou as calças e tirou um cigarro. Após acendê-lo,

falou exalando a fum aça:

– O que tem os aqui?

José deixou o garoto avançar e se abaixar para passar por baixo da fita. A porta

quebrada que dava para o crim e tinha sido fechada vagam ente, e em purrou-a

com o om bro para abri-la.

– Droga – disse sussurrando.

O ar im pactava com o cheiro do sangue fresco... e form ol.

Nesse m om ento, o *flash* do fotógrafo da polícia surgiu e o corpo da vítim a foi

ilum inado sobre a cam a... bem com o os pequenos frascos a seu lado. E as facas.

Fechou os olhos brevem ente.

– Detetive?

– Tem os o registro da cam inhonete. Illinois. Pertencente a David Kroner. Não

há denúncia de que foi roubado e adivinhe... Kroner é um hom em branco, trinta

e três anos... solteiro... deficiente fís... que inferno. – A conversa de Veck parou

com pletam ente quando aproxim ou-se da cam a. – Deus.

O *flash* disparou outra vez e houve um chiado eletrônico enquanto a câm era se recuperava do esforço.

José olhou para o m édico legista.

– Há quanto tem po ela está m orta?

– Não m uito. Ainda está quente. Posso lhe dar um a noção m ais exata quando term inar.

– Obrigado. – José andou até um a pequena m esa decrépita e usou um a caneta para em purrar um anel fino de ouro, um par de brincos em form a de raio e um a pulseira rosa e preta.

A tatuagem que havia sido recortada da pele da vítim a e colocada num tipo de frasco ao lado dela era rosa e preta tam bém . Provavelm ente eram suas cores favoritas.

Ou tinham sido.

Continuou a andar pelo quarto, procurando coisas fora do lugar, verificando cestos de papéis, observando o banheiro.

Era evidente que alguém havia perturbado o divertim ento do assassino.

Alguém havia visto ou ouvido algum a coisa e arrom bou a porta, provocando um a

fuga rápida pela j anela dos fundos que havia sobre o vaso sanitário.

A ligação para a em ergência foi feita por um m acho que recusou se identificar. Disse apenas que havia um cadáver no quarto no fim do corredor e

isso foi tudo. Não era o assassino que procuravam . Desgraçados com o ele não paravam até serem forçados a isso e não deixavam para trás os troféus que estavam na pequena m esa de cabeceira.

– Aonde você foi depois disso? – José disse a si m esm o. – Para onde fugiu...

Havia unidades com cães farej adores procurando no bosque que havia nos fundos, m as José tinha um palpite de que não ia dar em nada. A pouco m ais de cem m etros do m otel havia um rio raso suficiente para atravessar... ele e Veck passaram pela ponte que atravessava a m aldita coisa no cam inho para aquele local.

– Está m udando seu *modus operandi* – Veck disse. Quando José se virou, o cara plantou as m ãos na cintura sobre os quadris e balançou a cabeça. – É a prim eira vez que faz isso num lugar público. Seu trabalho deve ser confuso... e potencialm ente ruidoso. Teríam os encontrado m ais cenas assim depois de ter acabado.

– Concordo.

– David Kroner é a resposta.

José encolheu os om bros.

– Talvez. Ou pode ser m ais um corpo que encontrarem os.

– Ninguém denunciou seu desaparecim ento.

– O que foi que disse... solteiro, certo? Talvez m ore sozinho. Quem saberia que estava desaparecido?

Só que m esm o com José lançando buracos na teoria, j untou dois m ais dois e chegou a um a conclusão sem elhante. Era raro um a pessoa desaparecer sem que alguém sentisse falta... fam ília, am igos, colegas de trabalho, senhorio... não era im possível, m as m uito im provável.

A questão era, onde o assassino teria ido? Se o bastardo seguisse a lógica convencional, deveria estar num a fase inicial de excesso da própria patologia. No passado, as vítim as apareciam num intervalo de m eses, m as agora encontravam duas por sem ana.

Então, se seguisse essa prem issa, sabia que deveria tom ar alguns cuidados antes de sair pela j anela: não im portavam os padrões para despistar o crim e, tinham de ser feitos m esm o diante de um a fuga frenética. A boa notícia era que o garoto desleixado tornou as coisas m ais fáceis para encontrá-lo. A m á notícia era que a situação poderia piorar antes de m elhorar. Veck aproxim ou-se dele.

– Vou entrar naquela cam inhonete. Quer vir com igo?

– Sim .

Lá fora, o ar não cheirava a cobre e produtos quím icos. José respirou fundo algum as vezes quando Veck estalou as luvas ao colocá-las e com eçou o trabalho.

Naturalm ente o veículo estava trancado, m as isso não deteve o cara. Pegou um a

barra e abriu a porta do lado do m otorista com o se fosse um veterano em arrom bam ento.

– Nossa. – m urm urou enquanto recuava. Não levou m uito tem po para o fedor atingir José e acabou cobrindo a boca para tossir. Mais form ol, um cheiro doce de coisas m ortas.

– Não está na cabine – Veck balançou sua lanterna ao redor dos assentos. – Na parte de trás.

Havia um cadeado nas portas duplas e quadradas do tam pão. Veck saiu da cam inhonete, foi até o carro sem identificação oficial e retornou com um a serra m ovida a bateria.

Ouviram um ruído estridente... um *plim!* ... e, em seguida, Veck estava lá dentro.

– Oh... droga...

José balançou a cabeça quando virou-se para ver o m otivo pelo qual seu parceiro tinha resm ungado.

A lanterna de Veck ilum inava um a coleção inteira de pequenos frascos com coisas flutuando ou afundadas no líquido claro. Os recipientes estavam bem firm es em um engradado feito sob m edida e m ontado do lado esquerdo. O lado direito era reservado às ferram entas: facas e cordas, fita adesiva, m artelos, form ões, lâm inas de barbear, bisturis e retratores cirúrgicos.

Olá, David Kroner: era m uito im provável que o assassino instalasse tudo aquilo na cam inhonete de outra pessoa... e quanto estava disposto a apostar que os troféus em todos aqueles frascos j á haviam preenchido aqueles buracos na pele das vítim as.

Sua esperança era que as unidades com os cães farej adores o localizassem no bosque.

Caso contrário, perderiam outra m ulher. José estava disposto a apostar sua casa nisso.

– Vou entrar em contato com o FBI – disse. – Precisam vir até aqui ver isso.

Veck exam inou o interior do veículo.

– Vou dar um a aj uda para a perícia crim inal. Gostaria de levar esse veículo para a delegacia o m ais rápido possível, assim tudo poderia ser registrado corretam ente.

José assentiu, pegou seu celular e acessou a discagem rápida. Quando com eçou a cham ar, sabia que depois que entrasse em contato com os federais, teria de ligar para sua esposa. Não tinha com o voltar para casa a tem po de tom arem o café da m anhã j untos.

Não m esm o.

C A P ÍTU LO 47

– O sol! Oh, meu Deus! Rápido, é m elhor...

Manny acordou rapidam ente: na verdade, pulou da cam a e j untou o edredom

e os vários travesseiros em seus braços, que caíram todos ao m esm o tem po sobre

seus pés.

A luz do sol entrava pelas j anelas de vidro, inundando o quarto com um brilho intenso.

Pay ne estava ali, seu cérebro lhe disse. Estava *ali.*

Ao olhar em volta freneticam ente, correu para o banheiro. Vazio. Correu ao longo do resto do apartam ento. Vazio.

Esfregando o cabelo, voltou para a cam a... e, então, percebeu que, caram ba, ainda tinha todas as m em órias. Dela. De Jane. Do cara de cavanhaque. Da cirurgia... daquele banho incrível. E de Glory.

Céus...

Inclinando-se, pegou um travesseiro e o colocou em seu nariz. Sim , definitivam ente esteve ali deitada ao lado dele. Mas por que tinha vindo? E se veio, porque não apagou as m em órias dele?

Cam inhou até o corredor de entrada, pegou o celular e... só que não poderia ligar para ela. Não tinha seu núm ero.

Ficou parado por um m om ento com o um a árvore. E, então, lem brou-se de que

havia com binado de se encontrar com Goldberg em m enos de um a hora.

Reprim ido e curiosam ente em pânico por um m otivo que não conseguia sequer apontar, colocou suas roupas esportivas e cham ou o elevador. Na

academ ia, assentiu para outros três caras que faziam m usculação ou abdom inais

e foi até a esteira que costum ava usar.

Esqueceu-se do seu m aldito iPod, m as sua m ente estava agitada, portanto, o

silêncio não era bem o que havia entre seus ouvidos. Quando com eçou a assum ir

um ritm o no aparelho, tentou lem brar-se do que havia acontecido depois de ter

tom ado banho na noite anterior... m as nada lhe veio à m ente. Entretanto, não

sentia dor de cabeça. O que parecia sugerir que seu buraco negro era algo

natural, cortesia do álcool.

Ao longo do exercício, teve de aj ustar a m áquina algum a vezes... era óbvio

que algum idiota tinha usado a m aldita coisa e o ritm o estava lento. E quando

m arcou oito quilôm etros, deu-se conta de que estava de ressaca. Por outro lado,

havia tanto zum bido em sua cabeça que ficou distraído dem ais para se preocupar

com qualquer tontura ou enj oo.

Quando saiu da esteira m ais ou m enos quinze m inutos depois, precisava de um a toalha e dirigiu-se até um a pilha delas que havia próxim o à saída. Um dos

levantadores de peso chegou até lá ao m esm o tem po, m as o cara recuou um

pouco por respeito.

– Você prim eiro, cara – disse, estendendo as m ãos com o se estivesse fazendo

um a oferta.

– Obrigado.

Quando Manny se enxugou e se dirigiu para a porta, fez um a breve pausa ao perceber que ninguém se m ovia: todos no local pararam o que estavam fazendo e o observavam . Deu um a breve olhada para baixo e percebeu que o que estava errado não era seu guarda-roupa. Que diabos?

No elevador, esticou suas pernas e braços e pensou que poderia percorrer m ais uns quinze ou vinte e cinco quilôm etros facilm ente. E apesar da bebida, parece que teve um a boa noite de sono, pois estava bem acordado e cheio de energia... Mas isso era o que a endorfina fazia por alguém . Mesm o quando se está caindo aos pedaços, um a boa corrida era m elhor que cafeína... ou que a sobriedade. Sem dúvida, aquilo term inaria em algum m om ento, m as se preocuparia com isso quando a exaustão o abatesse.

Meia hora depois, entrou no Starbucks em Everett onde ele e Goldberg haviam se encontrado há um ano... só que, claro, naquela época o pequeno café ainda não fazia parte de um a rede de franquias. O cara foi aluno na Universidade de Colum bia e inscreveu-se para fazer um estágio no São Francisco e Manny estava

na equipe de recrutam ento que havia sido convocada para cooptar o bastardo... Goldberg era um a estrela, m esm o naquela época, e Manny queria construir o m elhor departam ento cirúrgico do país.

Quando entrou na fila para pedir sua bebida, olhou em volta. O lugar estava lotado, m as Goldberg j á havia conseguido um a m esa ao lado da j anela. Não era

surpresa. Aquele cirurgião sem pre chegava cedo nos encontros... j á devia estar ali há uns bons quinze, vinte m inutos. Contudo, não procurava por Manny. Encarava sua caneca de papel com o se estivesse tentando m exer m entalm ente o

cappuccino.

Ah... ele tinha um a notícia.

– Manuel? – o cara atrás do balcão cham ou.

Manny aceitou o que tinha pedido e com eçou a andar entre os viciados em cafeína, as vitrines de canecas e CDs e a lousa branca triangular que anunciava as ofertas especiais.

– Oi! – disse ao sentar-se em frente a Goldberg.

O outro cirurgião ergueu os olhos. E sua reação foi um pouco dem orada.

– Ah... oi.

Manny tom ou um gole de sua caneca e acom odou-se na cadeira, o encosto reclinado incom odou sua coluna.

– Com o está?

– Estou... bem . Deus, você está com um a aparência fantástica.

Manny esfregou o queixo m al barbeado. Que grande m entira era aquela a de Goldberg. Nem se preocupou em fazer a barba e estava com um agasalho de m oletom e calças j eans. Nada m uito atraente.

– Vam os pular os elogios. – Manny tom ou outro gole de sua bebida. – O que

tem para m e dizer?

Os olhos de Goldberg dispararam em diferentes direções. Até que Manny teve pena dele.

– Querem que eu tire um a licença, não é isso?

Goldberg lim pou a garganta.

– A direção do hospital acredita que sej a o m elhor... para todos.

– Pediram -lhe para que assum isse a chefia, não foi?

Lim pou a garganta m ais um a vez.

– Hã...

Manny apoiou a caneca.

– Está tudo bem . Isso é legal. Fico feliz... Você vai se dar m uito bem .

– Sinto m uito... – Goldberg balançou a cabeça. – Eu... isso parece tão errado. Mas... você pode voltar, sabe, depois. Além disso, o descanso está lhe fazendo bem . Quero dizer, você está...

– Fantástico – Manny disse secam ente. – Uh-hum .

Isso era o que as pessoas diziam às outras pelas quais sentiam pena.

Os dois beberam seus cafés em silêncio e Manny se perguntou se o cara pensava o m esm o que ele: Deus, com o as coisas haviam m udado. Quando estiveram ali pela prim eira vez, Goldberg estava tão nervoso quanto agora, m as por um m otivo diferente. E quem poderia im aginar que Manny receberia um afastam ento? Naquela época, teria lutado para ficar no topo e nada poderia detê-

lo... ou poderia?

O que fazia sua reação à solicitação da diretoria um a surpresa. Não estava

chateado m esm o. Sentia-se... desconectado de algum a form a, com o se estivesse

acontecendo com alguém que conhecia, m as que há m uito tem po não m antinha

contato: sim , era im portante, m as... não fazia diferença.

– Bem ... – o som do celular o interrom peu. E a ideia do que realm ente

im portava ficou claro na m aneira com o se atrapalhou para pegar o telefone

com o se o m oletom estivesse em cham as.

No entanto, não era Pay ne. Era o veterinário.

– Tenho que atender – disse a Goldberg. – Dois segundos... Sim , doutor, com o

ela... – Manny franziu a testa. – Mesm o? Uh-hum . Sim ... sim ... ótim o... – Um

sorriso foi alargando-se lentam ente em seu rosto até ficar radiante com o um

farol. – Sim . É m esm o, não? Foi um trem endo m ilagre.

Quando desligou o telefone, olhou para o outro lado da m esa. As sobrancelhas

de Goldberg tinham escalado toda sua testa.

– Boas notícias. Sobre m eu cavalo.

E o par de sobrancelhas ergueu-se ainda m ais.

– Não sabia que tinha um .

– O nom e dela é Glory. É um puro-sangue.

– Oh. Nossa.

– Estou no m undo das corridas.

– Não sabia disso.

– Sim .

E essa foi toda a conversa pessoal. O que deu a Manny um a noção do quanto

falavam sobre trabalho. No hospital, ele e Goldberg passavam horas conversando

sobre pacientes, problem as da equipe e adm inistração do departam ento. Agora?

Não tinham m uito o que dizer.

Ainda assim , estava sentado em frente a um hom em m uito bom ... Alguém que

provavelm ente seria o próxim o chefe do departam ento cirúrgico do Hospital São

Francisco. A diretoria faria um a pesquisa nacional, é claro, m as Goldberg seria o

escolhido, pois os outros cirurgiões, que se assustavam com facilidade e

prosperavam cheios de estabilidade, confiavam nele. E deveriam : Goldberg era

tecnicam ente brilhante em um a sala de cirurgia, com petente na adm inistração e

tinha um tem peram ento m uito m elhor do que Manny.

– Vai fazer um ótim o trabalho – Manny disse.

– O quê...? Ah. É apenas tem porário até você... sabe, voltar.

O cara parecia acreditar naquilo, o que testem unhava sua natureza.

– Sim .

Manny m udou de posição na cadeira e quando cruzou as pernas outra vez, olhou em volta... e viu três garotas do outro lado. Deviam ter m ais ou m enos dezoito anos e no instante em que fez contato visual, riram e voltaram as cabeças um as para as outras com o se estivessem fingindo que não estavam olhando para ele.

Sentiu-se com o se estivesse na academ ia do prédio outra vez e voltou a verificar suas roupas. Nada. Não estava nu. Mas que inferno...

Quando ergueu os olhos, um a delas tinha se levantado e se aproxim ado dele.

– Oi. Minha am iga acha que você é um gato.

Hum ...

– Ah, obrigado.

– Aqui está o núm ero dela...

– Oh, não... não. – Pegou o pedaço de papel que ela havia colocado na m esa e forçou-o de volta para um a das m ãos da m oça.

– Estou lisonj eado, m as...

– Ela tem dezoito...

– E eu quarenta e cinco.

Com isso, o queixo da garota caiu.

– Sem chance.

– Pode acreditar. – Passou um a das m ãos pelo cabelo, perguntando-se quando com eçou a atrair o elenco de *Gossip Girl* ou algo do gênero. – E eu tenho

nam orada.

– Oh – a garota fácil sorriu. – Isso é legal... m as poderia ter dito. Não precisava m entir sobre ser um velhote.

Com isso, ela saiu e ao se sentar, houve um lam ento coletivo. E, então, ele se dispersou daquilo.

Manny olhou para Goldberg.

– Crianças. Quero dizer, francam ente.

– Hum . Sim .

Certo, era hora de acabar com aqueles m om entos sem graça. Olhando pela j anela, Manny com eçou a planej ar a saída...

No vidro, viu o reflexo de seu rosto. Mesm as m ações do rosto salientes. Mesm o queixo quadrado. Mesm a proporção entre nariz e boca. Mesm o cabelo escuro. Mas havia algum a coisa diferente.

Inclinando-se, pensou... seus olhos estavam ...

– Ei – disse calm am ente. – Vou até o banheiro. Poderia dar um a olhada no m eu café enquanto isso?

– Claro – Goldberg sorriu aliviado, com o se estivesse feliz por ter um a estratégia de saída e um trabalho. – Leve o tem po que precisar.

Manny levantou-se e seguiu até o banheiro *unissex*. Depois de bater e não obter resposta, abriu a porta e acendeu a luz. Quando se trancou e o ventilador de teto foi acionado, aproxim ou-se do espelho com aquele pequeno aviso

“Funcionários devem lavar as m ãos”.

A luz focava diretam ente a pia onde Manny parou em frente. Então, pela lógica, deveria estar horrível por causa da exaustão, com olheiras do tam anho de m alas para um a sem ana e um a cor cinzenta na pele.

Mas não era isso o que o espelho m ostrava. Mesm o com a pouca luz fluorescente que brilhava sobre ele, parecia dez anos m ais j ovem do que se lem brava. Estava reluzente de saúde, com o se alguém tivesse copiado um a versão da cabeça dele m ais j ovem e colado sobre a antiga com Photoshop.

Recuando, esticou os braços para frente do peito e se agachou, dando ao quadril a oportunidade de se levantar e gritar. Ou suas coxas, as quais ele tinha exercitado há m enos de um a hora. Ou suas costas.

Nada de dor. Nada de rigidez. Nenhum a tensão.

Seu corpo estava no ponto.

Pensou sobre o que o veterinário-chefe havia lhe dito há pouco no telefone, a voz do hom em estava confusa e em ocionada ao m esm o tem po: *Houve uma regeneração do osso e o casco curou-se espontaneamente. É como se nunca tivesse sofrido uma lesão.*

Santo... *Deus.* E se Pay ne tivesse exercido sua m ágica sobre ele? Enquanto estiveram j untos? Sem que nenhum dos dois percebesse... e se ela tivesse curado o corpo dele em term os de tem po... voltando não apenas m eses no relógio, m as

um a década ou m ais?

Manny agarrou a cruz pendurada em seu pescoço.

Quando alguém bateu na porta, deu descarga e deixou correr um pouco de água na pia para que não parecesse que fez algo noj ento. Quando saiu m eio atordoado, assentiu para a m ulher que precisava entrar e voltou para Goldberg. Ao sentar-se, teve de lim par as m ãos suadas sobre os j oelhos em seu j eans.

– Preciso de um favor – disse para seu ex-colega de trabalho. – É algo que não pediria a m ais ninguém ...

– Diga. Qualquer coisa. Depois de tudo o que fez por m im ...

– Quero que faça alguns exam es em m im . E tire algum as radiografias.

Goldberg assentiu im ediatam ente.

– Não ia dizer isso, m as acho que é um a boa ideia. As dores de cabeça... os esquecim entos. Precisa descobrir se existe algo... com prom etido – o cara parou aí, com o se não quisesse soltar outro argum ento ou soar m órbido. – Mas, m eu Deus, falando sério... Nunca o vi tão bem .

Manny apanhou o café e o levou até os dentes, seu alarm e de em ergência interno zum bindo não tinha nada a ver com a cafeína.

– Vam os. Está com tem po agora?

Goldberg foi direto:

– Para você, sem pre tenho tem po.

C A P ÍTU LO 48

De vez em quando, a m orte de Qhuinn voltava a atorm entá-lo. Acontecia em sonhos. Em raros m om entos quando estava calm o e silencioso. Algum as vezes era só para brincar com sua m ente.

Sem pre tentava evitar a colagem de visões, arom as e sons que vinham com o um a praga, m as, apesar de j á haver pedido um a m edida cautelar restritiva para isso em seu tribunal interno, o advogado que o acusava era im placável e sem pre recorria... então, a porcaria continuava a aparecer.

Quando deitou-se na cam a, a extensão nebulosa da paisagem m ental que não parecia nem sonolenta nem desperta era com o um a linha disponível para aquela noite horrível telefonar e, com o era de se esperar, ela fez a ligação, as m em órias tocaram seus sinos e, de algum a m aneira, forçaram Qhuinn a atender.

Seu próprio irm ão havia feito parte da guarda de honra determ inada a dar um a surra nele e o bando de filhos da m ãe vestidos com m antos negros o localizaram na beira da estrada ao sair da m ansão de sua fam ília pela últim a vez. Carregava poucas coisas nas costas e não fazia ideia para onde estava indo. Seu pai havia lhe expulsado e foi extirpado de sua árvore genealógica, então... lá estava. Sem raízes. Sem rum o.

Tudo por conta de seus olhos de cores diferentes.

A guarda de honra deveria apenas espancá-lo por sua ofensa à linhagem . Não

deveria m atá-lo; m as as coisas saíram do controle e, com um m ovim ento surpreendente, seu irm ão tentou parar a coisa.

Qhuinn lem brava-se bem dessa parte, da voz do irm ão dizendo que parassem .

Contudo, era tarde dem ais e Qhuinn flutuou não apenas distanciando-se da dor, m as da Terra em si... Apenas para ver-se em m eio a um a névoa que se separava e revelava um a porta. Sem que lhe dissessem , sabia que era a entrada para o Fade e tam bém sabia que, um a vez aberta, estaria tudo acabado.

Algo que parecia ser um a ótim a ideia na época. Nada a perder...

Ainda assim , recusou-se no últim o m om ento. Por algum m otivo que não se lem brava.

Foi a coisa m ais estranha de todas... De tudo que ficou gravado em seu cérebro naquela noite, essa era a parte que não conseguia se recordar, não im portava o quanto tentasse.

Mas se lem brava de quando voltou com toda força para seu corpo: ao recobrar a consciência, Blay estava fazendo o processo de ressuscitação cardiopulm onar nele e não é que valia a pena viver por aqueles lábios?

A batida que soou em sua porta despertou-o com pletam ente e, com isso, Qhuinn lançou longe os travesseiros e acendeu as luzes com a m ente para ter certeza de onde estava.

Sim . Em seu quarto. Sozinho.

Mas não por m uito tem po.

Quando seus olhos se m overam em direção à porta, ainda tentando recuperar o foco, soube quem estava do outro lado. Poderia identificar o arom a delicado no ar e sabia por que Lay la tinha vindo. Inferno, talvez fosse por isso que não tinha conseguido dorm ir de verdade... esperava ser acordado por ela a qualquer m om ento.

– Entre – disse ele suavem ente.

A Escolhida deslizou em silêncio para dentro do quarto e quando se virou em direção a Qhuinn, estava com um a aparência horrível. Desgastada. Um terreno baldio.

– Senhor...

– Pode m e cham ar de Qhuinn, sabe disso. Faça isso, de verdade.

– Obrigada – ela curvou-se até a cintura e pareceu se esforçar quando se endireitou. – Gostaria de saber se posso servir-m e m ais um a vez de sua gentil oferta de... tom ar de sua veia. Na verdade, estou... esgotada e sinto-m e incapaz de voltar ao Santuário.

Quando encontrou aquele olhar esverdeado, algo infiltrou-se no fundo de sua m ente, um tipo de... percepção, que fincou raízes e germ inou a ideia de que algo estava para acontecer, m as o que seria?

Olhos verdes. Verdes com o as uvas, com o a pedra de j ade e os brotos prim averis.

– Por que está m e olhando assim ? – ela disse enquanto aproxim ava as lapelas de seu m anto.

Olhos verdes... em um rosto que era...

A Escolhida olhou para a porta.

– Talvez... eu deva sair...

– Sinto m uito – estrem ecendo, certificou-se de que os cobertores estavam sobre a cintura e acenou para ela. – Acabei de acordar... não ligue para m im .

– Tem certeza?

– Absoluta, venha até aqui. Am igos, lem bra? – estendeu a m ão e quando ela ficou a seu alcance, tom ou sua m ão e a induziu para que se sentasse.

– Senhor? Ainda está m e olhando.

Qhuinn exam inou o rosto dela e, em seguida, o corpo. Olhos verdes.

O que havia nos m alditos olhos? Já os havia visto antes...

Olhos verdes...

Engoliu um xingam ento. Deus, era com o se houvesse um a canção em sua m ente; lem brava-se de tudo, exceto da letra.

– Senhor?

– Qhuinn. Diga, por favor.

– Qhuinn.

Ele sorriu um pouco.

– Aqui, pegue o que precisa.

Quando ergueu o pulso, pensou enquanto Lay la se inclinava e abria a boca: cara, estava tão m agra. As presas eram longas e m uito brancas, m as delicadas. Não eram com o as dele. E sua m ordida foi tão gentil e fem inina quanto todo o resto dela.

Algo que o tradicionalista dentro dele pensava ser som ente apropriado.

Enquanto ela se alim entava, Qhuinn observou seus cabelos loiros que estavam enrolados em um a tram a com plexa, seus om bros largos e suas lindas m ãos. Olhos verdes.

– *Deus*. – Quando fez m enção de se retirar, ele colocou a m ão sobre a nuca dela e a m anteve em seu pulso. – Está tudo bem . Cãibra no pé.

O m ais correto era cãibra no cérebro.

Frustrado, ergueu a cabeça e em vez de encarar a parede, esfregou os olhos.

Quando voltou a focar o olhar, estava encarando a porta... Lay la tinha acabado de sair.

Foi sugado de volta para o sonho im ediatam ente. Mas não era o sonho da surra e de seu irm ão. Viu-se na entrada do Fade... em pé em frente aos grandes portões

brancos... estava parado com um a das m ãos estendida, prestes a tocar a

m açaneta.

A realidade estava distorcida, distante e ficou tão confusa que não sabia se estava acordado ou dorm indo... ou m orto.

O redem oinho com eçou a se form ar no centro da porta, com o se o m aterial que a com punha se liquidificasse a ponto de atingir a consistência do leite. E no centro do tornado um a im agem coalesceu-se e aproxim ou-se dele, m ais com o se

um som estivesse prestes a assum ir form a do que algo visual propriam ente dito.

Era o rosto de um a j ovem m ulher.

Um a j ovem fêm ea com cabelos loiros e traços refinados... e olhos azuis-claros.

Ela o encarava, sustentando firm em ente o olhar dele com o se tivesse capturado seu rosto em suas belas e pequenas m ãos.

Então, ela piscou. E sua íris m udou de cor. Um a ficou verde e a outra azul.

Assim com o os olhos dele.

– Senhor!

Em princípio, ficou com pletam ente confuso... perguntando-se por que a fêm ea o cham ou assim . Com o ela sabia quem era?

– Qhuinn! Deixe-m e selá-lo!

Ele piscou. E descobriu que tinha se j ogado contra a cabeceira e, no processo, havia se desvencilhado das presas de Lay la e sangrava por todo o lençol.

– Deixe-m e...

Em purrou a Escolhida com veem ência e selou a própria ferida. Quando term inou, não conseguia tirar os olhos de Lay la.

Era m uuuito fácil encontrar características com uns em Lay la e naquela j ovem fêm ea, algo m uito m ais profundo do que a m era sem elhança. Quando o coração dele com eçou a bater forte, precisou de um pouco de tem po para lem brar-se de que nunca havia pensado naquilo antes. Ao contrário de V., não conseguia prever o futuro.

Lay la m oveu-se lentam ente ao sair da cam a, com o se não quisesse assustá-lo.

– Devo buscar Jane? Ou é m elhor eu sim plesm ente ir em bora?

Qhuinn abriu a boca... e descobriu que não saía nada.

Nossa. Nunca esteve em um acidente de carro, m as im aginava que a onda de terror que sentia naquele m om ento era, provavelm ente, parecida com o que as pessoas sentiam quando viam alguém ultrapassar um sinal verm elho e aproxim ar-se para atingir em cheio a lateral do veículo: era possível calcular a direção e a velocidade daquilo que vinha contra seu carro e chegar à conclusão de que o im pacto era im inente.

Contudo, não conseguia im aginar um m undo onde engravidava Lay la.

– Eu vi o futuro – disse, distante.

As m ãos de Lay la ergueram -se até a garganta com o se estivesse sufocando.

– É ruim ?

– Não é... possível. De j eito nenhum .

Quando colocou a cabeça entre as m ãos, tudo o que conseguia ver na escuridão era aquele rosto... aquele que era parte Lay la e parte ele.

Oh, que Deus... os protegesse. Protegesse... a todos.

– Senhor? Está m e assustando.

Bem , eram dois.

Só que aquilo não era possível. Era?

– Vou sair – ela disse asperam ente. – Agradeço seu favor.

Ele assentiu e não pôde olhar para ela.

– Não foi nada.

Quando a porta se fechou pouco tem po depois, estrem eceu, um m edo frio o envolveu, instalando-se em seus ossos... e atingindo em cheio sua alm a.

Era m esm o irônico, pensou. Seus pais nunca quiseram que ele reproduzisse e olhe só... a ideia de ter um a filha defeituosa com Lay la, ou, ainda pior, de legar o

fardo de seus m alditos olhos a um a j ovem inocente, o fez abraçar o voto de celibato com o nada m ais conseguiria.

E, na verdade, deveria estar feliz. De todos os destinos que poderia ter enxergado, aquele era cem por cento evitável, não?

Sim plesm ente, nunca faria sexo com Lay la.

Nunca.

Assim , aquilo se tornava algo im possível. Assunto encerrado.

C A P ÍTU LO 49

Manny voltou a seu apartam ento por volta das seis da tarde, depois de ter

passado oito horas no hospital sendo espetado e cutucado por várias pessoas a quem conhecia m elhor que m em bros da fam ília.

Os resultados dos exam es estavam na caixa de entrada de seu e-m ail... pois encam inhava cópias de tudo que recebia no e-m ail do hospital para sua conta pessoal. Não que houvesse qualquer m otivo para abrir todos os anexos. Sabia as anotações de cor. Os resultados de cor. As im agens das radiografias e tom ografias com putadorizadas de cor.

Jogou as chaves sobre o balcão da cozinha e foi até a geladeira, desej ando que houvesse um suco de laranj a fresco ali. Em vez disso... sachês de m olho de soj a que vinha com a com ida chinesa que com prava na m esm a rua do Com m odore...

um a garrafa de ketchup... e um a lata redonda com algum as sobras de um j antar de negócios que teve há duas sem anas.

Não im portava. Não estava com fom e.

Inquieto e aflito, avaliou a ilum inação no céu: ainda havia um pouco de luz do dia rem anescente do lado oeste; porém , não teria de esperar m uito tem po. Pay ne voltaria depois do pôr do sol. Poderia sentir em seus ossos. Ainda não tinha certeza do m otivo pelo qual havia passado a noite com ele ou por que suas m em órias ainda continuavam , m as teve de se perguntar se ela, finalm ente, daria um j eito nisso quando voltasse.

No quarto, seu prim eiro m ovim ento foi pegar os travesseiros do chão e colocá-los de volta onde pertenciam . Em seguida, esticou o edredom ... e, com isso, estava pronto para fazer as m alas.

Aproxim ando-se do gabinete, com eçou a tirar a roupa e a fazer um a pilha com elas sobre a cam a arrum ada.

Nada de voltar ao São Francisco. Dem itiu-se no m eio de todos os testes.

Não havia razão para ficar em Caldwell... de qualquer m aneira, sair da cidade parecia ser o m elhor a se fazer.

Não fazia ideia de onde iria, m as não precisava de um destino para se chegar a algum lugar.

Meias. Cuecas. Cam isas polo. Jeans. Calças cáqui.

Um a vantagem de se ter um guarda-roupa form ado basicam ente por uniform es cirúrgicos era não ter m uita coisa para colocar na m ala. E Deus era testem unha de que possuía m ochilas esportivas suficientes.

Da gaveta na extrem idade inferior da côm oda tirou as duas únicas blusas que possuía...

O porta-retratos em baixo delas estava voltado para baixo, o papelão deitado de costas para cim a.

Manny estendeu a m ão e pegou a coisa. Não precisou virar para ver quem era. Havia m em orizado o rosto do hom em há m uitos e m uitos anos.

Ainda assim , continuava sendo um choque virar a foto em suas m ãos e olhar

para a im agem de seu pai.

O filho da m ãe era bonito. Muito, m uito bonito. Cabelos escuros... iguais aos de Manny. Olhos profundos... iguais aos de Manny.

E não estava nada disposto para continuar com a retrospectiva. Com o sem pre, quando se tratava das porcarias relacionadas ao seu pai, em purrava tudo para um canto da m em ória e seguia com sua vida.

O que significava que, naquela noite, o porta-retratos seria enfiado na m ochila m ais próxim a e pronto...

A batida no vidro veio cedo dem ais para ser ela, pensou.

Só que quando olhou para o relógio percebeu que a rotina de fazer as m alas j á havia levado um a hora.

Olhando por cim a do om bro, seu coração triplicou o ritm o ao ver Pay ne parada do outro lado do vidro. Deus... do céu... ela o nocauteou. Estava com os cabelos trançados, vestia um longo m anto branco am arrado na cintura e estava... de tirar o fôlego.

Aproxim ando-se da porta deslizante, abriu-a e a explosão do frio noturno atingiu seu rosto e tirou-lhe o foco.

Com um largo sorriso, Pay ne sim plesm ente entrou dando um salto em seus braços, seu corpo era tão sólido contra o dele, seus braços tão fortes em volta de sua nuca.

Deu a si m esm o um a fração de segundo para abraçá-la... pela últim a vez. Em seguida, por m ais que aquilo o m atasse, colocaria Pay ne no chão e usaria a desculpa de fechar a porta por causa do frio para se afastar dela.

Quando a olhou, a alegria em seu rosto havia desaparecido e ela cruzava os braços.

– Achei que voltaria – disse ele com voz rouca.

– Eu... eu tenho boas notícias. – Pay ne olhou para a fila de m ochilas esportivas na cam a. – O que está fazendo?

– Tenho que sair daqui.

Quando os olhos dela se fecharam brevem ente, aquilo quase destruiu a determ inação de Manny de não ir até lá para confortá-la. Mas j á estava sendo difícil o suficiente. Tocá-la outra vez ia parti-lo em dois.

– Fui ao m édico hoj e – ele disse. – Passei a tarde inteira no hospital.

Ela em palideceu.

– Está doente?

– Não exatam ente. – Andou pelo quarto até a côm oda, onde em purrou de volta ao lugar a gaveta de baixo vazia. – Longe disso, na verdade... Parece que m eu corpo tem regenerado algum as partes sozinho. – Um a das m ãos tocou os quadris.

– Há anos tenho um a artrite no quadril por m e exercitar dem ais... sem pre soube que em algum m om ento precisaria substituir isso. Mas, segundo as radiografias

que tirei hoj e, está em perfeitas condições. Nenhum a artrite foi encontrada, nenhum a inflam ação. Está tão bom quanto na época dos m eus dezoito anos. Quando a boca dela se abriu, pensou em com o desej ava beij á-la com todo seu ser. Puxando a m anga da cam isa, percorreu um a das m ãos sobre o antebraço.

– Tive sardas por danos causados pelo sol durante duas décadas... sum iram . – Inclinou-se e ergueu a perna da calça. – As dores na canela que tenho de vez em quando? Despareceram . E tudo isso sem contar o fato que corri doze quilôm etros sem nem pensar nisso... em m enos de quarenta e cinco m inutos. Meu exam e de sangue não constou colesterol, os valores hepáticos e as taxas de ferro e plaquetas estão perfeitos. – Deu um a leve batida sobre as têm poras. – E quase precisei usar óculos de leitura, tinha que esticar o braço para enxergar m elhor cardápios e revistas... só que não preciso m ais. Sou capaz de ler letras m iúdas a dois centím etros do m eu nariz. E acredite ou não, tudo isso está apenas com eçando. Ele nem citou o desaparecim ento dos pés de galinha ao redor dos olhos e o fato de que a cor cinzenta em suas têm poras foi substituída por um m arrom escuro e que seus j oelhos não estavam doloridos.

– E você acha... – Pay ne colocou a m ão sobre a garganta. – E você acha que sou a causa?

– Sei que é. O que m ais poderia ser?

Pay ne com eçou a balançar a cabeça.

– Não entendo porque isso não é um a bênção. A j uventude eterna é buscada por todas as raças...

– Não é *natural*. – Com isso, ela estrem eceu, m as ele tinha que continuar. – Sou m édico, Pay ne. Sei tudo sobre o envelhecim ento dos corpos hum anos e com o lidar com as lesões que isso causa. Isso... – fez um sinal sobre seu corpo com as m ãos – isso não está certo.

– Isso é regeneração...

– Mas onde isso vai parar? Vou virar um Benj am in Button* da vida e rej uvenescer até a infância?

– Isso seria im possível – ela rebateu. – Fui exposta à luz m ais do que você e não estou rej uvenescendo assim .

– Certo, tudo bem , então vam os assum ir que isso não aconteça... O que m e diz de todas as outras pessoas em m inha vida? – Não que fosse um a lista longa, m as m esm o assim . – Minha m ãe vai m e ver dessa m aneira e pensar que fiz um a cirurgia plástica... m as e depois de dez anos? Ela tem setenta... confie em m im , quando chegar aos oitenta ou noventa vai se dar conta de que seu filho não está envelhecendo. Ou será que devo deixá-la?

Manny com eçou a andar outra vez e quando passou as m ãos pelo cabelo, poderia j urar que estava m ais volum oso.

– Perdi m eu trabalho hoj e... por causa do que aconteceu depois que apagaram

m inha m em ória. Durante a sem ana que estive longe de você, m inha cabeça ficou tão prej udicada que não conseguia distinguir o dia da noite e isso foi tudo o que precisaram saber para m e dem itirem , pois não posso explicar o que realm ente aconteceu. – Virou-se para ela. – Meu problem a é: este é o único corpo que tenho, a única m ente, o único... tudo. Vocês vam piros fizeram um a bagunça na m inha cabeça e eu quase perdi tudo... Quais foram as consequências? Tudo o que sei é a causa... A m agnitude do efeito? Não faço ideia e tenho um ótim o m otivo para que isso m e assuste.

Pay ne passou a ponta da trança por cim a do om bro e a acariciou enquanto baixava o olhar.

– Eu... sinto m uito.

– Não é culpa sua, Pay ne – ele gem eu ao erguer as m ãos. – Não quero colocar toda a responsabilidade disso sobre você, m as eu...

– É culpa m inha. Eu sou a causa.

– Pay ne...

Quando com eçou a se aproxim ar, Pay ne ergueu as m ãos e se afastou.

– Não, não chegue perto de m im .

– Pay ne...

– Você está certo. – Ela parou quando atingiu o vidro por onde havia entrado. – Sou perigosa e destrutiva.

Manny esfregou a cruz atrás da cam isa. Apesar de tudo o que disse, naquele m om ento queria voltar tudo e encontrar um a m aneira de consertar as coisas entre eles.

– É um dom , Pay ne. – Afinal, ela e o cavalo dem onstraram os benefícios que havia em se expor à luz em curto prazo. – Vai aj udá-la, aj udar sua fam ília e seu povo. Caram ba, com essa capacidade, vai afastar Jane dos negócios.

– De fato.

– Pay ne... olhe para m im . – Quando seus olhos ergueram -se em determ inado m om ento, teve vontade de chorar. – Eu...

Só que a frase ficou à deriva. A verdade era que a am ava. Com pletam ente e para sem pre, m as acreditava que tudo aquilo era um a m aldição para os dois. Nunca a esqueceria e nunca m ais haveria qualquer pessoa para ele.

Levantando os om bros, preparou-se.

– Tenho um a coisa para pedir.

– O que seria? – ela disse asperam ente.

– Não apague m inhas m em órias. Não direi a ninguém sobre você e sua raça... Juro pela vida da m inha m ãe. Apenas... deixe com o está quando partir. Sem m inha m ente, terei m enos que nada.

Pay ne estava voando alto quando deixou o com plexo. Seu irm ão havia lhe contado as incríveis notícias assim que voltou pouco antes do am anhecer e ela passou o dia inteiro entre flutuar nas nuvens e a im paciência pela lentidão com

que o tem po se m ovia.

Então, tinha chegado até ali.

Era difícil im aginar que seu coração esteve tão cheio de alegria há apenas dez m inutos.

Entretanto, não era difícil entender a posição de Manuel. E ficou surpresa por nenhum deles antecipar as grandes im plicações de seu... poder de cura. Ou sej a lá o que fosse.

É claro que aquilo o afetaria.

Olhando para Manuel, viu que a tensão nele era insuportável: estava honesta e verdadeiram ente ansioso sobre com o as coisas ficariam se ela retirasse do alcance consciente suas m em órias do tem po que passaram j untos. E com o não

ficaria? Havia perdido seu am ado trabalho por causa dela. Seu corpo e sua m ente

estavam em perigo por causa dela.

Céus, ela nunca deveria ter se aproxim ado dele.

E era exatam ente por isso que não se aprovava o inter-relacionam ento com os hum anos.

– Não se preocupe – ela disse suavem ente. – Não vou com prom etê-lo m entalm ente. Já fiz m ais do que o suficiente com você.

Quando respirou aliviado, Pay ne sentiu que as lágrim as obstruíam sua garganta.

Manny olhou um m om ento para ela.

– Obrigado.

Ela fez um a pequena reverência e quando se endireitou ficou chocada em ver um brilho em seus belos olhos de m ogno.

– Quero m e lem brar de você, Pay ne... de tudo sobre você. Tudo.

Aquele olhar ansioso e triste exam inou o rosto dela.

– Seu gosto e a sensação de tê-la. O som de seu sorriso... e dos m om entos que ficou ofegante. O tem po que tive perto de você... – a voz dele falhou, m as recuperou-se ao lim par a garganta. – Preciso que essas m em órias durem o resto de m inha vida.

Lágrim as escorriam pela face de Pay ne enquanto seu coração não conseguia funcionar direito.

– Vou sentir sua falta, *bambina*. Todos os dias. Sem pre.

Quando estendeu os braços, ela se aproxim ou dele e perdeu com pletam ente a com postura. Soluçando em sua cam isa, estava envolvida pelo corpo sólido e forte

de Manny e ela o segurou com a m esm a firm eza.

Em seguida, os dois interrom peram o abraço ao m esm o tem po, com o se fossem um só coração. E ela acreditava que eram .

De fato, havia um a parte dela que desej ava lutar, argum entar e tentar fazê-lo enxergar por outro lado, de algum a outra m aneira. Mas não tinha certeza se havia um a alternativa. Não tinha um a capacidade m aior de prever o futuro do

que a de Manny e não sabia nada sobre as consequências do que havia m udado dentro dele.

Não havia m ais nada a ser dito. Aquele final que havia chegado de m aneira inesperada foi um im pacto que não poderia ser am enizado pela fala ou pelo toque ou sequer, ela suspeitava, pelo tem po.

– Devo ir agora – ela disse, afastando-se.

– Deixe-m e abrir a porta para você...

Quando ela se desm aterializou, percebeu que aquelas foram as últim as palavras que lhe diria.

Foi o adeus.

Manny olhou para o espaço que sua m ulher havia acabado de ocupar. Não havia m ais nada dela ali; tinha sum ido no fino ar com a m esm a precisão de um a luz sendo apagada.

Desapareceu.

Seu im pulso im ediato foi de ir até o arm ário da entrada, pegar seu bastão de baseball e despedaçar o lugar. Sim plesm ente quebrar todos os espelhos, vidros, louças e qualquer outra porcaria... Em seguida, continuar com o trabalho j ogando a pouca m obília que tinha pelo terraço. Depois disso... talvez pegasse seu Porsche, dirigisse até a estrada, atingisse m ais de cem quilôm etros por hora seguindo um cam inho que term inaria nos alicerces de um a ponte.

Não havia cinto de segurança naquele cenário, óbvio.

No entanto, no final, ele apenas se sentou na cam a ao lado das m ochilas e colocou a cabeça entre as m ãos. Não era um covarde para chorar com o se estivesse em um funeral. Até parece. A coisa sim plesm ente pingava sobre seu tênis de corrida.

Machão. Muito m achão m esm o.

Mas sua aparência, assim com o seu orgulho, seu ego, seu pênis e sua coragem , não tinham a m enor im portância naquele apartam ento vazio... nada disso tinha valor.

Deus... aquilo não era apenas triste.

A perda o deixou arrasado.

Ele carregaria aquela dor ao longo de todo o resto de sua vida natural.

Que irônico. O nom e dela pareceu tão estranho em um prim eiro m om ento.

Soava com o a palavra “dor” em inglês** Agora, era m uito adequado.

Referência a *O curioso caso de Benjamin Button*, film e dirigido por David Fincher e estrelado por Brad Pitt e Cate Blanchett. (N.P.)

Pay ne: “dor”, em inglês, é “pain”. (N.P.)

C A P ÍTU LO 50

Payne não voltou para a m ansão, não tinha interesse em ver ninguém que m orava ali. Nem o Rei, que lhe havia concedido a liberdade que acabou não sendo necessária. Nem seu irm ão gêm eo, que havia argum entado j unto ao Rei

em favor dela. E, com certeza, nenhum dos felizes, alegres e abençoados casais que viviam sob o teto real.

Então, em vez de se dirigir para o norte, voltou-se para as m argens do canal que corria ao lado dos altos e envidraçados prédios da cidade. A brisa era suave ali no chão e levava o som das águas lam bendo os flancos rochosos do rio. Ao fundo, o zum bido dos autom óveis que atravessavam a ponte levem ente curvada e

que, ao final da travessia, desapareciam para a esquerda ou para a direita, fez Pay ne sentir com m ais intensidade a profundidade e a am plitude da paisagem . Rodeada por seres hum anos, ela estava totalm ente sozinha.

No entanto, tinha pedido por isso. Essa era a liberdade tão cara que havia procurado com tanta avidez.

No Santuário, nada m udava. Mas nada dava errado tam bém .

Porém , ainda assim , teria escolhido toda aquela dificuldade em vez do isolam ento dorm ente de antes.

Oh, Manuel...

– Oi, querida...

Pay ne olhou sobre o om bro. Um hum ano m acho aproxim ava-se dela, ao sair de um dos suportes da ponte. Cam baleava e cheirava a cam adas e cam adas de suor ferm entado e suj eira.

Sem sequer um a saudação, Pay ne desm aterializou-se m ais abaixo do rio. Não

havia razão para lim par a m em ória dele. Era im provável que conseguisse se lem brar de que a viu. E sem dúvida culparia as drogas alucinógenas.

Olhando para a superfície ondulada do rio, não foi atraída pelo fundo escuro. Não ia se m achucar por isso. Não era um a prisão... e, além disso, não seguiria um cam inho tão covarde. Apoiando os pés sobre a terra, cruzou os braços e perm aneceu no local onde estava, o tem po escoava pela peneira da realidade ignorada enquanto as estrelas giravam lá em cim a, m udando de posição...

No princípio, o cheiro penetrou em seu nariz sorrateiram ente, m isturando-se aos arom as de terra fresca, pedra m olhada e poluição urbana. Bem no início, não

notou o odor de nada distinto; porém , seu tronco cerebral logo despertou com o reconhecim ento.

Com um arrepio instintivo, sua cabeça inclinou-se sem que ela pensasse nisso e girou a parte superior da coluna. Seus om bros seguiram o m ovim ento... depois os quadris.

Aquele odor rançoso era do inim igo.

Um *redutor*.

Quando saiu em um a corrida leve, sentiu um im pulso agressivo em seu sangue não apenas pela m ágoa e frustração com o que o destino havia feito a ela.

Levada pelo cheiro, foi anim ada por um a profunda herança de violência e proteção; seus braços, a m ão da adaga e as presas form igavam .

Transform ada por um propósito m ortal, não era nem m acho nem fêm ea, nem

Escolhida, nem irm ã, nem filha. Quando espreitou e com eçou a sondar os becos e ruas, era um soldado.

Em um dos becos que virou encontrou um par de assassinos cuj o cheiro havia atraído-lhe no rio. Estavam em pé, parados, perto do que ela identificou com o sendo um telefone; eram novos recrutas, com cabelos escuros e corpos inquietos. Não olharam para ela quando parou j unto deles. O que lhe deu tem po para pegar um disco de m etal prateado com o nom e “Ford” inscrito nele. Era um a boa arm a... poderia se proteger com ela ou lançá-la contra o inim igo.

Um m om ento depois, o vento soprou e seu m anto esvoaçou, puxando-o para fora de seu corpo. O m ovim ento deve ter cham ado a atenção dos inim igos, pois se viraram .

Facas surgiram . E tam bém um par de sorrisos que fez seu sangue ferver.

Garotos idiotas, pensou ela. Acham que por ser um a fêm ea, não apresentava am eaça algum a.

O ritm o com o qual se aproxim aram dela não a preocupou nem um pouco. Na verdade, iam gostar da surpresa e acabariam m ortos.

– O que está fazendo aqui, m oça? – o m aior dos dois perguntou. – Sozinha.

Vim cortar sua garganta com o que tenho nas costas. Depois disso, vou quebrar suas duas pernas, não porque eu deva fazer isso, mas porque vou gostar do som. E, em seguida, vou procurar algo de aço para perfurar seu peito vazio e mandá-lo

de

volta para seu criador. Ou talvez eu lhe deixe se contorcendo no chão.

Pay ne perm aneceu em silêncio. Em vez de falar, distribuiu o peso do corpo sobre os pés e firm ou as coxas. Nenhum dos *redutores* pareceu notar a m udança de posição; estavam ocupados dem ais aproxim ando-se dela e exibindo-se com o

dois pavões. Sequer se separaram e a cercaram . Nenhum deles tentou encará-la de frente enquanto o outro viria por trás.

Ficaram bem a sua frente... onde poderia alcançá-los.

Infelizm ente, aquilo seria fácil, m as serviria com o um bom aquecim ento.

Porém , se houvesse outros que soubessem algo sobre luta, seriam m ais adequados para distraí-la...

Xcor podia sentir a m udança agitando-se em seu bando de bastardos.

Enquanto cam inhavam em form ação pelas ruas do centro de Caldwell, a energia atrás dele era um rufar de tam bores de agressividade. Precisa.

Renovada. Mais forte do que havia sido ao longo de toda um a década.

Na verdade, m udar-se foi a m elhor decisão que j á havia tom ado. E não apenas porque ele e seu Throe fizeram um bom sexo e beberam na noite anterior. Seus hom ens eram com o punhais retirados com rapidez da forj a, os instintos assassinos estavam renovados e brilhavam sob o luar artificial da cidade.

Não era de se adm irar não haver m ais assassinos no Antigo País. Estavam todos

ali, a Sociedade Redutora concentrou todos os seus esforços em ...

A cabeça de Xcor virou-se e ele desacelerou.

O arom a no ar fez com que suas presas se alongassem e seu corpo ressoasse com poder.

Sua m udança de direção não anunciava nada. Seus bastardos foram logo atrás dele, rastreando, assim com o ele, o cheiro doce que havia sentido sobre as asas das raj adas de vento noturnas.

Quando viraram a esquina e seguiram em linha reta, Xcor rezou para que fossem m uitos. Um a dúzia. Um a centena. Duzentos. Queria ser coberto com o sangue do inim igo, banhado com o óleo preto que saía de suas entranhas...

Na entrada de um beco, seus pés não pararam , era m ais com o se tivessem cim entados no chão.

Entre um piscar de olhos e outro, o passado veio à tona, superando a distância entre m eses, anos e séculos para se concretizar no presente.

No centro do beco, um a m ulher com um m anto branco lutava com um par de *redutores*. Ela os agredia com chutes e socos, girava e pulava tão rápido que tinha de esperar que voltassem a cair perto dela.

Com suas habilidades superiores de luta, sim plesm ente brincava com eles. E havia um a nítida im pressão de que não reconheciam tudo o que ela poderia fazer

com eles.

Letal. Era letal e só estava esperando para atacar.

E Xcor sabia exatam ente quem era.

– Ela é... – a garganta de Xcor interrom peu o resto das palavras.

Procurou por séculos e seu alvo sem pre lhe foi negado... apenas para encontrá-lo em um a noite qualquer em um a cidade escolhida de m aneira aleatória do outro lado de um im enso oceano... era o destino se m anifestando.

Tinham de se encontrar outra vez.

Ali. Naquela noite.

– Ela é a assassina do m eu pai. – retirou a foice de seu cinto. – É a assassina de m eu sangue.

Alguém pegou sua m ão e im obilizou seu braço.

– Não aqui.

O fato de não ter sido o coração m ole de Throe foi a única coisa que o deteve.

Era Zy pher.

– Vam os capturá-la e levá-la para casa. – O guerreiro sorriu de m aneira som bria, havia um profundo tom erótico em sua voz. – Está aliviado, m as existem outros entre nós que precisam do que você teve na noite passada. Depois disso? Pode ensiná-la sobre as consequências dos atos de vingança.

Zy pher era o m ais propenso a planej ar algo assim . E em bora a ideia de abatê-la im ediatam ente o atraísse, Xcor j á havia esperado m uito tem po para saborear aquele fim .

Tantos anos.

Anos dem ais... até que perdeu as esperanças de encontrá-la. Apenas seus

sonhos m antinham viva a m em ória do que o definia e dava um posicionam ento

em sua vida.

Sim , pensou. Seria adequado fazer à m aneira de Bloodletter. Nada de facilitar

para a fêm ea.

Xcor voltou a guardar sua foice enquanto a assassina cuidava apropriadam ente dos *redutores*. Sem aviso, ela saltou para frente e pegou um deles pela cintura, abaixou-se dentre aqueles braços que se debatiam e o levou direto contra o edifício. Aconteceu tão rápido que o segundo *redutor* ficou im pressionado... e, obviam ente, não possuía treino algum ... para salvar seu am igo.

Contudo, ainda se o núm ero dois fosse um desafio para ela, não teria chance.

Praticam ente no m esm o m om ento em que o atacou, a m ulher girou e rasgou o

lado direito do pescoço do assassino. O corte profundo o distraiu im ediatam ente

da tentativa de vencê-la. Quando o óleo negro j orrou e seus j oelhos vacilaram , ela despachou o assassino j ogando-o contra os tij olos ao perfurar seu rosto duas vezes e um a vez no pom o de Adão. Então, ergueu o corpo e bateu com força sobre seu j oelho erguido.

O estalo da coluna foi alto.

E quando se desvaneceu, ela virou-se para confrontar aqueles que assistiam seu trabalho. O que não foi um a surpresa. Um a guerreira tão boa quanto ela sabia im ediatam ente quando outros se aproxim avam dela.

Inclinando a cabeça para o lado, Pay ne não se assustou... Por outro lado, por que se assustaria? Ocultavam -se com as som bras e estava m uito claro que eram

de sua espécie: até Xcor se revelar, não fazia ideia do perigo que corria.

– Boa noite, fêm ea – disse em um tom baixo vindo das trevas.

– Quem está aí? – ela gritou.

Chegou a hora, ele pensou, dando um passo à frente em direção à luz...

– Não estam os sozinhos – Throe sussurrou de repente.

Xcor parou de avançar, seus olhos estreitaram -se nos sete assassinos que

apareceram no final do beco.

De fato. Não estavam sozinhos.

Mais tarde, Xcor viria a acreditar que a única razão pela qual foi bem -

sucedido no ato de capturar a fêm ea foi a chegada daqueles novos *redutores*. O

avanço do inim igo desviou seus olhos... e sua atenção. Mas antes que pudesse se desm aterializar em outra posição, Xcor colocou-se m uito próxim o a ela.

Apesar de seu coração estar batendo forte, a vingança deu-lhe foco para

dispersar suas m oléculas assim que ela se virou para enfrentar o esquadrão que

se aproxim ava. O punho de aço de Xcor segurou o pulso de Pay ne num piscar de

olhos e quando ela se virou com um a fúria cega em seu rosto, ele lem brou-se do

processo de incineração que havia lançado sobre seu pai.

O que o salvou foi um tiro disparado por um *redutor*.

O barulho foi sutil, m as sua consequência um benefício espetacular: no

m om ento em que ela j á estava levantando a m ão livre para colocar sobre ele, a

perna vacilou e ela caiu, estava claro que a bala havia atingido algo vital. E naquele m om ento de fraqueza, Xcor a dom inou... tinha apenas um a chance de assum ir o controle sobre ela. Se não fizesse isso, não tinha certeza se conseguiria
livrar-se daquela situação.

Unindo os pulsos, pegou a trança e a envolveu em volta da garganta. Puxando com força, obstruiu a passagem de ar enquanto seus soldados avançavam com as arm as em punho.

Oh, com o ela lutou. Tão valente. Tão poderosa.

Era apenas um a fêm ea... m as m uito m ais do que isso. Quase tão forte quanto ele e essa não era sua única vantagem . Mesm o capturada e à beira da asfixia, os olhos claros perm aneciam fixos nos dele, com o se pudesse penetrar em sua m ente e controlar seus pensam entos.

Mas ele não se intim idou. Enquanto os sons do com bate eclodiam no beco, m anteve o olhar de diam ante da assassina de seu pai enquanto seus grandes braços estreitavam cada vez m ais o laço ao redor do pescoço.

Lutando para respirar, ela engasgava e se contorcia, seus lábios se m oviam .

Ele baixou a orelha, queria ouvir o que ela tinha a...

– ... por quê...?

Xcor recuou, ao m esm o tem po em que ela parou de lutar e aqueles olhos deslum brantes reviraram .

Pelo am or da Virgem Escriba, a fêm ea nem sabia quem ele era.

C A P ÍTU LO 51

Como o homem das cavernas que era, V. sem pre pensou que a sala de bilhar na m ansão da Irm andade tinha tudo. Um a tela de TV gigante com som estéreo. Sofás com estofam ento suficiente para qualificá-los com o cam as. Um a lareira com cham as bastante atrativas. Um bar com todo tipo de bebida concebível: refrigerante, chá, café, cervej a, qualquer coisa.

E um a m esa de bilhar. Dã.

A única coisa “ruim ”, na verdade, era um benefício: a m áquina de pipoca era um vício recente... e travava um a estranha batalha. Rhage gostava de brincar com a m aldita coisa, m as toda vez que o fazia, Fritz ficava nervoso e queria entrar em ação. De qualquer form a, era legal. As pequenas cestas de vim e ficavam sem pre cheias, então qualquer que fosse o casal que não tivesse ainda apanhado um a delas tinha sua vez na m áquina.,

Enquanto Vishous esperava para dar sua próxim a tacada, pegou um bloquinho de giz azul e esfregou sobre a ponta do taco. Do outro lado do feltro verde, Butch

curvou-se e alinhava seus ângulos enquanto a m úsica *Aston Martin Music*, de Rick

Ross, tocava alto.

– Sete no canto – o tira disse.

– Vai acertar essa, não? – V. apoiou o giz e balançou a cabeça quando houve

um golpe, algo rolou e, por fim , um a batida. – Bastardo.

Butch ergueu os olhos, havia um a expressão de “Peguei você” brilhando naquele olhar.

– Eu sou m uito bom . Desculpe, otário.

O tira tom ou um gole de uísque e voltou a se posicionar do outro lado da m esa. Ao avaliar as bolas, seu sorriso esperto estava exatam ente onde deveria estar: à frente e no centro, revelando um pouco de sua coroa de porcelana.

V. m antinha seus olhos no cara. Depois de passarem horas j untos, separaram -se de m aneira m eio desaj eitada e tom aram um a ducha separados. Felizm ente, porém , a água quente reinicializou os dois e encontraram -se outra vez na cozinha do Buraco, conversando sobre as m esm as coisas de sem pre.

E era um a pena continuar assim .

Não que não houvesse a tentação de perguntar ao cara se estava tudo bem .

Isso acontecia, m ais ou m enos, a cada cinco m inutos. Parecia que tinham lutado j untos e exibiam feridas e hem atom as que j á desapareciam com o prova disso.

Mas V. tinha de lidar com o que acontecia bem diante dele: seu m elhor am igo estava lhe dando um a surra no bilhar.

– E esse é o fim do j ogo – o tira anunciou quando a bola oito rolou e acertou em cheio a caçapa.

– Você m e venceu.

– Sim – Butch sorriu e ergueu a taça. – Quer m ais um a rodada?

– Pode apostar.

O cheiro de m anteiga derretida e o som de grãos estourando na m aldita m áquina anunciaram a chegada de Rhage... ou seria Fritz? Não, era Holly wood perto da m áquina com sua Mary.

V. inclinou-se para enxergar através do arco, ao longo do saguão, em direção à sala de j antar onde o m ordom o e sua equipe estavam organizando a Últim a Refeição.

– Cara, Rhage está brincando com fogo – Butch disse ao com eçar a recolher as bolas. – Dou trinta segundos para que Fritz... Lá vem ele.

– Vou fingir que não estou aqui.

V. tom ou um gole de seu Goose.

– Eu tam bém .

Enquanto se ocupavam recolhendo as bolas, Fritz veio a todo vapor pelo corredor de entrada com o um m íssil em busca de um a fonte de calor.

– É m elhor Holly wood tom ar cuidado – V. m urm urou enquanto Rhage aproxim ava-se com um a cesta de pipocas quentinhas.

– É bom m esm o. Ele precisa do exercício... Fritz! Com o vai, cara?

Enquanto Butch e V. reviravam os olhos, Rehv entrou com Ehlena vestido com seu grosso casaco de visom . O filho da m ãe de cabelo m oicano estava agasalhado, com o de costum e, e sem pre apoiado sobre sua bengala, m as seu

sorriso perm anente de m acho vinculado estava ali e sua *shellan* brilhava ao lado dele.

– Garotos – ele disse.

Vários grunhidos o cum prim entaram enquanto Z. e Bella entrava com Nalla.

Phury e Corm ia chegaram tam bém , pois passaram o dia ali. Wrath e Beth ainda deviam estar no escritório... talvez verificando a papelada; talvez colocando George brevem ente no topo da escada para que pudessem ter um pouco de "privacidade".

Quando John e Xhex desceram com Blay e Saxton, as únicas pessoas que não tinham aparecido eram Qhuinn e Tohrm ent, que deveriam estar na academ ia, e Marissa, que estava no Lugar Seguro.

Bem , aqueles três e sua Jane, que estava na clínica repondo os suprim entos gastos na noite anterior.

Oh, e claro, sua irm ã gêm ea, que sem dúvida estava em m eio a m uitos...

"hum , isso"... com o cirurgião dela.

Com todos os recém -chegados na sala, o som de vozes profundas m ultiplicava-se e retum bava enquanto pessoas serviam bebidas, passavam o bebê de m ão em m ão e apanhavam punhados de pipoca. Enquanto isso, Rhage e Fritz colocavam um a nova carga de grãos na m áquina. E alguém m udava os canais da TV, provavelm ente Rehv, que nunca estava satisfeito com o que passava. E outra pessoa cutucava o fogo ruidoso da lareira.

– Ei. Você ainda está bem ? – Butch disse suavem ente.

V. cam uflou sua surpresa com tudo aquilo enrolando um cigarro que tirou do bolso de sua j aqueta de couro. O tira falou tão baixo que não havia possibilidade de ninguém m ais ter ouvido e isso era bom . Sim , estava tentando livrar-se daquela coisa toda de ser tão reservado, m as ninguém precisava saber quão longe tinham chegado. Aquilo era assunto particular.

Acendendo o cigarro, tragou.

– Sim . Estou bem , de verdade. – Em seguida, encarou os olhos de avelã de seu m elhor am igo. – E... você?

– Sim . Eu tam bém .

– Legal.

– Legal.

Eeeeei, olha só o m aldito relacionam ento. Mais um pouco e ele ganharia um a estrela dourada no caderno.

Em um estalar de dedos, Butch estava de volta ao j ogo, alinhando a prim eira tacada enquanto V. se deliciava no brilho de se relacionar com as pessoas com o se fosse um profissional.

Ia dar outro gole em sua bebida forte quando seus olhos pularam para a entrada arqueada da sala.

Jane hesitou quando olhou para dentro, seu j aleco branco abriu-se quando se inclinou para o lado, com o se procurasse por ele.

Quando seus olhos se encontraram , ela sorriu um pouco. Em seguida, m uito.

Seu prim eiro im pulso foi esconder seu sorriso por trás da bebida. Mas, então, não se conteve. Vivia um a nova ordem m undial.

Vam os lá, *sorria*, filho da m ãe, pensou.

Jane fez um rápido aceno e fez um a brincadeira com isso, era assim que costum avam agir quando estavam j untos em público. Virando-se, ela foi até o bar para servir-se de algum a coisa.

– Espere um pouco, tira – V. m urm urou ao apoiar a bebida e o taco sobre a m esa.

Sentia com o se tivesse quinze anos; colocou o cigarro entre os dentes e aj eitou a cam iseta na cintura da calça. Um a rápida passada de m ãos no cabelo e estava... Bem , tão pronto quanto possível.

Aproxim ou-se de Jane por trás na m esm a hora em que ela se inclinou para conversar com Mary... e quando sua *shellan* virou-se para cum prim entá-lo, parecia um pouco surpresa por ele ter vindo até ela.

– Oi, V... Tudo...

Vishous aproxim ou-se ainda m ais, deixando-os corpo a corpo, então, passou os braços ao redor da cintura de Jane. Ao segurá-la num a atitude de posse, inclinou seu corpo lentam ente até ela ter de segurar em seus om bros e seus cabelos caírem do rosto.

Quando ela ofegou, disse exatam ente o que ele pensava:

– Senti sua falta.

Com isso, colocou seus lábios sobre os dela e beij ou seu corpo sólido que ficaria eternam ente vivo, deslizando um a das m ãos para baixo até o quadril enquanto enfiava a língua na boca e continuava, continuava, continuava...

Tiveram a vaga im pressão de que a sala caiu num silêncio profundo e que tudo o que respirava ali olhava para ele e sua com panheira. Mas não im portava.

Aquilo era o que desej ava fazer e faria na frente de qualquer um ... e do cachorro

do Rei, com o viram depois.

Pois Wrath e Beth chegaram , vindos do saguão de entrada.

Quando Vishous endireitou lentam ente sua *shellan*, as vaias e assovios com eçaram e alguém j ogou um punhado de pipoca com o se fosse confete.

– É isso aí – Holly wood disse. E j ogou m ais pipoca.

Vishous lim pou a garganta.

– Tenho um anúncio a fazer.

Certo. Tudo bem , havia m uitos olhos sobre os dois. Mas com certeza estava disposto a engolir a vontade de desistir.

Aconchegando sua inquieta e corada Jane a seu lado, disse em alto e bom tom :

– Vam os nos acasalar. Apropriadam ente. E espero que todos vocês estej am lá e... Sim , é isso.

Silêncio. Total.

Então, Wrath soltou a coleira de George e com eçou a aplaudir. Alto e devagar.

– Já era hora!

Seus irm ãos, suas *shellans* e todos os convidados da casa seguiram o exem plo e, logo, os lutadores com eçaram a cantar tão alto que atingiram o teto e algo m ais... suas vozes vibraram pelo ar.

Quando olhou para Jane, ela brilhava. Resplandecia.

– Talvez eu devesse ter perguntado antes – ele m urm urou.

– Não – ela o beij ou. – Isso foi *perfeito*.

Vishous com eçou a rir. Cara, se isso era a vida em todo seu potencial, m anteria a rotina noite após noite: seus Irm ãos estavam com ele, sua *shellan* estava feliz e... bem , poderia passar sem a pipoca no cabelo, m as enfim .

Minutos depois, Fritz trouxe taças de cham panhe e, agora, havia um tipo diferente de estalo no ar, eram rolhas voando, e as pessoas falavam ainda m ais alto do que antes.

Quando alguém em purrou um copo para sua m ão enluvada, sussurrou no ouvido de Jane:

– Cham panhe m e deixa excitado.

– Mesm o...?

Deslizando a m ão sobre seus quadris... e ainda m ais abaixo... puxou-a contra sua ereção repentina.

– Já conhece a área dos banheiros?

– Acho que fom os form alm ente apresen... Vishous!

Parou de m ordiscar seu pescoço, m as continuou em purrando seu quadril contra o dela. O que era um pouco indecente, m as nada que os outros casais não fizessem de vez em quando.

– O que foi? – falou lentam ente. Quando ela pareceu sem palavras, V. sugou seus lábios e resm ungou: – Se não m e engano, estávam os falando sobre o banheiro. Estava pensando que talvez pudesse apresentar vocês dois. Não sei se está ciente disso, m as o balcão da pia está gritando por você.

– E você deve fazer um ótim o trabalho nessas pias.

V. arranhou um a de suas presas pela garganta dela.

– Com certeza.

Quando sua ereção com eçou a latej ar, pegou a m ão de sua fêm ea...

O relógio de pêndulo no canto da sala com eçou a soar e ouviram quatro badaladas profundas. O que o fez recuar um pouco e checar o relógio m esm o sem precisar... pois aquele relógio dava a hora certa há duzentos anos.

Quatro da m anhã? Onde diabos estava Pay ne?

Quando o im pulso de ir ao Com m odore para trazer sua irm ã de volta para casa o atingiu em cheio, lem brou-se de que em bora o am anhecer fosse chegar rápido,

ela ainda tinha m ais ou m enos um a hora. E considerando o que ele e Jane estavam prestes a fazer atrás de um a porta fechada, não poderia culpá-la querer prolongar cada m om ento que tinha com seu m acho... m esm o se V. não

concordasse nem um pouco com isso.

– Está tudo bem ? – Jane perguntou.

Voltando à realidade, baixou a cabeça.

– Vai ficar assim que eu colocá-la sobre aquele balcão.

Ficaram no banheiro por quarenta e cinco m inutos.

Quando saíram , todos ainda estavam na sala de bilhar. Colocaram m úsica para tocar e a canção *I'm not a human being*, de Lil Way ne, ecoava até o teto do saguão. O *doggen* circulava pela sala servindo algum as coisas finas em bandej as de prata e havia um círculo de pessoas rindo ao redor de Rhage enquanto ele contava piadas.

Por um m om ento, pareciam os bons e velhos tem pos.

Mas, então, não viu sua irm ã na m ultidão. E ninguém veio até ele para dizer que ela havia subido para o quarto de hóspedes que estava usando.

– Volto j á – disse para Jane. Deu um rápido beij o e esquivou-se da festa, andou rápido pelo saguão de entrada e entrou na sala de j antar vazia. Ao contornar a m esa bem arrum ada, m as abandonada tirou o celular do bolso e discou para o telefone que havia dado a Pay ne.

Ninguém atendeu.

Tentou outra vez. Nenhum a resposta. Terceira vez? Nenhum a... m aldita resposta.

Praguej ando, discou o núm ero de Manello e estrem eceu com a ideia do que poderia interrom per... m as, provavelm ente, puxaram as cortinas e perderam a

noção do tem po. E os telefones poderiam perder-se nos lençóis, pensou com um a

careta.

Ring... ring.... ring...

– Atenda seu...

– Alô?

Manello parecia estar m al. Baleado. Mortalm ente ferido.

– Onde está m inha irm ã? – pois não havia razão para o cirurgião atender assim

se ela estivesse na cam a dele.

A pausa tam bém não foi um a boa notícia.

– Não sei. Ela saiu daqui há horas.

– *Horas?*

– O que está acontecendo?

– Jesus Cristo... – V. desligou na cara dele e ligou para sua irm ã outra vez. E

outra vez.

Procurando com a cabeça, olhou para o saguão de entrada e para a porta

principal.

Com um zum bido sutil, as persianas de aço que protegiam a casa do sol

com eçaram a descer.

Vamos lá, Payne... vamos lá. Agora mesmo.

Agora...

Mesmo...

O toque suave de Jane arrastou-o de volta à realidade.

– Está tudo bem ? – ela perguntou.

Seu prim eiro instinto foi o de esconder tudo com um a m entira usando um a das piadas de Rhage.

Em vez disso, forçou-se a ser sincero com sua com panheira.

– Pay ne está... talvez estej a desaparecida. – Quando ela ofegou e estendeu a m ão procurando a sua, quis fugir de algum a m aneira. Mas m anteve os pés firm es sobre a tapeçaria oriental. – Ela deixou Manello... – *há horas* – ah, há horas. E agora estou rezando para um a m ãe que desprezo para que ela passe logo por aquela porta.

Jane não disse m ais nada. Em vez disso, inclinou-se para conseguir observar tam bém a entrada e esperou com ele.

Ao pegar a m ão dela, percebeu que era um alívio não estar sozinho quando a coisa toda surgiu... e sua irm ã ainda não tinha voltado para casa.

Aquela visão que teve dela sobre um cavalo negro, cavalgando em um assustador declive, voltou a ele no silêncio da sala de j antar. Seus cabelos escuros esvoaçavam j unto com a crina do garanhão, os dois corriam a toda velocidade... indo para Deus sabe onde.

Um a alegoria?, pensou. Ou apenas o anseio de seu irm ão de que ela estivesse

finalm ente livre...?

Jane e ele ainda ficaram ali parados, j untos, olhando para a porta que não se abriu quando o sol ergueu-se oficialm ente vinte e dois m inutos depois.

Enquanto Manny andava pelo apartam ento, com eçou a ficar preocupado.

Muito preocupado. Queria deixar o local logo depois de Pay ne ter saído, m as ficou sem energia e acabou passando a noite toda olhando... a noite.

Extrem am ente vazio.

Sim plesm ente vazio dem ais para se m over.

Quando o telefone tocou ao lado dele, observou o núm ero e sentiu um alívio m om entâneo. Núm ero particular. Tinha de ser ela.

E considerando que sua m ente retom ava o que havia dito a ela várias vezes, precisou de um segundo para organizar as coisas depois de toda aquela divagação inútil. No m om ento em que proferiu aquele discurso, parecia tão racional, razoável e inteligente... Até que olhou para o futuro que estava além de um vago e profundo buraco negro.

Atendeu a ligação sem esperar que nenhum m acho falasse com ele do outro lado.

Muito m enos o irm ão dela. Muito m enos o bastardo ficando todo surpreso por Pay ne não estar no apartam ento.

Enquanto Manny andava em círculos, encarou o telefone, desej ando que

tocasse outra vez... desej ando que o m aldito dispositivo eletrônico soasse e fosse

Pay ne dizendo que estava bem . Ou seu irm ão. Qualquer um .

Ninguém .

Pelo am or de Deus, Al Roker* poderia lhe telefonar para dizer que ela estava bem .

Só que a m adrugada passou rápido dem ais e o telefone perm aneceu em

silêncio, e, com o um fracassado, acessou sua lista de cham adas recentes e tentou

ligar de volta para o núm ero “particular”. Quando tudo o que ouviu foi um tom

de discagem , quis j ogar o celular pelo quarto, m as onde isso o levaria?

A im potência era esm agadora. Um grande triturador.

Queria sair e... droga, encontrar Pay ne se estivesse perdida. Ou trazê-la de

volta se estivesse lá fora sozinha. Ou...

O telefone tocou. Núm ero particular.

– Graças a Deus – disse quando foi atendido. – Pay ne...

– Não.

Manny fechou os olhos: o irm ão dela parecia péssim o.

– Onde ela está?

– Não sabem os. E não podem os fazer nada daqui... estam os presos dentro da

casa. – O cara suspirou com o se estivesse fum ando algo. – O que diabos

aconteceu antes dela sair? Pensei que passaria a noite inteira com você. Tudo

bem se vocês dois... sabe...? Mas por que ela saiu tão cedo?

– Disse a ela que não ia dar certo.

Longo silêncio.

– Que *lixo* tem na cabeça?

Com certeza, se não estivesse tão ilum inado e ensolarado lá fora, o filho da m ãe bateria na porta de Manny, procurando acabar com algum descendente de italiano.

– Achei que isso o deixaria feliz.

– Ah, sim . Com certeza... partiu o coração da m inha irm ã. Adorei. – Soltou o ar outra vez com força, com o se estivesse soprando fum aça. – Ela está *apaixonada* por você, idiota.

Aquilo tirou-o dos trilhos. Mas continuou com o program a.

– Ouça, ela e eu...

Nesse m om ento, deveria explicar a coisa toda sobre os resultados dos exam es físicos e com o estava assustado e que não sabia as repercussões daquilo. Mas o problem a era que assim que Pay ne saiu, percebeu, durante aquelas horas, que havia algo m ais im portante acontecendo dentro dele: estava sendo um grande canalha. Dispensou Pay ne por que, na verdade, estava m orrendo de m edo por finalm ente ter se apaixonado de fato por um a m ulher... fêm ea... não im porta. Sim , houve um a trem enda sobreposição de elem entos m etafísicos que ele não entendia, nem conseguia explicar, blá, blá, blá. Mas a questão central de tudo

isso

era que sentia algo tão profundo por Pay ne que não sabia m ais quem era e *essa*

era a parte assustadora.

Saiu correndo quando teve um a chance.

Mas aquilo havia acabado.

– Estam os apaixonados – disse com clareza.

E m aldito sej a, devia ter tido coragem para dizer isso a ela. E abraçá-la. E

ficar com ela.

– Então, com o eu disse, que *lixo* tem na cabeça?

– Ótim a pergunta.

– Meu... Deus.

– Ouça, com o posso aj udar...? Posso sair à luz do dia e não há nada que eu não

faça para trazê-la de volta. *Nada*. – Energizado pela obsessão, procurou suas

chaves. – Se ela não está com você, para onde poderia ir? E quanto àquele lugar...

o Santuário?

– Corm ia e Phury foram até lá. *Nada*.

– Então... – Odiava pensar assim . – E quanto a seus inim igos? Onde eles ficam durante o dia... Vou até lá.

Ouviu um a m aldição. Um a baforada de ar. Pausa. Em seguida, o som de um

m ovim ento rápido e algo sendo inalado, com o se o cara estivesse acendendo

outro cigarro.

– Sabe? Não deveria fum ar – Manny ouviu-se dizendo.

– Vam piros não têm câncer.

– Sério?

– Sim . Certo, o negócio é o seguinte: não tem os um local específico para a Sociedade Redutora. Os assassinos tendem a se infiltrar na população hum ana em pequenos grupos, por isso, é quase im possível encontrá-los sem criar um a situação perturbadora grave. A única coisa... Vá aos becos localizados próxim os ao rio no centro da cidade. Ela deve ter encontrado alguns *redutores*... vai procurar por evidências de um a luta. Haverá óleo negro por toda parte. Com o óleo de m otor. E um cheiro doce... com o se houvesse um a m istura de carniça e talco. É m uito evidente. Vam os com eçar por aí.

– Preciso ser capaz de entrar em contato com você. Preciso de seu núm ero.

– Vou m andar um a m ensagem de texto com ele. Tem um a arm a? Qualquer um a?

– Sim . Tenho. – Manny j á estava tirando sua pistola calibre quarenta licenciada do arm ário. Viveu na cidade durante toda sua vida adulta e coisas ruins aconteciam ... então, aprendeu a lidar com um a arm a há vinte anos.

– Diga que é m aior que um a nove m ilím etros.

– Sim .

– Pegue um a faca. Vai precisar de um a lâm ina de aço inoxidável.

– Entendido. – Foi até a cozinha e pegou a m aior e m ais afiada faca que tinha.

– Mais algum a coisa?

– Um lança-cham as. Bastões. Estrelas-ninj a. Um a m etralhadora com pacta.

Quer que eu continue?

Se ao m enos ele tivesse aquele tipo de arsenal.

– Vou levá-la de volta, vam piro. Escreva m inhas m alditas palavras... Vou levá-la de volta. – Pegou sua carteira e estava se dirigindo para a porta quando um pavor o deteve. – Quantos são? Seus inim igos?

– Um núm ero incontável.

– São... m achos?

Pausa.

– Costum avam ser. Antes de serem transform ados, são hom ens hum anos.

Um som saiu da boca de Manny... um que tinha plena certeza de que nunca havia proferido antes.

– Não, ela consegue lidar sozinha com um a luta m ano a m ano – seu irm ão disse em um tom m ortal. – Ela é forte assim .

– Não era isso que eu estava pensando. – Teve de esfregar os olhos. – Ela é virgem .

– Ainda...? – o cara perguntou depois de um m om ento.

– Sim . Não achei certo... tirar isso dela.

Oh, Deus, a ideia de que ela poderia ser ferida...

Sequer conseguiu finalizar a frase para si m esm o.

Entrando em ação, saiu do apartam ento e cham ou o elevador. Enquanto esperava, percebeu que só houve silêncio do outro lado por um tem po.

– Oi? Você está aí?

– Sim – a voz do irm ão gêm eo irrom peu. – Sim . Estou aqui.

A conexão entre eles perm aneceu aberta enquanto Manny entrava no elevador e apertava S. E toda a viagem dele até o carro aconteceu sem dizerem absolutam ente nada.

– São im potentes – o irm ão gêm eo finalm ente m urm urou assim que Manny entrou no Porsche. – Não conseguem fazer sexo.

Bem , aquilo realm ente não fez com que se sentisse m elhor. E considerando o tom do irm ão dela, o cara tam bém estava pensando da m esm a m aneira.

– Eu te ligo – Manny disse.

– Faça isso, cara. Faça isso m esm o.

Trabalha com o hom em do tem po para a rede de televisão NBC, além de escrever livros de m istério e atuar. (N.P.)

C A P ÍTU LO 52

Q uando Payne recobrou a consciência, não abriu os olhos. Não havia m otivo algum para cham ar atenção ao fato de que estava acordada para os outros que a rodeavam .

As sensações do corpo inform aram sua situação: estava em pé, com os pulsos algem ados e puxados para as laterais e as costas estavam apoiadas contra um a

parede de pedra úm ida. Os tornozelos estavam esticados e am arrados tam bém , e

a cabeça pendia para frente em um a posição m uito desconfortável.

Quando respirou m ais fundo, sentiu o odor de suj eira alm iscarada e vozes m asculinas vinham da esquerda.

Vozes m uito profundas. Um a excitação ressoava com o se algo bom tivesse sido preso em suas garras.

Era ela.

Quando reuniu suas forças, não teve ilusões sobre o que fariam com ela. Em breve. E quando se recom pôs um pouco m ais, afastou os pensam entos de seu Manuel... aqueles hom ens fariam de tudo, abusariam dela m uitas vezes antes de m atá-la, tirando dela o que deveria ser de seu curandeiro...

Só que não podia, nem pensaria nele. Aquele pensam ento era um buraco negro que a sugaria, a prenderia e a deixaria indefesa.

Em vez disso, puxou os fios da m em ória, fundiu as im agens dos rostos de seus sequestradores com o que conhecia das bacias do Santuário.

Por quê?, ela se perguntava. Não fazia ideia do porquê de algum deles desej ar destruí-la com tanto ódio...

– Sei que está acordada – a voz era incrivelm ente baixa, havia um forte sotaque e estava bem perto de seu ouvido. – Sua respiração m udou.

Ao abrir os olhos e erguer a cabeça ao m esm o tem po, deslocou o olhar até o

soldado. Estava nas som bras ao lado dela; assim , não conseguia enxergá-lo m uito

bem .

De repente, as outras vozes silenciaram e sentiu que m uitos olhares estavam

sobre ela.

Então, era assim que um a presa se sentia.

– Estou m agoado por não se lem brar de m im , fêm ea. – Com isso, trouxe um a

vela para m ais perto de seu rosto. – Penso em você todas as noites desde que nos

vim os pela prim eira vez. Centenas de anos atrás.

Ela estreitou os olhos. Cabelos negros. Olhos cruéis de um azul-m arinho. E um

lábio leporino que obviam ente era de nascença.

– Lem bre-se de m im – não era um a pergunta, m as um a exigência. – *Lembre-se* de m im .

E, então, as lem branças voltaram . A pequena aldeia à beira de um vale

arborizado, onde ela m atou seu pai. Aquele era um dos soldados de Bloodletter.

Sem dúvida, todos eles eram .

Oh, era definitivam ente um a presa, pensou. E estavam ansiosos para

m achucá-la antes de a m atarem , em retaliação por ter assassinado o líder deles.

– *Lembre-se de mim.*

– Você é um dos soldados de Bloodletter.

– *Não* – vociferou, colocando o rosto sobre o dela. – Sou *mais* que isso.

Quando ela franziu a testa, ele apenas recuou e andou pelo local em um pequeno círculo, os punhos fecharam -se com força, a vela pingava cera sobre a m ão contorcida.

Quando voltou a ficar diante dela, estava sob controle. Um pouco.

– Sou o filho dele. Seu *filho*. Você roubou m eu pai de m im ...

– Im possível.

– ... inj ustam ente... O quê?

Em seu silêncio vacilante, ela disse em alto e bom tom :

– É im possível que sej a filho dele.

Quando as palavras foram registradas, a fúria cega no rosto dele era a m elhor definição de ódio e sua m ão trem ia quando levantou-a acim a do om bro.

Bateu nela com tanta força que Pay ne viu estrelas.

Quando endireitou a cabeça e encontrou os olhos dele, não se im portava com nada daquilo. Nem com aquela crença equivocada. Nem com aquele grupo de hom ens que m edia seu corpo. Nem com a ignorância crim inal.

Pay ne sustentou o olhar do seu captor.

– Bloodletter gerou um e apenas um filho m acho...

– Vishous, m em bro da Irm andade da Adaga Negra – sua risada forte ecoou. – Ouvi algum as histórias de suas perversões...

– Meu irm ão não é um pervertido!

Nesse m om ento, Pay ne perdeu todo o controle, a raiva que a induziu naquela

noite quando m atou seu pai voltou e sobrepôs-se a tudo: Vishous era seu sangue e

seu salvador por tudo o que havia feito por ela. E não ia aceitar que o

desrespeitassem ... m esm o se defendê-lo custasse-lhe a vida.

Em um piscar de olhos, foi consum ida por um a energia interior que ilum inou

com um a luz branca intensa a adega onde estavam .

As algem as queim aram , caindo no chão de terra fazendo um barulho

m etálico.

O m acho diante dela saltou para trás e preparou-se, assum indo um a posição de

com bate, enquanto os outros pegavam suas arm as. Mas ela não ia atacar, não

fisicam ente.

– Ouça-m e bem – proclam ou. – Sou nascida da Virgem Escriba. Sou um a

Escolhida do Santuário. Então, quando digo a você que Bloodletter, m eu pai, não

gerou outro filho m acho, isso é um fato.

– Mentira – o m acho ofegava. – E você... não pode ter nascido da Mãe da

raça. Ninguém nasce dela...

Pay ne ergueu seus braços brilhantes.

– Sou o que sou. Negar isso é por sua conta.

A cor desapareceu da pele do m acho e houve um longo e tenso im passe;

enquanto arm as tradicionais apontavam em sua direção, ela brilhava com um a

fúria sagrada.

E, então, o líder saiu de sua posição de com bate, deixou as m ãos caírem para os lados e as coxas se endireitaram .

– Não pode ser – engasgou. – Im possível...

Macho tolo, ela pensou.

Erguendo o queixo, ela declarou:

– Sou fruto gerado da união entre Bloodletter e a Virgem Escriba. E lhe digo agora – deu um passo para aproxim ar-se dele – que m atei *meu* pai, *não* o seu.

Levantando a palm a da m ão, colocou-a para trás e atingiu o rosto dele.

– E não insulte m eu sangue.

Quando a fêm ea o atingiu, a cabeça de Xcor virou tão rápido e com tanta força que precisou firm ar o om bro na tentativa de m anter a m aldita coisa sobre a coluna. O sangue inundou im ediatam ente sua boca e cuspiu um pouco antes de se endireitar.

Na verdade, a fêm ea diante dele era m aj estosa em sua fúria e determ inação. Quase tão alta quanto ele, olhava diretam ente em seus olhos, com as m ãos fechadas em punho, estava preparada para usá-las contra ele e seu bando de bastardos.

Aquela não era um a fêm ea com um . E não só pela m aneira com o dissolveu aquelas algem as.

De fato, quando ela o encarou com firm eza, Xcor lem brou-se de seu pai.

Tinha a vontade de aço de Bloodletter não apenas em seu rosto, seus olhos ou em

seu corpo. Estava em sua alm a.

Com efeito, ele tinha a im pressão m uito clara de que todos eles poderiam

atacá-la, ao m esm o tem po, que ela com bateria a todos até o últim o suspiro, até a

últim a batida de seu coração.

Deus era testem unha de que o golpeou com o um guerreiro. Nada parecido

com a força de um a fêm ea.

Mas...

– Ele era m eu pai. Ele m e disse isso.

– Era um m entiroso – dito isso, ela sequer piscou. Nem abaixou os olhos ou o

queixo. – Sou testem unha, observando nas bacias de visão, das incontáveis filhas bastardas que teve. Mas havia apenas um filho e é m eu irm ão gêm eo.

Xcor não estava preparado para ouvir isso na frente de seus m achos.

Olhou para eles. Até m esm o Throe estava arm ado e na face de cada um deles

havia um a raiva im paciente. Um ato seu de assentir com a cabeça e todos iriam

atacá-la, m esm o se incinerasse a todos.

– Deixem -nos a sós – ele ordenou.

Não foi surpresa quando Zy pher foi o único a argum entar.

– Deixe-nos segurá-la enquanto o senhor...

– *Deixe-nos*.

Houve um m om ento de im obilidade. Em seguida, Xcor gritou:

– *Deixe-nos!*

Rapidam ente, com eçaram a se m over e desapareceram pela escadaria que dava para a sala escura no andar de cim a. Então, a porta foi fechada e passos soaram em suas cabeças à m edida que andavam pelo local, com o anim ais enj aulados.

Xcor voltou a se concentrar na fêm ea, e, por um bom tem po, apenas olhou para ela.

– Procuro por você há séculos.

– Não estava sobre a Terra. Até agora.

Ela perm aneceu inflexível ao confrontá-lo sozinho. Totalm ente inflexível. E quando ele exam inou seu rosto, pôde sentir um a m udança glacial nos cam pos gélidos de seu coração.

– Por quê? – ele disse asperam ente. – Por quê... o m atou?

A fêm ea piscou lentam ente com o se não quisesse m ostrar vulnerabilidade e precisasse de um m om ento para certificar-se de que não expressaria nada com relação a isso.

– Porque ele m achucou m eu irm ão gêm eo. Ele... torturou m eu irm ão e, por isso, precisou m orrer.

Bem , talvez houvesse algo verdadeiro naquela lenda, Xcor pensou.

De fato, assim com o a m aioria dos soldados, Xcor j á havia ouvido falar m

uitas

vezes sobre um boato de Bloodletter ter exigido que seu filho unigênito fosse

fixado ao chão, tatuado... e, em seguida, castrado. A lenda dizia que os ferim entos

foram parciais... havia rum ores de que Vishous havia queim ado suas am arras

m agicam ente e, então, escapou pela noite antes de ser cortado por com pleto.

Xcor olhou as algem as que caíram dos pulsos da fêm ea... queim adas. Ao

erguer um a das m ãos, olhou para a própria carne.

Que nunca havia brilhado.

– Disse-m e que nasci de um a fêm ea que ele havia visitado em busca de

sangue. Disse-m e... que ela não m e quis por causa do m eu... – tocou seu lábio

m al form ado, deixando a sentença incom pleta. – Ele m e pegou e... ensinou-m e a

lutar. A seu lado.

Xcor tinha um a vaga consciência de que sua voz estava rouca, m as não se

im portou. Sentiu com o se estivesse olhando para um espelho e vendo o reflexo de

si m esm o, um reflexo que não reconhecia.

– Disse-m e que era seu filho... e m e criou com o seu filho. Depois de sua

m orte, assum i o lugar dele, com o os filhos fazem .

A fêm ea o avaliou e, em seguida, balançou a cabeça.

– Digo-lhe que ele m entiu. Olhe nos m eus olhos. Vej a que falo a verdade que

deveria ter ouvido há m uito, m uito tem po – a voz dela dim inuiu para um m ero

sussurro. – Conheço bem a traição de sangue. Conheço a dor que sente agora. Não é certo este fardo que carrega. Mas não se vingue baseado em um a ficção, eu lhe im ploro. Pois serei forçada a m atá-lo... e se não for eu, m eu irm ão irá caçá-lo com a Irm andade e fará com que rogue pela própria m orte.

Xcor procurou dentro de si e viu algo que desprezava, m as não podia ignorar: não tinha m em ória algum a da vadia que o concebera, m as sabia m uito bem a história de com o ela o rechaçou na sala de parto por causa de sua feiura.

Queria ser reivindicado. E Bloodletter fez isso... a desfiguração física nunca foi im portante para o m acho. Im portava-se apenas com as coisas que Xcor tinha em

abundância: velocidade, agilidade, resistência, potência... e um a concentração letal.

Xcor sem pre achou que era assim por ter puxado seu pai.

– Ele m e deu um nom e – ouviu-se dizendo. – Minha m ãe m e rej eitou. Mas, Bloodletter... Deu-m e um nom e.

– Sinto m uito.

E sabe qual era a coisa m ais estranha? Ele acreditava nela. Antes pronta para lutar até a m orte, agora parecia estar triste.

Xcor afastou-se dela e andou pelo lugar. Se não era o filho de Bloodletter, então, quem era? Será que ainda deveria liderar seus m achos? Será que

deveriam segui-lo no cam po de batalha outra vez?

– Olho para o futuro e não vej o... nada – m urm urou.

– Tam bém sei com o é essa sensação.

Ele parou e encarou a fêm ea. Ela havia cruzado os braços levem ente sobre os seios e não olhava para ele, m as para a parede do outro lado. Em suas feições, via o m esm o vazio que sentia dentro do peito.

Erguendo os om bros, dirigiu-se até ela.

– Não tenho qualquer problem a para resolver com você. Suas ações relacionadas a m eu... – pausa – a Bloodletter... tiveram m otivos válidos.

Na verdade, tinham sido guiados pela m esm a lealdade ao sangue e pelo m esm o sentim ento de vingança que o incitou a buscar por ela.

Com o um guerreiro faria, ela curvou-se até a cintura, aceitando a m udança da situação e, com isso, o ar ficou m ais leve entre eles.

– Estou livre para ir?

– Sim ... m as ainda é dia. – Quando ela olhou em volta para os beliches e a cam a com o se estivesse im aginado os m achos que a desej avam , ele interrom peu. – Nenhum m al lhe sucederá aqui. Sou o líder deles e...

Bem , havia sido o líder.

– Vam os passar o dia no andar de cim a em favor de sua privacidade. Com ida e bebida estão sobre a m esa logo ali.

Xcor fez aquelas m odestas concessões de provisão e acom odação não por

causa de questões ridículas de decoro que giravam em torno de um a Escolhida. Mas aquela fêm ea era... algo que respeitava: se alguém era capaz de com preender a im portância da vingança contra um insulto à fam ília, esse alguém era ele. E Bloodletter tinha causado danos perm anentes ao irm ão dela.

– Ao cair da noite – disse ele –, vam os levá-la daqui com os olhos vendados, pois não pode saber onde estam os instalados. Mas será libertada ilesa.

Virando as costas para ela, foi até a única cam a que não tinha um andar superior. Sentindo-se um tolo, ainda assim endireitou o cobertor áspero. Não havia travesseiro, então, inclinou-se e pegou algum as de suas cam isas lavadas.

– Aqui é onde eu durm o... pode usá-la para seu descanso. E caso tem a por sua segurança ou virtude, há um a arm a em cada lado no chão. Mas não se preocupe.

Chegará ao pôr do sol em segurança.

Ele não fez um voto form al colocando sua honra em j ogo, pois, na verdade, j á havia feito. E não olhou para trás quando aproxim ou-se das escadas.

– Qual é seu nom e? – ela disse.

– Ainda não sabe, Escolhida?

– Não sei tudo.

– Pois é – colocou a m ão sobre o corrim ão áspero. – Nem eu. Bom dia, Escolhida.

Ao subir as escadas, sentiu com o se tivesse envelhecido séculos desde que

carregou o corpo quente e inanim ado daquela fêm ea até o subsolo.

Ao abrir a pesada porta de m adeira, não fazia ideia do que encontraria ali.

Após o anúncio de sua condição, seus hom ens poderiam m uito bem decidir ignorá-lo...

Lá estavam todos, em sem icírculo, Throe e Zy pher assum iam cada ponta do grupo. As arm as estavam em punhadas e seus rostos dem onstravam algo fúnebre

e som brio.

Fechou a porta e recostou-se contra ela. Não era covarde para fugir deles ou do que havia acontecido lá em baixo e não via nenhum benefício em am enizar o que havia sido revelado com pausas ou palavras cuidadosas.

– A fêm ea disse a verdade. Não tenho um a relação sanguínea com aquele que pensava ser m eu pai. Então, o que têm a dizer?

Não disseram um a palavra. Não olharam um para o outro. E não houve qualquer hesitação.

Aj oelharam -se todos de um a vez, afundando-se sobre o assoalho e abaixando as cabeças.

Throe falou:

– Estam os sob seu com ando.

Com a resposta, Xcor lim pou a garganta. E fez isso outra vez. E m ais um a vez. No Antigo Idiom a, pronunciou:

– Nenhum líder jamais conheceu maior proteção e tamanha lealdade quanto a que se reúne aqui diante de mim.

Os olhos de Throe se ergueram .

– Não foi em m em ória de seu pai que servim os todos esses anos.

Houve um grande brado de concordância... que foi m elhor do que qualquer voto dito em linguagem rebuscada. E, em seguida, as adagas foram enterradas sobre o piso de m adeira diante dos pés de cada um deles, os punhos que as envolveram com firm eza pertenciam aos soldados que foram e continuavam a ser liderados por ele.

E teria deixado as coisas daquela m aneira, m as seus planos em longo prazo exigiam um a revelação e posterior confirm ação.

– Tenho um propósito m aior do que lutar paralelam ente à Irm andade – disse em voz baixa, assim , a fêm ea no andar de baixo não poderia ouvir nada. – Minhas am bições são um a sentença de m orte se forem descobertas por outras pessoas. Entendem o que estou dizendo?

– O Rei – alguém sussurrou.

– Sim – Xcor olhou para cada um daqueles olhos. – O Rei.

Nenhum deles desviou o olhar ou se levantou. Eram um a unidade sólida de m úsculos, força e determ inação letal.

– Se isso m uda algum a coisa para qualquer um de vocês – declarou –, deve ser dito agora e, em seguida, deve-se partir ao cair da noite e nunca m ais voltar ou

será condenado à m orte.

Throe m oveu-se ao baixar a cabeça. Mas isso era o m ais longe que iria. Não se levantou para ir em bora e nenhum outro fez isso tam bém .

– Bom – Xcor disse.

– E quanto à fêm ea? – Zy pher disse com um sorriso som brio.

Xcor balançou a cabeça.

– Absolutam ente, não. Ela não m erece punição.

As sobrancelhas do m acho se ergueram .

– Tudo bem . Posso fazer só coisas boas com ela, então.

Oh, pelo am or de Deus, j á estava farto do m aldito *Lhenihan*.

– Não. Não deve tocá-la. Ela é um a Escolhida. – Isso cham ou a atenção deles, m as não iria adiante com as revelações. Já tinha dito o suficiente. – E vam os dorm ir aqui em cim a.

– Que diabos? – Zy pher ficou em pé e os outros o acom panharam . – Se diz que ela não pode ser tocada, eu a deixarei em paz, assim com o os outros. Por que...

– Porque é isso o que eu decreto.

Para reforçar a determ inação, Xcor sentou-se ao pé da porta e apoiou as costas contra os painéis. Confiava em seus soldados no cam po de batalha, m as havia um a bela e poderosa fêm ea lá em baixo e eles eram filhos da m ãe no cio e excitados, todos eles.

Teriam de passar por cim a de Xcor para chegar até ela.

Afinal, era um bastardo, m as não totalm ente desprovido de um código de conduta, e ela m erecia a proteção de que provavelm ente não necessitava, pela boa ação que havia feito a ele.

Matar Bloodletter?

Aquilo havia se revelado um favor a Xcor naquele m om ento, pois significava que não teria de m atar o m entiroso filho da m ãe.

C A P ÍTU LO 53

Manny estava atrás do volante do carro, segurava-o com força, olhos fixos na estrada a sua frente, quando fez um a curva fechada... e foi direto à descrição exata do cenário que Vishous havia lhe dito.

Finalm ente. Após um as boas três horas dando voltas e voltas quarteirão após quarteirão para encontrar a m aldita coisa.

Mas, sim , era o que estava procurando: à luz das dez horas da m anhã que sangrava entre os edifícios, um a bagunça oleosa e escorregadia brilhava ao longo

do pavim ento, nas paredes de tij olos, na lixeira e naquelas j anelas envoltas com

cercas de aram e.

Acionando a em breagem , colocou o carro em ponto m orto e pisou no freio.

No instante em que abriu a porta, recuou.

– Mas que inferno...

O m au cheiro era indescritível. Provavelm ente porque acertou em cheio seu

nariz e bloqueou o cérebro. Horrível.

Mas reconheceu o arom a. O cara com o boné dos *Sox* exalava esse cheiro na noite em que Manny operou os vam piros.

Ao pegar o telefone, ligou para o núm ero supersecreto de Vishous e pressionou a tecla *send*. A linha m al tocou um a vez antes que o irm ão gêm eo de Pay ne atendesse.

– Achei – disse Manny. – É tudo com o você m e falou... cara, o *cheiro*. Certo. Sim . Entendi. Falo com você depois.

Quando desligou, parte dele consum ia-se ao pensar na possibilidade de Pay ne estar envolvida no que era evidente ter sido um banho de sangue. Mas se conteve enquanto procurava ao redor por algum a coisa, qualquer coisa, que pudesse lhes dizer o que aconteceu...

– Manny ?

– Caram ba! – quando se virou, agarrou sua cruz... ou talvez fosse seu coração, para que a coisa não saísse pela boca. – Jane?

A form a fantasm agórica de sua ex-chefe de traum atologia solidificou-se diante de seus olhos.

– Oi.

Seu prim eiro pensam ento foi: m eu Deus, o sol... o que dem onstrava o quanto sua vida havia m udado.

– Espere! Não tem problem as com a luz do dia...?

– Estou bem – ela estendeu a m ão e o acalm ou. – Vim para aj udar... V. disse-m e onde estava.

Segurou seu om bro por alguns instantes.

– Estou... m uito feliz em vê-lo.

Jane deu-lhe um abraço rápido e firm e.

– Vam os encontrá-la. Prom eto.

Sim , m as em quais condições ela estará?

Trabalhando j untos, os dois vasculharam o beco, esquadrinhando as som bras e as partes ilum inadas. Graças a Deus ainda era cedo e aquela era um a parte deserta da cidade, pois não estava no clim a de lidar com a com plicação de pessoas – especialm ente a polícia – aparecendo por ali.

Na próxim a m eia hora, ele e Jane percorreram cada centím etro quadrado do beco, m as tudo o que acharam foram restos de drogas usadas, lixo e alguns preservativos que Manny não tinha a m enor intenção de olhar m ais de perto.

– Nada – m urm urou. – Nada m esm o.

Certo. Não im portava. Continuaria agindo, procurando, esperançoso...

Um ruído estridente cham ou sua atenção e o levou à lixeira.

– Tem algum a coisa fazendo barulho por aqui – ele gritou enquanto se aj oelhava. Só que conhecendo a sorte que tinham , não seria nada além de um rato tom ando café da m anhã.

Jane aproxim ou-se assim que ele alcançou o latão.

– Acho... acho que é um telefone – ele resm ungou quando estendeu-se e vasculhou com a ponta dos dedos, com a esperança de pegar... – Consegui.

Ao se inclinar, descobriu que, sim , era um celular tocando e a coisa vibrava, o que explicava o barulho. Infelizm ente, sej a lá quem estivesse telefonando, cairia

no correio de voz, pois quando pressionou o botão *send* para atender viu que estava bloqueado.

– Cara, está coberto por um a tinta escura. – Lim pou a m ão na borda do contêiner de lixo... enquanto dizia: – E a coisa está protegida por senha.

– Precisam os levar para V. Ele consegue hackear qualquer coisa.

Manny levantou-se e olhou para ela.

– Não sei se tenho perm issão de ir até lá. – Tentou entregar o telefone. – Aqui. Leve. Enquanto isso, tentarei encontrar outros lugares com o este.

Porém , honestam ente, parece que j á tinha percorrido todo o centro.

– Não prefere saber o que acontece em prim eira m ão?

– Claro que sim , m as...

– E se V. descobrir algum a coisa, não seria m elhor você sair outra vez com o equipam ento certo?

– Bem , sim , m as...

– Então, nunca ouviu falar em fazer algum a besteira e desculpar-se depois por isso? – Quando ele ergueu um a sobrancelha, ela deu de om bros. – Foi assim que

lidei com você no hospital durante anos.

Manny apertou a m ão sobre o celular.

– Está falando sério?

– Vou levar-nos de volta ao com plexo e, se houver algum problem a, darei um j eito nisso. E sugiro parar em sua casa prim eiro para pegar tudo o que for necessário para ficar hospedado por um tem po.

Ele balançou a cabeça lentam ente.

– Se ela não voltar...

– *Não*. Não vam os pensar assim . – Os olhos de Jane eram m ortais ao encará-lo. – Quando ela *voltar* para casa, não im porta quanto tem po isso leve, você estará lá. V. disse que deixou seu trabalho... porque Pay ne contou para ele. Podem os falar disso depois...

– Não há nada a dizer. A diretoria do São Francisco sim plesm ente pediu que eu saísse.

Jane engoliu em seco.

– Oh, Deus... Manny...

Deus, não pôde acreditar no que saiu de sua boca:

– Não im porta, Jane. Contanto que ela volte bem ... é tudo o que im porta para m im .

Ela fez um gesto com a cabeça em direção ao carro.

– Então, por que ainda estam os conversando?

Ótim a pergunta.

Os dois foram para o Porsche, instalaram -se e saíram com Jane ao volante.

Quando ela acelerou o carro em direção ao Com m odore, Manny estava transform ado por um propósito: tinha estragado tudo com sua m ulher um a vez. Mas isso não ia acontecer de novo.

Jane estacionou em frente ao arranha-céu e Manny correu para o saguão, cham ou o elevador e subiu até seu apartam ento. Movendo-se com o um raio, pegou o laptop, seu carregador de celular...

O cofre.

Lançou-se para o arm ário em seu quarto, colocou a com binação e destravou a pequena porta. Com m ãos ágeis e um a m ente determ inada, tirou sua certidão de nascim ento, sete m il dólares, dois relógios de ouro e seu passaporte. Pegando um a m ala aleatoriam ente, colocou tudo nela, j unto com o com putador e o carregador. Em seguida, pegou m ais duas m ochilas que j á estavam transbordando de roupas e saiu correndo do apartam ento.

Enquanto aguardava o elevador, percebeu que estava m udando sua vida. Para m elhor. Se, no final, ficasse com Pay ne ou não, não voltaria atrás... e não se tratava apenas do endereço físico.

No m om ento em que deu as chaves para Jane, pela segunda vez, virou um a esquina em sua tem pestade de neve m etafórica: não fazia ideia do que estava à

frente dele, m as não havia com o voltar atrás e estava tranquilo com relação a isso.

Na rua, j ogou suas coisas no porta-m alas e no banco traseiro.

– Vam os lá.

Mais ou m enos trinta e cinco m inutos depois, Manny estava outra vez no terreno nebuloso da m ontanha dos vam piros.

Olhando para o celular quase em ruínas na palm a da m ão, rezou para que aquilo pudesse conectá-lo a Pay ne e fazê-los ficar j untos outra vez... dando a ele

m ais um a chance de conseguir o que havia j ogado fora...

– Mas que... droga... – Mais à frente, em ergindo de um a estranha névoa, um a trem enda quantidade de rocha assom ava-se, tão grande quanto o Monte Rushm ore*.

– Que... casa enorm e.

Mausoléu era outra palavra para ela.

– Os Irm ãos levam a segurança m uito a sério. – Jane estacionou o carro em frente a um conj unto de escadas digno de um a catedral.

– Ou isso... – ele m urm urou. – Ou os parentes de algum deles têm um a pedreira.

Saíram j untos, e antes de pegar as m alas, Manny analisou a paisagem . O m uro que protegia a propriedade a envolvia em todas as direções, erguendo-se a m ais

de seis m etros do chão e havia câm eras por toda a parte externa, assim com o cercas de aram e farpado retorcido na parte superior. A m ansão em si era enorm e, expandia-se em todas as direções e exibia quatro andares. E por falar em fortaleza: todas as j anelas estavam cobertas com folhas de m etal. E aquelas portas duplas? Seria necessário um tanque de guerra para ultrapassá-las.

Havia carros no pátio, alguns dos quais, em outras circunstâncias, ele teria bastante invej a, e viu outra casa bem m enor feita com a m esm a pedra do castelo. A fonte central estava seca, m as poderia im aginar os sons tranquilos que

produzia quando a água caía.

– Por aqui – Jane disse quando abriu o porta-m alas e pegou um a de suas m ochilas.

– Eu faço isso. – Pegou a que estava com ela, assim com o outras duas. – Prim eiro, as dam as.

Jane ligou para seu m acho logo na entrada, assim , Manny teve a clara im pressão de que a gente de Pay ne não o m ataria no m om ento. Mas quem poderia dizer com certeza?

Que bom que não se im portava consigo naquele m om ento.

Na grandiosa entrada, ela tocou a cam painha e o bloqueio foi liberado. Ao entrar com ela, viu-se em um vestíbulo sem j anelas que o fez pensar em um a prisão... um a prisão m uito elegante e, cara, cheia de painéis de m adeira

esculpidos e um arom a de lim ão no ar.

Não havia possibilidade de saírem dali a não ser que alguém perm itisse.

Jane falou para a câm era:

– Som os nós. Estam os...

O segundo conj unto de portas foi aberto im ediatam ente e Manny ficou

im pressionado quando a entrada foi aberta com pletam ente. O saguão colorido e

brilhante do outro lado não era nada do que esperava: m aj estoso e decorado com

as m atizes de cores do arco-íris, era tudo o que a parte externa fortificada não

era. E, bom Deus, parecia que cada tipo im aginável de m árm ore decorativo e

pedras foram usados... e, caram ba, havia m uito cristal e obj etos folheados a

ouro.

Então, ele entrou e viu os afrescos no teto três andares acim a... e um a

escadaria que faria as de *E o vento levou...* parecerem um a escada portátil.

Quando as portas fecharam -se atrás dele, o irm ão de Pay ne surgiu do que

parecia ser um a sala de bilhar, com o cara do boné do *Red Sox* a seu lado.

Quando o vam piro avançou, estava m uito concentrado em colocar um cigarro

entre as presas e aj eitar sua roupa de couro preto.

Ao pararem na frente de Manny, os dois o encararam ... e teve de se perguntar

se aquilo chegaria a um fim antes m esm o de com eçar... com ele servido com o

refeição.

Só que, em seguida, o vam piro estendeu um a das m ãos.

Claro, o celular.

Manny largou as m alas e tirou o aparelho do bolso do casaco.

– Aqui... este é...

O cara aceitou o que foi oferecido, m as não olhou para a coisa. Apenas trocou de m ão e estendeu a direita outra vez.

O gesto era tão sim ples, m as significava algo tão profundo.

Manny agarrou a m ão dele e nenhum deles disse nada. Não havia razão para isso, pois a m ensagem estava clara: respeito oferecido e aceito de am bos os lados.

Quando soltaram as m ãos, Manny disse:

– O telefone?

Para o vam piro, descobrir tudo sobre a coisa era j ogo rápido.

– Deus... você é rápido – Manny m urm urou.

– Não. Esse foi o aparelho que dei a ela. Estava ligando de hora em hora. O GPS foi retirado... caso contrário, eu teria lhe dado o endereço exato de onde o encontrou.

– Droga. – Manny esfregou o rosto. – Não havia m ais nada ali. Jane e eu vasculham os o beco... e dirigi pelo centro durante horas. E agora?

– Esperam os. É tudo o que podem os fazer enquanto a luz do dia estiver lá fora. Mas, assim que escurecer, a Irm andade sairá daqui com um sentim ento de

vingança. Vam os encontrá-la, não se preocupe...

– Vou tam bém – disse. – Só para que fique bem claro.

Quando o irm ão gêm eo de Pay ne com eçou a fazer um gesto com a m ão, Manny interrom peu qualquer protesto de “sej a razoável”.

– Desculpe. Pode ser sua irm ã lá fora... m as ela é m inha m ulher. E isso significa que faço parte disso.

Com isso, o cara do boné de *baseball* tirou o acessório e alisou o cabelo.

– Mas que droga...

Manny congelou, o resto do que o cara disse não foi registrado.

Aquele rosto... aquele m aldito rosto.

Aquele... *maldito*... rosto.

Manny enganou-se sobre onde havia visto o cara.

– O que foi? – o cara disse, olhando para si m esm o.

Manny tinha a vaga consciência de que o irm ão de Pay ne franziu a testa e de que Jane olhava para ele preocupada. Mas seu foco era no outro hom em .

Exam inou aqueles olhos cor de avelã, aquela boca e aquele queixo, tentando encontrar algum a coisa que não encaixasse, algo fora do lugar... algo que discordasse da lógica que ele sustentava.

A única coisa que parecia um pouco fora do lugar era o nariz... m as só porque tinha sido quebrado pelo m enos um a vez.

A verdade estava nos ossos.

E a conexão não estava no hospital ou sequer na Catedral de São Patrício...

pois, pensando m elhor, tinha visto m esm o o hom em , o m acho... vam piro, que

sej a... na igrej a antes.

– Que porcaria é essa? – Butch m urm urou, olhando para Vishous.

Para explicar-se m elhor, Manny inclinou-se e vasculhou as m alas. Enquanto procurava pelo que havia trazido sem intenção, soube, sem dúvida, que encontraria. O destino havia alinhando os dom inós com perfeição dem ais para que aquele m om ento não acontecesse.

E, sim , lá estava.

Quando Manny se endireitou, suas m ãos trem iam tanto que o suporte da m oldura da im agem bateu contra a parte traseira.

Já que sua voz havia sum ido, tudo o que conseguiu fazer foi virar o vidro e m ostrar aos três a fotografia em preto e branco.

Que era um a im agem vívida do m acho cham ado Butch.

– Esse é m eu pai – Manny disse asperam ente.

A expressão do cara passou de *sim, tanto faz* para um choque pálido e suas m ãos com eçaram a trem er ao estender um a delas para pegar a antiga im agem com cuidado.

Não se incom odou em negar nada. Não poderia.

O irm ão de Pay ne exalou um a nuvem de fum aça de arom a delicioso.

– Maldição.

Bom , aquilo resum ia tudo m uito bem .

Manny olhou para Jane e, em seguida, para o hom em que poderia ser seu m eio-irm ão.

– Você o reconhece?

Quando o cara afirm ou lentam ente com a cabeça, Manny olhou para o irm ão

gêm eo de Pay ne.

– Os hum anos e vam piros podem ...

– Sim .

Ao encarar outra vez a face que não deveria ser tão fam iliar, pensou “Droga,

com o isso foi acontecer?”

– Então, você é...

– Um m estiço? – o cara disse. – Sim . Minha m ãe era hum ana.

– Filho da m ãe – Manny sussurrou.

Localizado em Key stone, Dakota do Sul, é nele que estão esculpidos os rostos de

quatro presidentes norte-am ericanos: George Washington, Thom as Jefferson,

Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln. (N.P.)

C A P ÍTU LO 54

Q uando Butch pegou a im agem do hom em que era inegavelm ente idêntico a

ele, pensou, de um a m aneira bem estranha, nas placas de advertência das

rodovias.

Aquelas onde se lia PISTA ESCORREGADIA... ou ÁREA COM DESMORONAMENTO... ou as placas tem porárias de DEVAGAR, HOMENS TRABALHANDO encontradas antes de áreas em construção ou reform a.

Pensou até m esm o naquelas com a silhueta de um cervo saltando ou com grandes setas pretas apontando para a esquerda ou para a direita.

Naquele m om ento, parado ali no saguão, teria agradecido m uito algum a advertência prévia de que sua vida estaria prestes a sair dos trilhos.

Por outro lado, colisões eram colisões e não poderiam ser planej adas.

Erguendo os olhos da fotografia, olhou para os olhos do hum ano cirurgião. Eram de um castanho profundo, um a bela cor à m oda antiga. Mas o form ato deles... Deus, por que não viu a sem elhança com os seus antes?

– Tem certeza? – ouviu-se dizendo. – Este é seu pai?

Só que sabia a resposta antes m esm o do cara assentir.

– Quem ... Com o... – Sim , que grande j ornalista seria, hum ? – O que...

Muito bem . Agora era só acrescentar um *quando* e um *onde* que poderia substituir um grande apresentador de notícias da TV.

No entanto, a questão era que depois de ter se acasalado com Marissa e passado pela transição, finalm ente tinha encontrado paz com quem era e com o que fazia de sua vida. No m undo hum ano, por outro lado, foi um estranho para todos, andando ao lado deles, m as nunca interagindo de verdade com sua m ãe, irm ãs e irm ãos.

E seu pai, claro.

Ou ao m enos quem as pessoas diziam que era seu pai.

Acreditava que com aquele verdadeiro lar e sua com panheira, tinha concluído a assim ilação, alcançado um a reconciliação pacífica com tudo o que tinha sido tão doloroso.

E não é que aquela porcaria toda veio à tona outra vez?

O hum ano falou gravem ente:

– Seu nom e era Robert Bluff. Era cirurgião no hospital Colum bia Press em Nova York quando m inha m ãe trabalhava lá com o enferm eira...

– Minha m ãe era enferm eira – a boca de Butch ficou seca. – Mas não nesse hospital.

– Ele atuou em vários lugares... até... até m esm o em Boston.

Houve um grande silêncio durante o qual Butch testou as águas frias e confusas de um a possível infidelidade de sua m ãe.

– Todos aqui precisam de um a bebida, não? – disse V.

– Lag...

– Lagavulin...

Butch e o cirurgião ficaram em silêncio quando V. revirou os olhos.

– Por que isso não m e surpreende?

Enquanto o Irm ão dirigia-se ao bar na sala de bilhar, Manello disse:

– Eu nunca o conheci de verdade. Acho que o vi... um a vez? Para ser sincero,

não consigo m e lem brar.

V. atuou com o um a com issária de bordo e voltou com a bebida.

Quando Butch tom ou um bom gole do que havia no copo, Manello fez o m esm o e, em seguida, balançou a cabeça...

– Sabe? Nunca gostei desse até depois de...

– Do quê?

– Rapazes, vocês estão com eçando a m e enlouquecer. Você costum ava gostar do uísque Jack. Porém , ano passado... tudo m udou.

Butch assentiu m esm o não tendo acom panhado o com entário. Cara, sim plesm ente não conseguia parar de olhar para a fotografia e, depois de um tem po, foi estranho, m as aquilo tudo era um alívio.

A análise de seus antepassados havia provado que descendia de Wrath, m as nunca soube com certeza ou se im portou em saber exatam ente com o. E lá estava. Na frente dele.

Caram ba, era com o se tivesse um a doença o tem po todo e alguém finalm ente a nom easse: você sofre da síndrom e de Tenho Outro Pai. Ou seria Bastardonice?

Tudo aquilo fazia sentido. Sem pre achou que seu pai o odiava e talvez esse fosse o m otivo por trás de tudo. Apesar de ser quase im possível im aginar sua m ãe piedosa e puritana ou m esm o flertando com alguém . Aquela noite contava a história de ao m enos um a noite com outra pessoa.

Seu prim eiro pensam ento foi de que precisava encontrar sua m ãe e pedir detalhes... bem , alguns detalhes.

Mas, com o faria isso? Afastou-se da realidade há m uito tem po por causa da dem ência e estava tão distante que m al o reconhecia... O que era a única razão pela qual ele não a visitava m ais. E não poderia perguntar a seus irm ãos e irm ãs.

Eles o apagaram de suas vidas quando desapareceu, m as o ponto principal é que deviam saber tanto quanto ele.

– Ele ainda está vivo? – Butch perguntou.

– Não tenho certeza. Acreditava que estava enterrado no Cem itério Bosque dos Pinheiros. Mas agora? Quem pode saber?

Depois de um m om ento de silêncio, V. disse:

– Posso descobrir. – Manny e Butch olharam para o Irm ão. – É só dizer algum a coisa e vou encontrá-lo... estando no m undo vam piro ou no hum ano.

– Encontrar quem ?

A voz profunda vinha do alto da escada e todos olharam para cim a quando as palavras ecoaram por todo o saguão. Wrath estava parado no patam ar do segundo andar com George a seu lado e o hum or do Rei era fácil de adivinhar, m esm o com os olhos ocultos atrás dos óculos escuros: havia algo m ortal em sua m ente.

Porém , era difícil saber se era por causa do hum ano no saguão ou não, pois

Deus era testem unha de que havia m ilhares de coisas com as quais o cara tinha de lidar naquele m om ento.

Vishous falou... o que foi bom . Butch havia perdido a voz e era evidente que Manello tam bém .

– Parece que esse bom cirurgião pode ser um parente seu, m eu senhor.

Quando Manello recuou, Butch pensou: *Santo Deus.*

Aquilo lançou um pouco m ais de lenha ao fogo.

Manny esfregou a testa quando o enorm e vam piro de longos cabelos negros desceu as escadas, um cachorro dourado parecia liderar o cam inho. Pelo j eito o filho da m ãe era o dono do lugar e, considerando a droga toda relacionada ao "m eu senhor", era realm ente isso.

– Será que ouvi direito, V.? – o m acho perguntou.

– Sim . Ouviu.

Eeeeeeeeee aquilo levantava outra questão... pois Manny se perguntava se estava com algum problem a nos ouvidos tam bém .

– Esse é nosso Rei – Vishous anunciou. – Wrath, filho de Wrath. Este é Manello. Doutor Manny Manello. Acho que os dois não foram apresentados form alm ente antes.

– É o m acho de Pay ne.

Não houve hesitação sobre isso. Nenhum a hesitação em sua resposta.

– Sim . Sou eu.

O rugido baixo que saiu de um a boca cruel era parte riso, parte m aldição.

– E com o acha que som os parentes?

V. lim pou a garganta e respondeu:

– Há um a sem elhança im pressionante entre o pai de Manny e Butch. Quero dizer... droga, é com o olhar a foto de m eu am igo.

As sobrancelhas escuras desapareceram por trás dos óculos escuros. Então, a expressão aliviou.

– É desnecessário dizer, m as não posso fazer tal ligação.

Ah, então ele era cego. Isso explicava o cachorro.

– Podem os fazer um a regressão de ancestrais com ele – Vishous sugeriu.

– Sim – Butch disse. – Vam os fazer...

– Espere um m inuto, isso não pode m atá-lo? – Jane interveio.

– Espere – Manny fez um m ovim ento de cautela com as m ãos. – Esperem um m aldito m inuto. Regressão de quê?

Vishous exalou a fum aça.

– É um processo no qual entro em você e vej o o quanto de nosso sangue há em suas veias.

– Mas isso poderia m e m atar? – Droga, o fato de que Jane balançava tanto a cabeça não inspirava confiança algum a.

– É a única m aneira de se ter certeza. Se você é um m estiço, não podem os ir ao laboratório e dar um a olhada em seu sangue. Mestiços são diferentes.

Manny olhou em volta, para todos eles: o Rei, Vishous, Jane... e o cara que poderia ser seu m eio-irm ão. Cristo, talvez fosse por isso que se sentia tão diferente com relação a Pay ne... Desde o segundo em que a viu, foi com o se... um a parte dele tivesse despertado.

Talvez aquilo explicasse tam bém a alta tem peratura de seu sangue, e depois de um a vida inteira questionando-se sobre seu pai e suas raízes, pensou... poderia ter

encontrado a verdade agora.

Só que quando olharam de volta para ele, lem brou-se de ir até o hospital na sem ana anterior pensando ser m anhã, m as descobriu que era noite. E depois aquela coisa toda com Pay ne e a m udança em seu corpo veio-lhe à m ente.

– Sabem de um a coisa? – disse. – Estou bem assim .

Jane assentiu com o se concordasse com ele. Com isso, teve certeza de que estava no cam inho certo.

Além disso, estavam se distraindo do verdadeiro problem a.

– Pay ne voltará para casa de um a form a ou de outra – ele disse. – E não vou arriscar m inha vida antes de vê-la outra vez... m esm o se isso significar a diferença entre pertencer ao m undo de vocês ou não. Sei quem é m eu pai... e estou olhando para o reflexo dele na m inha frente neste m om ento. Isso é tudo o que eu preciso saber... a não ser que Pay ne pense diferente.

Deus... sua m ãe, pensou abruptam ente... Será que ela sabia?

Quando Vishous cruzou os braços sobre o peito, Manny preparou-se para discutir.

– Gosto de você idiota – o cara disse em vez de contrariá-lo. – Gosto m esm o.

Se considerasse o que o desgraçado havia feito há não m uito tem po, aquilo era surpreendente. Mas não se abalou.

– Certo, então, concordam os nisso. Se m inha m ulher quiser... eu faço. Mas, caso contrário, estou bem com quem eu sou.

– É j usto – Wrath pronunciou.

Naquele m om ento, não houve nada além de silêncio. Porém , o que havia para ser dito? A realidade sobre onde Pay ne estava... ou não estava... pairava sobre todos.

Manny nunca se sentiu tão im potente em toda sua vida.

– Com licença – seu m eio-irm ão disse. – Preciso de outra bebida.

Quando Butch saiu e entrou na outra sala, Manny observou-o desaparecer pelo arco bem ornam entado.

– Sabe, serei o próxim o com a bebida.

– Minha casa é sua casa – o Rei disse som briam ente. – O bar é por ali.

Lutando contra um estranho im pulso de fazer um a reverência, Manny apenas assentiu.

– Obrigado, cara – Quando o Rei estendeu um a das m ãos fechadas, ele o cum prim entou ao golpear os nós de seus dedos e acenou com a cabeça para

Jane

e seu m arido.

A sala em que entrou era com o a m elhor sala de espera de grandes centros hípicos que j á havia visto. Cara, tinham até um a m áquina de pipoca.

– Mais Lag? – o cara m urm urou do outro lado.

Manny virou-se e viu-se observando um superbar.

– Sim . Por favor.

Trouxe um copo até o cara e o entregou. Quando o som da bebida ecoou tão alto quanto um grito, vagou até um sistem a de som que provavelm ente poderia ser usado em um grande show a céu aberto.

Ao ligar o som , ouviu... um rap de gângster.

Mudando rápido as estações do rádio de alta definição, procurou por um a que tocasse m etal. Quando *Dead Memories*, do Slipknot, com eçou a tocar, respirou fundo.

O anoitecer. Esperava apenas o anoitecer.

– Aqui – o tira disse, entregando a bebida. Com um a careta, acenou para um dos alto-falantes. – Você gosta dessa porcaria?

– Sim .

– Bem , não nos parecem os nisso.

O irm ão gêm eo de Pay ne colocou a cabeça para dentro da sala.

– Que diabos é esse *barulho*? – Com o se alguém estivesse falando em algum a

língua estranha. Ou talvez tivesse colocado Justin Bieber para tocar.

Manny apenas balançou a cabeça.

– É m úsica.

– Só se for para você.

Manny revirou os olhos e voltou para um lugar m uito escuro e perigoso em sua

m ente. A realidade de que não podia fazer nada por sua m ulher naquele

m om ento o fez desej ar m achucar alguém . E o fato de que, aparentem ente, havia

um vam piro dentro dele era exatam ente o tipo de revelação que não precisava

ter em um dia com o aquele.

Deus, sentia com o se estivesse m orto.

– Alguém quer j ogar bilhar? – disse entorpecido.

– Claro que sim .

– Com certeza.

Jane entrou na sala e deu-lhe um rápido abraço.

– Pode contar com igo.

Parece que não era o único desesperado por um a distração.

C A P ÍTU LO 55

Q uando Payne sentou-se em algo acolchoado com as m ãos no colo, im aginou que estivesse em um carro, pois a sensação de um a sutil vibração era sim ilar ao que sentiu quando viaj ou ao lado de Manuel em seu Porsche. Contudo, não

conseguia confirm ar isso visualm ente, porque assim com o o soldado de Bloodletter havia prom etido, estava de olhos vendados. Porém , ao lado dela, sentia o cheiro do m acho que liderava os outros. Com o ele perm anecia im óvel em seu lugar, outra pessoa estava dirigindo o veículo.

Nada havia acontecido a ela entre as horas seguintes ao confronto e aquele passeio de carro: passou o dia sentada na cam a do líder, j oelhos recolhidos contra o peito, as duas arm as próxim as a ela sobre o cobertor áspero. Contudo, ninguém a incom odou, então, depois de um tem po, parou de prestar atenção em cada ruído que vinha do andar de cim a e relaxou um pouco.

Pensam entos sobre Manuel logo ocuparam a m aior parte de sua atenção e com eçou a passar e repassar cenas do breve tem po quando estiveram j untos até seu coração doer de agonia. Porém , sem se dar conta, o líder desceu e perguntou se ela gostaria de algo para com er antes de partirem .

Não, ela não queria com er.

Depois disso, ele a vendou com um tecido branco e im aculado... tão lim po e adorável que Pay ne perguntou-se onde ele havia conseguido. Então, pegou seu cotovelo com firm eza e a guiou lentam ente ao subir as escadas onde a havia carregado em direção contrária antes.

Foi difícil saber quanto tem po passaram no carro. Vinte m inutos? Talvez m eia hora?

– Aqui – o líder disse em dado m om ento.

A seu com ando, quem quer que fosse, dim inuiu a velocidade, parou em seguida e um a das portas foi destrancada. Quando o ar fresco e frio invadiu o interior do carro, seu cotovelo foi tom ado m ais um a vez e a equilibraram quando

saiu. A porta fechou-se e houve um estrondo... com o se um punho tivesse golpeado um a parte do veículo.

Os pneus lançaram terra sobre seu m anto. E, então, ficou sozinha com o líder.

Apesar de estar em silêncio, pôde senti-lo m ovim entando-se atrás dela e o tecido sobre seus olhos foi solto. Quando caiu, ela ficou ofegante.

– Pensei que se fosse ser libertada, deveria ser diante de um a vista digna de seus olhos pálidos.

Toda a cidade de Caldwell foi revelada sob eles, as luzes cintilantes e o fluxo do tráfego foram um acontecim ento glorioso para sua visão. Na verdade, estavam sobre os om bros de um a pequena m ontanha, com a cidade esparram ando-se a seus pés às m argens do rio.

– Isso é lindo – ela sussurrou, olhando para o soldado.

Quando se distanciou, ficou longe o bastante para se retirar, sua desfiguração ficou oculta nas som bras. Então, voltou-se para ela.

– Cuide-se bem , Escolhida.

– Você tam bém ... Ainda não sei seu nom e.

– É verdade – ofereceu-lhe um a m eia-reverência. – Boa noite.

Com isso, ele partiu, desm aterializando-se para longe dela.

Depois de um m om ento, voltou-se para a vista e perguntou-se onde poderia estar Manuel naquela cidade. Seria no em aranhado dos altos edifícios, passando pela ponte, seria... ali?

Sim , ali.

Erguendo um a das m ãos, desenhou um círculo invisível em torno da construção alta e esguia de vidro e aço onde tinha certeza que Manny m orava. Quando seu peito doeu e ela ficou sem ar, perm aneceu ali m ais um pouco e, em seguida, dispersou-se a nordeste, em direção ao com plexo da Irm andade.

Não havia qualquer entusiasm o na viagem , apenas um sentim ento de obrigação em inform ar seu irm ão gêm eo de que estava viva e bem .

Ao assum ir form a nos degraus de pedra da grande m ansão, aproxim ou-se das portas duplas com um estranho tem or. Sentia-se grata por estar de volta àquela casa que, de algum a form a, era seu lar, m as a ausência de seu m acho a esvaziava de qualquer alegria que deveria sentir com os reencontros.

Depois de tocar a cam painha, a prim eira porta de entrada im ediatam ente se abriu e pôde se esquivar da noite fria.

O segundo conj unto de portas foi aberto ainda m ais rápido pelo m ordom o sorridente.

– Madam e! – ele gritou.

Quando entrou no saguão que a encantou no m om ento em que o viu pela

prim eira vez dias atrás, teve um a leve im pressão de que seu irm ão saltou surpreso sob o arco da sala de bilhar.

Porém , tudo o que teve dele foi essa breve visão.

Algo forte atingiu Vishous com tanta intensidade que ele quase flutuou, sua m ão soltou o copo que segurava e a bebida nele foi pulverizada no ar.

Manuel saiu correndo pelo saguão, o corpo surgia diante dela, a expressão em seu rosto era de descrença, terror e alívio ao m esm o tem po.

Só que não fazia sentido ele estar correndo em sua direção, não fazia sentido que ele estivesse ali na...

Tom ou-a em seus braços antes que pudesse finalizar o pensam ento e, oh céus, seu arom a era o m esm o, aquelas especiarias escuras que eram tão singulares, tão próprias de Manuel, inundavam seus sentidos. E, com isso, seus om bros m ostraram -se tão largos quanto se lem brava, a cintura era estreita e seu abraço ainda era m aravilhoso.

O forte corpo dele trem ia enquanto a envolvia com força por um m om ento e, em seguida, ele recuou com o se tivesse m edo de m achucá-la. Seus olhos estavam frenéticos.

– Você está bem ? O que posso fazer por você? Precisa de um m édico? Está m achucada...? Estou fazendo m uitas perguntas... Desculpe. Deus... o que aconteceu? Onde estava. Droga, tenho que parar...

Talvez aquelas não fossem as palavras floridas que toda fêm ea gostaria de

ouvir em um encontro rom ântico, m as, para ela, significavam tudo no m undo.

– Por que você está aqui? – ela sussurrou, colocando as m ãos sobre o rosto dele.

– Porque eu am o você.

De m uitas m aneiras, aquilo não explicava nada... e disse-lhe tudo o que precisava saber.

De repente, colocou as m ãos atrás das costas.

– Mas e quanto ao que fiz com seu corpo...?

– Não m e im porto. Vam os dar um j eito nisso... descobrir algo... m as eu estava errado sobre nós. Fui um m aricas... um covarde, estava errado e sinto m uito.

Droga. – Ele balançou a cabeça. – Preciso parar de falar assim . Oh, Deus, seu m anto...

Ela olhou para baixou e viu o sangue negro dos assassinos que m atou, bem com o a m ancha verm elha que representava o seu.

– Estou inteira e bem – ela disse claram ente. – E am o você...

Interrom pendo-a, ele beij ou-a na boca solenem ente.

– Diga isso outra vez. Por favor.

– Am o você.

Quando ele gem eu e passou os braços ao redor dela, Pay ne sentiu em seu coração um grande fluxo de calor e gratidão e deixou as em oções carregá-la contra ele. E enquanto se abraçavam , olhou sobre o om bro de seu m acho. Seu

irm ão estava em pé com sua *shellan* a seu lado.

Ao encontrar os olhos de seu irm ão gêm eo, leu todas as perguntas e m edos em seu olhar.

– Estou ferida – disse para seu m acho e seu irm ão.

– O que aconteceu? – Manuel perguntou contra seus cabelos. – Encontrei seu celular esm agado.

– Estava procurando por m im ?

– Claro que sim – recuou. – Seu irm ão m e ligou de m adrugada.

De repente, viu-se rodeada por pessoas, com o se algum gongo tivesse soado e cham ado todos os m achos e fêm eas da casa até o saguão. Sem dúvida, a com oção de sua chegada os atraiu e estavam afastados por respeito. Ficou claro que sua chegada tranquilizou m ais do que apenas duas m entes, e aquilo fez com que se sentisse parte daquela fam ília.

– Estava às m argens do rio – disse em voz alta para que todos pudessem ouvi-la – quando senti o cheiro do inim igo. Atraída em direção a eles, percorri os becos e encontrei dois *redutores*. – Sentiu Manuel enrij ecer-se e viu que seu irm ão fazia o m esm o. – Pareceu-m e im portante lutar...

Nesse ponto, ela hesitou. Só que o Rei assentiu com a cabeça. E um a m ulher forte de cabelos curtos fez o m esm o... com o se tam bém lutasse na guerra e soubesse a necessidade e a satisfação que havia nisso. Porém , ficou claro que os Irm ãos não se sentiram à vontade.

Ela continuou:

– Um grupo de m achos aproxim ou-se atrás de m im ... fortes, bem arm ados, na verdade, um esquadrão de soldados. O líder era m uito alto, com olhos e cabelos escuros e... – ela colocou um a das m ãos sobre a boca – tinha um defeito no lábio superior.

Nesse m om ento, m aldições com eçaram a ser proferidas... e quando isso aconteceu, desej ou ter utilizado m ais as bacias de visão do Outro Lado antes de ter partido. Estava claro que o m acho que descreveu não era um desconhecido para eles e não foi bem recebido durante a narrativa.

– Ele m e aprisionou... – Não houve apenas um , m as dois rugidos ao dizer isso: vindos de seu irm ão e de Manuel. E ao tranquilizar o m acho que perm anecia tão perto dela, olhou para seu irm ão. – Houve um m al-entendido e ele achou que eu havia com etido um atentado contra sua linhagem . Ele acreditava ser o filho de Bloodletter... e testem unhou a noite em que levei a m orte até seu pai. De fato, procurava por m im para vingar-se há séculos.

Nesse ponto, conteve-se, percebendo que tinha acabado de adm itir o parricídio. Porém , ninguém pareceu incom odado... O que lhe disse com clareza não apenas sobre o caráter dos m achos e fêm eas que ali estavam com o tam bém sobre o desgraçado que havia sido seu pai.

– Esclareci ao soldado que estava com etendo um engano. – Ela não

m encionou o fato de que ele a golpeou de lado e ficou contente de que o

hem atom a em seu rosto havia desaparecido. De algum a form a, acreditava que

ninguém precisava saber disso. – E ele acreditou em m im . Não m e m achucou...

de fato, protegeu-m e de seus m achos, oferecendo-m e sua cam a...

Manuel exibiu os dentes com o se tivesse presas... e aquilo a excitou.

– Sozinha, eu dorm i sozinha. Manteve todos os subordinados no andar de cim a.

– Sentiu que acalm ava Manuel outra vez... ao m enos até perceber que estava

totalm ente excitado, com o faria um m acho cuj a intenção seria m arcar sua

fêm ea.

E aquilo era m uito erótico.

– Ah... ele m e vendou e levou-m e até um local onde havia um a vista

panorâm ica da cidade. Então, deixou-m e ir. Isso foi tudo.

Wrath falou:

– Ele a levou contra sua vontade.

– Ele acreditava ter um a causa. Pensou que eu havia m atado seu pai. E assim

que soube disso, dispôs-se a m e libertar, m as era dia, então, eu não poderia ir a

lugar algum . Teria ligado, m as m eu telefone foi perdido e não parecia que ele

tivesse algum disponível, tam bém não vi nada. Na verdade, eles vivem à m oda

antiga, de m aneira com unitária e m odesta, em um a sala subterrânea ilum inada

por velas.

– Tem ideia de onde eles ficam ? – perguntou seu irm ão gêm eo.

– Não. Estava inconsciente quando... – Ao soar um rugido de alarm e em m uitas gargantas, ela balançou a cabeça. – Fui baleada por um *redutor*...

– Mas que droga...

– Você foi o quê?!

– Um a arm a...

– Baleada com um a...

– ... ferida?!

Hum m . Parece que aquilo não aj udou.

Quando os Irm ãos com eçaram a falar todos ao m esm o tem po, Manuel pegou-a no colo e a m anteve erguida, seu rosto era a m áscara de um a fúria profunda.

– É isso. Já chega por enquanto. Vou fazer um exam e em você. – Olhou para o irm ão dela. – Onde posso levá-la?

– Subindo as escadas. Vire à direita. Três portas depois há um quarto de hóspedes. Vou pedir que entreguem com ida e fale com igo se precisar de suprim entos m édicos.

– Entendido.

Com isso, o m acho de Pay ne chegou à escadaria com ela em seus braços.

Foi bom ele ter finalizado sua história: levando em conta o queixo de Manuel, ela não iria falar m ais nada sobre seu sofrim ento por algum tem po.

A m enos que ela quisesse vê-lo totalm ente furioso.

De fato, ao observá-lo ali, parecia que aquele soldado tinha algo com que se preocupar se um dia seus cam inhos se cruzassem .

– Estou tão feliz por vê-lo – disse ela. – Você era tudo o que eu pensava quando estava...

Ele fechou brevem ente os olhos com o se estivesse com dor.

– Eles não a m achucaram ?

– Não. – E foi então que percebeu o quanto Manuel estava preocupado.

Colocando um a das m ãos sobre seu rosto, ela disse.

– Ele não m e tocou. Nenhum deles.

O estrem ecim ento que percorreu o corpo que a carregava foi tão forte, que ele quase tropeçou. Mas seu m acho recuperou-se logo... e continuou andando.

Quando Vishous assistiu o hum ano levar sua irm ã ao longo da grande escadaria, percebeu que estava testem unhando o futuro desenrolar-se bem diante de seus olhos. O casal estava tentando fazer a coisa funcionar e aquele cirurgião com um gosto m usical m uito questionável faria parte da vida dela... e da vida de

V... para sem pre.

De repente, sua m ente voltou doze m eses, o botão de retroceder parou de ser pressionado quando chegou ao ponto da narrativa em que tinha ido ao escritório do cirurgião para apagar as m em órias do cara sobre si m esm o durante o tem po

que passou no São Francisco.

Irmão.

Havia ouvido a palavra *irmão* em sua cabeça.

Naquela época, não fazia a m enor ideia do que aquela palavra significava...

pois, ora, com o poderia?

E, ainda assim , lá estava, a realidade m ais um a vez fazia j us a suas visões.

Porém , para ser m ais exato, a palavra deveria ser *cunhado*.

Só que, nesse m om ento, olhou para Butch. Parecia que seu m elhor am igo

tam bém estava olhando para cim a em direção ao cara.

Droga, pensou que *irmão* encaixava-se m uito bem . O que era bom . Manello

era o tipo de cara com quem ninguém se incom odaria de ser aparentado.

Com o se o Rei lesse sua m ente, Wrath anunciou:

– O cirurgião pode ficar. O quanto quiser. E pode entrar em contato com

qualquer fam ília hum ana que tiver... se desej ar. Com o um parente m eu, é bem
-

vindo em m inha casa sem restrições.

Houve um burburinho de consentim ento: com o sem pre, quando se tratava da

Irm andade, segredos nunca m antinham -se guardados por m uito tem po; então,

todos j á sabiam sobre a conexão Manello/Butch/Wrath. Inferno, todos olharam

aquela fotografia. Especialm ente V.

Contudo, V. havia feito um pouco m ais do que isso. O nom e “Robert Bluff” era

apenas um escudo... óbvio. E o m acho tinha de ser um m estiço, caso contrário, não haveria com o trabalhar em qualquer hospital durante a luz do dia. A questão era se ele sabia e o quanto sabia sobre seu lado vam piro... e se ainda estava vivo.

Quando Jane colocou um a das m ãos sobre o peito de Vishous, passou os braços ao redor dela com m ais firm eza ainda. E, então, olhou para Wrath.

– Xcor, não?

– Sim – o Rei disse. – O sinal é evidente. E essa não foi a últim a vez que ouvirem os falar dele. É só o com eço.

Com certeza, V. pensou. A chegada do bando de bastardos não era um a boa notícia para ninguém ... especialm ente para Wrath.

– Cavalheiros – o Rei disse em voz alta – e dam as, a Prim eira Refeição está esfriando.

Essa foi a deixa para que todos voltassem para a sala de j antar e realm ente com essem o que havia sido ignorado até agora.

Com Pay ne em segurança e em casa, os apetites estavam livres para andar à solta outra vez... Porém , Deus era testem unha de que se esforçaria para *não* pensar sobre o que o cirurgião e sua irm ã estavam prestes a fazer.

Quando V. gem eu, Jane apertou o braço em volta da cintura dele.

– Está tudo bem ?

Olhou para sua *shellan*.

– Acho que m inha irm ã não tem idade suficiente para fazer sexo.

– V., ela tem a m esm a idade que você.

Ele franziu a testa por um m om ento. Ela tinha? Ou será que ele havia nascido prim eiro?

Sim , só havia um lugar aonde ir para se obter a resposta.

Cara, sequer pensou em sua m ãe durante tudo isso. E agora que a ideia lhe sobreveio... não tinha qualquer desej o ou interesse de ir até lá e anunciar que Pay ne estava *ótima*, dane-se aquilo tudo.

Não. A Virgem Escriba desej ava ser atualizada sobre o que suas "crianças" estavam fazendo? Poderia visualizar isso naqueles *lixos* que eram as bacias de visão que ela gostava tanto.

Beij ou sua *shellan*.

– Não ligo para o que o calendário diz ou qual é a ordem de nascim ento. É m inha irm ãzinha e nunca ficará velha o suficiente para... "oh, sim ".

Jane riu e reposicionou-se debaixo do braço dele.

– Você é um m acho m uito doce.

– Im agina.

– É sim .

Levando-a para sala de j antar e até a m esa, ele puxou a cadeira para ela com o um cavalheiro e sentou-se a sua esquerda, assim , Jane ficou ao lado da m ão da adaga.

Quando as conversas se espalharam no ar, as pessoas encheram seus pratos e sua Jane riu de algo que Rhage havia dito; Vishous olhou para frente e viu Butch e Marissa sorrindo um para o outro, de m ãos dadas.

Quer saber?, ele pensou... a vida estava boa dem ais naquele m om ento.

Estava m esm o.

C A P ÍTU LO 56

No andar de cima, Manny chutou a porta atrás dele e de sua m ulher e, então, deitou-a sobre um a cam a do tam anho de um cam po de futebol.

Não havia razão para trancar a porta. Apenas um idiota os incom odaria.

O brilho das j anelas agora abertas oferecia luz suficiente para enxergar e, cara, adorou o que estava diante de seus olhos: sua m ulher, sã e salva, deitada em ... bem , certo, aquela não era a cam a deles, m as ele daria um j eito nisso antes de am anhecer.

Quando sentou-se ao lado dela, tentou esconder discretam ente a grande ereção que sentia desde que a viu entrar por aquela porta. E apesar de terem m uitas coisas para conversar, tudo o que conseguia fazer era olhar para ela. Até o m édico nele vir à tona.

– Está ferida?

Suas m ãos adoráveis desceram ao longo do m anto e quanto m ais a barra da vestim enta subia, m ais as pálpebras de Pay ne se fechavam .

– Acho que verá que j á estou curada. Foi apenas um arranhão... bem aqui.

Ele engoliu em seco. Caram ba... sim , ela estava bem . A pele de sua coxa estava tão m acia quanto seda.

– Porém , talvez queira m e exam inar m ais de perto – ela disse arrastando as palavras.

Os lábios dele se abriram quando os pulm ões ficaram tensos.

– Tem certeza de que está bem ... e que eles... não a m achucaram ?

Ele nunca superaria se acaso aquilo acontecesse.

Pay ne sentou-se e encontrou os olhos dele.

– Aquilo que sem pre o pertenceu continua intacto para que o possua.

Fechou os olhos brevem ente. Não queria que ela tivesse a im pressão errada.

– Não m e im portaria se você não fosse m ais... quero dizer, não é um a questão de propriedade... – Céus, parecia que não conseguia conversar aquela noite. – Só não suportaria se tivessem m achucado você.

O sorriso dela fez com que se sentisse grato pelo colchão onde estava sentado.

Pois se estivesse em pé, ela o teria nocauteado.

– Sinto m uito por ontem à noite – disse ele. – Com eti um erro...

Pay ne colocou a m ão sobre a boca dele.

– Estam os aqui agora. Isso é tudo o que im porta.

– Tenho algo que preciso lhe dizer.

– Vai m e deixar?

– Nunca.

– Ótim o. Então, vam os ficar j untos prim eiro e depois conversam os. – Inclinando-se ainda m ais, substituiu os dedos pela boca, beij ando-o longa e profundam ente. – Hum m m ... sim , m uito m elhor que falar, eu acho.

– Tem certeza que desej a... – isso foi o m ais longe que Manny chegou antes da língua dela roubar seus pensam entos.

Gem endo, ergueu-se sobre a cam a e colocou-se sobre ela. Em seguida, ao encontrar seus olhos, aproxim ou lentam ente seu corpo sobre o dela... o últim o contato foi o da ereção sendo colocada entre suas pernas.

– Não vai ter volta se eu beij á-la agora. – Droga, a voz dele era tão gutural, que parecia praticam ente um rosnado no ouvido dela. Mas estava sendo sincero em cada palavra. Havia algum a outra força que o im pulsionava... não era apenas o sexo, apesar da m ecânica do ato estar envolvida. Ao tom ar sua virgindade, ele a m arcava de um a m aneira que não entendia, m as tam bém não questionava.

– Eu o desej o – ela disse. – Esperei durante séculos por aquilo que só você pode m e dar.

Minha, ele pensou.

Antes de beij á-la outra vez, virou-se para o lado e liberou seus cabelos da trança. Espalhou as ondas escuras por cim a da colcha de cetim e passou os dedos ao longo do com prim ento.

Então, posicionou os quadris sobre o núcleo de Pay ne, em purrava, recuava e repetia o m ovim ento... enquanto deslizava um a das m ãos em seu seio, pressionando o tecido frágil do m anto.

Sinceram ente, ficou chocado com o que ele desej ava fazer.

– Desej o ficar nua diante de você – ela ordenou. – Faça isso, Manuel.

O m aldito m anto não teve chance algum a. Erguendo-se, agarrou-o pelas lapelas e rasgou a parte da frente, ao dividir o m aterial com precisão, desnudou seus seios expondo-os a seus olhos quentes e ao ar fresco. Reagindo ao m ovim ento, ela arqueou e gem eu... e foi isso: ele se lançou sobre os m am ilos enrij ecidos com a boca e tocou seu núcleo com um a das m ãos. Seu corpo estava sobre ela com pletam ente, levando-a a um orgasm o ao chupá-la e acariciá-la com cuidado e quando um a liberação rápida e desesperada tom ou Pay ne, ele abafou o grito dela.

Manny queria dar m ais... e tinha toda a intenção de fazer isso... m as seu corpo não ia esperar. Suas m ãos tatearam confusas as calças, então, liberou o cinto e desceu o zíper para liberar seu pênis.

Estava pronta para ele, escorregadia e aberta... e ansiosa, considerando a m aneira com o suas pernas pressionavam seu corpo.

– Irei devagar – ele disse contra sua boca.

– Não tenho m edo da dor. Não com você.

Bom , então, talvez aquilo funcionasse fisicam ente da m esm a m aneira que

acontecia com as m ulheres hum anas. O que significava que a prim eira vez não seria fácil para sua m ulher.

– Shhh – ela sussurrou. – Não se preocupe. Possua-m e.

Estendendo a m ão, ele se posicionou e... oh, cara... quase gozou. Ela estava

quente, lubrificada e...

Ela se m oveu tão rápido que Manny não conseguiria parar m esm o se quisesse.

As m ãos dela estenderam -se para baixo e agarraram o traseiro dele, as unhas

cravaram com força sobre a pele e, então...

Pay ne im pulsionou os quadris e, ao m esm o tem po, puxou-o para baixo e o fez

percorrer o cam inho até o fim , penetrando total e irrevogavelm ente. Quando ele

resm ungou, ela ficou rígida e silvou por causa do golpe... o que era m uito inj usto,

pois, cara, estava m aravilhosa. Mas ele não ia se m over... não até que ela se

recuperasse da invasão.

Então, teve um a ideia.

Quando serpenteou um a das m ãos ao redor de sua nuca, colocou os lábios

perto da garganta de Pay ne.

– Possua-m e.

O som que ela produziu fez com que gozasse dentro dela... era sim plesm ente

m uito gostoso para segurar. E quando seu pênis teve um espasm o, as presas de

Pay ne penetraram profundam ente sua veia.

O sexo tornou-se selvagem . Ela se m ovia contra ele, seu sexo apertado o pressionava e liberou um a grande quantidade do líquido leitoso quando gozou outra vez... e, então, com eçou a golpear os quadris com força. O sangue sorvido e o ritm o alucinado levaram os dois a um violento m ovim ento de corpos e ele sabia com o se sentiriam pela m anhã depois disso: não havia nada de civilizado, eram um hom em e um a m ulher destilando seus instintos m ais prim itivos.

E Manny sentiu que foi a m elhor coisa que j á havia feito na vida.

C A P ÍTU LO 57

Thomas DelVecchio sabia exatamente onde seu assassino iria em seguida.

Não havia dúvida em sua m ente. Quando o detetive de la Cruz voltou à delegacia para trabalhar com os outros garotos sobre teorias e induções – o que era bem inteligente – Veck sabia onde ir.

E quando aproxim ou-se do estacionam ento do Motel Monroe com a m oto bem devagar e as luzes dos faróis apagadas, pensou que talvez fosse um a boa ideia ligar para de la Cruz e dizer ao cara onde estava.

Porém , acabou deixando o telefone onde estava em seu bolso.

Parando a m oto perto das árvores à direita do estacionam ento, baixou o descanso, desceu e pendurou o capacete no guidão. Sua arm a estava no coldre sob a axila e disse a si m esm o que perm aneceria ali se alguém aparecesse.

Quase acreditou nessa m entira tam bém .

Porém , a terrível verdade era que estava sendo anim ado por algo há m uito, m uito tem po adorm ecido. De la Cruz estava certo em ser cauteloso sobre tê-lo com o parceiro... e correto ao perguntar onde os pecados do pai term inavam e os do filho com eçavam .

Pois Veck era um pecador. E j untou-se à força policial para tentar drenar aquilo de si; m as, provavelm ente teria sido m elhor ser exorcizado, porque às vezes sentia com o se houvesse um dem ônio dentro dele, sentia m esm o. Ainda assim , não estava ali para m atar alguém . Estava ali para pegar um assassino sob custódia antes que o desgraçado voltasse ao trabalho.

Honesto.

Quando Veck aproxim ou-se do m otel, deteve-se devido à escuridão das árvores e focou-se no quarto onde a últim a garota havia sido encontrada. Tudo estava da m esm a m aneira que o Departam ento de Polícia de Caldwell havia deixado: ainda havia um a fita am arela form ando um triângulo ao redor da porta

e parte da calçada em frente a ela... Tam bém havia um selo no batente, o que teoricam ente só poderia ser rom pido em um a m issão oficial. Não havia luzes no

interior do quarto ou sua área externa era ilum inada. Ninguém por perto.

Ao posicionar-se atrás de um tronco grosso de um a árvore viçosa, usou as m ãos com as luvas pretas para baixar o gorro preto, aproxim ando-o da gola alta da blusa.

Era tão bom ficar em silêncio que quase desaparecia. Tam bém era m uito bom em canalizar sua energia para atingir um a calm a penetrante que conservava seus recursos para deixá-lo hiperalerta.

Sua vítim a ia aparecer; aquele assassino louco tinha perdido todos os troféus... sua coleção estava agora nas m ãos das autoridades e o pessoal da perícia crim inal estava se esforçando para relacioná-lo aos outros assassinatos não solucionados que ocorreram por todo o país. Mas o safado doentio não voltaria ao local na esperança de obter algum a coisa ou tudo de volta. O retorno seria para revisitar e lam entar a perda do que havia se esforçado tanto para adquirir.

Seria um ato im prudente? Com certeza, m as fazia parte de um ciclo voraz. O assassino não devia estar pensando com clareza e provavelm ente estava desesperado devido a suas perdas. E Veck esperaria com calm a durante as próxim as noites até que o suj eito aparecesse.

Enquanto o tem po passava e ele esperava e esperava e esperava um pouco m ais... m ostrava-se tão paciente quanto qualquer bom caçador. Porém , deu-se conta de que poderia ser desastroso ficar ali sozinho, com um a faca guardada na parte de trás da cintura e aquela m aldita arm a...

O estalar de um galho lançou seus olhos para a direita, m as não sua cabeça. Não se m oveu ou m udou a respiração ou sequer se contraiu.

E lá estava: um hom em surpreendentem ente m agro percorria seu cam inho

com cautela ao longo das arm ações de arbustos m acios da floresta. A expressão no rosto do hom em era quase de devoção ao se aproxim ar da lateral do m otel, m as aquele não era o único elem ento que o identificava com o o assassino. Suas roupas estavam cobertas de sangue seco e seus sapatos tam bém . Mancava, com o se tivesse um a lesão na perna e seu rosto exibia arranhões... de unhas.

Peguei você, Veck pensou.

E agora que encarava o assassino... um a das m ãos deslizou até os quadris e foi até a parte de trás. Em direção à faca.

Mesm o quando disse a si m esm o para deixar a arm a onde estava e recorrer aos punhos, não conseguiu m udar sua atitude. Sem pre existiram duas m etades dele, duas pessoas em um a só pele e, em m om entos com o aquele, tinha a im pressão de que observava a si m esm o enquanto agia, com o se fosse o passageiro de um táxi e independentem ente do destino que tivesse solicitado, não chegaria lá com o resultado de seus esforços.

Com eçou a andar em direção ao hom em , seguindo-o em silêncio; com o um a som bra, encurtou a distância até estar a m enos de dois m etros do desgraçado. A faca havia se am oldado à palm a da m ão de Veck e ele realm ente não a queria ali, m as era tarde dem ais para guardá-la. Tarde dem ais para desviar-se daquele cam inho. Tarde dem ais para ouvir a voz que lhe dizia que aquilo era um crim e

que o levaria para a cadeia. O outro lado dele havia assum ido o controle e estava

perdido, prestes a m atar...

Um terceiro hom em surgiu do nada.

Um cara gigantesco, vestido com roupas de couro, saltou na frente do

assassino e bloqueou seu cam inho. E quando David Kroner recuou assustado, um

silvo percorreu o ar com o se algo fervilhasse.

Deus, aquilo não soava hum ano. E... aquilo eram ... *presas*?

Mas que inferno...?

O ataque foi tão brutal que com apenas o prim eiro golpe no pescoço do

assassino em série, a cabeça do cara quase foi separada de seu corpo. E o

m assacre continuou, voou tanto sangue e tão longe que salpicou as pesadas calças

pretas, a blusa de gola alta e o gorro de Veck.

Só que não havia nenhum a faca ou punhal envolvido.

Dentes. O filho da m ãe rasgava o hom em com os *dentes*.

Veck tentou recuar confuso, m as bateu em um a árvore e o im pacto o

desestabilizou m uuuito m ais do que o necessário. E deveria ter saído correndo em

direção à m oto ou sim plesm ente ter fugido, m as ficou paralisado pela violência...

e a convicção de que tudo aquilo que visualizava não era hum ano.

Quando o ataque acabou, o m onstro deixou cair os restos m assacrados do assassino em série sobre o chão... e, em seguida, olhou para Veck.

– Santo... Deus... – Veck sussurrou.

O rosto tinha um a estrutura óssea bem hum ana, m as as presas não condiziam com isso, nem o tam anho, nem aquele olhar vingativo. Deus, havia sangue pingando de sua boca.

– Olhe nos m eus olhos – a voz com um forte sotaque pronunciou.

Um som de algo borbulhando ergueu-se do que havia restado do assassino em série. Mas Veck não olhou. Estava paralisado por um conj unto im pressionante de

olhos... m uito azuis... e brilhantes...

– Droga... – engasgou quando um a súbita dor de cabeça atingiu tudo o que via ou ouvia. Caindo para o lado, assum iu um a posição fetal por causa da dor e perm aneceu assim .

Piscou um pouco.

Por que estava no chão?

Piscou.

Cheirava a sangue. Mas por quê?

Piscou m ais um pouco.

Com um gem ido, levantou a cabeça e...

– Droga!

Erguendo-se rapidam ente em choque, olhou para a bagunça sangrenta que estava a sua frente.

– Oh... droga – am aldiçoou. Tinha feito aquilo. Finalm ente m atou alguém .

Só que, em seguida, olhou para a faca em sua m ão. Não havia sangue. Nem na lâm ina. Nem em suas m ãos. E apenas alguns respingos em suas roupas.

Olhando em volta, não fazia ideia do que tinha acontecido. Lem brava-se de ter dirigido até lá... estacionado a m oto... e perseguido o hom em que agora estava m orto no chão.

Se fosse bastante sincero consigo m esm o, assum iria que teve a intenção de m atar, o tem po todo; m as, considerando as evidências físicas? Não tinha sido ele.

O problem a era que um buraco negro sem qualquer inform ação era tudo o que possuía.

Um gem ido do assassino em série fez com que voltasse a cabeça para a direita. O hom em estendia-se para ele. Pedia um a aj uda m uda enquanto sangrava por toda parte. Com o ainda estava vivo?

Com as m ãos trêm ulas, Veck pegou o celular e discou para a em ergência.

– Sim , detetive DelVecchio, Departam ento de Hom icídios da Polícia de Caldwell. Preciso de um a am bulância no Motel Monroe.

Depois que o relato foi registrado e os m édicos estavam a cam inho, arrancou o paletó, enrolou-o em form ato de um a bola e aj oelhou-se ao lado do hom em .

Pressionando o casaco sobre as feridas na garganta do cara, rezou para que o

desgraçado sobrevivesse. Em seguida, teve de se perguntar se isso era bom ou ruim .

– Eu não m atei você – disse. – Matei?

Oh, Deus... o que diabos havia acontecido ali?

C A P ÍTU LO 58

– Ele veio vê-lo.

Do ponto de vista de Blay lock deitado na cam a, Saxton, filho de Ty m e, exibia seu m elhor ângulo. E não, não era seu traseiro. O m acho barbeava-se em frente ao espelho do banheiro e seu perfil perfeito era banhado pela luz suave vinda de cim a.

Deus, era um m acho m uito bonito.

De m uitas m aneiras, o nam orado que tinha era tudo o que poderia desej ar.

– Quem ? – Blay disse suavem ente.

Os olhos que se deslocaram em direção aos dele tinham um ar de “ah, por favor”.

– Ah – Para evitar qualquer conversa, Blay olhou para baixo em direção ao edredom e puxou-o sobre seu peito descoberto. Estava nu sob o peso do cetim , assim com o Saxton tam bém estivera até ter colocado um roupão.

– Queria saber se você estava bem – Sax continuou.

Já que “Ah” j á havia sido utilizado com o resposta, Blay soltou um ...

– Mesm o?

– Estava lá fora na varanda. Não quis entrar e nos incom odar.

Engraçado, enquanto perm anecia desm aiado após seu abdôm en ter sido costurado, perguntou-se vagam ente o que Saxton fazia lá fora. Mas estava com tanta dor no m om ento, que era difícil pensar dem ais sobre qualquer coisa.

Agora, porém , sentiu um arrepio terrível percorrer seu corpo.

Graças à Virgem Escriba, j á havia se passado um bom tem po desde que sentira aquele form igam ento tão fam iliar pela últim a vez; porém , o lapso de tem po não havia dim inuído a sensação, e o rubor que se seguiu, após se perguntar

sobre o que tinham conversado, não era algo que pudesse controlar. Por um lado aquilo era um desrespeito para com Saxton; por outro, era inútil.

O bom era que tinha m unição suficiente para m anter-se calado: tudo o que deveria fazer era pensar em Qhuinn voltando para casa há m ais ou m enos um a sem ana, cabelos desgrenhados, com o cheiro de perfum e de outro hom em exalando dele e aquela expressão arrogante de satisfação que ostentava no m om ento.

A ideia de que Blay havia se j ogado para o m acho não apenas um a, m as duas vezes... e ser repelido? Sequer conseguia suportar pensar naquilo.

– Não quer saber o que ele disse? – Saxton m urm urou enquanto deslizava um a lâm ina afiada sobre a garganta, evitando com habilidade a m arca da m ordida que Blay havia lhe dado há m eia hora.

Blay fechou os olhos e perguntou-se se conseguiria afastar-se da realidade de que Qhuinn havia transado com tudo e com todos m enos com ele.

– Não? – Saxton perguntou.

Quando a cam a se m oveu, Blay abriu os olhos. Saxton tinha se sentado sobre a borda do colchão, o m acho enxugava seu queixo e bochechas com um a toalha cor de sangue.

– Não? – repetiu.

– Posso perguntar um a coisa? – Blay disse. – E essa não é um a boa hora para lançar seu charm e sarcástico.

Instantaneam ente, o rosto deslum brante de Saxton ficou m uito sério.

– Pergunte.

Blay acariciou o edredom sobre seu peito. Algum as vezes.

– Eu... lhe dou prazer?

– Na cam a? – Saxton perguntou.

Os lábios de Blay estreitaram -se quando ele assentiu e pensou que talvez pudesse ter explicado um pouco m elhor, m as, quando as palavras saíram , sua boca ficou seca.

– Por que diabos m e perguntou isso? – Saxton disse suavem ente.

Bem , porque devia ter algo de errado com ele.

Blay balançou a cabeça.

– Não sei.

Saxton dobrou a toalha e colocou-a de lado. Em seguida, estendeu um dos braços sobre os quadris de Blay e inclinou-se até ficarem face a face.

– Sim – Com isso, colocou a boca sobre a garganta de Blay e deu um leve chupão. – Sem pre.

Blay colocou um a das m ãos sobre a nuca do m acho e encontrou o cabelo m acio e ondulado na base do pescoço.

– Graças a Deus.

Nunca experim entou nada parecido com a fam iliaridade daquele corpo debruçado sobre o seu antes e sentiu que era certo. Parecia bom . Conhecia cada curva e saliência do peito, dos quadris e das coxas de Saxton. Sabia quais eram os pontos que deveriam ser pressionados e m ordidos, sabia exatam ente com o segurar, deslizar e arquear-se para que Saxton ficasse excitado.

Então, não, provavelm ente não deveria ter perguntado.

Mas Qhuinn... Algum a coisa naquele m acho o desnudava e o feria. E m esm o com todos os curativos que havia aprendido a fazer por fora, a ferida perm anecia tão ruim e profunda quanto no m om ento em que havia sido feita... quando ficou óbvio que o único hom em a quem desej ava acim a de todos os outros, nunca, j am ais ficaria com ele.

Saxton recuou.

– Qhuinn não consegue lidar com o que sente por você.

Blay soltou um a risada áspera.

– Não vam os falar dele.

– Por que não? – Saxton estendeu a m ão e deslizou o polegar sobre o lábio inferior de Blay. – Ele está aqui conosco, quer façam os algum a coisa ou não.

Blay pensou em m entir, m as desistiu de lutar.

– Sinto m uito por isso.

– Está tudo bem ... sei no que m e envolvi. – A m ão livre de Saxton serpentou sob o edredom . – E sei o que quero.

Blay gem eu quando a palm a daquela m ão acariciou o que im ediatam ente tornou-se um a forte ereção. E quando seus quadris ergueram -se e ele abriu as pernas para Saxton, encontrou os olhos de seu nam orado e chupou aquele polegar

para dentro de sua boca.

Aquilo era m uito m elhor do que subir na m ontanha-russa de Qhuinn...

Conhecia e gostava daquilo. Estava seguro. Não seria ferido. E havia encontrado um a conexão profunda e sexual ali.

O olhar de Saxton era quente e sério quando soltou o que havia encontrado, tirou as cobertas do corpo de Blay e soltou o nó do laço do roupão.

Aquilo era m uito bom , Blay pensou. Aquilo era o certo...

Quando a boca de seu nam orado encontrou sua clavícula e desviou-se m ais para baixo, Blay fechou os olhos... só que quando com eçou a se perder nas

sensações, o que viu não foi Saxton.

– Espere, pare... – sentou-se e levou o outro m acho a fazer o m esm o.

– Está tudo bem – Saxton disse em voz baixa. – Sei onde estam os.

O coração de Blay partiu-se um pouco. Mas Saxton apenas balançou a cabeça

e colocou os lábios de volta sobre o peito de Blay.

Nunca falaram de am or... a aquilo fez com que percebesse que nunca

falariam , pois Saxton deixou as coisas bem claras: Blay ainda estava apaixonado

por Qhuinn... e provavelm ente sem pre estaria.

– Por quê? – disse a seu nam orado.

– Porque o desej o pelo tem po que puder tê-lo.

– Não vou a lugar algum .

Saxton apenas balançou a cabeça contra o abdôm en contraído que

m ordiscava.

– Pare de pensar, Blay lock. E com ece a sentir.

Quando aquela boca talentosa com eçou a descer sobre seu corpo, Blay sibilou

um a respiração e decidiu seguir o conselho. Pois era a única m aneira de

sobreviver.

Algum a coisa lhe dizia que era apenas um a questão de tem po antes de Qhuinn

aparecer e anunciar que ele e Lay la se acasalariam .

Não sabia m uito bem com o, m as sabia. Os dois encontravam -se há sem anas e

a Escolhida esteve lá outra vez no dia anterior... percebeu seu arom a e sentiu o sangue dela no quarto ao lado, e em bora aquela convicção fosse apenas um

exercício m ental para deprim i-lo ainda m ais, sentia que era m uito m ais do que

isso. Era com o se a névoa que norm alm ente encobria os dias, m eses e anos

vindouros tivesse se tornado m uito fina e as som bras do destino estivessem se

m ostrando para ele.

Era apenas um a questão de tem po.

Deus, aquilo iria m atá-lo.

– Estou feliz por estar aqui – gem eu.

– Eu tam bém – disse seu nam orado em torno de sua ereção. – Com certeza, eu tam bém .

C A P ÍTU LO 59

Na noite seguinte, Pay ne rodeou a m ansão da Irm andade, passando da sala de j antar, ao longo do saguão, e indo até a sala de bilhar, voltando pelo m esm o cam inho outra vez. E outra vez. E outra vez.

Seu m acho havia deixado a casa no m eio da tarde para “cuidar de algum as coisas”, e em bora tivesse se recusado a inform á-la o que eram essas coisas, ela gostou m uito do sorriso m aroto em seu rosto enquanto a detinha na cam a que haviam usado tão bem durante a noite... e, então, ele partiu.

Não conseguiu dorm ir depois disso. Nem um pouco. Estava feliz dem ais, por m uitos m otivos. E surpresa tam bém .

Parando em frente a um a das portas francesas que se abria para o pátio, pensou na fotografia que Manuel havia lhe m ostrado. Era tão óbvia a relação de sangue entre ele, Butch e o Rei. Mas nem Manny nem ela estavam interessados em arriscar um a regressão de linhagem . Não, ela concordava plenam ente com ele sobre isso. Tinham um ao outro e levando em conta tudo o que superaram , não havia razão para arriscar a possibilidade de um resultado ruim .

Além disso, a inform ação não m udaria nada: o Rei abriu a casa para que seu m acho transitasse livrem ente sem um a declaração form al de afinidade sanguínea e foi perm itido a Manuel ter contato com sua fam ília hum ana. Além disso, foi decidido que trabalharia ali, com a doutora Jane, e tam bém com Havers. Afinal, a raça precisava de bons m édicos e Manuel era um superlativo disso.

Quanto a ela? Sairia para lutar. Nem Manuel nem seu irm ão estavam exatam ente anim ados com o perigo que ela iria enfrentar, m as não a deteriam . De fato, depois de ter conversado longam ente com Manuel, ele pareceu aceitar que aquilo fazia parte de quem era. Sua única ressalva foi de que teria de levar as m elhores arm as possíveis... e seu irm ão insistiu que asseguraria isso.

Céus, os dois pareciam estar se dando bem . E quem poderia ter previsto?

Movendo-se para a próxim a j anela, procurou por luzes na escuridão.

Onde ele estava? Onde ele estava...

Manuel tam bém conversaria com a doutora Jane sobre as m udanças físicas

que experim entou... m udanças que, considerando a m aneira com o Pay ne brilhava toda vez que faziam am or, iriam continuar. Ele iria m onitorar o corpo e ver o que aconteceu e os dois estavam rezando para que o efeito que ela tinha sobre ele fosse de torná-lo m ais saudável e j ovem para sem pre. Apenas o tem po

poderia dizer.

Resm ungando, ela voltou a cruzar o saguão... e entrou na sala de j antar.

Na terceira j anela de um a fileira delas, olhou para o céu. Não tinha qualquer interesse em ver sua m ãe. Deveria ser m aravilhoso com partilhar seu am or com aqueles que a trouxeram ao m undo; m as seu pai estava m orto e sua *mahmen*? Pay ne não confiava na Virgem Escriba e tem ia que a aprisionasse outra vez: Manuel era um m estiço. Devia passar longe da ideia de pureza que sua m ãe aprovaria...

Dois faróis brilhantes subindo a m ontanha sobre a qual o com plexo havia sido construído fizeram seu coração disparar. E, então, um a m úsica... um som abafado fazia o vidro trepidar.

Pay ne saiu correndo da sala de j antar e atravessou a todo vapor o m osaico que representava um a m acieira em plena floração. Estava fora do saguão e saiu pela noite um m om ento depois...

Deslizou até parar no topo da escadaria externa.

Manuel não estava desacom panhado. Atrás de seu Porsche havia um veículo

sólido, algum tipo de... um veículo enorm e de duas partes.

Seu m acho saiu de trás do volante do carro.

– Oi – ele gritou.

Era todo sorrisos quando se aproxim ou dela, colocou as m ãos em seus quadris e a trouxe contra seu peito.

– Senti sua falta – m urm urou contra a boca dela.

– Eu tam bém – agora ela tam bém sorria. – Mas... o que você trouxe?

O m ordom o idoso saiu de trás do volante do outro veículo.

– Senhor, posso...

– Obrigado, Fritz, m as cuido disso de agora em diante.

O m ordom o se curvou.

– Tem sido um prazer servi-lo.

– Você é o m elhor, cara.

O *doggen* estava radiante ao entrar na casa. E, então, o m acho de Pay ne virou-se para ela.

– Fique aqui.

Quando o som de algo batendo ressoou de dentro da grande geringonça, ela franziu a testa.

– Claro.

Depois de beij á-la outra vez, Manuel desapareceu atrás da coisa.

As portas se abriram . Mais batidas. Algo rangendo e rolando, em seguida, um a

série de batidas rítm icas. E, então...

O relincho lhe disse o que ela sequer ousava esperar. E, então, a bela potranca de Manny desceu um a ram pa e foi trazida até ela.

Pay ne apertou as m ãos sobre a boca enquanto lágrim as se form avam . A égua desfilava com graça, o pelo brilhava sob a luz que vinha da casa, sua força e vitalidade estavam de volta.

– O que... o que ela está fazendo aqui? – disse Pay ne com voz rouca.

– Os hum anos dão para suas noivas algum a coisa com o sím bolo de seu am or –

Manuel abriu um grande sorriso. – Pensei que Glory fosse m elhor que qualquer diam ante que eu pudesse com prar. Significa m ais para m im ... e espero que para

você tam bém .

Quando ela não respondeu, ele estendeu as rédeas de couro que conduziam o cavalo.

– Estou dando ela a você.

Com isso, Glory soltou um trem endo relincho e pulou com o se concordasse com a m udança de propriedade.

Pay ne enxugou os olhos e atirou-se em Manuel, beij ando-o profundam ente.

– Não tenho palavras.

Então, ela aceitou as rédeas quando Manuel estufou o peito todo orgulhoso.

Respirando fundo, ela...

Sem se dar conta do m ovim ento, pulou no ar e m ontou sobre Glory com o se as

duas estivessem j untas há anos, não há m inutos.

A égua não precisava de esporas, de perm issão, de nada... Glory avançou,

batendo com força seus cascos sobre os seixos e iniciando um a corrida a toda

velocidade.

Pay ne enrolou seus dedos na longa crina negra e equilibrava-se perfeitam ente

no vigoroso dorso que se m ovim entava em baixo dela. Quando o vento atingiu seu

rosto, ela sorriu de puro encantam ento com o se disparasse em um cam inho de

alegria e liberdade. Sim ... sim ! Mil vezes sim !

Para o sair pela noite.

Para a liberdade de se m ovim entar.

Por ter um am or esperando por ela.

Aquilo era m ais do estar apenas viva. Aquilo era *viver*.

Enquanto Manny ficava parado j unto ao reboque do cavalo e observava suas

m eninas decolarem j untas, estava louco de alegria. Eram um a com binação

perfeita, am bas um corte da m esm a roupa, um a só unidade, fortes, rasgando a

escuridão em um galope que a m aioria dos carros teria problem as para

acom panhar.

Certo. Talvez estivesse um pouco em ocionado. Mas que droga. Aquela era

um a noite incrível para...

– Eu vi isso.

– Jesus Cristo... – ele agarrou sua cruz e virou-se. – Você sem pre se aproxim a sorrateiro assim ?

O irm ão de Pay ne não respondeu... ou talvez não conseguisse. Os olhos do vam piro estavam fixos em sua irm ã e na égua galopante, e parecia tão em ocionado quanto Manny.

– Pensei que seria um garanhão – Vishous balançou a cabeça. – Mas, sim , foi isso o que vi... ela sobre um puro-sangue negro, cabelos no vento. Porém , não achei que seria o futuro...

Manny voltou-se para suas garotas, que estavam bem longe do m uro de proteção e faziam um a grande volta para retornar à casa.

– Eu a am o tanto – Manny ouviu-se dizer. – Aquele é o m eu coração. Aquela é m inha m ulher.

– Muito bem .

Quando um acordo poderoso entre eles percorreu o ar, Manny sentiu-se em casa de m uitas m aneiras e não queria pensar m uito sobre isso por m edo de que as frágeis bênçãos se afastassem .

Um m om ento depois, olhou em volta.

– Será que posso perguntar um a coisa.

– Vá em frente.

– Que *diabos* você fez com o m eu carro?

– Com o assim , está falando sobre a m úsica?

– Onde estão todos os m eus...

– Aquela porcaria? – os olhos de diam ante encontraram os dele. – Vai m orar aqui, precisa com eçar a ouvir os m eus ritm os, entendeu?

Manny balançou a cabeça.

– Está de brincadeira?

– Está dizendo que não gostou da nova batida?

– Que sej a. – Depois de um a expressão de descontentam ento, Manny acabou concordando. – Tudo bem , não são um lixo total.

A risada foi apenas um poooouco triunfante dem ais.

– Eu sabia.

– Então, o que era?

– Agora ele quer nom es. – O vam piro pegou um cigarro artesanal e acendeu.

– Vam os ver... *Cinderella Man*, do Em inem . *I'm not a human*, de Lil Way ne's. Aquela do Tupac...

A lista continuou e Manny ouviu até voltar a olhar sua m ulher cavalgar enquanto acariciava o pesado crucifixo de ouro em seu pescoço.

Ele e Pay ne estavam j untos... Aquele tal de Butch e ele iam à igrej a j untos à m eia-noite... E Vishous não o esfaqueou. Além disso, se a m em ória não lhe enganava, o irm ão gêm eo de Pay ne dirigia aquele Escalade preto por aí e isso significava que poderia se vingar com um a boa dose de Black Veil Bride, Bullet

for My Valentine e Avenged Sevenfold tocando no sistem a de som do carro.

Aquele pensam ento o fez sorrir.

Som ando tudo?

Sentia com o se tivesse ganhado na loteria. Em cada um dos cinquenta estados do país. Ao m esm o tem po.

Eles *todos* eram sortudos assim .

Document Outline

- Página de Título
- Direitos Autorais Página
- GLOSSÁRIO DE TERMOS E NOMES PRÓPRIOS
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO 1
- CAPÍTULO 2
- CAPÍTULO 3
- CAPÍTULO 4
- CAPÍTULO 5
- CAPÍTULO 6
- CAPÍTULO 7
- CAPÍTULO 8
- CAPÍTULO 9
- CAPÍTULO 10
- CAPÍTULO 11
- CAPÍTULO 12
- CAPÍTULO 13
- CAPÍTULO 14
- CAPÍTULO 15
- CAPÍTULO 16
- CAPÍTULO 17
- CAPÍTULO 18
- CAPÍTULO 19
- CAPÍTULO 20
- CAPÍTULO 21
- CAPÍTULO 22
- CAPÍTULO 23
- CAPÍTULO 24
- CAPÍTULO 25
- CAPÍTULO 26
- CAPÍTULO 27
- CAPÍTULO 28
- CAPÍTULO 29
- CAPÍTULO 30

- CAPÍTULO 31
- CAPÍTULO 32
- CAPÍTULO 33
- CAPÍTULO 34
- CAPÍTULO 35
- CAPÍTULO 36
- CAPÍTULO 37
- CAPÍTULO 38
- CAPÍTULO 39
- CAPÍTULO 40
- CAPÍTULO 41
- CAPÍTULO 42
- CAPÍTULO 43
- CAPÍTULO 44
- CAPÍTULO 45
- CAPÍTULO 46
- CAPÍTULO 47
- CAPÍTULO 48
- CAPÍTULO 49
- CAPÍTULO 50
- CAPÍTULO 51
- CAPÍTULO 52
- CAPÍTULO 53
- CAPÍTULO 54
- CAPÍTULO 55
- CAPÍTULO 56
- CAPÍTULO 57
- CAPÍTULO 58
- CAPÍTULO 59